

# LASHER

ANNE RICE

**Dedicatória:**

COM AMOR, PARA  
Stan Rice,  
Christopher Rice e  
John Preston Vicky Wilson,  
com eterna gratidão  
por sua coragem,  
sua visão, sua alma  
Minha madrinha e tia,  
Patricia O'Brien Harberson,  
a mulher de coração afetuoso  
que me levou à igreja  
E  
em memória de  
Alice Allen Daviau,  
irmã de minha mãe,  
que tanto me deu

A porca entrou com a sela.  
O leitãozinho balançou o berço.

O prato saltou por cima da mesa  
Para ver a panela engolir a concha.  
O espeto que estava atrás da porta  
Jogou a colher de pau ao chão.  
"Droga! ", disse a grelha,  
"Você não concorda?  
Sou o chefe de polícia,  
Traga-os a mim! "  
MAMAE GANSO

## Capítulo I

No princípio era a voz do pai.

- Emaeth! - sussurrando perto da barriga da sua mãe enquanto dormia. E depois, cantando para ela as longas canções do passado. Canções Vale de Donnelaith e do castelo, de onde um dia eles viriam a se reunir, como ela nasceria sabendo tudo que o pai sabia. É assim conosco, dizia ele naquela língua veloz que os outros não conseguiam entender.

Aos outros, ela parecia um zumbido ou um assobio. Era sua língua creta, pois eles ouviam sílabas que passavam rápido demais para que os outros as captassem. Eles conseguiam cantar uns para os outros. Emaeth quase conseguia, quase falava...

- Emaeth, minha querida, Emaeth, minha filha, Emaeth, minha companheira. - O pai estava esperando por ela.

Ela precisava crescer rápido e ficar forte para o pai. Quando chegasse a hora, a mãe teria de ajudá-la. Ela precisava tomar o leite da mãe. A mãe dormia. A mãe chorava. A mãe sonhava. A mãe passava mal. E quando o pai e a mãe brigavam, o mundo tremia. Emaeth conhecia o pavor. Mas o pai sempre vinha depois, cantando para ela, lembrando que a letra da canção era rápida demais para que a mãe entendesse. A melodia fazia com que Emaeth tivesse a impressão de que o minúsculo mundo redondo em vivia havia se expandido e que ela flutuava num lugar sem limites, embalada pela canção do pai.

O pai dizia poemas que eram lindos, em especial as palavras que rimavam. As rimas faziam com que um arrepio percorresse Emaeth. Ela esticava as pernas e os braços, e virava a cabeça para um lado e para o outro tão boa que era a sensação das rimas.

A mãe não falava com Emaeth. A mãe não devia saber que Emaeth estava ali. Emaeth era pequenina, dizia o pai, mas já perfeitamente formada Emaeth já tinha seus cabelos compridos.

Mas, quando a mãe falava, Emaeth a compreendia. Quando a mãe escrevia, Emaeth via as palavras. Emaeth ouvia o sussurro freqüente da mãe. Ela sabia que a mãe sentia medo. Às vezes, via os sonhos da mãe. Via o rosto de Michael. Via brigas. Ela via o rosto do pai como a mãe o via e a mãe se entristecia.

O pai amava a mãe, mas a mãe o deixava furioso e, quando ele a agredia, a mãe sofria, até caía, e Emaeth berrava ou tentava berrar. Mas o pai sempre vinha depois, enquanto a mãe dormia, e dizia a Emaeth que não tivesse medo.

Que eles se reuniram no círculo de pedras em Donnelaith, e depois ele lhe contava histórias dos velhos tempos, quando todos os que eram belos viviam numa ilha, e era o Paraíso, antes que chegassem os outros e os elementais.

Triste e dolorosa a fraqueza dos humanos e a tragédia dos elementais, e não é melhor que todos sejam eliminados da face da Terra?

- Estou lhe dizendo o que sei agora. E o que me foi contado – dizia ele. E Emaeth via o círculo de pedras, e a figura alta do pai, como era agora, dedilhando as cordas da harpa. Todos dançavam. Ela via os elementais escondidos nas sombras, desdenhosos e zangados. Ela não gostava deles. Não queria que eles entrassem sorrateiros na aldeia. - Eles nos odeiam por instinto, disse o pai, a respeito dos elementais. Como poderiam não odiar? Mas agora eles não importam. Eles são apenas uma lembrança de sonhos que não se realizaram.

Agora é a hora. A hora de Emaeth e do pai.

Ela viu o pai nos velhos tempos, com os braços bem abertos. Era Natal e o vale estava coberto de neve. Os pinheiros silvestres eram densos. Hinos eram entoados. Emaeth adorava o subir e baixar das vozes. Tanto que ela teria para ver e aprender mais tarde.

- Se nos separarmos, minha amada, venha até o vale em Donnelaith. Você saberá encontrá-lo. Sabe mesmo. Há pessoas à procura da sua mãe, pessoas que querem nos separar. Mas lembre-se, você nascerá neste mundo sabendo tudo que precisar saber. Agora, você consegue me responder?

Emaeth tentou, mas não conseguiu.

- Taltos - disse ele e beijou a barriga da mãe. - Eu a ouço, querida.

- Amo você. - E enquanto a mãe dormia, Emaeth ficava feliz; porque, quando a mãe acordava, a mãe costumava chorar.

- Você acha que eu não o mataria num repente? - dizia o pai à mãe. Estavam brigando por causa de Michael. - Eu o mataria sem pestanejar. Você me abandona, e o que a faz pensar que isso não aconteceria?

Emaeth via essa pessoa, Michael, que a mãe amava e o pai, não. Michael morava em Nova Orleans numa casa imensa. O pai queria voltar para a casa imensa. Ele queria tomar posse dela, era a sua casa, e ele ficava profundamente irritado com o fato de Michael estar lá. Mas ele sabia que tinha de esperar a hora certa. Emaeth precisava chegar a ele, alta e forte. Era preciso que houvesse o Princípio. Ele queria que os dois se reunissem no Vale de Donnelaith. O Princípio era tudo. Não haveria nada sem um Princípio.

- Cresça, minha filha.

- Taltos.

Ninguém mais vivia em Donnelaith. Mas eles viveriam lá - o pai, Emaeth e seus filhos. Centenas de filhos. Donnelaith seria o santuário do Princípio.

- Nossa Belém – dizia-lhe ele, baixinho. E isso seria o principio de todos os tempos.

Estava escuro. A mãe chorava no travesseiro. Michael, Michael, Michael.

Emaeth sabia quando o sol nascia.

A cor de tudo se iluminava, e ela via a mão da mãe lá em cima, escura fina e imensa, cobrindo o mundo inteiro.

## **Capítulo II**

A casa estava agora às escuras. Os carros haviam ido embora, e só uma luz aparecia na janela de Michael Curry, no velho quarto onde a prima Deirdre

falecera. Mona entendia perfeitamente o que havia acontecido naquela noite e tinha de admitir que estava satisfeita. Ela havia quase planejado tudo, quase...

Dissera ao pai que voltaria para Metairie com tio Ryan e as primas Jenn e Clancy, mas não falou com tio Ryan. E tio Ryan já se fora há muito tempo, supondo, como todo mundo, que Mona voltara para sua casa em Amélia Street com o pai, o que obviamente ela não havia feito.

Ela estivera no cemitério, perdendo a aposta de que David não faria sexo com ela, bem na noite da terça-feira gorda, diante do mausoléu da família Mayfair. David havia feito. Na verdade, nada de tão maravilhoso, mas, para um menino de quinze anos, razoável. E Mona havia adorado - escapar com ele, sua própria excitação e o medo que ele sentia, pular juntos o muro caiado do cemitério e se esgueirar pelas alamedas de altos túmulos de mármore. Não havia sido pouca ousadia deitar-se bem no caminho de cascalho. frio e úmido, mas ela se deitara, forrando o chão com a saia para poder tirar a calcinha sem se sujar.

- Agora, vamos! - dissera ela a David, que, a essa altura, não precisava mais de nenhum estímulo ou ordens diretas. Ela ficou olhando para o céu frio e nublado, para uma única estrela visível, e depois deixou seu olhar passear pela parede de pequenas lápides retangulares até chegar ao nome Deirdre Mayfair.

E então David terminou. Num instante.

- Você não tem medo de nada - disse ele, depois.

- Como se eu devesse ter medo de você. - Ela sesentou, frustrada, nem mesmo tendo fingido gostar, excitada e no fundo não apreciando muito seu primo David, mas mesmo assim satisfeita com o acontecido.

Missão cumprida, escreveria ela mais tarde no computador, no diretório secreto \WS\MONA\AGENDA, onde depositava todas as confissões das vitórias que não podia compartilhar com mais ninguém no mundo. Ninguém obteria acesso ao seu sistema, nem mesmo o tio Ryan ou o primo Pierce, cada um dos quais ela já havia flagrado, em várias ocasiões, ligando em seu computador e procurando por diversos diretórios - "bela instalação, Mona." Era só o clone IBM, a veloz do mercado, com o máximo de memória e o disco rígido de maior

capacidade. Ah, e o que as pessoas desconheciam acerca de computadores. Mona sempre ficava assombrada. Ela mesma aprendia mais sobre eles a cada dia. É, esse era um momento que só o computador testemunharia. Talvez ele comesçassem a ser uma ocorrência normal agora que seu pai e sua mãe estavam mesmo se matando de tanto beber. E havia tantos homens da família Mayfair a serem conquistados. Na realidade, sua programação ainda não incluía pessoas de fora da família a essa altura, a não ser, é claro, Michael Curry, mas esse agora era um Mayfair, decididamente. A família inteira mantinha nas suas garras.

Michael Curry estava naquela casa sozinho. Pense bem. Noite de terça-feira gorda, dez da noite, três horas depois do desfile de Comus, e Mona Mayfair estava só, na esquina de First e Chestnut leve como uma aparição olhando para aquela casa com toda a noite suave e escura à sua frente para fazer o que quisesse.

Seu pai já devia estar desmaiado a essa hora. Na verdade, alguém provavelmente teve de levá-lo para casa. Se ele conseguisse caminhar os três quarteirões dali até a esquina de Amélia e St. Charles, seria um milagre. Antes mesmo de Comus passar, ele já estava tão embriagado que ficara sentado chão no canteiro central de St. Charles, com os joelhos encolhidos, as mãos numa garrafa de Southern Comfort, bebendo bem diante do tio Ryan, da Bea e de quem quer que olhasse, e dizendo a Mona com todas as letras que deixasse em paz.

Tudo bem para ela. Michael Curry levantou-a como se ela não pesasse nada e a manteve nos ombros o desfile inteiro. Como havia sido gostoso estar sentada naquele homem forte, com uma das mãos nos seus cabelos pretos macios e encaracolados. Ela adorou a sensação da cabeça de Michael nas suas coxas e o apertou só um pouquinho, o máximo que ousou, descansando sua mão esquerda no rosto dele.

Que homem, esse Michael Curry. E o pai bêbado demais para perceber qualquer coisa que ela fizesse.

Quanto à mãe de Mona, ela havia caído inconsciente durante a tarde terça-feira gorda. Se chegou a acordar para ver Comus passar por Amélia e

Charles, isso também foi um milagre. A velha Evelyn estava lá, é claro, com seu silêncio de costume, mas estava alerta. Ela sabia o que acontecia. Se Alicia pusesse fogo na cama, a velha Evelyn pediria socorro. E na verdade não se podia mais deixar Alicia sozinha.

A questão era que tudo estava coberto. Nem mesmo a tia Vivian, de Michael, estava em casa em First Street. Ela fora até a cidade alta para passar a noite com a tia Cecília. Mona viu as duas saindo logo depois do desfile Aaron Lightner, aquele intelectual misterioso, havia saído com tia Bea. Mona ouviu enquanto eles combinavam tudo. No carro dela? No carro dele? Mona ficava feliz de pensar em Aaron Lightner e Beatrice Mayfair juntos. Aaron Lightner perdia uns dez anos quando estava por perto de Beatrice, e ela era daquele tipo de mulher de cabelos grisalhos que consegue fazer com que os homens olhem para ela onde quer que vá. Se ela entrava na Walgreen's, os homens saíam do depósito para vir atendê-la. Ou algum senhor pedia sua opinião sobre um bom xampu contra a caspa. Era quase uma piada, como tia Bea atraía os homens, mas Aaron Lightner era um homem que ela queria, e isso era uma novidade.

Se aquela velha criada, Eugenia, estivesse lá, nenhum problema, porque estaria enfurnada no quarto mais distante nos fundos e diziam que, depois que ela bebia seu copo noturno de vinho do Porto, nada conseguia acordá-la.

Ninguém naquela casa - praticamente - a não ser seu homem. E agora que Mona conhecia a história das bruxas Mayfair - agora que ela havia afinal posto as mãos no longo documento de Aaron Lightner - não havia mais como impedir seu acesso à casa de First Street.

É claro que Mona tinha perguntas a fazer sobre o que havia lido, treze bruxas tendo como origem uma aldeia escocesa chamada Donnelaith, onde a primeira, uma pobre curandeira, havia sido queimada viva em 1659. Era exatamente o tipo de história picante que se sonhava ter. Bem, que pelo menos ela sonhava ter.



No entanto, na longa saga da família, havia certos aspectos que tinham um sentido especial para ela, e o extenso relato da vida do Tio Julien havia sido a parte mais fascinante de todas.

Até mesmo a própria tia Gifford estava fora de Nova Orleans nessa noite, na sua casa em Destin, na Flórida, escondendo-se de tudo e de todos, preocupada com todo o clã. Gifford havia implorado à família que não fosse até a casa para a festa da terça-feira gorda. Coitada da tia Gifford! Ela expulsara da sua casa e da sua consciência a História das Bruxas Mayfair. "Eu não acredito nessas coisas!" Tia Gifford vivia e respirava o medo. Ela fechava os ouvidos às histórias dos velhos tempos. A pobre tia Gifford só agora conseguia ficar por perto da sua avó, a velha Evelyn, porque a velha Evelyn já não dizia quase mais nada.

Tia Gifford não gostava nem de dizer que era neta de Julien.

Às vezes Mona sentia uma tristeza tão profunda e desesperançada pela tia Gifford que quase caía a chorar. É que tia Gifford parecia sofrer pela família inteira, e ninguém ficou mais aflito com o desaparecimento de Rowan do que Gifford. Nem mesmo Ryan.

Tia Gifford era no fundo uma criatura terna e carinhosa, e não havia ninguém melhor do que ela quando se precisava falar sobre o lado prático da vida - que roupa usar num baile na escola, se já estava ou não na hora de raspar as pernas, qual era o melhor perfume para uma menina de treze anos. (Laura Ashley nº 1.) E essas eram as coisas idiotas que Mona realmente não sabia a maior parte do tempo.

Pois bem, o que Mona ia fazer agora que estava solta na noite da terça-feira gorda, livre, sem que ninguém soubesse ou que jamais pudesse vir a saber? E claro que ela sabia. Ela estava pronta. A casa de First Street era sua!

Era como se a casa sombria e imponente, com suas colunas brancas, estivesse dizendo baixinho para ela, Mona, Mona, entre. Foi aqui que tio Julien viveu e morreu. Esta é a casa das bruxas, e você é uma bruxa, Mona, tanto quanto qualquer outra delas! Seu lugar é aqui!

Talvez fosse o próprio Tio Julien falando com ela. Não, só uma fantasia. Com uma imaginação como a de Mona, você podia se fazer ver e ouvir o que bem entendesse.

Mas quem podia ter certeza? Uma vez que estivesse lá dentro, talvez e visse mesmo o fantasma de tio Julien! Ah, isso seria perfeitamente fantástico. Em especial, se fosse o mesmo tio Julien jovial e brincalhão, com quem ela sonhava incessantemente.

Ela atravessou o cruzamento sob o túnel pesado e escuro dos galhos carvalho e pulou com rapidez a velha cerca de ferro batido. Caiu pesada entre os arbustos densos e as taiobas, sentindo com desagrado a folhagem fria úmida no rosto. Ajeitou a saia cor-de-rosa e saiu nas pontas dos pés da terra molhada para o caminho de lajes.

Lâmpadas fracas iluminavam mal os dois lados do grande portal em forma de fechadura. A varanda estava escura, suas cadeiras de balanço mal se viam, pintadas de preto como que para combinar com as venezianas. O jardim parecia se avultar e fazer pressão para entrar.

A casa dava-lhe a mesma impressão de sempre, linda, misteriosa e sedutora, embora no fundo do coração ela tivesse de admitir que gostara mais da casa quando esta era uma ruína cheia de teias de aranha, antes que Michael chegasse com seu martelo e seus pregos. Ela gostava da casa na época em que tia Deirdre ficava eternamente sentada na varanda lateral numa cadeira de balanço, e as trepadeiras ameaçavam sufocar tudo.

É claro que Michael a havia recuperado, mas, ah, se ao menos ela tivesse entrado ali uma vez enquanto ainda era uma ruína. Teria sabido tudo sobre o corpo que encontraram no sótão. Durante anos e anos, ouvira sua mãe e tia Gifford discutindo esse assunto. A mãe de Mona tinha apenas treze anos quando Mona nasceu, e Gifford era uma presença desde as lembranças mais remotas de Mona.

Na realidade, houve uma época em que Mona não teve certeza sobre qual das duas seria sua mãe - Gifford ou Alicia. Além disso, a velha Evelyn estava

sempre segurando Mona no colo e, embora não falasse muito, ela ainda cantava todas aquelas velhas canções melancólicas. Gifford parecia a opção lógica para ser sua mãe, porque Alicia já naquela época bebia terrivelmente mas Mona entendeu perfeitamente, e isso há anos. Mona era a mulher da casa de Amélia Street.

Elas falavam muito sobre aquele corpo lá em cima, naquela época. Costumavam falar da prima Deirdre, a herdeira, que definhava na sua catatonia. Conversavam sobre todos os mistérios de First Street.

A primeira vez que Mona entrou na casa de First Street - pouco antes do casamento de Rowan com Michael - ela imaginou sentir ainda o cheiro daquele corpo. Quis subir e pôr as mãos no local exato. Michael Curry estava restaurando a casa, e havia trabalhadores lá pintando sem parar. Tia Gifford disse para Mona não se mexer e dava um olhar carrancudo para a menina cada vez que Mona tentava se afastar.

Era um milagre ver o trabalho de Michael Curry. Mona sonhava que um dia algo assim acontecesse com a casa na esquina de Amélia e St. Charles.

Bem, agora Mona chegaria àquele quarto do terceiro andar. E, graças à história, ela sabia quem era o morto, um jovem investigador da Talamasca, chamado Stuart Townsend. Mesmo assim, não estava claro quem havia envenenado o homem. Mona apostaria que havia sido seu tio Cortland, que na realidade não era absolutamente seu tio mas, sim, seu tataravô, fato que era realmente um dos quebra-cabeças mais interessantes na história da família.

Cheiros. Ela queria investigar aquele outro cheiro - um odor que permanecia no saguão e na sala de estar de First Street. Nada a ver com o cheiro de um cadáver, esse aí. O cheiro que havia chegado com a catástrofe no Natal.

O cheiro que ninguém mais sentia, aparentemente, a não ser que tia Gifford estivesse mentindo quando Mona lhe perguntou.

Tia Gifford fazia essas coisas. Ela não admitiria "ver coisas" ou perceber odores estranhos. "Não estou sentindo cheiro nenhum!", dissera ela, com irritação. Bem, talvez fosse verdade. Os Mayfair muitas vezes conseguiam ler o

pensamento dos outros, mas eles sabiam esconder os seus próprios dos parentes.

Mona queria tocar em tudo. Queria procurar a Vitrola. Não se incomodava com as pérolas. Queria a Vitrola. E queria saber o GRANDE SEGREDO DA FAMÍLIA - o que havia acontecido com Rowan Mayfair no dia de Natal. Por que Rowan havia abandonado seu marido recente, Michael? E por que ele havia sido encontrado afogado na piscina gelada? Praticamente morto.

Todos haviam imaginado que ele fosse morrer depois disso, à exceção de Mona. E claro que Mona podia fazer conjecturas sobre o que aconteceu, como todos os outros. Mas ela queria mais do que isso. Ela queria a versão de Michael Curry. E até o momento, não havia nada que se assemelhasse.

Se ele havia contado a alguém o que aconteceu no dia de Natal, teria sido ao seu amigo Aaron Lightner, da Talamasca, que não contaria a mais ninguém. Mas as pessoas sentiam pena demais de Michael para pressioná-lo pela história. Chegaram a pensar que ele morreria do que lhe havia acontecido.

Mona conseguiu entrar no seu quarto no centro de tratamento intensivo na noite do dia 25 e segurou sua mão. Ele não ia morrer. Seu coração havia sofrido algum dano, sim, em decorrência dele ter ficado sem respirar muito tempo na água gelada, e ele precisava repousar para se recuperar disso, mas não estava nem um pouco perto da morte. Isso ela soube assim que tomou seu pulso. E tocar nele havia sido muito parecido com a sensação de tocar numa pessoa da família Mayfair. Havia nele alguma coisa de extraordinário, que os membros da família Mayfair sempre tinham. Ela sabia que ele via fantasmas. A História das Bruxas Mayfair não havia incluído a ele e a Rowan, mas ela sabia. Perguntou-se se ele diria a verdade sobre isso. O fato é que ela até ouvira exasperantes comentários sussurrados, no sentido de que ele já se abrira a esse respeito.

Ai, tanto a aprender, tanto a descobrir. E o fato de ter treze anos era como uma brincadeira de mau gosto com ela. Aos seus olhos, ela não podia ter treze anos da mesma forma que Joana d'Arc nunca teve essa idade. Ou Catarina de Siena. É claro que elas eram santas, mas só por um triz. Elas quase foram bruxas.

E o que dizer da Cruzada das Crianças? Se Mona tivesse participado, ela imaginava que teriam conquistado a Terra Santa. E se ela desse início a uma revolta nacional dos pequenos gênios de treze anos neste exato momento exigir o direito de voto com base na inteligência, a carteira de motorista assim que se passasse na prova teórica e se pudesse enxergar por cima do painel.

Bem, muitas dessas coisas teriam de esperar.

A questão era que, quando voltavam do desfile de Comus naquela noite, Mona percebeu que Michael estava forte o bastante para ir para a cama com ela, se ao menos ela conseguisse levá-lo a isso, o que não seria nada fácil.

Os homens da idade de Michael tinham a melhor combinação de consciência e autocontrole. Um velho, como seu tio-avô Randall, esse havia sido fácil e meninos, como seu primo David, nem contavam.

Mas uma garota de treze anos querendo conquistar Michael Curry? Era como escalar o Everest, pensou Mona com um sorriso. Eu vou conseguir mesmo que eu morra. E de repente, talvez, quando ele fosse seu, ela soubesse o que ele sabia sobre Rowan, por que Rowan e ele brigaram no dia de Natal e por que Rowan havia desaparecido. Afinal de contas, isso não era bem uma traição a Rowan. Rowan havia fugido com alguém, isso era quase ponto pacífico, e todos na família, quer falassem nisso quer não, estavam apavorados por ela.

Não era como se Rowan tivesse morrido; era como se ela tivesse ido embora deixando aberta a porta do celeiro. E logo aparecia Mona por ali, louca por Michael Curry, esse homem bárbaro e enorme.

Mona fixou por um instante o olhar no gigantesco portal em forma de buraco de fechadura, pensando em todos os retratos que havia visto de membros da família naquele portal, ao longo dos anos. O retrato do tio-avô Julien ainda estava na parede em Amélia Street, embora a mãe de Mona tivesse de tirá-lo de lá todas as vezes que tia Gifford vinha visitar, apesar de isso ser um tremendo insulto à velha Evelyn. A velha Evelyn raramente pronunciava uma palavra - sendo apenas tirada do seu devaneio por sua terrível preocupação com Mona e com a

mãe de Mona, por Alicia afinal estar mesmo morrendo de tanto beber, e Patrick estar tão perdido que já nem sabia ao certo quem era.

Contemplando o portal, Mona teve quase a impressão de poder ver tio Julien agora, com seus cabelos brancos e olhos azuis. E imaginar que ele um dia havia dançado lá em cima com a velha Evelyn. A Talamasca não sabia disso. A história havia ignorado a velha Evelyn e suas netas, Gifford e Alicia, assim como a filha única de Alicia, Mona.

Mas isso era uma brincadeira dela, a de criar visões. Tio Julien não estava no portal. Era preciso ter cuidado. Essas visões não eram autênticas. O autêntico estava por vir.

Mona seguiu pelo caminho de lajes até a lateral da casa e voltou pelas lajes, passando pela varanda onde tia Deirdre havia passado tantos anos sentada na sua cadeira de balanço. Pobrezinha. Mona vira Deirdre da cerca muitas vezes, mas nunca chegara a passar do portão. E depois soube da história apavorante de como a dopavam.

A varanda agora estava toda limpa e bonita, já sem tela, embora tio Michael tivesse devolvido para ali a cadeira de balanço de Deirdre e a usasse, como se ele tivesse ficado tão doido quanto ela, sentado no frio durante horas.

As janelas da sala de estar tinham cortinas de renda e belos cortinados de seda. Quanta riqueza. E aqui, onde o caminho virava e se alargava, era aqui que tia Antha havia caído e morrido, há muitos e muitos anos, tão infeliz como bruxa quanto sua filha, Deirdre, se tornaria, o crânio de Antha fraturado, e o sangue escorrendo da sua cabeça e do seu coração.

Não havia ninguém aqui agora para impedir Mona de se ajoelhar e pôr as mãos nas próprias pedras. Por um breve instante, ela acreditou ver Antha, uma moça de dezoito anos, com olhos grandes e sem vida, e um colar de esmeralda enredado com sangue e cabelo.

Mas isso também era criar imagens. Não se podia saber ao certo se elas eram algo mais do que imaginação, especialmente quando se passou a vida

inteira ouvindo as histórias, como Mona havia passado, e quando se tiveram tantos sonhos estranhos. Gifford soluçando à mesa da cozinha em Amélia Street.

- Aquela casa é maligna, maligna, é o que lhe digo. Não deixe Mona ir lá.

- Ora, bobagem, Gifford, ela só quer ser a dama no casamento de Rowan.

É uma honra.

Sem dúvida havia sido uma honra. O maior casamento da família de todos os tempos. E Mona havia adorado. Se não fosse pela tia Gifford a vigiá-la, Mona teria feito uma pesquisa sorrateira em toda a casa de First Street naquela mesma tarde, enquanto todos os outros se encharcavam de champanhe, falavam do lado bonito das coisas e faziam especulações quanto ao Sr. Lightner, que ainda não lhes revelara sua história.

No entanto, Mona não teria nem comparecido ao casamento se a Velha Evelyn não tivesse se levantado da cadeira para impor sua vontade sobre a de Gifford.

- Deixe a menina subir até o altar - dissera ela, com seu sussurro áspero. Estava agora com noventa e um anos de idade. E a maior vantagem de quase nunca falar era que, quando a velha Evelyn falava, todos paravam para prestar atenção. Quer dizer, quando não estava resmungando.

Houve ocasiões em que Mona sentiu ódio da tia Gifford pelos seus medos e preocupações, a constante expressão de pavor no seu rosto. Mas ninguém conseguia realmente odiar tia Gifford. Ela era boa demais para todos à sua volta, especialmente para sua irmã, Alicia, mãe de Mona, que todos consideravam um caso perdido agora que já havia sido internada três vezes pela bebida, sem nenhum resultado positivo. E todos os domingos sem falta, Gifford vinha até Amélia Street, para fazer alguma limpeza, varrer a calçada e sentar com a velha Evelyn. Ela comprava vestidos para Mona, que detestava fazer compras.

- Você sabia que devia se vestir mais como uma adolescente? - sugeriu ela apenas há algumas semanas.

- Gosto dos meus vestidos de menina, muito obrigada - disse Mona. Eles são meu disfarce. Além do mais, se você quer saber, os adolescentes dão uma

impressão de mau gosto. Não me desagradaria a aparência de uma mulher de negócios, mas sou um pouco baixa para isso.

- Bem, os seus sutiãs estão denunciando sua idade! Já está difícil encontrar vestidinhos engraçadinhos de algodão com espaço suficiente, você sabe?

- Uma hora, você quer que eu cresça, um minuto depois, você quer que eu me comporte. O que eu sou para você, uma menina ou um problema sociológico? Não gosto de ser conformista, tia Gif. Algum dia lhe ocorreu que conformismo pode ser destrutivo? Dê uma olhada nos homens hoje no noticiário. Nunca na história todos os homens da capital de uma nação se vestiram exatamente da mesma forma. Gravatas, camisas, paletós cinzentos. E assombroso.

- Estou falando é de responsabilidade. Vestir-se como alguém da sua idade e agir como alguém da sua idade. Você não faz nem uma coisa nem outra, e estamos falando de sentidos opostos, é claro. A Prostituta da Babilônia com uma fita no cabelo não é exatamente o tipo de experiência normal na adolescência.

Gifford parou de repente, escandalizada por ter usado a palavra, prostituta, com o rosto em chamas, as mãos unidas, o cabelo preto em estilo pajem emoldurando-lhe o rosto.

- Ai, Mona, querida, eu adoro você.

- Eu sei, tia Gif, mas pelo amor de Deus e de tudo o que é mais sagrado, nunca mais use a palavra "normal" para se referir a qualquer coisa a meu respeito.

Mona ficou ajoelhada nas lajes por muito tempo, até o frio começar a incomodar seus joelhos.

- Pobre Antha - murmurou. Levantou-se e mais uma vez alisou o vestido cor-de-rosa. Afastou o cabelo dos ombros para as costas e se certificou de que seu laço de cetim estava na posição correta nas costas da cabeça. Tio Michael adorava seu laço de cetim, ele mesmo lhe dissera.

- Enquanto Mona estiver com o laço - dissera ele naquele final de tarde a caminho do desfile de Comus -, tudo dará certo.



- Completei treze anos em novembro - sussurrara ela, em resposta, aproximando-se mais para segurar sua mão. - Estão me mandando parar de usar a fita.

- Você? Treze anos? - Seus olhos haviam passado por ela, detendo-se por um átimo nos seios, e então ele chegou a enrubescer. - Bem, Mona, eu não percebi. Mas não, não ouse parar de usar essa fita. Eu vejo esses cabelos ruivos e a fita nos meus sonhos.

E claro que tudo isso tinha uma intenção poética e brincalhona. Ele era um homem inocente e saudável, realmente uma boa pessoa. Qualquer um podia ver isso. Mas mesmo assim, um pouco de cor havia subido ao seu rosto, não? Afinal de contas, alguns homens da sua idade conseguiam ver uma menina de treze anos com seios grandes como apenas uma espécie de criança desinteressante, mas Michael por acaso não pertencia a esse grupo.

Bem, ela pensaria um pouco mais na estratégia quando entrasse na casa e se aproximasse dele. Por enquanto, ela queria dar uma volta pela piscina. Subiu a escada e chegou ao amplo terraço de lajes. As luzes estavam acesas debaixo d'água, tornando-a de um azul brilhante, e um levíssimo vapor subia da superfície, embora Mona não soubesse por que motivo ela estaria aquecida.

Michael jamais voltaria a nadar nela. Isso ele mesmo dissera. Bem, chegando o dia de São Patrício, qualquer que fosse a temperatura, haveria provavelmente uma centena de crianças da família Mayfair ali dentro. Melhor então deixar o aquecimento funcionando.

Ela seguiu pelo terraço até a extremidade oposta, próxima à cabana, onde haviam encontrado o sangue na neve, o que queria dizer que havia ocorrido uma briga. Agora, tudo limpo e varrido, com apenas poucas folhas salpicadas. O jardim ainda estava meio abatido com as nevascas desse inverno louco, tão raro em Nova Orleans; mas, graças ao calor da última semana, as boninas estavam de volta. E Mona sentia seu perfume e via suas flores minúsculas no escuro. Difícil de imaginar tudo isso coberto de neve e sangue, e Michael Curry boiando abaixo da superfície da água, com o rosto machucado, sangrando, e o coração parado.

Foi então que um outro cheiro a atingiu - aquele mesmo cheiro estranho que antes ela havia sentido no saguão da casa e no salão da frente, onde costumava ficar o tapete chinês. Era muito leve, mas estava ali, sim. Quando se aproximou da balaustrada, ela o sentiu. Todo mesclado com as boninas frias. Um perfume muito sedutor. Como que delicioso, pensou. Como o caramelo ou o butterscotch conseguem ser deliciosos, só que não era um aroma de alimento.

Brotou nela de repente uma raiva por quem quer que houvesse atacado Michael Curry. Gostara dele desde o instante em que pousou nele os olhos.

Também havia gostado de Rowan Mayfair. Ansiara por momentos a sós com eles, para lhes fazer perguntas e lhes contar coisas, e em especial para lhes pedir que lhe dessem a Vitrola, se a encontrassem. Mas essas oportunidades nunca haviam surgido.

Ajoelhou-se nas lajes como havia feito antes. Tocou a pedra fria que lhe machucava os joelhos nus. O cheiro estava aqui, sim. Mas ela nada via. Ergueu os olhos até a escura varanda dos criados na casa principal. Nem uma luz em parte alguma. Então olhou para além da cerca de ferro até a garagem por trás do carvalho de Deirdre.

Uma luz. Isso queria dizer que Henri ainda estava acordado. Bem, qual era o problema? Ela sabia lidar com Henri. Havia descoberto nessa noite durante a ceia após o desfile de Comus que Henri já estava assustado com a casa, não gostava de trabalhar nela e talvez não ficasse mais muito tempo. Ele não conseguia imaginar como contentar Michael, Michael que não parava de dizer, "Faço parte daquilo a que chamam de alto proletariado, Henri. Se você fizer feijão com arroz, está ótimo."

Alto proletariado. Mona se aproximara do tio Michael depois da ceia, no instante em que ele tentava se afastar de todos para dar sua caminhada noturna, como ele mesmo a chamava.

- Que diabo é essa história de alto proletariado, tio Michael?

- Que jeito de falar – sussurrou ele, simulando surpresa. E então, antes que pudesse se controlar, tocou com carinho a fita no seu cabelo.

- Desculpe, mas para uma menina do nosso bairro é como se fosse um terrível grande vocabulário.

Ele havia sorrido, talvez um pouco fascinado.

- Fazer parte do alto proletariado é ser uma pessoa que não tem de se preocupar em agradar a classe média. Será que uma menina do seu bairro entenderia isso?

- Claro que sim. O que está dizendo é extremamente lógico, e quero que saiba que detesto o conformismo sob qualquer forma.

Mais uma vez, seu riso delicado, sedutor.

- Como você conseguiu ser do alto proletariado? - insistiu ela. - O que eu faço para me filiar ao grupo?

- Ninguém pode se filiar, Mona. Um alto proletário nasce proletário. Ele é um filho de bombeiro que conseguiu ganhar muito dinheiro. Um alto proletário pode cortar a própria grama se tiver vontade. Pode lavar seu próprio carro. Ou pode dirigir uma perua quando todos não param de lhe dizer que ele deveria ter um Mercedes. Um alto proletário é um homem livre. - Que sorriso ele lhe dera. É claro que ele estava rindo um pouco de si mesmo, com um certo tédio. Mas ele gostava de olhar para ela, isso ela podia ver. É, ele realmente gostava de olhar para ela. Só algum cansaço e algum senso de decoro o mantinham sob controle.

- Parece interessante - comentou ela. - Você tira a camisa para cortar a grama?

- Quantos anos você tem, Mona? - perguntou ele, em tom brincalhão, inclinando a cabeça para um lado. Mas os olhos eram de perfeita inocência.

- Já lhe disse, treze - respondeu. Ela ficou nas pontas dos pés e lhe deu um beijo rápido no rosto, e lá veio mais uma vez aquele rubor. É, ele a via, via seus seios e a silhueta da sua cintura e dos seus quadris sob o vestido largo de algodão cor-de-rosa. No entanto, ele parecia comovido pela sua demonstração de afeto, uma emoção totalmente diferente. Seus olhos ficaram vidrados por um instante e depois ele disse que tinha de caminhar lá fora.

Disse alguma coisa sobre a noite de terça-feira gorda, sobre o fato de ter passado por essa casa uma vez quando era menino, numa noite dessas, quando estavam a caminho para assistir ao desfile de Comus.

Não, absolutamente nada de errado com seu coração agora, a não ser o fato de os médicos não pararem de apavorá-lo e de lhe dar um excesso de remédios, embora ele de vez em quando sentisse mesmo aquela dorzinha como havia falado a Ryan, o que lhe lembrava o que podia e o que não podia fazer. Bem, Mona ia descobrir o que ele podia ou não podia fazer.

Ela ficou parada junto à piscina por um bom tempo, pensando em todos os fragmentos da história - Rowan desaparecida, algum tipo de aborto no hall de entrada, sangue por toda parte e Michael, machucado e inconsciente, na piscina. Será que o aborto explicaria o cheiro? Ela havia perguntado antes a Pierce se ele sentia o cheiro. Não. Perguntara a Bea. Não. A Ryan. É claro a terna da tia Gifford, parada no corredor do hospital na noite do dia 25, quando todos achavam que Michael estivesse morrendo, e pensou no seu jeito de olhar para o tio Ryan.

- Você sabe o que aconteceu! - dissera ela.

- Isso é superstição e loucura - respondera Ryan. - Não quero dar ouvidos a isso. Não vou permitir que fale nisso diante das crianças.

- Não quero falar nisso na frente das crianças - dissera tia Gifford, com o queixo trêmulo. - Não quero que as crianças saibam! Eu lhe imploro que as mantenha longe daquela casa. Isso é o que venho lhe pedindo o tempo todo.

- Como se fosse minha culpa! - dissera tio Ryan, baixinho. Pobre tio Ryan, advogado da família, protetor da família. Ora, esse era um bom exemplo do que o conformismo podia fazer a uma pessoa, porque tio Ryan era sob todos os aspectos um animal macho de excelente aparência, do tipo fundamentalmente heróico, com o queixo quadrado, os olhos azuis, ombros sólidos e fortes, sem barriga e com mãos de músico. Mas nunca se percebia isso.

Tudo que se via quando se olhava para ele era seu terno, sua camisa de tecido Oxford e o brilho dos seus sapatos Church's. Todos os homens na Mayfair & Mayfair vestiam-se exatamente nesse estilo. Era um milagre que as

mulheres não fizessem o mesmo, que tivessem desenvolvido um estilo que incluía pérolas, tons pastel e saltos de alturas variadas. Uns bobalhões, pensou Mona.

Quando se transformasse numa magnata multimilionária, ela criaria seu próprio estilo.

Durante aquela discussão no corredor, porém, tio Ryan havia demonstrado o quanto estava desesperado e preocupado com Michael Curry. Não tivera a intenção de magoar tia Gifford. Nunca tinha essa intenção.

Depois, tia Bea chegou e acalmou os dois. Mona teria dito à tia Gifford naquele mesmo instante que Michael Curry não ia morrer; mas, se tivesse agido assim, teria deixado Gifford ainda mais apavorada. Não se podia falar com tia Gifford a respeito de nada.

E agora que a mãe de Mona praticamente ficava bêbada o tempo todo, também não se podia falar com ela. E a velha Evelyn muitas vezes nem chegava a responder quando Mona lhe dirigia a palavra. É claro que, quando falava, sua mente estava bem presente. "Atividade mental perfeita", dizia seu médico.

Mona nunca se esqueceria da ocasião em que pediu para visitar a casa quando ainda estava suja e em ruínas e Deirdre ficava sentada na sua cadeira de balanço.

- Tive um sonho essa noite - explicara ela à mãe e à tia Gifford. - Tio Julien estava no sonho e me dizia para pular a cerca, quer tia Carlotta estivesse lá quer não, e ir me sentar no colo de Deirdre.

Isso tudo era verdade. Tia Gifford ficou histérica.

- Você não se aproxime nunca da prima Deirdre.

E Alicia ria sem parar. A velha Evelyn apenas as observava.

- Alguma vez você viu alguém com a tia Deirdre quando passou por lá? - perguntou Alicia.

- CeeCee, como você pode fazer uma pergunta dessas! – protestou Gifford.

- Só aquele rapaz que está sempre com ela.

Isso havia sido demais para tia Gifford. Daí em diante, Mona foi praticamente proibida de se aproximar da esquina de First e Chestnut e de voltar a pôr os olhos na casa. É claro que ela não deu muita atenção a isso. Passava a pé por ali sempre que podia. Duas das suas amigas do Sagrado Coração moravam bem perto dali. As vezes, ela ia para casa com elas depois da escola só para ter um pretexto. Elas adoravam que Mona as ajudasse com o trabalho de casa, e ela fazia isso com prazer. E elas lhe contavam histórias sobre a casa.

- O homem é um fantasma - disse-lhe a mãe, baixinho, bem diante de Gifford. - Nunca diga aos outros que você o vê. Mas para mim você pode contar. Como é que ele era? - E então Alicia caiu numa risada estridente até Gifford começar a chorar de verdade. A velha Evelyn não dissera nada mas estivera ouvindo tudo com atenção. Sabia-se quando ela estava prestando atenção pela expressão alerta nos seus olhinhos azuis. Em nome de Deus, que ela pensava das suas duas netas?

Gifford mais tarde falou com Mona enquanto elas se encaminhavam para o carro de Gifford (sedan Jaguar, puro estilo Gifford, puro estilo Metairie).

- Por favor, acredite quando eu digo para você se manter afastada daquela casa. Nada vem dali a não ser o mal.

Mona tentou prometer. Mas a idéia não a interessava muito. Na realidade, sua sorte estava lançada. Ela precisava, mesmo naquela época, descobrir tudo sobre a casa. E agora, depois da briga entre Rowan e Michael, tornara-se prioridade máxima entrar ali e descobrir.

O fato de encontrar o documento da Talamasca sobre a mesa de Ryan no centro da cidade só havia intensificado sua curiosidade. O Arquivo sobre as Bruxas Mayfair. Ela o recolheu e saiu as pressas para uma lanchonete para ler tudo antes que as pessoas percebessem o que havia feito. Não houve como impedi-la.

Donnelaith, Escócia. A família ainda não possuía propriedades nesse lugar? Ai, que história. É claro que os detalhes sobre Antha e Deirdre eram o verdadeiro escândalo. E para ela estava perfeitamente claro que esse documento,

na sua forma original, havia chegado a incluir Michael e Rowan Mayfair. Mas não os incluía mais.

Aaron Lightner havia interrompido "a narrativa", como ele se referia ao documento naquelas páginas, antes do nascimento da "herdeira atual". Isso era para não violar a privacidade dos vivos, embora a Ordem fosse da opinião que a família tem todo direito a conhecer sua história, na medida em que essa história seja conhecida por alguém e esteja registrada em algum lugar.

Hummmmm. Esse pessoal da Talamasca era espantoso. "E tia Bea está a ponto de se casar com um deles", pensou Mona. Isso era como ouvir que uma mosca suculenta e de bom tamanho havia sido apanhada na nossa teia pegajosa.

O fato de Rowan Mayfair ter escapulado das garras de Mona, de Mona nunca ter tido cinco minutos a sós com Rowan, essa era uma tragédia a ser arquivada sob o título de \WS\MONA\FRACASSO.

No entanto, Mona tivera a forte impressão de que Rowan sentia medo do poder que possuía, exatamente como os outros tinham medo.

Bem, esses poderes não assustavam Mona. Cada vez mais, ela se sentia como uma bailarina que atinge sua melhor fase. Ela estava com um metro e cinquenta e três de altura, e sem grande probabilidade de ficar muito mais alta do que isso. Seu corpo estava amadurecendo a cada dia que passava.

Ela gostava de ser forte e diferente. Gostava de ler o pensamento das pessoas e de ver coisas que os outros não conseguiam ver. Era deliciosamente arrepiante o fato de ser um fantasma o homem que ela havia visto. E na realidade ela não havia ficado tão surpresa ao saber disso. Se ao menos pudesse ter entrado na casa naquela época.

Bem, aquela época havia passado, não é? E o agora era agora. E o agora era na verdade fantástico. O desaparecimento de Rowan havia mexido com a família inteira; as pessoas estavam revelando coisas. E aqui estava essa casa magnífica, vazia, a não ser por Michael Curry e por ela mesma.

O cheiro junto à piscina havia se dissipado um pouco, ou ela é que se acostumara a ele. Mas ele ainda estava por ali. E o momento era todo seu.

Mona seguiu até a varanda telada dos fundos e verificou, uma a uma, as trancas das diversas portas da cozinha. Se ao menos uma porta tivesse sido esquecida... mas não, aquele arrogante do Henri trancara a casa como se fosse uma fortaleza. Bem, nenhum problema. Mona sabia como entrar nessa casa.

Esgueirou-se até os fundos, até o final da cozinha antiga, que agora era um banheiro, e ergueu os olhos até a janela do banheiro. Quem trancaria uma janela naquela altura? E como Mona chegaria até ela? Bastava trazer uma daquelas grandes latas de lixo de plástico, que não pesam quase nada. Ela seguiu pelo corredor, segurou a lata pela alça e não é que ela rolou? Quanta eficiência! Subiu então na lata, de joelhos primeiro e depois com os pés amassando a tampa de plástico flexível, abriu à força as venezianas verdes e fez pressão sobre o cordão da janela.

A janela subiu com a maior facilidade. Só emperrou quando a abertura já era grande o suficiente para Mona passar. Ela ia sujar o vestido no peitoril empoeirado, mas isso não importava. Tomou impulso com as duas mãos, atravessou a janela e quase caiu no chão acarpetado.

Dentro da casa de First Street! E havia sido fácil! Ficou ali um segundo parada no pequeno banheiro, olhando fixamente para a reluzente louça branca do vaso antigo e o tampo de mármore da pia, lembrando-se daquele último sonho com tio Julien, no qual ele a trouxera a essa casa e juntos subiram as escadas.

Agora o sonho estava obscuro, como os sonhos sempre ficam, mas ela o havia copiado no seu diário informatizado sob o título \WS\SONHOS\JULIEN, como fazia com todos os sonhos em que ele lhe aparecia.

Ela agora conseguia se lembrar do arquivo, que havia relido muitas vezes, mas não do sonho.

Tio Julien estivera tocando a Vitrola, aquela que devia ficar para Mona, e estivera dançando de cá para lá, com seu longo robe de cetim acolchoado. Ele disse que Michael era bom demais. Os anjos têm seus limites. “A mera bondade raramente me derrotou, você sabe, Mona”, dissera ele com seu encantador sotaque francês, falando em inglês com ela como sempre falava nos sonhos,



muito embora Mona falasse francês com perfeição, "mas ela é invariavelmente um aborrecimento para todos os demais, menos para a pessoa que é tão perfeitamente boa."

Perfeitamente bom. Mona havia acrescentado, "Perfeitamente Esplêndido, Perfeitamente delicioso, um Perfeito pedaço de homem!" E em seguida passou esses dados para o arquivo intitulado "Michael".

"Pensamentos sobre Michael Curry: ele consegue até ser mais atraente agora que teve o ataque cardíaco, como um enorme animal com uma pata ferida, um cavaleiro com uma perna quebrada, Lord Byron com seu pé deformado."

Ela sempre havia considerado Michael Curry alguém por quem se seria capaz "de morrer", como se dizia. Não havia precisado dos sonhos para lhe dizer isso, embora os sonhos sem dúvida a encorajassem até certo ponto, toda aquela dramaticidade de tio Julien sugerindo a ela que Michael era uma conquista esplêndida, e lhe contando como quando a velha Evelyn tinha apenas treze anos - a idade de Mona - tio Julien a havia levado para a cama no sótão na casa de First Street, e daquela união ilícita havia nascido a pobre Laura Lee, mãe de Gifford e Alicia. Tio Julien dera a Vitrola naquela ocasião à velha Evelyn.

- Tire-a da casa antes que eles cheguem. Leve-a embora e fique com ela...

- ... Era um plano louco. Eu nunca acreditei em feitiçaria, é o que você precisa entender, Mona. Mas eu tinha de tentar alguma coisa. Mary Beth já havia começado a incinerar meus livros antes do fim. Ela os queimou no gramado ali fora, como se eu fosse uma criança sem direitos ou dignidade. A Vitrola era um pequeno amuleto, magia, um foco da minha vontade.

Tudo isso estava muito claro e compreensível durante o sonho, mas mesmo no dia seguinte o "plano louco" já estava em grande parte perdido. Tudo bem. A Vitrola. Tio Julien quer que eu fique com ela. A feitiçaria, meu tema preferido. E olhe o que aconteceu com a maldita Vitrola até agora.

Ele se dera a todo aquele trabalho em 1914 para tirá-la de dentro da casa - supondo-se que dormir com a velha Evelyn aos treze anos tivesse sido um

trabalho - e, quando a velha Evelyn tentou passar a Vitrola para Mona, Gifford e Alicia tiveram aquela briga horrível. Ai, aquele havia sido o pior de todos os dias.

Mona nunca havia presenciado uma briga como a que aconteceu na ocasião entre Alicia e Gifford.

- Você não vai dar aquela Vitrola para ela - berrara Gifford. Ela correu até Alicia e a esbofeteou repetidas vezes, procurando expulsá-la do quarto para onde havia levado a Vitrola.

- Você não pode fazer isso, ela é minha filha, e a velha Evelyn disse que a Vitrola tem de ficar com Mona! - gritou Alicia.

Quando eram meninas, elas brigavam assim, o tempo todo, não de importância, dissera a velha Evelyn, que havia permanecido na sala de estar.

- Gifford não destruirá a Vitrola. Vai chegar a hora em que você poderá ficar com ela. Nenhum Mayfair destruiria a Vitrola de tio Julien. Quanto às pérolas, Gifford pode ficar com elas por enquanto.

Mona não ligava para as pérolas.

Isso foi praticamente tudo o que a velha Evelyn falou durante as três ou quatro semanas seguintes.

Gifford ficara doente depois disso, doente por meses. O conflito a deixava exausta, o que era apenas lógico. Tio Ryan teve de levá-la para Destin, na Flórida, para repousar na casa de praia. O mesmo havia acontecido após o enterro de Deirdre. Tia Gifford ficou tão mal que tio Ryan teve de levá-la para Destin. Tia Gifford sempre fugia para Destin, para a praia branca e as águas claras do Golfo, para a paz e a tranquilidade de uma pequena casa moderna, sem teias de aranha e sem histórias.

Mas a parte realmente terrível para Mona era que tia Gifford nunca lhe havia passado a Vitrola! Quando Mona afinal a pôs contra a parede e exigiu saber onde ela estava, tia Gifford admitiu que a havia levado para a casa de First Street.

- Levei as pérolas para lá também. Guardei tudo em lugar seguro. Lá é que é o lugar certo para as coisas de tio Julien, aquela casa, junto com a lembrança dele. - E Alicia gritou, e as duas começaram a brigar de novo.

Num dos seus sonhos, tio Julien lhe dissera, dançando ao som do disco na Vitrola, "A valsa é da Traviata, minha filha, boa música para unia cortesã". Julien dançava e a vozinha aguda do soprano não parava de cantar.

Ela ouvira a melodia com tanta nitidez. E raro conseguir cantarolar uma canção ouvida num sonho. Um delicioso som áspero, o da Vitrola. A velha Evelyn depois reconheceu a melodia que Mona cantarolava. Era de Verdi, a valsa de Violetta.

- Esse era o disco de Julien - comentou ela.

No sonho, Mona havia perguntado como ia conseguir reaver a Vitrola.

- Será que ninguém nesta família consegue calcular nada sozinho! - Tio Julien estava quase chorando. - Estou tão cansado. Você não percebe?

- Estou ficando cada vez mais fraco. Chérie, por favor, use uma fita violeta. Não ligo para fitas cor-de-rosa, embora façam um bom contraste com o cabelo ruivo. Use violeta para seu tio Julien. Estou tão exausto...

- Por quê? - Mona perguntou, mas ele já havia desaparecido.

Isso foi na primavera do ano passado, esse sonho. Mona comprou alguns metros de fita violeta, mas Alicia jurou que dava azar e sumiu com tudo. O laço de Mona hoje era rosa, como seu vestido de algodão e renda.

Parece que a pobre prima Deirdre faleceu em maio do ano passado logo após Mona ter tido esse sonho, e a casa de First Street foi parar nas mãos de Rowan e Michael, tendo início a enorme restauração. Cada vez que passava por lá, ela via Michael lá em cima no telhado, simplesmente subindo uma escada, pulando por cima de uma grade de ferro ou caminhando bem no parapeito, com o martelo na mão.

- Thor! – gritara ela uma vez, chamando-o. Ele não ouvira, mas acenou e sorriu. E, lindo de morrer, sem a menor duvida.

Ela já não tinha tanta certeza quanto às épocas de todos os sonhos.

Quando eles começaram, ela não sabia que seriam tão numerosos. Seus sonhos flutuavam no espaço. No início, ela não havia tido a idéia de datá-los, nem de criar uma cronologia de acontecimentos relacionados à família Mayfair. Ela

agora dispunha dessa cronologia em \WS\MAYFAIR\CRONO. A cada mês, ela aprendia mais segredos no seu sistema informatizado, mais métodos para organizar os registros de todos os seus pensamentos, sentimentos e planos.

Ela abriu a porta do banheiro e entrou na cozinha. Do outro lado das portas envidraçadas, a piscina cintilou decididamente por um instante, como se um vento errante tivesse tocado sua superfície. Como se estivesse viva. E deu um passo adiante, e uma luzinha vermelha piscou no detector de movimentos, mas ela percebeu imediatamente, pelo painel de controle sobre o balcão da cozinha, que o alarme não estava acionado. Era por isso que não havia disparado quando ela abriu a janela. Que sorte! Ela havia se esquecido daquele maldito alarme, e o alarme foi o que salvou a vida de Michael. Ele teria morrido afogado se os bombeiros não tivessem chegado e o encontrado - bombeiros do mesmo quartel do seu pai, embora o pai de Michael já estivesse morto há muito tempo.

Michael. É, foi uma atração fatal desde o momento em que ela o conheceu. E só o tamanho do homem tinha muito a ver com isso – aspectos como a perfeita grossura do seu pescoço. Mona valorizava especialmente pescoço nos homens. Ela podia assistir a um filme inteiro só para encher os olhos com o pescoço de Tom Berenger.

Além disso, havia seu constante bom humor. Quando foi que ela não conseguiu um sorriso de tio Michael? E muitas vezes, piscadas de olho também. Ela adorava aqueles olhos azuis imensos e surpreendentemente inocentes. Um escândalo de homem, Bea dissera um dia, mas com a intenção de elogiar. "É que ele tem muita vida!" Até mesmo Gifford entendeu o que ela quis dizer.

Geralmente, quando um homem tem tão boa compleição, ele é um idiota. Os homens inteligentes da família Mayfair sempre tinham proporções perfeitas. Se as roupas de Brooks Brothers ou de Burberrys' não lhe servissem você era ilegítimo. Poriam veneno no seu chá. E eles se comportavam como bonecos de corda, quando voltavam para casa de Harvard, sempre penteados e bronzeados, dando apertos de mãos a todos.

Até o primo Pierce, orgulho e alegria de Ryan, estava se transformando na mesma coisa - urna réplica reluzente do pai, até o corte do cabelo louro ao estilo Princeton. E a amorosa prima Clancy era perfeita para Pierce. Ela era um pequeno clone de tia Gifford - só que sem a dor. Pareciam ser feitos de vinil, Pierce, Ryan e Clancy. Advogados empresariais. Todo o seu objetivo na vida era descobrir até que ponto podiam deixar de perturbar as coisas.

Mayfair & Mayfair era um escritório de advocacia cheio de pessoas de vinil.

- Não se importe – disse-lhe a mãe uma vez, em resposta a essa crítica. - Eles cuidam de todo o dinheiro para que você e eu não precisemos nos preocupar com nada.

- Eu me pergunto se essa é uma idéia tão boa assim - dissera Mona, observando enquanto a mãe não conseguia levar o cigarro à boca e depois ficava tateando à procura do copo de vinho sobre a mesa. Mona o empurrou na direção dela, detestando-se por agir assim, detestando-se por fazer isso porque era uma tortura ver a mãe incapaz de encontrá-lo sozinha.

Já Michael Curry era totalmente diferente dos homens da família Mayfair - forte e descontraído, lindamente hirsuto, totalmente carente daquele perpétuo brilho bem arrumado aperfeiçoado por homens como Ryan, e no entanto adorável de uma forma desmedida quando usava seus óculos de armação escura e lia Dickens, como estivera lendo exatamente nessa tarde quando Mona subiu até seu quarto. Ele não ligava a mínima para a terça-feira gorda. Nem quis descer. Ainda estava sofrendo com a ausência de Rowan. O tempo não significava nada para ele porque, se comesse a pensar nisso, teria de calcular há quanto tempo Rowan estava desaparecida.

- O que está lendo? - perguntara ela.

- Ah, Grandes esperanças. Eu o leio repetidamente. Estou lendo a parte que fala da mulher de Joe, a Sra. Joe. De como ela não parava de fazer o T no quadro-negro. Você já leu? Gosto de reler os livros. E como ouvir sua música preferida muitas vezes.

Um Neandertal brilhante estava adormecido nesse corpo esperando a hora de arrastá-la para a caverna, puxando-a pelos cabelos. É, um Neandertal com o cérebro de um Cro-Magnon, que podia ser todo sorriso, um cavalheiro, tão bem-educado quanto qualquer membro dessa família poderia chegar a querer ser. Ele dispunha de um extenso vocabulário, quando se decidia a usá-lo. Mona admirava seu vocabulário. O vocabulário de Mona era considerado equivalente ao de um universitário nos últimos anos de faculdade. Na realidade, alguém na escola disse uma vez que Mona tinha as palavras mais compridas saindo do menor corpo do mundo.

Michael era capaz de parecer um policial de Nova Orleans num instante, e um diretor de escola no momento seguinte. "Combinação imbatível de elementos," escrevera Mona no seu diário informatizado. Lembrou-se, depois, da advertência de tio Julien. "O homem é simplesmente bom demais."

- Será que eu sou má? - sussurrou ela, no escuro. - Não combina. - Ela realmente não tinha a menor dúvida quanto ao fato de não ser má. Esse tipo de pensamento lhe parecia antiquado e típico de tio Julien, especialmente do jeito que ele lhe aparecia nos sonhos. Quando era pequena, ela não conhecia as palavras para isso, mas agora ela as conhecia: "auto depreciação, auto desprezo". Isso ela havia registrado no computador no subdiretório, \WS\JULIEN\CARATER no arquivo SONHO 13.

Atravessou a cozinha e passou devagar pela despensa estreita. Uma luz pálida e delicada vinha da varanda lá fora, caindo sobre as tábuas corridas. Uma sala de jantar tão imponente. Michael achava que o piso de madeira de lei havia sido instalado nos anos 30, mas Julien dissera a Mona que era da década de 1980, um piso que chamavam de tapete de madeira e vinha em rolos. O que se esperava que Mona fizesse com tudo o que Julien lhe havia contado nos sonhos?

Os murais densos e encardidos eram-lhe surpreendentemente visíveis na escuridão - a fazenda de Riverbend, onde Julien nascera - e seu mundo antiquado de usina de açúcar, senzalas, estábulos e carruagens passando ao longo da antiga estrada ribeirinha. Mas é que seus olhos eram de gato, não eram? Sempre

foram. Ela adorava o escuro. Ele fazia com que se sentisse segura e descontraída. Dava-lhe vontade de cantar. Impossível explicar para as pessoas como se sentia bem quando perambulava sozinha no escuro.

Deu a volta à grande mesa, agora totalmente vazia, limpa e lustrada, embora apenas horas atrás estivesse repleta com o último banquete da terça-feira gorda, perfeito até o detalhe dos bolos decorados e uma poncheira de prata cheia de champanhe. É, a família Mayfair comia até não poder mais quando vinha à casa de First Street, pensou ela. Todos estavam simplesmente tão felizes por Michael se dispor a manter a casa aberta apesar de Rowan ter desaparecido, e sob circunstâncias suspeitas. Será que Michael sabia onde ela estava?

Tia Bea havia comentado, com os olhos cheios de lágrimas, que o coração de Michael estava partido. Pois bem, eis aqui a menina com a cola milagrosa para corações partidos. Abram alas, é a pequena Mona.

Ela passou pelo portal alto para chegar ao saguão de entrada, e ali parou e pôs as mãos na moldura, como tio Julien havia feito em tantas fotografias antigas, nesta porta ou na outra, e ficou só sentindo o silêncio e a imensidão da casa à sua volta, bem como o perfume da madeira.

Aquele outro cheiro. Ele estava aqui de novo, fazendo com que ela... o quê? Quase sentisse fome. Era delicioso, fosse o que fosse. Não como butter scotch, não, nem caramelo, ou chocolate, mas algo com esse tipo de densidade, um sabor que tivesse uns cem sabores comprimidos num único. Como a primeira mordida num bombom de chocolate recheado com cereja e licor. Ou um ovo de Páscoa da Cadbury.

Não, ela precisava de uma comparação melhor. Algo que não fosse de comer. E o cheiro de alcatrão quente? Esse também a fascinava, assim como o de gasolina do qual ela simplesmente não conseguia se afastar. Bem, esse aqui era mais parecido com esses cheiros.

Ela desceu pelo saguão, observando o piscar das luzes de mais um dispositivo de alarme, nenhum deles acionado, todos à espera, e o cheiro se tornou mais forte quando ela parou ao pé da escada.

Ela sabia que tio Ryan havia investigado toda essa área; que, mesmo depois que todo o sangue havia sido lavado, e o tapete chinês da sala de estar havia sido retirado, ele trouxe um produto químico que fazia com que amostras de outro sangue brilhassem no escuro. Bem, não havia mais nada ali. Nada mesmo. Ele se certificara disso antes de Michael voltar do hospital para casa. E ele jurou não ter detectado nenhum cheiro.

Mona respirou fundo. É, o cheiro lhe dava uma espécie de desejo. Como na ocasião em que ela estava indo de ônibus para o centro, numa das suas escapadas, sozinha, atrevida e aquele delicioso aroma de churrasco; chegou a saltar do ônibus para descobrir o lugar de onde o cheiro vinha, um pequeno restaurante do French Quarter, num prédio desmazelado na Esplanade. O gosto não era nem de longe tão bom quanto o cheiro.

Mas estamos de novo falando de comida, e isso não é nada de comer.

Ela deu uma olhada na sala de estar, mais uma vez surpresa, como já havia se sentido antes, de ver como Michael mudara as coisas depois da partida de Rowan. É claro que o tapete chinês teve de ser retirado. Estava todo ensanguentado. Mas ele não precisava abolir o antigo esquema de dois salões, precisava? Bem, foi o que fez. Blasfêmia para a família Mayfair.

Agora era um enorme ambiente, com um gigantesco sofá abaixo do arco encostado na parede interna. Um simpático arranjo de poltronas francesas - todas pertencentes a tio Julien, ao que ele afirmava - agora forradas em damasco dourado ou num tecido listrado, de aparência exageradamente rica, e uma mesa de vidro pela qual podiam-se ver os tons escuros de âmbar do enorme tapete. Ele deveria ter quase oito metros, aquele tapete, para conseguir se estender de um ambiente ao outro, cobrindo o piso diante das duas lareiras. E como dava a impressão de ser velho, como alguma coisa saída do sótão lá em cima, com grande probabilidade. Talvez Michael o tivesse trazido junto com as poltronas douradas.



Diziam que as únicas ordens que ele dera depois de voltar para casa foram no sentido de mudar aquele salão de dois ambientes. Trazer as coisas de, Julien cá para baixo. Torná-lo totalmente diferente.

Fazia sentido. Era óbvio que ele queria apagar todos os traços de Rowan. Queria eliminar os ambientes em que haviam passado seus momentos mais felizes. Algumas das poltronas estavam com a pintura desbotada, a madeira com pequenas lascas aqui e ali. E o tapete esticado direto no chão de cerne de pinho, fino e sedoso.

Talvez toda aquela outra mobília tivesse estado coberta de sangue. Ninguém se dispunha a contar a Mona exatamente o que havia acontecido. Ninguém lhe dizia nada de importância, a não ser tio Julien. E nos sonhos, ela raramente tinha a presença onírica de espírito para fazer uma pergunta.

Tio Julien só falava sem parar, ou só dançava sem parar. Não havia nenhuma Vitrola na sala agora. Que sorte teria sido, se tivessem descido a Vitrola junto com todas essas outras coisas. Mas não trouxeram. Ela não ouviu ninguém dizer uma palavra sequer sobre a descoberta de uma Vitrola.

Ela verificava o primeiro andar todas as vezes que vinha ali. Michael ouvia um pequeno gravador na biblioteca. Esse salão estava imerso no silêncio, e seu grande piano Bôsendorfer, numa posição em que formava um ângulo com a segunda lareira, parecia mais uma peça de mobília do que um instrumento capaz de produzir música.

O salão ainda era lindo. Havia sido bom, mais cedo naquele dia, jogar-se no grande sofá macio, do qual podiam ser vistos todos os espelhos, as duas lareiras de mármore, uma à sua esquerda, uma à sua direita, do outro lado da sala, e bem em frente as duas portas que davam para a antiga varanda de Deirdre. É, Mona havia pensado, um bom ponto para observação, e ainda assim um ambiente encantador. Às vezes, ela dançava nos pisos nus do salão duplo da casa de Amélia Street, sonhando com espelhos, sonhando em fazer uma fortuna em fundos mútuos com dinheiro que tomaria emprestado à Mayfair & Mayfair.

Basta que me dêem mais um ano, pensou ela, entro no mercado e, se eu conseguir encontrar alguém que se arrisque em todo aquele escritório respeitável...! De nada adiantava pedir agora que eles consertassem Amélia Street. A velha Evelyn sempre dispensava carpinteiros e operários. Ela valorizava sua "tranqüilidade". Além do mais, de que adiantava consertar uma casa na qual Patrick e Alicia simplesmente viviam bêbados, e a velha Evelyn como se fosse parte da mobília?

Mona tinha seu próprio canto, como dizem, o grande quarto do andar superior, que dava para a avenida. Ali ela mantinha seu computador, todos os discos, arquivos e livros. Seu dia ia chegar. E até que chegasse, sobrava-lhe tempo depois da escola para estudar ações, títulos, instrumentos monetário e semelhantes.

Na realidade, seu sonho era administrar o próprio fundo mútuo, chamado Mona Um. Convidaria apenas membros da família para participar do fundo e escolheria a dedo cada companhia na qual o fundo investisse, com base no seu desempenho em termos ambientais.

A partir das suas leituras do Wall Street Journal e do New York Times, Mona sabia o que estava acontecendo. Empresas sensíveis às questões ambientais estavam ganhando muito dinheiro. Alguém havia inventado um micróbio que comia derramamentos de petróleo e que até podia limpar o forno para a dona de casa que o soltasse ali dentro. Essa era a onda do futuro. Mona Um seria um nome lendário entre os fundos mútuos, como o Fidelity Magellan ou o Nicholas II. Mona já poderia ter começado, se alguém se dispusesse a arriscar nela. Se ao menos o Reino dos Adultos se abrisse, mesmo que fosse um pouquinho, e permitisse sua entrada!

Tio Ryan estava interessado, sim, além de surpreso, confuso e divertido, mas não disposto a se arriscar.

- Continue a estudar - disse ele. - Mas devo confessar que estou impressionado com seu conhecimento do mercado. Como sabe tudo isso?

- Está brincando comigo? Do mesmo jeito que você sabe – respondeu ela.  
- Do Journal e da Barron's, e de entrar online a qualquer hora do dia ou da noite à procura das últimas estatísticas. - Estava falando do modo do seu computador e dos muitos serviços de informações aos quais tinha acesso.

- Se quiser saber alguma coisa sobre ações no meio da noite? Não ligue para o escritório. Ligue para mim.

- Basta chamar Mona! - E Pierce riu.

Tio Ryan ficou intrigado, com ou sem o cansaço da terça-feira gorda. mas não o suficiente para não recuar com mais um comentário sem graça.

- Bem, fico feliz por você sentir interesse por tudo isso.

- Interesse! – retrucara Mona. – Estou pronta para assumir o comando! O que o faz ser tão tímido, tio Ryan, quando se trata de fundos de grande valorização? E o que dizer do Japão? Você não conhece o simples princípio de que, quando se equilibram os investimentos na bolsa de valores nos Estados Unidos com investimentos no exterior, tem-se uma cobertura...

- Espere aí. Quem vai querer investir num fundo chamado Mona Um?

Mona foi rápida na resposta.

- Todo mundo.

O melhor era que tio Ryan acabara rindo e prometendo mais uma vez um Porsche Carrera preto para seu aniversário de quinze anos. Ela nunca o deixara esquecer a promessa desde que ficara obcecada pelo carro. Ela não entendia por que todo o dinheiro da família Mayfair não podia também lhe comprar uma carteira de motorista, para que ela pudesse enfiar o pé no acelerador agora mesmo. Ela sabia de tudo sobre carros. O Porsche era o seu preferido e, cada vez que via um Carrera estacionado, ela se debruçava sobre o carro todo na esperança de que o dono aparecesse. Dessa forma, conseguira caronas três vezes com desconhecidos. Mas não conte isso a ninguém! Eles morreriam.

Como se uma bruxa não soubesse se proteger.

- Está bem, está bem - dissera ele naquele final de tarde. - Eu não me esqueci do Porsche preto, mas você não se esqueceu da promessa que me fez, esqueceu? De que nunca dirigirá a mais de noventa por hora.

- Agora você está brincando de novo - disse ela. - Por que motivo no mundo eu ia querer dirigir um Porsche a mais de noventa por hora?

Pierce quase engasgou com seu gim-tônica.

- Você não vai comprar um caixão sobre rodas para essa criança! - protestou tia Bea. Sempre se metendo. Sem dúvida, estivera conversando com tia Gifford sobre isso tudo.

- Que criança? Eu não estou vendo nenhuma criança por aqui, e vocês? - disse Pierce.

Mona teria continuado com o assunto dos fundos mútuos, mas era a terça-feira gorda, todos estavam cansados, e tio Ryan havia sido atraído para um abismo insondável de conversa educada com tio Randall. Tio Randall voltara as costas para deixar Mona de fora. Ele vinha agindo dessa forma desde o dia em que Mona conseguiu levá-lo para a cama. Ela não se importava. Aquilo havia sido uma experiência, nada mais, para comparar um homem de mais de oitenta anos com rapazes jovens.

Agora, seu alvo era Michael. Tio Randall que fosse para o inferno. Tio Randall a havia interessado por ser tão velho e porque Mona considerou muito excitante um certo jeito de um homem realmente velho olhar para uma menina. Mas tio Randall não era um homem gentil. E Michael era. E Mona gostava de gentileza. Essa característica ela havia isolado em si mesma há muito tempo. Às vezes, ela dividia o mundo em gentis e grosseiros - em termos fundamentais.

Bem, amanhã ela voltaria às ações.

Amanhã ou depois, talvez ela elaborasse a carteira de títulos para Mona Um, com base nas empresas de melhor desempenho na bolsa de valores durante os últimos cinco anos. Era tão fácil para ela se empolgar com visões de que Mona Um cresceria tanto ao ponto de forçar a criação de Mona Dois e depois Mona

Três, e de que ela viajava pelo mundo inteiro no seu próprio avião para reuniões com os diretores executivos das empresas em que investia.

Visitaria fábricas na China Continental, escritórios em Hong Kong, laboratórios de pesquisa científica em Paris. Ela se imaginava usando um chapéu de caubói nessas visitas. Na realidade, ela não tinha um chapéu desses nesse momento. O laço era sua marca pessoal. Fosse como fosse, no entanto, ela sempre estava com o chapéu ao descer do avião imaginário. E tudo isso estava chegando. Ela sabia.

Talvez estivesse na hora de mostrar ao tio Ryan a relação das ações que ela havia acompanhado no ano anterior. Se realmente tivesse investido dinheiro nelas, já teria sua própria fortuna. É, preciso carregar aquele arquivo e imprimi-lo.

Ah, mas ela estava desperdiçando o momento.

Hoje ela estava aqui, com a mente voltada para sua meta mais importante. A conquista daquele pedaço de homem chamado Michael. E a descoberta da misteriosa Vitrola.

As poltronas douradas graciosas, de espaldar reto, reluziam nas sombras.

Almofadas de tapeçaria estavam jogadas ao acaso no confortável sofá de damasco. Uma cortina de imobilidade cobria tudo, como se o mundo lá fora tivesse desaparecido em fumaça. Pó no piano. A velha Eugenia, coitada, não era tão boa assim, não é? E Henri era provavelmente bom demais para tirar o pó, varrer ou passar pano molhado. E entre eles estava Michael, muito enfermo e indiferente para se importar com o que eles fizessem.

Ela deixou o salão duplo e se encaminhou para o pé da escada. Muito escuro lá em cima, como deveria ser, como uma escada que levasse a um paraíso de sombras. Ela tocou no balaústre do pé da escada e começou a subir.

Dentro da casa, dentro dela, andando à vontade e no escuro sozinha!

- Tio Julien, estou aqui - cantarolou, num levíssimo sussurro. Quando chegou ao alto da escada, viu que o quarto de tia Viv estava vazio, exatamente como esperara.

- Pobre Michael, você é todo meu - disse, baixinho. E, quando se voltou, viu que a porta do quarto principal estava aberta e que a fraca iluminação de uma pequena lâmpada alcançava o corredor alto e estreito.

Quer dizer que você está sozinho aí dentro, meninão, pensou. Sem medo de estar no mesmo quarto em que Deirdre morreu. E não nos esqueçamos da tia-avó Mary Beth e de todas as pessoas que viram os fantasmas ao seu redor quando ela estava deitada nessa mesma cama. E quem sabe o que não aconteceu antes disso?

Gifford considerara deplorável a decisão de Michael de se mudar para o quarto amaldiçoado. Já Mona compreendia. Por que ele iria querer ficar no quarto nupcial depois que Rowan o abandonou? Além do mais, o quarto principal ao norte era o aposento mais bonito e elegante da casa. Ele próprio havia restaurado o teto de gesso e o medalhão. Ele havia lustrado a enorme cama de meio dossel.

Ah, ela entendia Michael. Michael também gostava das sombras, ao seu modo. Por que outro motivo alguém se vincularia a esta família pelo casamento? Algo nele se deixava seduzir pelas sombras. Ele se sentia bem ao crepúsculo e no escuro, exatamente como Mona. Ela soube disso quando o viu passear no jardim à noite. Era disso que gostava. Se ele apreciasse o amanhecer, o que ela duvidava, seria apenas porque a luz era fraca e deformante.

"Ele é simplesmente bom demais." Voltaram a lhe ocorrer as palavras de tio Julien. Bem, veremos.

Esgueirou-se até o portal e viu a lâmpada minúscula, ligada direto na tomada na parede mais distante. A claridade da iluminação da rua filtrava-se suave pelas cortinas de renda, e ali estava Michael, com a cabeça voltada para o outro lado, com seu pijama de algodão de um branco imaculado, passado por Henri com tanto cuidado que apresentava um vinco perfeito ao longo do braço. A mão de Michael estava meio aberta sobre o edredom, como se estivesse pronta para receber um presente. Ela o ouviu respirar fundo, alto, com dificuldade.

Ele, porém, não a ouviu. Estava sonhando. Virou de lado, para longe dela, e mergulhou mais fundo num sono murmurante.

Ela entrou sorrateira no quarto.

Seu diário estava sobre a mesinha de cabeceira.

Ela o reconheceu pela capa. Havia visto Michael escrevendo nele nessa mesma noite. Ai, era absurdo ver o que estava escrito. Ela não podia fazer uma coisa dessas, mas como queria só ver de relance algumas palavras.

E se desse só uma pequena espiada?

Volte para mim, Rowan. Estou à espera.

Com um suspiro mudo, ela deixou que ele se fechasse.

Olhe só todos esses frascos de medicamentos. Ele estava sendo bombardeado com aquilo tudo. Ela conhecia quase todos os nomes porque eram comuns e outros membros de idade da família Mayfair já os haviam tomado com bastante frequência. Em sua maioria, drogas para a pressão sangüínea e Lasix, aquele diurético terrível que provavelmente estava retirando dele todo o potássio como acontecera com Alicia, numa ocasião em que ficara sóbria e procurara perder peso; bem como três outras poções de nomes apavorantes que provavelmente estavam fazendo com que ele parecesse estar o tempo todo tentando acordar.

Eu devia lhe fazer um grande favor e jogar essas porcarias no lixo para você, pensou ela. O que você precisa é do Caldo Mágico Mayfair. Quando chegasse em casa, ela iria pesquisar todos esses remédios num dos grandes catálogos farmacêuticos que tinha na biblioteca. Ai, olhe só, Xanax. Este podia transformar qualquer um num zumbi. Por que receitá-lo quatro vezes ao dia? Havia retirado o Xanax da sua mãe porque Alicia o tomava aos punhados com vinho e com cerveja.

Hummmm, esse quarto dava uma impressão muito infeliz. Ela gostava dos enfeites decorativos acima das janelas bem como do candelabro, mas era um cômodo infeliz. E aquele cheiro estava aqui também.

Muito fraco, mas estava aqui, aquele cheiro delicioso, o cheiro que não pertencia à casa e que tinha algo a ver com o Natal.

Ela se aproximou da cama, que era muito alta como tantas camas antigas, e olhou para tio Michael deitado ali, com o perfil afundado na narina alvíssima do travesseiro de plumas, as sobrancelhas e os cílios escuros surpreendentemente nítidos. Um homem e tanto. Uma quantidade ínfima de testosterona a mais, e teríamos um primata troncado com sobrancelhas densas.

Só que não houve essa quantidade a mais. O resultado era a perfeição.

- Ó, admirável mundo novo - sussurrou ela - que possui gente assim.

Ele estava dopado, sem dúvida. Totalmente desligado.

Provavelmente fosse por isso que ele havia perdido o dom das suas mãos. Até o Natal, ele usava luvas a maior parte do tempo e dizia às pessoas que suas mãos eram muito sensíveis. Ah, Mona havia se esforçado muito para conseguir conversar com ele sobre isso! E hoje ele havia comentado diversas vezes que não precisava mais das luvas de forma alguma. Ora, é claro que não precisava se estava tomando dois miligramas de Xanax a cada quatro horas além de todo aquele lixo! Foi assim que haviam eliminado os poderes de Deirdre, drogando-a. Ah, tantas oportunidades haviam passado. Pois bem, esta oportunidade não passaria.

E o que dizer desse frasquinho bonitinho, Elavil? Esse também tinha um efeito sedativo, certo? E puxa, que dose! Era um milagre que Michael tivesse sido capaz de descer ao andar inferior hoje. E pensar que ele a agüentara nos ombros para o desfile de Comus. Coitado. Isso era praticamente sadismo.

Ela tocou muito de leve seu rosto. Barba bem-feita. Ele não acordou. Mais uma respiração funda e prolongada, quase um bocejo, um som muito masculino.

Ela sabia, porém, que poderia acordá-lo. Ele não estava em coma afinal de contas. Ocorreu-lhe então algo extremamente perturbador. Ela já estivera com David hoje! Droga! Havia sido seguro, higiênico mas, mesmo assim, sujo. Ela não podia acordar Michael, não antes de afundar numa boa banheira morna.

Hummm. E ela nem havia pensado nisso até agora. Suas roupas ainda estavam sujas. Era esse todo o problema de se estar com treze anos. Sua



inteligência não era uniforme. Ela se esquecia de coisas graves! Até mesmo Alicia lhe dissera isso.

- Uma hora você é um pequeno gênio do computador, e no instante seguinte está chorando porque não consegue encontrar suas bonecas. Já lhe disse que as bonecas estão no armário. Ninguém pegou suas malditas bonecas! Ai, como estou feliz por nunca mais ter de passar pelos treze anos! Você sabe que eu tinha treze anos quando você nasceu!

Você que vem me dizer. E tinha dezesseis quando eu tinha três, e você me esqueceu no centro da cidade na Maison Blanche e eu fiquei ali perdida duas horas! "Eu me esqueci, está bem? É que eu não a levo muito ao centro!"

Quem a não ser uma mãe de dezesseis anos daria uma desculpa dessas? Não foi tão mau assim. Mona ficou andando para cima e para baixo na escada rolante até não querer mais.

- Abrace-me - implorou ela, olhando para Michael. - Minha infância foi terrível – Mas ele continuou dormindo como se tivesse sido tocado pela vara de condão da bruxa.

Talvez esta não fosse a noite adequada para levá-lo para a cama. Não, ela preferia que tudo estivesse perfeito para a investida. E não era só que ela estivera com David, ela também estava imunda da terra do cemitério. Pois não havia até algumas folhas secas enredadas no seu cabelo, muito Ofélia, mas provavelmente não muito sexy.

Talvez esta fosse a noite para pesquisar os sótãos. Para encontrar a Vitrola e acioná-la. Talvez houvesse discos antigos com ela, aquele disco que a velha Evelyn costumava tocar. Talvez esta fosse a hora para se encontrar com tio Julien aqui nas sombras, não para ficar com Michael.

Mas ele estava tão apetitoso ali, maravilhosamente imperfeito, seu jeito do alto proletariado, com a pequena saliência no nariz, e as rugas delicadas na testa, parecido com Spencer Tracy, é, o homem dos seus sonhos. E mais vale um homem na mão do que dois fantasmas num sonho. E falando de mãos, olhe só essa mãozona macia! Bem, essa era a mão de um homem. Ninguém poderia dizer

dele que tinha os dedos de um violinista. E ela costumava considerar sexy homens daquele tipo delicado, como o primo David, com o queixo imberbe e os olhos cheios de emoção. É, toda sua apreciação da masculinidade estava se voltando para os aspectos mais rústicos, mais profundos e melhores.

Ela tocou o maxilar de Michael, a extremidade da sua orelha, seu pescoço. Seus cabelos pretos e encaracolados. Ah, não havia nada mais fino e macio do que esses cabelos. Sua mãe e Gifford tinham cabelos pretos e finos.

Já a cabeleira ruiva de Mona jamais seria macia. E então ela sentiu a fragrância da sua pele, muito sutil, agradável, calorosa. Debruçou-se e deu um beijo no seu rosto.

Os olhos abriram, mas aparentemente ele não via nada. Ela se deixou cair ao seu lado - simplesmente não se conteve, muito embora soubesse que isso era uma invasão da sua privacidade - e ele se virou. Qual era afinal seu plano? Hummm... Ela sentiu de repente um desejo enorme por ele. Nem mesmo era erótico. Era só uma espécie de fascínio e enlevo. Ela queria sentir seus braços a abraçá-la; queria que ele a pegasse no colo; queria que ele a beijasse; coisas simples como essas. Os braços de um homem, não de um menino. Eles deveriam dançar. Na realidade, era obviamente maravilhoso que não houvesse nele nada de menino, que ele fosse todo um animal selvagem, como alguns homens jamais chegariam a ser, cheio de arestas, tosco e exagerado, com lábios da cor da pele e sobrancelhas ligeiramente rebeldes.

Ela percebeu que ele estava olhando para ela; e, à claridade uniforme da luz da rua, seu rosto estava pálido porém nítido.

- Mona! - disse ele, baixinho.

- Sou eu, tio Michael. Esqueceram de mim. Houve um mal-entendido. Posso passar a noite aqui?

- Bem, querida, temos de ligar para seu pai e para sua mãe.

Ele começou a se sentar na cama, deliciosamente amarrotado, com o cabelo caindo sobre os olhos. No entanto, estava realmente dopado, sem a menor dúvida.

- Meu pai e minha mãe estão dormindo. Eles acham que eu estou com tio Ryan em Metairie. E tio Ryan acha que eu estou em casa com eles. Não ligue para ninguém. Você só vai deixar todo mundo nervoso, e vou ter de pegar um táxi para ir para casa sozinha. E eu não quero fazer isso. Quero passar a noite aqui.

- Mas eles vão perceber...

- Meus pais? Pode confiar em mim que eles não vão perceber nada. Você viu meu pai hoje à noite, tio Michael?

- É, eu vi, querida. - Ele tentou abafar um bocejo, mas não conseguiu.

De repente, pareceu muito preocupado com ela, como se não fosse de bom tom bocejar enquanto falava do alcoolismo do seu pai.

- Ele não vai viver muito mais - disse ela, com uma voz de enfado. Também não queria ficar falando nele. - Não suporto a casa de Amélia Street quando os dois estão bêbados. Ninguém lá a não ser a Velha Evelyn, e essa não dorme mais. Ela vigia os dois.

- A velha Evelyn - repetiu ele, pensativo. - Um nome tão lindo. Eu a conheço?

- Não. Ela nunca sai de casa. Ela uma vez lhes disse que trouxessem você lá em casa, mas isso nunca aconteceu. Ela é minha bisavó.

- Ah, sim, a família de Amélia Street. A grande casa cor-de-rosa. - Ele deu mais um pequeno bocejo e se forçou a assumir uma postura mais ereta. - Bea mostrou a casa. Bela casa. Estilo italiano. Bea disse que Gifford cresceu ali. Estilo italiano do final do século XIX.

- E, bem, é um estilo floreado de Nova Orleans, como o chamamos. Foi construída em 1882, reformada uma vez por um arquiteto chamado Sully. Cheia de todo tipo de trastes de uma fazenda chamada Fontevrault.

Ele estava interessado, mas ela não queria conversar sobre história e enfeites de gesso. Ela queria a ele.

- Então, por favor, deixe-me ficar aqui. Agora, eu tenho mesmo de ficar, tio Michael. Quer dizer, é como se não houvesse nenhuma outra possibilidade lógica, entende? Eu deveria ficar.

Ele se recostou nos travesseiros, esforçando-se para manter os olhos abertos. Ela segurou seu pulso de repente. Ele parecia não saber o que ela estava fazendo - que ela estava tomando seu pulso exatamente como um médico faria. Sua mão estava pesada e ligeiramente fria, fria demais. Mas a pulsação era uniforme. Estava perfeita. Ele não estava nem de longe tão doente quanto o pai de Mona. Seu próprio pai não tinha seis meses de vida. Só que não era o coração; era o fígado.

Se ela fechasse os olhos, veria as cavidades do coração de Michael. Ela via tudo tão brilhante, inominável e complexo como se fosse pintura moderna - uma exuberância de cores ousadas, grumos, linhas e formas dilatadas! Ah, ele estava bem, esse cara. Se ela conseguisse levá-lo para a cama hoje, não o mataria.

- Sabe qual é o seu problema neste exato momento? São esses remédios. Jogue-os fora. Um excesso de medicamentos desse nível deixara qualquer um doente.

- Você acha?

- Você está falando com Mona Mayfair, vinte vezes membro da família Mayfair, que sabe de coisas que os outros desconhecem. Tio Julien foi meu tataravô três vezes. Você sabe o que isso significa?

- Que você descende de Julien por três linhagens?

- Isso mesmo, além das outras linhagens envolvidas com todos os outros. Sem um computador, ninguém sequer chegaria a reunir todos os dados. Mas eu tenho um computador e descobri tudo. Eu tenho mais sangue Mayfair do que praticamente qualquer outra pessoa da família. Tudo porque meu pai e minha mãe eram primos próximos demais para se casarem, mas meu pai engravidou minha mãe, e pronto. Além do mais, os casamentos consangüíneos são tantos que não faz muita diferença...

Ela parou. Estava desempenhando seu papel de tagarela. Conversa demais para um homem daquela idade que estava com tanto sono. Sejam mais astuciosas.

- Você está bem, meninão. Jogue fora os remédios.

- Você quer dizer que eu vou viver? - disse ele, com um sorriso. - Vou voltar a subir escadas e martelar pregos?

- Você vai brandir seu martelo como Thor. Mas tem de largar todos esses sedativos. Não sei por que o estão drogando desse jeito. Provavelmente com pavor de que, se não agirem assim, você vai morrer de preocupação com tia Rowan.

Ele riu baixinho e pegou a mão de Mona com evidente afeição. Havia, porém, uma sombra escura no seu rosto, nos seus olhos, e por um segundo na sua voz.

- Mas você tem mais fé em mim, certo, Mona?

- Claro que sim. Mas é que eu estou apaixonada por você.

- Ah, não! - zombou ele.

Ela segurou firme sua mão enquanto ele procurava livrar-se dela. Não, nada de errado com seu coração agora. Os remédios é que o estavam derrubando.

- Estou apaixonada por você, mas você não tem de tornar nenhuma atitude a respeito disso, tio Michael. Basta que seja digno.

- Certo. Ser digno, era exatamente nisso que eu estava pensando. Uma linda menininha da Academia do Sagrado Coração. como você.

- Tio Michael, por favor! Comecei minhas aventuras eróticas aos oito anos. Não perdi minha virgindade. Erradiquei todos os traços da sua existência. Sou uma mulher adulta, só fingindo ser essa menininha sentada na beirada da sua cama. Quando alguém tem treze anos e não pode fingir outra idade, porque todos os parentes sabem, ser uma menininha passa a ser simplesmente uma decisão política. Lógica. Mas pode acreditar em mim, eu não sou o que aparento ser.

Ele deu uma risada extremamente cúmplice e irônica.

- E se minha mulher, Rowan, chegar em casa e encontrar você aqui comigo, debatendo sexo e política?

- Sua mulher, Rowan, não vai voltar para casa – disse ela, e depois, no mesmo instante, se arrependeu. Não havia sigo sua intenção dizer algo tão agourento, tão deprimente. E a expressão de Michael lhe dizia que ele acreditava nela. - Quer dizer... ela...

- Ela o quê, Mona? Fale. - Sua seriedade era tranqüila e extrema. - O que você sabe? Diga-me o que está aí dentro desse seu pequeno coração Mayfair? Onde está minha mulher? Faça alguma feitiçaria.

Mona deu um suspiro. Ela procurou um tom de voz tão baixo e contido quanto o dele.

- Ninguém sabe. Estão bastante assustados, mas ninguém sabe. E a sensação que eu tenho é... que ela não está morta, mas... bem, talvez nunca volte a ser a mesma coisa. - Ela olhou para ele. - Você sabe o que eu quero dizer?

- Você não tem uma boa sensação quanto a ela, de que ela vai voltar? É isso o que está dizendo.

- É, mais ou menos. Mas eu também não sei o que aconteceu aqui no dia de Natal, não que eu esteja lhe pedindo que me conte. Mas uma coisa eu posso lhe dizer. Estou segurando seu pulso, certo? Estamos falando tudo sobre o assunto, você está preocupado com ela, e seu pulso está perfeito. Você não está tão doente assim. Eles o doparam. Exageraram. Perderam a lógica. O que você precisa é se desintoxicar.

Ele suspirou e deu a impressão de estar derrotado.

Ela se inclinou para a frente e o beijou na boca. Ligação imediata. Na realidade, isso a surpreendeu um pouco, e até o surpreendeu também. No entanto, não houve prosseguimento. Os remédios cuidaram desse aspecto, como que envolvendo o beijo num cobertor.

A idade fazia tanta diferença. Beijar um homem que havia ido para a cama milhares de vezes não era nada parecido com beijar um garoto que só havia feito isso duas vezes, talvez. Toda a engrenagem estava ali. Ela só precisava de um tranco mais forte para fazê-la funcionar.

- Calma, querida, calma - disse ele, com delicadeza, segurando-a pelo ombro esquerdo para forçá-la a se afastar.

Ela considerou quase doloroso que de repente aquele homem estivesse bem ali e que fosse provável que ela não conseguisse que ele fizesse o que ela queria, e talvez isso nunca fosse possível.

- Eu sei, tio Michael, mas você precisa compreender que nós temos nossas tradições de família.

- É mesmo?

- Tio Julien dormiu com minha bisavó nesta casa quando ela estava com treze anos. E por isso que sou tão esperta.

- E bonita. Mas eu também herdei algo dos meus antepassados. Chama-se fibra moral. - Ele ergueu as sobrancelhas, sorrindo lentamente para ela, segurou então sua mão e a afagou como se ela realmente fosse uma gatinha ou um bebê. Melhor recuar. Ele parecia mais tonto agora do que quando começaram. Na verdade parecia errado tentar atraí-lo. Mesmo assim, ela ansiava por ele.

Ansiava mesmo. Desejava intensamente Ter uma intimidade com ele e com todo o universo adulto que ele encarnava para ela. Encurralada na infância, ela de repente se sentiu anormal e confusa. Poderia ter chorado.

- Por que eu não a alojo no quarto da frente? Está tudo limpo e arrumado lá desde que Rowan partiu. Quer dormir lá? É um belo quarto. - Sua voz estava abafada. Seus olhos, fechados enquanto ele falava. Ele acariciou a mão de Mona com afeto.

- Tudo bem - disse ela.

- Você encontrará algumas camisolas de flanela lá. Eram de Rowan. Presente meu. Ficarão muito compridas. Mas espere um instante, talvez tia Viv ainda esteja acordada. Talvez eu devesse dizer a ela que você está aqui.

- Tia Viv está na cidade alta, com tia Cecília - disse ela, ousando apertar sua mão mais uma vez. Ela começava a se aquecer. - Elas agora são grandes amigas, tia Viv e tia Cecília. Acho que a tia Viv agora é uma Mayfair honorária.

- Aaron. Aaron está no segundo quarto - disse ele, como se pensasse em voz alta.

- Aaron está com tia Bea. Ele e Bea estão tendo um caso. Foram para a suíte dele no Pontchartrain, porque ela é comportada demais para levá-lo para casa.

- Verdade? Bea e Aaron. Puxa, eu nunca percebi.

- Bem, você não perceberia mesmo. Aposto que Aaron em breve também será um Mayfair honorário.

- Isso não seria fantástico? Beatrice é perfeita. Precisamos de uma mulher para Aaron que saiba apreciar um cavalheiro, você não acha? – Seus olhos fecharam-se novamente, como se ele não pudesse impedi-los.

- Tio Michael, não existe uma mulher que não aprecie um cavalheiro.

Ele abriu os olhos.

- Mona, você sabe tudo?

- Não. Eu gostaria de saber, mas também quem é que ia querer saber tudo? Deus deve viver entediado. O que você acha?

- Não consigo chegar a uma conclusão - disse ele, sorrindo novamente. - Você é uma espoleta, Mona.

- Espere para me ver numa camisola de flanela.

- Não vou. Espero que você tranque sua porta e vá dormir. Aaron pode voltar para casa. Eugenia talvez se levante e comece a dar seus passeios incessantes...

- Passeios incessantes?

- Você sabe como são os velhos. Estou com tanto sono, Mona. Você está com sono?

- E se eu morrer de medo sozinha naquele quarto da frente?

- Sem chance.

- O que você disse?

- Você não morre de medo de nada. E você sabe disso, e sabe que eu sei.

- Você tem vontade de dormir comigo, não tem?



- Não.

- Está mentindo.

- Não importa. Não vou fazer o que não devo fazer. Querida, acho que devo ligar para alguém.

- Confie em mim - disse ela. - Vou para a cama agora. Tomaremos o café da manhã juntos. Henri diz que faz uns ovos Benedict perfeitos.

Ele sorriu para ela, distraído, cansado demais para discutir, cansado demais talvez até para se lembrar dos números dos telefones para os quais deveria ligar. Como as drogas eram perversas. Elas faziam com que ele se esforçasse para formar as mais simples construções verbais. Ela as detestava. Nunca tocava em álcool ou em drogas de nenhuma espécie.

Ela queria sua mente afiada como uma foice. Ele riu de repente.

- Como uma foice! - disse, baixinho.

Ah, quer dizer que ele captou o pensamento. Ela teve de se controlar para não reconhecer o fato, já que ele não havia percebido que ela não estivera falando. Ela sorriu. Quis beijá-lo novamente, mas achou que não ajudaria em nada. Provavelmente atrapalharia. Ele voltaria a cair em sono profundo dentro de alguns minutos. Então, quem sabe, depois de um bom banho demorado, ela iria procurar a Vitrola lá em cima.

Ele a surpreendeu ao afastar as cobertas e sair da cama. Caminhou à sua frente, cambaleante, mas obviamente cavalheiresco.

- Vamos, eu lhe mostro onde estão as coisas - disse ele. Mais um bocejo e uma inspiração profunda enquanto ele a conduzia pela porta.

O quarto da frente estava tão bonito quanto no dia do casamento. Havia até mesmo um buquê de rosas brancas e amarelas no consolo da lareira, meio parecido com o buquê que estivera ali naquele dia. E o robe de seda branca de Rowan estava estendido sobre a colcha rosa pálida da cama de dossel, como se ela realmente fosse voltar para casa.

Michael parou por um instante, olhando à sua volta como que esquecido do que pretendia fazer. Ele não estava se lembrando. Ela teria percebido se ele

estivesse se lembrando. Ele estava se esforçando por encontrar um contexto. Era isso o que as drogas faziam com as pessoas: elas eliminavam o contexto de coisas conhecidas.

- As camisolas - disse ele, fazendo um pequeno gesto desanimado na direção da porta aberta do banheiro.

- Eu as procuro, tio Michael. Volte para a cama.

- Você não está mesmo com medo, não é, querida? - Inocente demais.

- Não, tio Michael, e você volte para seu sono.

Ele fixou os olhos nela por algum tempo, como se não conseguisse nem mesmo se concentrar nas palavras que ela dizia. Estava, porém, determinado a ser protetor, a se preocupar adequadamente.

- Se você ficar com medo... - disse ele.

- Não vou ficar, tio Michael. Eu estava brincando com você. - Ela não pôde deixar de sorrir. - A maior parte do tempo é de mim que se deve ter medo.

Ele também não conseguiu reprimir um sorriso. Abanou a cabeça e saiu lançando-lhe um último olhar muito azul e adorável, no qual seu fogo eliminou as drogas por um átimo. Depois, fechou a porta.

O banheiro tinha um encantador aquecedor a gás. Ela o ligou imediatamente. Havia dúzias de toalhas brancas e felpudas na prateleira de vime. Ela então encontrou as camisolas de flanela, em fileiras na prateleira mais alta do closet - camisolas grossas, antiquadas, em alegres estampados floridos.

Escolheu a mais vistosa - uma cor-de-rosa com rosas vermelhas - e abriu a torneira da banheira funda e comprida. Retirou cuidadosamente o laço de tafetá rosa do alto da cabeça, pondo-o sobre a penteadeira ao lado do pente e da escova.

Ai, que casa de sonho, pensou ela. Tão diferente da casa de Amélia Street, com suas banheiras com pés em forma de garras e seu assoalho de tábuas úmidas e apodrecidas; onde as poucas toalhas que restavam estavam gastas e esburacadas, e continuariam assim até que tia Bea trouxesse uma nova remessa de segunda mão. Mona era a única que lavava as toalhas; ela era a

única que lavava qualquer coisa lá, embora a Velha Evelyn varresse o passeio, como chamava a calçada, todos os dias.

Essa casa mostrava o que podia ser feito com amor. Velhos azulejos brancos, sim, mas um tapete novo e espesso cor de ameixa. Acessórios de latão que realmente funcionavam e apliques de pergaminho ao lado do espelho. Uma cadeira com uma almofada cor-de-rosa; um pequeno lustre suspenso do pequeno medalhão no teto, com quatro lâmpadas de vidro rosa em forma de vela.

- E dinheiro, não se esqueça do dinheiro - dissera Alicia a ela há não muito tempo, quando ela expressou em voz alta seu desejo de que Amélia pudesse voltar a ser bela.

- Por que não pedimos dinheiro ao tio Ryan? Somos da família Mayfair. Tem a história do legado! Ora, eu tenho idade suficiente para contratar um empreiteiro, para chamar um bombeiro. Por que tudo está sempre desmoronando por aqui?

Alicia descartara essa idéia com repulsa. Pedir dinheiro às pessoas representava um convite para que elas interferissem. Ninguém em Amélia Street queria a Polícia Mayfair no recinto, queria? A velha Evelyn não gostava de barulho, nem de estranhos. O pai de Mona não queria que ninguém lhe fizesse perguntas. E assim prosseguiram as desculpas.

Por isso, tudo se enferrujava, apodrecia e quebrava, e ninguém fazia nada. Além disso, dois dos banheiros dos fundos já não funcionavam há anos. As cordas das janelas estavam arrebitadas, ou as janelas haviam sido pintadas de modo a não mais abrirem. Ai, a lista era interminável.

Um pequeno mau pensamento surgiu na cabeça de Mona. Quase lhe havia ocorrido antes, quando Michael disse que sua casa era no estilo italiano. O que ele diria do atual estado de coisas em Amélia Street? Talvez ele pudesse dar algumas sugestões, como por exemplo dizer se o reboco no seu quarto ia começar a cair de novo ou não. Ele pelo menos saberia. Era essa sua especialidade, restaurar casas. Ela pensou em levá-lo até lá para ver a casa.

Mas a verdade é que aconteceria o inevitável. Ele acabaria vendo Alicia mais cedo ou mais tarde. Haveria a cena de costume. Tia Bea poderia voltar a aparecer por lá e mais uma vez sugerir um hospital.

No entanto, o que ninguém entendia era que essas hospitalizações eram mais prejudiciais do que benéficas. Alicia voltava mais louca, mais disposta a afogar sua aflição. A reação da última vez havia sido a pior de todas. Ela tentou destruir tudo no quarto de Mona, que ficou parada com as costas protegendo o computador.

- Trancafiou a sua própria mãe? Foi o que você fez! Você e Gifford, sua bruxinha mentirosa, você fez isso comigo, com sua própria mãe! Você acha que eu teria feito uma coisa dessas com a minha mãe? Você é uma bruxa, a velha Evelyn tem razão, você é uma bruxa. Tire esse laço da cabeça. - Depois começaram a brigar, Mona segurando os pulsos de Alicia, forçando-a a recuar.

- Vamos, mamãe! Pare com isso!

E de repente Alicia ficou inerte, como sempre acontecia, só como um saco de batatas jogado no chão, soluçando e batendo com o punho fechado. E o choque de ver a velha Evelyn no portal, o que significava que ela havia feito sozinha a longa caminhada escada acima, o que não era muito bom, e suas palavras severas.

- Não machuque essa criança! Alicia, você é uma bêbada qualquer. Seu marido é um bêbado qualquer.

- Essa criança me machuca! - lamentara-se Alicia.

Não, Mona nunca mais internaria sua mãe num hospital. Mas os outros poderiam interná-la. Nunca se sabe. Melhor não arrastar Michael para aquela confusão, mesmo que ele quisesse ajudá-la a reformar a casa. Risque esse plano. Passe para o próximo.

Quando ela acabou de tirar a roupa, o banheiro já estava tomado por um delicioso vapor quente. Ela desligou as luzes, para que a única iluminação viesse das chamas alaranjadas do aquecedor a gás, e se deixou afundar na banheira de

água quente, soltando o cabelo na água como se fosse Ofélia de novo, ou era isso o que sempre imaginava, flutuando para a morte no famoso córrego.

Virou a cabeça de um lado para o outro para agitar sua longa cabeleira na água, vendo o turbilhão ruivo à sua volta, para que os cabelos ficassem bem limpos. Arrancou os pedacinhos de folhas mortas. Meu Deus! Um desses pedacinhos poderia ter sido uma barata! Que idéia horripilante. Era essa agitação do cabelo na água que o deixava tão encorpado e brilhante depois; o mergulho prolongado e as viradas. Um chuveiro simplesmente o achataria.

Ela gostava da cabeleira com o máximo possível de tamanho e corpo. Sabonete perfumado. Não seria de se esperar? E um frasco de um grosso xampu perolado. Essa gente sabia viver. Isso aqui era como um hotel de luxo.

Ela lavou a cabeça e o corpo devagar, apreciando cada minuto, ensaboando-se delicadamente e depois afundando para enxaguar a espuma do sabonete e do xampu. Talvez pudesse de algum modo restaurar Amélia Street sem convidar todos os donos da verdade da família. Talvez ela conseguisse não devia falar de Patrick e Alicia, que de qualquer jeito todo mundo já sabia.

Mas o que eles iriam fazer quando a velha Evelyn começasse a mandar os operários de volta para casa, ou lhes dissesse que eles não podiam fazer muito barulho?

Era tranquilizadora a sensação de estar limpa. Ela pensou novamente em Michael, o gigante adormecido, ali dentro, na cama da bruxa. Levantou-se e estendeu a mão para apanhar a toalha. Secou o cabelo com vigor, jogando-o para a frente e para trás, adorando a liberdade de estar nua, e então saiu da banheira. A camisola limpa e macia de flanela dava-lhe uma sensação de conforto e segurança, embora fosse naturalmente comprida demais. Por isso, ela a suspendia um pouco, como uma menininha num quadro antiquado. Era assim que a camisola fazia com que se sentisse.

Menininha antiquada era seu disfarce preferido, a um ponto tal que não se tratava absolutamente de disfarce.

Esfregou o cabelo com energia mais uma vez, pegou a escova de cima da penteadeira, olhou-se detidamente no espelho e começou a escovar o cabelo com firmeza a partir da testa até os ombros, para que ele secasse corretamente como deveria.

O aquecedor a gás parecia respirar e formar espirais ao seu redor, tocá-lo suavemente a testa com dedos. Ela apanhou o laço de fita e o prendeu no seu lugar nas costas da cabeça. Só via dois pedacinhos salientes dele. Como chifres do diabo.

- Tio Julien, chegou a hora - sussurrou, fechando firme os olhos. - Dê-me uma pista. Onde devo procurar a Vitrola? - Ela balançava de um pé para o outro, ao estilo de Ray Charles, procurando resgatar um momento nítido de todos aqueles sonhos que se iam desvanecendo.

Chegou aos seus ouvidos um som distante e agudo, mais baixo que o ronco suave do aquecedor a gás, uma canção que ela mal conseguia ouvir.

Violinos? Um som tênue demais para que ela pudesse distinguir quais eram os instrumentos, só que eram muitos, e era... era... Ela abriu a porta do banheiro. Muito ao longe, mas era a valsa da Traviata. Era... a soprano cantando. Ela começou a cantarolar, sem poder resistir, mas depois não ouviu mais nada!

Meu Deus, e se a Vitrola estivesse lá embaixo na sala de estar!

Seguiu descalça pelo corredor, com a toalha sobre os ombros como um xale, e espiou lá para baixo por cima da balaustrada. Chegou-lhe com muita nitidez o som da valsa, mais alto do que jamais havia sido em sonho. A mulher cantava alegre em italiano, e agora vinha o coro por trás, parecendo uma quantidade de pássaros no disco ruidoso.

De repente, seu coração batia forte. Ela levantou a mão e tocou no laço para se certificar de que estava preso com firmeza ao seu cabelo. Depois, deixou a toalha cair numa pequena pilha descuidada e caminhou até o topo da escadaria. Naquele instante, uma luz saltou suave dos portais do salão duplo e foi se intensificando em silêncio enquanto ela descia a escada. O tapete de lã parecia ligeiramente áspero aos seus pés descalços e, quando ela por acaso viu os dedos

dos pés, eles lhe pareceram infantilizados por baixo da flanela, que agora ela precisava suspender, exatamente como uma criança num livro de histórias.

Ela parou. Ao olhar para baixo, viu que o tapete não era mais o de lã vermelha. Era uma passadeira oriental, muito gasta, muito fina. Ela sentiu a mudança na textura. Ou melhor, percebeu que estava parada em algo mais desgastado e foi seguindo a cascata de rosas persas azuis e cor-de-rosa escada abaixo. As paredes estavam mudadas à sua volta. O papel de parede era de um dourado profundo, empoeirado, e lá embaixo um lustre desconhecido pendia do enfeite oval de folhas de gesso do teto do saguão - algo leve, típico de Veneza, que ela não se lembrava de ter visto antes. E esse pequeno lustre tinha velas de verdade acesas.

Ela sentia o cheiro da cera. A canção da soprano prosseguia com seu ritmo confiável, de vaivém, dando-lhe vontade de acompanhar cantando novamente. Seu coração transbordava de felicidade.

- Tio Julien! - sussurrou ela, quase explodindo em lágrimas. Ah, essa era a visão mais estupenda que ela já havia tido! Passeou o olhar pelo saguão. Mais estampas lindas que ela nunca havia visto antes. E pelo primeiro dos portais do salão principal, aquele mesmo portal através do qual uma prima remota havia sido assassinada, dessa mesma escada, ela viu que o salão não era mais o salão do presente e que minúsculas chamas dançavam nos graciosos candelabros de cristal a gás.

Ah, mas o tapete era o mesmo! E lá estavam as poltronas de damasco dourado de Julien.

Ela se apressou a descer, olhando de um lado para o outro à medida que os detalhes chamavam sua atenção - os velhos candelabros de parede, com sua luz de cristal canelado, e os vitrais em volta da enorme porta da frente, que não estavam ali antes.

A música estava agora tão alta quanto a Vitrola conseguia tocar. E olhe só o porta bibelôs repleto de pequenas figuras de cerâmica, o relógio de latão sobre o consolo da lareira da frente e as estátuas gregas sobre o da lareira de trás, e as

cortinas de um aconchegante veludo antigo, lustrosas e franjadas, arrastando-se pelo chão encerado.

Os portais estavam pintados de modo a que parecessem ser de mármore! Da mesma forma, os rodapés. Era aquele tipo antigo de pintura, tão popular no final do século, e a iluminação a gás tremeluzia uniforme no teto coberto de um papel de parede escuro, como se as pequenas chamas estivessem dançando ao ritmo da valsa.

Que falha poderia haver nessa trama? O tapete era o mesmo que havia visto mais cedo, mas isso fazia perfeito sentido, não fazia, já que ele havia pertencido a Julien e lá estavam suas lindas poltronas agrupadas para conversa no exato centro das salas.

Ela ergueu os braços e se descobriu dançando nas pontas dos pés, em círculo, dando voltas e mais voltas, até a camisola estreita se inflar, formando um sino perfeito. Cantou com a soprano, compreendendo o italiano sem esforço, embora essa fosse a mais recente de todas as línguas que aprendera, encantada com o ritmo simples. Depois girou de um lado para o outro loucamente, curvando-se à altura da cintura e jogando o cabelo todo para frente para lhe cobrir o rosto e depois para trás para ele lhe cair sobre as costas. Seus olhos passearam pelo papel de parede marmoreado e amarelado do teto e então, como um borrão, viu o sofá imenso, o sofá novo de Michael, só que ele não tinha a capa de damasco bege, mas sim um veludo dourado, desgastado, como as cortinas suspensas das janelas, suntuoso e aconchegante à luz trêmula.

Michael estava sentado imóvel no sofá, olhando para ela. Ela parou na metade de um passo, com os braços curvados para baixo como os de uma bailarina e sentiu que seus cabelos prosseguiram no movimento e lhe caíam dos ombros. Ele estava com medo. Estava sentado no meio do sofá, com seu pijama de algodão, olhando fixamente para ela, como se ela fosse algo totalmente apavorante ou absurdo. A música não parava nunca, e bem devagar ela respirou fundo, normalizou novamente seus batimentos cardíacos e se aproximou dele, pensando que, se algum dia ela havia visto alguma coisa de realmente



assustadora na sua vida, era a imagem dele, sentado ali nessa sala, com os olhos fixos nela, como se estivesse a ponto de enlouquecer.

Ele não tremia. Era parecido com ela. Não temia nada. Estava só ansioso, perturbado e horrorizado pela visão. Ele a estava vendo, tinha de estar, e estava ouvindo a música. E, quando ela se aproximou e se jogou no sofá ao seu lado, ele se voltou, olhando para ela, com os olhos arregalados num delicado espanto e ela colou a boca na dele, puxou-o para si, e pronto.

Foi ligação direta, com a reação em cadeia a atravessá-la. Ela o agarrara. Ele era seu.

Ele se afastou um instante como se quisesse olhar mais uma vez para ela, como se quisesse ter certeza de que ela estava ali. Seus olhos ainda estavam enevoados dos remédios. Talvez eles agora estivessem sendo úteis - amortecendo sua sublime consciência católica. Ela o beijou novamente, apressada e meio descuidada, e estendeu a mão para o meio das suas pernas. Ah, ele estava pronto!

Os braços de Michael fecharam-se em torno dela, e ele emitiu um ruído suave, queixoso, que era muito típico dele, como querendo dizer agora é tarde, Deus me perdoe ou algo parecido. Ela quase conseguiu ouvir as palavras.

Mona puxou-o para cima de si, afundando mais no sofá, sentindo o cheiro de pó, enquanto a valsa se avolumava e a soprano prosseguia cantando. Ela se esticou por baixo dele enquanto ele se erguia, protetor, e então ela sentiu sua mão, que tremia ligeiramente de um jeito encantador, a rasgar a flanela e a tocar seu ventre e coxa nus.

- Você sabe que há algo mais por aí - disse ela, baixinho, puxando-o com força para baixo. Mas a mão de Michael foi adiante dele, enfiando-se delicadamente nela, despertando-a, quase igual ao acionamento de um alarme contra ladrões, e ela sentiu que suas próprias secreções lhe escorriam entre as pernas.

- Vamos, não consigo me segurar - disse ela, sentindo o fogo queimar seu rosto. - Vem. - Era provável que parecesse selvagem. mas ela não podia se fingir

de menininha nem mais um instante. Ele a penetrou, machucando-a deliciosamente, e então começou o movimento de pistão que a fez jogar a cabeça para trás e quase gritar. - Vem, vem, vem.

- Está bem, sua louca – exclamou ele, num sussurro rouco, e então ela gozou, gozou e gozou, rangendo os dentes, mau agüentando, gemendo e berrando com a boca fechada. E ele também.

Deitou-se para um lado, ofegante, toda molhada como se fosse Ofélia e tivesse acabado de ser encontrada no córrego salpicado de flores. Sua mão estava presa ao cabelo dele, talvez até puxando com força demais. E então um som estridente a assustou, e ela abriu os olhos.

Alguém havia arrancado a agulha da Vitrola. Ela se voltou, da mesma forma que ele, e olhou espantada para a figura pequena e encurvada de Eugenia, a criada negra, parada com ar carrancudo ao lado da mesa, de braços cruzados e com o queixo forçado para a frente.

E de repente não havia Vitrola nenhuma. O sofá era de damasco. A iluminação fraca era elétrica. E Eugenia não estava parada perto de nada, tendo apenas assumido uma postura virtuosa, bem à frente deles, enquanto eles estavam enroscados no sofá.

- Sr. Mike, o que acha que está fazendo com essa criança!

Ele ficou desconcertado, aflito, envergonhado, confuso, provavelmente pronto para cometer suicídio. Saiu de cima dela, amarrando o cordão do pijama e olhando assustado para Eugenia e depois para ela.

Era a hora de ser uma Mayfair. Hora de ser a tataraneta de Julien. Mona levantou-se e foi na direção da velha.

- Você quer manter seu emprego nesta casa, Eugenia? Então, volte agora para seu quarto e feche a porta.

O rosto escuro e enrugado da velha ficou imobilizado por um átimo, numa indignação consciente e depois se amenizou enquanto Mona olhava direto nos seus olhos.

- Faça o que estou mandando. Aqui não há nada com que você deva se preocupar. Mona está fazendo o que Mona quer. E Mona faz bem ao tio Michael, e você sabe disso! Agora, vá embora!

Ela estaria sob o poder de um feitiço, ou teria apenas sido dominada?

Não importava. O poder de uma bruxa era o poder de uma bruxa. A mulher cedeu. Eles sempre cediam. Era quase uma covardia forçá-los a fazer o que ela queria, submetendo-os com o olhar desse modo. Mas era preciso que ela agisse assim.

Eugenia baixou os olhos, insegura, saiu apressada da sala com um caminhar neurótico, retorcido, estranho, e subiu farfalhante as escadas. Que surpresa que ela conseguisse subi-las tão rápido.

E lá estava Michael recostado no sofá, olhando agora para ela com os olhos apertados e muito calmo, como se estivesse procurando recordar o que havia acontecido, piscando um pouco a demonstrar sua confusão.

- Meu Deus, Mona - disse ele, baixinho.

- O que está feito está feito, tio Michael - disse ela, e de repente sua voz fraquejou! Faltou-lhe a força. Percebeu a voz presa; sentiu que estava trêmula. - Agora, deixe-me ir para a cama com você - disse ela, quase em colapso. - Porque estou apavorada de verdade mesmo.

Ficaram deitados na cama imensa no escuro. Ela, com o olhar fixo no cetim pregueado do dossel, perguntando-se para qual estampa Mary Beth teria um dia olhado. Ele estava em silêncio ao seu lado, sonolento e exausto. A porta estava trancada.

- Está acordado? - perguntou sussurrando. Ela queria tanto perguntar o que ele havia visto. Mas não ousava. Mantinha na mente a imagem do salão duplo, como uma venerada fotografia em sépia - será que ela não havia visto fotos assim, com os candelabros a gás e aquelas mesmas poltronas?

- Não pode acontecer de novo, querida - disse ele, grogue. - Nunca, nunca mais. - Ela se aconchegou a ele, mas ele estava com muito sono; e seu coração estava se esforçando um pouco, só um pouco, mas estava são.

- Se é assim que você quer, tio Michael. Mas eu gostaria de ter algo a dizer quanto a essa decisão. - Na cama de Mary Beth, na cama de Deirdre.

Ela se aconchegou ainda mais, sentindo o calor da mão que agora pousava distraída no seu seio.

- Querida - murmurou ele. - Qual era aquela valsa? Aquilo era Verdi? Era La Traviata? Parecia que era, mas... - E adormeceu.

Mona ficou ali sorrindo no escuro. Ele ouvira tudo! Ele estivera lá com ela. Virou-se para ele e beijou seu rosto, com cuidado para que ele não acordasse. Depois adormeceu encostada no seu peito, com um dos braços enfiado no paletó do pijama, sentindo o calor da sua pele.

### **Capítulo 3**

Uma tristonha e interminável chuva de inverno caía sobre San Francisco, lavando delicadamente as ruas íngremes de Nob Hill e encobrendo com um véu de névoa sua curiosa mistura de prédios - a fachada gótica, cinzenta e fantasmagórica da catedral, os edifícios de apartamentos pesados e imponentes ornados de estuque, as altíssimas torres modernas que se erguiam a partir da antiga estrutura do Fairmont Hotel. O céu estava ficando escuro e pesado rapidamente, e o trânsito das cinco horas estava praticamente tão desagradável quanto seria possível.

O Dr. Samuel Larkin passou lentamente pelo Mark Hopkins, embora não soubesse mais como chamavam agora aquele hotel, e desceu pela Califórnia Street, arrastando-se paciente atrás de um bonde lotado e barulhento, a perguntar-se, distraído, quanto à perseverança dos turistas que se agarravam ao veículo, no frio e no escuro, com as roupas encharcadas. Dirigia com cuidado para

não derrapar nos trilhos do bonde - o terror de motoristas forasteiros - e saiu bem à frente do bonde quando o sinal de trânsito mudou.

Começou então sua descida na direção de Market Street, um quarteirão após o outro, passando pela bonita e exótica entrada de madeira de Chinatown, trajeto que ele sempre considerava ligeiramente assustador e belo, e que freqüentemente fazia com que se lembrasse dos seus primeiros anos na cidade, quando se podia ir facilmente de bonde para o trabalho, o Top of the Mark era de fato o ponto mais alto da cidade e não havia por ali absolutamente nenhum daqueles arranha-céus de Manhattan.

Como Rowan Mayfair pôde sequer sair deste lugar, pensou ele. Mas também, Lark só estivera em Nova Orleans umas duas vezes. Mesmo assim, era como voltar as costas a Paris, trocando-a pelo interior; e essa era apenas uma parte da história de Rowan que ele não compreendia.

Quase passou direto pelos portões discretos do Instituto Keplinger. Fez uma curva fechada, entrou com um pouco de excesso de velocidade e mergulhou na escuridão seca da garagem subterrânea. Eram cinco e dez. E seu vôo para Nova Orleans partia às oito e trinta. Ele não tinha um minuto a desperdiçar. Mostrou de relance sua identificação ao segurança, que imediatamente fez uma ligação para verificar as informações e depois o deixou passar com um cumprimento de cabeça.

Novamente, diante dos elevadores, ele teve de se identificar - dessa vez para a voz de uma mulher estrangulada por um alto-falante diminuto abaixo de uma câmera de vídeo. Lark detestava a idéia de ser visto sem poder ver quem o estava vendo.

O elevador levou-o embora rapidamente e sem ruído subindo quinze andares até o laboratório de Mitchell Flanagan. E alguns segundos depois, ele encontrou a porta, viu a luz por trás do vidro esfumado e bateu com força.

- Aqui é o Lark, Mitchell - disse ele em resposta a um murmúrio do outro lado.

Mitchell Flanagan estava com sua aparência de sempre, meio cego e totalmente inepto, espiando Lark através de óculos grossos de armação metálica; sua cabeleira amarela, a peruca perfeita para um espantalho; seu guarda pó do laboratório, empoeirado, mas milagrosamente sem manchas.

O gênio preferido de Rowan, pensou Lark. Bem, eu era seu cirurgião preferido. E então por que estou com ciúmes? Sua atração por Rowan Mayfair estava difícil de erradicar. Qual era o problema se ela havia ido embora para o sul, se havia se casado e agora estava envolvida em alguma assustadora confusão médica? Ele realmente quis levá-la para a cama, sem nunca ter conseguido.

- Entre - disse Mitch, aparentando resistir ao impulso de puxar Lark direto para o corredor acarpetado, onde fileiras de minúsculas lâmpadas brancas delineavam sutilmente tanto o teto quanto o piso.

Este lugar conseguiria me enlouquecer, pensou Lark. Realmente tem-se a impressão de que, quando se abre uma porta, encontram-se seres humanos em gaiolas anti-sépticas.

Mitch ia à frente, passando pelas inúmeras portas de aço, com suas pequenas janelas luminosas, por trás das quais vários ruídos eletrônicos podiam ser ouvidos.

Lark era experiente o suficiente para não pedir para ser admitido a um desses santuários ocultos. A pesquisa genética era totalmente secreta no Keplinger, mesmo para a grande parte da comunidade médica. Essa entrevista particular com Mitchell Flanagan havia sido encomendada e paga por Rowan Mayfair - ou pelo menos pela família Mayfair - a um preço exorbitante.

Mitchell levou Lark até um amplo escritório, com enormes janelas de vidro que se abriam para os prédios apinhados de Lower Califórnia Street e para um vista súbita e impressionante da Bay Bridge. Cortinas transparentes, muito parecidas com mosquiteiros, estavam fixas aos longos tubos cromados acima das janelas, ocultando e amenizando a noite, e fazendo com que para Lark ela parecesse ainda mais próxima e terrível. Suas lembranças de San Francisco antes da era do arranha-céu eram simplesmente nítidas demais. A ponte dava uma

impressão de estar totalmente fora de proporção e, sem dúvida, fora do lugar adequado.

Uma parede coberta de telas de computadores erguia-se de um lado da grande mesa de mogno. Mitchell sentou-se na cadeira de espaldar alto diante de Lark e com um gesto convidou-o a sentar-se na poltrona mais confortável à frente da mesa. O estofamento era num tom de vinho, provavelmente uma seda pesada, e o estilo da mobília era vagamente oriental. Ou isso, ou simplesmente não havia estilo.

Abaixo das janelas e de seu espetáculo da noite apavorante, estavam fileiras e mais fileiras de arquivos, cada um com sua tranca de segredo digital.

O tapete era da mesma cor vinho escura da poltrona, na qual Lark se acomodara. Outras poltronas aqui e acolá eram estofadas na mesma cor, de tal modo que quase desapareciam junto ao piso ou tendo como pano de fundo as paredes de lambris escuros.

O tampo da mesa estava limpo. Atrás do cabelo de espantalho de Mitchell, havia um enorme quadro abstrato que não se parecia com nada além de um espermatozóide nadando feito louco na direção de um ovo fertilizado.

Era, porém, maravilhosamente colorido - cheia de cobalto, laranja claro e verde fosforescente - como se tivesse sido pintado por um haitiano que, depois de se deparar com um desenho sobre o esperma e o ovo em alguma publicação científica, houvesse escolhido essa imagem para modelo, nunca imaginando o que era ou mesmo se importando com isso.

O escritório fedia a dinheiro. O Instituto Keplinger recendia a riqueza.

Era tranquilizador que Mitch parecesse desleixado, incapaz e até um pouco sujo: um cientista louco que não fazia concessões à tirania empresarial ou científica. Ele não se barbeava há pelo menos dois dias.

- Puxa, como estou feliz por você afinal chegar aqui. Eu estava a ponto de enlouquecer. Há duas semanas você joga essa coisa no meu colo, sem nenhuma explicação, a não ser a de que Rowan Mayfair a despachou para você... e de que eu tenho de descobrir tudo o que puder.

- E foi o que você fez? - perguntou Lark. Começou a desabotoar sua capa de chuva e depois desistiu. Pôs a pasta no chão. Havia um gravador dentro dela, mas não queria usá-lo. Ele o inibiria e possivelmente deixaria Mitchell apavorado.

- O que você espera em duas semanas? Vai demorar quinze anos para se mapear o genoma humano, ou você não ouviu falar?

- O que você pode me dizer? Esta não é uma entrevista com o editor de ciência do New York Times. Dê-me uma idéia. Com o que estamos lidando neste caso?

- Você quer esse tipo de especulação? - Mitch fez um gesto indicando o computador. - Quer ver algo em três dimensões e em cores?

- Fale primeiro. Não confio em simulações de computadores.

- Olhe, antes de dizer qualquer coisa, preciso de mais espécimes. Quero mais sangue, tecido, tudo que puder obter. Fiz minha secretária ligar para seu consultório todos os dias sobre esse assunto. Por que não me ligou de volta?

- É impossível obter mais alguma coisa. O que você viu é o que vai lhe chegar às mãos.

- O que você está querendo dizer?

- Você recebeu as únicas amostras às quais eu tenho acesso. Você tem tudo, não posso dar mais nada em termos de sangue, tecido, líquido amniótico ou qualquer outra coisa. Você recebeu tudo que Rowan Mayfair me mandou.

- Então, preciso falar com Rowan Mayfair.

- Impossível.

- Por quê?

- Dá para você desligar essa luz fluorescente que está piscando ali em cima? Ela está me irritando. Você tem uma lâmpada incandescente nesta sala elegante?

Mitchell pareceu espantar-se. Recostou-se como se alguém o houvesse empurrado. Por um instante, ele deu a impressão de não compreender as palavras.



- Ah, sim - disse ele, então. Tocou um painel abaixo da borda da mesa. A lâmpada do teto apagou-se súbita e definitivamente, e um par de pequenos abajures na mesa acenderam-se de imediato, suaves, amarelos, agradáveis. Eles deram vida ao borrador verde-escuro sobre a mesa.

Lark não havia visto o borrador perfeito, imaculado, ou seus cantos de couro. Ou mesmo o telefone negro, silencioso, de formato estranho, agachado ali com seus botões inúmeros e misteriosos como um simbólico sapo chinês.

- Assim melhorou. Odeio aquele tipo de luz - disse Lark. - Agora me diga exatamente o que você sabe.

- Antes você me diz por que não posso falar com Rowan Mayfair; por que não posso obter mais dados. Por que ela não lhe mandou fotografias dessa coisa? Tenho de falar com ela...

- Ninguém consegue encontrá-la. Venho tentando há semanas. Sua família vem tentando desde o dia de Natal. Foi quando ela desapareceu. Vou apanhar o vôo das oito e meia hoje para ir visitar sua família em Nova Orleans. Sou a última pessoa que teve notícias de Rowan. O telefonema que ela me deu há duas semanas é a única evidência atual de que Rowan sequer está viva. Um telefonema, depois os espécimes. Quando entrei em contato com a família, para obter recursos, que foi o que ela pediu que eu fizesse, eles me falaram do desaparecimento. Desde o dia de Natal, ela foi reconhecida uma vez... talvez... numa aldeia na Escócia chamada Donnelaith.

- E o serviço de transporte de encomendas que lhe entregou os espécimes? De onde partiu a remessa? Investigue.

- Já foi feito. Não deu em nada. O serviço recebeu a encomenda de um porteiro de hotel em Genebra, a quem ela foi entregue por uma hóspede no instante em que saía do hotel. A descrição da mulher combina com Rowan, até certo ponto, mas não há nenhuma prova de que Rowan jamais esteve hospedada no hotel, pelo menos não usando seu verdadeiro nome.

- Tudo foi muito sub-reptício. Ela dera ao porteiro instruções quanto ao destino da encomenda alguns dias antes. Olhe, a família investigou tudo isso,

pode acreditar em mim. Eles estão mais ansiosos por encontrar Rowan do que qualquer outra pessoa. Quando liguei para falar nesse assunto, eles quase enlouqueceram. E por isso que estou indo até lá. Querem me ver pessoalmente, estão pagando, e eu tenho o prazer de fazer a gentileza, Mas essa gente pôs detetive em Genebra inteira. Nenhum traço de Rowan. E acredite no que lhe digo, quando essa família não consegue encontrar uma pessoa é porque essa pessoa não pode ser encontrada.

- Como assim?

- Dinheiro. Dinheiro da família Mayfair. Você não pode ter deixado de saber dos planos de Rowan no outono do ano passado para criar o Centro Médico Mayfair. Agora, Mitch, fale. O que são essas amostras? Tenho de chegar a tempo para o voo. Conte com minha sensatez. Se você não se importa com a expressão, relaxe, homem!

Mitchell Flanagan refletiu em silêncio por um instante. Cruzou os braços, com o lábio inferior um pouco saliente e, distraído, tirou os óculos, com os olhos fixos no vazio, colocou-os de novo, como se não conseguisse pensar se não estivesse por trás deles. Ficou olhando atentamente para Lark.

- Está bem. E o que você disse, ou o que você afirma que Rowan disse.

Lark não respondeu. Mas soube que havia registrado sua reação antes de poder se controlar. Manteve-se calado. Queria que Mitch prosseguisse.

- Esse rebento não é Homo sapiens - continuou Mitch. - É primata, é mamífero, é macho, é potente. Tem um incrível sistema imunológico. Parece nos exames finais ter alcançado a maturidade, mas isso não é absolutamente seguro. E ele tem uma forma desconcertante de usar minerais e proteínas. Algo a ver com seus ossos. Seu cérebro é enorme. Ele pode ter fraquezas acentuadas. Enquanto eu não fizer mais exames, não posso saber.

- Faça um quadro com palavras para mim.

- Com base exclusivamente nos raios X, eu diria que ele tem uns setenta quilos de peso ou menos, e que, quando os últimos exames foram feitos no final de janeiro, ele teria mais de um metro e noventa de altura. Sua altura alterou-se

surpreendentemente entre os primeiros raios X tirados no dia 28 de dezembro em Paris e os tirados em Berlim no dia cinco de janeiro. Não houve nenhuma mudança entre o dia cinco e o dia 27 de janeiro. Nenhuma mudança em nenhuma medida. Que é o motivo pelo qual acredito que ele tenha atingido a maturidade, mas não sei. O crânio ainda não está plenamente desenvolvido, mas pode estar no seu estágio de máximo desenvolvimento.

- Quanto ele cresceu entre dezembro e janeiro?

- Sete centímetros e meio. O crescimento ocorreu principalmente nas coxas, com algum crescimento dos antebraços e um levíssimo alongamento dos dedos. Por sinal, suas mãos são muito longas. A cabeça aumentou um pouco de tamanho. Não o suficiente para atrair a atenção, provavelmente. Mas é maior do que uma cabeça normal. Uma palavra sua, e eu lhe mostro no computador o que estou querendo dizer. Mostro-lhe como é sua aparência, como ele se movimenta...

- Não, basta que você fale. E o que mais?

- O que mais? - perguntou Mitch.

- E, o que mais.

- Isso não é o bastante? Lark, você é que tem de explicar tudo isso para mim. Onde esses exames foram feitos? O material é de clínicas de toda a Europa. Quem realizou esses exames?

- Rowan fez os exames, é o que achamos. A Família esteve trabalhando nisso. Mas as clínicas nem chegaram a saber o que estava se passando. Aparentemente, Rowan entrava secretamente com essa criatura, fazia os raios X e desaparecia antes que alguém jamais percebesse que havia um médico clandestino no recinto, ou que seu paciente não era de fato um paciente. Na realidade, em Berlim ninguém se lembra de sequer tê-la visto. Somente a data e a hora gravadas por computador no filme dos raios X confirmam que ela esteve lá. O mesmo vale para as tomografias do cérebro, o eletrocardiograma e a prova de esforço. Ela entrou na clínica em Genebra, dirigiu ela mesma o laboratório para os exames que desejava, não foi questionada por motivos óbvios - guarda-pó branco, voz de autoridade, alemão fluente - e depois apanhou os resultados e foi embora.

- Como isso deve ter sido incrivelmente simples.

- E foi. Todas eram clínicas públicas, e você deve se lembrar de Rowan.

Quem enfrentaria Rowan?

- É, sem sombra de dúvida.

- As pessoas em Paris que a conhecem, por sinal, lembram-se bem dela.

Mas não conseguem nos ajudar a encontrá-la. Não sabem de onde veio ou para onde foi. Quanto ao amigo, ele era "alto, magro, tinha cabelos compridos e usava chapéu".

- Cabelos compridos"! Você tem certeza?

- Tanto quanto a mulher de Paris que contou isso ao detetive da família. -

Lark deu de ombros. - Quando Rowan foi vista em Donnelaith, também foi com um acompanhante magro e alto que tinha longos cabelos negros.

- E você não ouviu mais notícias dela desde a noite anterior ao dia em que ela enviou o material.

- Isso mesmo. Ela disse que entraria em contato assim que pudesse.

- E o telefonema? Algum registro em algum lugar? Ela ligou a cobrar?

- Ela me disse que estava em Genebra. Disse o que eu já lhe transmiti.

Estava desesperada para me mandar o material. Que tentaria despachá-lo antes do amanhecer, que eu deveria trazê-lo até você. Disse que dera à luz a criatura em questão. O líquido amniótico estava nos fragmentos de toalhas. Seu próprio sangue, escarro e cabelos estavam incluídos para que também fossem analisados. Espero que tenha feito essa análise.

- Pode apostar que fiz.

- Como Rowan deu à luz algo que não é um ser humano? Quero tudo que você descobriu, por mais aleatório ou contraditório que seja. Tenho de explicar tudo isso à família amanhã! Preciso explicar tudo isso a mim mesmo!

Mitch fechou a mão direita e a levou até a boca para encobrir uma tosse fraca. Pigarreou.

- Como eu disse, não é Homo sapiens - começou ele, olhando direto para

Lark. - Ele pode aparentar ser Homo sapiens, no entanto. Sua pele é muito mais

plástica. Na realidade, só se encontra pele desse tipo em fetos humanos e aparentemente a criatura manterá essa plasticidade, embora só o tempo possa dizer. O crânio parece ser maleável, como o de um bebê, e isso também pode ser permanente, mas é impossível de se saber. Ele ainda tinha a parte mole, a fontanela, quando foi tirada a última radiografia. Há de fato alguma indicação de que a fontanela seja permanente.

- Deus do céu - exclamou Lark. Não pôde deixar de tocar o alto da sua própria cabeça. As moleiras dos bebês sempre o deixavam nervoso! Mas também Lark não tinha filhos. As mães pareciam acostumar-se ao fato de ter pequeninas criaturas por perto com buracos cobertos por pele nos crânios.

- Essa coisa nunca foi um feto convencional, por sinal - disse Mitch.- As células do líquido amniótico indicam que ele era um minúsculo adulto plenamente desenvolvido ao nascer. Ele provavelmente se desenroscou com uma elasticidade notável e saiu andando de perto da mãe, como um potro ou uma girafinha saem andando após o nascimento.

- Uma mutação total - comentou Lark.

- Não, você pode tirar essa idéia da cabeça de uma vez. Não se trata de nenhuma mutação. Ele parece ser o produto de um processo evolutivo complexo e independente. O produto final de todo um conjunto de mutações casuais e opções ao longo de alguns milhões de anos. Se Rowan Mayfair não tivesse dado à luz essa criatura, e agora, a partir dos espécimes que ela mandou, pois tenho certeza de que foi ela mesma, minha hipótese seria a de que estamos lidando com uma criatura desenvolvida em isolamento total em algum continente desconhecido, algo mais velho do que o Homo erectus ou o Homo sapiens, na realidade muito mais velho, e com todo um espectro de herança genética de outras espécies, que os seres humanos não possuem.

- Outras espécies.

- Isso mesmo. Essa coisa possui sua própria escada evolutiva. Ela não está distante de nós. Evoluiu do mesmo caldo primordial. Mas seu DNA é muito mais complexo. Se você pegasse sua dupla hélice e a achatasse, ela teria o dobro

do comprimento da de um ser humano. A criatura aparenta, pelo menos superficialmente, ter levado consigo escada acima todo tipo de semelhança com formas inferiores de vida que nós, como humanos, já não temos. Apenas comecei a decompô-la. É esse o problema.

- Você pode trabalhar mais rápido? Pode fazer mais descobertas?

- Lark, não é apenas uma questão de velocidade. Estamos apenas começando a compreender o genoma humano, o que é um gene sem valor e o que é um gene verdadeiro. Como podemos analisar o genótipo dessa coisa? Ele tem noventa e dois cromossomos, por sinal, ou seja, o dobro do número de um ser humano normal. A composição das membranas das suas células é obviamente muito diferente da nossa, mas de que modo não posso lhe dizer, já que não posso dizer muita coisa sobre nossas próprias membranas celulares porque também ninguém sabe do que elas se compõem. É esse o ponto principal aqui. Os limites do que eu sei sobre esse ser são os limites do que eu sei sobre nós. Mas ele não é da nossa espécie.

- Ainda não compreendo por que ele não pode ser um mutante.

- Lark, é um afastamento excessivo. Está totalmente além da órbita da mutação. Ele é perfeitamente organizado e completo em si mesmo. Não se trata de nenhum acidente. E seu desenvolvimento é simplesmente belo demais, assim como está. Pense em termos de similaridades entre cromossomos. O homem e o chimpanzé têm 97% de semelhança. Essa coisa não tem mais de 40% no máximo. Já realizei testes imunológicos simples com seu sangue, que provam o que digo. Isso quer dizer que ele se afastou da árvore da família humana há milhões de anos, se é que ele um dia fez parte dessa família. Creio que não. Creio que ele vem de uma família totalmente diferente.

- Mas como Rowan pôde ser a mãe? Quer dizer, não se pode simplesmente...

- A resposta é tão surpreendente quanto simples. Rowan também tem noventa e dois cromossomos. Exatamente o mesmo número de exons e íntrons. O

sangue, o líquido amniótico e o tecido que ela enviou confirmam esse fato. Tenho certeza de que ela mesma chegou a imaginar isso.

- E os dados antigos de Rowan? Ninguém nunca notou que essa mulher tinha o dobro dos cromossomos humanos?

- Verifiquei tudo através de amostras de sangue do seu último checkup arquivadas no University Hospital. Ela tem noventa e dois cromossomos, embora não haja nenhuma evidência no restante do seu quadro físico a indicar que esses cromossomos extras estivessem mais do que latentes no seu caso. Ninguém nunca percebeu porque ninguém nunca fez um mapeamento genético de Rowan. Quem faria isso? Com que finalidade? Rowan nunca ficou doente um dia sequer na vida.

- Mas alguém...

- Lark, o mapeamento genético está dando os primeiros passos. Há gente que se opõe terminantemente a realizá-lo para quem quer que seja. Existem milhões de médicos no mundo inteiro que não fazem a menor idéia do que está nos seus próprios genes. Meu avô morreu de coréia de Huntington. Meus irmãos não querem saber se são portadores do gene que a provoca. Nem eu. É claro que mais cedo ou mais tarde vou me submeter ao exame. Mas a questão é que a pesquisa genética mal está começando. Se essa criatura tivesse surgido há vinte anos, teria passado por humana. Teria parecido ser algum tipo de aberração.

- Quer dizer que você está me dizendo que Rowan não é um ser humano?

- Não, ela é humana. Sem a menor dúvida. Como eu estava tentando explicar, todos os exames feitos com ela ao longo da vida foram normais. Seu histórico pediátrico, tudo normal, ritmo de crescimento normal. O que quer dizer que todo esse conjunto de cromossomos adicionais nunca foi acionado durante seu desenvolvimento... até que essa criança começou a se desenvolver no seu útero.

- E o que aconteceu então?

- Suspeito que sua concepção tenha detonado algumas reações químicas complexas em Rowan. É por isso que o líquido amniótico é tão cheio de todo tipo de nutrientes. O líquido era denso de tantas proteínas e aminoácidos.

- Há alguma evidência de que uma substância fundamental permaneceu com essa criatura em desenvolvimento muito após o estágio embrionário. E o leite materno? Você soube que houve leite materno? Não tem nem a densidade nem a composição normais. Contém uma quantidade infinitamente maior de proteínas do que o leite humano. Mas, mais uma vez, vou levar meses, talvez anos, para analisar tudo isso. Estamos lidando com uma placenta de um tipo totalmente novo. E eu mal tenho o que preciso para começar.

- Rowan era normal - disse Lark. - Rowan dispunha de um grupo de genes aparentemente inúteis. Quando ocorreu a concepção, esses genes foram acionados para dar início a certos processos.

- É. O genoma humano normal funcionava bem e de modo uniforme nela, mas ela possuía esses genes adicionais entrelaçados na espiral dupla, à espera de que algum tipo de detonador fizesse com que seu DNA começasse suas instruções.

- Vocês estão conseguindo clonar esse DNA?

- Claro que sim. Mas, mesmo na velocidade que essas células se multiplicam, isso leva tempo. E por sinal, existe um outro aspecto curioso nessas células. Elas são resistentes a todos os vírus que lancei sobre elas. São resistentes a todas as cepas de bactérias. Mas são também extremamente elásticas. Tudo está na membrana, como eu disse antes. A membrana não é humana. E, quando essas células morrem, sob calor ou frio intensos, elas apresentam a tendência a não deixar nenhum tipo de resíduo.

- Elas se encolhem? Desaparecem?

- Digamos que elas se contraíam. E nisso tem-se um dos aspectos mais intrigantes da tal coisa. Se há outros semelhantes na face da terra, eles não deixaram nenhuma evidência fóssil pelo simples motivo de que os restos



costumam se contrair e desintegrar com uma rapidez muito maior do que a dos restos humanos.

- Evidência fóssil? Por que de repente estamos falando de fósseis? Num minuto temos um monstro...

- Não, nunca tivemos um monstro. Temos um tipo diferente de primata planetário, um que tem vantagens enormes. Aparentemente, suas próprias enzimas o dissolvem no instante da morte. E os ossos, essa já é toda uma outra questão. Os ossos parecem não ter endurecido. Não sei ao certo. Gostaria de ter uma equipe trabalhando nisso. Gostaria de ter toda a instituição...

- E esse material é compatível com o nosso próprio DNA? Quer dizer, pode-se partir a cadeia e combiná-la com nosso...

- Não. Meu Deus, vocês cirurgiões são gênios. Quarenta por cento de semelhança não são o suficiente. Não se pode cruzar ratos com macacos, Lark. E há mais alguma reação violenta ocorrendo. Talvez apenas um excesso de instruções genéticas conflitantes sendo dadas pelo seu DNA. Não sei mesmo. Mas tenho certeza absoluta de que eles não combinam. Não consegui fazer uma cultura dele com nenhuma célula humana. Mas isso não significa que não possa ser feito. A coisa pode ter surgido em decorrência de rapidíssimas mutações repetitivas dentro dos nucleotídeos de um dado gene.

- Volte um pouco. Não consegui acompanhar. Como você acabou de dizer, sou cirurgião.

- Eu sempre soube que vocês não sabiam realmente o que estavam fazendo.

- Mitch, se soubéssemos o que estávamos fazendo, como poderíamos fazê-lo? Quando você precisar de nós, e peça a Deus para não precisar, você irá nos abençoar pela nossa ignorância, nosso senso de humor e nossa pura audácia. Agora... essa coisa... será que pode procriar com humanos?

- Não, a não ser que sejam como Rowan. Eles precisam ter os quarenta e seis cromossomos latentes. Motivo pelo qual temos de entrar em contato com Rowan e realizar todo tipo de exame possível.

- Mas essa coisa poderia procriar com Rowan, não?

- Com a mãe? É. É provável que possa! Mas ela sem dúvida não é louca o suficiente para tentar isso.

- Ela disse que a coisa já a havia engravidado e que ela havia tido um aborto natural. Ela suspeitava que estava grávida de novo.

- Ela lhe disse isso?

- Disse. E eu tenho de resolver se posso ou não posso transmitir isso à família, à família Mayfair, que está a ponto de construir o maior centro exclusivo para neurocirurgia e pesquisa dentro dos Estados Unidos.

- E... O grande sonho de Rowan. Mas voltando a falar na família, quantos eles são? Existem irmãos e irmãs que possam ser examinados? E a mãe de Rowan? Está viva? O pai está vivo?

- Ela não tem irmãos nem irmãs. O pai e a mãe morreram. Mas há na família um grande número de primos e um excesso de consangüinidade. Não, é quase como se a consangüinidade fosse planejada, e as pessoas não sentem exatamente orgulho disso. Não querem submeter-se a exames genéticos. Já foram abordadas no passado.

- Mas poderia haver outros portadores dessa carga cromossômica adicional. E o pai da criatura... o homem que engravidou Rowan! Ele tem de ter os noventa e dois cromossomos.

- Tem mesmo? O homem era o marido dela. Você tem certeza disso?

- Certeza absoluta.

- Vamos falar nele num instante. Existem montes de dados sobre ele. Fale-me do cérebro da criatura. O que você viu nas tomografias computadorizadas?

- Ele é cinquenta por cento maior do que o cérebro humano. Um crescimento fenomenal ocorreu nos lobos frontais entre as tomografias feitas em Paris e as de Berlim. Eu apostaria que a criatura tem capacidades lingüísticas e verbais imensas. Mas isso é só uma suposição. E há algo de extremamente complexo no que diz respeito à sua audição. Superficialmente, temos todos os

indícios de que ele ouve sons que os humanos não ouvem. Bem parecido com os morcegos, ou animais marinhos. Na realidade, esse ponto é importantíssimo. Seu olfato é também altamente desenvolvido, ou pelo menos há condições para que se desenvolva. Nunca se sabe. Você sabe o que é tão maravilhoso nessa criatura? Que seu fenótipo seja tão semelhante a outros. Ela evoluiu de uma forma totalmente diferente, exigindo três vezes mais proteína do que um ser humano normal, criando seu próprio tipo de lactase, que é muito mais acidífera, e no entanto acabou tendo uma aparência muito semelhante à nossa.

- Como você resumiria tudo isso?

- Não sei. Vamos voltar ao homem que engravidou Rowan. O que sabemos dele?

- Tudo o que poderíamos querer saber. Ele morava em São Francisco. Era famoso antes de se casar com Rowan. O San Francisco General fez todos os tipos concebíveis de exames com ele. Ele acaba de sofrer um ataque cardíaco em Nova Orleans. Podemos ter acesso imediato aos seus dados mais recentes. Podemos fazer isso sem pedir sua permissão, mas vamos pedi-la. Se ele tiver os noventa e dois cromossomos... bem, se ele...

- Ele tem de ter.

- Mas Rowan disse alguma coisa sobre um fator externo. Disse que o pai era normal. Disse mesmo que o amava. Era seu marido. Ela começou a ficar perturbada ao telefone. Foi mais ou menos na hora em que ela encerrou a conversa. Disse-me para procurar a família para obter recursos e depois desligou. Até hoje não sei ao certo se nossa conversa não foi interrompida.

- Ah, eu sei quem é esse homem! É claro. Todo mundo falava nisso. Foi o cara que Rowan salvou no mar.

- Exatamente, Michael Curry.

- É, Curry. Ele voltou do outro lado com um poder paranormal nas mãos. Ah, como quisemos fazer alguns exames com ele. Cheguei a tentar procurar Rowan a respeito disso. Vi os artigos nos jornais.

- É. É esse homem mesmo.

- Ele voltou para Nova Orleans com Rowan.
- Mais ou menos.
- Eles se casaram.
- Decididamente.
- Capacidade paranormal. Você não percebe o que isso significa?
- Bem, eu sei que se imaginava que Rowan tivesse essa capacidade.

Sempre a considerei uma excelente cirurgiã, mas outras pessoas insistiam no fato de ela possuir um talento para a cura, um dom para o diagnóstico e só Deus sabe o que mais. Não, o que significa a capacidade paranormal?

- Esqueça essa história de magia negra. Estou pensando em marcadores genéticos. Essa capacidade paranormal poderia ser um desses marcadores. Ela poderia ocorrer sempre que ocorrem os noventa e dois cromossomos. Ah, essa é realmente uma pergunta do que veio antes, a galinha ou o ovo. Meu Deus, se ao menos houvesse dados disponíveis sobre os pais dessas pessoas! Olhe, você tem de convencer a família a permitir alguns exames.

- Difícil. Eles estão familiarizados com os estudos genéticos que foram realizados com os membros da comunidade amish. Ouviram falar de estudos dos mórmons de Salt Lake. Sabem os efeitos de todas essas pesquisas genéticas, e não sentem orgulho de toda a sua consangüinidade. Pelo contrário, trata-se de uma espécie de grande piada na família e de um imenso constrangimento para eles. E continuam a fazer casamentos consangüíneos. É constante o casamento entre primos, exatamente como na família Wilkes em E o vento levou.

- Eles têm de cooperar. Isso é importante demais. Estou me perguntando se essa coisa maldita poderia saltar uma geração. Quer dizer... as possibilidades me deixam tonto. Quanto ao marido, podemos conseguir seus dados neste exato instante?

- Deixe-me falar com ele. É sempre melhor procurar ser gentil. Mas dados estão no San Francisco General, e não há nada que o impeça de pegar o telefone assim que eu sair daqui. Curry permitiu que eles o estudassem. Ele queria saber o que era realmente esse seu dom com as mãos. Ele poderia ter deixado que você

o examinasse se tivesse chegado a tempo. A imprensa como que o empurrou para o isolamento. Ele não parava de ver imagens, de saber coisas sobre as pessoas. Acho que ele acabou usando luvas para fazer com que as imagens parassem de brotar na sua cabeça.

- É isso mesmo. Arqueei o caso todo - disse Mitch. Ele parou, como se estivesse bloqueado por um instante, abriu a gaveta da mesa, tirou um enorme bloco amarelo de papel ofício coberto com textos rabiscados e, tirando a caneta do bolso, passou a escrever aos garranchos um recado quase indecifrável para si mesmo. Começou a falar baixinho e depois pigarreou. Lark esperou e, quando ficou claro que Mitch estava totalmente fora de contato, chamou-o de volta.

- Rowan disse alguma coisa sobre uma interferência durante o nascimento da criatura. Uma possível interferência química ou térmica. Ela não quis explicar sobre o que estava falando.

- Bem - disse Mitch, ainda escrevinhando e passando os dedos da mão esquerda pelo cabelo liso e seco. - Houve obviamente atividade térmica; e a atividade química foi enorme. Nesses trapos, há também algum outro fluido. Em quantidade. Parece colostro, sabe, aquilo que vem antes que a mulher comece a amamentar; só que é diferente também. Muito mais denso, mais acidífero, cheio de nutrientes como o leite, mas com uma composição própria. Com muito mais lactase. Mas, voltando à sua pergunta, houve interferência, sim, mas é difícil determinar sua origem.

- Poderia ter sido psíquica?

- E você me pergunta? Esta é uma conversa particular? Não vamos telefonar para a National Enquirer quando sairmos daqui? É claro que poderia ter sido psíquica. Você sabe tão bem quanto eu que se pode medir o calor emitido pelas mãos de pessoas portadoras do chamado dom da cura. Poderia ser paranormal, sim. Puxa, Lark, tenho de encontrar Rowan e essa criatura. Preciso. Não posso simplesmente ficar aqui sentado e...

- É exatamente isso o que você tem de fazer. Ficar aqui sentado com esses espécimes, cuidar que nada aconteça a eles. Continuar a clonar o DNA e a

analisá-lo de todos os pontos de vista. E amanhã eu ligo para você de Nova Orleans com a permissão de Michael Curry para que seu sangue seja examinado.

Lark ergueu-se, segurando firme a alça da pasta.

- Espere aí, você disse alguma coisa sobre Nova York. Que havia algum material em Nova York.

- Ah, sim, Nova York. Quando Rowan deu à luz essa criatura, houve muito sangue. Depois houve a questão do seu desaparecimento. Isso foi no dia de Natal. O legista de Nova Orleans recolheu todos os tipos de evidências legais. Tudo foi encaminhado ao International Genome, em Nova York.

- Meu Deus. Eles devem estar ficando doidos.

- Não sei se alguma pessoa já conseguiu reunir todos os dados. Até agora, a família recebeu relatórios dispersos que corroboram o que você já descobriu: anormalidade genética na mãe e na criança. Quantidades aberrantes de hormônio de crescimento humano; enzimas diferentes. Mas você está um passo à frente deles. Você tem as radiografias e as tomografias.

- A família está transmitindo todas essas informações para você?

- Está. Uma vez que eles perceberam que eu havia falado diretamente com Rowan. Ela me deu alguma senha para que eles financiassem o seu trabalho aqui. Quando eles perceberam que eu era a última pessoa a ter conversado com Rowan, passaram a cooperar. No entanto, creio que eles não compreendem o que está envolvido no caso e que podem abandonar sua atitude colaboradora depois que eu lhes explicar tudo isso. Mas neste exato momento, eles farão absolutamente qualquer coisa para encontrar Rowan. Estão profundamente preocupados com ela. Vão me esperar no aeroporto e, como meu avião estava no horário da última vez que eu verifiquei, tenho de ir embora. Já estou indo.

Mitch deu a volta à mesa, apressado, e acompanhou Lark até a porta do escritório e ao longo do corredor, com suas longas faixas horizontais de iluminação decorativa.

- Mas o que é que eles têm em Nova York? Têm o que eu tenho?

- Têm muito menos do que você tem - disse Lark. - A não ser por uma coisa. Eles têm a placenta.

- Preciso dela.

- Você a terá. A família vai liberá-la para você. E ninguém em Nova York chegou a montar o quebra-cabeça, como eu lhe disse. Mas há um outro grupo envolvido.

- Do que você está falando? Onde?

Lark parou diante da porta que dava para o corredor externo. Pôs a mão na maçaneta.

- Rowan tinha alguns amigos numa organização chamada Talamasca. Um grupo de pesquisa histórica. Eles também retiraram amostras do local do nascimento e do desaparecimento.

- Tiraram mesmo?

- Tiraram. Não sei o que aconteceu a esses espécimes. Só sei que essa organização tem extremo interesse pela história da família Mayfair. Eles dão a impressão de sentir um interesse de proprietário. Estiveram ligando para mim noite e dia sobre esse assunto desde que eu entrei em contato com a família. Estarei com um deles, Aaron Lightner, amanhã de manhã em Nova Orleans. Vou descobrir se eles sabem mais alguma coisa.

Lark abriu a porta e caminhou na direção do elevador, Mitch vindo atrás dele, apressado e desajeitado, com seu costumeiro olhar confuso e fora de foco, enquanto Lark apertava o botão e as portas do elevador se abriam.

- Agora tenho de ir, rapaz - disse Lark. - Quer vir junto?

- Nem pensar. Vou voltar direto para o laboratório. Se você não me ligar amanhã...

- Eu vou ligar. Por enquanto, tudo isso fica...

- ... estritamente confidencial. Confidencial mesmo. Existe alguma coisa no Instituto Keplinger que não seja secreta? Esse é um segredo enterrado numa floresta de segredos. Não se preocupe com esse lado. Ninguém tem acesso àquele computador no meu escritório a não ser eu mesmo. Ninguém conseguiria

encontrar os arquivos se conseguisse obter acesso. Não se preocupe. Isso é rotina no Instituto Keplinger. Um dia eu lhe conto algumas das nossas histórias... com nomes e datas alterados, é claro

- Está bem. Amanhã eu ligo.

Lark segurou a mão de Mitch.

- Não me deixe sem resposta, Lark. Essa coisa poderia procriar com Rowan! E se isso acontecesse...

- Eu vou ligar.

Lark teve um último vislumbre de Mitch, parado ali, com o olhar fixo, antes que as portas do elevador se fechassem. Lembrou-se das palavras de Rowan ao telefone. "Tem um cara no Instituto Keplinger a quem se pode confiar esse assunto. Você tem de encontrá-lo. Mitch Flanagan. Diga-lhe que eu falei que ele não estaria perdendo tempo."

Rowan estava certíssima sob esse aspecto. Mitch era sem dúvida esse tipo de pessoa. Lark não tinha o que temer por esse lado. No entanto, enquanto seguia para o aeroporto, ele sentiu muito medo por Rowan. Imaginara que ela estivesse fora do seu juízo perfeito quando ouviu sua voz no telefonema internacional e seus avisos de que a chamada poderia ser interrompida repentinamente.

O problema era que tudo isso estava sendo muito emocionante para Lark. Desde o começo. O telefonema de Rowan, os próprios espécimes, a subsequente série de descobertas, mesmo essa absurda família de Nova Orleans.

Lark nunca vivenciara nada semelhante na vida. Ele desejava sentir mais preocupação e menos empolgação. Estava partindo numa aventura, tirando umas férias da sua vida no University Hospital sem data prevista de retorno. E ele não podia esperar para conhecer essas pessoas em Nova Orleans, para ver a casa herdada por Rowan naquela cidade, e o homem com quem se casara, a família pela qual Rowan havia renunciado a toda a sua carreira médica.

Estava chovendo mais forte na hora em que ele chegou ao aeroporto.



Mas Lark há anos viajava com qualquer tipo de tempo, e isso não significava nada para ele, não mais do que neve em Chicago ou monções no Japão. Apressou-se até o balcão da primeira classe para apanhar sua passagem e estava a caminho do portão de embarque em poucos minutos, cronometrando sua chegada com exatidão. O voo para Nova Orleans estava agora em processo de embarque.

É claro que ele percebia a existência de todo o problema dessa criatura em si. Ele ainda não começara a isolar esse mistério do mistério de Rowan e da família. E pela primeira vez, teve de admitir para si mesmo não ter certeza da sua crença na existência da criatura. Sabia que Rowan existia. Mas esse filho? Percebeu, então, outra coisa. Mitch Flanagan acreditava piamente que a criatura existia. Da mesma forma que a Talamasca, que não parava de ligar para ele. E a própria Rowan acreditava!

É claro que a coisa existia. Havia tanta comprovação da sua existência quanto há da peste bubônica. Lark foi o último a chegar ao portão. Bela cronometragem, pensou mais uma vez. Sem espera, sem ficar parado. No instante em que entregou a passagem à jovem aeromoça, alguém segurou seu braço.

- Dr. Larkin.

Ele viu um homem alto e robusto, muito jovem, louro, com olhos quase sem cor.

- Sim, sou o Dr. Larkin - respondeu. O que queria dizer era agora não.

- Erich Stolov. Falei com o senhor por telefone. - O homem apresentou um pequeno cartão branco a Lark, que não tinha a mão livre para recebê-lo. A aeromoça apanhou, então, sua passagem, e ele recebeu o cartão.

- Talamasca, foi o que me disse.

- Onde estão os espécimes?

- Que espécimes?

- Os que Rowan lhe mandou.

- Olhe, não posso...

- Por favor, diga-me onde estão, agora.

- Lamento. Não vou fazer nada semelhante. Agora, se quiser me ligar em Nova Orleans, estarei me encontrando com seu colega, Aaron Lightner, lá amanhã à tarde.

- Onde estão os espécimes? - repetiu o rapaz, deslizando de repente para a frente de Lark, de modo a bloquear o acesso ao avião. Lark baixou a voz, falando entre dentes.

- Saia da minha frente. - Ficou furioso, de uma forma instantânea e irreparável. Teve vontade de empurrar o cara contra a parede.

- Senhor, por favor - disse a aeromoça, com muita calma, a Stolov. - A menos que tenha uma passagem para este vôo, terá de sair do portão de embarque agora.

- Isso mesmo. Saia do portão - disse Lark, com a raiva aumentando. - Como ousa me abordar dessa maneira! - E então ele passou pelo rapaz com um empurrão e desceu veloz a rampa, com o coração batendo forte e o suor escorrendo por baixo da roupa.

- Maldito filho da puta! Que audácia! - resmungou alto.

Cinco minutos após a decolagem, ele estava no telefone celular. A ligação estava abominável, mas ele conseguiu entrarem contato com Mitch.

- Simplesmente não diga nada a ninguém sobre isso - repetiu diversas vezes.

- Já entendi - disse Mitch.- Ninguém sabe de nada, eu garanto. Tenho cinquenta técnicos trabalhando em cinquenta peças do quebra-cabeça. Sou o único que vê o quadro completo. Ninguém entrará neste prédio, neste escritório ou terá acesso a estes arquivos.

- Mitch, amanhã eu ligo para você. - Lark desligou. - Que filho da mãe mais arrogante - sussurrou enquanto guardava o fone. E Lightner lhe ligou muito formal, quando se falaram por telefone. quem era essa gente, essa Talamasca?

E será que eles eram realmente amigos de Rowan Mayfair como alegavam ser? Simplesmente não pareciam. Recostou-se. Procurou reexaminar

toda sua longa conversa com Mitch; procurou recordar sua conversa telefônica com Rowan. Evolução molecular; DNA; membranas celulares. Tudo isso o assustava e o fascinava. A aeromoça pôs mais um drinque na sua mão. Um belo Martini duplo, que ele nem havia precisado pedir. Tomou um bom gole gelado. Lembrou-se, então, com um sobressalto de que Mitch lhe dissera que podia criar uma projeção computadorizada em três dimensões da aparência da criatura. Por que cargas d'água não dera uma olhada? É claro que tudo o que teria visto seria algum desenho maluco a néon na tela, um esboço. O que Mitch sabia da verdadeira aparência da criatura? Ela seria feia, por exemplo? Ou bonita?

Descobriu-se tentando imaginar esse ser magricela com o cérebro enorme e as mãos incrivelmente longas.

## **Capítulo 4**

Faltava uma hora para a quarta-feira de cinzas. Tudo estava em silêncio na pequena casa no litoral do Golfo com suas numerosas portas abertas para a praia branca. As estrelas pareciam baixas acima do horizonte escuro e distante, uma simples pincelada de luz entre o céu e o mar. O vento suave atravessava os pequenos aposentos da casa, com seu pé direito baixo, trazendo um frescor tropical a cada recanto, embora a própria casa estivesse fria.

Gifford não estava ligando. Enrolada num enorme e comprido suéter de lã Shetland com gola apertada junto ao pescoço, e com as pernas abrigadas em meias de lã, ela apreciava o frio da brisa tanto quanto o calor feroz e concentrado proveniente da lareira acesa. O frio, o cheiro do mar, o cheiro da lareira - tudo isso era o inverno na Flórida para Gifford, seu esconderijo, seu refúgio, o lugar onde se sentia segura.

Deitou-se no sofá em frente ao fogo, com os olhos fixos no teto branco, observando o jogo das luzes nele e se perguntando o que havia em Destin que a deixava tão feliz: por que o lugar sempre representara uma fuga tão perfeita da tristeza perpétua da sua vida em casa? Ela herdara essa pequena casa de praia

da sua bisavó por parte de pai, Dorothy, e ao longo dos anos passara seus momentos de maior satisfação ali.

Agora, porém, Gifford não estava feliz. Estava só um pouco menos aflita do que teria estado se tivesse ficado em Nova Orleans para a terça-feira de Carnaval, e ela sabia. Conhecía essa aflição. Conhecía essa tensão. Sabia que não poderia ter ido à velha casa de First Street na terça-feira de Carnaval, por mais que tivesse desejado ir ou por mais culpada que se sentisse por ter fugido.

A terça-feira de Carnaval em Destin, Flórida. Podia ter sido qualquer outro dia do ano. Tudo limpo e em silêncio, distante de toda a feiúra dos desfiles, das multidões, do lixo acumulado em St. Charles Avenue, dos parentes bebendo e discutindo e do seu querido marido, Ryan, comportando-se como se Rowan Mayfair não tivesse fugido e abandonado o marido, Michael Curry, como se não tivesse havido algum tipo de luta sangrenta no dia de Natal em First Street, como se tudo pudesse ser amenizado, silenciado e reforçado por uma série de cuidados pronunciamentos e previsões legais, quando na verdade tudo estava desmoronando.

Michael Curry quase havia morrido no Natal. Ninguém sabia o que havia acontecido a Rowan. Tudo era aterrador demais, e todos tinham consciência disso. Mesmo assim, todos queriam reunir-se na terça-feira de Carnaval na casa de First Street. Bem, teriam de contar a Gifford como tudo correu.

É claro que o imenso legado Mayfair em si não corria nenhum perigo real. Os gigantescos fundos de ações da própria Gifford não corriam perigo. O que estava sendo ameaçado era o Estado de Espírito Mayfair - a disposição coletiva de cerca de seiscentos parentes moradores da cidade, alguns primos entre si três e quatro vezes, estado de espírito que havia sido levado às alturas com o casamento de Rowan Mayfair, a nova herdeira do legado, e depois lançado às profundezas do inferno pela sua repentina deserção e pelo evidente sofrimento de Michael Curry, que ainda estava se recuperando do ataque cardíaco sofrido no dia 25 de dezembro. Pobre Michael. Envelhecera dez anos no mês de janeiro, aos olhos de Gifford.

A reunião nessa terça-feira de Carnaval na casa havia sido um ato, não de fé, mas de desespero: uma tentativa de se agarrar a um otimismo e a um entusiasmo que numa tarde de horror tornara-se impossível manter. E que coisa medonha haviam todos eles feito com Michael. Será que ninguém se importava com o que o homem sentia? Imagine. Cercá-lo com a família de Rowan como se tudo estivesse normal, quando a própria Rowan estava desaparecida. Toda essa história era típica da família: decisões inconvenientes, falta de educação, falta de moral. Tudo disfarçado de algum tipo de elevada atividade ou confraternização familiar.

Não nasci humana. Nasci Mayfair, Gifford pensou. E me casei com um Mayfair, e dei à luz outros Mayfair; e terei sem dúvida uma morte Mayfair, e eles se apinharão na casa funerária, chorando ao estilo Mayfair. E o que terá sido a minha vida? Ultimamente, esse era um freqüente pensamento seu, mas o desaparecimento de Rowan quase fora demais para ela. Até onde poderia agüentar? Por que ela não avisara a Rowan e Michael que não se casassem, que não fossem viver naquela casa, que nem mesmo permanecessem em Nova Orleans?

Além disso, havia toda a questão do Centro Médico Mayfair - o gigantesco complexo de pesquisa em neurologia que Rowan estivera arquitetando antes da sua partida, um empreendimento que despertara o entusiasmo de centenas de membros da família, especialmente do filho mais velho e preferido de Gifford, Pierce, que agora estava desolado com o fato de o centro médico e tudo o mais que dissesse respeito a Rowan estar em suspenso por prazo indeterminado. Shelby também estava arrasada, apesar de, por ainda estar fazendo seu curso de direito, nunca ter estado tão envolvida assim. E até mesmo Lilia, a caçula de Gifford e a mais distante, agora em Oxford, havia escrito para casa para dizer que deviam a qualquer custo prosseguir com a idéia do centro médico.

Gifford sentiu uma súbita tensão no corpo inteiro, enquanto mais uma vez tentava armar o quebra cabeça só para ficar assustada com o quadro e convencida de que algo tinha de ser feito, revelado, descoberto!

E ainda havia o destino final de Michael. Qual deveria ser? Diziam que ele estava se recuperando. Mas como poderiam contar a Michael exatamente em que pé estavam as coisas sem provocar uma recaída? Michael poderia sofrer mais um ataque, um que poderia ser fatal.

Portanto, o legado Mayfair destruiu mais um homem inocente, pensou Gifford, amarga. Não é de surpreender que só nos casemos com primos. Não queremos trazer incautos aqui para dentro. Quando alguém se casa com um Mayfair, esse alguém também deveria ser um Mayfair. Já se tem muito sangue nas mãos.

Quanto à idéia de Rowan estar enfrentando um perigo real, de que Rowan havia de algum modo sido forçada a partir no dia de Natal, de que algo pudesse ter acontecido a ela, esse pensamento era terrível demais para Gifford suportar. No entanto, Gifford tinha bastante certeza de que algo havia acontecido a Rowan. Algo realmente medonho. Todos podiam sentir isso. Mona tinha um pressentimento, e quando a sobrinha de Gifford, Mona, sentia alguma coisa, você tinha de prestar atenção. Mona nunca havia sido uma Mayfair melodramática e escandalosa, que alegasse ter visto fantasmas no bonde de St. Charles. Na semana passada, Mona dissera que achava que ninguém devia ficar contando com a volta de Rowan; que se queriam o centro médico, deviam seguir em frente sem ela.

E imaginar, pensou Gifford com um sorriso interior, que a respeitável firma Mayfair & Mayfair, representando a família Mayfair ad infinitum, pára para prestar atenção ao que diz uma menina de treze anos. Mas era verdade.

O maior remorso secreto de Gifford era não ter feito a ligação entre Rowan e Mona enquanto havia tempo. Talvez Mona tivesse pressentido alguma coisa e falado abertamente. Mas também Gifford tinha tantos remorsos. As vezes tinha a impressão de que sua vida inteira era um imenso remorso suspirante. Por baixo da linda superfície da sua casa de contos de fadas de Metairie, de seus filhos maravilhosos, do seu belo marido e do seu próprio estilo sulino comedido, não

havia nada a não ser arrependimento, como se sua vida tivesse sido construída sobre um calabouço enorme e secreto.

Ela estava só esperando para receber a notícia. Rowan morta. E pela primeira vez em séculos, nenhuma herdeira para o legado. Ah, o legado, e agora que havia lido o longo relato de Aaron Lightner, como poderia voltar a encarar o legado da mesma forma? Perguntava-se onde estaria a preciosa esmeralda. Sem dúvida, seu marido Ryan, com sua eficiência, a havia enfiado em algum cofre adequado. Era nesse lugar que ele deveria ter guardado aquela "história" terrível. Gifford não conseguia perdoá-lo por ter deixado que ele fosse parar nas mãos de Mona, aquele longo relato da Talamasca sobre gerações de feitiçaria.

Talvez Rowan tivesse fugido com a esmeralda. Ah, essa idéia fez com que tomasse consciência de uma outra coisa, só mais um daqueles arrependimentos de maior importância! Ela se esquecera de mandar a medalha para Michael.

Encontrara a medalha lá fora junto à piscina apenas dois dias após o Natal, enquanto os detetives e os peritos faziam todos os seus exames dentro da casa, e enquanto Aaron Lightner e aquele seu estranho colega, Erich Sei lá de quê recolhiam amostras do sangue que manchava as paredes e os tapetes.

- Você percebe que eles vão escrever tudo isso no tal arquivo? - protestara Gifford, mas Ryan permitiu que os homens prosseguissem. Tratava-se de Lightner. Todos confiavam nele. Na verdade, Beatrice estava apaixonada por ele. Gifford não se surpreenderia se Beatrice se casasse com ele.

A medalha era de São Miguel Arcanjo. Uma bela medalha antiga de prata, numa corrente arrebentada. Ela a guardara discretamente na bolsa e pretendia milhares de vezes mandá-la para Michael, depois que ele voltou do hospital para casa, é claro, para não perturbá-lo. Ora, ela devia tê-la dado a Ryan antes de sair. Mas também, quem sabe? Talvez ele estivesse usando aquela medalha no dia de Natal, quando quase morreu afogado na piscina.

Pobre Michael.

As achas no fogo mexeram-se ruidosamente, e a luz suave e reconfortante abriu um clarão no teto simples inclinado. Isso fez com que Gifford

percebesse como a arrebentação estava silenciosa e esteve o dia inteiro. Às vezes no Golfo do México, a arrebentação baixava a absolutamente nada. Ela se perguntava se isso poderia acontecer no oceano. Na realidade, adorava o som das ondas. Desejou que elas estivessem bramindo lá fora no escuro, como se o Golfo ameaçasse invadir a terra. Como se a natureza estivesse revidando contra as casas de praia, os condomínios, os parques para estacionamento de trailers, lembrando a todos que poderiam ser arrancados da face lisa e arenosa da terra a qualquer minuto, se ocorresse um furacão ou um maremoto. E sem dúvida era inevitável que essas coisas acontecessem.

Gifford gostava da idéia. Ela sempre dormia bem quando as ondas eram rápidas e violentas. Seus temores e aflições não provinham do medo de nada natural. Originavam-se de lendas, segredos e histórias sobre o passado da família. Ela adorava sua pequena casa em virtude da sua fragilidade, do fato de que uma tempestade decerto a faria desabar como um castelo de cartas.

Na tarde desse dia, ela havia caminhado alguns quilômetros na direção sul para dar uma olhada na casa comprada há tão pouco tempo por Rowan e Michael, uma alta estrutura contemporânea, construída como deveria ser, sobre pilotis, com vista para um pedaço deserto de praia. Nenhum sinal de vida por ali, mas também, o que ela havia esperado?

Viera perambulando de volta, extremamente deprimida pela simples visão da casa. Como Rowan e Michael a adoravam; como haviam passado ali sua lua-de-mel. E feliz por sua própria casa ser baixa, velha e escondida atrás de uma duna pequena e insignificante, exatamente como não se podia e não se devia construir uma casa ali atualmente. Ela adorava sua privacidade, sua intimidade com a areia e a água. Adorava a idéia de poder sair pelas portas, subir três degraus, seguir por um caminho de tábuas e atravessar a areia até a beira do mar.

E o Golfo era o mar. Barulhento ou silencioso, era o mar. O mar aberto, imenso e sem fim. O Golfo era todo o horizonte ao sul. Aquilo podia bem ser o fim do mundo.



Mais uma hora e já seria Quarta feira de cinzas. Ela esperava como se estivesse esperando pela hora das bruxas, tensa e indignada com a Terça-feira de Carnaval, uma festa que nunca a deixara especialmente feliz e que sempre envolvia mais do que ela podia suportar.

Ela queria estar acordada quando o dia terminasse. Queria sentir a chegada da Quaresma, como se a própria temperatura pudesse mudar. Mais cedo, ela havia acendido a lareira e se jogado no sofá, apenas para passar as horas pensando, como se estivesse calculando alguma coisa, contando os minutos, sentindo-se culpada, naturalmente, por não ter ido a First Street, por não ter feito nada para procurar evitar a catástrofe, e depois tensa de ressentimento contra as pessoas que sempre tentavam impedi-la de concretizar suas boas intenções, aquelas que pareciam incapazes de distinguir entre a ameaça real e a imaginada, e descartavam imediatamente tudo o que Gifford dizia.

Deveria ter avisado Michael Curry, pensou. Deveria ter alertado Rowan Mayfair. Mas eles haviam lido a história. Eles deveriam ter sabido! Ninguém poderia ser feliz naquela casa de First Street. Reformá-la foi uma rematada tolice. O mal naquela casa estava em cada tijolo e em cada fragmento de reboco; treze bruxas; e pensar que todos aqueles antigos objetos de Julien estavam lá no sótão. O mal estava naquelas coisas. Estava nos tetos de gesso, e sob as varandas e beirais, como ninhos de abelhas escondidos nos capitéis das colunas coríntias. Aquela casa não tinha esperança, não tinha futuro. E Gifford soubera disso sua vida inteira.

Ela não precisava que aqueles estudiosos da Talamasca de Amsterdã viessem lhe dizer. Ela sabia.

Soubera desde a primeira vez em que viera a First Street, ainda menina com sua adorada avó, a velha Evelyn, que mesmo naquela época era chamada de velha por já ser velha e existirem algumas Evelyns jovens na época: uma casada com Charles Mayfair e outra com Bryce, embora ela não conseguisse se lembrar do que havia acontecido a elas.

A velha Evelyn e ela foram a First Street visitar tia Carl e Deirdre Mayfair, de triste sina, a herdeira no seu trono de cadeira de balanço. Gifford havia visto o famoso fantasma de First Street - com clareza e nitidez - uma figura masculina parada atrás da cadeira de Deirdre. A velha Evelyn também o vira, sem a menor dúvida na opinião de Gifford. E tia Carlotta, aquela tia Carlotta perversa, fria, inflexível, havia batido papo com elas no salão tristonho, como se não houvesse fantasma nenhum. Quanto a Deirdre, esta já estava catatônica.

- Pobre criança - dissera a velha Evelyn. - Julien previu tudo isso.

- Essa era uma daquelas declarações que a velha Evelyn sempre se recusava a explicar, embora a repetisse com frequência. E mais tarde, à neta, Gifford:

- Deirdre conheceu toda a dor mas nunca experimentou o prazer de ser uma de nós.

- E havia prazer? - Gifford fazia essa pergunta a si mesma agora, como fizera na ocasião. O que a velha Evelyn queria dizer com prazer? Gifford imaginava saber. Estava tudo registrado naquelas velhas fotografias dela com tio Julien. Julien e Evelyn no Stutz Bearcat num dia de verão, usando casacos brancos e óculos para se protegerem da poesia. Julien e Evelyn à sombra dos carvalhos em Audubon Yark; Julien e Evelyn no quarto de Julien no terceiro andar. E depois, a década seguinte à morte de Julien, quando Evelyn foi à Europa com Stella, e as duas tiveram seu "caso", sobre o qual Evelyn falava com grande seriedade.

Nos primeiros anos da vida de Gifford, antes que a velha Evelyn se calasse, Evelyn sempre estava disposta a contar essas histórias em voz sussurrada porém firme: de como Julien a levava para a cama quando ela estava com treze anos, de como ele chegara a Amélia Street, gritando da calçada, "Evelyn, desça, desça!" e forçara o avô de Evelyn, Walker, a soltá-la do quarto no sótão onde ele a trancafiara.

Muito rancor entre o avô de Evelyn e Julien, uma história que remontava a um assassinato em Riverbend quando Julien era rapaz e uma arma havia sido

disparada por acidente, matando seu primo Augustin. O neto de Augustin jurava odiar o homem que dera o tiro no seu antepassado, embora todos fossem antepassados de todos os envolvidos, de uma forma ou de outra. Tudo emaranhado. As árvores genealógicas do clã Mayfair lembravam as trepadeiras espinhosas que sufocavam as portas e as janelas do castelo da Bela Adormecida.

E imaginar que Mona estava colocando tudo aquilo no computador, e que há pouco tempo fizera a proclamação orgulhosa de que tinha mais linhas descendendo de Julien, e de Angelique, do que qualquer outro parente. Isso para não mencionar as linhagens que vinham dos antigos Mayfair de Saint Domingue. Isso deixava Gifford desorientada e triste. Ela desejava que Mona se interessasse por meninos da sua idade, ligasse um pouco mais para as roupas e abandonasse essa obsessão pela família, pelos computadores, por carros de corrida e armas.

- Será que você não aprendeu nada sobre as armas? - perguntara-lhe Gifford. - Essa enorme desavença entre nós e os Mayfair de First Street? Tudo aconteceu por causa de uma arma.

Mas não havia como conter as obsessões de Mona, fossem grandes, fossem pequenas. Ela arrastara Gifford cinco vezes até uma desagradável galeria de tiro ao alvo do outro lado do rio, só para que as duas pudessem aprender a atirar com seus grandes e barulhentos revólveres. Isso bastava para deixar Gifford enlouquecida. Mas era melhor estar com Mona do que ficar se preocupando com o que a menina podia estar fazendo sozinha.

E pensar que Ryan dera sua aprovação. Fazia Gifford andar com um revólver no porta-luvas. Fez com que ela trouxesse um revólver para esta casa. Mas Mona ainda tinha de aprender tanto. Será que a velha Evelyn chegou a contar aquelas velhas histórias a Mona? De vez em quando a velha Evelyn saía do seu silêncio. E sua voz ainda era sua voz. E ela ainda conseguia entoar sua cantilena, como o ancião de uma tribo transmitindo a história oral.

- Eu teria morrido naquele sótão se não fosse por Julien. Morreria louca e muda e branca como uma planta que nunca viu o sol. Julien me engravidou e essa criança foi sua mãe, coitadinha.

- Mas por quê, tio Julien fez isso com uma menina tão nova? - Gifford perguntara apenas uma vez, de tão tempestuosa que fora a resposta.

- Tenha orgulho do seu sangue Mayfair. Tenha orgulho. Julien previu tudo. A linhagem do legado estava perdendo sua força. E eu amava Julien. Julien também me amava. Não procure entender aquelas pessoas, Julien, Mary Beth, Cortland, pois naquela época havia gigantes sobre a terra que não existem mais.

Gigantes sobre a terra. Cortland, o próprio filho de Julien, havia sido o pai da velha Evelyn, embora ela jamais admitisse esse fato! E Laura Lee, filha de Julien! Meu Deus, Gifford não conseguia nem acompanhar as linhagens a menos que apanhasse lápis e papel e as pusesse por escrito. E, francamente, isso ela nunca teve vontade de fazer. Gigantes sobre a terra! Com mais certeza, demônios do inferno.

- Ah, que história mais deliciosa - dissera Alicia, ouvindo com prazer e sempre disposta a zombar de Gifford e dos seus medos. - Vamos, velha Evelyn, o que aconteceu então? Fale-nos de Stella.

Alicia já era uma alcoólatra aos treze anos de idade. Aparentava mais idade, embora fosse magra e pequena como Gifford. Costumava entrar nos bares do centro da cidade e beber com desconhecidos. Foi então que o vovô Fielding "arrumou seu casamento" com Patrick, só para exercer mais controle sobre ela. Logo Patrick, entre todos os primos. Uma péssima idéia, apesar de Patrick não parecer ser assim tão mau na ocasião.

E esse o meu sangue, toda essa gente, pensou Gifford. Essa é a minha irmã, casada com seu primo duas ou três vezes, Patrick, seja ele o que for. Bem, uma coisa pode-se dizer com certeza. Mona não é nenhuma idiota.

Resultado de casamentos consangüíneos, sim; filha de uma alcoólatra, sim; mas, com o senão de ser bastante "petite", como se denominam as baixinhas no sul, ela era sob todos os aspectos uma vencedora.

Provavelmente a mais bonita de toda aquela geração da família Mayfair em toda parte, e sem dúvida a mais inteligente, mais inconstante e rebelde, embora Gifford não pudesse deixar de adorá-la, não importa o que Mona fizesse.

Teve de dar um sorriso ao pensar em Mona atirando com o revólver na galeria de tiro ao alvo e gritando para que ela ouvisse apesar dos protetores de ouvidos.

- Vamos, tia Gifford, nunca se sabe quando se vai precisar usar uma arma. Vamos, com as duas mãos.

Até mesmo a maturidade sexual de Mona - essa idéia maluca de que ela precisava conhecer muitos homens, o que deixava Gifford desesperada - fazia parte da sua precocidade. E Gifford tinha de admitir que, por mais protetora que se sentisse, temia pelos homens que atraíssem a atenção de Mona. Da insensível Mona. Alguma coisa horrenda havia acontecido com o velho Randall, por exemplo. Era quase certo que Mona o houvesse seduzido e depois perdido o interesse na história toda, mas Gifford não conseguia respostas francas de ninguém. Sem dúvida não de Randall que ficava apoplético à simples menção do nome de Mona, assegurando que "não faria mal a uma mosca" muito menos a uma criança, assim por diante. Como se alguém fosse mandar prendê-lo!

E imaginar que a Talamasca com todos os seus conhecimentos não sabia nada sobre Mona. Não sabia nada a respeito da velha Evelyn e tio Julien. Nada acerca da única menininha destes tempos que talvez fosse uma bruxa de verdade, sem brincadeira.

Gifford sentia uma satisfação ambígua, quase constrangedora, ao pensar nisso. Que a Talamasca não sabia mais do que a família sobre os motivos que levaram Julien a atirar em Augustin, ou o que Julien pretendia e por que ele deixou tantos filhos ilegítimos.

Ah, mas a maior parte da história da Talamasca era totalmente impossível de se aceitar. Um fantasma era uma coisa; um espírito que... Ah, tudo aquilo era repugnante demais para Gifford. Ela se recusara a deixar Ryan circular o documento. Já era nocivo o bastante que ele, Lauren e Randall tivessem lido aquilo; e que Mona, logo Mona, tivesse surrubiado o arquivo da sua mesa de trabalho e o tivesse lido na sua totalidade antes que alguém percebesse o que acontecera.

Mas a questão principal com relação a Mona era a seguinte: ela sabia distinguir a realidade da fantasia. Alicia não sabia. Era por isso que bebia. A maioria da família Mayfair não sabia. Ryan, o marido de Gifford, não sabia.

Na sua recusa a acreditar em qualquer coisa sobrenatural ou inerentemente perversa, ele era tão pouco realista quanto uma velha macumbeira que vê espíritos por toda parte.

Mona, no entanto, tinha cabeça. Mesmo quando ela ligou para Gifford no ano anterior para informar que ela, Mona Mayfair, não era mais virgem e que o exato instante do defloração não havia tido importância, mas que a mudança na sua perspectiva era a coisa mais importante do mundo, Mona fez questão de explicar.

- Estou tomando a pílula, tia Gifford. E tenho um planejamento. Ele tem a ver com descoberta, experiência, aproveitar a vida, você sabe, todas as coisas que a velha Evelyn costumava dizer. Mas tenho muito cuidado com a saúde.

- Você sabe distinguir o certo do errado, Mona? - perguntara Gifford, desarmada, e no fundo do coração até com um pouco de inveja. Gifford já estava chorando.

- Sei, tia Gifford, e você sabe que eu sei. E só para você ficar sabendo, mais uma vez mereço uma condecoração. Acabei de limpar a casa. Consegui fazer com que mamãe e papai jantassem antes que comessem sua farra noturna. Tudo está bem tranquilo por aqui. A velha Evelyn falou hoje. Disse que queria sentar na varanda para ver os bondes passando. Por isso, não se preocupe. Tudo está sob controle.

Tudo sob controle! E ainda havia a estranha confissão de Mona a Pierce, sem dúvida uma mentira maquinada.

- Olhe, gosto que estejam bêbados o tempo todo. Quer dizer, gostaria que eles fossem seres humanos vivos e tudo o mais, e que não estivessem cavando sua cova de tanto beber diante dos meus olhos, mas puxa, tenho bastante a me perguntar a que horas eu vou dormir ou se eu fiz meu trabalho de casa. Ando pela cidade toda. Ninguém fica no meu pé.

Pierce achava tão divertido. Pierce adorava Mona. o que era surpreendente porque em geral Pierce gostava de pessoas alegres e inocentes como sua prima e noiva, Clancy Mayfair.

Mona não era inocente, a não ser no sentido mais sério da palavra. Ou seja, ela não acreditava ser má e não pretendia fazer o mal. Ela era simplesmente uma espécie de... pagã.

E liberdade não lhe faltava para suas atitudes pagãs; e a confissão de atividade sexual acelerada também havia sido planejada. Poucas semanas depois da decisão de Mona de entrar em atividade, o telefone não parava de tocar com histórias de vários casos de Mona.

- Você sabia que essa menina gosta de fazer sexo no cemitério! - protestara Cecília.

Mas o que Gifford podia fazer? Alicia agora detestava a idéia de ver a irmã. Não permitia que Gifford entrasse na casa, embora Gifford fosse lá o tempo todo, é claro. A velha Evelyn não contava a ninguém o que via ou não via.

- Já lhe contei tudo sobre meus namorados - disse Mona. - Não vá resolver se preocupar com isso!

Pelo menos, a velha Evelyn não contava essas histórias noite e dia, de como Julien e ela dançavam juntos ao som da Vitrola. E talvez nunca tivesse chegado aos ternos ouvidos de Mona que sua bisavó tivera um caso com a prima Stella. Afinal de contas, nem mesmo o esperto Sr. Lightner tinha conhecimento disso! Na sua história não havia uma palavra sobre as namoradas de Stella!

- Aquela foi a melhor época da minha vida - contava a velha Evelyn a Gifford e Alicia, com prazer. - Estávamos na Europa, e Stella e eu estávamos juntas em Roma quando aconteceu. Nem sei onde Lionel estava, e aquela babá desagradável tinha saído com Antha. Nunca experimentei tanto amor quanto com Stella. Naquela noite, ela me contou que estivera com muitas mulheres. Ela já havia perdido a conta. Dizia que o amor das mulheres era o supra-sumo. Acho que é mesmo. Eu teria feito tudo de novo, se algum dia tivesse aparecido alguém que conquistasse meu coração como Stella conquistou. Quando voltamos da

Europa, lembro-me de que íamos juntas ao French Quarter. Stella tinha um pequeno apartamento, e nós dormíamos na cama de casal. Depois, comíamos ostras, camarões e bebíamos vinho. Ai, aquelas semanas em Roma haviam sido curtas demais. Ah... - E nesse tom prosseguia até voltar a falar na Vitrola. Julien dera a Vitrola a ela. Stella compreendia. Stella jamais pediu que ela a devolvesse. Foi Mary Beth quem veio até Amélia Street e exigiu que lhe dessem a Vitrola de Julien. Ele havia falecido seis meses antes, e ela estivera remexendo nos seus aposentos.

- E claro que eu não entreguei nada. - E a velha Evelyn levava então Gifford e Alicia até seu quarto e ligava a velha Vitrola. Tocava muitas canções antigas de music hall e depois as árias da Traviata. - Vi essa ópera com Stella em Nova York. Como eu adorava Stella.

- Minhas queridas – dissera a velha Evelyn uma vez a todas elas, Alicia, Gifford e Mona, que talvez tosse pequena demais para poder compreender - um dia vocês precisam conhecer o amor suave, complacente e precioso de uma outra mulher. Não sejam tolas. Não é nada anormal. É o açúcar no café. É o sorvete de morango. E o chocolate.

Não era de se estranhar que Alicia tivesse se transformado numa perfeita vagabunda. Ela nunca sabia o que estava fazendo. Dormia com os marinheiros dos navios, com soldados do exército, com qualquer um e com todos, até que Patrick fez com que se apaixonasse. "Alicia, eu vou salvá-la."

Sua primeira noite foi um longo porre até o amanhecer, e em seguida Patrick informou que iria se encarregar de Alicia. Ela era uma pobre criatura, coitadinha, ele cuidaria dela. Ela ficou grávida de Mona. Mas aqueles eram os dias de champanhe e risos. Agora, eles eram apenas dois bêbados. Nada sobrara de romântico. A não ser Mona.

Gifford olhou para o relógio - o minúsculo relógio de pulso de ouro que a velha Evelyn lhe dera. É, menos de uma hora ainda da terça-feira de Carnaval e depois, à hora das bruxas, seria a quarta-feira de cinzas, e ela poderia voltar para casa, para Nova Orleans.



Provavelmente esperaria até a manhã, talvez até o meio-dia. E então seguiria para lá, ignorando alegremente o tremendo fluxo de tráfego saindo de Nova Orleans no sentido oposto, e estaria em casa antes das quatro da tarde.

Pararia em Mobile, na igreja de Santa Cecília para receber as cinzas sobre a cabeça. Só pensar na igreja, nos seus santos e nos seus anjos já a reconfortou e permitiu que ela fechasse os olhos. Ao pôr do sol voltará. Mais uma hora de Carnaval, e depois posso voltar para casa.

Ryan quisera saber o que havia de tão assustador na terça-feira gorda.

- Que vocês todos cheguem a se reunir em First Street, exatamente como se Rowan estivesse lá para abrir a porta! E isso o que me apavora!

Pensou novamente na medalha. Preciso me certificar de que esteja na minha bolsa. Depois.

- Você tem de se conscientizar do que essa casa representa para a família - dissera Ryan. Ryan! Como se ela não fizesse a menor idéia, tendo crescido, como cresceu, a apenas dez quarteirões de distância, com a velha Evelyn recitando sua história para ela diariamente. - Não estou falando dessa história das bruxas Mayfair agora. Estou falando de nós, desta família!

Ela virou a cabeça para o encosto do sofá. Ah, se ao menos pudesse ficar em Destin para sempre. Mas isso não era possível, nem nunca seria. Destin era para se esconder, não para morar de verdade. Destin era só uma praia e uma casa com uma lareira.

O pequeno telefone branco aninhado entre as almofadas ao seu lado tocou com um ruído súbito e estridente. Por um instante, ela não conseguiu se lembrar de onde ele estava. O fone saiu do gancho enquanto ela o procurava tateando e então ela o levou ao ouvido.

- Aqui é Gifford - disse ela, entediada. E graças a Deus foi Ryan quem respondeu.

- Acordei você?

- Não – respondeu ela com um suspiro – Quando é que eu consigo dormir? Estive esperando. Diga-me que tudo deu certo por lá, que Michael está melhor, que ninguém se machucou ou...

- Gifford, pelo amor de Deus. No que você está pensando quando fala desse jeito, que uma ladainha irá mudar o que pode já ter acontecido? Você está atirando feitiços sobre mim. De que vai adiantar? Você quer ouvir as palavras que estão programadas para sair da minha boca? O que se espera que eu faça? Ser delicado ao transmitir a notícia de que alguém morreu pisoteado por um policial a cavalo, ou esmagado pelas rodas de um carro alegórico?

Ah, tudo estava bem. Não havia absolutamente nada de errado. Gifford poderia ter desligado naquele momento, mas isso não teria demonstrado muita consideração para com Ryan, que agora decomporia o dia numa série de pequenos relatos, tendo o seguinte tema central: "Tudo correu bem, sua pateta, você devia ter ficado aqui."

- Depois de vinte e seis anos, você ainda não sabe o que eu estou pensando - disse ela, desanimada, sem vontade de discutir ou mesmo de continuar a conversar. A exaustão agora a atingia, agora que a terça-feira de Carnaval estava praticamente terminada.

- Isso mesmo, tenho certeza absoluta de não saber o que você está pensando - disse ele, em tom neutro. - Não sei por que está na Flórida, em vez de estar aqui conosco.

- Passe para o próximo assunto - disse Gifford, com delicadeza.

- Michael está bem, bem mesmo. Todos estão bem. Jean apanhou mais contas do que qualquer outra pessoa da família. A pequena CeeCee ganhou o concurso de fantasias. E Pierce decididamente quer se casar com Clancy a qualquer instante! Se você quiser que seu filho faça as coisas como devem ser feitas, é melhor voltar para cá e começar a falar sobre o casamento com a mãe de Clancy. Ela sem dúvida não presta atenção ao que eu digo.

- Você lhe disse que nós pagaremos as despesas do casamento?

- Não, não cheguei até aí.

- Pois chegue. É só isso que ela quer ouvir. Fale de novo sobre Michael. O que vocês todos lhe disseram a respeito de Rowan?

- O mínimo possível.

- Graças a Deus.

- Ele simplesmente não está forte o suficiente para ouvir a história inteira.

- Quem sabe a história inteira? - perguntou Gifford, amarga.

- Mas teremos de lhe contar, Gifford. Não podemos protelar muito mais. Ele precisa saber. Fisicamente ele está se recuperando. Mentalmente, eu não sei dizer. Ninguém sabe. Ele está... tão diferente.

- Envelhecido, você quer dizer - corrigiu ela, tristonha.

- Não, apenas diferente. Não é só o cabelo ficando grisalho. É a expressão nos olhos, seu jeito de se comportar. Está tão cavalheiresco e plácido, tão paciente com todos.

- Vocês não precisam perturbá-lo... - disse Gifford.

- Bem, pode deixar comigo - respondeu Ryan, usando uma das suas expressões perfeitas, que sempre era emitida com extrema ternura – Você secuide por aí. Não entre no mar sozinha.

- Ryan, a água está um gelo. Passei o dia inteiro com a lareira acesa.

Mas o dia estava ensolarado, claro, azul e silencioso. Às vezes eu acho que poderia ficar aqui para sempre.

- Ryan, me perdoe. Eu simplesmente não podia ir até First Street. Eu simplesmente não podia estar naquela casa.

- Eu sei, Gifford, eu sei. Mas fique tranqüila, as crianças acharam que foi a melhor terça-feira de Carnaval de todos os tempos. Todos adoram estar de volta à casa de First Street. Praticamente todo mundo esteve lá também, a uma hora ou outra do dia. Quero dizer que houve um entra e sai de pelo menos seiscentos ou setecentos membros da família. Francamente perdi a conta. Está lembrada dos parentes de Denton, Texas? Até eles vieram. E a família Grady de Nova York. Foi maravilhoso da parte de Michael permitir que tudo fosse como de costume.

Gifford, não tenho a intenção de censurar você, mas, se você tivesse visto como tudo correu bem, compreenderia.

- E Alicia? - perguntou Gifford, querendo dizer, será que Alicia conseguiu terminar sóbria? - Ela e Patrick estavam bem?

- Alicia nem conseguiu chegar até a casa. Estava completamente embriagada antes das três da tarde. Patrick não deveria ter ido. Patrick está doente. Precisamos conseguir algum tratamento médico para ele.

Gifford suspirou. Ela esperava que Patrick morresse. Sabia que esperava. Para que se iludir? Nunca havia amado Patrick ou sequer gostado dele, e agora ele era o pior tipo de peso para todos ao seu redor, um bêbado perverso que extraía um prazer especial de ser cruel com a mulher e a filha. Mona não ligava a mínima. "Não sinto nenhum respeito por papai", dizia ela com frieza.

Mas Alicia vivia à mercê de Patrick. "Por que está me olhando desse jeito? O que foi que eu fiz agora? Você tomou a última cerveja? Você sabia que era a última e a tomou de propósito!"

- Bem, o que Patrick arrumou? - perguntou Gifford, esperando sem esperanças que ele tivesse caído e quebrado o pescoço, e que Ryan apenas não quisesse lhe contar.

- Brigou com Beatrice. Algo a respeito de Mona. Duvido que ele se lembre de alguma coisa. Foi furioso para casa depois do desfile. Você sabe o que Bea pensa acerca de Mona. Ela ainda quer mandar Mona estudar fora. E você percebe o que está acontecendo com Aaron e Bea? A tia Vívian de Michael disse...

- Eu sei - suspirou Gifford. - Seria de se pensar que ele tivesse aprendido alguma coisa com sua própria pesquisa sobre nossa família.

Ryan deu um risinho educado.

- Ora, esqueça aquelas tolices. Se você deixasse aquilo para lá, ficaria aqui, estaria conosco e se divertiria. Só Deus sabe se as coisas não vão só piorar quando conseguirmos encontrar Rowan.

- Por que você está dizendo isso?

- Teremos problemas a tratar quando isso ocorrer, problemas de verdade. Olhe, estou cansado demais agora para falar nisso. Rowan está desaparecida exatamente há sessenta e sete dias. Estou exausto de falar com detetives em Zurique, nas Escócia e na França. O Carnaval foi divertido. Todos nos divertimos. Estávamos reunidos. Mas Bea tem razão, sabe? Mona deveria ir estudar fora, você não acha? Afinal, ela é uma espécie de gênio de verdade.

Gifford quis responder. Quis dizer mais uma vez que Mona não queria ir estudar fora e que, se a forçassem, Mona simplesmente voltaria no primeiro avião, trem ou ônibus direto para casa. Não se podia forçar Mona a ir estudar fora! Se mandassem Mona para a Suíça, ela estaria de volta em quarenta e oito horas. Se a mandassem para a China, ela talvez estivesse de volta em menos tempo ainda. Gifford não disse nada naquele momento. Sentiu apenas seu costumeiro amor dolorido e acomodado por Mona e sua confiança desesperada de que Mona de algum modo se sairia bem.

Uma vez, Gifford havia perguntado a Mona qual era a diferença entre os homens e as mulheres. Mona respondera que os homens não sabem o que pode acontecer. São felizes. Mas as mulheres sabem tudo que pode acontecer.

- Elas se preocupam o tempo todo.

Gifford havia rido com essa. Sua outra lembrança preferida era a de Mona aos seis anos de idade, no dia em que Alicia desmaiou na varanda da frente da casa de Amélia Street, bem em cima da bolsa, e Mona, sem conseguir tirar a chave de dentro da bolsa, escalou pela treliça até a alta janela do segundo andar, e quebrou com cuidado o vidro com o salto do seu sapatinho de criança, de modo a abrir um pequeno buraco para que ela conseguisse alcançar a maçaneta. É claro que a vidraça inteira teve de ser substituída, mas Mona havia feito um trabalho tão elegante, com tanta confiança em si mesma.

Apenas pequenos estilhaços de vidro estavam espalhados no jardim e no tapete lá em cima.

- Por que você não cola papel encerado por cima? - perguntara Mona mais tarde, quando Gifford chamou um vidraceiro para consertar a janela. - É assim que todos os outros buracos desta casa são consertados.

Por que Gifford havia deixado aquela criança passar por situações desse tipo? E Mona ainda estava passando por elas. Ali havia mais um carrossel de culpa e remorso no qual ela podia girar horas a fio. Como o carrossel de Michael e Rowan. Por que não? Será que se passava um mês sem que Gifford se lembrasse desse incidente, da imagem de Mona aos seis anos de idade arrastando Alicia, inconsciente, pela porta da frente. E o Dr. Blades ligando da clínica do outro lado da rua.

- Gifford, sua irmã está realmente passando mal ali, sabia? É demais para aquela criança e para a velha Evelyn.

- Não se preocupe com Mona - disse Ryan agora, como se estivesse lendo seus pensamentos durante esse silêncio entediado, incômodo. - Mona é a menor das nossas preocupações. Temos uma reunião programada para a terça-feira para tratar do desaparecimento de Rowan. Vamos todos nos sentar para decidir o que fazer.

- Como vocês podem decidir o que fazer! - exclamou Gifford. - Vocês não têm nenhuma prova de que Rowan está sendo forçada a ficar longe de Michael. Vocês...

- Bem, querida, a verdade é que temos provas, provas bem concretas. Essa é a questão. Temos de nos conscientizar disso. Agora temos certeza de que os dois últimos cheques descontados na conta pessoal de Rowan não foram assinados por ela. É isso o que temos de dizer a Michael.

Silêncio. Esse era o primeiro fato conclusivo que acontecia. E atingiu Gifford com tanta força quanto se alguém lhe houvesse dado um soco no peito. Ela tomou fôlego.

- Temos certeza de que eram assinaturas falsificadas - disse Ryan. - E querida, esses são os últimos cheques. Nada, nada mesmo, apareceu no banco desde que os dois foram descontados em Nova York há duas semanas.

- Nova York.

- É. É lá que o rastro termina, Gifford. Nem sabemos ao certo se a própria Rowan chegou a estar em Nova York. Olhe, estive falando ao telefone três vezes hoje sobre tudo isso. Não existe terça-feira de Carnaval no resto do país. Cheguei em casa e me deparei com a secretária eletrônica cheia de mensagens. O médico que falou com Rowan por telefone está a caminho daqui, vindo de San Francisco. Ele tem informações importantes a dar. Mas não sabe onde Rowan está. Esses cheques são nosso último...

- Entendo - disse Gifford, com a voz fraca.

- Olhe, Pierce vai esperar o médico amanhã de manhã. Vou até aí apanhar você. Resolvi isso mais cedo.

- Isso é absurdo. Estou com o meu carro. Não vamos poder voltar juntos no mesmo carro. Ryan, vá para a cama dormir. Estarei amanhã em casa a tempo de ver esse médico de San Francisco.

- Eu quero ir buscá-la, Gif. Alugo um carro e depois volto para casa dirigindo o seu.

- É bobagem, Ryan. Vou viajar ao meio-dia. Já planejei tudo. Vá se encontrar com o médico. Vá para o escritório. Faça o que tiver de fazer. O importante é que a família se reuniu e foi maravilhoso, exatamente como deveria fazer, com Rowan ou sem ela. Parece que Michael é um companheiro. E dois cheques com assinatura falsa, bem, o que isso significa?

Silêncio. E claro que os dois sabiam o que isso podia significar.

- E Mona deixou alguém escandalizado hoje?

- Só seu primo David. Eu diria que ela se divertiu. Pierce está bem. Saiu para dar um mergulho com Clancy. A piscina está fumegando. Barbara foi dormir. Shelby ligou. Lamentou não ter vindo. Lilia também ligou. E Mandrake também. Jenn está aninhada com Elizabeth no quarto. Eu estou a ponto de desmaiar aqui mesmo.

Gifford deu um longo suspiro.

- Mona foi para casa com aqueles dois? Sozinha na terça-feira de Carnaval?

- Mona está bem, você sabe que sim. A velha Evelyn ligaria para mim se algo de errado acontecesse. Ela estava sentada ao lado da cama de Alicia hoje à tarde quando as deixei.

- E assim continuamos a mentir para nós mesmos sobre esse assunto, como sempre, bem como sobre todos os outros assuntos.

- Gifford.

- Fale, Ryan.

-Quero lhe fazer uma pergunta. Nunca lhe perguntei nada semelhante no passado e acho que não poderia perguntar agora, se não estivéssemos...

- Falando por telefone.

- É. Falando por telefone.

Muitas vezes eles haviam conversado sobre esse estranho aspecto do seu longo casamento: o de que suas melhores conversas eram ao telefone; que, pelo motivo que fosse, eles eram pacientes um com o outro ao telefone e conseguiam evitar as brigas que ocorriam quando estavam juntos.

- A pergunta é a seguinte - disse Ryan, com seu habitual estilo direto. O que você acha que aconteceu mesmo no dia de Natal naquela casa? O que aconteceu a Rowan? Você tem alguma suspeita, alguma vaga idéia, alguma intuição, seja qual for?

Gifford ficou pasma. Era mais do que verdade que Ryan jamais lhe havia feito uma pergunta dessas em toda a sua vida. A maior parte das energias de Ryan era direcionada no sentido de impedir que Gifford procurasse respostas para perguntas difíceis. Essa atitude não era apenas sem precedentes; ela era alarmante. Porque Gifford percebia não ter condições de estar à altura da ocasião. Ela não tinha uma resposta de bruxa para essa pergunta. Pensou por algum tempo, ouvindo o arder do fogo e o suave suspiro da água lá fora, tão suave que talvez pudesse ser sua própria respiração.



Passou errante pela sua cabeça uma série de idéias. Ela quase chegou a dizer para Ryan perguntar a Mona. Conteve-se, porém, cheia de sentimento protetor e vergonha por pensar em estimular a sobrinha a esse tipo de coisa. E sem preâmbulos, ou qualquer outro tipo de preparação, ela falou.

- O homem fez a travessia no dia de Natal. Aquela coisa, aquele espírito, não vou dizer o nome, você sabe o nome, ele entrou neste mundo e fez alguma coisa a Rowan. Foi isso o que aconteceu. O homem não está mais em First Street. Todos nós sabemos disso. Todos nós que um dia o vimos sabemos que ele não está mais lá. A casa está vazia. A coisa saiu pelo mundo. Ele... -Sua fala, rápida, aguda, ligeiramente histérica, foi interrompida tão de repente quanto havia começado. Ela pensou: Lasher. Mas não pôde pronunciar o nome. Há muitos anos, tia Carlotta a sacudira dizendo, "Nunca, nunca, nunca pronuncie esse nome, está me ouvindo?"

E mesmo agora, nesse lugar silencioso e seguro, ela não conseguia dizer o nome. Algo a impedia, muito parecido com uma mão na sua garganta.

Talvez fosse algo relacionado à combinação especial de crueldade e atitude protetora que tia Carlotta sempre demonstrara sentir por ela. A história da Talamasca dizia que Antha foi empurrada da janela do sótão, que um olho foi arrancado do seu rosto. Meu Deus! Carlotta não poderia ter feito uma coisa dessas.

Gifford não se surpreendeu com o fato do marido hesitar antes de responder. Em meio ao silêncio, ela mesma estava cheia de surpresa. Tudo crescia diante dela, e nesses momentos ela também reconhecia a terrível solidão do seu casamento.

- Você realmente acredita nisso, Gifford. Do fundo do coração, você, minha querida Gifford, acredita nisso.

Ela não respondeu. Não conseguia. Sentia-se derrotada. Parecia que eles haviam passado a vigia inteira discutindo. Haveria uma tempestade, ou o solbrilharia? Um desconhecido estupraria Mona na St. Charles Avenue quando ela estivesse passeando sozinha à noite? O imposto de renda iria subir novamente?

Fidel Castro seria derrubado? Fantasma existiam? Os membros da família Mayfair eram bruxos? Será que alguém podia realmente falar com os mortos? Por que os mortos se comportavam de forma tão estranha? Afinal o que os mortos queriam? Manteiga não faz mal à saúde, nem carne vermelha.

Beba leite. Os adultos não conseguem metabolizar o leite, e assim por diante, para sempre.

- E, Ryan - disse ela, triste e quase distraída. - Acredito nisso. Mas entenda bem, Ryan, ver é acreditar. E eu sempre o vi. Você jamais conseguiu.

Ela usara a palavra errada. Conseguiu. Um verdadeiro erro, esse. Ela ouviu os ínfimos suspiros com os quais ele se afastou dela, da possibilidade de crença ou confiança, para seu universo bem elaborado, no qual não existiam fantasmas, e a feitiçaria Mayfair era uma brincadeira de família, tão divertida quanto todas aquelas casas antigas, singulares fundos de ações e as jóias e moedas de ouro nos cofres. Tão interessante quanto o fato de Clancy Mayfair se casar com Pierce Mayfair, o que no fundo, no fundo, não deveria acontecer, já que ambos, à semelhança de Alicia e Patrick, descendiam de Julien, mas de que adiantava dizer isso a Ryan? Não havia motivo, não havia troca de idéias, não havia uma confiança autêntica.

Mas existe amor, pensou ela. Existe amor e existe uma espécie de respeito. Ela não contava com ninguém no mundo da forma que contava com Ryan. Por isso, disse o que sempre dizia em ocasiões semelhantes.

- Eu te amo, querido - e era maravilhoso dizer uma frase de Ingrid Bergman como essa, do fundo do coração e tão cheia de significado. - Amo mesmo. - Que sorte a de Gifford.

- Gifford... - Silêncio do outro lado da linha. Um advogado pensando calado, o homem dos cabelos de prata e dos olhos azuis, que se preocupava com todos os aspectos práticos com ela por toda a família. Por que ele deveria acreditar em fantasmas? Os fantasmas não procuram contestar testamentos, não processam ninguém, não ameaçam ninguém com investigações da Receita Federal, não apresentam contas de almoços de negócios.

- O que é, querido? - perguntou ela, baixinho.

- Se você acredita nisso, se você realmente acredita no que acabou de dizer... se esse fantasma passou para nosso mundo... e a casa agora está vazia... então por que você não quis ir lá, Gifford? Por que você se recusou a ir lá hoje?

- A coisa levou Rowan - respondeu ela, irada. - A história não terminou, Ryan! - De repente, ela estava sentada ereta. Cada gota de boa vontade que ela sentia pelo marido havia se evaporado, como de costume. Ele era o mesmo homem cansativo e impossível que havia destruído sua vida. Era verdade. Era verdade que ela o amava. Era verdade que o fantasma havia feito sua passagem. - Ryan, você não sente coisas naquela casa? Você não percebe nada? A história não terminou; ela acaba de começar! Temos de encontrar Rowan !

- Vou buscá-la pela manhã – disse ele, furioso. A raiva de Gifford havia desencadeado a dele. Mas ele se esforçava. - Quero ir até aí e trazê-lade volta de carro.

- Está bem, Ryan. Gostaria que viesse. - Ela ouviu o tom de apelo na sua voz, o apelo que significava a capitulação.

Ela só estava feliz por ter tido a coragem de dizer o pouco que dissera sobre "o homem", que ficasse registrado que ela dera sua opinião, e ele poderia discutir com ela, arrasar com ela e criticá-la até a morte mais tarde, talvez. Amanhã.

- Gifford, Gifford, Gifford... - disse ele, baixinho. - Vou dirigindo. Estarei aí antes de você acordar.

E de repente ela se sentiu tão fraca, tão irracionalmente incapaz de se mexer até que ele chegasse, até que ela o visse entrar pela porta.

- Agora, tranque a casa toda, por favor - disse ele. - E vá dormir. Aposto que você está toda enrolada em cima do sofá e que tudo está aberto...

- Ryan, isso aqui é Destin.

- Tranque a casa, verifique se o revólver está no gaveteiro junto à cama e, por favor, por favor, não deixe de ligar o sistema de alarme.

O revólver, meu Deus.

- Como se eu fosse usá-lo sem você por perto.

- E quando você precisa dele, querida. Quando eu não estou por perto.

Ela sorriu novamente, lembrando-se de Mona. Sangue, banguê, banguê.

- Beijos.

Eles ainda se mandavam beijos antes de desligar.

Na primeira vez que o beijara, ela estava com quinze anos, e os dois estavam apaixonados. Mais tarde, quando Mona nasceu, Alicia comentou.

- Você tem sorte. Você ama o seu Mayfair. Eu me casei com o meu por causa disso!

Gifford gostaria de ter tirado Mona da mãe naquele exato instante. Era provável que Alicia lhe houvesse dado permissão. Alicia já bebia em tempo integral. Era um milagre que Mona tivesse chegado a nascer, e ainda por cima robusta e saudável. Mas Gifford não havia realmente pensado em tirar o bebê de Alicia. Ela ainda se lembrava de quando Ellie Mayfair, que Gifford não conheceu, levou Rowan, o bebê de Deirdre, para a Califórnia, a fim de salvá-la da maldição da família, e todos a detestaram por isso. Isso ocorreu no mesmo ano terrível em que tio Cortland morreu, depois de cair da escada na casa de First Street. Foi tão terrível para Ryan.

Gifford estava com quinze anos na época, e os dois já estavam muito apaixonados. Não, não se tirava simplesmente um bebê de uma mãe, não importa o que se pensasse. Eles haviam enlouquecido Deirdre, e tio Cortland tentara impedir tudo.

É claro que Gifford teria cuidado melhor de Mona. Ora, qualquer um teria cuidado melhor de Mona do que Alicia e Patrick. E, a seu modo, ela sempre cuidara de Mona, tanto quanto cuidara dos seus próprios filhos.

O fogo se apagara. Ela estava só começando a sentir um friozinho desagradável.

Melhor reacendê-lo. Ela não precisava mais de muito sono. Se adormecesse por volta das duas horas, estaria bem quando Ryan chegasse. Era a vantagem de ter quarenta e seis anos. Ela não precisava mais do sono.

Ajoelhou-se diante da larga lareira de pedra e, tirando uma pequena acha de carvalho da pilha bem arrumada ao lado da lareira, lançou-a no fogo pequeno e fraco. Um pouco de jornal amassado, uns gravetos, e lá subiu o fogo, flamejando e formando espirais contra os tijolos enegrecidos. O calor luminoso saiu envolvendo seu rosto e suas mãos, até que ele fez com que se afastasse; e houve um súbito momento de lembrança de algo desagradável, algo relacionado ao fogo e à história da família, mas isso ela esqueceu com cuidado e determinação.

Ficou parada na sala de estar, olhando para a praia branca lá fora. Agora não conseguia absolutamente ouvir as ondas. A brisa tudo encobria sob uma pesada cortina de silêncio. As estrelas brilhavam com tanta intensidade quanto se estivessem caindo no último dos Dias. E a simples limpeza da brisa a deliciava e lhe dava vontade de chorar.

Ela gostaria de poder ficar ali até que tudo isso lhe parecesse demais. Até voltar a sentir saudade dos carvalhos de casa. Mas isso nunca aconteceu.

Ela sempre ia embora antes de realmente querer ir embora. O dever, a família, alguma coisa - sempre a forçavam a deixar Destin e ir para casa antes que estivesse pronta.

Isso não queria dizer que ela não amasse as teias de aranha e os velhos carvalhos; que não amasse as paredes descascadas, as casas urbanas que adernavam, as calçadas quebradas e o abraço agradável e infundo dos seus bons primos e primas e mais primos. É, ela adorava tudo aquilo, mas de vez em quando só queria estar longe.

E longe era aqui. Ela estremeceu.

- Gostaria de poder morrer - sussurrou, com a voz trêmula desaparecendo com a brisa. Entrou na cozinha aberta, que não era mais do que um ambiente do gigantesco aposento principal, encheu um copo d'água e bebeu a água. Depois, saiu passando pelas portas envidraçadas abertas, pelo quintal, subiu pela escada e seguiu pela passarela de madeira sobre a pequena duna até chegar à areia limpíssima.

Agora dava para se ouvir o Golfo. O som enchia o ar. Não havia mais nada no mundo. A brisa isolava a pessoa de tudo e toda sensação. Quando olhou para trás, a casa pareceu ilusoriamente ínfima e insignificante por trás da sua barragem de areia, mais como um bunker do que como o chalé elegante que era.

A lei não podia forçar alguém a mudar algo que havia sido construído em 1955. E foi nessa época que a bisavó Dorothy a construíra para seus filhos e netos; e Destin não passava de uma pequena aldeia de pescadores, sonolenta, ou era o que todos diziam. Não havia altos prédios de apartamentos naquela época. Só isso.

E a família Mayfair ainda possuía partes da região, de tantos em tantos quilômetros, desde Pensacola até Seaside: velhos bangalôs de vários tamanhos e idades, construídos antes que surgissem as multidões tonitruantes – e os códigos de edificações.

Gifford sentiu um calafrio, atingida de repente pela brisa, como se ela houvesse cerrado os punhos e procurasse empurrá-la com grosseria para um lado. Caminhou contra a brisa, até a água, com os olhos fixos nas ondas suaves que mal vinham lambe a praia cintilante. Sentiu vontade de se deitar e dormir. Havia feito isso quando criança. Que praia mais segura poderia existir além desse trecho desconhecido de Destin, onde nenhum jipe ou qualquer outro veículo jamais poderia aparecer para machucar uma pessoa com suas rodas, seu barulho ou outras características abomináveis?

Qual era aquele poeta que havia sido morto há tanto tempo na praia em Fire Island? Atropelado enquanto dormia, acreditavam, embora ninguém soubesse ao certo. Coisa horrível, horrível. Ela não conseguia se lembrar do nome dele. Só dos poemas. Tempos da faculdade, cerveja; Ryan beijando-a no convés de um barco, com promessas de que iria levá-la de Nova Orleans. Quanta mentira! Iam morar na China! Ou seria no Brasil? Ryan entrara direto para a Mayfair & Mayfair. A firma o engoliu por completo antes do seu aniversário de vinte e um anos. Ela se perguntava se ele conseguiria agora se lembrar dos seus poetas preferidos: de

como adoravam o poema de D. H. Lawrence sobre as gencianas azuis, ou o "Sunday Morning" de Wallace Stevens.

No entanto, ela não podia culpá-lo pelo que havia acontecido. Ela também fora incapaz de dizer não à velha Evelyn e ao vovô Fielding, bem como a todos os velhos que se importavam tanto, muito embora seu próprio pai e sua própria mãe já estivessem mortos. Era como se tanto Gifford quanto Alicia sempre houvessem pertencido aos mais velhos. A mãe de Ryan nunca os teria perdoado se eles não tivessem concordado com um casamento tradicional. E Gifford não poderia naquela época ter deixado Alicia, que ainda era tão nova e já louca e sempre se metendo em encrencas. Gifford nem mesmo havia ido estudar fora. Quando pediu para ir, a velha Evelyn decidiu.

- O que há de errado com Tulane? Você pode ir de bonde mesmo. - E foi o que Gifford fez. Para o Sophie Newcomb College. Foi um pequeno milagre que a tivessem deixado ir fazer o segundo ano na Sorbonne.

- E você uma Mayfair dez vezes pura - protestara a velha Evelyn quando estava se debatendo a questão da cerimônia de casamento. - Até sua mãe ficaria escandalizada, que sua alma descanse em paz. E pensar no quanto ela sofreu.

Não, realmente não havia possibilidade de Gifford escapar, de ir viver uma vida no norte, na Europa ou em qualquer outro ponto do planeta. A maior briga havia sido acerca da igreja. Gifford e Ryan iriam se casar na do Sagrado Coração ou voltariam para o Irish Channel para a de Santo Afonso?

Gifford e Alicia haviam estudado na escola da igreja do Sagrado Coração, na cidade alta, do outro lado de Audubon Park, um mundo totalmente distanciado da velha igreja de Santo Afonso. Já naquele tempo a igreja era branca, antes que a nave fosse pintada, e as imagens eram belas estátuas de mármore.

Naquela igreja na Avenue, Gifford fizera sua primeira comunhão e sua Crisma: e ali entrara em procissão na formatura, com o buquê na mão, salto alto e vestido longo branco, um ritual digno de uma debutante.

Casar-se na igreja do Sagrado Coração parecia tão natural. O que Santo Afonso, a velha igreja da família Mayfair, representava para ela? E Deirdre Mayfair

nunca ficaria sabendo. Àquela altura ela já estava irrecuperavelmente louca. Foi vovô Fielding quem fez questão.

- Santo Afonso é a nossa igreja, e você uma Mayfair dez vezes pura!

Dez vezes pura.

- Detesto essa expressão. Ela não significa nada - dissera Gifford com bastante frequência. - Ela me faz pensar em animais puro-sangue.

- Bobagem - criticou a velha Evelyn. - Quer dizer que você pertence dez vezes ao rebanho. Descende de dez linhagens diferentes. É isso o que significa. Você deveria ter orgulho disso.

À noite, a velha Evelyn sentava-se na varanda da casa de Amélia Street, tricotando até ficar escuro demais para ela enxergar. Apreciava, como sempre, o crepúsculo letárgico sobre St. Charles Avenue, com tantas pessoas passeando a pé, e os bondes com as luzes amareladas acesas no seu interior, percorrendo ruidosos os trilhos em curva. Poeira, aquele era o tempo do barulho e da poeira, antes do ar condicionado e dos pisos acarpetados; o tempo de se tirar a roupa lavada dura como papel do varal nos fundos. Dava para se fazer gente com os antigos prendedores de roupa, pequenos homens de madeira com chapéus minúsculos.

É, nós pertencíamos aos velhos, pensou Gifford. Durante toda a vida de Gifford, sua mãe estivera doente, reclusa, em sofrimento e andando de um lado para o outro, para depois morrer quando Gifford e Alicia ainda eram tão novas.

Gifford sentia, porém, um carinho prolongado por aquele velho estilo de vida, ou por passear na Avenue com a velha Evelyn, que sempre usava sua bengala irlandesa. Ou de ler para o vovô Fielding.

Não, eu nunca tive vontade de ir embora de verdade, pensou. Nunca havia ficado muito tempo em qualquer cidade moderna dos Estados Unidos. Dallas, Houston, Los Angeles não eram do seu gosto, embora sua impressão inicial de limpeza e eficiência pudesse se revelar muito atraente. Ela se lembrava da primeira vez que vira Los Angeles, ainda criança. Que cidade fantástica! Mas ela se cansava desses lugares rapidamente. E talvez o encanto de Destin



residisse no fato de ficar tão perto de casa. Não se renunciava a nada para vir aqui. Bastava pisar no acelerador, e ela veria aqueles carvalhos antes do pôr-do-sol. Nova Orleans, cidade das baratas, cidade da decadência, cidade da nossa família e da nossa gente tão feliz.

Lembrou-se de uma citação de Hillaire Belloc que encontrara entre os documentos do pai, depois da sua morte.

Onde quer que brilhe o sol católico  
Há música, risos e o bom vinho tinto  
Pelo menos foi o que sempre encontrei.  
Benedicamus Domino!

84

- Vou lhe contar um segredinho – Laura Lee, sua mãe, lhe disseram um dia. - Se você for uma Mayfair dez vezes pura, o que você é, nunca será capaz de ser feliz fora de Nova Orleans. Não se dê ao trabalho. - Bem, era provável que tivesse razão. Dez vezes, quinze vezes. Mas Laura Lee havia sido feliz? Gifford ainda se lembrava da sua risada, do tom agudo na sua voz grave. - Sou doente demais para pensar na felicidade, filha querida. Traga-me o Times Pica vime e uma xícara de chá quente.

E pensar que Mona tinha mais sangue Mayfair do que qualquer pessoa no clã. Qual seria seu grau? Vinte vezes? É, Gifford precisava ver com os próprios olhos essa exploração computadorizada da família, esse gráfico interminável que investigava todas essas inúmeras linhagens, de primos em segundo e terceiro graus, que se casavam. O que ela queria saber era o seguinte: houvera algum sangue novo durante as quatro ou cinco últimas gerações?

Já estava ficando ridícula agora essa história de Mayfair se casar com Mayfair. Eles nem se incomodavam em tentar explicar isso aos outros. E agora, Michael Curry, totalmente só naquela casa. E Rowan desaparecida, só Deus sabe

onde, a menina que havia sido levada para longe para seu próprio bem, de volta direto à casa para ser amaldiçoada de algum modo...

- Sabe, Gifford - dissera Ryan uma vez, num momento muito inconseqüente - só há duas coisas na vida que importam: a família e o dinheiro. É a pura verdade. Ser muito, muito rico, como nós somos, e ter a família à sua volta.

Como Gifford havia rido. Devia ter sido no dia 15 de abril, e ele acabava de apresentar sua declaração do imposto de renda. Mas ela compreendera o que ele queria dizer. Ela não era pintora, cantora, bailarina ou música. Nem Ryan. A família e o dinheiro eram seu mundo inteiro. O mesmo valia para todos os parentes que ela conhecia. A família simplesmente não era a família sem eles. Ela era o clã, a nação, a religião, a obsessão.

Eu jamais poderia ter vivido minha vida sem eles, pensou, formando as palavras com a boca, como gostava de fazer por aqui, onde o vento que vinha da água tudo devorava, onde o bramido indefinido das ondas fazia com que ela se sentisse tonta e como se pudesse de fato cantar. Como se devesse cantar.

E Mona terá uma vida boa! Mona irá para a faculdade que escolher!

Mona pode ficar ou ir embora! Ela terá opções. Não havia um primo adequado para se casar com Mona agora, havia? É claro que sim. Se tentasse, poderia pensar nuns vinte, mas não quis. A questão era que Mona teria uma liberdade que Gifford nunca teve. Mona era forte. Gifford tinha sonhos em que Mona sempre era muito forte e fazia coisas que ninguém mais conseguia fazer, como andar em cima de um muro alto mandando que sua tia Gifford se apressasse.

Uma vez, num sonho, Mona estava sentada sobre a asa de um avião, fumando um cigarro enquanto elas atravessavam as nuvens voando, e Gifford, apavorada, estava agarrada a uma escada de corda.

Gifford parou, imóvel, na praia e deixou a cabeça cair para um lado, com o vento jogando seu cabelo sobre o rosto, a lhe encobrir os olhos. Ela soltou o corpo, e o vento a sustentou. Ah, que delícia tudo isso, pensou, que pura delícia. E Ryan viria para levá-la para casa. Ryan chegaria aqui. Talvez por algum milagre

Rowan estivesse viva! Rowan voltaria para casa! Tudo teria uma explicação, e o belo prodígio do seu primeiro retorno voltaria a iluminar a todos.

É, deixe-se cair e durma na areia. Sonhe com isso. Pense no vestido de Clancy. Você tem de ajudá-la com o vestido. A mãe não entende nada de roupas.

Já seria quarta-feira de cinzas?

Ela não conseguia ver o relógio à luz do céu. Nem mesmo a lua ajudava, brilhando tão direto sobre a água. Mas Gifford sentia nos ossos que já era o início da Quaresma. Lá longe em Nova Orleans, Rex e Comus já haviam abertos seus salões um para o outro, e seus séquitos teriam feito as últimas medidas da terça-feira gorda. O Carnaval estava terminado.

Mas ela precisava entrar. Ryan lhe dissera que entrasse, que trancasse tudo, que ligasse o sistema de alarme. Ela sabia que faria tudo isso só porque ele recomendara. Uma noite dessas, quando estivesse realmente zangada com ele, dormiria na areia, livre e em segurança sob as estrelas, como um andarilho. Nessa praia, estava-se totalmente só nas partes mais antigas do mundo conhecido: a areia e o mar. Podia-se estar em qualquer época. Podia-se estar em qualquer livro, em terras bíblicas, na Atlântida da lenda. Mas por agora, façamos o que Ryan mandou. Pelo amor de Deus, não vá estar dormindo aqui fora quando ele chegar! Ele ficará tão furioso!

Ah, ela gostaria que ele já estivesse aqui agora.

No ano passado, na noite em que Deirdre Mayfair morreu, Gifford acordou com um grito, e Ryan a abraçou.

- Alguém morreu - gritou ela, e ele continuou abraçando-a. Só a campainha do telefone o havia afastado.

- Deirdre. Foi Deirdre.

Será que ela teria uma sensação igual quando algo finalmente acontecesse a Rowan? Ou será que Rowan estava afastada demais do rebanho? Teria ela já morrido de algum modo horrendo e imundo, talvez horas apenas após sua partida? Não, no início houve cartas e recados dela. Ryan dissera que todos

os códigos estavam corretos. E além do mais, Rowan havia ligado para aquele médico da Califórnia, um telefonema internacional.

Ah, amanhã, esse médico vai nos dizer alguma coisa, e assim seus pensamentos giravam voltando ao mesmo lugar. Ela deu as costas ao mar e caminhou na direção da duna escura e da fraca linha de luz acima dela.

Casas baixas de um lado e do outro, que pareciam se estender ao infinito, e depois a grande massa ameaçadora de um arranha-céu, enfeitado com pequenas luzes de aviso para aviões que voassem baixo. E muito ao longe, na curva da terra, as luzes da cidade. E lá fora acima do mar, as nuvens espiralando-se ao luar.

Hora de me trancar e dormir, sim. Mas junto à lareira. Hora de ir dormir aquele sono leve e vigilante que ela sempre apreciava quando estava só, com o fogo ainda aceso. Ela ouviria a cafeteira ligar as cinco e meia; ouviria o primeiro barco que se aproximasse da praia.

Quarta-feira de cinzas. Uma consolação agradável a dominou. Algo como uma mistura de devoção e fé. Ao pó voltaria. E, quando chegar a hora, corte a palma abençoada para o Domingo de Ramos. E leve consigo Mona, Pierce, Clancy e Jenn à igreja na Sexta-feira da Paixão, para "beijar a cruz", como nos velhos tempos. Quem sabe visitar as nove igrejas como costumavam fazer. Ela, a velha Evelyn e Alicia iam a pé a nove igrejas, todas elas na cidade alta naquele tempo, quando a cidade fervilhava de católicos, verdadeiros católicos praticantes: Sagrado Coração, Espírito Santo, Santo Estevão, Santo Henrique, Nossa Senhora do Bom Conselho, Capela da Virgem do Perpétuo Socorro, Santa Maria, Santo Afonso, Santa Teresa. Foram nove?

Nunca se deram ao trabalho de ir até a de São Patrício, pela distância, ou de entrar na igreja da gente de cor em Louisiana Avenue, embora sem dúvida pudessem entrar, já que a segregação não existia de, verdade nas igrejas católicas, e a do Espírito Santo era uma bela igreja. A parte mais triste era quando a velha Evelyn se lembrava da igreja de São Miguel e de como havia sido demolida. A prima Marianne fora irmã de caridade na igreja de São Miguel, e era

triste quando uma igreja era arrasada, junto com o convento, triste quando todas aquelas recordações eram vendidas para o ferro-velho. E pensar que também Marianne havia sido filha de Julien, ou era o que se dizia.

Quantas dessas igrejas restavam? Bem, nesse ano, na Sexta-feira da Paixão, Gifford iria subir de automóvel até a esquina de Amélia e St. Charles e desafiar Mona a encontrá-las com ela. Mona adorava caminhar em locais perigosos. E era assim que Gifford a seduziria. "Vamos, quero encontrar as nove igrejas de vovó. Acho que elas ainda estão no lugar!" E se conseguissem que a própria velha Evelyn viesse? Hércules poderia trazê-la de carro, acompanhando sua caminhada. Sem dúvida ela agora não conseguiria mais caminhar. Estava velha demais. Teria sido uma bobagem.

Mona morderia a isca, só que Mona começaria de novo a perguntar pela Vitrola. Ela havia metido na cabeça que, agora que a casa de First Street estava reformada, alguém encontraria a Vitrola no sótão e a entregaria a ela.

Mona não sabia que a Vitrola não estava absolutamente no sótão, mas escondida mais uma vez com as pérolas num lugar onde ninguém...

O pensamento abandonou Gifford. Simplesmente desapareceu da sua cabeça. Ela havia chegado à parte mais alta da passarela e olhava para sua casa lá embaixo, via o interior do retângulo aquecido da sala de estar, com seu fogo confiável, tremeluzente, e os amplos sofás de couro creme sobre o piso de cerâmica cor de caramelo.

Havia alguém na casa de Gifford. Havia alguém parado junto ao sofá no qual Gifford havia cochilado no final da tarde, parado junto à lareira. Na realidade, o homem estava com o pé no soalho da lareira, exatamente como Gifford gostava de pôr os seus, em especial quando estava descalça, para sentir o frio inevitável que permanecia na pedra.

Esse homem não estava descalço ou usando qualquer tipo de traje informal. Ele lhe parecia vestido com esmero à luz da lareira, muito alto e de uma "esbeltez majestosa", como Richard Cory no velho poema de Edwin Arlington Robinson.

Ela seguiu meio devagar pela passarela e depois desceu para o silêncio e o calor relativo do quintal dos fundos, ao abrigo do vento. Através das portas envidraçadas, sua casa parecia um quadro. Só esse homem não combinava, E a parte que realmente não combinava não era seu paletó escuro de tweed, ou seu suéter de lã. Era seu cabelo, sua longa cabeleira negra e reluzente.

Os cabelos lhe caíam sobre os ombros, lembrando os de Cristo, pensou ela. Na verdade, quando ele se voltou e olhou para ela, o que lhe veio à mente foi um Cristo barato - uma daquelas ofuscantes imagens coloridas de Jesus, com olhos que abrem e fecham quando a imagem é inclinada, cheia de cores berrantes e uma boniteza imediatamente acessível; um Jesus de cachos delicados, trajas sedosos e um sorriso terno sem mistério e sem dor. O homem tinha até mesmo o bigode e a barba bem aparada do Cristo banal. Isso conferia ao seu rosto uma aparência sublime e santa.

E, era essa sua aparência, mais ou menos... a desse homem. Mas quem era ele afinal? Algum vizinho que houvesse entrado pela porta da frente para vir pedir um fusível de 25 ampères ou uma lanterna? Usando um paletó de tweed da Harris?

Ele estava parado na sua sala de estar, com os olhos voltados para a lareira, com o perfil longo e harmonioso de Jesus, e aos poucos foi se virando e olhando para ela, como se a tivesse ouvido o tempo todo, enquanto atravessava a escuridão em meio ao vento, e soubesse que ela havia chegado ao ponto em que julgava que ele pudesse ouvi-la e agora estava parada em silêncio a questionar sua presença com a mão na moldura de aço da porta.

O rosto por inteiro. De repente, ele era de uma beleza luminosa salvadora que a impressionava. Algo que dava sustentação ao cabelo extravagante e às roupas caríssimas. E mais um fator lhe causou impacto, além da sedução do seu rosto. Era uma fragrância, quase um perfume.

Não era doce, porém, esse perfume. Não era de flores, nem de balas, nem de especiarias. Não. Mas era tão convidativo. Dava-lhe vontade de respirar fundo. E ela havia captado esse cheiro em algum outro lugar, recentemente. É, ela

havia experimentado esse mesmo estranho desejo antes. Mas agora não conseguia se lembrar de onde. Na realidade, ela não havia feito algum comentário a respeito dele na ocasião, desse perfume estranho?... Algo a ver com a medalha de São Miguel. Ah, a medalha. Verificar se ela está na bolsa.

Mas ela estava pensando como uma boba. Havia um desconhecido aqui!

Ela sabia que devia ter cautela com ele. Devia descobrir quem ele era e o que desejava imediatamente, talvez antes de entrar na casa. Mas, todas as vezes na sua vida que algo semelhante a isso a deixara assustada, ela sempre saía ilesa, meio constrangida de ter feito tanto escândalo. Nada de realmente ruim havia acontecido diretamente a Gifford.

Talvez fosse um vizinho, ou alguém cujo carro tivesse enguiçado.

Alguém que tivesse visto a luz da sua lareira, ou até mesmo as fagulhas que voavam da chaminé nesse trecho deserto de praia abandonada.

O fato de esse ser desconhecido estar parado ali a observá-la na sua própria casa, junto à sua própria lareira, não a preocupou tanto quanto a deixou intrigada. Não havia ameaça no rosto ou na atitude desse homem. Na verdade, ele aparentava estar sentindo a mesma curiosidade e despertar de interesse com relação a ela.

Ele observou sua entrada na sala. Ela começou a fechar a porta de vidro atrás de si, mas resolveu não fechá-la.

- Pois não, deseja alguma coisa? - perguntou ela. Mais uma vez, o Golfo havia se recolhido a um sussurro próximo ao silêncio. Ela estava de costas para o fim do mundo, e o fim do mundo estava calado.

A fragrância de repente era irresistível. Ela pareceu encher a sala inteira. Misturou-se às achas de carvalho ardendo na lareira, ao cheiro calcinado dostijolos e ao ar fresco e frio.

- Chegue-se a mim, Gifford - respondeu ele, com uma simplicidade fácil e surpreendente. - Venha para os meus braços.

- Acho que não ouvi bem - disse ela, com o sorriso forçado e amarelo brotando antes que pudesse contê-lo; com as palavras saindo-lhe dos lábios

enquanto ela se aproximava e sentia o calor do fogo. A fragrância era tão deliciosa; dava-lhe vontade de repente de não fazer nada a não ser respirar. - Quem é você? - Ela procurou parecer gentil, informal, normal. - Nós nos conhecemos, você e eu?

- É, Gifford. Você me conhece. Você sabe quem eu sou - disse ele.

Sua voz era lírica, como se ele estivesse recitando alguma coisa que rimasse, mas não rimava. Ele parecia valorizar as sílabas simples que pronunciava.

- Você me viu quando era bem pequena - prosseguiu ele, dando à última palavra uma bela entoação. - Eu sei que você me viu. Agora, não consigo me lembrar exatamente do momento. Você pode se lembrar por nós dois. Gifford, procure se lembrar, pense na varanda empoeirada, no jardim abandonado. - Ele pareceu triste, pensativo.

- Eu não o conheço - declarou Gifford, mas sua voz não tinha convicção. Ele se aproximou ainda mais dela. Os ossos do rosto eram graciosamente torneados, mas a pele, como a pele era fina e perfeita. Ele era melhor do que a imagem barata de Cristo, sem dúvida. Ah, era mais parecido com o famoso autorretrato de Dürer. - Salvator Mundi - disse ela, baixinho. Não era esse o nome do quadro?

- Perdi esses séculos recentes - disse ele - se é que algum dia eu os possuí, lutando como lutei para ver as mais simples das coisas sólidas. Mas agora disponho de lembranças e verdades mais antigas, anteriores ao tempo das minhas beldades da família Mayfair e da sua frágil proteção. E preciso confiar, como os homens confiam, na minha história, palavras que escrevi às pressas, enquanto o véu se adensava e a carne se consolidava, roubando de mim a perspectiva do fantasma, que poderia ter chegado a ver meu triunfo com muito maior rapidez e com muito mais facilidade do que verei.

- Gifford. Eu mesmo registrei o nome Gifford. Gifford Mayfair. Gifford, neta de Julien. Gifford veio à casa de First Street. Gifford é alguém que viu Lasher. Não estou dizendo a verdade?



Ao ouvir o nome, ela enrijeceu. E as palavras restantes, que continuavam como uma canção, foram praticamente ininteligíveis para ela.

- É, paguei o preço de ser como qualquer bebê choramingas, mas só para recuperar um destino mais valioso, e para você um amor mais precioso e trágico.

Ele lembrava Cristo enquanto falava, como Düre no quadro, talvez de propósito, baixando a cabeça só um pouco para dar ênfase, com os dedos unidos como para uma prece por um instante fugaz e depois soltos para apelar ao espaço aberto. Aquele Cristo que não sabe dar troco e tem de pedir a um dos Doze Apóstolos, mas que sabe que vai morrer na cruz.

Sua mente estava totalmente vazia, incapaz de seguir adiante, de criar uma resposta ou um plano. Lasher. Seu corpo de repente lhe disse como estava apavorada de medo desse desconhecido. Ela havia erguido as duas mãos e as estava retorcendo, um gesto característico seu, e via seus próprios dedos como asas borradas no canto do seu campo visual.

Num impulso e emoção incontáveis, de repente ela não via nada de nítido nele, só a beleza em si, como um reflexo que atrapalha a visão do que está do outro lado de uma janela. Seu medo crescia, deixando-a imobilizada, enquanto ao mesmo tempo a forçava a mais um gesto. Ela ergueu a mão à testa; e num relance sombrio e destrutivo, a mão dele surgiu e se prendeu ao seu pulso. Quente, machucando.

Gifford fechou os olhos. Sentiu tanto medo que realmente não esteve ali por um átimo. Não estava realmente viva. Estava desligada, fora do tempo e do espaço. Depois o medo cedeu e cresceu de novo, açoitando-a mais uma vez até ela ficar aterrorizada. Ela sentia o aperto e a pressão dos dedos dele. Sentia a fragrância quente, profunda, sedutora.

- Solte-me - disse ela, com determinação, enfurecida e apavorada.

- O que você pretendia fazer, Gifford? - A voz era quase tímida, suave. Melodiosa como antes.

Ele agora estava muito perto dela. Era quase um monstro de tão alto, talvez tivesse mais de um metro e noventa. Ela não conseguia calcular. Talvez

não chegasse a ser um gigante, um ser de estrutura esguia, com os ossos da testa muito salientes sob a pele lisa.

- O que você pretendia fazer? - perguntou ele. Como uma criança, sem petulância, apenas muito jovem e inocente.

- Ia fazer o sinal da cruz! - respondeu ela, com a voz rouca. E foi o que fez, nervosa, soltando-se dele e começando de novo, - Em Nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. As palavras ela dizia intimamente. Depois, ela se endireitou e o encarou de frente. - Você não é Lasher - disse, com esse nome quase morrendo nos seus lábios. - Você é só um homem. Você é um homem que está aqui parado.

- Eu sou Lasher - contestou ele, gentil, como se tentasse protegê-la da rudeza das suas palavras. - Sou Lasher e tenho um corpo. Voltei mais uma vez, minha bela, minha bruxa Mayfair. - Linda pronúncia, cuidadosa e ao mesmo tempo tão rápida. - Sou de carne e osso agora, e, sou homem de novo, e preciso de você, minha bela, minha Gifford Mayfair. Se você me cortar, eu sangro. Se me beijar, acelera meu desejo. Venha ver.

Mais uma vez, ocorreu aquele desligamento. O pavor não conseguia tornar-se prolongado, entediante ou mesmo controlável. Sem dúvida, uma pessoa assustada a esse ponto deveria, por uma questão de misericórdia, perder a consciência, e por um átimo ela acreditou que de fato poderia perdê-la. Mas sabia que, se isso acontecesse, estaria perdida. Esse homem estava ali parado diante dela; o perfume que a envolvia provinha dele. Ele agora estava a no máximo meio metro, baixando até ela os olhos fixos, radiantes, carentes, como rosto liso como o de um bebê e os lábios quase tão rosados quanto os de uma criança.

Ele parecia não ter consciência da sua beleza, ou melhor parecia não a estar usando conscientemente para deslumbrar Gifford, para perturbá-la, confortá-la ou acalmá-la. Ele não parecia ver a si mesmo nos olhos de Gifford, mas só a ela.

- Gifford - sussurrou ele. - Neta de Julien.

De repente tudo foi tão terrível, tão sinistro e interminável quanto qualquer medo da sua infância, qualquer momento de tristeza desconsolada em que ela abraçava os próprios joelhos e chorava sem parar, temendo até mesmo abrir os olhos, com medo da casa cheia de rangidos, com medo dos gemidos da mãe, com medo da própria escuridão e dos infinitos panoramas de horror que nela existiam.

Forçou-se a olhar para baixo, a sentir o momento, a sentir a cerâmica abaixo dos pés, e o crepitar irritante e persistente do fogo, a ver as mãos dele, tão brancas e cheias de veias quanto as de uma pessoa idosa, e depois erguer os olhos à testa lisa, serena, semelhante à de Cristo, com seu cabelo escuro e ondulado. Arestas bem esculpidas para suas sobrancelhas lisas e negras; ossos delicados a emoldurar seus olhos, dando-lhes ainda mais vida enquanto ele a observava. O queixo de um homem, conferindo força e forma à barba lustrosa cortada bem curta.

- Quero que saia agora - disse ela. Sua atitude parecia tão disparatada, tão indefesa. Imaginou o revólver no armário. Secretamente, ela sempre ansiara por um motivo para usá-lo, agora tinha consciência disso. Lembrou-se do cheiro de pólvora, e da sujeira da galeria de tiro ao alvo de paredes de cimento em Gretna. Ouviu Mona a incentivá-la. Sentiu aquela coisa grande e pesada que subiu dançando quando ela puxou o gatilho. Ah, como Gifford o queria agora.

- Quero que volte amanhã pela manhã - disse ela, dando ênfase com um gesto de cabeça. - Você tem de sair da minha casa agora. - Ela chegou a pensar na medalha. Ai, meu Deus, por que não estava usando a medalha?

Tivera vontade de usá-la. São Miguel Arcanjo, defendei-nos na batalha.

- Vá embora daqui !

- Não posso, minha querida, minha Gifford - disse ele, como se entoasse uma lenta melodia.

- Você está me dizendo coisas absurdas. Eu não o conheço. Peço-lhe mais uma vez que se vá. - Mas quando ela quis dar um passo atrás, não ousou. Algum resquício de encanto ou de compaixão desapareceu abruptamente do rosto dele. Ele a encarava com cautela, talvez mesmo com rancor.

Esse rosto parecia o de uma criança, sim, instável, sedutor e cativante nos seus súbitos e espontâneos lampejos de sentimentos. Como era lisa e perfeita a testa! Que bela proporção! Será que Dürer havia nascido assim tão perfeito?

- Lembre-se de mim, Gifford. Eu gostaria de me lembrar de você. Eu estava à sombra das árvores quando você me viu. Sem dúvida estava. Diga me o que viu. Ajude-me a me lembrar, Gifford. Ajude-me a entretecer tudo num grande quadro. Estou perdido nesta paixão, e cheio de ódios e rancores antigos! Cheio de dor e ignorância antigas. Eu sem dúvida era sábio enquanto era invisível. Decerto estava mais perto dos anjos do ar do que dos demônios da terra. Mas, ai, a carne é tão sedutora. E eu não serei derrotado outra vez; não serei destruído. Minha prole persistirá. Você me conhece. Diga que sim.

- Eu não o conheço! - contestou ela. Havia recuado, mas só um passo.

Havia tão pouco espaço entre os dois. Se ela tivesse se virado para sair correndo, ele a teria agarrado pelo pescoço. O pavor cresceu nela novamente, aquele pavor absoluto e irracional de que ele lhe fosse pôr seus longos dedos no pescoço. Que ele podia fazer isso, que ninguém poderia impedi-lo, que as pessoas agem assim, que ela estava sozinha com ele, tudo isso colidia em silêncio no íntimo de Gifford. Mesmo assim, ela voltou a falar.

- Saia daqui, está ouvindo o que eu estou dizendo?

- Não posso, minha linda - respondeu ele, com uma sobrancelha ligeiramente arqueada. - Fale comigo. Conte-me o que viu quando veio àquela casa há tanto tempo.

- Por que você me quer? - Ela ousou dar mais um passo, muito hesitante. A praia estava às suas costas. E se ela saísse correndo, atravessando o quintal e seguindo pela passarela? E a longa praia lembrava as paisagens desertas e vazias de sonhos horrendos. Ela não havia sonhado exatamente com isso no passado distante? Nunca, nunca pronuncie esse nome!

- Agora sou desajeitado - disse ele, com uma sinceridade súbita e profunda. - Acho que, quando eu era um espírito, era mais refinado, não era? Eu aparecia e sumia no momento exato. Agora, ando às tontas pela vida, como todos

nós. Preciso das minhas mulheres Mayfair. Preciso de todas vocês. Gostaria de estar cantando em algum vale belo e silencioso; no fundo de um vale ao luar. E eu poderia reunir todas vocês, de volta ao círculo. Ah, mas nunca mais teremos essa sorte, Gifford. Quero que você me ame, Gifford. Ele se afastou quase como se sentisse dor. Não que ele quisesse sua solidariedade ou de que a esperasse. Ele não se importava. Estava angustiado e permaneceu em silêncio por algum tempo, com o olhar amortecido e vazio voltado para a cozinha. Havia algo de completamente irresistível na sua expressão, na sua atitude.

- Gifford, Gifford, diga-me o que vê em mim. Sou bonito aos seus olhos? - Ele se voltou. - Olhe para mim.

Inclinou-se para beijá-la como um pássaro que chega à beira de um açude, com a mesma leveza, com o impetuoso bater de asas, e aquela fragrância envolvente, como se fosse o cheiro de um animal, um perfume quente como o cheiro bom de um cachorro, ou de um passarinho quando é tirado da gaiola. Seus lábios cobriram os dela, e seus longos dedos subiram deslizando até o pescoço de Gifford, com os polegares tocando delicadamente seu queixo e seu rosto. E enquanto tentava fugir para o fundo de si mesma, sozinha e isolada de toda dor, ela teve uma sensação fugaz e deliciosa que se espalhava pelo seu ventre. Ela quis dizer, Isso não vai acontecer, mas foi apanhada tão de surpresa que percebeu que ela a segurava em pé. Ele a aninhava nos seus dedos, com carinho, pelo pescoço, e talvez seus polegares estivessem pressionados de encontro à garganta. Calafrios percorreram seu corpo, subiram pelas suas costas, desceram pelos braços. Meu Deus, ela estava desmaiando.

Desmaiando.

- Não, não, querida, eu não a machucaria. Gifford, de que vale minha vitória sem isso?

Exatamente como uma canção. Ela quase conseguia perceber um ritmo e uma melodia, do jeito que as palavras brotavam dele na escuridão. Ele a beijou repetidamente, e seus polegares não lhe esmagaram a garganta. Os braços de Gifford estavam dormentes. Ela não sabia onde estavam suas próprias mãos.

Percebeu, então, que ela as havia erguido contra o peito dele. E claro que não conseguiria afastá-lo. Ele era um homem de verdade, mais forte do que ela sem sombra de dúvida, e era inútil tentar se mexer. E então a sensação funda e emocionante a envolveu, exatamente como a fragrância, e um espasmo delicioso a atravessou, quase como uma consumação, só que ele prometia urna enorme série de consumações seguidas e, quando se têm tantas consumações, não se trata de consumações. Era apenas uma entrega contínua.

- É, entregue-se a mim - disse ele, mais uma vez com uma simplicidade infantil. - Você é para mim. Tem de ser.

Ele a soltou, pôs as mãos nos seus braços e a ergueu delicadamente do chão. O que ela descobriu em seguida foi que estava deitada ali, sobre o piso frio, seus olhos estavam abertos e ela sentia e ouvia que ele rasgava suas meias de lã, e ela se perguntou se o suéter não era áspero e arranhava.

Procurou falar, mas a fragrância na realidade a estava enjoando ou desnorteando, talvez fosse isso mesmo. O cabelo dele caía sobre o rosto de Gifford com uma suavidade deliciosa.

- Eu não vou fazer isso - disse ela, mas sua voz pareceu distante e sem autoridade, ou sem absolutamente qualquer poder para convencer ao seu próprio eu. - Afaste-se de mim, Lasher, afaste-se de mim. Estou mandando.

E Stella disse a mamãe... - Fugiu-lhe o pensamento, simplesmente sumiu.

Uma imagem surgiu de relance na sua cabeça, uma imagem do passado longínquo, de Deirdre, sua prima mais velha, adolescente, bem no alto do carvalho, recostada, com os olhos fechados, os quadris forçados para a frente debaixo do pequeno vestido florido, com a aparência de Maus Pensamentos e Toques Pecaminosos, a aparência do êxtase! E ela, Gifford, estava parada à sombra da árvore, e havia visto a silhueta indefinida do homem, o vislumbre do homem, e o homem estivera com Deirdre.

- Livrai-nos do mal - sussurrou ela.

Em todos os seus quarenta e seis anos, só um homem havia tocado em Gifford assim. Só um homem havia rasgado sua roupa, por brincadeira ou falta de jeito, havia forçado seu órgão a penetrar nela, beijando-lhe o pescoço.

E isso era carne, não era fantasma nenhum, é, carne. Fez a passagem. Não posso. Deus me ajude.

- Anjo do Senhor, meu querido guardião... - Suas próprias palavras iam se afastando dela. Gifford não havia consentido, e então ocorreu-lhe a horrível conscientização de não haver lutado. Diriam que ela não lutou. Havia apenas essa horrenda passividade, essa confusão, e sua tentativa de conseguir segurar, de empurrar o ombro dele, com a palma da mão deslizando na lã macia do seu paletó, e ele a penetrá-la com violência enquanto ela própria sentia o clímax que a arrebatava, que a transportava para perto da escuridão, do silêncio e da paz.

Mas não totalmente.

- Por quê? Por que está fazendo isso? - Ela havia falado em voz alta?

Estava flutuando, tonta, cheia de sensações doces e poderosas, sensações como a do perfume e do vigoroso movimento do seu órgão dentro dela, o movimento que parecia tão natural, tão completo, tão bom! Ela achou que ele havia parado e que ela estava se virando de lado, mas percebeu que não havia se mexido absolutamente. Ele a penetrava de novo.

- Gifford, linda - entooou ele. - Digna de ser minha noiva no vale, no círculo, minha noiva.

- Acho... acho que está me machucando... - disse ela. - Meu Deus! Ai, minha mãe! Ajudem-me. Deus. Alguém.

Ele cobriu sua boca novamente quando mais uma vez o jorro quente do sêmen entrou nela, derramando-se e vazando para baixo dela; e as sensações deliciosas e fascinantes a levantaram e a jogaram de um lado para o outro.

- Alguém me ajude.

- Não há ninguém, querida. E esse o segredo do universo. Esse é o meu tema, meu brado. Essa é a minha mensagem. E é tão bom, não é? A vida inteira você disse a si mesma que não era importante...

- É...

- Que havia coisas mais elevadas, e agora você sabe, você sabe por que as pessoas arriscam tudo por isso, por essa carne, por esse êxtase.

- É.

- Você sabe que, não importa o que você tenha sido sempre ou antes, agora você está viva e comigo, e eu estou dentro de você. E você é esse corpo, não interessa o que mais você seja. Minha querida Gifford.

- É.

- Faça meu bebê. Veja-o, Gifford. Veja-o. Veja seus membros minúsculos. Veja-o nadar até a consciência. Veja-o. Tire-o da escuridão. Seja a bruxa dos meus sonhos, Gifford, seja a mãe do meu filho.

O sol batia sobre ela, fazendo com que ela sentisse calor e desconforto com aquele suéter pesado; e a dor lá dentro a despertou de repente, empurrando-a longamente através da névoa até ela franzir os olhos e ver, não a névoa, mas o céu ofuscante.

A dor girava, pulsava. Eram cólicas, essas dores. Eram contrações! Ela fez com que a mão descesse até entre as pernas. Sentiu que estava molhada e ergueu a mão para ver o sangue. Trouxe-a para perto do rosto, e o sangue gotejou sobre ela. Ela o sentiu. Mesmo a luz forte não pôde impedi-la de ver como o sangue era vermelho.

A água atingiu-a de repente. Ondas grandes desfaziam-se até bem junto dela, geladas, de uma força imensa, e depois morriam subitamente como se sugadas de volta pelo vento. Ela estava deitada na arrebentação! E o sol surgiu por trás de uma montanha de nuvens brilhantes ao leste, e aos poucos espalhou-se pelo céu azul.

- Ah, você está vendo? - disse ela, baixinho.

- Lamento, minha querida - disse-lhe ele. Ele estava parado muito ao longe, um espectro naquela claridade toda, ele próprio tão escuro que ela não pôde distinguir nada, a não ser os cabelos compridos soprados pelo vento. E então ela voltou a sentir como seu cabelo era sedoso, como era fino e negro e



como cheirava bem. Mas agora ele era apenas uma silhueta distante. Havia a fragrância, naturalmente; e havia a voz. E só.

- Perdoe-me, minha querida. Eu queria que ele vivesse. E sei que você tentou. Lamento, minha caríssima, minha amada Gifford. Eu não pretendia machucá-la. E nós dois tentamos. Meu Deus, perdoe-me! O que vou fazer, Gifford?

Silêncio. As ondas voltaram.

Ele teria ido embora? Seu Cristo esguio como um salgueiro, de cabelos macios, que estivera conversando com ela tanto tempo? A água banhou-lhe o rosto. Uma sensação tão boa. O que ele lhe dissera, algo a respeito de descer até a aldeia e ver o presépio lá, com o pequeno Menino Jesus de gesso sobre o feno, e todos os irmãos usando hábitos marrons. Ele não havia pedido para ser padre, apenas para ser um dos irmãos. "Mas você está destinado a coisas melhores."

Por um instante, ela superou totalmente a dor, essa sensação de horas perdidas, de palavras e imagens perdidas. Ela também estivera em Assis, ela lhe dissera. São Francisco era o seu santo. Ele apanharia a medalha para ela?

A que estava na bolsa? Era de São Miguel, mas ela a queria. Ele compreenderia. Quem entende de São Francisco entende de São Miguel. Entende de todos os santos. Era sua intenção pedir, mas ele não parava de falar nos cânticos que costumava cantar, cânticos em italiano, e o hino em latim, naturalmente, sobre os montes ensolarados da Itália e depois aquela névoa escura e fria que encobria Donnelaith.

Ela sentiu náuseas e o gosto do sal nos lábios. E suas mãos doíam com o frio. A água a golpeava! Ela veio novamente, rolando Gifford para a esquerda, de tal modo que a areia machucou seu rosto, e a dor no ventre era insuportável. Ai, meu Deus, não se podia sentir uma dor dessas e não... o quê? Socorro.

Caiu mais uma vez para a direita. Olhou para o brilho ofuscante do Golfo; encarou a claridade plena da manhã. Deus meu, tudo havia sido real, e ela não conseguira impedir que acontecesse; e agora a coisa atravessara o imenso emaranhado de segredos e ameaças sussurradas e a matara.

Mas o que Ryan irá fazer sem mim? O que acontecerá a Pierce se eu não estiver por perto? Clancy precisa de mim. Eles não vão poder se casar se isso acontecer comigo! Vai atrapalhar tudo para eles! Em nome de Deus, onde está Rowan? E em que igreja será a cerimônia? Eles não deviam voltar a usar a de Santo Afonso. Rowan!

De repente como se ocupou, criando listas e mapas, e variando pretendendo ligar para Shelby e para Lilia. Quando a água chegou de novo, ela não se importou tanto com o sal ou com o frio enregelante. Alicia não sabia onde a Vitrola estava! Ninguém sabia a não ser Gifford. E os guardanapos para o casamento. Havia centenas de guardanapos de linho no sótão da casa de First Street, e eles poderiam ser usados no casamento, se ao menos Rowan voltasse para casa e dissesse que... Deus do céu, a única pessoa com quem ela não precisava se preocupar era Mona. Mona se sairia bem. Mona realmente não precisava dela. Mona...!

Ah, a água estava tão gostosa! Não, ela não se incomodava nem um pouco, como dizem. Onde estava a esmeralda? Você a levou, Rowan? Ele lhe entregara a medalha. Ela a trazia ao pescoço, mas levar sua mão até lá para segurar a corrente estava fora de questão agora. O que era necessário era um inventário completo, incluindo a Vitrola, as pérolas, a esmeralda, aqueles discos de tio Julien, todas aquelas velhas canções da Vitrola, e o vestido na caixa no sótão que havia pertencido à velha Evelyn. Ela virou o rosto, dessa vez para dentro d'água, pensando que a água provavelmente estivesse lavando o sangue dela e da sua mão.

Não, não a incomodava a água fria. Nunca a incomodara. Ela só se preocupava com a dor, a dor terrível, que se aguçava, excruciante. Você acha que a vida vale isso? Não sei. O que você acha? Essa dor, ela não é especialmente rara, sabe? Sentir uma dor assim, sofrer assim, não é nada de especial, sabe? É só... Não sei se vale a pena. Realmente não sei.

## **Capítulo 5**

A mãe estava em desespero agora. Ela não conseguia se livrar da fita que lhe prendia os braços. Ela lutava. E Emaeth debatia-se aflita, ouvindo a mãe chorar. A mãe estava enjoada com a cama imunda em que estava deitada. Ela virava a cabeça para o lado e o enjôo lhe saía pela boca. O mundo de Emaeth tremia.

Emaeth sofria pela mãe. Se ao menos a mãe soubesse que ela estava ali, mas a mãe não sabia. A mãe havia berrado sem parar. Mas ninguém apareceu.

A mãe ficou furiosa e tentou rasgar a fita, mas a fita não se soltou. A mãe dormia por longos períodos e tinha sonhos estranhos. Depois, acordava e chorava novamente.

Quando a mãe olhava pelas janelas distantes, Emaeth via a cidade de prédios altos e luzes. Ela ouvia o que a mãe ouvia - os aviões lá em cima, os automóveis lá embaixo - e via as nuvens. E quando a mãe sabia os nomes dessas coisas, Emaeth também sabia. A mãe amaldiçoava esse lugar; ela se amaldiçoava; fazia orações a humanos que estavam mortos. O pai dissera a Emaeth quem esses humanos eram e que eles nunca poderiam ajudar a mãe.

Os mortos ficam do outro lado, disse o pai. Ele estivera com os mortos, e não queria voltar a estar com eles, até chegar sua hora. Ela chegaria, mas a essa altura ele e Emaeth teriam se multiplicado e dominado a Terra. A Terra seria para seus filhos.

- Voltamos no momento perfeito. Nunca o mundo esteve tão preparado. No passado distante, a sobrevivência era difícil demais para nós. Mas não agora. Somos os humildes. Herdaremos a Terra.

Emaeth rezava para que o pai voltasse. O pai soltaria a mãe da cama; e a mãe não choraria mais. O pai amava a mãe.

- Lembre-se de que eu a amo - dissera ele. - Nós precisamos dela. Ela tem o leite, e sem o leite você não atingirá sua altura certa.

Emaeth esperava para poder sair desse lugar escuro, esticar os braços e pernas, crescer, caminhar, sorrir e ficar nos braços do pai. Coitada da mãe. A mãe sentia dor. A mãe dormia cada vez mais.

O quarto ficava solitário e silencioso quando a mãe dormia. Seu sono era cada vez mais profundo. Emaeth receava que a mãe nunca mais acordasse. Ela se virava e se esticava para alcançar as bordas do mundo. Ela viu a luz que se apagava ao seu redor. Ah, mas era só o crepúsculo de novo, e os prédios se acendiam, cheios de luz. Logo Emaeth veria a luz como realmente era -, veria a luz com nitidez, dissera o pai. E a luz era maravilhosa.

Os mortos não conhecem a luz, dissera o pai. Os mortos conhecem a confusão. Emaeth abriu a boca e procurou formar palavras. Fez pressão contra o teto do mundo. Virou-se e empurrou dentro da mãe. Mas a mãe dormia, exausta, faminta e totalmente só. Talvez fosse melhor que ela agora estivesse sonhando e não sentisse medo.

Pobre mamãe.

## **Capítulo 6**

Yuri tinha de ir ao encontro de Aaron Lightner, só isso. Tinha de deixar a Talamasca nesse momento, não importa que ordens tivesse recebido, precisava encontrar Aaron na cidade de Nova Orleans e descobrir o que havia acontecido nos últimos meses para perturbar tanto seu querido amigo e mentor.

Quando o carro foi se afastando dos portões da casa-matriz, Yuri soube que poderia nunca mais se encontrar dentro daqueles muros. A Talamasca era implacável com os que desobedeciam ordens. E Yuri não podia alegar ignorar as normas da Talamasca.

No entanto, foi tão simples essa partida - afastar-se de carro em meio à cinzenta solidão abafada da manhã fria, deixando para trás esse lugar abençoado na periferia de Londres onde Yuri havia passado uma boa parte da sua vida.

Yuri refletiu sobre isso e considerou sua notável falta de conflito ou dúvida. Ele na realidade procurou assumir a incerteza de um homem responsável e examinar seus atos a partir de um ponto de vista moral e lógico como uma boa pessoa deveria fazer.

No entanto, Yuri havia tomado sua decisão. Ou melhor os Anciãos a tomaram por ele quando lhe ordenaram que desistisse de qualquer contato com Aaron, quando lhe disseram que o Arquivo sobre as Bruxas Mayfair estava agora encerrado.

Algo péssimo havia acontecido com as bruxas Mayfair, algo que havia atingido Aaron e o desestimulado. E Yuri ia procurá-lo. Sob um certo aspecto, era a coisa mais simples que Yuri havia feito na vida.

Yuri era um cigano da Sérvia, alto, de pele morena, com cílios muito escuros e olhos grandes e negros. Seu cabelo era ligeiramente ondulado, mas cortado curto demais para que alguém notasse. Esguio e ágil de aparência, ele apresentava uma silhueta magra com seu costumeiro paletó esporte de lã, sua camisa de malha macia e suas calças cáqui amarrotadas.

Seus olhos tinham uma leve inclinação para cima nos cantos externos. Em muitos países, desde a Índia ao o México, ele passava por natural do país. Mesmo no Camboja e na Tailândia, ele não chamava a atenção. Havia aquele traço da Ásia nas suas feições, sua pele lisa e dourada e talvez até mesmo sua atitude tranqüila. Seus chefes na Talamasca o chamavam de "Homem Invisível".

Yuri era o principal investigador da Talamasca. Pertencia a essa ordem secreta de "detetives paranormais" desde a infância. Embora ele próprio não possuísse nenhum poder mental extraordinário, trabalhava bem com todos os feiticeiros, videntes, médiuns e exorcistas da Talamasca em seus vários casos por todo o mundo, sem exceção. Ele era de extrema eficiência para descobrir o paradeiro de pessoas desaparecidas, incansável e preciso na coleta de informações, um espião no mundo normal, um detetive particular natural e infalível. Ele adorava a Talamasca. Não havia nada que não se dispusesse a fazer pela Ordem, nenhum risco que não se dispusesse a correr.

Raramente, se é que alguma vez, ele fazia perguntas sobre suas missões. Não procurava compreender o alcance total do que fazia. Trabalhava apenas para Aaron Lightner, ou David Talbot, de posição muito alta na Ordem, e sentia prazer por eles às vezes o disputarem, de tão bons que eram os seus serviços.

Com uma voz suave, tranqüila, Yuri falava uma quantidade de línguas, praticamente sem nenhum sotaque. Antes dos oito anos de idade, já havia aprendido inglês, russo e italiano com sua mãe - e com os homens da mãe.

Quando uma criança aprende tantas línguas muito cedo, ela dispõe de uma grande vantagem, não só no campo da lingüística, mas no da lógica e do pensamento figurado. A mente de Yuri era inerentemente ágil, não reservada por natureza, embora durante grande parte da sua vida ele houvesse reprimido sua loquacidade natural, permitindo-lhe expressão apenas ocasionalmente.

Yuri tinha muitas outras vantagens decorrentes do tempo em que vivia com sua mãe - o fato de que ela era inteligente, linda sem se esforçar e um pouco inconseqüente. Ela sempre ganhava muito dinheiro dos seus companheiros, mas era um ser social, que tagarelava com os empregados dos hotéis onde recebia seus homens e tinha amigas com quem passava uma tarde ou outra num bar, tomando café ou chá inglês enquanto conversavam sem parar.

Seus homens nunca haviam sido cruéis com Yuri. Muitos nunca chegavam a vê-lo. E aqueles que eram seus companheiros há muito tempo sempre eram simpáticos com o menino. Se não fosse assim, a mãe de Yuri nunca os teria por perto. Ele cresceu nessa atmosfera de gentileza e de complacente desorganização geral, tendo aprendido a ler cedo, quase que somente com revistas e jornais, e adorando perambular pelas ruas.

Quando os ciganos apanharam Yuri, foi aí que começaram seu silêncio e seu rancor. E ele nunca se esqueceu de que eram seus próprios parentes, seus primos, esse bando de ladrões que compravam crianças e as levavam à força para Paris e Roma para roubar. Puseram suas mãos em Yuri depois que sua mãe morreu na sua aldeia natal na Sérvia, lugar paupérrimo para onde se retirara assim que percebeu que ia morrer.

Anos mais Tarde, Yuri tentou encontrar a pequena aldeia e o que restava da família; mas não conseguiu refazer a viagem, na direção norte atravessando a Itália para entrar na Sérvia. Suas lembranças daqueles dias de viagem haviam sido prejudicadas pelo sofrimento, pela consciência de que sua mãe sofria dores fortíssimas, de que ela se esforçava para cada respiração, de que ele estava num país estranho e em breve poderia ficar só.

Por que havia ficado tanto tempo com os ciganos? Por que havia sido um batedorzinho de carteiras tão bom, que dançava e brincava em volta dos turistas, tirando-lhes as carteiras, como lhe haviam ensinado? O que havia de errado na sua cabeça para ele agir assim? - A pergunta iria provavelmente atormentá-lo até o dia em que morresse.

É claro que o haviam espancado, que faziam com que passasse fome, que o provocavam e o ameaçavam, que o pegaram duas vezes quando ele tentou fugir e afinal conseguiram convencê-lo de que o matariam se tentasse de novo. Às vezes, eles também eram carinhosos, persuasivos, cheios de promessas. Tudo isso também era verdade.

Mas aos nove anos de idade, Yuri deveria ter tido mais juízo. Era o que imaginava. Sua mãe, mesmo na infância, não teria sido tão boba. Nenhum gigolô jamais havia escravizado a mãe de Yuri. Nenhum homem jamais a intimidara, embora ela de vez em quando tivesse se apaixonado... pelo menos por algum tempo.

Quanto ao pai de Yuri, este nunca o conheceu, mas sabia quem ele era: um americano de Los Angeles, e rico. Antes de Yuri e sua mãe deixarem Roma naquela última viagem juntos, ela guardara num cofre de banco o passaporte do pai de Yuri, com algum dinheiro, fotografias e um belo relógio japonês. Era só isso o que lhes restara do pai de Yuri, falecido quando o menino tinha dois anos de idade.

Yuri já tinha dez anos quando conseguiu reaver esses velhos tesouros.

Os ciganos fizeram com que ele roubasse para eles em Paris durante meses, e depois em Veneza e Florença. E só quando o inverno chegou, eles foram para Roma.

Quando contemplou a Cidade Eterna, a cidade que conhecera com sua mãe, Yuri aproveitou a oportunidade. Ele sabia onde ir. No meio de uma manhã de domingo, enquanto os ladrões ciganos se dedicavam à multidão no Vaticano, ele deu seu salto para conquistar a liberdade, enfiando-se direto num táxi com uma carteira de dinheiro recém roubada, e logo estava passeando pelos apinhados cafés para turistas da Via Veneto, à procura de companhia endinheirada, como sua mãe sempre fizera com tanta elegância.

Não era mistério nenhum para Yuri que havia homens que preferiam meninos a mulheres. E ele havia aprendido muito pelo exemplo, tendo espiado sua mãe muitas vezes através do buraco da fechadura ou da fresta na porta.

Era perfeitamente óbvio para ele que tomar a iniciativa pode ser mais fácil do que ser passivo; e que, se a intimidade com desconhecidos ocorrer numa atmosfera de afabilidade, ela não é tão difícil de suportar.

Uma outra vantagem talvez fosse a de que por natureza ele era tão afetuoso quanto a mãe, e agora recorreria a essa característica, pois precisava dela e ela havia sempre funcionado bem com sua mãe.

Estava magro da dieta miserável que lhe era permitida pelos seus captores, mas seus dentes eram perfeitos e ele havia conseguido mantê-los muito brancos. Que sua voz era linda, disso ele não tinha a menor dúvida. Treinou seu sorriso diante do espelho de um banheiro público e saiu para experimentá-lo com os parceiros de sua escolha.

Revelou-se um excelente avaliador de caráter.

A não ser por uns dois pequenos erros, logo estava de volta ao mundo da sua mãe, em meio aos equipamentos conhecidos de bons quartos de hotel, silenciosamente grato pelos deliciosos banhos de chuveiro e pelas esplêndidas refeições servidas no quarto, disparando com uma desenvoltura convincente, e um pequeno sorriso irônico, qualquer história que fosse necessária para satisfazer



as perguntas dos seus parceiros de cama e liberar das restrições das suas consciências seus desejos óbvios, revisíveis e perfeitamente exeqüíveis.

A um ele dizia que era hindu; a outro, português; e até mesmo uma vez disse ser americano. Seus pais eram turistas em férias, disse ele, que o deixaram para ir fazer compras e passear. É, se o senhor simpático quisesse lhe comprar roupas nas lojas do saguão do hotel, ele aceitaria com prazer.

Seus pais nunca perceberiam, nem se preocupe com isso. Quanto a livros e revistas, claro que aceitava e chocolate, ele adorava. Seus sorrisos e expressões de gratidão eram uma combinação de verdade e teatro.

Ele traduzia para seus clientes quando eles precisavam. Carregava embrulhos para eles. Levava-os de táxi até a Villa Borghese, um dos seus locais preferidos, e lhes mostrava todos os murais, estátuas e detalhes especiais que apreciava. Ele nem contava o dinheiro que lhe pagavam, enfiando-o no bolso com um sorriso franco e uma piscadela cúmplice.

Vivia, porém, apavorado de medo de que os ciganos o localizassem e o recapturassem. Seu medo era tal que o deixava sem fôlego. Ele ficava entre quatro paredes o maior tempo possível. Às vezes, ficava parado trêmulo de pavor em becos, fumando um cigarro, amaldiçoando a si mesmo e se perguntando se ousava sair de Roma. Os ciganos pretendiam dirigir-se a Nápoles.

Talvez já houvessem partido.

Aos poucos, no entanto, as coisas foram ficando cada vez mais fáceis.

Ele aprendeu a pedir para dormir a noite inteira numa cama limpa antes de fazer suas pequenas negociações.

Um americano grisalho e simpático comprou uma câmera fotográfica para ele só porque ele fez perguntas a respeito desse assunto e um francês lhe deu um rádio portátil dizendo estar cansado de carregá-lo de um lado para o outro. Dois jovens árabes compraram para ele um pesado suéter numa importadora de produtos ingleses.

No décimo dia da sua liberdade, suas posses em papel-moeda já se tornavam incômodas para ele. Seus bolsos estavam cheios. Ele havia chegado a

ter a coragem de entrar num bom restaurante ao meio-dia e pedir uma refeição para comer sozinho.

- A mamma diz que devo comer meu espinafre - disse ele ao garçom, no seu melhor italiano. - Vocês têm espinafre? - Sabendo muito bem que o espinafre é um dos melhores pratos num restaurante romano, quase mal passado, de tal modo que não é amargo. A tenra vitela piccata estava ótima! Deixou uma bela gorjeta junto ao prato ao sair.

Mas quanto tempo isso poderia durar?

No décimo quinto dia da sua aventura (talvez, poderia ter sido pouco depois), ele se deparou com o homem que viria a mudar o curso da sua vida.

Já era novembro, e o tempo começava a esfriar. Yuri estava na Via Condotti, onde havia comprado um novo cachecol de cashmere numa das lojas sofisticadas. Trazia a câmera a tiracolo; o rádio estava no bolso da camisa por baixo do suéter. Estava cheio de dinheiro, fumava um cigarro e comia pipocas de um pequeno saco de papel celofane, enquanto ia passeando, aproveitando o final da tarde com os cafés cheios de luzes e de americanos ruidosos, sem pensar mais muito nos ciganos, já que não os via desde sua fuga.

A rua estreita era apenas para pedestres, e as jovens bonitas voltavam para casa do trabalho, caminhando de braços dados, como era seu costume em Roma, ou conduziam suas Vespas coloridas em meio à multidão para chegar às ruas próximas de tráfego intenso. Yuri começava a sentir fome. A pipoca não bastava. Quem sabe ele não entrava num desses restaurantes? Pediria uma mesa para si e para sua mãe, esperaria um tempo conveniente e depois faria o pedido, tendo o cuidado de exhibir seu dinheiro para que o garçom pensasse que era rico.

Enquanto tentava tomar uma decisão a esse respeito, tirando com a língua o sal da pipoca dos lábios e apagando seu cigarro, ele viu um homem sentado à mesa de um café, encurvado sobre um copo meio vazio e uma jarra de vinho. Um homem dos seus vinte e poucos anos, com cabelos desalinhados até os ombros, mas roupas de corte impecável. Isso indicava ser ele um jovem americano, não um hippie sem um tostão. E era verdade, ao lado do homem sobre

a mesa havia uma máquina fotográfica japonesa caríssima, além de um caderno e uma valise. Na realidade, o homem parecia estar tentando escrever no caderno encapado em couro mas, cada vez que pegava a caneta na mão e escrevia algumas palavras, ele começava a tossir terrivelmente, do mesmo jeito que a mãe de Yuri tossia naquela última viagem, com cada espasmo mandando um lampejo de dor ao rosto, de tal modo que seus olhos se fechavam, apertados, e depois se abriam como se descrentes de que algo tão simples pudesse doer tanto.

Yuri ficou a observá-lo. Não era só que essa pessoa estava doente ele estava com frio. Tremia. Estava embriagado também. Isso repeliu Yuri um pouco porque fez com que se lembrasse dos seus patrões ciganos que estavam sempre bêbados. E Yuri, por natureza, detestava ficar embriagado, da mesma forma que sua mãe, cujo único vício era o do café, ao que ele se lembrasse.

No entanto, apesar da sua embriaguez, todos os outros aspectos do homem atraíam Yuri. Seu desamparo, sua óbvia juventude, seu nítido desespero. O homem tentou escrever um pouco mais; depois olhou à sua volta como se soubesse que devia procurar algum lugar aquecido agora que a noite caía totalmente sobre ele. Ergueu, então, o copo de vinho tinto e o bebeu lentamente antes de se recostar na cadeira e ter mais um daqueles agonizantes acessos de tosse, que sacudiu seus ombros estreitos e o deixou exausto no encosto da cadeira de ferro.

Talvez cerca de vinte e cinco anos fosse a idade desse homem. Seu cabelo desgrenhado estava limpo. Ele usava um colete de lã entre o paletó azul e a camisa branca, com a gravata de seda. E sem dúvida, se não estivesse tão bêbado e tão doente, esse homem teria sido um bom alvo. Uma boa caça.

Só que estava doente. E o coração de Yuri ficava dilacerado de vê-lo sentado ali daquele jeito, tão obviamente desgraçado e aparentemente incapaz de se mexer, embora fosse essa sua vontade. Yuri deu uma olhada ao redor.

Não viu nenhum cigano, nem ninguém que pudesse talvez ser cigano. Não viu ninguém da polícia. Não seria absolutamente nenhum problema ajudar esse pobre coitado a sair das ruas e entrar em algum lugar aquecido.

Aproximou-se da mesa.

- Você está com frio - disse ele em inglês. - Deixe-me ajudá-lo a tomar um táxi. Pode-se conseguir um táxi logo ali junto à Piazza di Spagna. Você pode ir para seu hotel.

O homem olhou para ele como se não conseguisse entender inglês. Yuri debruçou-se e pôs a mão no ombro do homem. O homem estava com febre. Seus olhos estavam injetados. Mas como seu rosto era interessante. Os ossos da face eram muito grandes, especialmente os malaras, e os altos lobos da testa. E como era louro, esse homem. Talvez Yuri estivesse enganado, e ele fosse um sueco ou um norueguês que não entendia inglês.

- Rapazinho - disse, então, o homem em voz baixa, com um sorriso. - Meu pequeno.

- Eu sou um rapazinho - disse Yuri, apurando os ombros. Sorriu e piscou o olho direito. Mas na realidade, uma dor o atravessou porque era exatamente essa a expressão que sua mãe sempre usara para falar com ele. E esse desconhecido pronunciara as palavras exatamente do mesmo jeito. - Deixe-me ajudá-lo - prosseguiu Yuri. Ele pegou a mão direita do homem, que estava úmida e sem vida sobre a mesa. - Você está com tanto frio!

O homem tentou falar de novo, mas começou a tossir. Yuri enrijeceu. De repente, percebeu que o homem tossisse sangue. O homem apanhou um lenço, desajeitado como se mal conseguisse controlar o gesto, e cobriu o rosto com ele. Estremeceu em silêncio total como se estivesse engolindo tudo: o sangue, o barulho, a dor. Depois, com um jeito curiosamente estranho e desequilibrado, tentou se levantar.

Yuri assumiu o comando. Passou o braço pela cintura fina do homem e o puxou delicadamente para cima. Saíram em meio à multidão de mesas de ferro com turistas tagarelas. Depois Yuri o ajudou lenta e pacientemente a seguir pela bela e limpa Via Condotti, passando pelas vistosas barracas de flores e pelas lojas abertas.

Agora estava escuro.

Quando chegaram ao tráfego movimentado da rua principal, o homem murmurou que havia um hotel logo ali no alto. Ele não sabia se conseguiria chegar até lá. Yuri refletiu. Uma corrida de táxi que desse a volta até o hotel levaria muito tempo. Mas essa era a melhor solução para o homem, pois a subida poderia realmente prejudicá-lo. Yuri acenou para um taxi e deu ordens rápidas.

- É, o Hassler - disse o homem, com enorme alívio, afundando no banco, com os olhos virados para cima de repente como se fosse morrer ali mesmo.

No entanto, quando chegaram ao saguão familiar, no qual Yuri brincara com freqüência quando criança, mas não o suficiente para ser lembrado pelos funcionários altivos e de olhar crítico, a impressão foi a de que o homem não tinha nenhum quarto ali, só um enorme maço de dinheiro italiano e uma impressionante coleção de cartões de crédito internacionais. Num italiano fluente e descontraído, interrompido apenas por alguns acessos de tosse, o homem explicou que desejava uma suíte, com o braço direito jogado pesadamente o tempo todo sobre o ombro de Yuri, sem nenhuma explicação para a presença de Yuri enquanto se apoiava em Yuri como se fosse cair, se não fosse por seu apoio.

Na cama, ele se jogou e ficou em silêncio por muito tempo. Emanava dele um leve odor morno e estagnado, e seus olhos se abriam e fechavam lentamente.

Yuri pediu sopa para ser servida no quarto, com pão, manteiga e vinho.

Ele não sabia o que mais podia fazer por esse homem, que ficava ali deitado, sorrindo para ele, como se considerasse enternecedor algo na atitude de Yuri. Yuri conhecia aquela expressão. Sua mãe costumava olhar para ele daquele jeito.

Yuri entrou no banheiro para fumar um cigarro, para que a fumaça não incomodasse o homem.

Quando a sopa chegou, ele alimentou o homem às colheradas. O quarto estava bem aquecido. E ele não se importava de levar o copo de vinho aos lábios do homem. Sentia-se bem de ver o homem comer. Sua própria fome nos meses recentes entre os ciganos havia sido terrível, terrível para ele, algo que ele jamais conhecera quando era menor.

Só quando um pouco do vinho escorreu pelo queixo mal barbeado do homem foi que Yuri percebeu que parte do corpo dessa criatura estava paralisada. O homem procurava mexer com a mão e o braço direitos mas não conseguia. Yuri percebeu que, na realidade, era com a mão esquerda que ele estivera tentando escrever no café, e com a mão esquerda que ele tirara o dinheiro do bolso no saguão e por isso o havia deixado cair. O braço colocado em volta de Yuri era inútil, quase impossível de ser controlado. Metade do rosto do homem também estava paralisada.

- O que posso fazer para ajudá-lo? - perguntou Yuri em italiano. - Quer que eu chame um médico? Você precisa de um médico. E sua família? Você pode me dizer como entrar em contato com eles?

- Fale comigo - disse o homem em italiano. - Fique comigo. Não vá embora.

- Falar? Mas por quê? O que eu deveria dizer?

- Conte-me histórias - disse o homem, baixinho, em italiano. - Diga-me quem você é e de onde vem. Diga-me qual é seu nome.

Yuri inventou uma história. Dessa vez, ele era da Índia, filho de um marajá. Sua mãe havia fugido com ele. Em Paris os dois haviam sido seqüestrados por assassinos. Yuri acabava de escapar deles. Ele dizia tudo isso com leveza e rapidez, com pouquíssimo sentimento ou sem nenhum, e percebeu que o homem sorria para ele. O homem sabia que ele estava inventando tudo aquilo. E, como o homem sorria e até mesmo ria um pouquinho, Yuri começou a aperfeiçoar a história, tornando-a ainda mais fantástica, ligeiramente boba e o mais surpreendente possível, adorando ver o lampejo de humor nos olhos do homem.

A mãe de faz-de-conta de Yuri tinha consigo uma jóia fabulosa. Um rubi gigantesco que o marajá precisava reaver. Mas sua mãe a escondera num cofre num banco em Roma e, quando os assassinos a estrangularam e lançaram seu corpo no Tibre, ela gritou com seu último alento para que Yuri nunca revelasse onde a jóia estava. Ele então entrara num pequeno Fiat e conseguira escapar espetacularmente dos seus seqüestradores. E, quando ele apanhou a jóia,

descobriu algo assombroso. Não era jóia nenhuma, mas uma caixinha, com um fecho de mola e pequenas dobradiças, e dentro dela havia um frasco de um líquido que proporcionava a saúde e a juventude eternas. Yuri estancou de repente. Uma grande depressão apoderou-se dele. Na verdade, ele achou que ia passar mal. Em pânico, ele prosseguiu, falando no mesmo tom de voz.

- E claro que era tarde demais para minha mãe. Ela já estava morta, no fundo do Tibre. Mas o líquido pode salvar o mundo.

Baixou os olhos. O homem sorria para ele com a cabeça no travesseiro, o cabelo emaranhado e úmido na testa, a camisa suja de suor em volta do colarinho, a gravata frouxa.

- E ele poderia me salvar? - perguntou o homem.

- Claro que sim! - disse Yuri. - É, mas...

- Seus seqüestradores o levaram - disse o homem.

- E, eles se esgueiraram atrás de mim bem no saguão do banco! Arrancaram o frasco da minha mão. Eu corri até o segurança do banco, apanhei sua arma e matei dois deles ali mesmo. Mas o último fugiu com a jóia. E a tragédia, o horror, isso mesmo, o que é apavorante é que ele não sabe o que o frasco contém. Provavelmente irá vendê-lo a algum ambulante. Ele não sabe! O marajá nunca disse aos homens maus por que ele queria que trouxessem minha mãe de volta.

Yuri parou. Como podia ter dito uma coisa dessas... um líquido que proporcionava a juventude eterna? E ali estava aquele rapaz doente a ponto de morrer, talvez mesmo morrendo, incapaz de mexer seu braço direito apesar de se esforçar repetidamente para erguê-lo. Como Yuri podia ter dito aquilo? E pensou na própria mãe, morta na pequena cama na Sérvia, e os ciganos entrando e dizendo que eram seus primos e seus tios! Mentirosos! E a sujeira lá, a sujeira. Sem dúvida ela não teria nunca, nunca deixado o filho ali se tivesse imaginado o que iria acontecer. Dominou-o uma fúria gelada.

- Fale-me do palácio do marajá - disse o homem, baixinho.

- Ah, claro, o palácio. Bem, ele era todo de mármore branco... – Com um alívio enorme e agradável, Yuri o descreveu. Falou dos pisos, aos tapetes, da mobília...

E depois, contou muitas histórias sobre a Índia, Paris e lugares fabulosos por onde passara.

Quando acordou, era bem cedo de manhã. Estava sentado junto à janela com os braços cruzados sobre o peitoril. Havia dormido assim, com a cabeça nos braços. A cidade de Roma esparramava-se, imensa, sob uma luz cinzenta e enevoadada. Subiam ruídos das ruas estreitas ali abaixo. Ele ouvia o ronco de todos aqueles minúsculos automóveis que corriam de um lado para o outro.

Olhou para o homem. O homem tinha os olhos fixos nele. Por um instante, pensou que o homem estivesse morto.

- Yuri, você agora precisa dar um telefonema para mim - disse ele, em voz baixa.

Yuri concordou. Observou em silêncio que não havia dito seu nome a esse homem. Bem, talvez tivesse usado o nome nas histórias. Não fazia diferença. Trouxe o telefone da mesa-de-cabeceira e, subindo na cama ao lado do homem, repetiu o nome e o número para a telefonista. A ligação era para um homem em Londres. Quando ele atendeu, foi em inglês, no que Yuri sabia ser uma voz de pessoa instruída.

Yuri transmitiu a mensagem enquanto o enfermo ali deitado falava em voz baixa e desanimada em italiano.

- Estou ligando em nome do seu filho, Andrew. Ele está muito doente. Muito mesmo. Está no Hassler Hotel em Roma. Ele pede que o senhor venha. Ele diz que não tem mais condições de ir até aí.

O homem ao telefone passou rapidamente a falar italiano, e a conversa prosseguiu por algum tempo.

- Não, senhor - argumentou Yuri, obedecendo às instruções de Andrew. - Ele diz que não quer médico nenhum. Sim, senhor, ele permanecerá aqui. - Yuri deu-lhe o número do apartamento. - Eu me encarrego de que ele coma, senhor. -



Yuri descreveu as condições do homem da melhor forma possível com o próprio prestando atenção. Descreveu a paralisia aparente. Sabia que o pai estava nervosíssimo de preocupação. O pai tomaria o próximo voo para Roma.

- Vou tentar convencê-lo a aceitar a visita de um médico, sim, senhor.

- Obrigado, Yuri - disse o homem do outro lado da linha. E mais uma vez, Yuri teve a impressão de não ter dado o nome a esse homem. - Por favor, fique com ele. E eu estarei aí o mais rápido possível.

- Não se preocupe - disse Yuri. - Não sairei daqui.

Assim que desligou, voltou a argumentar com o homem.

- Não quero médico nenhum - respondeu Andrew. - Se você apanhar aquele telefone e chamar um médico, eu pulo pela janela. Está me ouvindo? Não quero médicos. É tarde demais para isso.

Yuri ficou perplexo. Teve a impressão de que ia cair em pranto.

Lembrou-se da sua mãe tossindo enquanto estavam sentados juntos no trem que ia para a Sérvia. Por que ele não a forçara a consultar um médico? Por quê?

- Fale comigo, Yuri. Invente histórias. Ou, se quiser, pode me falar dela. Fale-me da sua mãe. Eu a vejo. Vejo seus lindos cabelos negros. O médico não a teria ajudado, Yuri. Ela sabia. Fale comigo, por favor.

Um leve calafrio atravessou Yuri enquanto ele olhava nos olhos do homem. Ele sabia que o homem estava lendo seus pensamentos. A mãe de Yuri lhe havia falado de ciganos que conseguiam fazer isso. O próprio Yuri não tinha esse talento. Sua mãe alegava tê-lo, mas Yuri não havia acreditado.

Nunca tivera nenhuma prova real da sua existência. Sentiu uma dor profunda, lembrando-se dela no trem, e quis acreditar que já teria sido tarde demais para um médico, mas nunca saberia ao certo. Essa idéia o deixou amortecido e fez com que se sentisse frio, totalmente mudo e mergulhado em trevas por dentro.

- Eu lhe conto histórias se você comer alguma coisa - disse Yuri. - Vou pedir algum prato quente para você.

O homem ficou olhando novamente para ele, sem ânimo, e depois sorriu.

- Está bem, rapazinho. Como você quiser. Mas não quero saber de médicos. Peça a comida daqui mesmo. E Yuri, se eu não voltar a falar, lembre-se do seguinte. Não deixe que os ciganos o apanhem de novo. Peça ao meu pai para ajudar você... quando ele chegar.

O pai só chegou no final da tarde.

Yuri estava no banheiro com o homem, e o homem vomitava no vaso, agarrando-se ao pescoço de Yuri para não cair. Havia sangue no vômito. Yuri enfrentava dificuldades para segurá-lo, com o cheiro terrível do vômito que o deixava enjoado, mas mantinha o homem firme. De repente, ergueu os olhos e viu a imagem do pai, de cabelos brancos, embora não fosse assim tão velho, e visivelmente rico. Ao seu lado, estava um mensageiro do hotel.

Ah, quer dizer que esse é o pai, pensou Yuri, e uma silenciosa onda de raiva o invadiu por um instante, deixando-o depois estranhamente apático e paralisado.

Como era bem tratado esse homem com seus cabelos brancos grossos e ondulados e que roupas finas usava. Ele se adiantou e segurou o filho pelos ombros, enquanto Yuri dava um passo atrás. O jovem mensageiro também ofereceu ajuda. Eles colocaram Andrew na cama.

Andrew estendia a mão nervoso à procura de Yuri, chamando-o pelo nome.

- Eu estou aqui, Andrew - disse Yuri. - Não vou deixá-lo. Você não deve se preocupar. Agora, por favor, deixe seu pai chamar um médico, Andrew. Faça o que seu pai mandar.

Yuri sentou-se ao lado do enfermo, com um joelho dobrado, segurando a mão do homem e olhando nos seus olhos. A barba por fazer estava agora mais densa, áspera e acastanhada, e o cabelo recendia a suor e oleosidade. Yuri fazia grande esforço para não chorar.

Será que o pai o culparia por não ter chamado um médico? Ele não sabia. O pai estava conversando com o mensageiro. Depois, o rapaz foi embora, e o pai

sentou-se numa poltrona e ficou apenas olhando para o filho. O pai não parecia estar triste ou alarmado, parecia sim, estar simplesmente preocupado sem grande intensidade. Seus olhos eram azuis e simpáticos e as mãos tinham juntas fortes e veias grandes e azuis. Mãos de velho.

Andrew cochilou por muito tempo. Depois, pediu mais uma vez que Yuri contasse a história do palácio ao marajá. Yuri estava angustiado com a presença do pai. Mas eliminou da cabeça essa presença. Esse homem estava morrendo. E o pai, nem para chamar um médico! O pai nem insistia no assunto. Em nome de Deus, o que havia de errado com esse pai para não cuidar do filho? Mas, se Andrew queria ouvir a história de novo, tudo bem.

Lembrou-se de que uma vez sua mãe estivera com um alemão muito velho no Danieli Hotel por muitos dias. Quando uma das suas amigas lhe perguntou como conseguia suportar alguém tão velho, ela respondeu que ele era bom para ela e que estava morrendo; que ela faria qualquer coisa para tornar a morte mais fácil para ele. Lembrou-se, também, da expressão nos olhos dela quando afinal chegaram àquela aldeia miserável e os ciganos lhe disseram que sua própria mãe já havia morrido.

Yuri falou tudo sobre o marajá. Falou dos seus elefantes e das suas belas selas de veludo vermelho debruado em ouro. Falou do seu harém, no qual a mãe de Yuri era a rainha. Falou de uma partida de xadrez que ele e a mãe haviam jogado ao longo de cinco anos, sem que nenhum dos dois ganhasse, sentados a uma mesa ricamente adereçada sob um árvore de mangue. Falou dos seus pequenos irmãos e irmãs. Falou de um tigre de estimação com uma corrente de ouro.

Andrew suava terrivelmente. Yuri foi buscar uma toalha no banheiro, mas o homem abriu os olhos e gritou por ele. Yuri voltou correndo e enxugou a testa do homem, e depois todo o seu rosto. O pai nunca se mexia. Qual era o problema com esse pai?

Andrew procurou tocar Yuri com sua mão esquerda, mas aparentemente ele já não conseguia mais mexer com aquela mão também. Yuri sentiu um pânico

repentino. Com firmeza, ele segurou a mão do homem e acariciou o próprio rosto com os dedos do homem e viu o homem sorrir.

Cerca de meia hora mais tarde, o homem adormeceu. E depois morreu.

Yuri o estava observando. Viu quando aconteceu. O peito parou de se mexer. As pálpebras abriram-se ligeiramente. E nada mais.

Yuri relanceou o olhar até o pai. O pai estava ali sentado com os olhos fixos no filho. Yuri não ousava se mexer.

E então o pai finalmente se aproximou da cama, ficou parado olhando para Andrew e depois se debruçou e beijou a testa de Andrew. Yuri ficou perplexo. Médico nenhum, e agora ele o beija, pensou cheio de raiva. Sentiu seu próprio rosto se contorcendo, sabia que ia chorar e que não conseguiria se conter. De repente, estava chorando.

Entrou no banheiro, assoou o nariz com papel higiênico, apanhou um cigarro, batendo-o no dorso da mão, enfiando-o na boca com violência e o acendendo, muito embora seus lábios estivessem trêmulos, e começou a fumar em tragadas apressadas, mas deliciosas, enquanto as lágrimas lhe turvavam os olhos.

No quarto, para além da porta, houve muito barulho. Um entra e sai de gente. Yuri encostou-se no azulejo branco, fumando um cigarro após o outro. Logo parou de chorar. Bebeu um copo d'água e ficou ali, de braços cruzados, pensando que devia escapar dali.

Nem morto ele pediria a esse homem ajuda contra os ciganos. Nem morto ele lhe pediria nada. Ia esperar até que tivessem acabado com toda a comoção ali no quarto para depois sair de mansinho. Se alguém questionasse sua presença, ele daria alguma desculpa esperta e se mandaria. Sem problema. Sem nenhum problema. Talvez saísse de Roma.

- Não se esqueça do cofre no banco - disse o pai.

Yuri deu um salto. O homem de cabelos brancos estava parado à porta. Atrás dele, o quarto parecia estar vazio. O corpo de Andrew havia sido removido.

- O que você quer dizer? - perguntou Yuri em italiano. - O que está me dizendo?

- Sua mãe deixou-o para você, com o passaporte do seu pai e dinheiro. Ela queria que ficasse para você.

- Não tenho mais a chave.

- Iremos ao banco. Daremos as explicações.

- Não quero nada de você! - respondeu Yuri, furioso. - Posso me sair bem sozinho. - Ele fez menção de passar pelo homem, mas o homem segurou seu ombro, e aquela mão tinha uma força surpreendente para uma mão tão velha.

- Yuri, por favor. Andrew queria que eu o ajudasse.

- Você deixou que ele morresse. Que belo pai que você é! Você ficou ali sentado e deixou que ele morresse! - Yuri desequilibrou o homem com um safanão e estava a ponto de conseguir fugir quando o homem o segurou pela cintura.

- Eu não sou na realidade pai dele, Yuri - disse o homem, pondo Yuri no chão e encostando-o delicadamente na parede. O homem recompôs-se um pouco. Ajeitou as lapelas do paletó e deu um longo suspiro. Olhava calmamente para Yuri. - Nós pertencemos a uma organização. Nessa organização, ele me considerava seu pai, mas eu não era realmente seu pai. E ele veio para Roma para morrer. Era seu desejo morrer aqui. Fiz o que ele queria. Se ele tivesse querido mais alguma coisa, teria me dito. Mas tudo o que me pediu foi que cuidasse de você.

Mais uma vez lendo o pensamento. Como eram espertos esses homens! O que seriam eles? Um bando de ciganos ricos? pensou Yuri, com sarcasmo. Cruzou os braços, fincou o calcanhar no tapete e olhou para o homem com ar de suspeita.

- Quero ajudar você - disse o homem. - Você é melhor do que os ciganos que o raptaram.

- Eu sei - disse Yuri, pensando na mãe. - Algumas pessoas são melhores do que outras. Muito melhores.

- Isso mesmo.

Saia correndo, agora, pensou. E tentou, mas o homem mais uma vez o agarrou pela cintura, segurando-o com força. Yuri era forte para seus dez anos, e o homem era velho, mas de nada adiantou.

- Desista por um instante, Yuri - disse o homem. - Desista pelo tempo suficiente para irmos ao banco abrir aquele tal cofre. Depois, podemos decidir o que vamos fazer.

E logo Yuri estava chorando e deixando que o homem o levasse para fora do hotel até um carro que aguardava, um belo seda alemão. O banco pareceu vagamente familiar a Yuri, mas as pessoas ali dentro eram totalmente desconhecidas. Yuri ficou olhando perplexo enquanto o inglês de cabelos brancos explicava tudo, e logo o cofre foi aberto e seu conteúdo entregue a Yuri: alguns passaportes, o relógio japonês do seu pai, um grosso envelope de liras e dólares norte-americanos, e um maço de cartas, uma das quais pelo menos estava endereçada para a casa da sua mãe em Roma.

Yuri descobriu estar extremamente emocionado de ver essas coisas, de tocar nelas, de estar em pensamento próximo ao momento em que ele e a mãe haviam vindo ao banco e posto tudo no cofre. Depois que os funcionários do banco puseram tudo em envelopes pardos para ele, ele ficou segurando esses envelopes junto ao peito.

O inglês conduziu-o de volta lá para fora e para dentro do carro. E em questão de minutos, eles faziam mais uma parada. Era um escritório pequeno, no qual o inglês cumprimentou alguém conhecido. Yuri viu uma câmera fotográfica num tripé. O homem fez um gesto para que Yuri se postasse diante dela.

- Para quê? - perguntou Yuri, com rispidez. Ele ainda segurava os envelopes de papel pardo. Olhou cheio de raiva para o homem de cabelos brancos e para seu colega simpático, que riu para Yuri como se Yuri fosse engraçadinho.

- Para mais um passaporte - disse o inglês, em italiano. - Nenhum desses que você tem está exatamente certo.

- Mas aqui não é o departamento de emissão de passaportes - disse Yuri, com desdém.

- Nós fazemos os nossos próprios passaportes - disse o homem. - Gostamos mais assim. Que nome você quer ter? Ou prefere deixar isso por minha conta? Eu gostaria que você colaborasse, e depois você poderia ir até Amsterdã comigo para ver se gosta de lá.

- Não - disse Yuri, lembrando-se de Andrew a dizer que não queria saber de médicos. - Nada de polícia, nada de orfanatos, conventos, autoridades. Não! - Ele disparou mais alguns termos que conhecia para designar esse tipo de gente, em italiano, romeno e russo. Todos tinham o mesmo significado. - Nada de prisão! - concluiu.

- Não, nada disso - disse o homem com paciência. - Você pode vir comigo para nossa casa em Amsterdã, e lá entrar e sair quando quiser. É um lugar seguro, essa nossa casa em Amsterdã. Você terá um quarto só seu. Um lugar seguro. Um quarto só seu.

- Mas quem são vocês? - perguntou Yuri.

- Nosso nome é Talamasca. Somos intelectuais, estudiosos, se preferir. Colecionamos registros, somos responsáveis por testemunhar a ocorrência de fatos. Ou seja, sentimo-nos responsáveis. E isso o que fazemos. Eu lhe explico tudo no avião.

- Vocês lêem o pensamento - disse Yuri.

- Lemos - disse o homem. - Somos também os proscritos, os solitários e às vezes aqueles que não têm mais ninguém. E as pessoas que são às vezes melhores do que as outras, às vezes muito melhores. Como você. Meu nome é Aaron Lightner. Gostaria que viesse comigo.

Na casa-matriz em Amsterdã, Yuri certificou-se de que poderia escapar a qualquer hora que quisesse. Verificou e conferiu as muitas portas destrancadas. O quarto era pequeno, imaculado, com uma janela que dava para o canal e as ruas calçadas de pedras arredondadas. Ele o adorou. Sentia falta da luz brilhante da Itália. Esse lugar era mais discreto, mais ao norte, como Paris, mas não havia

problema com isso. Dentro de casa, havia lareiras quentinhas, a maciez de sofás e poltronas para se cochilar; camas firmes e bons alimentos em abundância. As ruas de Amsterdã eram do seu especial agrado, em virtude do fato de as inúmeras casas antigas do século XVII serem construídas umas encostadas nas outras, formando longos trechos de fachadas belas e ininterruptas. Ele gostava dos telhados íngremes das casas. Gostava dos olmos.

Gostava da roupa cheirando a limpo que lhe deram, e chegou até mesmo a gostar do frio. Pessoas com expressões alegres entravam na casa-matriz e dela saíam.

Havia uma conversa rotineira sobre os Anciãos, embora Yuri não soubesse quem eles poderiam ser.

- Quer andar de bicicleta, Yuri? - perguntou Aaron. Yuri experimentou. Seguindo o exemplo dos outros ciclistas, jovens e velhos, ele andava de bicicleta feito um demônio pelas ruas da cidade. Mesmo assim, Yuri não se dispunha a falar. E, depois de ser constantemente encorajado, ele contava a história do marajá.

- Não. Diga-me o que aconteceu realmente - disse Aaron.

- Por que eu ia querer lhe contar alguma coisa? - perguntou Yuri. - Não sei por que vim para cá com você. - Já fazia um ano desde a última vez em que ele dissera a pura verdade sobre si mesmo. Nem mesmo a Andrew ele dissera a verdade real. Por que falar com esse homem? E de repente, negando que tivesse a mínima necessidade de dizer a verdade, de fazer uma confidência ou de dar alguma explicação, ele começou a fazer exatamente isso. Contou tudo sobre sua mãe, sobre os ciganos, sobre tudo... Falou sem parar. A noite passou e amanheceu; e lá estava Aaron Lightner ainda sentado à sua frente do outro lado da mesa, prestando atenção, enquanto Yuri falava a mais não poder.

E, quando terminou, ele conhecia Aaron Lightner, e Aaron Lightner o conhecia. Ficou decidido que Yuri não deixaria a Talamasca, pelo menos não imediatamente.

Ao longo de seis anos, Yúri freqüentou a escola em Amsterdã.



Ele vivia na casa da Talamasca, passava a maior parte do seu tempo estudando, e trabalhava depois do horário escolar e durante os fins de semana para Aaron Lightner, dando entrada a dados no computador, pesquisando referências obscuras na biblioteca, às vezes apenas fazendo pequenas tarefas - entregue isso no correio, vá apanhar essa caixa importantíssima.

Ele chegou à conclusão de que os Anciãos estavam na realidade à sua volta, eram membros das fileiras da Ordem, mas ninguém sabia quem eles eram. Funcionava do seguinte modo. Quando alguém se tornava Ancião, não dizia a ninguém. E era proibido perguntar a uma pessoa se ela era um Ancião ou não, ou se ela sabia se Aaron era um Ancião. Era proibido especular sobre essa questão mesmo em pensamento.

Os Anciãos sabiam quem eram os Anciãos. Eles se comunicavam com todos através dos computadores e dos faxes da casa-matriz. Na verdade, qualquer membro, mesmo um membro informal como Yuri, podia conversar com os Anciãos quando quisesse. No meio da noite, ele poderia ligar seu computador, escrever uma longa carta aos Anciãos, e algum tempo depois, naquela mesma manhã, uma resposta chegaria a ele através da sua impressora, da qual sairia folha após folha.

Naturalmente isso queria dizer que havia muitos Anciãos, e que alguns deles estavam sempre "de plantão". Os Anciãos não apresentavam nenhuma personalidade verdadeira, ao que Yuri tivesse condições de detectar, não tinham nenhuma voz real nos seus comunicados, a não ser pelo fato de serem gentis e atenciosos, bem como de saberem tudo. E com frequência eles revelavam saber tudo sobre Yuri, talvez até mesmo coisas sobre as quais ele próprio não tinha certeza.

Yuri ficava fascinado com essa comunicação muda com os Anciãos.

Começou a lhes fazer muitas perguntas. Eles nunca deixavam de responder.

Pela manhã, quando Yuri descia para o café da manhã no refeitório, ele olhava ao seu redor e se perguntava quem seria um Ancião, quem aqui nesta sala

havia respondido sua carta nessa mesma noite. É claro que sua comunicação poderia ter sido encaminhada a Roma, ao que ele soubesse. De fato, havia Anciãos por toda parte, em todas as casas matrizes, e tudo que se sabia era que eles eram os mais velhos, os experientes, que realmente dirigiam a Ordem, embora o superior geral, designado por eles e que prestava contas apenas a eles, fosse o chefe oficial.

Quando Aaron foi transferido para Londres, foi um dia de tristeza para Yuri, porque a casa em Amsterdã havia sido seu único lar permanente. Ele, porém, não se dispunha a se separar de Aaron, e assim os dois deixaram a casa-matriz de Amsterdã juntos, indo morar na grande casa na periferia de Londres que também era linda, acolhedora e segura.

Yuri aprendeu a amar Londres. Quando soube que deveria ir estudar em Oxford, ficou feliz com essa decisão, e passou seis anos por lá, voltando para casa somente nos fins de semana, como que chafurdando na vida intelectual.

Aos vinte e seis anos de idade, Yuri já estava pronto para ser um membro autêntico da Ordem. Não havia na sua cabeça a menor dúvida. Ele aceitava de bom grado as missões de viagens que lhe eram dadas por Aaron e por David. Logo começou a receber ordens de viajar diretamente dos Anciãos. E preparava seus relatórios para eles no computador quando voltava.

- Serviço para os Anciãos - costumava ele dizer a Aaron quando partia. Aaron jamais questionou essa declaração. E nunca revelou nenhuma surpresa especial.

Yuri sempre telefonava para Aaron, onde quer que fosse e não importa o que fizesse. Yuri também era muito ligado a David Talbot, mas não era segredo para ninguém que David estava velho e cansado da Ordem, e que em breve poderia renunciar ao cargo de superior geral, ou mesmo ser delicadamente instado a renunciar pelos Anciãos.

Era Aaron que conseguia tocar Yuri, era de Aaron que Yuri gostava.

Yuri sabia que entre ele e Aaron havia um vínculo especial. Para Yuri, era o poderoso amor irracional que cria suas raízes na infância, na solidão, em

lembranças inextinguíveis de ternura e salvamento, um amor que ninguém a não ser seu alvo pode destruir. Aaron é meu pai, pensou Yuri, exatamente como Aaron deve ter sido o pai de Andrew, que havia morrido no hotel em Roma.

À medida que Yuri foi ficando adulto, ele passava uma parte cada vez maior do tempo fora da casa-matriz. Adorava perambular sozinho. Sentia-se mais à vontade quando era um ser anônimo. Precisava ouvir línguas diferentes ao seu redor, mergulhar em cidades gigantescas apinhadas de gente de todas as classes e idades. Quando estava assim imerso na multidão, com sua individualidade totalmente preservada e não reconhecida, ele se sentia mais vivo.

No entanto, quase todos os dias da sua vida, onde quer que estivesse, Yuri falava com Aaron por telefone. Aaron nunca censurou Yuri por essa dependência. Pelo contrário, Aaron sempre estava pronto e disponível para Yuri. E, com o passar dos anos, Aaron começou a confidenciar a Yuri mais dos seus próprios sentimentos, suas próprias pequenas decepções e esperanças.

Às vezes, eles conversavam reservadamente sobre os Anciãos, e Yuri não conseguia detectar, a partir da conversa, se Aaron era ou não era um Ancião. É claro que Yuri não deveria saber se Aaron era um Ancião. Mas Yuri tinha quase certeza de que Aaron era. Se Aaron não era um Ancião, quem então seria, se Aaron era um dos homens mais velhos e mais sábios da Talamasca no mundo inteiro?

Quando Aaron ficou nos Estados Unidos meses a fio investigando o caso das bruxas Mayfair, Yuri ficou desapontado. Nunca soube de Aaron ficar afastado da casa-matriz por tanto tempo.

Quando se aproximou o Natal, época solitária para Yuri, como para tantas pessoas, Yuri entrou no computador e obteve acesso ao Arquivo sobre as Bruxas Mayfair, imprimindo-o por inteiro e o estudando com muita atenção para ter uma idéia do que estava retendo Aaron em Nova Orleans por tanto tempo.

Yuri apreciou a história sobre as bruxas Mayfair, mas ela não despertou nele nenhum sentimento especial maior do que qualquer outro arquivo da Talamasca. Ele procurou um papel a desempenhar nela. Quem sabe não poderia

colher informações em Donnelaith para Aaron? Afora isso, a história como um todo não causou maior impressão na sua mente. Os arquivos da Talamasca estavam cheios de histórias estranhas, algumas muito mais estranhas do que essa.

A própria Talamasca possuía muitos mistérios. Eles nunca haviam sido do interesse de Yuri. Na semana anterior ao Natal, os Anciãos anunciaram a renúncia de David Talbot ao cargo de superior geral, e informaram que um homem de antecedentes ítalo germânicos, Anton Marcus, iria substituí-lo. Ninguém em Londres conhecia Anton Marcus.

Yuri não conhecia Anton. A principal preocupação de Yuri era com o fato de não ter tido oportunidade de se despedir de David. Havia algum mistério em torno do desaparecimento de David e, como costuma acontecer na Talamasca, os membros falavam dos Anciãos, e esses comentários refletiam perplexidade, ressentimento e confusão quanto ao estilo de organização e administração da Ordem. As pessoas queriam saber se David continuaria sendo um Ancião, supondo-se que ele houvesse sido Ancião anteriormente, agora que estava aposentado. O conjunto de Anciãos era composto por membros aposentados bem como por membros ativos? O fato de ninguém saber a resposta parecia às vezes um pouco medieval.

Yuri havia ouvido tudo isso antes. Durava apenas alguns dias. Anton Marcus chegou no dia seguinte à comunicação oficial e imediatamente conquistou a todos com seu estilo simpático e seu profundo conhecimento da história e dos antecedentes de cada um e a casa-matriz de Londres logo se tranquilizou.

Após a ceia no salão de jantar principal, Anton Marcus falou a todos os membros. Homem de complexão grande, com cabelos grisalhos lisos e óculos grossos com armação de ouro, Anton tinha uma perfeita aparência empresarial e um agradável sotaque britânico do tipo que a Talamasca parecia preferir. Um sotaque que o próprio Yuri agora possuía.

Anton Marcus lembrou a todos a importância da discrição e do sigilo no que dissesse respeito aos Anciãos. Os Anciãos estão à nossa volta. Eles não

podem governar com eficácia se forem confrontados e questionados. Eles têm seu melhor desempenho como um órgão anônimo no qual todos nós depositamos nossa confiança.

Yuri deu de ombros.

Quando Yuri entrou no seu quarto um dia às duas da manhã, encontrou na sua impressora um comunicado dos Anciãos. "É do nosso agrado o fato de você ter se esforçado para dar as boas-vindas a Anton. Temos a impressão de que Anton será um superior geral extraordinário. Se essa adaptação for difícil para você, estamos à disposição." Havia também uma missão para Yuri. Ele deveria ir até Dubrovnic apanhar algumas encomendas importantes e levá-las para Amsterdã. Depois, deveria voltar para casa. Missão de rotina. Uma brincadeira.

Yuri teria ido passar o Natal com Aaron em Nova Orleans, mas Aaron lhe disse numa ligação internacional que isso não era possível e que a investigação estava àquela altura muito desestimulante, a mais desestimulante de toda a sua carreira.

- O que aconteceu com as bruxas Mayfair? - perguntou Yuri. Ele explicou a Aaron que havia lido o arquivo inteiro. Perguntou se poderia desempenhar alguma pequena tarefa relacionada à investigação. Aaron disse que não.

- Fique firme, Yuri. Eu o verei quando Deus quiser.

Não era típico de Aaron fazer uma declaração dessas. Foi para Yuri o primeiro sinal decisivo de que realmente algo estava errado. Bem cedo na véspera de Natal em Nova Orleans, Aaron ligou para Yuri em Londres.

- Estou passando pela fase mais difícil. Há coisas que eu quero fazer, e que a Ordem não quer permitir. Sou obrigado a ficar aqui no campo, quando quero estar na cidade. O que eu sempre lhe ensinei, Yuri? Que obedecer às normas é de importância absoluta. Você repetiria esses meus conselhos para mim?

- Mas o que você faria se pudesse, Aaron?

Aaron disse que coisas terríveis estavam a ponto de acontecer a Rowan Mayfair, que Rowan precisava dele e que ele deveria ir até ela e fazer o que pudesse. Mas os Anciãos haviam proibido esse procedimento. Os Anciãos

disseram que ele permanecesse na casa-matriz de Oak Haven e que não "interferisse".

- Aaron, ao longo de toda a história das bruxas Mayfair, nós procuramos interferir, e não conseguimos. Sem a menor dúvida, não é seguro que você esteja perto dessas pessoas, não mais do que foi seguro para Stuart Townsend ou Arthur Langtry, que morreram em decorrência desse contato. O que você pode fazer?

Aaron concordou, com relutância. Na realidade, essa havia sido uma conversa voltada para uma conciliação entre ele e o estado das coisas. Ele mencionou que David e Anton estavam provavelmente com razão ao mantê-lo afastado do campo da ação, que Anton herdara a posição de David e que David conhecia a história por inteiro. Mesmo assim, era difícil.

- Não tenho certeza quanto aos méritos de uma vida de observação de fora do campo - disse Aaron. - Realmente não tenho certeza. Talvez eu sempre tenha esperado por um momento, e agora o momento esteja ao meu alcance.

Vindo de Aaron, essa conversa era estranha, estranha mesmo. Yuri ficou profundamente perturbado com ela. No entanto, tinha duas novas missões de Anton, e lá se foi à Índia e depois a Bali para fotografar certos lugares e pessoas e estava ocupado o tempo todo, aproveitando seus passeios como sempre.

Foi só por volta de meados de janeiro que Yuri voltou a ter notícias de Aaron. Aaron queria que Yuri fosse até Donnelaith na Escócia, para descobrir se um casal misterioso havia sido visto por alguém por lá. Yuri fez as anotações apressadamente.

- Você estará procurando por Rowan Mayfair e um acompanhante masculino, muito alto, esguio e de cabelos longos.

Yuri percebeu em silêncio o que havia acontecido - o fantasma da família Mayfair, o espírito que a assombrava há gerações, havia conseguido algum tipo de passagem para o mundo visível. Yuri não questionou esse fato, mas sentiu uma emoção secreta com ele. Parecia algo tão significativo quanto terrível, e ele sentiu vontade de encontrar essa criatura.

- É isso o que você quer, não é? Encontrá-los? Tem certeza de que o melhor lugar para começar é Donnelaith?

- É o único lugar que conheço para começar agora – disse Aaron. - Esses dois indivíduos poderiam estar em qualquer parte da Europa. Poderiam até mesmo ter voltado para os Estados Unidos.

Yuri partiu para Donnelaith naquela noite.

E havia um tom de profundo desânimo nas palavras de Aaron.

Yuri digitou a notificação da sua missão para os Anciãos na forma de costume, no computador, para ser enviada por fax imediatamente a Amsterdã. Ele lhes informou o que lhe havia sido solicitado fazer, disse que ia cumprir a tarefa e partiu.

Yuri divertiu-se em Donnelaith. Muita gente havia visto o casal misterioso. Muita gente descreveu o acompanhante. Yuri conseguiu até fazer um esboço. Conseguiu dormir no mesmo aposento que havia sido ocupado pelo casal e recolheu impressões digitais de todos os lugares, embora não lhe fosse possível discernir a quem elas pertenceriam.

Tudo certo, disseram os Anciãos numa mensagem especial de fax de Londres para seu hotel em Edimburgo. Prioridade máxima. Isso significava que ele não deveria se preocupar com despesas. Se o casal misterioso tivesse deixado algum objeto, Yuri deveria descobri-lo. Enquanto isso, ele devia ser de absoluta discrição. Ninguém em Donnelaith podia saber dessa investigação. Yuri ficou ligeiramente insultado. Sempre havia atuado de uma forma que as pessoas não desconfiassem. Disse isso aos Anciãos. "Pedimos desculpas", disseram eles no seu fax seguinte. "Mantenha seu bom nível de trabalho."

Quanto a Donnelaith, o lugar conquistou a imaginação de Yuri. Pela primeira vez, as bruxas Mayfair pareciam verdadeiras aos seus olhos. Na realidade, toda a investigação adquiriu uma luz para ele que nenhuma outra investigação jamais apresentara no passado.

Yuri recolheu livros e brochuras vendidos aos turistas. Fotografou as ruínas da catedral de Donnelaith e da nova capela recentemente descoberta, com

o sarcófago de um santo desconhecido. Passou sua última tarde em Donnelaith explorando as ruínas até o por do sol e naquela noite ligou para Aaron de Edimburgo, para lhe transmitir todas essas sensações e procurar extrair de Aaron alguma declaração acerca do casal misterioso e de quem eram.

Poderia o acompanhante ser o espírito Lasher, vindo ao mundo sob algum disfarce humano?

Aaron disse estar ansioso para explicar tudo, mas agora não era a hora. Michael Curry, o marido de Rowan Mayfair, quase fora morto no dia de Natal em Nova Orleans, e Aaron queria ficar perto dele, não importa o que mais pudesse estar acontecendo.

Quando Yuri voltou a Londres, entregou as impressões digitais e fotografias ao laboratório para processamento e classificação, redigiu seu relatório completo para Aaron e o enviou por fax para um número nos Estados Unidos. Mandou a cópia completa de costume para os Anciãos, via fax para Amsterdã. Arquivou sua cópia, as páginas efetivamente impressas, e foi dormir.

Naquela manhã, quando tentou carregar o material básico sobre as bruxas Mayfair, percebeu que a investigação havia mudado. Todas as fontes originais, depoimentos não editados, inventários de objetos armazenados, fotografias, quadros etc., estavam fechadas. Na verdade, o Arquivo sobre as Bruxas Mayfair estava encerrado. Yuri não conseguiu encontrar nada através de referência cruzada.

Quando Yuri afinal conseguiu entrar em contato com Aaron, para perguntar por que isso havia acontecido, algo estranho ocorreu. Ficou claro que Aaron não sabia que os arquivos haviam sido classificados como confidenciais. No entanto, ele não quis revelar sua surpresa a Yuri. Aaron estava irritado, e desconcertado. Yuri percebeu que havia alarmado Aaron.

Nessa mesma noite, ele escreveu aos Anciãos. "Solicito permissão para ir me unir a Aaron nessa investigação, para ir a Nova Orleans. Reconheço não compreender a abrangência total do que aconteceu, nem preciso dessa compreensão. Sinto, porém, uma necessidade urgente de estar ao lado de Aaron."



Os Anciãos não concordaram.

Dias depois, Yuri foi afastado da investigação. Disseram-lhe que Erich Stolov, um perito experiente no trato "dessas coisas", iria assumir o comando, e que Yuri deveria tirar umas pequenas férias em Paris por enquanto, já que logo estaria indo para a Rússia, onde o clima era lúgubre e frio.

"Vão me mandar para a Sibéria?", perguntou Yuri em tom irônico, digitando suas perguntas no computador. "O que está acontecendo com as bruxas Mayfair?"

Chegou a resposta de Amsterdã de que Erich estaria encarregado de todas as atividades européias relacionadas às bruxas Mayfair. E mais uma vez, recomendaram a Yuri que descansasse um pouco. Disseram-lhe também que tudo que sabia sobre as bruxas Mayfair era confidencial, e que ele não deveria debater essas questões com Aaron. Tratava-se de uma advertência de rotina, esclareceram os Anciãos, nos casos em que estivessem envolvidas investigações "dessa natureza".

"Você conhece nossa índole", dizia o comunicado. "Não interferimos nos acontecimentos. Somos cautelosos. Somos observadores. Temos, porém, nossos princípios. Agora há perigos sem precedentes nessa situação. Você deve deixar essa questão nas mãos de homens mais experientes, como Erich. Aaron sabe que os Anciãos fecharam o acesso aos dados. Você não terá mais notícias dele."

Essa foi a frase perturbadora, o encadeamento de palavras que estragou tudo. Você não terá mais notícias dele.

No meio da noite, enquanto a casa-matriz dormia no frio intenso do inverno, Yuri digitou uma mensagem para os Anciãos no computador.

"Considero impossível deixar essa investigação sem sentimentos conflitantes. Estou preocupado com Aaron Lightner. Ele não me liga há semanas. Eu gostaria de entrar em contato com Aaron. Favor dar sua opinião."

Por volta das quatro da manhã, o fax despertou Yuri. A resposta havia chegado de Amsterdã. "Yuri, deixe esse assunto de lado. Aaron está em boas mãos. Não há melhores investigadores do que Erich Stolov e Clement Norgan,

que estão ambos com dedicação integral a esse caso. Essa investigação está prosseguindo rapidamente, e um dia você saberá a história inteira. Até essa hora, tudo é secreto. Não volte a falar com Aaron."

Não volte a falar com Aaron?

Depois dessa, Yuri não conseguiu mais dormir. Desceu até a cozinha. Ela era composta de diversas divisões enormes e cavernosas, cheias do aroma de pão assando. Somente os cozinheiros da noite trabalhavam, preparando esse pão e o enfiando em fornos imensos e eles não prestaram nenhuma atenção a Yuri quando ele serviu uma xícara de café, com creme, e se sentou num banco de madeira junto ao fogo.

Yuri tomou consciência de que não poderia obedecer a essa ordem dos Anciãos! Percebeu simplesmente que amava Aaron, que de fato dependia tanto de Aaron que não conseguia imaginar a vida sem ele.

É uma coisa terrível a consciência de que se depende tanto de uma outra pessoa; de que todo o seu sentido de bem-estar está vinculado a essa outra pessoa, de que se precisa dela, de que é dela o seu amor; de que ela é a principal testemunha da sua vida. Yuri ficou decepcionado consigo mesmo e desconfiado. Mas era essa a sua percepção.

Ele subiu e tranqüilamente fez uma ligação internacional para Aaron.

- Os Anciãos me disseram que não falasse mais com você diretamente.

Aaron ficou perplexo.

- Estou indo para aí.

- Isso poderia representar sua expulsão - disse Aaron.

- Veremos. Estarei em Nova Orleans o mais rápido possível.

Yuri reservou seu voo, arrumou as malas e desceu para esperar o carro. Anton Marcus desceu para vê-lo, despenteado, usando seu robe azul escuro e chinelos de couro. Era óbvio que acabava de ser acordado.

- Você não pode ir, Yuri - disse ele. - Essa investigação está ficando mais perigosa a cada instante. Aaron não a compreende.

Ele levou Yuri para seu escritório.

- Nosso universo tem seu próprio relógio - disse Anton, delicadamente. - Somos como o Vaticano, sob um certo aspecto. Um século ou dois, isso não é muito para nós. Estamos observando as bruxas Mayfair há muitos séculos.

- Eu sei.

- Agora aconteceu alguma coisa que tínhamos e que não podíamos impedir. Ela representa um perigo imenso para nós e para os outros. Precisamos de você aqui, à espera de instruções, para fazer o que lhe mandarem.

- Não. Sinto muito. Vou procurar Aaron - disse Yuri. Levantou-se e saiu. Não pensou no que estava fazendo. Não olhou para trás. Não sentia nenhum interesse especial pela reação emocional de Anton.

Deu, porém, um longo olhar de despedida para a casa-matriz mas, enquanto o automóvel prosseguia na direção de Heathrow, só havia na sua cabeça um único tema que se repetia, como uma fuga. Via Andrew à morte no quarto de hotel em Roma. Via Aaron sentado do outro lado de uma mesa, diante dele, Yuri, a lhe dizer que era seu amigo. Via Também sua mãe, morrendo numa aldeia na Sérvia. Nele não havia conflito.

la procurar Aaron. Sabia que era isso o que tinha de fazer.

## **Capítulo 7**

Lark dormia profundamente quando o avião aterrissou em Nova Orleans. Ficou espantado quando descobriu que já estavam no portão de desembarque. A aeromoça sorria radiante para ele, exibindo no braço gracioso a capa de chuva de Lark. Sentiu um leve constrangimento por um instante, como se tivesse perdido alguma vantagem valiosa e então pôs-se de pé.

Estava com uma terrível dor de cabeça e com fome. Foi então que o arrebatamento penetrante desse mistério, do mistério do filho de Rowan, voltou à sua mente sob a forma de uma enorme carga. Como seria possível esperar que um homem racional explicasse uma coisa dessas? Que horas eram? Oito da manhã em Nova Orleans. Quer dizer que deviam ser só seis lá na costa oeste.

Ele viu imediatamente o homem de cabelos brancos à sua espera e concluiu que era Lightner antes que ele apertasse sua mão e se apresentasse. Um velhinho de excelente aparência; de terno cinza e tudo o mais.

- Dr. Larkin. Houve uma emergência na família. Nem Ryan nem Pierce Mayfair puderam vir. Permita-me levá-lo ao hotel. Ryan entrará em contato com o senhor assim que puder. - A mesma distinção britânica que Lark tanto havia admirado ao telefone.

- Prazer em conhecê-lo, Sr. Lightner, mas devo lhe dizer que tive uma alteração com um dos seus colegas em San Francisco. Não foi assim tão agradável.

A surpresa de Lightner foi nítida. Os dois seguiram juntos pelo saguão, com o perfil de Lightner se apresentando muito circunspecto e distante por um momento.

- Quem seria essa pessoa é o que me pergunto - disse Lightner com irritação não disfarçada. Ele parecia exausto, como se não tivesse dormido a noite inteira.

Lark sentia-se melhor agora. A dor de cabeça estava passando. Ele estava imaginando café e pãezinhos doces, uma reserva para jantar no Commander's Palace e, quem sabe, uma cochilo à tarde. Lembrou-se, então, dos espécimes. Pensou em Rowan. Dominou-o aquela empolgação constrangedora, e com ela uma sensação desagradável de estar envolvida em algo pernicioso, algo completamente errado.

- Nosso hotel fica a apenas alguns quarteirões do Commander's Palace - disse Lightner, simpático. - Podemos levá-lo lá hoje à noite. Talvez consigamos convencer Michael a nos acompanhar. Surgiu... uma emergência. Algo relacionado à família de Ryan. Não fosse por isso, Ryan teria vindo pessoalmente. Mas esse meu colega? Pode me dizer o que aconteceu? Tem alguma bagagem?

- Não, só essa minha valise aqui, com a roupa necessária para um dia.

- À semelhança da maioria dos cirurgiões, Lark gostava de estar acordado bem cedo. Se estivesse lá em San Francisco, estaria agora na cirurgia. Sentia-se melhor a cada passo que dava.

Os dois seguiram na direção da luz brilhante e quente da manhã, e da movimentação de táxis e limusines por trás das portas de vidro. Aqui não fazia um frio tremendo. Não, nada daquele frio penetrante de San Francisco, nem de longe. Mas a verdadeira diferença era a luminosidade. Havia mais luz. E o ar ficava imóvel ao redor das pessoas. Gostoso.

- Esse seu colega disse chamar-se Erich Stolov. Ele exigiu saber onde estavam os espécimes.

- É mesmo? - disse Lightner, franzindo um pouco o cenho. Fez um gesto para a esquerda, e uma das inúmeras limusines, um grande e elegante Lincoln cinza, saiu lentamente e veio na sua direção, com seus vidros negros e discretos. Lightner não esperou que o motorista desse a volta. Ele próprio abriu a porta traseira.

Agradecido, Lark entrou no ambiente cinzento de veludo macio, indo para o assento mais distante, ligeiramente perturbado pelo cheiro de fumaça de cigarro entranhado no estofamento, e esticando as pernas confortavelmente no espaço abundante. Lightner sentou-se ao seu lado, e lá se foi o carro no mesmo instante, no seu universo sombreado graças aos vidros fumés, de repente isolado de todo aquele movimento do aeroporto e do brilho puro do sol da manhã. Mas era confortável, aquele carro. E veloz.

- O que Erich lhe disse? - perguntou Lightner, num tom neutro, deliberadamente dissimulado. Lark não se deixou enganar pelo tom.

- Ficou parado bem na minha frente, querendo saber onde os espécimes estavam. Grossoiro. Decididamente agressivo e grosseiro. Não consigo entender. Será que ele estava querendo me intimidar?

- Você não lhe disse o que ele queria saber - disse Lightner, baixinho e em tom conclusivo, olhando pelas janelas escuras do carro. Estavam na rodovia, prontos para entrar na auto-estrada, e esse lugar era um pouco parecido com

qualquer lugar: prédios baixos de subúrbio com nomes gritantes, espaços vazios, grama alta, motéis.

- Bem, não, é claro que não. Não lhe disse nada - prosseguiu Lark. - Não gostei. Não gostei nem um pouco. Já lhe disse que Rowan Mayfair me pediu que tratasse desse assunto confidencialmente. Estou aqui em virtude de informações que vocês apresentaram espontaneamente e porque a família pediu que eu viesse. Realmente não estou numa posição que me permita entregar esses espécimes para mais ninguém. Na verdade, nem sei se conseguiria reavê-los das mãos das pessoas que estão com eles agora. Rowan foi específica. Ela queria que eles fossem testados em segredo num certo lugar.

- No Instituto Keplinger - disse Lightner, com gentileza e delicadeza, com os olhos claros tranquilos, como se estivesse lendo essa informação num cartão na testa de Lark. - Mitch Flanagan, o gênio da genética, o homem que trabalhou lá com Rowan antes de ela decidir não ficar na área de pesquisa.

Lark não disse nada. O automóvel seguia silencioso ao longo do elevado. Os prédios foram se adensando e a grama ficando mais descuidada.

- Se você sabe, então por que esse cara me perguntou? Por que ficou parado na minha frente, tentando me forçar a lhe contar tudo isso? Por sinal, como você descobriu? Eu gostaria de saber. Quem é você? Isso eu gostaria de saber também.

Lightner estava olhando para longe, entristecido, exausto.

- Eu lhe disse que houve uma emergência na família hoje de manhã, não disse?

- É mesmo. Sinto muito. Não pretendia parecer insensível a esse respeito. Fiquei furioso com seu amigo.

- Eu sei - disse Lightner, afável. - Eu compreendo. Ele não deveria ter se comportado dessa forma. Vou ligar para a casa-matriz em Londres. Vou procurar descobrir por que isso aconteceu. Ou melhor, vou me certificar de que nada semelhante volte a acontecer. - Houve um leve toque de raiva nos olhos do

homem por um átimo, e depois algo irritado e atemorizante no seu olhar. Muito rápido. Ele sorriu, simpático. - Vou cuidar desse assunto.

- Eu lhe agradeço - disse Lark. - Como você soube de Mitch Flanagan e do Instituto Keplinger?

- Digamos que eu adivinhei - respondeu Lightner. Estava profundamente perturbado por tudo isso, o que era óbvio, muito embora seu rosto apresentasse agora uma imagem cuidadosamente elaborada de serenidade, e sua voz não denunciava nada a não ser sua exaustão e um estado de abatimento geral.

- Qual foi a emergência? O que aconteceu?

- Ainda não sei todos os detalhes. Só que Pierce e Ryan Mayfair tiveram de ir até Destin, na Flórida, hoje bem cedo. Pediram-me que viesse recebê-lo. Parece que aconteceu algo à mulher de Ryan, Gifford. Repito que não tenho certeza. Não sei.

- Esse Erich Stolov. Você trabalha com ele?

- Não diretamente. Ele esteve aqui há dois meses. Ele é da nova geração da Talamasca. É a velha história. Vou descobrir por que ele se comportou dessa maneira. A casa-matriz não sabe que os espécimes estão no Instituto Keplinger. Se os membros mais jovens revelassem tanto zelo pela leitura dos arquivos quanto para o trabalho de campo, poderiam ter calculado.

- Que arquivos? Do que está falando?

- Ah, é uma longa história. E nunca uma história especialmente fácil de contar. Compreendo sua relutância em falar a qualquer pessoa sobre aqueles espécimes. Se eu fosse você, não falaria com mais ninguém.

- Há alguma notícia do paradeiro de Rowan?

- Nem uma palavra. Só que a velha notícia foi confirmada. Que ela e seu acompanhante estiveram na Escócia, em Donnelaith.

- E o que isso significa? Onde fica Donnelaith, na Escócia? Já estive por toda a região montanhosa escocesa, caçando e pescando. Nunca ouvi falar de Donnelaith.

- São ruínas de uma aldeia. Neste momento, ela está fervilhando de arqueólogos. Lá existe uma estalagem principalmente para turistas e pessoas vindas de universidades. Rowan foi vista nesse lugar há quatro semanas.

- Bem, essa notícia é velha. Não vale nada. Quer dizer, não é nada de novo.

- Nada de novo.

- Esse acompanhante dela, como é que ele era? - perguntou Lark.

A expressão de Lightner ficou um pouco sombria. Seria cansaço ou mordacidade? Lark estava desconcertado.

- Ah, você agora sabe mais sobre ele do que eu, não sabe? - perguntou Lightner. - Rowan mandou-lhe radiografias, resultados de eletroencefalogramas, todo esse tipo de coisa. Ela não mandou uma fotografia?

- Não - respondeu Lark. - Afinal, quem são vocês, de verdade?

- Sabe, Dr. Larkin, eu francamente não tenho a resposta para essa pergunta. Suponho que nunca tenha tido. Apenas sou mais honesto comigo mesmo a esse respeito nestes últimos tempos. Acontecem coisas. Nova Orleans exerce seu encanto sobre as pessoas. A família Mayfair também. Eu estava procurando adivinhar algo sobre os exames. Digamos que eu estava tentando ler seus pensamentos.

Lark riu. Tudo isso havia sido dito num tom tão agradável, tão filosófico.

Lark de repente simpatizou com aquele homem. Na escassa claridade do interior do carro, ele também percebeu detalhes do outro. Que Lightner sofria de um leve enfisema, que nunca havia fumado e provavelmente nunca havia bebido demais e estava bastante saudável numa década de fragilidade programada - a dos oitenta anos.

Lightner sorriu e olhou pela janela. O motorista do automóvel era apenas uma forma escura por trás do vidro fume. Lark percebeu que o carro estava provido de todas as comodidades de praxe: o pequeno aparelho de televisão, os refrigerantes enfiados em gelo em bolsos nas portas do meio. E café? Quando iriam tomar café?



- Ali na garrafa - disse Lightner.

- Ah, você leu meu pensamento - exclamou Lark, com um risinho.

- É a hora certa da manhã, não é? - disse Lightner, e pela primeira vez surgiu um pequeno sorriso nos seus lábios. Ficou olhando Lark abrir a garrafa e descobrir a xícara plástica no bolso lateral. Lark serviu o café fumegante.

- Quer um pouco, Lightner?

- Não, obrigado. Você quer me contar o que seu amigo Mitch Flanagan descobriu?

- Para ser exato, não. Não quero contar a ninguém a não ser a Rowan. Liguei para Ryan Mayfair para obter recursos, foram as instruções de Rowan. Mas ela não me disse nada quanto a eu entregar os resultados dos exames a ninguém. Ela disse que entraria em contato comigo quando pudesse. E Ryan Mayfair diz que Rowan pode estar ferida. Talvez até morta.

- É verdade - disse Lightner. - Foi gentileza sua vir.

- Ora, eu estou preocupado com Rowan. Não fiquei muito feliz quando saiu do University Hospital. Não fiquei muito feliz quando ela resolveu se casar. Nem com o fato de abandonar a medicina. Na realidade, fiquei tão surpreso quanto se alguém tivesse dito "O mundo acaba hoje às três da tarde". Não acreditei em tudo aquilo, até a própria Rowan insistir em repetir para mim.

- Eu me lembro. Ela ligou muitas vezes para você no outono do ano passado. Estava muito preocupada em obter sua aprovação. - Isso foi dito em tom neutro como tudo o mais. - Ela queria seu aconselhamento quanto à criação do Centro Médico. Tinha certeza de que, quando você percebesse que ela estava determinada a criar o centro, você compreenderia por que ela não estava mais exercendo a medicina, que havia muita coisa envolvida.

- Então, você é amigo dela, não é? Não estou falando necessariamente dessa Talamasca, mas de você.

- Acho que fui seu amigo. Posso tê-la decepcionado. Não sei. Talvez ela tenha me decepcionado. - Havia um toque de amargor na sua voz, talvez mesmo de raiva. Depois, o homem voltou a sorrir, simpático.

- Devo lhe confessar uma coisa, Sr. Lightner. Achei que essa história de Centro Médico Mayfair era um castelo no ar. Rowan me apanhou de surpresa. Mas, desde então, fiz umas pequenas investigações por conta própria. É óbvio que essa família tem os recursos necessários para criar o centro. Eu só não sabia. Imagino que devesse saber. Todo mundo estava falando nisso. Rowan é a melhor e mais brilhante cirurgiã que eu formei.

- Tenho certeza de que é mesmo. Ela lhe disse alguma coisa sobre os espécimes quando falou com você? Você disse que ela ligou de Genebra, e que isso foi no dia doze de fevereiro.

- Mais uma vez, quero falar com Ryan, parente mais próximo. Falar com o marido, ver qual é a atitude certa a tomar.

- Os espécimes devem ter deixado todos no Instituto Keplinger completamente assombrados. Eu apreciaria que você me dissesse tudo o que Rowan mandou. Deixe-me explicar meu interesse. Rowan estava em mau estado de saúde quando falou com você? Ela lhe enviou algum tipo de material que pertencesse a ela mesma?

- É, ela mandou amostras do seu próprio sangue e tecido, mas não há nenhuma evidência de que estivesse doente.

- Só diferente.

- É, é o que eu diria. Diferente. Você tem razão quanto a esse ponto.

Lightner concordou, com um gesto de cabeça. Olhou novamente para longe, lá fora para o que parecia ser um cemitério enorme e esparramado, cheio de pequenas casas de mármore com telhados pontiagudos. O carro seguia veloz no tráfego reduzido de veículos de consertos malfeitos. Mas Lark apreciava a amplidão, a sensação de não estar preso num engarrafamento constante como sempre estava em San Francisco.

- Lightner, nesse caso a minha posição é realmente delicada. Quer você seja amigo dela, quer não.

Eles já estavam saindo da auto-estrada, passando por um velho campanário de tijolos que parecia de uma proximidade perigosa da rampa de

descida. Lark sentiu um alívio quando chegaram à rua, por pobre que ela fosse. Mais uma vez, ele gostou da sensação espaçosa das coisas por ali, embora tudo parecesse um pouco abandonado. Ali as coisas andavam devagar. O sul. Uma cidadezinha.

- Sei de tudo isso, Dr. Larkin. Eu compreendo. Sei tudo a respeito de confidencialidade e ética médica. Sei o que são boas maneiras e decência. As pessoas aqui sabem tudo sobre isso. E bastante agradável estar aqui. Não temos de falar agora sobre Rowan, se você não quiser. Que tal um café da manhã no hotel? Talvez você queira descansar um pouco. Podemos nos encontrar na casa de First Street mais tarde. Ela fica apenas a alguns quarteirões do hotel. A família organizou tudo.

- Você sabe que esse assunto é mesmo extremamente grave - disse Lark de repente. O automóvel parou. Estavam diante de um pequeno hotel com vistosos toldos azuis. Um porteiro estava pronto para abrir a porta da limusine.

- É claro que é grave - disse Aaron Lightner. - Mas também é muito simples. Rowan deu à luz essa estranha criança. Na verdade, como nós dois sabemos, ele não é uma criança. É o acompanhante que foi visto com ela na Escócia. O que queremos saber agora é se ele é capaz de se reproduzir. Ele conseguiria procriar com sua mãe ou com outros seres humanos? A reprodução é o único interesse real da evolução, não é? Se ele fosse uma simples mutação única e exclusiva, algo criado por forças externas, digamos por uma radiação ou por algum tipo de capacidade telecinética, bem, não estaríamos assim tão preocupados, certo? Poderíamos alcançá-lo, verificar se Rowan está ficando com ele por livre e espontânea vontade e depois... matá-lo com um tiro. Talvez.

- Você sabe de tudo, não é?

- Não, nem tudo. É o que me perturba. Mas sei de uma coisa. Se Rowan lhe mandou essas amostras, foi porque estava com medo de que essa coisa procriasse. Vamos entrar? Eu gostaria de ligar para a família para ter notícias do acontecido em Destin. Também gostaria de ligar para a Talamasca o respeito de

Stolov. Também estou hospedado aqui, sabe? Pode-se dizer que esse é o meu quartel-general em Nova Orleans. Gosto muito daqui.

- Claro, vamos.

Antes de chegarem à recepção, Lark já se arrependera da pequena valise com uma muda de roupas. Não ia sair dali tão cedo. Ele sabia. A vaga sensação de algo doentio e ameaçador lutava dentro dele contra uma nova onda de empolgação. Ele gostou do pequeno saguão, das simpáticas vozes sulinas a cercá-lo, do negro alto e elegante no elevador.

E, ele teria de fazer umas compras. Mas tudo bem. Lightner estava com a chave na mão. A suíte estava pronta para Lark. E Lark estava pronto para o café da manhã. E, ela estava com medo disso mesmo, pensou Lark, enquanto subiam de elevador. Ela havia chegado a dizer algo como, se essa criatura puder procriar...

E claro que na ocasião ele não sabia do que ela podia estar falando. Mas ela sabia. De qualquer outra pessoa, seria possível pensar que se tratava de algum tipo de brincadeira. Mas não de Rowan.

Bem, agora ele estava com fome demais para continuar a pensar no assunto.

## **Capítulo 8**

Não era seu costume falar quando atendia o telefone. Ela costumava tirar o fone do gancho, levá-lo à orelha e então, se alguém falasse, alguém conhecido, talvez ela respondesse.

Ryan sabia disso e falou imediatamente para o silêncio.

- Velha Evelyn, aconteceu algo terrível.

- O que foi, meu filho? - perguntou ela, identificando-se com um carinho incomum. Sua voz lhe parecia frágil e baixa, não como a voz de si mesma que ela sempre reconheceria.

- Encontraram Gifford na praia em Destin. Disseram... - A voz de Ryan fraquejou e ele não pôde continuar. Então, Pierce, o filho de Ryan, veio ao telefone e disse que ele e o pai estavam indo para Destin juntos. Ryan voltou ao aparelho e lhe disse que ela precisava ficar com Alicia, que Alicia enlouqueceria ao "saber".

- Entendi - disse a velha Evelyn. E entendera mesmo. Gifford não estava simplesmente ferida. Gifford estava morta. - Vou procurar Mona - disse baixinho. Não soube se chegaram a ouvi-la.

Ryan disse algumas palavras vagas, confusas e apressadas, que ligariam mais tarde para ela, que Lauren estava telefonando para "a família". E depois a conversa foi encerrada. A velha Evelyn pôs o fone no gancho e foi até o armário para procurar sua bengala.

A velha Evelyn não gostava muito de Lauren Mayfair. Lauren Mayfair era, aos olhos da velha Evelyn, uma advogada frágil e arrogante, uma mulher de negócios estéril e gélida, da pior espécie, que sempre havia preferido os documentos legais às pessoas. Mas ela servia para avisar a todos. Com exceção de Mona. E Mona não estava ali, e alguém tinha de contar a ela.

Mona estava lá na casa de First Street. Isso a velha Evelyn sabia. Talvez estivesse procurando aquela Vítrola e as belíssimas pérolas.

A velha Evelyn soube a noite inteira que Mona não estava em casa, mas ela nunca precisava se preocupar de verdade com Mona. Mona faria todas as coisas na vida que todos queriam fazer. Ela as faria pela sua avó Laura Lee, pela sua mãe CeeCee e pela própria velha Evelyn. Ela as faria por Gifford...

Gifford morta. Não isso não parecia ser possível, ou não provável. Por que eu não senti quando isso aconteceu, Por que eu não ouvi sua voz?

De volta ao lado prático da vida, a velha Evelyn estava parada no corredor de entrada, pensando se devia sair a procura de Mona, sair por aquelas ruas acidentadas, pelas calçadas de tijolos e lajes nas quais podia cair, mas jamais havia caído, e depois pensou que com seus novos olhos ela poderia fazer o trajeto. É, e quem sabia? Talvez fosse sua última oportunidade de ver realmente.

Há um ano, ela não teria tido visão para andar até o centro. Mas o jovem Dr. Rhodes havia retirado as cataratas dos seus olhos. E agora ela via tão bem que deixava as pessoas espantadas. Ou seja, quando ela lhes contava o que via, o que não costumava fazer.

A velha Evelyn sabia muito bem que falar fazia pouquíssima diferença.

Ela passava anos a fio sem falar. As pessoas não se perturbavam. Faziam o que queriam. Ninguém queria deixar que a velha Evelyn contasse suas histórias a Mona mesmo e assim a velha havia mergulhado nas suas lembranças dos velhos tempos, e nem sempre sentia necessidade de examiná-las ou explicá-las.

Além disso, qual havia sido o proveito de contar aquelas histórias a Alicia e Gifford? Como haviam sido suas vidas? E a de Gifford estava terminada! Mais uma vez pareceu espantoso que Gifford pudesse estar morta. Totalmente morta. É, Alicia vai enlouquecer, pensou ela, mas Mona também. E eu também quando me conscientizar realmente.

A velha Evelyn entrou no quarto de Alicia. Alicia dormia, enrolada como um bebê. Durante a noite, havia se levantado e bebido meio cantil de uísque, como se fosse remédio. Beber desse jeito podia matar qualquer um.

Alicia deveria ter morrido, pensou a velha Evelyn. Isso era o que deveria ter sido. A morte bateu na porta errada. Ela ajeitou a colcha tricotada nos ombros de Alicia e saiu.

Lentamente, desceu a escada, muito, muito devagar, pesquisando com cuidado cada passo com a ponta de borracha da bengala, empurrando e cutucando o tapete para se certificar de que não havia nada ali que pudesse fazer com que tropeçasse e caísse. No dia do seu aniversário de oitenta anos, ela havia caído. Foi a pior fase da sua velhice, deitada numa cama enquanto se recuperava da fratura da bacia. Mas havia sido bom para seu coração, dissera o Dr. Rhodes.

- A senhora vai viver até os cem anos.

O Dr. Rhodes havia discutido com os outros quando eles disseram que ela estava velha demais para a operação de catarata.

- Ela está ficando cega, vocês não compreendem? Posso fazer com que volte a enxergar. E sua capacidade mental está perfeita.

Capacidade mental - ela havia gostado da expressão, e dissera isso ao médico.

- Por que a senhora não conversa mais com eles? - perguntou-lhe o médico no hospital. - A senhora sabe que eles pensam que é uma velha débil mental.

Ela havia rido sem parar.

- Mas é o que eu sou. Além do mais, as pessoas com quem eu gostava de conversar morreram todas. Agora, só tenho Mona. E a maior parte do tempo, é Mona quem fala comigo.

Como o médico rira com essa.

A velha Evelyn crescera falando o mínimo possível. A verdade era que talvez ela nunca tivesse chegado a falar muito com ninguém se não fosse por Julien.

E se havia uma coisa que ela queria fazer era contar um dia a Mona tudo sobre Julien. Talvez hoje fosse esse dia. A idéia lhe ocorreu com uma força tremeluzente! Contar a Mona. A Vitrola e as pérolas estão naquela casa. Agora Mona pode ficar com elas.

Ela parou diante do espelho do cabide para chapéus no nicho da entrada. Ficou satisfeita, estava pronta para sair. Havia dormido a noite inteira com seu vestido de gabardine, e ele estava perfeito para esse tempo ameno da primavera. Não estava nem um pouco amarfanhado. Era tão fácil dormir sentada, perfeitamente ereta, com as mãos cruzadas no colo. Ela costumava pôr um lenço no encosto estofado da poltrona, junto à bochecha quando virasse a cabeça, para o caso de escorrer algo da sua boca durante o sono. Mas raramente havia alguma mancha no tecido. Ela podia usar o mesmo lenço repetidas vezes.

Não tinha um chapéu. Também havia anos que não saía, a não ser para o casamento de Rowan Mayfair. E não sabia o que Alicia havia feito com seus chapéus. Sem dúvida, devia ter havido um chapéu para o casamento. E, se ela

tentasse, acabaria se lembrando de como ele era, provavelmente cinza com um véuzinho antiquado. Provavelmente com flores cor-de-rosa. Mas talvez estivesse sonhando. O próprio casamento não lhe parecera muito real.

É claro que ela agora não podia subir a escada para ir procurar um chapéu, e não havia nenhum no pequeno quarto dos fundos aqui embaixo. Além do mais, seu cabelo estava arrumado. Era o mesmo penteado fofo que usava há anos, e ela sentia que o coque na parte traseira estava firme, com os grampos no lugar. Esse seu cabelo formava uma bela moldura branca para seu rosto. Ela nunca se entristecera com o fato dele ficar branco. Não, não precisava de um chapéu. Quanto a luvas, agora não havia mais nenhuma, e ninguém se dispunha a comprá-las para ela.

No casamento de Rowan Mayfair, aquela antipática da Lauren Mayfair chegara a dizer que ninguém usa luvas mais, como se não fizesse diferença.

Talvez Lauren tivesse razão.

A velha Evelyn não se importava tanto assim com as luvas. Tinha seus broches e alfinetes. Suas meias não estavam nem um pouco enrugadas. Seus sapatos estavam amarrados. Mona os havia amarrado ontem, bem apertado.

Estava pronta para ir. Não olhou para o rosto. Nunca mais olhava porque aquele não era o seu rosto, era o rosto velho e enrugado de alguma outra pessoa, com fundas linhas verticais, com um ar muito solene e frígido, pálpebras caídas, uma quantidade exagerada de pele para os ossos que ficavam por baixo e seu queixo e suas sobrancelhas haviam perdido o contorno.

Ela preferia pensar na caminhada que tinha pela frente. Ficou feliz apenas de pensar nisso e no fato de que Gifford se fora e se a velha Evelyn caísse, fosse atropelada ou se perdesse, não haveria mais nenhuma neta Gifford para ficar histérica. De repente, pareceu-lhe maravilhoso estar livre do amor de Gifford, como se mais uma vez um largo portão tivesse sido aberto para o mundo. E Mona acabaria por sentir isso também, esse alívio, essa liberação. Mas não de imediato.

Ela seguiu pelo longo e alto hall e abriu a porta da frente. Fazia um ano que ela não descia a escada da frente, a não ser no dia do casamento, e naquele



dia alguém a havia carregado. Não havia corrimão no qual se amparar. A balaustrada havia apodrecido anos atrás, e Alicia e Patrick não fizeram nada a respeito, a não ser arrancá-la e jogá-la para debaixo da casa.

- Meu bisavô construiu esta casa! - protestara ela. - Ele próprio encomendou esta balaustrada, escolheu-a no catálogo. E olhe só o que vocês deixaram acontecer! - Que se danem.

Pensando melhor, que se danasse o bisavô também. Como Evelyn o havia odiado, aquela sombra gigantesca sobre a sua infância, o desvairado Tobias, que falava sibilante com ela quando agarrava sua mão e a exibia.

- Bruxa, a marca da bruxa, olhem bem. - E beliscava seu sexto dedo.

Ela nunca lhe dera uma resposta, só o odiava em silêncio. Ela nunca lhe dissera uma palavra durante toda a sua vida.

Mas uma casa caindo aos pedaços... isso era muito mais importante do que odiar a pessoa que a construiu. Ora, a construção dessa casa talvez tivesse sido a única realização boa de toda a vida de Tobias Mayfair. Fontevrault, sua fazenda que um dia fora linda, havia sumido no pântano, ou pelo menos era isso o que lhe disseram todas as vezes que pediu que a levassem para conhecer o lugar.

- Aquela casa velha? O banhado a inundou! - Mas talvez eles estivessem mentindo. E se ela conseguisse caminhar toda aquela distância até Fontevrault e encontrasse a casa lá ainda em pé?

Isso sem dúvida era um sonho. Já a casa de Amélia Street era linda e majestosa na sua esquina com a Avenue. E algo deveria ser feito, deveria, deveria...

Com corrimão ou sem ele, ela conseguia transpor a escada perfeitamente com o auxílio da bengala, especialmente agora que estava enxergando tão bem. Cobriu os degraus com facilidade. E desceu direto pelo caminho para abrir o portão de varas de ferro. Imaginem. Ela estava saindo da casa andando pela primeira vez em todos aqueles anos.

Apertando os olhos por causa do brilho do tráfego ao longe, ela atravessou a parte da Avenue mais próxima ao lago. Precisou esperar um instante para atravessar o lado do rio, mas logo surgiu uma oportunidade.

Ela sempre gostara da beira rio, como as pessoas chamavam o local. E sabia que Patrick estava no restaurante da esquina, bebendo e tomando seu desjejum, como sempre fazia.

Atravessou Amélia Street e a rua minúscula chamada Antonine que desaguava ali a poucos metros de Amélia, e ficou parada na esquina olhando pelas janelas envidraçadas do restaurante. Lá estava Patrick, pálido e esquelético, na mesa dos fundos, como sempre, com sua cerveja, os ovos e o jornal. Ele nem mesmo a viu. Ficaria ali, bebendo cerveja e lendo o jornal metade do dia, e depois talvez fosse ao centro beber um pouco mais num bar que apreciava no Quarter. No final da tarde, Alicia talvez acordasse e fosse chamar Patrick no bar e começasse a berrar para ele voltar para casa.

Portanto, ele estava ali e não a viu. Como poderia tê-la visto? Será que ele algum dia teria esperado que a velha Evelyn saísse de dentro de casa por vontade própria?

Isso era perfeito, exatamente o que ela queria. E ela prosseguiu pelo quarteirão, sem ser vista, sem obstáculos, na direção do centro.

Como estavam nítidos os carvalhos de cascas negras e a grama pisoteada dos parques. Ela viu o lixo e os restos da terça-feira de Carnaval ainda empilhados por toda a parte nas sarjetas e nas latas de lixo que nunca eram suficientes para contê-los.

Continuou andando, passando pelos deprimentes sanitários portáteis que eles agora instalavam para a terça-feira gorda, sentindo o fedor medonho de toda aquela imundície, e prosseguiu até Louisiana Avenue. Lixo para onde quer que olhasse, e dos galhos altos das árvores estavam suspensos colares de Carnaval de contas plásticas, do tipo que eles agora jogam, cintilantes ao sol.

Não havia nada no mundo tão triste, pensava ela, quanto St. Charles Avenue depois da terça-feira de Carnaval.

Ela esperou que o sinal de pedestres abrisse. Uma velha mulher de cor, vestida com muita correção, esperava ali também.

- Bom dia, Patricia - disse ela à mulher, que teve um sobressalto por baixo do seu chapéu preto de palha.

- Ora, Miss velha Evelyn. O que está fazendo assim tão longe de casa?

- Estou indo a pé até o Garden District. Estou bem, Patricia. Trago a minha bengala. Gostaria de estar com as minhas luvas e o meu chapéu, mas não foi possível.

- E uma pena, Miss Evelyn - disse a mulher, muito educada, com a voz suave e delicada. Patricia era um amor de pessoa. Aparecia sempre por lá com seu netinho, que poderia ter passado por branco, mas não o fazia, evidentemente, ou talvez ainda tivesse de compreender tudo isso. Algo de terrivelmente empolgante havia acontecido.

- Ah, tudo vai dar certo - disse a velha Evelyn. - Minha sobrinha está lá no Garden District. Tenho de lhe entregar a Vitrola. - Percebeu, então, que Patricia não sabia nada sobre essas coisas! Que Patricia havia parado muitas vezes no portão para conversar, mas que ela não conhecia a história inteira. Como poderia conhecer? A velha Evelyn havia por um instante imaginado estar falando com alguém que conhecesse a história.

Patricia ainda falava, mas a velha Evelyn não ouvia as palavras. O sinal ficou verde. Ela precisava atravessar.

E lá se foi o mais rápido possível, desviando-se da faixa elevada de concreto que dividia a rua, porque a subida e a descida seriam desnecessariamente difíceis para ela.

É claro que ela foi lenta demais para o tempo do sinal. Já era assim há vinte anos, quando ainda dava esse passeio o tempo todo para passar pela casa de First Street e olhar para a pobre Deirdre.

Todos os jovens daquela geração condenados, pensou, como que sacrificados à perversidade e estupidez de Carlotta Mayfair. Carlotta Mayfair dopou e matou sua sobrinha Deirdre. Mas para que pensar nisso agora?

Parecia que a velha Evelyn estava atormentada por milhares de pensamentos confusos.

Cortland, o filho amado de Julien, morto de uma queda da escada, aquilo também havia sido culpa de Carlotta, não? Trouxeram-no para Touro a apenas dois quarteirões da sua casa. A velha Evelyn estivera sentada na varanda.

Da cadeira onde estava sentada, via o topo dos muros de tijolos do hospital, e que choque foi descobrir que Cortland morreu ali, a dois quarteirões de distância, conversando com estranhos no setor de emergência.

E imaginar que Cortland havia sido seu pai. Bem, isso nunca tivera importância, não de verdade. Julien importava, é claro, e Stella, também, mas pais e mães, não.

Barbara Ann morrera ao dar à luz a velha Evelyn. Aquilo realmente não era uma mãe. Só um perfil, uma silhueta, um retrato pintado a óleo. "Está vendo? Essa é a sua mãe." Um baú cheio de roupas velhas, um rosário e algum bordado inacabado que poderia ter sido para um sache.

Como divagava a mente da velha Evelyn. Mas ela estava a contar assassinatos, não estava? Os assassinatos cometidos por Carlotta Mayfair, que agora estava morta, graças a Deus.

O assassinato de Stella, aquele havia sido o pior de todos. Aquele era decididamente da responsabilidade de Carlotta. Sem dúvida, a culpa daquele assassinato tinha de estar na consciência de Carlotta. E nos róseos tempos de 1914, Evelyn e Julien sabiam que coisas terríveis, como essa, estavam por vir, mas não existia nada que nenhum dos dois pudesse fazer.

Por um breve momento, a velha Evelyn viu mais uma vez as palavras do poema, do mesmo jeito que as vira naquele dia remoto em que as recitara em voz alta para Julien no quarto do sótão.

- Estou vendo. Não sei o que significa.

Sufrimento e dor enquanto erram  
Sangue e medo até que aprendam.

Pobre desse Eden primaveril  
Agora o vale dos que choram os seus.

Ah, que dia esse! Tantas lembranças estavam lhe ocorrendo, e no entanto o próprio momento presente era tão fresco e agradável. A brisa tão boa para ela.

E a velha Evelyn seguia sempre em frente.

Aqui era o terreno baldio da Toledano. Será que nunca iriam construir nada mais ali? E olhe aqueles prédios de apartamentos, tão feios, tão sem graça, ali onde outrora havia mansões majestosas, mais majestosas do que a sua própria. Ah, e pensar em todas as pessoas que se foram desde o tempo em que ela levava Gifford e Alicia até o centro, ou na outra direção até o parque, caminhando entre as duas. Mas a Avenue sem dúvida conservava sua beleza.

O bonde surgiu ruidoso nesse exato instante e depois fez a curva com estrépito. A Avenue era uma curva sem fim, como havia sido toda a vida da velha Evelyn, desde o tempo em que ela ia de bonde até First Street. É claro que agora ela não conseguia mais subir no bonde. Isso estava fora de cogitação. Ela nem conseguia se lembrar de quando parou de andar de bonde, a não ser que havia sido há décadas. Ela quase caíra numa noite quando voltava para casa, e deixara cair suas compras da Marks Isaacs e Maison Blanche. O próprio condutor teve de vir ajudá-la a se levantar. Muito embaraçosa e constrangedora, a situação. Em silêncio, como de costume, ela fizera um cumprimento de cabeça especial para o condutor e tocou sua mão.

O bonde partiu veloz então, num turbilhão de vento, e ela ficou sozinha ali no canteiro central. O tráfego parecia interminável e impossível de ser derrotado. A grande casa, num outro universo, do outro lado da rua.

- E daria para acreditar naquela época se alguém me dissesse que eu ainda veria mais vinte anos, que veria Deirdre morta e enterrada, que veria a morte de Gifford?

Ela havia pensado que sem dúvida morreria no ano em que Stella morreu. E depois quando Laura Lee morreu, foi a mesma coisa. Sua filha única. Ela achou que, se parasse de falar, a morte viria para levá-la.

Mas não foi isso o que aconteceu. Alicia e Gifford precisavam dela.

Depois Alicia se casou. E Mona precisava dela. O nascimento de Mona dera à velha Evelyn uma nova voz.

Ah, ela não queria ver as coisas de uma perspectiva dessas. Não numa manhã tão linda. Ela tentava falar com as pessoas. E que simplesmente isso era muito pouco natural nela.

Ela ouvia os outros que lhe dirigiam a palavra, ou mais corretamente ela via o movimento dos lábios e sabia que eles queriam sua atenção. Mas ela conseguia permanecer nos seus sonhos, caminhando pelas ruas de Roma com o braço na cintura de Stella, ou deitada com ela no pequeno quarto do hotel, aos beijos tão delicados e intermináveis no escuro, só duas mulheres, com os seios macios comprimidos contra os de Stella.

Ah, aquela havia sido a melhor época. Graças a Deus, na época ela não fazia idéia de como tudo seria monótono... depois. Ela só conheceria a amplitude do mundo uma vez, de verdade, com Stella. E, quando Stella morreu, o mundo também acabou.

Qual havia sido o maior amor da sua juventude? Julien no quarto trancado, ou Stella das grandes aventuras? Ela não conseguia se decidir.

Uma coisa era real. Era Julien quem a atormentava, era Julien que ela via quando sonhava acordada, era a voz de Julien que ela ouvia. Houve uma época em que teve certeza de que Julien viria até a escada da frente, como havia feito quando ela estava com treze anos, afastando seu bisavô do caminho. "Solte essa menina, seu palhaço!" E ela no sótão tremia de medo. Julien veio para me levar daqui. Faria sentido, não? Julien ainda pairando sobre ela.

"Ligue a Vitrola, Evelyn. Diga meu nome."

Stella foi-se de uma forma mais abrupta e completa, com sua morte trágica, transformada numa dor suave e agonizante, como se com seu último suspiro ela realmente tivesse subido aos céus. Sem dúvida Stella foi para o céu.

Como uma pessoa que fez tanta gente feliz poderia ir para o inferno? Pobre Stella. Ela nunca havia sido uma bruxa de verdade, só uma criança. Talvez almas delicadas, como Stella, não tivessem vontade de assombrar ninguém.

Talvez elas encontrassem a luz rapidamente, e coisas muito melhores para fazer. Stella era lembranças, sim, mas nunca um fantasma. No quarto de hotel em Roma, Stella pôs a mão entre as pernas de Evelyn.

- Não, não fique assustada. Deixe-me tocá-la. É, deixe que eu veja você. - E afastou as pernas de Evelyn. - Não tenha vergonha. Não tenha medo. Com uma mulher, nunca há nenhum motivo para se ter medo. Você devia saber disso. Além do mais, tio Julien não foi delicado?

- Se ao menos pudéssemos fechar as venezianas - implorou Evelyn.

- É a luz, é o barulho da piazza. Eu não sei. - Mas na realidade, seu corpo estava em brasa, e ela queria Stella. Acabara de lhe ocorrer que ela podia tocar o corpo todo de Stella com suas próprias mãos, que podia sugar seus seios e deixar o peso de Stella cair sobre seu corpo. Como adorava Stella. Poderia afogar-se em Stella.

E de um modo profundo e verdadeiro, a vida da velha Evelyn terminara na noite em que Stella foi assassinada em 1929.

Ela viu Stella cair no piso da sala de estar e aquele homem da Talamasca, aquele Arthur Langtry, correr para tirar a arma da mão de Lionel Mayfair. Esse homem da Talamasca morreu a bordo de um navio pouco tempo depois. Pobre coitado, pensou ela. E Stella tinha esperanças de escapar com ele, de fugir para a Europa e deixar Lasher com sua filha. Ah, Stella, pensar que uma coisa dessas pudesse se realizar! Que tolice e que terrível! A velha Evelyn havia tentado alertar Stella acerca desses homens da Europa que mantinham seus livros e registros secretos. Ela tentara explicar que Stella não devia falar com eles. Carlotta sabia, isso Evelyn tinha de admitir, embora seus motivos fossem totalmente errados.

E agora cá estava mais um desses homens de novo, e ninguém suspeitava de nada. Aaron Lightner era como se chamava. Falavam dele como se fosse um santo porque tinha os dados do clã desde os tempos remotos de Donnelaith. O que qualquer um deles sabia de Donnelaith? Julien havia aludido a coisas terríveis enquanto estavam juntos na cama, com a música tocando ao fundo. Julien havia ido a esse lugar na Escócia. Os outros não.

A velha Evelyn poderia ter morrido já com o passamento de Julien, se não fosse pela pequena Laura Lee. Ela não ia abandonar a filha. Algum bebê estava sempre se agarrando a ela para trazê-la de volta ao mundo. Laura Lee.

Agora Mona. E ela viveria para ver o filho de Mona?

Stella chegou com um vestido para Laura Lee e para levá-la à escola.

- Minha querida - disse ela, de repente. - Esqueça toda essa bobagem de mandar a menina para a escola. Coitadinha. Eu também detestava a escola. Vocês duas vêm conosco para a Europa. Venham comigo e com Lionel. Não se pode passar a vida num único cantinho do mundo.

Evelyn nunca teria conhecido Roma, Paris ou Londres, ou qualquer outro lugar maravilhoso ao qual Stella a levou. Stella sua amada Stella, que não era fiel mais afeiçoada, e que lhe ensinara que esta última qualidade era o que havia de importante.

Evelyn estava usando um vestido de seda cinza na noite da morte de Stella, com cordões de pérolas, pérolas de Stella, e ela saiu até a grama lá fora e se jogou ali chorando enquanto levavam Lionel embora. O vestido ficou totalmente destruído. Em toda a casa, os vidros quebrados. E Stella, apenas um montinho no chão encerado, com os flashes espocando em toda a sua volta. Stella, jazendo ali onde todos haviam dançado, e aquele homem da Talamasca tão apavorado, fugindo. Horrorizado...

Julien, você previu isso? O poema já se cumpriu? Evelyn chorou sem parar, e mais tarde, quando não havia ninguém por perto, quando já haviam removido o corpo de Stella, quando tudo estava em silêncio e a casa de First Street estava mergulhada na escuridão e no cintilar aleatório do vidro quebrado,



Evelyn entrara sorrateira na biblioteca, puxara alguns livros e abriu o esconderijo secreto de Stella na parede.

Ali Stella havia escondido todas as suas fotografias, suas cartas, todas as coisas que pretendia esconder de Carlotta.

- Não queremos que ela saiba de nós, benzinho. Eu morro mas não queimo nossos retratos.

Evelyn tirou os longos colares de pérolas que eram de Stella e os guardou no buraco escuro, com as pequenas lembranças do seu romance suave e luminoso.

- Por que não podemos nos amar sempre, Stella? - queixara-se ela, chorando, no navio de volta.

- Ah, minha querida, o mundo nunca aceitará isso - respondeu Stella, que já estava tendo um caso com um homem a bordo. - Mas nós nos encontraremos. Vou arrumar um lugarzinho no centro para nós duas.

Stella cumprira sua palavra. Como era encantador o apartamentinho de fundos, e só para elas.

Laura Lee passava o dia inteiro na escola, sem nenhum problema. Laura Lee nunca suspeitou de nada.

Aquilo divertia Evelyn bastante - o fato de ela e Stella fazerem amor naquele cantinho apertado, com suas paredes nuas de tijolos e o barulho do restaurante mais além, e sem ninguém do clã Mayfair sabendo nada. Eu te amo, querida.

Foi só a Stella que Evelyn mostrou a Vitrola de Julien. Só Stella soube que ela a havia tirado de First Street em obediência a ordens de Julien. Julien, o fantasma que estava sempre perto dela, sempre que ela o imaginava, a textura do seu cabelo, o toque da sua pele.

Por anos a fio, após a sua morte, Evelyn subia até o quarto e ligava a Vitrola. Ela punha os discos e tocava a valsa. Fechava os olhos e imaginava estar dançando com Julien, tão lépido e fagueiro na sua velhice, tão disposto a rir das ironias de tudo, tão paciente com as fraquezas e as traições dos outros.

Ela tocara a valsa para Laura Lee.

- Seu pai me deu esse disco – dissera à filha. O rosto menina era tão triste. Dava vontade de chorar só de olhar para a expressão de Laura Lee.

Será que Laura Lee havia conhecido a felicidade? Ela conhecera a paz, e talvez isso bastasse. Será que Julien ouvia a Vitrola? Estaria ele realmente apegado à terra por sua própria vontade?

- Tempos sombrios estão por vir, Evie. Mas eu não desistirei. Não irei conformado para o inferno, para deixá-lo sair vitorioso. Superarei a morte se eu puder, exatamente como ele fez. Sobreviverei nas sombras. Toque a música para mim, para que eu a ouça, para que ela me chame de volta.

Stella ficara tão intrigada ao ouvir falar nisso, anos mais tarde, enquanto comiam espaguete e bebiam vinho, ouvindo Dixieland no pequeno apartamento no Quarter - as velhas histórias de Julien.

- Quer dizer que foi você quem levou a pequena Vitrola! Ah, sim, eu me lembro, mas Evie, acho que você está totalmente enganada quanto ao resto. Ele sempre foi tão alegre conosco, Evelyn. Você tem certeza de que ele estava tão apavorado assim?

- É claro que me lembro do dia em que mamãe queimou os livros dele! Ele ficou tão furioso! Tão furioso. E depois fomos lá apanhar você. Você se lembra? Acho que fui eu quem disse a ele que você estava presa no sótão lá em Amélia Street, só para ele ficar indignado o suficiente para não morrer no sofá naquela mesma tarde. Todos aqueles livros. Eu me pergunto o que haveria neles. Mas depois disso ele ficou feliz, Evie, especialmente depois que você começou a vir à nossa casa. Feliz até morrer.

- É, feliz - declarara Evelyn. - Ele esteve bem lúcido até o dia em que morreu.

Na sua imaginação, ela estava mais uma vez naquele tempo. Agarrava-se às trepadeiras emaranhadas, espinhentas, subindo cada vez mais alto pela parede de alvenaria. Ah, voltar a ser forte assim, mesmo que por um momento, escalar a treliça, caibro após caibro, com os dedos explorando as trepadeiras,

amassando as flores úmidas, até chegar ao telhado da varanda do segundo andar, bem lá acima das lajes e ver Julien pela janela, na cama de latão.

- Evelyn! - disse ele espiando pelo vidro para lhe dar as boas-vindas, estendendo os braços para ela. Ela nunca havia contado nada disso a Stella. Evelyn estava com treze anos quando Julien a levou pela primeira vez àquele quarto.

De certo modo, aquele dia havia sido o primeiro da sua vida real. Com Julien ela podia falar como não conseguia falar com outras pessoas. Como havia sido indefesa no seu silêncio, só o interrompendo ocasionalmente quando seu avô a espancava, ou os outros lhe imploravam que falasse, e na maioria das vezes falava poesia. Ora, na realidade, ela não estava dizendo aquelas palavras em absoluto; ela estava lendo as palavras no ar.

Julien lhe pedira para ouvir seu estranho poema, sua profecia. Julien sentira medo. Ele sabia dos tempos sombrios que estavam por vir.

Mas como aqueles dois, o velho e a criança silenciosa, haviam sido tão despreocupados ao seu próprio modo. A tarde, ele fizera amor com ela muito devagar, um pouco mais pesado e desajeitado do que Stella posteriormente, sim, mas também era um velho, não era? Ele pedira desculpas por demorar tanto para terminar, mas que prazeres ele lhe dera com seus beijos lá embaixo e seus abraços, com seus dedos hábeis, e as palavrinhas secretas e eróticas que dizia no seu ouvido enquanto a tocava. Esse era o ponto principal neles dois: eles sabiam tocar e beijar um pessoa.

Faziam do amor algo delicado e voluptuoso. E, quando a violência vinha, já se estava pronta. Era o que se queria.

- Tempos sombrios - disse ele. - Não posso lhe dizer tudo, minha menina bonita. Não ousa dar uma explicação. Ela queimou meus livros, sabia? Bem ali na grama. Ela queimou o que era meu. Queimou minha vida ao fazer isso. Mas quero que você faça algo por mim, que acredite nisso por mim. Tire a Vítrola desta casa. Você deve guardá-la em minha memória. É um objeto meu. Eu a amei, a toquei, impregnei-a com meu espírito tanto quanto qualquer mortal errante possa

impregnar um objeto com seu espírito. Guarde-a bem, Eve. Toque a valsa para mim.

- Passe-a adiante àqueles que gostem dela depois que Mary Beth morrer. Mary Beth não pode viver para sempre, da mesma forma que eu não posso. Nunca permita que Carlotta ponha as mãos nela. Chegará um tempo...E então ele afundará novamente na tristeza. Melhor fazer amor.

- Não posso deixar de me sentir assim - dissera ele. - Vejo mas nada posso fazer. Não sei mais do que qualquer outro homem o que realmente é possível. E se o inferno for totalmente solitário? Se lá não houver ninguém a odiar? E se ele for como a noite escura sobre Donnelaith na Escócia? Então Lasher vem do inferno.

- Ele realmente disse tudo isso? - perguntou Stella, anos mais tarde e apenas um mês após essa conversa, a própria Stella foi assassinada a tiros. Stella, cujos olhos se fecharam para sempre no ano de 1929.

Tantas vidas desde a morte de Stella. Tantas gerações. Tanto mundo. Às vezes, era para ela um verdadeiro consolo ouvir sua querida Mona Mayfair, dos cabelos ruivos, protestando contra a modernidade.

- Já tivemos quase um século inteiro, vocês percebem, e os estilos mais coerentes e de maior sucesso foram desenvolvidos naqueles vinte primeiros anos. Stella viu tudo. Se ela viu a art déco, se ouviu jazz, se viu um Kandinsky, ela viu o século XX. O que tivemos desde então? Olhe esses anúncios de um hotel em Miami. Bem poderiam ter sido feitos em 1923, quando você andava por aí com Stella. É, Mona era um consolo em mais de um sentido.

- Pois é, benzinho, sabe? Eu poderia fugir para a Inglaterra com esse homem da Talamasca. - Stella dissera isso naquelas semanas finais da sua vida. Ela parou de comer o espaguete, como se isso fosse algo a ser decidido naquele exato instante, com o garfo no ar. Fugir de First Street, fugir de Lasher, procurar a ajuda desses estranhos intelectuais.

- Mas Julien advertiu para o perigo desses homens. Stella, ele disse que eles eram os alquimistas no seu poema. Disse que eles só nos prejudicariam a

longo prazo. Stella, ele usou essa palavra, disse para não falarmos nunca com eles!

- Você sabe que esse homem da Talamasca, ou seja lá quem for, vai descobrir a história daquele outro, do corpo no sótão. Quando se pertence à família Mayfair, pode-se matar quem se queira, e ninguém toma nenhuma atitude a respeito. Ninguém consegue pensar no que deve fazer. - Ela dera de ombros, e um mês depois seu irmão Lionel a matou. Fim para Stella.

Ninguém mais que soubesse da Vitrola ou de Julien com Evelyn no quarto de Julien. A única testemunha viva de Evelyn, enterrada. Não foi simples, durante a doença final de Julien, tirar a Vitrola da casa.

Ele esperou por uma hora em que Mary Beth e Carlotta não estivessem em casa, e depois mandou que os criados fossem buscar na sala de jantar mais urna "caixa de música", como teimava em chamá-las.

E só quando estava com um disco pronto para tocar no volume máximo no aparelho maior, foi que ele lhe disse para apanhar a pequena Vitrola e sair correndo. Ele lhe deu instruções no sentido de cantar enquanto a carregasse, cantar como se ela estivesse tocando, só cantar e cantar alto até chegar à sua casa na cidade alta.

- Vão pensar que eu sou louca - disse ela, baixinho, olhando para as mãos, com o dedo a mais na esquerda, sinais da bruxa.

- Você liga para o que eles pensam? - Seu sorriso sempre havia sido tão lindo. Só dormindo ele aparentava a idade que tinha. Já havia ligado a vitrola maior. - Você vai levar esses discos da minha ópera. Eu tenho outros. Leve-os debaixo do braço. Você vai conseguir. Leve tudo para sua casa, minha querida. Se eu tivesse condições de ser cavalheiro e levar todo esse peso para você até o seu sótão, pode ter certeza de que eu o faria. Agora, tome aqui, quando chegar à Avenue, chame um táxi. Dê-lhe isso. Deixe que ele leve tudo para dentro.

E lá estava ela cantando a tal canção, acompanhando a grande caixa de música, enquanto levava daquela casa a pequena Vitrola.

Foi saindo, como um coroinha numa procissão, levando a preciosidade. Ela a carregou até que seus braços começaram a doer tanto que não pôde continuar. Teve de largar o peso na esquina de Prytania com Fourth Street, e ficou ali sentada na sarjeta, com os cotovelos nos joelhos, descansando um pouco. O tráfego passava veloz. Afinal, ela parou um táxi, embora nunca tivesse feito nada disso antes. Quando chegou em casa, o motorista levou a Vitrola até lá em cima no sótão pelos cinco dólares que Julien lhe dera.

- Obrigado, senhorita!

O dia mais sinistro fora logo depois da sua morte, quando Mary Beth veio perguntar se ela não tinha "algo que fosse de Julien", se ela não havia tirado nada do seu quarto. Ela abanou a cabeça, recusando-se a responder, como sempre. Mary Beth sabia que ela estava mentindo.

- O que Julien lhe deu? - perguntou ela.

Evelyn estava sentada no chão do quarto do sótão, com as costas para o armário, que estava trancado com a Vitrola dentro. Ela se negava a responder. Julien morreu. era só nisso que pensava, Julien morreu.

Naquela época, ela nem tinha conhecimento da criança que estava dentro dela, de Laura Lee, da pobre Laura Lee de triste sina. A noite, ela perambulava pelas ruas em silêncio, ardendo de desejo por Julien, e não ousava tocar a Vitrola enquanto houvesse uma luz que fosse acesa na grande casa de Amélia Street.

Anos mais tarde, quando Stella morreu, foi como se a velha ferida se abrisse, e as duas se tornassem uma só: a perda dos seus dois amores luminosos, a perda da única luz de carinho que havia jamais penetrado nos mistérios da sua vida, a perda da música, a perda de todo o fogo.

- Não tente forçá-la a falar - dissera seu bisavô a Mary Beth. - Saia daqui. Volte para sua casa. Deixe-nos em paz. Não queremos saber de você por aqui. Se houver nesta casa alguma coisa que tenha pertencido àquele homem abominável, eu a destruirei.

Ai, que homem mais cruel. Ele teria matado Laura Lee se pudesse.

- Bruxas! - Uma vez, ele pegara uma faca de cozinha para cortar fora o pequeno dedo a mais da mão de Evelyn. Como Evelyn berrava. Os outros tiveram de impedi-lo, Pearl, Aurora e todos os velhos de Fontevrault que ainda estavam por ali.

Mas Tobias havia sido o pior de todos, bem como o mais velho. Como ele odiava Julien, e tudo por causa do tiro em 1843, quando Julien assassinara seu pai, Augustin, em Riverbend, Julien ainda garoto, Augustin um jovem adulto e Tobias, a testemunha apavorada, apenas um bebê ainda de camisola. Era assim que vestiam os meninos naquela época, de camisolas.

- Vi meu pai cair morto aos meus pés!

- Nunca pretendi matá-lo - dissera Julien a Evelyn quando estavam deitados na cama. - Nunca pretendi que todo um ramo da família se afastasse cheio de rancor e mágoa. E todos os outros desde aquela época vêm tentando aproximá-los, mas de certo modo existem dois campos. Aqui, e Amélia Street. Fico tão sentido quando penso nisso tudo. Eu era apenas um garoto, e o pateta não sabia administrar a fazenda. Não tenho nenhum escrúpulo no que diz respeito a dar tiros nas pessoas, você sabe? Mas naquela ocasião, eu não planejei. Sinceramente não planejei. Eu não pretendia matar seu tataravô. Foi apenas o erro mais absurdo.

Ela não estava ligando. Odiava Tobias. Odiava todos eles. Os velhos. E no entanto, foi com um velho que o amor a tocou pela primeira vez, no sótão de Julien.

E depois vieram as noites em que ela caminhava na direção do centro da cidade, no escuro, até aquela casa, pulava o muro e ia subindo com as mãos pela treliça. Tão fácil subir tão alto e depois balançar e olhar as lajes lá embaixo.

As lajes nas quais a coitada da Antha morrera. Mas isso ainda estava por vir, tudo isso, essas mortes terríveis: Stella, Antha. Seria sempre um prazer lembrar-se da densa trepadeira verde e da maciez ao toque do seu chinelo, enquanto subia.

- Ah, chérie - dizia ele. - Minha alegria, meu bichinho selvagem - e ele levantava a janela para recebê-la, para trazê-la para dentro. - Mon Dieu, minha filha, você poderia ter caído.

- Nunca –sussurrava ela. Em Segurança, nos seus braços.

Nem mesmo Richard Llewellyn,, o rapaz que ele mantinha como criado, se intrometia. Richard sabia bater à porta do quarto de Julien, e nunca se tinha certeza do que Richard sabia, realmente. Há anos Richard havia conversado com esse último homem da Talamasca, embora Evelyn o houvesse aconselhado a não falar com ele. Richard viera visitá-la no dia seguinte.

- Bem, você não contou a ele nada a meu respeito, contou? - perguntara a velha Evelyn. Richard estava tão velho. Não ia durar muito mais.

- Não, não lhe contei essa história. Não quis que ele pensasse...

- O quê? Que Julien iria para a cama com uma menina da minha idade? - Ela rira. - Você não deveria ter conversado absolutamente com esse homem. - Richard não durara um ano a mais e, quando morreu, deram a Evelyn seus antigos discos. Ele devia ter sabido da história da Vitrola. Se não, por que teria deixado todos aqueles discos velhíssimos para ela?

Evelyn deveria ter dado a Mona a pequena Vitrola há muito tempo, e sem tanta cerimônia diante das outras duas, suas netas patetas, Alicia e Gifford. Deixar que Gifford confiscasse tudo, a própria vitrola e o lindo colar.

- Você que ouse!

Pode contar com Gifford para fazer a pior opção; pode contar com Gifford para entender tudo errado. Para sufocar horrorizada um grito quando a velha Evelyn recitar o poema.

- Por que ele ia querer que você ficasse com isso? O que ele achava que uma caixa de música poderia fazer? Ele era um bruxo, e você sabe disso.

Um bruxo tanto quanto as outras. E depois, a terrível confissão de Gifford, de que ela havia apanhado aqueles objetos e que os havia escondido de volta na casa de First Street, na casa de onde eles haviam saído.



- Sua imbecil, como pôde fazer uma coisa dessas? - perguntara a velha Evelyn. - Aquilo era para Mona! Mona é bisneta dele! Gifford, não naquela casa, onde Carlotta irá encontrá-la, onde a Vitrola será destruída.

Lembrou-se de repente. Gifford havia morrido hoje pela manhã!

Ela estava caminhando pela St. Charles Avenue, indo até First Street, e sua neta desagradável, irritante, enervante, exasperante, estava morta!

- Por que eu não soube? Julien, por que você não veio me avisar? Há bem mais de um século, ela ouvira a voz de Julien uma hora antes da sua morte. Ela o ouviu chamando abaixo da sua janela. Pulou da cama e abriu a janela inteira, apesar da chuva, e lá estava Julien lá embaixo. Só que ela de imediato percebeu que não era ele. Ficou apavorada imaginando que já estivesse morto. Ele acenou para ela, tão alegre e jovial, com uma grande égua negra ao seu lado.

- Au revoir, ma chérie - gritara para ela.

E então ela foi até ele, correndo a distância dos dez quarteirões na direção do centro, escalou a treliça e durante alguns instantes preciosos viu seus olhos, ainda com vida, fixos nela. Ah, Julien, ouvi você me chamar. Vi você. Vi a materialização do seu amor. Ela levantou a janela. Ela o ergueu.

- Eve - sussurrou ele. - Eve, eu quero me sentar. Eve, me ajude. Estou morrendo, Eve! Está acontecendo. Chegou a hora!

Nunca souberam que ela estava lá.

Ficou agachada do lado de fora, sobre o telhado da varanda, um meio à fúria da tempestade, só prestando atenção. Nem pensaram em olhar ali fora, quando fecharam a janela e o arrumaram na cama, mandando chamar a família inteira. E lá estava ela enrodilhada junto à chaminé, olhando para os relâmpagos e se perguntando por que eles não a atingiam, por que ela não morria. Julien morreu.

- O que ele lhe deu? - perguntava Mary Beth todas as vezes que a via. Ano após ano, fazia uma visita.

Mary Beth olhou espantada para a pequena Laura Lee, um bebê tão magro, tão fraco, nunca um bebê que as pessoas quisessem pegar no colo. Mary

Beth sempre soubera que Julien era o pai de Laura Lee. E como os outros a detestavam.

- Cria de Julien, olhem só, com a marca da bruxa na mão, olhe, como você!

Não era assim tão ruim, só um dedinho a mais. Ora, a maioria das pessoas nem notava, embora Laura Lee sempre sentisse muita vergonha, e ninguém no Sagrado Coração conhecia seu significado.

- A marca da bruxa - Tobias costumava dizer. - Existem muitas. O cabelo vermelho é a pior de todas. O sexto dedo vem em segundo lugar. E uma altura monstruosa, em terceiro. E você com esse sexto dedo. Vá viver em First Street. Vá viver com os malditos que lhe deram seus talentos. Saia da minha casa!

E claro que ela nunca havia saído, não com Carlotta em First Street! Melhor ignorar os velhos enquanto ela e a filhinha cuidavam da própria vida, Laura Lee sempre foi tão doente que não chegou a terminar o segundo grau. Pobre Laura Lee, que passou a vida a acolher gatos vadios, a conversar com eles, e a dar a volta ao quarteirão para descobri-los e lhes dar alimento, até que os vizinhos se queixassem. Estava velha demais quando acabou se casando e para ser deixada com aquelas duas meninas!

Então, nós éramos as bruxas poderosas, aquelas de nós que portavam o sinal do sexto dedo? O que dizer de Mona, com seu cabelo vermelho? Ao longo dos anos, o enorme legado Mayfair havia passado para Stella, depois para Antha e afinal para Deirdre...

Todas elas perdidas, todas que haviam vivido nos tempos das trevas.

Mesmo a chama fulgurante de Stella havia sido apagada, com a maior facilidade!

- Mas chegará um outro tempo. Um tempo de guerra e catástrofes. - Isso Julien havia garantido a ela na última noite em que realmente falara com ele. - É esse o significado do seu poema, Evelyn. Procurarei estar por aqui.

A música seguia lamentosa e palpitante. Ele sempre estava ouvindo música.

- Veja bem, chérie, é um segredo que eu sei sobre ele e a música. Ele não nos ouve tão bem quando tocamos música. É um segredo antigo. Quem me contou foi minha própria avó, Marie Claudette.

- O espírito perverso é de fato atraído pela música. A música pode distraí-lo. Ele pode ouvir música quando não consegue ouvir mais nada. O ritmo e as rimas também podem ser uma armadilha para ele. Todos os fantasmas consideram essas coisas irresistíveis, da mesma forma que desenhos visíveis. Em meio ao seu mundo sombrio, eles anseiam pela ordem, pela simetria. Eu uso a música para atraí-lo e confundi-lo. Mary Beth também sabe disso. Por que você acha que ela tem caixas de música em todos os aposentos? Por que você acha que ela adora suas inúmeras Vitrolas? Elas lhe proporcionam privacidade contra essa criatura, que ela aceita de vez em quando, como qualquer um aceitaria.

- E quando eu me for, querida, toque a Vitrola. Toque-a e pense em mim. Talvez eu consiga ouvi-la; talvez eu possa vir até você. Talvez a valsa penetre nas trevas e me traga de volta para mim mesmo e para você.

- Julien, por que você diz que ele é perverso? Lá em casa, sempre se dizia que o espírito desta casa estava às suas ordens. Tobias disse isso a Walker. Disseram isso a mim quando me contaram que Cortland era meu pai. Lasher era o escravo mágico de Julien e Mary Beth, diziam, que lhes concede todos os desejos.

Ele abanou a cabeça, falando sob a proteção de uma canção napolitana.

- Ele é perverso, ouça o que lhe digo. É da pior espécie de perversidade, mas ele próprio não sabe. Recite o poema de novo. Diga-o para mim.

A velha Evelyn detestava dizer o poema. Ele saía dela como se ela fosse a Vitrola, alguém a tocasse com uma agulha invisível, e lá viessem as palavras, sem que ela soubesse seu significado. Palavras que assustavam Julien e que antes haviam assustado sua sobrinha Carlotta, palavras que Julien não se cansava de repetir com o passar dos meses.

Como parecia vigoroso, com a cabeleira branca e cacheada ainda muito densa, os olhos espertos focalizados nela. Ele nunca havia sofrido a cegueira e a

surdez da velhice, certo? Seriam seus muitos amores que o mantinham jovem? Talvez. Ele pôs a mão macia e seca sobre a dela, e beijou seu rosto.

- Logo, morrerei como todo mundo, e não há nada que eu possa fazer para impedir.

Ah, aquele ano precioso, aqueles meses breves e maravilhosos. E imaginar que ele veio até ela, jovem naquela visão. Que ela ouvira sua voz lá do alto, à janela. E que lá estava ele na chuva, todo alegre, bonito e exultante enquanto segurava as rédeas do cavalo. Au revoir, ma chérie.

Depois, pequenos vislumbres dele que surgiam tão rápido que eram como o espocar de flashes. Julien no bonde que passava. Julien num carro. Julien no cemitério no enterro de Antha. Talvez tudo fruto da imaginação. Ora, ela poderia ter jurado que o viu num relance perfeito no enterro de Stella.

Teria sido por isso que ela havia falado daquela forma corri Carlotta, acusando-a abertamente, enquanto estavam juntas em pé entre os túmulos?

- Foi a música, não foi? - dissera Evelyn, tremendo ao cometer essa agressão verbal, inflamada pelo ódio e pela dor. - Você precisava da música. Quando o conjunto estava tocando a todo vapor, Lionel poderia se aproximar de Stella para matá-la a tiros. E "o homem" nem saberia, não é? Você usou a música para distraí-lo. Você conhecia o truque. Julien me contou o truque. Você enganou "o homem" com a música. Você matou sua irmã, foi você a culpada.

- Sua bruxa, afaste-se de mim - respondera Carlotta, espumando de raiva.  
- Você e todos da sua espécie.

- É, mas eu sei. E o seu irmão está na camisa-de-força, sim, mas você é que foi a assassina! Você o instigou. Você usou a música, você sabia o segredo.

Ela gastou todas as suas forças para pronunciar essas palavras, mas seu amor por Stella exigiu que agisse assim. Stella. Evelyn ficou deitada sozinha na cama no pequeno apartamento do French Quarter, segurando o vestido de Stella, chorando com ele junto ao rosto. E as pérolas, eles nunca encontrariam as pérolas de Stella. Depois de Stella, ela se voltou para dentro, nunca mais ousou desejar.

- Eu daria essas pérolas a você, benzinho - dissera Stella. - Você sabe que eu daria, mas Carlotta vai fazer um escândalo! Ela já me passou um sermão daqueles, benzinho. Não posso dar por aí os bens de herança e sei lá mais o quê. Se um dia ela descobrisse a história da Vitrola, que Julien deixou que você a levasse, ela a arrancaria das suas mãos. Aquela gosta de anotar inventários. É isso o que ela devia fazer no inferno, certificar-se de que ninguém seguiu para o purgatório por engano, ou não está sofrendo seu justo quinhão das torturas do inferno. Ela é uma fera. Pode acontecer de você não me ver tão cedo, querida. É que eu posso fugir com esse homem da Talamasca da Inglaterra.

- Nada de bom pode resultar disso! - disse Evelyn. - Estou com medo.

- Dance hoje. Divirta-se. Vamos. Não pode usar minhas pérolas se não quiser dançar.

E nunca mais chegaram a se falar, ela e Stella. Ai, ver o sangue escorrendo pelo chão encerado. Bem, Evelyn mais tarde havia respondido a Carlotta, dizendo que realmente estava com as pérolas mas que as deixara na casa naquela noite, e depois disso nunca mais respondeu uma pergunta que fosse sobre elas.

Ao longo das décadas, outros fizeram perguntas. Com o tempo, até Lauren chegou a perguntar.

- Eram pérolas de um valor incalculável. Você não se lembra do que aconteceu a elas?

E o jovem Ryan, amado de Gifford, e seu amado, até ele fora forçado a tocar no assunto desagradável.

- Velha Evelyn, tia Carlotta não quer deixar de lado a questão das tais pérolas , - Pelo menos, naquela ocasião, Gifford havia ficado em silêncio, graças a Deus, e Gifford parecia tão aflita. Nunca deveria ter mostrado aquelas perolas a Gifford. Mas Gifford não dissera palavra.

Bem, se não fosse por Gifford, as pérolas inestimáveis teriam ficado na parede para sempre. Gifford, Gifford, Gifford, sua intrometida! Mas agora elas

estavam de novo na parede, não estavam? Essa era a melhor parte. Elas estavam na parede neste exato instante.

Maior razão para caminhar ereta, lenta, segura. Também às pérolas estão lá e elas sem dúvida devem ficar para Mona, Já que Rowan Mayfair estava desaparecida e podia nunca voltar.

Puxa, quantas casas haviam desaparecido nesta longa avenida! Realmente era urna tristeza. O que podia compensar a ausência de uma casa magnífica, cheia de ornamentos, de venezianas alegres e janelas arredondadas? Não esses arremedos de prédios de gesso e cola, essas habitações tristonhas todas preparadas para a classe média, como se as pessoas não passassem de tolas.

Era preciso dar razão a Mona, ela sabia. Dizia sem nenhum estardalhaço que a arquitetura moderna havia sido um fracasso. Bastava olhar em volta e ver, e era por isso que as pessoas adoravam as casas antigas agora.

- Sabe, velha Evelyn, eu calculo que mais casas foram construídas e demolidas entre 1860 e 1960 do que em qualquer outro período da história da humanidade. Pense nas cidades da Europa. As casas de Amsterdã remontam ao século XVII. Depois pense em Nova York. Quase todas as estruturas na Quinta Avenida são novas. Praticamente não resta uma casa em pé na rua inteira que seja da virada do século. Acho que resta a mansão Frick, e não consigo me lembrar de mais nenhuma. É claro que nunca estive em Nova York, a não ser com Gifford e o interesse de Gifford não era o de examinar prédios antigos. Acho que ela imaginou que fomos lá para fazer compras, e foi isso o que fizemos.

Evelyn concordara, apesar de não ter dito que sim. Sob todos os aspectos, Evelyn sempre concordava com Mona. Mesmo que nunca dissesse isso.

Esse era, no entanto, o ponto principal de Mona. Antes que o computador esgotasse todo o seu amor, Mona sondava as reações da velha Evelyn em relação a tudo, e nunca havia sido necessário dizer nada a Mona. Mona conseguia entabular uma longa conversa sozinha, prosseguindo com um entusiasmo

maníaco de um tópico para o outro. Mona era seu tesouro e, agora que Gifford se fora, ora, ela conversaria com Mona, e as duas poderiam se sentar sozinhas para ouvir a Vitrola. E as pérolas. Claro, ela as enrolaria no pescoço de Mona.

Mais uma vez, abateu-se sobre ela aquele alívio terrível e desnaturado. Nada mais de Gifford do rosto emaciado, dos olhos assustados, a falar de consciência e direito numa voz contida; nada mais de Gifford a testemunhar a decadência e a morte de Alicia, com o horror no rosto; nada mais de Gifford montando guarda para todos eles.

Será que a Avenue ainda era a Avenue? Sem dúvida, ela logo chegaria à esquina de Washington, mas eram tantos os prédios novos que ela se sentia meio perdida.

A vida havia se tornado tão barulhenta. Tão grosseira. O ronco dos caminhões de lixo enquanto devoravam sua carga. O ruído das carretas na rua. O homem das bananas sumira; o sorveteiro também. Já não vinha mais ninguém limpar a chaminé. Já não vinha mais a velha que vendia amoras pretas. Laura Lee morreu em sofrimento. Deirdre enlouqueceu, e depois a filha de Deirdre, Rowan, voltou um dia tarde demais para ver sua mãe com vida. E algum horror aconteceu no dia de Natal, e ninguém queria falar nisso. E Rowan Mayfair estava desaparecida.

E se Rowan Mayfair e seu novo homem tivessem encontrado a Vitrola e os discos? Mas não, Gifford afirmava que não haviam encontrado nada. Gifford mantinha-se alerta. Ela teria roubado tudo de lá novamente, se fosse preciso.

E o esconderijo de Gifford era o próprio esconderijo de Stella, somente conhecido por Gifford porque Evelyn o revelara a ela. Que estupidez a de ter feito isso, a de ter desperdiçado uma história, uma canção, um verso, com Gifford e Alicia. Elas não passavam de elos numa corrente, e a pedra preciosa era Mona.

- Eles não encontrarão nada, velha Evelyn. Devolvi as pérolas para o mesmo local secreto na biblioteca. A Vitrola com elas. Tudo estará em segurança ali para sempre.

E Gifford, a Mayfair refinada, fora até aquela casa sombria para esconder esses objetos lá sozinha. Teria ela visto o homem nessa sua jornada sinistra?

- Eles não serão descobertos nunca. Vão apodrecer com a casa - dissera Gifford. - Você sabe. Você mesma me mostrou o lugar no dia em que estávamos na biblioteca.

- Você está zombando de mim, sua desnaturada. - Mas ela havia mesmo mostrado à pequena Gifford o nicho secreto na tarde do enterro de Laura Lee. Deve ter sido a última vez que Carlotta abriu a casa.

Era 1960, e Deirdre já estava muito doente. Tendo perdido seu bebê, Rowan, Deirdre voltara para passar uma longa temporada no hospital. Cortland já estava morto há um ano.

No entanto, Carlotta sempre se compadecera de Laura Lee, sempre tivera pena dela por ter Evelyn como sua mãe. E naquela época ainda havia Millie Dear e Belle, as duas perguntando a Carlotta se não podiam trazer todos para casa. E Carlotta encarando Evelyn com ar triste, procurando odiá-la e mesmo assim sentindo tanta pena por Evelyn ter acabado de enterrar a filha.

E talvez porque ela, Evelyn, tivesse sido enterrada viva, desde o dia da morte de Stella.

- Você pode trazer a família para cá - dissera Millie Dear, e Carlotta não ousou ir contra ela.

- É mesmo - disse Belle, pois Belle sempre soubera que Laura Lee era filha de Julien. Todos sabiam. - É mesmo - repetiu Belle, a doce Belle.

- Vamos voltar para casa com vocês, com vocês todos.

Por que ela fora? Realmente não sabia! Talvez para ver a casa de Julien mais uma vez. Talvez ela tivesse pretendido o tempo todo entrar sorrateira na biblioteca e ver se as pérolas ainda estavam lá, se alguém não as havia encontrado.

E enquanto os outros se reuniam, enquanto sussurravam sobre o sofrimento de Laura Lee, sobre as pobrezinhas da Gifford e da Alicia e sobre as



tristezas que haviam se abatido sobre todas elas, Evelyn levava Gifford pela mão até a biblioteca.

- Pare de chorar pela sua mãe – dissera Evelyn.- Laura Lee foi para o céu. Agora venha aqui e eu lhe mostrarei um lugar secreto. Vou lhe mostrar algo lindo. Tenho um colar para você.

Gifford enxugou os olhos. Estava atordoada desde a morte da mãe e permaneceria assim até se casar com Ryan muitos anos depois. Mas, com Gifford, sempre houve esperança. Na tarde do enterro de Laura Lee, havia muita esperança. Na realidade, Gifford havia levado uma vida razoável, era preciso que se admitisse, por mais que a desperdiçasse em preocupações como desperdiçou.

Mesmo assim, ela teve o amor de Ryan, teve seus filhos lindos, tinha o coração forte o suficiente para amar Mona e deixá-la em paz, muito embora Mona a matasse de preocupação.

Matasse. Gifford morta. Não era possível. Deveria ter sido Alicia. Um engano. A morte bateu na porta errada. Julien teria previsto isso?

Era como se fosse há apenas um instante, o enterro de Laura Lee. Relembrar a biblioteca, empoeirada, abandonada. Mulheres a conversar na outra sala.

Evelyn levava a pequena Gifford até a estante e afastava os livros. Tirou dali o longo cordão de pérolas.

- Vamos levar isso aqui para casa agora. Eu o escondi há trinta anos, no dia em que Stella morreu aqui no salão. Carlotta nunca o encontrou. E esses, esses são velhos retratos de Stella comigo. Vou levá-los também. Um dia, darei essas coisas para você e para sua irmã.

Gifford, balançando nos calcanhares, olhava para o longo colar, perplexa. Evelyn sentia um prazer tão grande de ter derrotado Carlotta, de ter guardado as pérolas quando todo o resto parecia perdido. O colar e a vitrola, seus tesouros.

- O que você quer dizer com o amor de outra mulher? – perguntara-lhe Gifford, muitas noites depois, quando estavam sentadas na varanda da frente, conversando apesar do ruído alegre do tráfego da Avenue.

- Estou falando do amor de uma mulher, é isso o que estou dizendo. Que eu beijei sua boca, que chupei seus seios, que pus minha língua entre as suas pernas e senti seu gosto, que eu a amei, que eu me afoguei nela!

Gifford ficara escandalizada e com medo. Será que ela havia se casado virgem? Coisa horrorosa, uma moça virgem. Apesar de que, se alguém podia tirar o melhor partido de uma situação dessas, era provável que fosse Gifford.

Ah, e aqui estava Washington Avenue. Ela mesma. Sem sombra de dúvida. E olhem só, a floricultura ainda estava ali. E isso significava que a velha Evelyn podia subir com cuidado essa pequena escada e encomendar pessoalmente as flores para sua querida menina.

- O que você fez com os meus tesouros?

- Não conte essas coisas para Mona!

A velha Evelyn olhava frustrada para as flores da loja que se acotovelavam contra o vidro, como se estivessem numa prisão. Ela se perguntava para onde deveria mandar as flores para Gifford. Gifford era quem havia morrido.

Ah, minha querida...

Ela sabia que flores queria mandar. Sabia quais eram as da preferência de Gifford.

Eles não a levariam para casa para o velório. Claro que não. Não os Mayfair de Metairie. Eles jamais fariam uma coisa dessas. Ora, era provável que seu corpo já estivesse sendo maquiado em alguma casa funerária refrigerada.

- Não tentem me enfiar no gelo num lugar desses - dissera Evelyn após o enterro de Deirdre no ano anterior, quando Mona ficou ali descrevendo tudo, como Rowan Mayfair chegou da Califórnia para se debruçar sobre o caixão e beijar sua mãe morta. Como Carlotta bateu as botas naquela mesma noite, caindo na cadeira de balanço de Deirdre, como se quisesse morrer junto com Deirdre, deixando a coitada da Rowan Mayfair da Califórnia totalmente sozinha naquela casa assustadora.

- O, vida! O, tempo! - dissera Mona, espichando os braços magros e pálidos, e balançando sua longa cabeleira vermelha para a direita e para a esquerda. - Foi pior do que a morte de Ofélia.

- Provavelmente não - retrucara a velha Evelyn. Pois Deirdre havia perdido a razão anos antes, e se essa médica da Califórnia, essa Rowan Mayfair, tivesse qualquer iniciativa, teria voltado para casa há muito tempo exigindo explicações daqueles que drogaram e prejudicaram sua mãe. Nada de bom podia vir daquela moça da Califórnia, isso a velha Evelyn sabia. E era por isso que eles nunca a trouxeram até Amélia Street, e a velha Evelyn a vira apenas uma vez, no casamento da tal mulher, dia em que ela não era absolutamente uma mulher, mas um animal de sacrifício pela família, toda vestida de branco com a esmeralda a refulgir no pescoço.

Ela fora ao casamento não porque Rowan Mayfair, a herdeira do legado, estava se casando com um rapaz chamado Michael Curry, na igreja de Santa Maria, mas porque Mona seria a dama de honra. E Mona ficara feliz ao saber que a velha Evelyn viria, ficaria sentada no banco para vê-la e fazer um gesto de cabeça quando Mona passasse.

Tão difícil entrar na casa depois de todos esses anos, e vê-la linda mais uma vez, como era na época em que ela estava com Julien. Ver a felicidade da Dra. Rowan Mayfair e do seu inocente marido, Michael Curry. Como algum dos rapazes irlandeses de Mary Beth, ele era grande e musculoso, muito franco e gentil ao seu modo brusco e ignorante, embora dissessem que ele era instruído e que adotava o ar vulgar, como se dizia, por ter vindo das ruelas pobres e por seu pai ter sido bombeiro.

Ai, tão parecido com os rapazes de Mary Beth, pensara a velha Evelyn, mas isso era tudo de que se lembrava do casamento, tudo que recordava da filha de Deirdre. Levaram a velha Evelyn cedo para casa quando Alicia ficou bêbada demais para continuar ali. Ela não se incomodou. Sentou-se à beira da cama de Alicia, como sempre, rezando seu rosário, sonhando e cantarolando as canções que Julien costumava tocar naquele quarto lá em cima.

E os noivos do ano passado haviam dançado naquele salão duplo. A Vitrola estava escondida na parede da biblioteca, e ninguém jamais a encontraria.

Ela mesma nem pensava nela ou talvez tivesse ido até o esconderijo, enquanto todos os outros cantavam, bebiam e riam juntos. Talvez, debaixo daquele teto, ela a tivesse ligado de novo, chamando por Julien. E ao casamento ele teria vindo, um convidado inesperado!

Na hora, nem havia pensado nisso. Estava com muito medo de que Alicia tropeçasse e caísse. Tarde naquela noite, Gifford viera lá em cima ao quarto de Alicia em Amélia Street. Ela pôs a mão no ombro da velha Evelyn.

- Estou feliz por você ter ido ao casamento - disse ela, com tanta delicadeza. - Gostaria que você voltasse a sair, com mais frequência. - E depois perguntou. - Você não foi até o esconderijo. Você não contou para eles?

A velha Evelyn nem se deu ao trabalho de responder.

- Rowan e Michael serão felizes! - Gifford beijou seu rosto e foi embora. O quarto fedia a bebida. Alicia gemia como sua mãe havia gemido, determinada a morrer a qualquer custo, a ir se reunir à mãe.

Washington Avenue. E, de fato era ela. Ali do outro lado, a casa Queen Anne de tabuinhas brancas, a mesma de sempre. Era a única que restava das quatro esquinas, mas estava igualzinha, igual.

E aqui a floricultura. É, ela estava pensando em comprar flores, não era? Para sua menina querida, sua querida...

Olhe só, estava acontecendo uma coisa estranhíssima. Um rapazinho de óculos havia surgido à porta da floricultura e estava falando com ela, ou não? Era hora de prestar atenção apesar do ruído do trânsito.

- Velha Evelyn. É a senhora mesmo? Quase não a reconheci. O que está fazendo tão longe de casa, velha Evelyn. Entre. Vou ligar para sua neta.

- Minha neta morreu. Não vai poder ligar para ela.

- É claro, eu sei, sinto muito, senhora. - Ele veio até a beirada do pequeno alpendre. Na realidade, não era assim tão moço, isso ela agora via. Mas ela conhecia esse rapaz, não conhecia?

- Lamento muito por Miss Gifford, senhora. Estive recebendo pedidos de flores a manhã inteira. O que eu quis dizer era que eu ligaria para que Miss Alicia viesse até aqui para levá-la para casa.

- E você acha que Alicia poderia vir até aqui me apanhar? Mostra que não sabe nada mesmo, coitado. - Mas para que falar? Para que falar qualquer coisa? Ela já havia renunciado a esse tipo de tolice irritadiça há muito tempo.

Hoje ela enlouqueceria se voltasse a esse tipo de bate-papo.

Mas qual era mesmo o nome desse homem? O que será que ele estava dizendo? Ai, ela se lembraria se tentasse. Quem ele era, onde ela o havia visto pela última vez, ou na maioria das vezes, se ele trouxera uma ou outra entrega, ou se acenava para ela todas as noites quando passava a pé, mas será que valia a pena lembrar essas coisas? Como seguir o fio para voltar pelo labirinto. Ah, droga! Que estupidez!

O rapaz desceu a escada.

- Velha Evelyn, não quer me deixar ajudá-la a entrar? Como está bonitahoje, com esse belo broche no vestido.

Tenho Certeza de que estou mesmo, pensou ela, sonhadora. Escondida no homem inocente, sem importância, mesmo que ele fosse calvo e anêmico? Ele não sabia há quanto tempo ela era uma velha! Pois tudo não começara pouco depois do nascimento de Laura Lee, por assim dizer, quando ela trazia o carrinho de vime até aqui e depois voltava circundando o cemitério. Na verdade, já poderia ser velha naquela época.

- Como soube que minha neta morreu? Quem lhe disse? - Era espantoso. Agora ela não sabia ao certo de que modo ela própria fora informada.

- O Sr. Fielding ligou. Disse para encher a sala com flores. Estava chorando quando ligou. E tudo tão triste. Sinto muito, velha Evelyn, sinto muito mesmo. Não sei o que dizer nessas ocasiões.

- Bem, você deveria saber, já que vende flores às pessoas. Provavelmente com freqüência muito maior flores para os mortos do que para os vivos. Você

devia aprender e decorar algumas frases simpáticas para dizer. As pessoas esperam que você fale, não é?

- Como assim, senhora?

- Preste atenção, meu rapaz. quem quer que você seja. Mande flores por mim para minha neta Gifford.

Isso ele ouviu perfeitamente, tratava-se de dinheiro em caixa.

- Forme um buquê alto com gladiolos brancos, rosas vermelhas e lírios, e ponha uma fita nele. Escreva Neta na fita, está me ouvindo? É só. Certifique-se de que seja lindo e grande, e de que fique ao lado do caixão. E por sinal, onde é que vai estar esse caixão, será que meu primo Fielding fez o favor de dizer, ou você vai ter de ligar sozinho para todas as casas funerárias até descobrir?

- Metairie. Eu já sei. Outras pessoas estão ligando para cá.

O que estava em Metairie? O quê? O que estava o rapaz dizendo? Uma carreta enorme passou ruidosa, quicando, pelo cruzamento e seguiu na direção de Carondolet. Amolação. E olhe só aquelas casas geminadas logo ali! Deus do céu, quer dizer que haviam demolido também aquela casa lindíssima, idiotas. Estou cercada de idiotas. Ela ajeitou o cabelo. O rapaz estava puxando seu braço.

- Afaste-se de mim - disse, ou tentou dizer. Sobre o que estava discutindo com esse rapaz? Na verdade, não sabia. E o que estava fazendo logo ali? Será que o rapaz acabava de lhe fazer exatamente essa pergunta?

- Deixe-me arrumar um táxi para levar a senhora para casa, ou eu mesmo a levarei.

- Não levará - disse ela e, quando viu as flores por trás da vidraça, lembrou-se. Seguiu em frente, passando pelo rapaz, saindo da Avenue e entrando no Garden District, na direção do cemitério. Esse sempre havia sido um dos seus passeios preferidos, vir por aqui para ver o jazigo Mayfair, ao passar pelos portões. Mas olhem só, Commander's Palace ainda estava ali. Ela via os toldos mesmo a essa distância. Quantos anos haviam se passado desde a última vez que jantara ali! É claro que Gifford estava sempre implorando para levá-la.

Almoço com Gifford no Commander's, e Ryan, uma rapaz bem comportado, de expressão luminosa. Difícil de acreditar que uma criança daquelas podia ser um Mayfair, um bisneto de Julien. Mas era cada vez maior o número de membros da família que apresentava aquela aparência radiante. Gifford sempre pedia camarões ao molho remoulade, e nunca derramava uma gota que fosse do molho na blusa ou na echarpe. Gifford. No fundo, nada podia ter acontecido com Gifford.

- Rapaz - disse ela.

Ele caminhava ao seu lado, firmando seu braço, perplexo, superior, confuso, orgulhoso.

- O que aconteceu com minha neta? Diga-me. O que Fielding Mayfair lhe contou? Estou tão perturbada. Não me considere uma velha esquecida e solte meu braço. Não preciso de você. O que aconteceu a Gifford Mayfair é o que estou lhe perguntando agora.

- Não sei ao certo, senhora. Ela foi encontrada na areia. Perdeu muito sangue, algum tipo de hemorragia, disseram. Mas não sei mais nada além disso. Ela já estava morta quando conseguiram chegar no hospital com ela. Isso é tudo o que sei. E o marido está indo para lá agora para descobrir o que aconteceu.

- Bem, é claro que ele está a caminho - disse ela, dando um solavanco para soltar o braço. - Acho que lhe disse para me soltar.

- Receio que a senhora caia, velha Evelyn. Nunca a vi tão longe de casa.

- Do que você está falando, rapaz? Oito quarteirões? Eu costumava dar esse passeio o tempo todo. Havia uma pequena lanchonete na esquina de Prytania e Washington. Eu costumava parar ali para tomar sorvete. Para dar sorvete a Laura Lee. Por favor, solte meu braço, sim!

Ele pareceu tão arrasado, tão magoado, tão enrijecido e triste. Coitadinho. Mas quando se é velho e fraco, a autoridade é tudo que lhe resta, e ela poderia se esvair num átimo. Se ela agora caísse, se lhe faltasse uma perna, mas não, ela não permitiria que uma coisa dessas acontecesse!

- Muito bem, Deus o abençoe, você é um bom rapaz. Eu não quis magoá-lo, mas por favor não fale comigo como se eu fosse pateta, porque eu não sou. Atravesse Prytania Street comigo. Ela é larga demais. Depois volte para arrumar as flores para minha menina querida, está bem? E posso lhe perguntar como você sabe quem eu sou?

- Eu trago as flores no dia do seu aniversário, senhora, montanhas de flores todos os anos. A senhora sabe meu nome. Hanky. Não se lembra de mim? Eu aceno quando passo pelo seu portão.

Isso não foi dito em tom de censura, mas ele agora sentia uma profunda suspeita e seria muito provável que entrasse em ação, a forçasse a entrar num táxi, ou pior, fosse chamar alguém para detê-la, pois estava perfeitamente óbvio que ela não seria capaz de cumprir essa caminhada sozinha.

- Ah, sim, Hanky. Lembro-me bem de você, é claro. E o seu pai era o Harry que foi lutar no Vietnã. E havia também sua mãe, que voltou para a Virgínia.

- Isso mesmo, senhora. Acertou tudo. Perfeito. – Que prazer ele demonstrava. Esse era o aspecto mais irritante e exasperante da velhice. Se você conseguisse somar dois mais dois, as pessoas batiam palmas! Batiam mesmo! Verdade. Era patético. E claro que ela se lembrava de Harry. Ele lhes entregara flores anos a fio. Ou teria sido o velho Harris? Ai, meu Deus, Julien, por que vivi tanto tempo? Para quê? O que estou fazendo?

Ali estava o muro branco do cemitério.

- Vamos, jovem Hanky, seja um bom rapaz e me ajude a atravessar. Preciso ir - disse ela.

- Velha Evelyn, por favor, deixe-me levá-la para casa de carro. Deixe que eu chame o marido da sua neta.

- Aquele bêbado, seu bobo! - Ela se voltou para encará-lo de frente. - Vou bater em você com essa bengala. - Ela não pôde deixar de rir da idéia. E o rapaz riu também.

- Mas a senhora não está cansada? Não quer descansar um pouquinho? Volte até a floricultura para descansar.



Ela de repente se sentiu exausta demais para dizer mais uma palavra sequer. Para que falar? Eles nunca prestavam atenção. Ela fincou os pés na esquina, segurou firme a bengala com as duas mãos e ficou olhando o corredor frondoso da Washington Avenue. Os melhores carvalhos da cidade, costumava ela pensar, que desciam até o rio. Será que ela deveria desistir? Havia algo de terrivelmente errado, algo terrível, terrível, e sua missão, qual era mesmo? Meu Deus, ela não conseguia se lembrar.

Do outro lado estava um senhor de idade, de cabelos brancos. Será que ele era tão velho quanto ela? E ele sorriu para ela. Sorriu e acenou para que ela prosseguisse. Que elegante que ele era! E com aquela idade! Ela riu de ver roupas tão coloridas, o colete de seda amarela! Meu Deus, aquele era Julien.

Julien Mayfair! Foi um choque tão forte e agradável que ela o sentiu no rosto inteiro, como se alguém a estivesse tocando com uma toalha fresca para despertá-la. Olhe só para ele. Julien! Acenando para ela vir, para se apressar. E de repente sumiu, simplesmente sumiu, com o colete amarelo e tudo o mais, como sempre sumia. Os mortos teimosos, os mortos malucos, os mortos desconcertantes! Mas ela se lembrou de tudo. Mona estava lá naquela casa.

Gifford havia sofrido uma hemorragia fatal. E a velha Evelyn tinha de ir até First Street. Julien sabia que ela devia ir. Isso já era suficiente para ela.

- Você deixou que ele a tocasse! - perguntara-lhe Gifford, pasma.

CeeCee ria com aquele seu jeito bobo, falso.

- Minhas queridas, eu adorei.

Se ao menos ela pudesse ter dito uma coisa dessas a Tobias e a Walker. Noites antes do nascimento de Laura Lee, ela abriu a porta do sótão e caminhou sozinha até o hospital. Ninguém disse nada aos velhos antes que a criança estivesse segura nos braços da mãe.

- Você não compreende o que o miserável fez? - protestara Walker.

- Plantou a semente das bruxas! Essa também é bruxa!

Como Laura Lee era frágil. Seria ela uma semente de bruxa? Se era, só os gatos sabiam. Pense no jeito que eles se reuniam ao redor de Laura Lee,

arqueando as costas e se esfregando naquelas perninhas magras. Laura Lee, com o dedinho da bruxa, que ela não havia passado para Alicia ou Gifford, graças a Deus.

O sinal ficou verde.

A velha Evelyn começou a atravessar a rua. O rapaz não parava de falar, mas ela não lhe dava nenhuma atenção. Continuou a caminhar, ao longo dos muros caiados, perto dos mortos mudos e invisíveis, mortos bem enterrados. Quando chegou aos portões no meio do quarteirão, o jovem Hanky das flores não estava em parte alguma, e ela não ia olhar para trás para ver o que ele havia feito, onde se metera ou se estava voltando correndo para a floricultura para chamar a polícia para ela. Ela parou junto aos portões. Apenas via um canto do jazigo Mayfair lá adiante no meio da quadra, avançando ligeiramente sobre o caminho. Ela conhecia todos os que estavam ali dentro. Podia bater em cada retângulo de pedra. "Ei, vocês aí dentro, meus queridos." Gifford não seria enterrada ali, ah, não. Gifford seria enterrada lá em Metairie. Os Mayfair refinados, pensou ela. Sempre foram chamados desse jeito, mesmo no tempo de Cortland; ou teria sido Cortland, quem criou essa expressão para descrever seus próprios filhos? Cortland, que um dia havia sussurrado no seu ouvido "Filha, eu te amo" tão rápido para que os Mayfair refinados não ouvissem.

Gifford, minha querida Gifford.

Imaginou Gifford no seu elegante costume vermelho de lã, e a blusa branca com um laço macio de seda ao pescoço. Gifford usava luvas, mas só para dirigir. Ela as estava calçando, com muito cuidado, luvas de couro cor de caramelo. Agora, ela parecia mais nova do que Alicia, embora não o fosse. Ela se cuidava, se arrumava, amava outras pessoas.

- Não vou poder ficar para o Carnaval este ano - dissera ela. - Simplesmente não posso. - Ela viera para lhes dizer que estava indo para Destin.

- Bem, eu espero que você não esteja pensando que eu vá receber todo mundo aqui! - gritara Alicia. Totalmente em pânico. Ela deixara cair a revista na varanda. - Não tenho condições de fazer tudo. Não sei arrumar a comida. Não

posso. Não quero. Vou trancar a casa. Não estou bem. E tia Evelyn só fica ali sentada o tempo todo. E Patrick, onde está? Você devia ficar e me ajudar. Por que você não faz alguma coisa para ajudar Patrick? Sabia que Patrick agora bebe de manhã? Bebe a manhã inteira. E Mona, onde está?

Droga, Mona saiu sem falar comigo. Mona está sempre saindo sem me dizer onde vai. Alguém devia pôr um freio em Mona. Preciso de Mona! Por favor, passe a tranca nas janelas antes de sair.

Gifford permanecera tão calma.

- Todos vão para First Street este ano, CeeCee - dissera Gifford. - Você não precisa fazer nada a não ser o que sempre faz, por mais que planeje agir de outra forma.

- Ai, como você é cruel comigo. Você veio até aqui só para me dizer isso? E Michael Curry? Dizem que ele quase morreu no dia de Natal. Posso Perguntar por que ele está dando uma festa na terça-feira de Carnaval? – A essa altura. Alicia tremia de indignação e fúria com simples loucura da vida, com a total falta de lógica das coisas, que ceia qualquer coisa podia ser esperada. Afinal de contas, ela não havia praticamente se suicidado só para se certificar de que estaria para sempre isenta de qualquer responsabilidade? Quanto álcool ainda faltava?

- Esse Michael Curry quase morre afogado, e o que ele faz? Dá uma festa? Será que ele não sabe que sua mulher está desaparecida? Sua mulher poderia estar morta! Que espécie de homem é esse louco desse Michael Curry? E quem foi que disse que ele podia morar naquela casa? O que vão fazer quanto ao legado? E se Rowan Mayfair não voltar nunca mais! Vá, vá mesmo para Destin. Por que você haveria de se preocupar? Deixe-me aqui. Não faz diferença. Vá para o inferno.

Raiva desperdiçada, palavras desperdiçadas, fora de propósito, sempre fora de propósito. Será que Alicia dissera alguma coisa direta ou honesta em vinte anos? Era muito provável que não.

- Eles querem se reunir em First Street, CeeCee. A idéia não foi minha. Vou embora. - A voz de Gifford foi tão baixa que talvez Alicia nem mesmo tivesse ouvido, e aquelas seriam as últimas palavras dirigidas a ela pela irmã.

Ai, minha querida, meu amorzinho, incline-se para me beijar mais uma vez, beije meu rosto, agora, segure minha mão, mesmo com sua luva de couro macio. Eu a amava minha querida, minha netinha, não importa o que eu dissesse. Eu a amava.

Gifford.

O carro de Gifford seguira caminho enquanto Alicia ficava parada na varanda, dizendo palavrões. Descalça e com frio. Ela deu um chute na revista.

- Quer dizer que ela simplesmente vai embora. Vai embora. Não dá para acreditar. O que esperam que eu faça?

A velha Evelyn não dissera palavra. As palavras ditas aos bêbados são na realidade palavras escritas na água. Elas desaparecem no vazio infinito no qual o bêbado define. Será que a sina de um fantasma poderia ser pior?

Gifford tentara insistentemente. Gifford era uma Mayfair perfeita. Gifford havia amado; com suas aflições, mas havia amado. Uma menina com sua consciência no chão da biblioteca.

- Mas a gente deveria simplesmente apanhar essas pérolas?

Toda condenada, essa geração de crianças Mayfair da era da ciência e da psicologia. Melhor teria sido viver nos tempos das crinolas, das carruagens e das macumbeiras. Nosso tempo já passou. Julien sabia. Mas Mona não estava condenada, certo? Ora, aquela era uma bruxa para esses nossos dias. Mona no computador, mascando chicles e digitando mais rápido do que qualquer outra pessoa no universo.

- Se houvesse uma competição olímpica em digitação, eu a venceria.

- E no monitor, todos aqueles gráficos e mapas. - Está vendo isso? É uma árvore genealógica da família Mayfair. Sabe o que eu descobri? A arte e a magia irão triunfar no final, dissera Julien. Eu sei. Seria o computador arte e magia? Mesmo o jeito que a tela brilhava no escuro, e aquela caixinha com voz que Mona

havia programado para falar num tom neutro, sobrenatural. “Bom dia, Mona. Aqui é seu computador. Não se esqueça de escovar os dentes.” Era absolutamente assustador ver o quarto de Mona ganhar vida às oito da manhã, com o computador falando daquele jeito, enquanto a cafeteira gorgolejava e assoviava, o forno de microondas ligava com um minúsculo apito, para aquecer os pãezinhos, e as notícias da manhã da CNN apareciam ao vivo na televisão.

- Gosto de acordar ligada - dizia Mona. O entregador de jornais havia aprendido a jogar o Wall Street Journal direto na varanda do segundo andar, junto à sua janela.

Mona, encontrar Mona.

Para encontrar Mona, ela estava indo até Chestnut Street. Já chegara tão longe. Hora de atravessar a grande Washington Avenue. Deveria ter feito essa travessia no sinal lá atrás, mas talvez não tivesse visto Julien. Tudo acaba funcionando. A manhã estava calma, vazia e silenciosa. E os carvalhos faziam da rua a nave de uma igreja. E lá estava o velho quartel do corpo de bombeiros, tão abandonado. Será que os bombeiros haviam ido embora? Mas aquilo estava muito fora do seu trajeto. Agora precisava descer por Chestnut Street, e aqui começavam as calçadas escorregadias, de tijolos e pedras, e talvez fosse melhor andar pela própria rua, junto aos carros estacionados, como fazia anos atrás, melhor do que escorregar e cair. O trânsito era lento nessas ruas.

Suave e frondoso como o Paraíso, era o Garden District.

Os veículos esperaram até que ela chegasse à calçada, e então com um zunido alto passaram todos às suas costas. É, ir pela rua. E mesmo aqui a sujeira do Carnaval. Que pena, que pena.

Por que não saem todos a varrer o passeio? De repente, ela se entristeceu por não ter podido fazer isso hoje de manhã, como havia planejado. Ela pretendia sair. Gostava de varrer. Ficava horas varrendo. E Alicia costumava gritar para que ela entrasse, mas ela varria sem parar.

- Miss velha Evelyn, a senhora está varrendo há horas - diria Patricia.

Mas é claro, por que não? As folhas param de cair em algum momento?

Ora, sempre que pensava na chegada do Carnaval, tudo que lhe ocorria era que seria divertido varrer o passeio depois. Tanta sujeira, tanto lixo. Varrer sem parar.

Só que hoje de manhã alguma coisa havia se intrometido entre ela e a vassoura. O que era?

O Garden District estava em silêncio total. Realmente era como se ninguém vivesse ali. O ruído da Avenue era muito melhor. Na Avenue, nunca se estava só. Mesmo tarde da noite, os faróis brilhavam janelas adentro, lançando um alegre fulgor amarelo sobre os espelhos. Você podia sair na friagem da madrugada mais escura, ficar parado na esquina e ver o bonde passar, ou um homem a pé, ou um carro bem devagar com rapazes dentro rindo e conversando uns com os outros, às escondidas mas felizes.

Em frente ela seguia. Mas haviam destruído casas antigas também aqui, algumas delas. Provavelmente era verdadeiro o comentário de Mona, qualquer que tivesse sido, alguma coisa a ver com arquitetura. Uma espantosa falta de visão. Um confronto entre a ciência e a imaginação. “Um equívoco sobre a relação entre a forma e a função. Algumas normas tem sucesso; outras não.

Tudo é forma. Mona dissera tudo isso. Mona teria adorado Julien.

Ela agora chegava a Third Street. A meio caminho. Não era nada atravessar essas ruazinhas. Não havia nenhum tráfego. Ninguém estava acordado ainda. Ela seguia em frente, firme no asfalto que reluzia ao sol, sem fendas ou rachaduras que a fizessem tropeçar.

Julien, por que você não volta? Por que não me ajuda? Por que gosta sempre de provocar? Meu Deus, Julien. Agora, posso tocar a Vitrola na biblioteca. Não há quem vá me impedir, só Michael Curry, aquele rapaz simpático, e Mona. Posso tocar a Vitrola e dizer seu nome.

Ah, que perfume delicioso. Ela havia se esquecido totalmente dele. E lá estava a casa, meu Deus, olhe só as cores. Ela nunca a conhecera com grandes cores, e agora estava toda de um lilás acinzentado brilhante, com as venezianas pintadas de verde e a cerca muito preta em contraste.

Ah, ela estava restaurada! Que coisa boa que Michael Curry fizera.

E lá, ali na sacada, estava ele olhando para ela cá embaixo. Michael Curry. Era esse mesmo o homem. Usava pijama, muito amarrotado, o roupão aberto na frente, e fumava um cigarro. Lembrava Spencer Tracy, daquele jeito irlandês, parrudo e grosseiro, apesar de seu cabelo ser preto. Um homem bonito e simpático com muito cabelo. E será que seus olhos não eram azuis? Sem dúvida pareciam.

- Alô, Michael Curry, vim vê-lo. Vim falar com Mona Mayfair.

Meu Deus, que choque ele teve. Como pareceu alarmado. Mas ela prosseguiu em voz alta e clara.

- Sei que Mona está aí. Você diga a ela para sair.

E então surgiu sua menininha sonolenta, numa camisola branca, toda despenteada e se espreguiçando como qualquer criança, como se ninguém pudesse responsabilizá-la por nada.

Lá no alto, nas copas das árvores, os dois estavam parados por trás da balaustrada de ferro, e de repente ela se tocou do que havia acontecido, de onde eles estiveram juntos. Ah, meu Deus, e Gifford a avisara sobre isso, que Mona estava "no encalço", por assim dizer, e devia ser vigiada. E aquela criança não estivera procurando Vitrola nenhuma. Estivera procurando o namorado irlandês ao estilo de Mary Beth, o marido de Rowan Mayfair, Michael Curry.

A velha Evelyn sentiu uma vontade deliciosa de rir sem parar. Como Stella teria dito, "Que loucura!"

Mas a velha Evelyn estava cansada, seus dedos se enroscaram no arame preto da cerca, e ela sentiu um alívio ao baixar a cabeça e ouvir a grande porta da frente se abrir, ao ouvir os pés nus atravessando a varanda, aquele som íntimo e inconfundível, e ver Mona parada ali, até se lembrar do que tinha de contar a Mona.

- O que foi, velha Evelyn? O que aconteceu?

- Você não viu nada, minha filha? Ela não chamou seu nome! Pense, minha querida, antes que eu lhe diga. Não, não foi sua mãe.

E então o rosto de menina de Mona se encolheu e se encheu de lágrimas. Ela abriu o portão enquanto enxugava o olho com o dorso da mão.

- Tia Gifford - chorou ela com uma vozinha ínfima, tão frágil, jovem e diferente de Mona, a Forte, e de Mona, o Gênio. - Tia Gifford! E eu estava tão feliz que ela não estivesse aqui.

- Não foi você, minha querida - disse a velha. - Sangue na areia. Aconteceu hoje de manhã. Talvez ela não tenha sofrido. Talvez ela esteja no céu neste instante olhando para nós cá embaixo e se perguntando por que estamos tristes.

Michael Curry estava no alto da escada de mármore, com o roupão corretamente fechado, usando chinelos, com as mãos nos bolsos e até o cabelo penteado.

- Ora, esse rapaz não está doente - disse a velha.

Mona começou a soluçar, olhando em desamparo da velha Evelyn para o homem corado de cabelos escuros ali na varanda.

- Quem disse que ele estava morrendo do coração? - perguntou a velha Evelyn enquanto o observava descer a escada. Ela estendeu a mão e apertou com força a do rapaz. - Não há absolutamente nada de errado com a saúde desse rapagão!

## **Capítulo 9**

Ele lhes pedira que se reunissem na biblioteca. O pequeno gramofone portátil marrom estava no canto, com o esplêndido colar de pérolas e o maço de fotografias de Stella e da velha Evelyn, quando as duas eram jovens. Mas ele não queria falar sobre aquilo agora. Precisava falar de Rowan.

Mona estava feliz por esses objetos terem sido encontrados, muito feliz, em meio à sua dor pela morte de Gifford, mas não era com Mona que ele estava preocupado. Estava se martirizando pela sua atitude imprudente com Mona. Quer dizer, num instante ele se martirizava, no outro tinha outras coisas em que pensar.



Como, por exemplo, que dois meses haviam se passado e que ele vivera naquela casa como um dos seus fantasmas, que aquilo tinha de acabar e que ele precisava procurar sua mulher.

Acabavam de chegar da casa de Ryan, das duas horas de conversa e drinques após o enterro de Gifford. Voltavam para a casa, para essa reunião, e alguns apenas para estar com os outros um pouco mais, chorando por Gifford, como era costume da família.

Durante todo o velório da noite passada e o enterro hoje, ele vira as expressões de espanto nos rostos de todos quando apertavam sua mão, quando lhe diziam como ele "parecia estar muito melhor", quando sussurravam a seu respeito uns para os outros.

- Olhe para Michael! Michael voltou do mundo dos mortos.

Havia o choque terrível e estridente da morte prematura de Gifford. por um lado, a mãe e esposa perfeita, arrancada da vida, deixando um marido amado, advogado brilhante, e três filhos lindos. E, por outro lado, havia o choque de Michael estar bem, de que o lendário esposo abandonado, a última vítima do sexo masculino do legado Mayfair, não estava realmente definhando.

Michael estava bem.

Estava disposto, vestido e dirigindo seu próprio carro no cortejo fúnebre. E não estava sem fôlego, tonto ou passando mal do estômago. Ele e o Dr. Rhodes haviam tido uma discussão acerca dos remédios na entrada da casa funerária. E. Michael saíra ganhando. Não estava experimentando nenhum forte sintoma de abstinência de drogas. Ele esvaziara os frascos e depois os guardara. Mais tarde, examinaria os rótulos. Descobriria o que estivera ingerindo, mas agora não. A doença terminara. Ele tinha o que fazer.

E havia Mona sempre no canto do seu campo visual, olhando fixamente para ele e de vez em quando murmurando, "Eu não disse?" Mona, com seu rosto ligeiramente bochechudo suas sardas claríssimas e sua longa cabeleira ruiva. Ninguém jamais chamava uma ruiva daquelas de cabeça de cenoura. As pessoas sempre se voltavam para olhar.

E depois, havia a casa. Como explicar a história da casa? A casa dava a impressão de estar viva novamente. No instante em que acordou nos braços de Mona, voltou a sentir a velha sensação: de algo invisível, presente, observador. A casa rangia como antes. Tinha a mesma aparência de antes. E claro havia também o mistério da música no salão e do que ele havia feito com Mona. Será que seus poderes de ver o invisível haviam voltado?

Ele e Mona não falaram nem um instante no que acontecera. Nem Eugenia disse uma palavra sequer. Pobrezinha. Sem dúvida, ela o considerava um estuprador, um monstro. E tecnicamente, ele era mesmo, e havia saído impune. Mas ele nunca se esqueceria da sua imagem, tão real, tão conhecida, parada diante de um pequeno gramofone portátil que não estava ali, um gramofone exatamente igual ao que depois foi encontrado na parede da biblioteca.

Não, eles não haviam falado sobre nada disso ainda. A morte de Gifford havia atropelado tudo que estava no caminho.

A velha Evelyn ficou abraçada a Mona toda a manhã de ontem, enquanto Mona chorava por Gifford e lutava para se lembrar de um sonho no qual achava que havia derrubado a tia, com ódio e determinação. É claro que tudo isso era irracional. Ela sabia disso. Todos sabiam.

- O que aconteceu aqui - disse ele, afinal, segurando a mão de Mona - Foi culpa minha. Você não matou sua tia. Não foi você. Foi uma coincidência. Como poderia aquilo que você estava fazendo matá-la?

E Mona de fato parecera se refazer com a exuberância feroz dos muito jovens - e também com mais uma coisa, uma firmeza que ele sentira nela desde o início, a fria autonomia de quem é filho de alcoólatra, o que ele conhecia muito bem por experiência própria. Ela não era nenhuma menininha comum, Mona. Mesmo assim, era condenável, um homem da sua idade com uma garota de treze anos. Como pôde ter feito aquilo? Mas o estranho era que a casa não o desprezava por isso, e a casa parecia saber.

Por enquanto, porém, o pecado estava perdido na confusão. Simplesmente perdido. Ontem à noite, antes do velório, Mona e a velha Evelyn

tiraram os livros da estante e revelaram as pérolas, o gramofone e a valsa de Violetta num reluzente disco antigo da RCA Victor. O mesmo gramofone. Ele teve vontade de perguntar, mas elas falavam com a voz contida, empolgada. E Gifford estava à sua espera.

- Não podemos ligá-la agora - disse a velha Evelyn. - Não com Gifford morta. Fechem o piano. Cubram os espelhos. Gifford teria preferido que fosse assim.

Henri levou Mona e a velha Evelyn para casa de carro para que se trocassem para o velório, e depois até a casa funerária. Michael foi com Bea, Aaron, sua tia Vivian e outros mais. O mundo o deixara desconcertado, desafiado, humilhado, com sua beleza vigorosa, a noite cheia de flores novas, as árvores carregadas de romãs novas. A noite delicada Cia primavera.

Tudo estava errado em Gifford no caixão. O cabelo curto preto demais, o rosto magro demais, a boca vermelha demais, toda cheia de arestas pontiagudas, até as pontas dos seus dedos cruzados e os pequenos seios por baixo da lã austera do costume. Um desses manequins malfeitos cuja rigidez não permite que as roupas caiam bem, mas que faz até a moda parecer lixo. Gélida. Dava para se pensar que o caixão era um freezer. E a casa funerária de Metairie era igual a qualquer outra em qualquer ponto do país, atapetada num tom de cinza, com exagerados ornamentos de gesso sob um pé-direito baixo, e lotada de flores e cadeiras Queen Anne de segunda.

Mas sem dúvida foi um velório digno da família Mayfair, com muito vinho, conversa e choro; alguns dignitários católicos presentes para prestar a última homenagem; bandos de freiras como pássaros nos seus trajes brancos e azuis; dezenas de amizades comerciais e do meio advocatício; e os vizinhos de Metairie, que também poderiam passar por azulões, com seus ternos azuis.

Choque, aflição, pesadelo. Com rostos de cera, a família imediata recebera cada amigo ou parente entristecido. E o mundo lá fora brilhava com o esplendor da primavera, sempre que Michael dava uma saída.

Depois da sua longa enfermidade, da sua prolongada depressão em que ficara preso à casa, mesmo as coisas mais simples resplandeciam aos olhos de Michael, como se tivessem acabado de ser inventadas: os tolos arabescos dourados no gesso, as flores úmidas e perfeitas sob a luz fluorescente externa.

Michael nunca havia visto tantas crianças chorando num enterro, tantas crianças levadas a presenciar, a rezar junto ao caixão e a beijar a falecida, exposta numa perfeição artesanal, suas peculiaridades perdidas na banalidade desse último gesto público, enquanto dormia na sua cama de cetim branco.

Ele voltou para casa às onze, passou em revista as roupas, arrumou a mala e fez seus planos. Caminhou pela casa inteira. Foi aí que percebeu plenamente a diferença, que a casa estava mais uma vez habitada por algo que ele quase sentia e via. Não, não era bem assim. Que a própria casa falava com ele, que a própria casa reagia.

Loucura, talvez, pensar que a casa estivesse viva, mas ele já experimentara isso antes num misto de aflição e felicidade, e estava experimentando novamente. E era melhor do que os dois meses desgraçados que passara em meio à solidão, à doença e ao enevoamento das drogas, "meio apaixonado pela morte confortável" e a casa em silêncio, sem personalidade, sem nada testemunhar, sem absolutamente nenhuma utilidade para ele.

Ele ficou olhando muito tempo para o gramofone e as pérolas que estavam tão jogadas quanto colares de Carnaval no tapete. Pérolas valorosíssimas. Ele ainda ouvia a estranha voz da velha Evelyn, grave, suave e bonita, tudo ao mesmo tempo, falando sem parar com Mona.

Ninguém mais parecia saber desses tesouros escondidos no compartimento atrás da parede da estante, ou se importar com eles. Estavam jogados num canto sombrio junto à pilha de livros, como nada mais do que lixo. Ninguém tocou neles ou os percebeu.

Agora era a reunião após o enterro. Ela precisava ser realizada.

Michael a teria marcado para a casa de Ryan, se isso fosse mais conveniente para ele. Mas Ryan e Pierce disseram que precisavam mesmo ir ao

escritório, que não tinham escolha. Confessaram que estavam cansados agora de fazer as honras da casa e que passariam por First Street no caminho, não se incomodavam. Estavam muito preocupados com Rowan. Michael não devia pensar que eles haviam se esquecido de Rowan por um instante sequer. Coitados desse pai e desse filho tão desventurados.

Sob a luz intensa da atenção, eles não pareciam menos perfeitos: Ryan com a pele bronzeada, os cabelos brancos e lisos e olhos extremamente opacos e azuis. Pierce, o filho que qualquer um desejaria ter, brilhante, bem-educado e deixando transparecer tanto o impacto destruidor da morte da mãe.

Parecia que não deveria ser assim; que deveriam ter algum seguro contra essas coisas. O que era a morte para o lado refinado da família Mayfair, como Bea dissera? Havia sido uma enorme gentileza deles a de concordar em vir.

E que Michael não podia adiar essa reunião. Realmente não podia. Já desperdiçara muito tempo. Estivera morando nesta casa como uma aparição desde que voltara do hospital. Teria sido a morte de Gifford, aleatória, terrível e descabida, que o despertara do seu estupor? Ele sabia que não. Tinha sido Mona.

Bem, eles agora se reuniriam, e ele explicaria que precisava tomar uma atitude com relação a Rowan. Estava com as malas feitas, pronto para partir.

Era isso o que eles precisavam compreender. Ele estivera ali deitado como que sob o efeito de uma maldição, um homem num sonho, profundamente magoado pela partida de Rowan. Ele havia fracassado.

E depois, veio a medalha. A medalha do Arcanjo. Ela estava na bolsa de Gifford em Destin. E, quando Ryan a colocou na sua mão, nada menos do que à beira do túmulo, enquanto se abraçavam, ele soube. Preciso encontrar Rowan. Preciso cumprir o que me mandaram para aqui para fazer. Preciso fazer o que quero fazer. Tenho de me mexer. Tenho de voltar a ser forte.

A medalha. Gifford a encontrara lá fora junto à piscina há algum tempo, talvez no próprio dia de Natal, Ryan não sabia ao certo. Ela sempre tinha a intenção de entregá-la a Michael, mas tinha medo de perturbá-lo com ela.

Gifford tinha certeza de que a medalha pertencia a Michael. Havia sangue na medalha. E aqui estava ela, toda limpa e reluzente. Caíra da bolsa de Gifford enquanto Ryan a examinava. Uma breve conversa junto ao túmulo, não mais do que alguns segundos no fresco mausoléu de mármore, com o sol do meio-dia entrando á vontade, e centenas de pessoas esperando para apertar a mão de Ryan.

- Gifford ia querer que eu lhe entregasse isso sem mais demora. E então que tempo sobrara para ele se sentir adequadamente culpado quanto à pequena ruiva que dormira nos seus braços e que lhe dissera para jogar fora àqueles remédios, que ele não precisava deles?

Ele abriu a porta para os outros e a segurou enquanto eles entravam na biblioteca.

- Vamos entrando - disse ele, sentindo-se um pouco estranho como sempre, por ser o dono daquela casa, da casa deles, e fez um gesto para que Ryan, Pierce e Aaron se sentassem diante da escrivaninha. Assumiu seu lugar de costume atrás dela. Notou que Pierce olhou para o pequeno fonógrafo e para pérolas alongadas, mas chegariam a isso mais tarde.

- Bem, eu sei como está sendo terrível - disse ele a Ryan. Alguém tinha de começar. - Você enterrou sua esposa hoje. E estou solidário com seu sofrimento. Gostaria de poder deixar esse assunto esperar. Tudo deveria ficar esperando. Mas preciso falar sobre Rowan.

- É claro que precisa - disse Ryan, imediatamente. - E nós estamos aqui para lhe dizer o que sabemos. No entanto, não sabemos muito.

- Compreendo. Não consigo extrair uma palavra de Randall ou de Lauren. Eles dizem, fale com Ryan, Ryan sabe de tudo. Por isso, pedi que vocês viessem e me dissessem o que andou acontecendo. Estive como um homem em estado de coma. Preciso encontrar Rowan. As malas estão feitas e eu estou pronto para partir.

Ryan dava uma espantosa impressão de controle, como se tivesse acionado a tecla profissional dentro de si. Não havia na sua atitude nada de

ressentimento ou rancor. Pierce, por outro lado, estava ainda arrasado. Sua aparência era de dor inconsolável. Era duvidoso que estivesse ouvindo as palavras de Michael, ou que devesse mesmo estar ali.

Também Aaron estava devastado pela morte de Gifford. Ele havia apoiado Bea, consolando-a durante toda a provação do velório na casa funerária em Metairie, do cemitério e do mausoléu. Estava esgotado, exausto e decididamente angustiado, e não havia moderação britânica que conseguisse continuar a esconder isso. Além do mais, ainda houvera a história de Alicia, histérica e final internada. Aaron havia ajudado também nesse caso, acompanhando Ryan quando este deu a Patrick a notícia de que Alicia estava desnutrida e necessitada de cuidados. Patrick tentara atingir Ryan. E Bea não fazia mais segredo do seu crescente afeto por Aaron. Ela havia encontrado um homem em quem podia confiar, disse baixinho a Michael enquanto voltavam para casa.

Mas agora tudo caía sobre os ombros daquele homem, Ryan Mayfair, o advogado que cuidava de todos os mínimos detalhes para todos; e ele não tinha mais Gifford ao seu lado, para discutir com ele, para acreditar nele, para ajudá-lo. E já estava de volta ao trabalho. Era cedo demais para saber como ia ser difícil sem ela, raciocinou Michael. Era cedo demais para aquele homem realmente sentir medo.

- Tenho de ir - disse Michael. - Só isso. O que eu deveria saber? informações que recebi pra onde devo me dirigir? Quais foram as últimas informações que receberam sobre ela? Quais são nossas melhores pistas?

Caiu um silêncio. Mona entrou na biblioteca, com um laço branco caindo comportadamente sobre seus cachos e usando um vestido simples de algodão branco, o traje certo para uma criança em ocasião de morte. Ela fechou a porta que dava para o corredor depois de passar. Não falou com ninguém, ninguém olhou para ela, nem pareceu perceber ou dar importância quando ela se sentou na poltrona de couro encostada na outra parede e ficou olhando para Michael do outro lado do ambiente empoeirado. Michael não poderia parar por isso, e realmente não fazia diferença. Nada estava acontecendo que Mona não soubesse

ou não pudesse saber. E além do mais havia o segredo entre os dois que era um vínculo. A criança o fascinava tanto quanto lhe provocava o sentimento de culpa. Ela era parte integrante da empolgação da sua recuperação e do que ele precisava fazer agora.

Na manhã do dia seguinte, ele não acordara com a sensação de "quem será essa criança estranha na minha cama?" Muito pelo contrário. Era como se ele soubesse quem ela era, e soubesse que ela o conhecia.

- Você não pode partir - disse Aaron.

A firmeza da sua voz atingiu Michael de surpresa. Ele percebeu que estava divagando com Mona, com as carícias de Mona e a aparição onírica da velha Evelyn na rua.

- Você não conhece a situação por inteiro - prosseguiu Aaron.

- Que situação?

- Achamos que não lhe devíamos contar tudo - disse Ryan. - Mas, antes de prosseguirmos, deixe-me explicar. Não sabemos realmente onde Rowan está, e não sabemos o que aconteceu a ela. Não estou dizendo que algo de ruim aconteceu a ela. É isso o que quero que compreenda.

- Você conversou com seu médico? - perguntou Pierce, de repente alerta e entrando na conversa, como se pretendesse ser profissional. - Ele diz que sua convalescença acabou?

- Senhores, ela acabou. Vou encontrar minha mulher. Agora me digam quem está chefiando a investigação para descobrir o paradeiro de Rowan. Quem está com o Arquivo sobre Rowan Mayfair?

Aaron pigarreou num eloqüente estilo britânico, um preâmbulo ameno e tradicional a uma fala, e começou.

- A Talamasca e a família Mayfair não conseguiram encontrá-la. Ou seja, um esforço considerável de investigação e grandes despesas resultaram em frustração.

- Entendo.



- O que sabemos é o seguinte. Rowan saiu daqui com um homem alto de cabelos escuros. Como lhe dissemos, ela foi vista no avião para Nova York. É certo que ela esteve em Zurique no final do ano, que de lá foi a Paris e de Paris à Escócia. Mais tarde, esteve em Genebra. De Genebra, ela poderia ter voltado a Nova York. Disso não temos certeza.

- Você quer dizer que ela poderia estar de volta ao nosso país?

- Poderia - respondeu Ryan. - Só não sabemos. - Ryan fez uma pausa como se isso fosse tudo o que tinha a dizer, ou apenas para organizar seus pensamentos.

- Ela e esse homem - disse Aaron - foram vistos em Donnelaith, na Escócia. Parece não restar dúvida quanto a isso. Em Genebra, depoimentos de testemunhas oculares não são tão conclusivos. Sabemos que esteve em Zurique apenas em virtude das transações bancárias ali realizadas. Em Paris, Porque ela fez alguns exames médicos ali que mais tarde enviou para o Dr. Samuel Larkin na Califórnia. Em Genebra, porque essa é a cidade da qual ela fez uma ligação telefônica para o médico e de onde lhe enviou os dados médicos. Ela fez exames numa clínica dessa cidade, e os resultados também foram encaminhadas ao Dr. Larkin.

- Ela ligou para esse médico? Ele realmente falou com ela?

Essa notícia deveria lhe ter dado esperança; ela deveria ter sido algo diferente da ferroada que foi. Mas ele sabia que estava enrubescendo. Ela ligou, mas não para mim. Ligou para seu velho amigo médico de San Francisco. Ele procurou aparentar tranquilidade, compreensão, liberalidade.

- É - respondeu Aaron. - Ela ligou para o Dr. Larkin no dia doze de fevereiro. Falou pouco. Disse-lhe que estava mandando uma remessa de exames médicos, amostras, espécimes e semelhantes, que ele deveria levar tudo para o Instituto Keplinger para análise. Disse que entraria em contato com ele. Que o assunto era confidencial. Deu indicações de que poderia ser interrompida a qualquer instante. Deu a impressão de estar correndo perigo.

Michael estava mudo, procurando simplesmente processar a informação, tomar consciência do que ela significava. Num instante, sua querida esposa estava dando telefonemas a um outro homem. Agora o quadro estava completamente diferente.

- Era isso o que vocês não queriam me dizer - disse ele.

- Era - respondeu Aaron. - E também que as pessoas que entrevistamos em Genebra e em Donnelaith sugeriram que ela poderia ter estado sofrendo coação. Os detetives de Ryan extraíram a mesma inferência dessas testemunhas, embora nenhuma das pessoas chegasse a realmente usar a palavra coação.

- Entendo. Mas ela estava viva e bem de saúde quando falou com Samuel Larkin. E isso foi em doze de fevereiro! - disse Michael.

- Foi...

- Muito bem, o que essas pessoas viram? O que as pessoas nas clínicas viram?

- Ninguém nas clínicas notou nada. Mas, você precisa ter em mente que estamos falando de instituições enormes. Parece haver poucas dúvidas quanto à hipótese de Rowan e Lasher terem entrado clandestinamente, com Rowan fazendo o papel de médica da equipe ou de técnica de laboratório, conforme a situação exigisse. Ela realizava vários exames e saía antes que qualquer pessoa em qualquer um desses lugares percebesse alguma coisa.

- E isso vocês sabem a partir do material que ela enviou a esse Dr. Larkin?

- Isso mesmo.

- Espantoso, mas sendo médica ela conseguiria fazer isso, certo? - disse Michael, procurando manter a voz firme. Não queria que ninguém tomasse seu pulso. - A última prova de que ela está viva foi em doze de fevereiro - repetiu. Estava tentando calcular a data, o número de dias. Deu um branco na sua cabeça.

- Houve mais uma pequena informação - disse Ryan. - Uma que não nos agradou.

- Diga.

- Rowan fez enormes transferências bancárias enquanto estava na Europa. Transferências vultuosas através de bancos na França e na Suíça. Mas essas movimentações cessaram no final de Janeiro e daí em diante apenas dois cheques comuns foram descontados em Nova York, no dia quatorze de fevereiro. Sabemos agora que as assinaturas nesses cheques eram falsificadas.

- Ah. - Michael encostou na cadeira. - Ele a está mantendo prisioneira. E forjou a assinatura nos cheques.

Aaron suspirou.

- Não sabemos... ao certo. Ela foi descrita por pessoas de Donnelaith, e de Genebra, como uma mulher pálida, de aparência doentia. Disseram que seu acompanhante era muito atencioso. Na realidade, ela nunca foi vista sem ser na sua companhia.

- Compreendo - disse Michael. baixinho. - O que mais disseram? Contem-me tudo.

- Donnelaith é atualmente um sítio arqueológico - disse Aaron.

- É, acho que eu já sabia - disse Michael. E olhou para Ryan. - Você leu a História dos Mayfair?

- Se você está se referindo ao arquivo da Talamasca, sim, eu o examinei, mas creio que nossa preocupação no momento é simplesmente a de saber onde Rowan está e como podemos chegar a ela.

- Continue a falar de Donnelaith - disse Michael a Aaron.

- Aparentemente Rowan e Lasher ficaram quatro dias hospedados numa suíte na estalagem de lá. Passaram um tempo considerável explorando as ruínas do castelo, da catedral e da aldeia. Lasher conversou com muitíssimas pessoas.

- Você precisa chamá-lo por esse nome? - perguntou Ryan. - O nome oficial que ele usou era outro.

- O nome oficial não tem nada a ver com a história - disse Pierce. - Papai, por favor, vamos esclarecer essas informações. Essa Donnelaith, trata-se de um projeto arqueológico aparentemente financiado em sua totalidade pela nossa

família. Eu nunca havia ouvido falar nesse lugar até ler o arquivo da Talamasca. Nem papai. Tudo era administrado por...

- Lauren - disse Ryan, com um leve tom de dissabor. - Mas tudo isso está fora de propósito. Eles não foram mais vistos lá desde janeiro.

- Vamos prosseguir - disse Michael, com a maior delicadeza possível.

- O que as pessoas viam quando olhavam para eles?

- Eles são descritos como uma mulher de um metro e setenta de altura, muito pálida e em mau estado de saúde, e um homem extremamente alto, talvez de um metro e noventa e cinco de altura com cabelos negros longos e abundantes, ambos americanos.

Michael quis dizer alguma coisa, mas seu coração estava acelerado, sem a menor dúvida. Ele sentiu o ritmo mais rápido e uma dorzinha no peito. Não queria que ninguém soubesse disso. Apanhou o lenço, dobrou-o e enxugou o lábio superior.

- Ela está viva, corre perigo, a coisa a mantém prisioneira - disse ele, entre dentes.

- Isso é material acessório - disse Ryan. - Não se sustentaria num tribunal. Estamos fazendo conjecturas. Já os cheques com assinatura forjada são outros quinhentos. Elas obrigam o legado a fazer alguma coisa imediatamente.

- Os relatórios da medicina legal são um belo enigma - disse Aaron.

- É, é uma confusão enlouquecedora - concordou Pierce. - Mandamos amostras oficiais do sangue encontrado aqui a dois institutos de pesquisa genética diferentes, e nenhum deles se dispõe a nos dar uma resposta direta.

- Eles estão nos dando uma resposta - disse Aaron. - Estão dizendo que as amostras devem ter sido contaminadas ou adulteradas já que pertencem a uma espécie de primata não humano, que eles não conseguem identificar. Michael deu um sorriso amargo.

- Mas o que diz o Dr. Larkin? Rowan enviou o material direto para ele. O que ele sabe? O que ela lhe disse ao telefone? Preciso saber tudo.

- Rowan estava perturbada - disse Pierce. - Ela receava que a ligação fosse interrompida. Estava desesperada para que Larkin recebesse o material e o levasse ao Keplinger. A história toda deixou Larkin alarmado. É por isso que ele está cooperando conosco. Ele adora Rowan, não quer trair sua confiança, mas tem por ela a mesma preocupação que nós temos.

- Esse Dr. Larkin está aqui - disse Michael. - Eu o vi no velório.

- É, ele está aqui - confirmou Ryan. - Mas ele reluta em falar sobre os materiais entregues ao Instituto Keplinger.

- Pode-se inferir - disse Aaron, baixinho - do que o doutor se dispõe a dizer que ele tem muito material de exames dessa criatura.

- Criatura - exclamou Ryan. - Já estamos entrando na terra da fantasia de novo. - Estava irado. - Não sabemos se esse homem é uma criatura ou... um tipo subumano, ou seja lá o que for. E não sabemos qual é o nome desse homem. Sabemos, sim, que ele é simpático, instruído, inteligente, que fala rápido com uma voz de americano e que as pessoas que falaram com ele em Donnelaith o consideraram interessante.

- E o que isso tem a ver com a história toda? - perguntou Pierce. - Papai, pelo amor de...

- O que Rowan mandou para o Dr. Larkin? - perguntou Michael, interrompendo-o. - O que o Instituto Keplinger descobriu?

- Bem, essa é a questão - disse Aaron. - Ele não quer nos dar um relatório completo. Mas talvez o desse a você. Ele quer falar com você. Quer fazer uns exames genéticos com você.

- Agora, ele quer? - disse Michael, sorrindo.

- Você tem razão em suspeitar disso - atalhou Ryan, parecendo oscilar entre uma irritação impaciente e a exaustão. - Já fomos abordados no passado com propostas de exames genéticos. Somos considerados um grupo fechado. Não de consentimento para nada.

- Como os mórmons, ou os mrzish - disse Michael.

- Exatamente - respondeu Ryan. - E há muitos excelentes motivos com embasamento legal para que não se permita esse tipo de exame. E afinal de contas, o que isso tem a ver com a família Curry?

- Creio que estamos nos afastando da questão - disse Aaron, lançando um olhar significativo na direção de Michael. - Não importa como chamemos esse acompanhante de Rowan, ele é de carne e osso, e obviamente passa por humano.

- Você está ouvindo as suas próprias palavras? - protestou Ryan, nitidamente furioso.

- Claro que estou - respondeu Aaron.

- Quero ver os dados médicos com meus próprios olhos - disse Ryan.

- Como saberá interpretá-los? - perguntou Pierce.

- Espere só - disse Ryan.

- Papai, precisamos esclarecer tudo isso.

Michael ergueu a mão pedindo calma.

- Ouçam, os exames médicos não vão determinar nada. Eu o vi. Eu falei com ele.

A biblioteca ficou em silêncio.

Michael percebeu que essa era a primeira vez que ele pronunciava uma coisa dessas diante da família, desde que tudo havia acontecido. Ele nunca, nunca admitira para Ryan ou para Pierce, e certamente para nenhum outro membro da família, o que havia acontecido no dia de Natal. Descobriu-se olhando de relance agora para Mona. E depois seu olhar se fixou no homem a quem ele havia contado a história inteira: Aaron.

Os outros o encaravam com uma expectativa nítida e franca.

- Não achei que tivesse um metro e noventa e cinco de altura - disse Michael, procurando firmar a voz. Passou os dedos pelo cabelo e se conteve ao procurar apanhar uma caneta da qual não precisava. Formou um punho com a mão direita e depois a abriu, afastando bem os dedos. - O caso é que eu estava no meio de uma batalha campal com ele, quando ele estava aqui. Eu diria que ele

tinha a minha altura, um metro e oitenta e cinco no máximo. O cabelo era curto. Era preto, como o meu. Os olhos, azuis.

- Você está me dizendo - perguntou Ryan com uma calma ilusória - que viu o homem que fugiu com Rowan?

- Você disse que realmente falou com ele? - indagou Pierce.

- Você pode descrever ou identificar essa pessoa? - perguntou Ryan, obviamente pálido de raiva.

- Vamos prosseguir com o que temos de fazer - atalhou Aaron. - Quase perdemos Michael no dia de Natal. Michael foi incapaz de nos contar qualquer coisa durante semanas a fio. Michael esteve...

- Está bem, Aaron - disse Michael. - Está bem. Ryan, o que você quer saber? Ela foi embora com um homem. Ele tinha um metro e oitenta e cinco, era magro e estava usando minhas roupas. Tinha cabelos negros. Acho que ele não tem mais a mesma aparência. O cabelo não era tão comprido. Ele não era tão alto. Você acredita em mim? Você acredita em qualquer coisa que alguém lhe contou? Ryan, eu sei quem ele é. E a Talamasca também sabe.

Ryan parecia incapaz de responder. Pierce também estava obviamente perplexo.

- Tio Ryan, era "o homem" - disse Mona, em tom neutro. - Pelo amor de Deus, deixe Michael em paz. Não foi ele quem deu passagem ao "homem". Foi Rowan.

Ryan perdeu o controle totalmente. Pierce pôs a mão sobre a mão do pai.

- O que você está fazendo aqui dentro!? - prosseguiu Ryan. - Ande, fora daqui!

Mona não se mexeu.

Pierce fez um gesto para que ela ficasse quieta.

- Essa coisa - disse Michael - nosso "homem", nosso Lasher. Ele parece ser normal aos olhos dos outros?

- Um homem fora do comum - respondeu Ryan. - É esse o depoimento que recebemos. Um homem incomum, de boas maneiras, bastante simpático. -

Ele fez uma pausa como se tivesse de se forçar a prosseguir. - Tenho todas as declarações para você. E por sinal nós vasculhamos Paris, Genebra, Zurique, Nova York. Por mais alto que ele seja, não atrai muita atenção. Os arqueólogos em Donnelaith foram os que tiveram maior contato. Disseram que ele era fascinante, um pouco excêntrico, que falava muito rápido. Que tinha idéias estranhas sobre a aldeia e as ruínas.

- Está bem, percebo o que aconteceu. Ela não fugiu com ele: ele a levou. Ele a forçou a levá-lo até lá. Forçou-a a conseguir o dinheiro. Ela o convenceu a fazer esses exames e depois, quando pôde, ela mandou o material para esse Dr. Larkin.

- Não sabemos ao certo - disse Ryan. - Não sabemos ao certo mesmo. Mas a assinatura forjada nos dá uma base legal para agir. Além disso, o dinheiro depositado para Rowan em bancos no exterior desapareceu. Temos de agir. Não temos escolha. Temos de proteger o legado.

Aaron interrompeu sua fala com um gesto discreto.

- O Dr. Larkin disse que Rowan afirmou saber que a criatura não era humana. Ela queria que ele estudasse seu padrão genético. Especificamente ela queria saber se a criatura podia ou não procriar com humanos, e especialmente com ela. Ela mandou amostras do próprio sangue para análise.

Houve um silêncio incômodo.

Durante um segundo. Ryan deu a impressão de estar em pânico. Depois, ele se recompôs, cruzou as pernas e pôs a mão na beira da escrivaninha de Michael.

- Não sei no que acredito sobre esse homem estranho - disse Ryan. - Francamente não sei. Toda essa história da Talamasca, essa cadeia de treze bruxas, não acredito em nada disso. Essa é a pura verdade. Não acredito mesmo. E acho que a maioria da família também não acredita em nada disso.

- Ele olhou direto para Michael. - Mas uma coisa está clara. Não há nenhum lugar onde você possa ir agora para procurar Rowan. Ir até Genebra é uma perda de tempo. Já cobrimos Genebra. A Talamasca cobriu Genebra. Em



Donnelaith, temos um detetive particular de plantão vinte e quatro horas por dia. Da mesma forma que a Talamasca, que, por sinal, é muito competente nesse tipo de coisa. Nova York? Não descobrimos mais nenhuma pista de verdade, além dos cheques falsificados. Eles não eram altos. Não despertaram suspeita.

- Estou entendendo - disse Michael. - Para onde eu iria? O que eu faria? A essa altura, essas perguntas são realmente legítimas.

- As radiografias das mãos, dos pés, da medula espinhal, da pelve, bem como tomografias do cérebro e outros exames semelhantes. A criatura não é humana. Tem uma composição genética desnorteante. É um mamífero. É um primata. É animal de sangue quente. Parece conosco. Mas não é um ser humano.

Pierce tinha o olhar fixo no pai como se receasse que este fosse desmoronar a qualquer instante. Ryan apenas abanou a cabeça.

- Vou acreditar nisso quando vir os dados, quando o próprio Dr. Larkin me disser.

- Papai, se você examinar os laudos, o quadro é o mesmo. Eles dizem amostras contaminadas, adulteradas ou deterioradas, porque, se não for isso, trata-se de sangue e tecidos de algo com um composição genética não humana.

- Foi o que Mona disse - afirmou Michael. Sua voz estava muito baixa. Ele se ergueu um pouco e olhou para Ryan, e depois para Mona.

Algo na atitude de Aaron o perturbava, e vinha perturbando o tempo todo, mas ele não sabia o que era. Nem sabia que estava perturbado até deixar de olhar para Aaron.

- Vim para casa - disse Michael - e ele estava aqui. Parecia-se com ela. Parecia-se comigo. Poderia ter vindo do... nosso filho. Nosso bebê. Rowan estava grávida.

Ele parou. Deu um suspiro longo e lento, balançando um pouco a cabeça e depois percebeu que devia continuar.

- Essa coisa homem era recém-nascida. Era muito forte. Ele me desafiou. Ele... ele se movimentava como o homem de palha no Mágico de Oz... desajeitado, caindo, rindo, levantando-se de novo. Eu deveria ter sido capaz de

torcer seu pescoço. Não consegui. Ele era muito, mas muito mais forte do que aparentava. Consegui atingi-lo mais de uma vez. Deveria ter pulverizado alguns ossos do rosto. Nenhum dano a não ser um corte. Rowan tentou impedir a briga, mas não estava claro para mim naquela ocasião... e ainda não está... quem Rowan estava tentando proteger. A mim? Ou a ele?

Ele detestou ouvir essas palavras emitidas pela sua própria boca. Mas estava na hora de pôr tudo para fora, de dividir tudo, incluindo-se a dor e a derrota.

- Ela o ajudou a derrubá-lo na piscina? - perguntou Mona.

- Mona, cale a boca - disse Ryan. Mona o ignorou por completo. Estava olhando para Michael.

- Não - respondeu Michael. - E ele não deveria ter conseguido me derrubar sozinho. Já fui derrubado uma ou duas vezes na vida. Foram necessários homens grandes e socos bem dados. Ele era magro, delicado, e estava escorregando no gelo ali fora, mesmo assim, ele me empurrou e lá caí eu na piscina. Lembro-me de que ele olhava enquanto eu afundava. Ele tem olhos azuis. Tem os cabelos muito pretos. Isso eu já lhes disse. Sua pele é muito pálida. Pelo menos, era assim.

- Como a pele de um bebê - disse Aaron, baixinho.

- E todos vocês estão tentando me dizer - disse Ryan, nervoso, ansioso - que não se trata de um ser humano?

- Estamos falando de ciência, Ryan, não de vodu - disse Aaron. Trata-se de uma criatura de carne e osso, por assim dizer. Mas seu padrão genético não é humano.

- Larkin lhe disse isso.

- Bem, mais ou menos - respondeu Aaron. - Digamos que eu captei essa mensagem dele.

- Fantasmas, espíritos e criaturas - disse Ryan, como se a cera de que era feito estivesse começando a se derreter de uma vez.

- Ora, papai, calma - disse Pierce, e naquele instante pareceu ser o mais velho dos dois.

- Gifford me disse que achava que o homem havia conseguido a passagem - comentou Ryan. - Foi a última conversa que tive com a minha mulher, e ela disse... - Ele parou.

Silêncio.

- Creio que estamos resolvidos quanto a uma questão, Michael - disse Aaron, com um toque de impaciência. - Que você fica por aqui.

- É, isso eu compreendi. Vou ficar. Mas quero ver todos aqueles relatórios. Quero me envolver em todos os níveis. Quero falar com esse Dr. Larkin.

- Há uma outra questão importantíssima - disse Aaron. - Ryan, por motivos óbvios, não concordou com a realização de uma autópsia em Gifford.

Ryan lançou-lhe um olhar furioso. Michael nunca havia visto Ryan tão cheio de uma hostilidade declarada. Aaron percebeu o mesmo e hesitou, evidentemente sem saber o que fazer por um átimo, antes de continuar.

- Mas há roupas manchadas de sangue que podem ser examinadas.

- Para quê? - perguntou Ryan. - O que minha mulher tem a ver com vocês? Ou com qualquer aspecto dessa história?

Aaron não pôde responder. De repente, pareceu perturbado. Emudeceu.

- Você está querendo me dizer que minha mulher teve algo a ver com essa coisa? Que ele a matou?

Aaron não respondeu.

- Papai, ela teve um aborto lá em Destin - disse Pierce. - E você e eu sabemos... - O rapaz parou de falar, mas o golpe havia sido desfechado. - Minha mãe era nervosíssima. Ela e meu pai...

Ryan não retrucou. Sua raiva havia se consolidado em algo pior. Michael abanou a cabeça antes de se controlar. O rosto de Mona estava impassível como sempre.

- Houve indícios de um aborto? - perguntou Aaron.

- Bem, ela sofreu uma hemorragia uterina - disse Pierce. - Foi isso o que o médico de lá disse, alguma espécie de aborto.

- Ele não sabe ao certo - disse Ryan. - Os médicos de lá declararam que ela morreu da perda de sangue. Isso era tudo o que sabiam. Perda de sangue. Ela começou a ter a hemorragia e não procurou ou não pôde procurar ajuda. Morreu na praia. Minha mulher era normal e carinhosa. Mas estava com quarenta e seis anos. É altamente improvável que tenha tido um aborto. Na realidade, a idéia é quase ridícula. Ela sofria de tumores fibróides.

- Papai, deixe que examinem o que restou, por favor. Quero saber por que mamãe morreu. Se foi pelos tumores, quero saber. Por favor. Todos nós queremos saber. Por que ela teve a hemorragia!

- Está bem - disse Ryan, espumando de raiva. - Você quer que sejam feitos esses exames nas roupas da sua mãe? - Ele fez como se jogasse as mãos para o alto.

- Quero - disse Pierce, com tranquilidade.

- Pois bem. Por você, então, esses exames serão feitos, por você e por suas irmãs. Faremos os exames. Descobriremos o que detonou a hemorragia.

Pierce ficou satisfeito, mas estava nitidamente preocupado com o pai. Ryan tinha mais a dizer, mas fez um gesto para que os outros esperassem. Manteve a mão direita erguida, fez mais um gesto hesitante e depois começou a falar.

- Farei o que puder nessas circunstancias. Prosseguirei a procura a Rowan. Mandarei examinar as roupas manchadas de sangue. Farei o que for correto e racional. O que for digno. Legal. Necessário. Mas eu não acredito nesse homem! Não acredito nesse fantasma. Nunca acreditei! E não tenho razão para acreditar nele agora. E, seja qual for a verdade disso tudo, ela não tem nada a ver com a morte da minha mulher!

- Mas voltemos ao caso de Rowan. Gifford está nas mãos de Deus. Rowan pode ainda estar nas nossas. Aaron, como podemos obter esses dados científicos, ou seja lá o que for, do Instituto Keplinger? Essa será a minha

prioridade. Descobrir como podemos reaver legalmente o material que Rowan enviou a Larkin. Vou agora até o escritório. Vou pôr as mãos nesse material. A herdeira do legado desapareceu, pode ter havido crime, procedimentos legais já foram tomados no que diz respeito a fundos, contas, assinaturas e coisas semelhantes. - Ele parou como se tivesse se esforçado ao máximo, olhando firme para a frente, como uma máquina cujo fornecimento de eletricidade foi cortado.

- Compreendo sua posição, Ryan - disse Aaron, em voz baixa. - Mesmo a testemunha mais conservadora pode dizer que há um mistério em torno dessa criatura.

- Você e a Talamasca - sussurrou Ryan. - Vocês fazem inferências. Observam. Testemunham. Examinam todas essas coisas intrigantes e lançam uma interpretação adequada às suas crenças, suas superstições, sua insistência dogmática de que o mundo dos fantasmas e dos espíritos é real. Isso eu não aceito. Acho que sua história da nossa família é algum tipo de... algum tipo de farsa deslumbrante, se quer saber a verdade. Não sei... vou começar uma investigação particular, de vocês, se você quer saber.

Aaron contraiu os olhos. Havia um toque de amargor, de azedume, na sua voz quando ele falou.

- Não posso culpá-lo - disse ele.

De repente, no seu rosto, algo de muito contrariado e desagradável. Repressão da raiva. Repressão da confusão ou da ambivalência. Michael percebia isso com maior intensidade agora do que antes. Aaron parecia estar fora de si, como dizem.

- As roupas estão com você, Ryan? - perguntou Aaron, forçando esse pedido desagradável, como se sentisse profundamente ter de fazê-lo. Descontava em Ryan esse seu ressentimento. - As roupas de Gifford. As que estava usando quando morreu.

- Droga - resmungou Ryan. Ele apanhou o telefone. Alguns segundos depois, estava em contato com sua secretária no centro da cidade. - Carla, aqui é Ryan. Ligue para a polícia em Walton County, na Flórida. Ligue para a casa

funerária. O que aconteceu com as roupas de Gifford? Preciso delas. Ele desligou o telefone.

- Alguma coisa mais? - perguntou. - Gostaria de ir ao escritório. Tenho trabalho a fazer. Tenho de voltar cedo para casa. Meus filhos precisam de mim. Alicia foi internada. Ela precisa de mim. Eu preciso ficar sozinho algum tempo. Preciso... preciso chorar a morte da minha mulher. Pierce, eu gostaria de ir embora agora. Que você viesse comigo. - Tudo isso foi muito apressado.

- Está bem, papai, mas quero ter notícias das roupas de mamãe.

- Pelo amor, de Deus, o que isso tem a ver com Gifford? - protestou Ryan.

- Meu Deus, será que vocês todos perderam a razão?

- Só quero saber - disse Pierce. - Você sabe... você sabe que mamãe estava com medo de vir aqui na terça-feira de Carnaval. Ela estava...

- Não, não continue. Não diga isso - disse Ryan. - Vamos nos ater ao que temos. Ao que sabemos. Faremos tudo o que qualquer um queira que façamos pelo motivo que for! E Michael, amanhã você terá à sua disposição tudo o que temos acerca de Rowan. Ora, pode estar disponível agora. Vou lhe mandar os dados da investigação inteira.

Mais uma vez, ele apanhou o telefone e digitou o número do escritório à velocidade da luz. Nem se incomodou em se identificar.

- Mande um mensageiro com uma cópia de todos os documentos referentes a Rowan - disse ele à pessoa do outro lado da linha. - É, tudo. Os detetives, as fotocópias dos cheques, qualquer recorte de papel que tenhamos sobre ela. O marido quer ver. Ele tem esse direito. É o marido. Tem... o direito.

Silêncio. Ele estava ouvindo.

- O que você está querendo dizer?

Seu rosto empalideceu e depois começou a corar, a enrubescer. Quando ele desligou o telefone, voltou o olhar para Aaron.

- Seus investigadores recolheram as roupas da minha mulher? Eles as levaram do instituto médico legal de Walton County e da casa funerária? Quem lhes disse que podiam fazer uma coisa dessas?

Aaron não respondeu. Mas Michael pôde ler no seu rosto a surpresa e o desnorteamento, Aaron não sabia. Estava tanto chocado quanto humilhado. Ele parecia estar repensando tudo aquilo, e depois encolheu os ombros com muita discrição.

- Sinto muito - disse Aaron, afinal. - Não autorizei ninguém a fazer isso. Peço-lhe desculpas. Vou me certificar de que tudo lhe seja devolvido imediatamente.

Agora Michael compreendia por que Aaron parecia estar fora de si. Algo estava acontecendo entre as fileiras, algo entre Aaron e a Ordem. Ele já havia pressentido isso antes, mas não soubera como interpretar.

- É melhor mesmo! – Disse Ryan. – Estou por aqui de estudiosos, segredos e gente espionando a vida alheia. - Ele se levantou. Pierce também.

- Vamos, papai - disse Pierce, mais uma vez assumindo o controle. - Vamos para casa. Hoje à tarde eu volto ao escritório. Vamos.

Aaron não se pôs de pé. Não ergueu os olhos até Ryan. Tinha o olhar perdido, e de repente pareceu estar se afastando deles, mergulhando nos seus próprios pensamentos. Estava aborrecido, mas era pior do que isso. Michael levantou-se e segurou a mão de Ryan. Também apertou a mão de Pierce, como sempre.

- Obrigado a vocês dois.

- É o mínimo que você poderia esperar - disse Ryan, desgostoso. - Amanhã nos vemos novamente, você e eu, Lauren e Randall. Nós vamos encontrar Rowan, se Rowan...

- ... puder ser encontrada - disse Mona.

- Já lhe disse para calar a boca - disse Ryan. - Quero que você vá para casa. A velha Evelyn está lá sozinha.

- E claro, alguém sempre está lá sozinho e vai precisar de mim, não é? - disse Mona. Ela trouxe a perna para a posição normal e se levantou, ajeitando o vestido infantil de algodão. As duas voltas da sua fita branca apareciam no alto da sua cabeça. - Já estou indo para casa. Não se preocupe.

Ryan ficou olhando para ela como se não pudesse suportar tudo aquilo nem mais um instante. Foi, então, na sua direção, segurou-a nos braços e a apertou de encontro ao peito. Houve um silêncio terrível e em seguida o som ainda mais terrível do seu choro: o soluço profundo, abafado, reprimido, de um homem, cheio de vergonha assim como de tristeza, um som que uma mulher raramente emitiria, quase anormal.

Pierce pôs o braço sobre o ombro do pai. Ryan empurrou Mona para trás, deu-lhe um beijo violento no rosto e depois apertou seu ombro e a soltou.

Ela também fora toda carinhosa na sua direção, abraçou-o e lhe beijou o rosto também. Ele saiu da biblioteca, acompanhando Pierce.

Quando a porta se abriu e se fechou, Michael ouviu um coro de vozes do corredor: a voz contida de Beatrice, a mais grave de Randall, e outras que ele não pôde identificar na confusão que se seguiu.

Michael percebeu que estava só com Aaron e com Mona. E Aaron não havia saído do lugar. Aaron estava com aquela aparência desanimada. Dava a impressão de estar gravemente atingido, como o próprio Michael estivera dias antes.

Mona escapuliu para um canto, luminosa como uma vela com seu cabelo flamejante, os braços cruzados, obviamente sem nenhuma disposição de sair.

- Diga-me o que está pensando - disse Michael a Aaron. - Essa é a primeira vez que realmente lhe pergunto desde que... aconteceu. O que você acha? Fale comigo.

- Você está querendo minha opinião abalizada - disse Aaron, com aquele mesmo toque de irritação, com os olhos desviados de Michael.

- Quero sua opinião sem preconceitos - disse Michael. - A recusa de Ryan a acreditar nessa historia toda é quase uma postura religiosa. O que houve que você esteve escondendo de mim?

Ele deveria pedir a Mona para ir embora, deveria acompanhá-la até lá fora, entregá-la a Bea, cuidar dela. Mas não fez nada disso. Simplesmente olhava para Aaron. O rosto de Aaron ficou tenso e voltou a relaxar.



- Não estive ocultando nada deliberadamente - disse ele, mas a voz não era típica sua. - Estou constrangido - prosseguiu, encarando Michael de frente. - Eu estava comandando essa investigação até Rowan ir embora. Achei que a estava comandando mesmo depois disso. Mas há fortes indícios de que agora os Anciãos estão no comando, de que a investigação se ampliou sem meu conhecimento. Não sei quem levou as roupas de Gifford. Esse não é o estilo da Talamasca. Você sabe que não é. Depois do desaparecimento de Rowan, pedimos permissão a Ryan para vir a esta casa, para tirar amostras do tapete manchado de sangue, do papel de parede. Teríamos pedido permissão a você, mas você não estava...

- Eu sei, eu sei ...

- Esse é o nosso modo de agir. Chegar depois da catástrofe, proceder com cuidado, observar, não concluir.

- Você não me deve explicações. Somos amigos, nós dois. Você sabe disso. Mas creio que posso dizer o que aconteceu. Essa deve ser uma investigação importantíssima para os Anciãos. Agora não temos um fantasma; temos um ser mutante. - Michael riu com ironia. - E esse ser está mantendo minha mulher prisioneira.

- Isso eu poderia ter dito - declarou Mona.

A total falta de reação de Aaron foi espantosa. Aaron estava com o olhar perdido, em profunda aflição e incapaz de fazer confidências a respeito do caso por se tratar de questões da Ordem. Afinal, ele voltou a olhar para Michael.

- Você está bem, está muito bem mesmo. O Dr. Rhodes diz que você é um milagre dele. Você vai ficar bom. Amanhã nos encontramos. Nós dois, mesmo que eu não tenha acesso à reunião com Ryan.

- Esse dossiê que estão mandando para cá - disse Michael.

- Já o vi - respondeu Aaron. - Estávamos colaborando juntos. Meus relatórios estão no dossiê. Você vai ver. Não sei o que aconteceu agora. Mas Beatrice e Vivian estão à minha espera. Beatrice está extremamente preocupada

com você, Mona. Além do mais, o Dr. Larkin. Ele quer falar com você, Michael. Pedi-lhe que aguardasse até amanhã. Ele está à minha espera agora.

- É, está bem. Estou querendo ler o relatório. Mas não deixe o Dr. Larkin escapulir.

- Ah, ele está feliz. Está conhecendo todos os bons restaurantes da cidade e esteve na farra a noite inteira com uma jovem cirurgiã de Tulane. Ele não vai escapar por entre nossos dedos.

Mona não disse nada. Ela ficou apenas observando quando Michael acompanhou Aaron até o corredor. Permaneceu no vão da porta, e Michael de repente teve a consciência penetrante da sua presença, do seu perfume, do seu cabelo vermelho refulgindo nas sombras, da fita amarrotada de cetim branco, de toda ela e de tudo o que havia acontecido, de que as pessoas estavam deixando a casa e de que logo ele poderá voltar a estar sozinho com ela.

Ryan e Pierce só agora estavam saindo pela porta da frente. As despedidas da família Mayfair eram tão prolongadas. Beatrice estava chorando mais uma vez, e garantindo a Ryan que tudo acabaria dando certo. Randall estava sentado na sala de estar, ao lado da primeira lareira, parecendo um imenso sapo cinza escuro na poltrona.

- Meus queridos, como vocês dois estão? - perguntou Bea, apressando-se a segurar a mão de Michael assim como a de Mona. Ela deu um beijo no rosto de Mona. Aaron passou por ela.

- Estou bem agora - disse Mona. - E mamãe?

- Está sedada. Está sendo alimentada por via endovenosa. Irá dormir a noite inteira. Não se preocupe nem mais um instante com ela. Seu pai está bem. Está fazendo companhia à velha Evelyn. Acho que Cecília está lá agora. Anne Marie está com a sua mãe.

- Foi o que imaginei - disse Mona, desgostosa.

- O que você quer fazer, querida? Quer que eu a leve para casa? Quer vir comigo e ficar lá em casa algum tempo? O que eu posso fazer por você? Você pode dormir esta noite comigo, ou no quarto com papel de parede de rosas.

- Eu estou bem - disse ela, recusando a oferta e encolhendo os ombros de um jeito descuidado e desrespeitoso. - Estou realmente bem. Daqui a pouco, vou andando para casa.

- E você! - disse Bea a Michael. - Olhem só. Já tem cor no rosto! Você nasceu de novo.

- É, parece que sim. Olhe. Tenho de pensar em tudo isso. Estão mandando para cá o arquivo sobre Rowan.

- Ai, não leia todos aqueles relatórios. É deprimente demais. - Ela se voltou para procurar Aaron, que estava parado ao longe encostado na parede.

- Aaron, não deixe que ele leia.

- Ele deveria ler, querida - respondeu Aaron. - E agora tenho de voltar para o hotel. O Dr. Larkin está à minha espera.

- Ah, você e esse médico. - Ela deu o braço a Aaron e o beijou no rosto enquanto seguiam na direção da porta. - Vou ficar esperando.

Randall havia se levantado para sair. Dois jovens da família saíram da sala de jantar para o corredor. As despedidas foram longas, cheias de palavras sentidas, súbitos soluços de dor e confissões de amor por Gifford, pela infeliz e bela Gifford, pela Gifford gentil e generosa. Bea voltou-se, correu a abraçar Michael e Mona juntos, beijou os dois e seguiu pelo corredor, num esforço óbvio para se afastar. Havia uma certa intimidade no seu jeito de dar o braço a Aaron, no jeito de Aaron ajudá-la a descer a escada. Randall saiu pelo portão antes deles.

E então não havia mais ninguém por lá. Mona ficou parada acenando do portal, com uma aparência perfeitamente descabida agora, com aquele seu vestido infantil com faixa na cintura, muito embora a fita branca no cabelo parecesse parte integrante dela.

Voltou-se e olhou para Michael. Bateu a porta com força atrás de si.

- E minha tia Viv, onde está! - perguntou Michael.

- Ela não pode salvá-lo, garotão - respondeu Mona. - Está lá em Metairie, consolando os outros filhos de Gifford, com tia Bernadette.

- E Eugenia?

- Você acredita que eu a envenenei? - Mona voltou pelo corredor, passando por ele, e entrou na biblioteca.

Ele a seguiu, inflexível, cheio de discursos e declarações virtuosas.

- Isso não vai acontecer novamente - começou ele, mas ela fechou a porta da biblioteca assim que ele estava ali dentro e o abraçou. Ele começou a beijá-la, descendo as mãos pelos seus seios e de repente mais abaixo para levantar a saia de algodão.

- Isso não pode estar acontecendo! - disse ele. - Não vou permitir. Você não está me dando uma oportunidade justa de...

O corpo jovem, macio, delicado de Mona o desarmou: a carne firme dos seus braços, das suas costas, dos quadris por baixo do tecido. Ela estava extremamente excitada, excitada como qualquer mulher adulta com quem ele tivesse feito sexo. Ele ouviu um pequeno ruído. Ela havia estendido a mão e trancado a porta da biblioteca.

- Console-me, homem. Minha tia querida acabou de morrer. Estou um caco. Não estou brincando. - Ela deu um passo atrás. Havia um brilho de lágrimas nos seus olhos. Ela fungou, dando a impressão de que talvez pudesse perder o controle.

Ela desabotoou o vestido de algodão e o deixou cair ao chão. Saiu de dentro da roda de tecido luminoso. E ele viu o sutiã muito branco, com suas taças de renda caríssima, bem como a pele macia e clara do estômago acima da cintura da anágua. As lágrimas escorriam de novo como antes, seu pranto silencioso. E então ela se jogou contra ele a abraçá-lo e beijá-lo enquanto descia com a mão entre as pernas dele.

Foi um fait accompli, como se diz. E depois seu sussurro muito leve quando eles estavam aconchegados um ao outro sobre o tapete.

- Não se preocupe.

Ele estava sonolento; parecia cair; mas não muito fundo. Não podia. Havia um excesso de coisas em que pensar. Começou a cantarolar. Como poderia não se preocupar com tudo? Não conseguia fechar os olhos. Cantarolava baixinho.

- A valsa de Violetta - disse ela. - Fique me abraçando só um pouquinho, está bem?

Parece que ele adormeceu ou afundou em alguma espécie de estado próximo à paz, com os dedos no pescocinho adorável e úmido de suor, e os lábios encostados na sua testa. Foi quando a campainha tocou, e ele ouviu Eugenia, demorando a atender, falando sozinha enquanto vinha.

- Estou indo, já estou indo.

Entregaram o relatório. Ele precisava vê-lo. Não sabia como apanhá-lo sem revelar a criança a dormir no tapete. Mas tinha de ver o relatório. Ele não havia demorado meia hora para ser entregue. Pensou em Rowan e sentiu tanto pavor que não conseguiu formular palavras sobre ele, tomar uma decisão ou sequer refletir.

Sentou-se, procurando recuperar forças, livrar-se da languidez do sexo e não ver essa menina nua adormecida em cima do tapete, com a cabeça descansada num ninho do próprio cabelo ruivo, a barriga tão macia e perfeita quanto os seios, tudo nela exuberante e sedutor. Michael, seu canalha, por ter podido fazer o que fez!

Houve a vibração surda da grande porta da frente sendo fechada. Eugenia voltou por ali, passo firme, em silêncio.

Vestiu-se e penteou o cabelo. Ficou olhando o gramofone. E, era exatamente esse o que ele havia visto na sala de estar, o que havia tocado para ele a valsa espectral. E ali estava o disco negro no qual a valsa espectral havia sido gravada muitas décadas atrás.

Ficou desnortado por um instante. Procurando afastar os olhos da criança reluzente, refletindo, assombrado de que por um átimo conseguisse estar calmo no meio de tudo aquilo. Mas você fez uma coisa dessas. Não conseguiu se manter no comando o tempo todo. E então pensou, minha mulher pode estar viva,

pode estar morta, mas preciso acreditar que esteja viva! E ela está com aquela coisa. A criatura deve precisar dela!

Mona virou-se. Suas costas eram brancas e perfeitas, os quadris, embora pequenos, proporcionados como os de uma mulherzinha. Nada de menino no seu corpo jovem. Decididamente feminina.

Pare de olhar para ela, homem. Eugenia e Henri estão por aí em algum canto. Você está se arriscando sem necessidade. Está pedindo para ser emparedado no porão.

Só que não há porão nenhum. Eu sei. Bem, então no sótão.

Ele abriu a porta devagar. Silêncio no grande corredor. Silêncio no salão duplo. Mas lá estava o envelope sobre a mesa da entrada, onde toda a correspondência e todas as entregas eram postas. Ele viu o conhecido nome da Mayfair & Mayfair, em relevo. Saiu na ponta dos pés, apanhou o envelope, apavorado de que a qualquer instante Eugenia ou Henri pudessem aparecer, e voltou para a sala de jantar. Ficaria sentado à cabeceira da mesa para ler os documentos e, assim, se alguém se aproximasse da porta da biblioteca, poderia impedir que entrasse.

Mais cedo ou mais tarde, ela acordaria e se vestiria. E depois? Ele não sabia. Só tinha esperança de que ela não fosse para casa, que não o deixasse aqui.

Que covarde imundo, pensou. Rowan, você compreenderia tudo isso? O engraçado era que Rowan talvez compreendesse. Rowan entendia os homens, mais do que qualquer outra mulher que ele jamais conhecera, até mesmo mais do que Mona. Ele ligou o abajur de pé junto à lareira, sentou-se à cabeceira da mesa e tirou o maço de fotocópias do envelope. Era exatamente o que lhe haviam falado.

Os especialistas em genética de Nova York e da Europa chegaram a ser sarcásticos quanto aos espécimes. "Parece ser uma combinação proposital de materiais genéticos de mais de uma espécie de primata."

O depoimento da testemunha ocular de Donnelaith foi o que o arrasou.

"A mulher estava doente. Ficava no quarto a maior parte do tempo. Mas, quando saía, saía com ele. Era como se ele insistisse para que ela saísse. Ela parecia estar doente, muito doente. Quase sugeri que ela procurasse um médico."

A certa altura, em Genebra, um funcionário de hotel descreveu Rowan como uma mulher magérrima de no máximo sessenta quilos. Isso foi para ele apavorante.

Examinou as fotocópias dos cheques forjados. Forjados! A assinatura nem chegava a ser boa. Uma caligrafia longa e antiquada da era elisabetana, meu Deus, como algo saído de um documento em pergaminho.

Pagável a Oscar Aldrich Tamen.

Por que teria escolhido esse nome? Quando Michael examinou o verso do cheque, compreendeu. Passaporte falso. O funcionário do banco anotara todos os dados.

Sem dúvida, estariam seguindo essa pista. Viu, então, a carta do escritório de advogados. Oscar Aldrich Tamen fora visto pela última vez em Nova York, em 13 de fevereiro. A esposa dera parte do seu desaparecimento no dia 16 do mesmo mês. Paradeiro desconhecido. Conclusão? Passaporte roubado. Ele fechou a pasta com ruído. Ergueu as mãos e apoiou o rosto nelas, procurando não sentir aquele pequeno aperto no coração, ou ter em mente que a dor era muito leve, nada além de uma ligeira pontada, e ele a sentia antes, há anos, não era?

- Rowan - disse ele em voz alta, como se fosse uma prece. Seus pensamentos voltaram ao dia de Natal, àquele seu último vislumbre dela quando ela lhe arrancou a corrente do pescoço e a medalha caiu.

Por que você me deixou? Corno pôde fazer isso!

E então uma vergonha terrível abateu-se sobre ele, uma vergonha e um medo. No fundo do seu coração cheio de egoísmo, ele se alegrara ao saber que a criatura demoníaca havia forçado Rowan, ao saber que os detetives achavam que Rowan estava sob coação! Alegrara-se por isso ter sido declarado diante do arrogante Ryan Mayfair. Ah, isso queria dizer que sua noivinha ardilosa não o havia corneado com o demônio! Ela o amava!

E pelo amor de Deus, o que isso significava para ela! Para sua segurança, seu destino, sua sorte! Meu Deus, pensou, como sou egoísta e desprezível. Mas a dor era tão grande, a dor da sua partida naquele dia, a dor da água gelada na piscina, as bruxas Mayfair no seu sonho, o quarto do hospital e a dor no seu coração quando subiu a escada pela primeira vez...

Ele cruzou os braços diante de si e, chorando em silêncio, pousou a cabeça na mesa.

Não sabia quanto tempo se passara. Sabia, porém, de tudo. Que a portada biblioteca não se abrisse, que Mona devia ainda estar dormindo e que seus criados sabiam o que ele havia feito, caso contrário já estariam rondando à sua volta. Que o crepúsculo chegara. Que a casa estava à espera de alguma coisa, ou presenciando alguma coisa.

Recostou-se, afinal, e viu que a luz lá fora era aquele branco luminoso do anoitecer da primavera, que conferia nitidez a cada folha, enquanto a luzdourada do abajur dava um tom alegre a sala ampla com suas pinturas antigas.

Um vizinha chegou aos seus ouvidos, cantando, fraca e distante. E aos poucos, ainda sentado muito quieto, ele percebeu que era a canção de Violetta no gramofone. Isso queria dizer que sua ninfa despertara; que ela estava em pé ligando o velho brinquedo. Ele precisava se recompor. Precisava conversar com ela sobre esses pecados mortais.

Levantou-se e foi se encaminhando devagar pela sala sombria até a biblioteca. A música atravessava forte a porta, a feliz canção de Violetta da Traviata. A valsa que tocavam quando Violetta estava alegre e com saúde, antes de começar a morrer em estilo tão maravilhosamente dramático. Por baixo da porta via-se uma luz, dourada e suave.

Ela estava sentada no chão, parcialmente levantada, apoiada nas mãos, nua como antes, com os seios soltos mas altos e da cor da pele de bebê. E os bicos rosados como os mamilos de bebês.

Não havia música nenhuma. Havia sido alguma ilusão sonora? Ela olhava fixamente através da janela para o alpendre de ferro fundido lá fora. E Michael viu



que a janela estava aberta. As venezianas, que Michael mantivera fechadas o tempo todo, apreciando os feixes da luz do sol, também estavam abertas. Ouviu-se um barulho alto na rua, mas era apenas um carro que passava, com excesso de velocidade para aquele cruzamento estreito e sombrio. Ela estava espantada. O cabelo, em desalinho. O rosto ainda sem expressão, com o que restava do sono.

- O que houve? - perguntou ele. - Alguém entrou por aquela janela?

- Tentou entrar - respondeu ela, com a voz sonolenta. - Você está sentindo esse cheiro? - Ela se voltou e olhou para ele. Antes que ele pudesse responder, ela começou a se vestir.

Michael foi até a janela e fechou as venezianas verdes imediatamente. O canto ali fora estava deserto ou extremamente escuro à sombra dos carvalhos. A iluminação de mercúrio da rua era como uma lua cheia enredada nos galhos ali acima. Michael desceu a vidraça e fechou o trinco. Deveria estar trancada o tempo todo! Ficou furioso.

- Você está sentindo o cheiro? - perguntou ela. Estava vestida quando ele se virou. A biblioteca estava totalmente escura agora que ele havia impedido a entrada da luz da esquina. Ela veio até ele e lhe virou as costas para que ele amarrasse a faixa de algodão do vestido.

- Droga, quem era? - Era gostosa a sensação do algodão engomado nos seus dedos. Ele amarrou a faixa da melhor maneira possível, nunca tendo feito isso antes para uma menininha, procurando dar uma bela forma ao laço quando terminou. Ela se voltou, olhando para a janela atrás dele.

- Você não sente o cheiro, não é? - Passou por ele e espiou pelo vidro, pelas venezianas. Depois, abanou a cabeça.

- Você não viu quem era, viu? - Ele estava com vontade de sair investindo pelo jardim afora, dar a volta ao quarteirão, e abordar qualquer desconhecido que encontrasse, esquadrinhar Chestnut Street e First Street, até encontrar algum suspeito. - Meu martelo, estou precisando dele.

- Do martelo?

- Eu não uso revólver, querida. O martelo sempre foi suficiente para mim. -  
Ele seguiu até o armário no corredor.

- Michael, a pessoa já se foi há muito tempo. Quando eu acordei, ele não estava mais ali. Eu o ouvi fugir correndo. Acho que... Não sei se ele sabia que havia gente aqui dentro.

Ele voltou. Algo branco brilhava no tapete escuro. A fita. Ele a apanhou e ela, distraída, a tomou da sua mão e a fixou no cabelo sem precisar de um espelho.

- Preciso ir - disse ela. - Tenho de ir visitar minha mãe, CeeCee. Já deveria ter ido antes. É provável que ela esteja morrendo de medo de estar num hospital.

- Você não viu absolutamente nada? - perguntou ele, acompanhando-a ao longo do corredor.

- Só senti aquele cheiro. Acho que foi o cheiro que me acordou, e então ouvi o barulho da janela.

Como Mona estava calma. Já Michael ardia com sua fúria protetora.

Ele abriu a porta da frente e saiu primeiro, indo até o final da varanda. Qualquer pessoa poderia estar escondida em algum canto ali fora, por trás dos carvalhos, atrás de um muro do outro lado da rua, até mesmo bem abaixado entre as imensas taiobas e palmeirinhas que enchiam seu próprio jardim. Meu próprio jardim:

- Estou indo embora, Michael. Ligo mais tarde - disse ela.

- Você deve estar louca se pensa que eu vou deixá-la sair assim para casa no escuro? Ficou maluca?

Ela parou na escada. Estava a ponto de protestar, mas ela também lançou um olhar cauteloso às sombras que os cercavam. Olhou pensativa para o alto, para os galhos e as sombras escuras de Chestnut Street.

- Tive uma idéia. Você me segue. E, quando ele der o bote, seja ele quem for, você o mata com seu martelo. Está com seu martelo aí?

- Idéia ridícula. Vou levá-la para casa de carro - disse ele, puxando-a para dentro e fechando a porta.

Henri estava na cozinha, exatamente como deveria, usando sua camisa branca e suspensórios, a beber uísque numa xícara de porcelana branca para que ninguém soubesse o que era. Largou o jornal e se levantou. É claro que ele levaria a criança para casa. Ou para o hospital? Sem dúvida. Como a senhorita Mona quisesse. Ele apanhou o paletó, que estava sempre à disposição na cadeira atrás dele.

Michael saiu com eles até a entrada de automóveis, desconfiado da escuridão, e se certificou de que chegassem em segurança ao carro. Mona acenou, um borrão de cabelos ruivos à janela. Ele sentiu uma fisgada de anseio por ela quando o carro se afastou, porque permitiu que ela se fosse sem um abraço de despedida, e então ficou envergonhado por esse sentimento.

Voltou para dentro, trancando a porta da cozinha atrás de si. Voltou ao armário do comedor. Sua velha caixa de ferramentas estava ali, no primeiro andar, debaixo da escada. Essa casa era tão grande que se precisava ter uma caixa de ferramentas para cada andar. Mas essas eram suas antigas ferramentas, suas preferidas. E esse era seu velho martelo de carpinteiro, com o cabo de madeira todo marcado, aquele que usara todos esses anos em San Francisco.

Foi dominado por uma estranha percepção, e segurou mais forte o martelo, voltando para espiar novamente pela janela da biblioteca. Esse martelo havia pertencido ao seu pai. Ele o levava para San Francisco quando era menino, com todas as outras ferramentas do pai. Era bom ter algo do seu pai, uma coisinha ou duas, em meio a essa imensa fortuna Mayfair meticulosamente controlada. Ergueu o martelo. Adoraria arrebentar o crânio do ladrão, pensou.

Como se já não tivéssemos problemas suficientes nesta casa, algum filho da mãe ainda tenta arrombar a janela da biblioteca!

A menos que...

Ele acendeu a lâmpada mais próxima ao canto e examinou o pequeno gramofone. Todo empoeirado. Ninguém havia tocado nele. Michael não sabia se

podia tocar nele ou não. Ajoelhou-se e pôs os dedos no feltro macio do prato. Os discos da Traviata estavam no álbum grosso, velho e desbotado. A manivela estava ali ao lado. Tudo parecia impossível de tão velho. Quem fizera a valsa soar duas vezes nesta casa, se o próprio gramofone estava inerte e coberto de pó?

Houve um ruído na casa, um estalido, como se alguém estivesse andando. Talvez Eugenia. Talvez não.

- Droga - exclamou. - Será que o filho da puta está aqui dentro?

Começou imediatamente uma busca. Cobriu todo o primeiro andar, aposento por aposento, escutando, vigiando, examinando as luzinhas nos painéis de controle do alarme que lhe diziam se alguém estava se movimentando em outros cômodos mais adiante. Subiu, então, as escadas e cobriu também o segundo andar, espiando em armários e banheiros nos quais não entrara todo esse tempo, e até mesmo no quarto da frente, onde a cama estava feita e havia um vaso de rosas amarelas sobre o consolo da lareira.

Tudo parecia em ordem. Eugenia não estava ali, mas, da varanda dos criados, ele via à distância nos fundos a casa de hóspedes, toda iluminada como se estivessem dando uma festa. Era Eugenia. Ela sempre acendia todas as lâmpadas. Ela e Henri agora trabalhavam em turnos, e essa era, portanto, sua vez de ficar sozinha lá atrás, com o rádio ligado na cozinha além da televisão sintonizada num seriado qualquer.

As árvores escuras balançavam ao vento. Ele via o gramado imóvel, a piscina, as lajes. Nada se mexia a não ser as árvores, que faziam com que as luzes da distante casa de hóspedes pudessem piscar ilusoriamente.

Passou ao terceiro andar. Tinha de verificar cada santinho. Encontrou tudo imóvel e na escuridão. O pequeno patamar no alto da escada estava vazio. A luz da rua entrava pela janela. O depósito estava com a porta aberta, todo de prateleiras vazias, brancas, limpas e à espera de alguma coisa. Ele se voltou e abriu a porta do antigo quarto de Julien, sua própria oficina.

A primeira coisa que viu foram as duas janelas do outro lado: a da direita, junto à qual Julien morrera na sua cama estreita, e a da esquerda, pela qual Antha fugiu só para encontrar a morte ao cair da beira do telhado da varanda.

Como dois olhos, essas janelas.

Os estores estavam enrolados, e a luz suave do anoitecer se derramava sobre o piso de tábuas nuas e sobre sua prancheta. Só que essas não eram tábuas nuas. Pelo contrário, um tapete muito surrado estava ali e, onde deveria ter estado sua prancheta, estava a cama estreita de latão, que há muito havia sido tirada dali. Tateou para encontrar o interruptor.

- Por favor, não acenda a luz. - A voz era desgastada e delicada, francesa.

- Quem é você, afinal?

- Julien - foi a resposta sussurrada. - Pelo amor de Deus. Não fui eu quem chegou até a porta da biblioteca! Entre agora enquanto é tempo, e deixe-me falar com você.

Michael fechou a porta atrás de si. Sentia um calor intenso no rosto. Suava, e sua mão segurou o martelo com mais força. Mas ele sabia que era a voz de Julien, porque já a ouvira antes, lá no alto acima do mar, numa outra dimensão, a mesmíssima voz, falando com ele em tom baixo e muito rápido, como que expondo suas razões para ele e dizendo que ele poderia recusar.

Pareceu que a névoa fosse se dissipar. Ele veria mais uma vez o Pacífico cintilante, seu próprio corpo afogado sobre as ondas agitadas, e se lembraria de tudo. Mas nada disso ocorreu. O que aconteceu foi infinitamente mais assustador e empolgante! Ele viu uma silhueta escura junto à lareira, com o braço sobre o consolo, pernas magras e longas. Viu o cabelo macio, branco à luz que entrava pelas janelas.

- Eh bien, Michael, estou tão cansado. É tão difícil para mim.

- Julien! Eles queimaram o livro? A história da sua vida.

- Oui, mofa fits - disse ele. - Minha querida Mary Beth queimou cada página daqueles livros. Tudo o que escrevi... - Sua voz era baixa, com um triste

assombro, um leve erguer de sobrancelhas. - Entre, chegue mais perto. Sente-se. Por favor. Você precisa me ouvir.

Michael obedeceu, sentando-se na poltrona de couro, a que ele sabia ser real, perdida entre tantos objetos estranhos e empoeirados. Ele tocou na cama. Sólida. Ouviu o rangido das molas! Tocou no edredom de seda. Verdadeiro. Estava deslumbrado, maravilhado.

No consolo da lareira estava um par de castiçais de prata. A figura voltou-se e, com o súbito riscar de um palito de fósforo, acendeu os pavios. Seus ombros eram estreitos, porém retos. Parecia elegante, alto, inatingível pela idade.

Quando voltou a olhar para Michael, a luz amarela aconchegante espalhou-se por trás dele. Estava ali, perfeitamente concretizado, os olhos azuis muito alegres e francos, o rosto quase embevecido.

- Isso, menino, olhe para mim! Ouça minhas palavras. Você agora precisa agir. Mas deixe-me contar minha história. Ah, você percebeu? Minha voz está ficando mais forte.

Era uma linda voz, e nem uma sílaba era desperdiçada com Michael, que toda a vida adorara as vozes bonitas. Era uma voz antiquada, como as vozes empossadas daqueles astros de cinema dos velhos tempos de quem ele tanto gostava, atores que transformavam em arte a simples fala. Ocorreu-lhe, então, nesse seu estranho atordoamento, que talvez tudo isso fosse mais fruto da sua fantasia.

- Não sei de quanto tempo disponho - disse o fantasma. - Não sei onde estive enquanto esperei por este momento. Faço parte dos mortos presos à terra.

- Eu estou aqui. Estou prestando atenção. Não vá embora. Faça o que quiser, mas não vá!

- Se você ao menos soubesse como foi difícil chegar aqui. Como tentei, e sua própria alma fechava as portas a mim.

- Eu tenho medo de espíritos - disse Michael. - É uma característica irlandesa. Mas agora você já sabe.

Julien sorriu e se recostou no consolo, cruzando os braços e as pequenas chamas das velas dançaram como se ele realmente fosse de carne e osso e tivesse deslocado o ar. E ele aparentava ser perfeitamente sólido com seu casaco preto de lã e sua camisa de seda. Usava calças compridas e sapatos antiquados, de abotoar, muito bem engraxados. Quando sorriu, seu rosto de rugas delicadas, com os cabelos brancos cacheados e os olhos azuis, pareceu ficar ainda mais nítido.

- Vou contar minha história - disse ele, como diria um professor simpático.
- Não me condene. Aceite o que tenho a dar.

Michael foi dominado por uma combinação inexplicável de confiança e empolgação. Aquilo que ele havia temido esse tempo todo, aquilo que o havia atormentado, estava agora aqui; era seu amigo e estava com ele. Só que Julien nunca havia sido no fundo o que devia temer.

- Você é o anjo, Michael. Você é o único que ainda tem uma oportunidade.
- Quer dizer que a guerra não acabou.
- Não, mon fils, não mesmo.

Ele pareceu perturbado de repente, extremamente triste e pensativo, e por um átimo Michael ficou apavorado de medo que a visão se apagasse. Mas ela só ficou mais forte, com um colorido mais intenso, quando Julien fez um gesto para o canto mais distante do quarto e sorriu.

Lá estava a pequena caixa de madeira do gramofone, sobre uma mesa aos pés da cama de latão!

- O que é real neste quarto? - perguntou Michael, baixinho. - E o que é aparição?

- Mon Dieu, ah, se eu soubesse. Eu nunca soube. - Ampliou-se o sorriso de Julien, e mais uma vez ele se encostou, descontraído, no consolo da lareira, com os olhos refletindo a luz das velas, enquanto ele, quase sonhador, olhava de um lado para o outro para as paredes do quarto. - Ah, um cigarro! Ah, um copo de vinho tinto! - sussurrou. - Michael, quando você não puder mais me ver, quando nós nos deixarmos, Michael, toque a valsa para mim. Eu a toquei para você. -

Seus olhos passeavam pelo teto, implorando. - Toque-a todos os dias para evitar que eu continue por aqui.

- Eu a tocarei, Julien.

- Agora, preste bem atenção...

## **Capítulo 10**

Nova Orleans era simplesmente um lugar fabuloso. Lark não se importava se nunca fosse embora dali. O Pontchartrain Hotel era pequeno, mas perfeitamente confortável. Deram-lhe uma suíte espaçosa com vista para a Avenue, com uma mobília tradicional, simpática, e a comida do Caribbean Room era a melhor que ele um dia provaria. San Francisco podia ficar esperando um tempo. Hoje, ele havia dormido até o meio-dia, tomando depois um fantástico desjejum sulino. Quando voltasse para casa, ia aprender a preparar canjiquinha. E esse café com chicória era engraçado. Tinha um sabor horrível da primeira vez, e depois não se podia passar sem ele.

Já a tal família Mayfair o estava enlouquecendo. Já estava no final da tarde do segundo dia na cidade, e não conseguira nada. Estava sentado no longo sofá de veludo dourado, uma peça muito confortável em forma de L, com o tornozelo pousado no joelho, fazendo anotações no seu caderno, enquanto Lightner dava um telefonema no outro aposento. Lightner estava realmente cansado ao voltar para o hotel. Lark calculava que ele preferiria estar dormindo lá em cima no seu próprio quarto agora. E um homem daquela idade devia tirar uma sesta. Ele não podia simplesmente ficar em atividade as vinte e quatro horas do dia, como Lightner estava fazendo.

Lark percebeu que a voz de Lightner se alterava. Alguém do outro lado da linha telefônica em Londres, ou fosse lá onde fosse, o estava deixando exasperado.

É claro que não era culpa da família que Gifford tivesse morrido de forma inesperada em Destro, na Flórida, que os dois últimos dias tivessem sido



dedicados em sua totalidade a um velório, um enterro e uma dor intensa e constante que Lark raramente havia testemunhado na vida. Lightner havia sido afastado repetidas vezes pelas mulheres da família, para cumprir pequenas tarefas, para oferecer consolo e conselhos. Lark mal havia trocado duas palavras com ele.

Na noite anterior, Lark fora ao velório por pura curiosidade. Não podia imaginar Rowan Mayfair vivendo com esses sulistas estranhos e tagarelas, que falavam dos vivos e dos mortos com o mesmo entusiasmo. E que gente bonita e cortês. Parecia que todos eles possuíam um BMW, um Jaguar ou um Porsche. As jóias aparentavam ser verdadeiras. A combinação genética incluía uma boa aparência, não importa o que mais viesse junto.

E lá estava o marido. Todos protegiam esse Michael Curry. O homem parecia perfeitamente normal. Na realidade, parecia tão bem de saúde quanto os outros. Bem nutrido, bem tratado. Sem dúvida, nada parecido com alguém que acabou de sofrer um ataque do coração.

Só que Mitch Flanagan, lá na costa oeste, estava agora analisando o DNA de Curry, e dissera que o caso era altamente estranho, que Curry tinha o mesmo padrão genético de Rowan. Flanagan dera um "jeitinho", como o Instituto Keplinger sempre fazia, para obter os dados de Michael Curry sem seu conhecimento ou permissão. Mas agora Lark não conseguia entrar em contato com Flanagan!

Flanagan não atendera o telefone ontem à noite, nem hoje pela manhã. A secretária eletrônica repetia a Lark a mesma conversa fiada e o convite rotineiro para que ele deixasse seu telefone.

Lark não estava gostando nem um pouco daquilo. Por que Flanagan o estava pondo para escanteio? Lark queria ver Curry. Queria conversar com ele, fazer-lhe certas perguntas.

Era gostoso ficar se divertindo e tudo o mais (depois do velório, ontem, ele havia bebido em excesso), e hoje à noite estava programado que jantaria no Antoine's com dois médicos amigos de Tulane, os dois tremendos bebedores, mas

ele estava aqui profissionalmente, e agora que a Sra. Ryan Mayfair estava enterrada, talvez eles pudessem adiantar o seu lado.

Ele parou de escrever quando Lightner entrou de volta na sala.

- Más notícias? - perguntou.

Lightner sentou no lugar de costume, na cadeira de espaldar ajustável, e meditou, com o dedo dobrado sob o lábio inferior, antes de responder. Era um homem claro, com cabelos brancos muito bonitos e uma conduta pessoal muito afável. Também estava realmente exausto. Lark achou que era o coração que inspirava cuidado.

- Bem - disse Lightner -, estou numa posição incômoda. Parece que Erich Stolov foi quem assinou um documento para receber as roupas de Gífford na Flórida. Ele esteve aqui. Recolheu as roupas na casa funerária. E agora desapareceu, e ele e eu não tocamos nesse assunto. Mas ele faz parte da sua turma.

- É - respondeu Aaron, com uma pequena careta sarcástica. - Faz parte da minha turma. E a recomendação dos Anciãos de acordo com o novo superior geral é no sentido de que eu não questione "essa parte" da investigação.

- Então, o que isso tudo quer dizer?

Lightner calou-se um pouco antes de responder. Depois, ergueu os olhos.

- Você falou alguma coisa anteriormente a respeito de exames genéticos da família inteira. Você vai querer abordar esse assunto com Ryan? Creio que amanhã de manhã não será cedo demais para isso.

- Ah, sou a favor, sim. Mas você tem consciência de quais podem ser as conseqüências? Quer dizer, são eles basicamente que correm o risco. Se descobrirmos problemas congênitos, se descobrirmos predisposições a certas enfermidades, bem, esses dados poderiam afetar tudo, desde a qualificação para seguros até a seleção para a vida militar. E, eu quero fazer esses exames, sim, mas por enquanto preferia muito mais me concentrar em Curry. E nessa mulher, Gifford. Não há forma de conseguirmos dados sobre Gifford? Veja bem, vamos dedicar algum tempo a isso. Esse Ryan Mayfair é um advogado bastante

competente, ao meu ver. Ele não aceitará um exame genético da família inteira. Seria um tolo se permitisse ou incentivasse uma coisa dessas.

- E eu não estou gozando das boas graças dele agora. Se não fosse por minha amizade com Beatrice Mayfair, ele estaria sentindo suspeitas ainda mais fortes a meu respeito, e com razão.

Lark havia visto a mulher em questão. Chegara ontem ao hotel com a notícia da morte trágica em Destin. Uma mulher graciosa, de cintura fina, com cabelos grisalhos escovados para o alto da cabeça, e um dos liftings mais bem feitos que ele vira nos últimos anos, embora ele imaginasse que provavelmente não se tratasse do primeiro. Olhos brilhantes, bochechas perfeitas, só uma pequena reentrância reveladora abaixo do queixo, e o pescoço liso como o de uma jovem. Quer dizer que ela e Lightner mantinham um romance. Ele deveria ter calculado pelo que viu no velório. Ela estava agarrada desesperadamente a Lightner; e Lark viu Lightner beijá-la diversas vezes. Lark esperava ter esse tipo de sorte quando chegasse aos oitenta, supondo-se que chegasse lá. Se não parasse de encher a cara, talvez não chegasse.

- Olhe, Lightner, se Gifford Mayfair tiver um prontuário médico nesta cidade, creio que posso ter acesso a ele através do Keplinger, confidencialmente, sem perturbar ou alarmar ninguém.

Lightner franziu o cenho e abanou a cabeça como se considerasse a proposta de extremo mau gosto.

- Mais uma vez sem permissão, não - disse ele.

- Ryan Mayfair jamais saberá. Deixe por nossa conta, o serviço secreto da medicina, ou como quiser chamar. Mas quero me encontrar com Curry.

- Compreendo. Podemos marcar para amanhã também. Talvez mais tarde hoje mesmo. Preciso pensar.

- Pensar em quê?

- Em tudo isso. Por que os Anciãos permitiriam que Stolov chegasse aqui e interferisse desse modo, correndo o risco de desagradar a família. - O homem parecia estar pensando em voz alta, não dirigindo realmente seus comentários a

Lark à espera de uma resposta. - Sabe, passei toda a minha vida investigando a paranormalidade. Nunca me envolvi tanto com uma família como agora. Sinto uma lealdade crescente para com eles, e uma preocupação também crescente. Sinto vergonha por não ter interferido antes de Rowan ir embora, mas os Anciãos me haviam transmitido uma diretriz muito específica.

- Ora, está óbvio que eles também acham que há algo de estranho em termos genéticos com essa família - disse Lark. - Eles também estão à procura de traços hereditários. Meu Deus, pelo menos seis pessoas no velório ontem à noite me disseram que Gifford era paranormal. Disseram que ela via “o homem”, algum tipo de fantasma da família. Disseram que ela era muito mais poderosa do que deixava transparecer. Creio que seus amigos da Talamasca estão simplesmente seguindo a mesma pista.

Lightner não foi rápido na resposta.

- Mas o caso é exatamente esse. Deveríamos estar seguindo a mesma pista, mas não tenho certeza se estamos. Tudo é muito... enigmático.

O telefone os interrompeu, um toque baixo, vibrante, do aparelho que estava ao lado do sofá e que dava uma impressão grotescamente moderna em meio a toda aquela mobília de mogno e veludo. Lark atendeu.

- Dr. Larkin - disse, como sempre dizia onde quer que atendesse o telefone, até mesmo uma vez quando um telefone público que recebia chamadas tocou num aeroporto, despertando-o subitamente de seus devaneios.

- Aqui é Ryan Mayfair. O senhor é o médico vindo da Califórnia?

- Ele mesmo, prazer em falar com o senhor, Sr. Mayfair. Não quis incomodá-lo logo no dia de hoje. Posso ficar por aqui até amanhã.

- Aaron Lightner está com o senhor?

- Está, sim. Quer falar com ele?

- Não. Ouça, por favor. Edith Mayfair morreu hoje pela manhã de hemorragia uterina. Edith Mayfair era neta de Lauren Mayfair, filha de Jacques Mayfair, meu primo e primo de Gifford. Primo de Rowan, também. Exatamente o mesmo que aconteceu com a minha mulher. Edith aparentemente sangrou até

morrer sozinha no seu apartamento em Esplanade Avenue. Sua avó a encontrou hoje à tarde, após o enterro. Creio que deveríamos conversar sobre essa história de exames genéticos. Pode ser que haja problemas... começando a surgir na família.

- Meu Deus - sussurrou Lark.

A voz do homem era tão neutra, tão fria.

- O senhor poderia vir até meu escritório no centro? - perguntou Ryan Mayfair. - E pedir a Aaron Lightner que o acompanhe?

- Claro. Estaremos aí em...

- Dez minutos - disse Lightner, já de pé. Ele tomou o telefone da mão de Lark.

- Ryan - disse ele. - Mande avisar a todas as mulheres da família. Você não quer alarmar ninguém, mas nenhuma das mulheres deveria ficar sozinha por enquanto. Se algo acontecer, deve haver alguém ao lado que possa chamar socorro médico. É óbvio que nem Edith nem Gifford puderam fazer isso. Sei o que estou pedindo... É. É. Todas elas. Todas. É exatamente esse o caminho a seguir. E, estaremos aí em dez minutos.

Os dois homens saíram da suíte, preferindo o curto lance da escada até a rua ao elevador elegante e pequeno.

- O que você acha que está acontecendo? - perguntou Lark. - Quer dizer, o que isso significa, essa outra morte idêntica à de Gifford Mayfair?

Lightner não respondeu. Estava carrancudo e impaciente.

- E por falar nisso, você tem super audição? Como soube o que ele estava me dizendo ao telefone?

- Super audição – Sussurrou Lightner, distraído.

Saíram rapidamente pela porta da frente e entraram direto num táxi que esperava passageiros. O ar ainda tinha seu frescor, mas havia um toque de calor perfumado impregnado nele. Para onde olhasse, Lark via muito verde, e um eventual exemplo de beleza desmazelada: talvez um poste antigo, ou uma sacada

de ferro na parte superior de uma casa por trás de uma fachada comercial de estuque.

- Creio que o ponto principal é - disse Lightner, mais uma vez falando consigo mesmo tanto quanto com Lark - o que vamos contar para eles. Você sabe muito bem o que está acontecendo. Isso não tem nada a ver com problemas genéticos, a não ser na interpretação mais ampla desses termos.

O motorista do táxi fez um balão e saiu a toda pela Avenue, jogando-os um contra o outro de uma forma desagradável, no banco de couro.

- Não estou entendendo - disse Larkin. - Não sei o que está acontecendo. É alguma espécie de síndrome, como a do choque tóxico.

- Ora, homem, vamos lá. Nós dois sabemos. Ele está tentando procriar com elas. Foi você mesmo quem me contou, não foi? Rowan disse que queria saber se a criatura tinha condições de procriar com seres humanos ou com ela. Ela queria um exame genético completo de todo o material.

Lark estava perplexo. Ele francamente não havia pensado nisso, e percebeu mais uma vez que realmente não tinha certeza se acreditava ou não nessa nova espécie de ser, nessa criatura do sexo masculino que nascera de Rowan Mayfair. No fundo da sua mente, ele ainda partia do pressuposto de que tudo isso teria alguma explicação "natural",

- E é natural - disse Lightner. - A palavra natural é enganosa. Pergunto-me se chegarei a pôr os olhos nessa criatura antes de chegar a minha hora. Eu me pergunto se ele realmente raciocina, se possui o autocontrole dos humanos, se existe alguma estrutura moral na sua mente, supondo-se que ele tenha uma mente como a conhecemos...

- Mas você está falando sério quando afirma que ele possa estar atacando essas mulheres?

- Claro que estou - disse Lightner. - É óbvio. Por que você acha que a Talamasca apanhou as roupas ensangüentadas de Gifford? Ele a engravidou, e ela perdeu a criança. Olhe, Dr. Larkin, é melhor esclarecer essa história toda.

Compreendo seu interesse científico e sua lealdade para com Rowan, mas podemos não ter mais nenhum contato com ela.

- Meu Deus.

- O principal é que você deixe claro o que sabe. Temos de contar a essa família que a criatura a está rondando. Não temos tempo para conversas vagas sobre doenças genéticas e exames genéticos. Não temos tempo para sair por aí recolhendo material. A família é vulnerável demais. Você percebeu que essa mulher morreu hoje? Morreu enquanto a família estava enterrando Gifford!

- Você a conhecia?

- Não, mas sei que tinha trinta e cinco anos, era uma reclusa por natureza, e algo assim como uma maluca na família, que é como eles as chamam, e das quais existe um bom número. Sua avó, Lauren Mayfair, não aprovava muito sua conduta. Na verdade, tenho um bom palpite de que ela foi visitá-la hoje à tarde para lhe passar um sermão por não ter comparecido ao enterro da prima.

- Bem, ela sem dúvida tinha uma boa desculpa, não é? - disse Lark, arrependendo-se imediatamente. - Meu Deus, se eu tivesse uma pista que fosse do paradeiro de Rowan.

- Como você é otimista - comentou Lightner, em tom sombrio. - Nós temos um monte de pistas, não temos? Mas elas não indicam que você ou eu voltemos um dia a ver Rowan Mayfair ou a falar com ela.

## **Capítulo 11**

O recado estava à sua espera quando ele retirou sua passagem para Nova Orleans. Ligue para Londres imediatamente.

- Yuri, Anton quer conversar com você. - Não era uma voz conhecida. - Ele quer que você fique em Nova York até Erich Stolov chegar aí. Erich pode ir ao seu encontro em Nova York amanhã à tarde.

- Por que isso, na sua opinião? - perguntou Yuri. Quem era essa pessoa? Nunca ouvira essa voz antes, e no entanto a pessoa falava como se o conhecesse.

- Ele acha que você vai se sentir melhor se conversar com Stolov.

- Melhor? Melhor do que o quê?

No que lhe dizia respeito, parecia não haver nada que dissesse a Stolov que já não houvesse dito a Anton Marcus. Não conseguia entender essa decisão de modo algum.

- Já temos um quarto para você, Yuri - disse a mulher. - Fizemos reserva no St. Regis. Erich ligará para lá amanhã à tarde. Quer que mandemos um carro para apanhá-lo? Ou prefere tomar um táxi?

Yuri pensou no assunto. Dentro de menos de vinte minutos, haveria a chamada para o seu avião. Olhou para a passagem. Não sabia o que estava sentindo ou pensando. Seus olhos vagavam pelo longo saguão, com o fluxo variegado de passantes. Bagagem, crianças, funcionários de uniforme com seus ombros arredondados. Jornais numa caixa plástica escurecida. Os aeroportos do mundo. Ele não teria podido dizer a partir desse lugar se estava em Washington, D.C., ou em Roma. Não havia pardais. Quer dizer que não podia ser o do Cairo. Mas poderia ser o de Frankfurt ou Los Angeles.

Passavam por ele indianos, árabes, japoneses. E os inúmeros indivíduos inclassificáveis, que poderiam ter sido canadenses, americanos, britânicos, australianos, alemães, franceses, como se poderia saber?

- Yuri, está me ouvindo? Por favor vá para o St. Regis. Erich quer conversar com você, quer pô-lo a par da investigação pessoalmente. Anton está muito preocupado.

Ah, então era isso, o tom conciliatório, a simulação de que ele não havia desobedecido uma ordem, de que não havia saído da casa. A estranha intimidade e delicadeza de alguém que ele sequer conhecia.

- O próprio Anton está ansioso para falar com você - disse ela. - Ele ficará decepcionado ao descobrir que você ligou quando ele não estava. Permita que eu



conte a Anton que você vai para o St. Regis. Podemos arrumar um carro. Isso não é problema.

Como se ele, Yuri, não soubesse! Como se não tivesse tomado milhares de aviões, dirigido milhares de carros e se hospedado em milhares de quartos de hotel, tudo reservado pela Ordem! Como se não fosse um desertor!

Não, tudo isso estava errado. Eles nunca eram grosseiros, jamais, mas não falavam dessa forma com Yuri, que conhecia seu estilo perfeitamente.

Seria esse o tom a usar com alopados que deixam a casa-matriz sem permissão, pessoas que simplesmente davam o fora após anos de obediência, dedicação e apoio?

Seus olhos foram parar numa figura, a de uma mulher, parada encostada na parede mais distante. Tênis, jeans, um casaco de lã. Indefinível, a não ser pelo cabelo curto e escuro. Escovado para trás, bem bonito. Olhos pequenos. Ela fumava um cigarro e tinha as mãos nos bolsos. Por isso, prendia o cigarro com os lábios. Estava olhando para ele. Direto para ele. E ele compreendeu. Foi apenas uma percepção parcial, mas suficiente. Baixou os olhos, murmurou algumas palavras no sentido de que pensaria no assunto, sim, de que provavelmente fosse para o St. Regis, que chamaria de novo do hotel.

- Ah, ouvir isso me dá um alívio tão grande - disse aquela voz afetuosa, adúladora. - Anton vai ficar tão satisfeito.

- Aposto que sim. - Ele desligou, pegou a bolsa e seguiu pelo saguão do aeroporto. Não observou os números dos diversos portões, os nomes das lanchonetes, das livrarias, das lojas de presentes. Andou muito, sem parar. A certa altura, virou à esquerda. E em seguida foi até um portão imenso que fechava esse setor do terminal, deu meia-volta e voltou muito depressa pelo mesmo caminho que vinha percorrendo.

Quase deu um encontrão nela, de tão perto que ela estava dele. Ficou de frente para ela, e ela, assustada, afastou-se de lado. Quase tropeçou. Corou.

Lançou-lhe um olhar rápido e seguiu por um pequeno corredor, desaparecendo por uma porta de serviço para não mais ser vista. Ele esperou. Ela

não voltou. Não queria que ele a visse novamente ou que chegasse perto dela. Yuri sentiu um arrepio na nuca.

Seguindo um instinto, devolveu a passagem. Procurou outra empresa e seguiu para o sul por uma outra rota, menos óbvia. Viajaria até Nashville, depois a Atlanta e afinal até Nova Orleans. Seria mais demorado, mas teriam maior dificuldade para encontrá-lo.

Parou numa cabine telefônica o tempo suficiente para mandar um telegrama para si mesmo no St. Regis, que ficasse à espera da sua chegada, que é claro jamais aconteceria.

Isso não era nada divertido. Anteriormente, ele já havia sido perseguido por policiais em vários países. Uma vez havia sido seguido sorrateiramente por um rapaz irado e perverso. Chegara a ser atacado algumas vezes em brigas de bar, quando seu mundo o leva a ralé de algum cortiço ou porto. Uma vez fora detido pela polícia em Paris, mas tudo havia sido esclarecido. Com essas coisas ele sabia lidar.

E o que era isso que lhe estava acontecendo agora?

Dentro dele, havia um sentimento terrível, uma mistura de desconfiança e raiva, uma sensação de traição e perda. Precisava conversar com Aaron. Mas não tinha tempo para isso. Além do mais, como poderia sobrecarregar Aaron com uma coisa dessas agora? Queria ir até Aaron, ser-lhe útil, não confundi-lo com alguma história maluca de estar sendo seguido num aeroporto, de uma voz desconhecida no telefone de Londres.

Por um átimo, sentiu-se tentado a mandar tudo para o alto, a ligar de volta, exigir falar com Anton, perguntar o que estava acontecendo e quem era essa mulher que o seguia no aeroporto.

No entanto, não tinha animo nenhum para isso, nenhuma confiança de que essa atitude fosse gerar algum resultado.

Essa era a parte horrível. Absolutamente nenhuma confiança de que adiantaria alguma coisa. Alguma coisa havia acontecido. Alguma mudança.

O vôo estava saindo. Ele olhou em volta e não viu a mulher. Mas isso não significava nada. Foi, então, embarcar no outro vôo.

Em Nashville, procurou um serviço de fax e escreveu uma longa carta direta aos Anciãos em Amsterdã, contando-lhes tudo o que ocorrera. "Voltarei a entrar em contato com vocês. Sou leal. Sou digno de confiança. Não compreendo o que aconteceu. Vocês me devem uma explicação pessoal dos motivos pelos quais me ordenaram a não mais falar com Aaron, de quem era essa voz de mulher em Londres, das razões para que eu esteja sendo seguido. Não pretendo jogar minha vida fora. Estou preocupado com Aaron. Somos seres humanos. O que esperam que eu faça?"

Leu tudo de novo. Muito típico dele, muito melodramático, atitude que muitas vezes produzia neles algum comentário bem-humorado ou um tapinha na cabeça. De repente, sentiu uma náusea.

Entregou a carta ao funcionário com uma nota de vinte. Determinou que fosse enviada três horas depois, não antes. O homem prometeu. A essa hora, Yuri já teria partido de Atlanta.

Viu a mulher novamente, a mesmíssima mulher com o casaco de lã e o cigarro na boca, parada junto ao balcão, a olhar friamente para ele quando embarcava no vôo para Atlanta.

## **Capítulo 12**

Fui eu quem fez isso comigo mesma? É assim que vai terminar a história para mim, por causa do meu próprio egoísmo, da minha própria vaidade? Ela fechou os olhos novamente naquele grande cubo vazio do quarto. Estéril, branca, a luz batia contra suas pálpebras. Pensou, Michael. Pronunciou seu nome no escuro. Michael. e tentou imaginá-lo, invocá-lo como uma imagem no computador da sua mente. Michael, o arcanjo.

Estava deitada imóvel, procurando não lutar, não se esforçar, não se retesar, não gritar. Só permanecer deitada como se fosse por vontade própria que

estivesse naquela cama imunda, com as mãos atadas por voltas de fita plástica às extremidades da cabeceira. Ela desistira de todo e qualquer esforço no sentido de arrebentar a fita, fosse com sua própria força física, fosse com o poder da sua mente, poder que ela sabia ter condições de provocar resultados fatais nos tecidos moles dentro do corpo humano.

No entanto, bem tarde na noite passada, ela conseguira liberar seu tornozelo esquerdo. Não sabia ao certo como. Consequira soltá-lo da fita que o amarrava, que se tornara uma algema grossa e larga. E com aquele pé livre, durante as longas horas da noite, ela havia chegado a mudar algumas vezes de posição e a lentamente soltar o lençol que a cobria, duro de urina e vômito, forçando-o para baixo e para fora.

É claro que os lençóis por baixo também estavam imundos. Ela estava deitada ali há três dias ou quatro? Não sabia, e isso a deixava louca. Se por acaso pensasse no gosto da água, também enlouqueceria.

Aquele bem poderia ser seu quarto dia.

Ela procurava se lembrar de quanto tempo um ser humano consegue sobreviver sem alimento e sem água. Deveria saber disso. Qualquer neurocirurgião deveria saber uma coisa assim tão simples. Mas, como a maioria de nós não sai por aí amarrando pessoas na cama, para deixá-las presas dias a fio, não precisamos desse tipo de informação específica.

Ela vasculhava a memória para se lembrar das narrativas de feitos heróicos que havia lido, relatos fantásticos de quem não havia morrido de fome quando outros à sua volta morriam, de quem caminhara quilômetros sob forte nevasca quando outros teriam perecido. Tinha força de vontade. Isso era verdade. Mas havia mais alguma coisa errada com ela. Sentira-se mal quando ele a amarrara ali. Sentira-se mal de vez em quando desde que deixaram Nova Orleans juntos. Náusea, tontura, mesmo deitada ela às vezes tinha a sensação de estar caindo, e uma dor nos ossos.

Ela se virou, contorcendo-se, e movimentou os braços aquele mínimo que conseguia, para cima e para baixo, para cima e para baixo, exercitou a perna livre

e torceu a outra, amarrada pela fita. Teria condições de se levantar quando ele voltasse?

E então ocorreu-lhe o óbvio. E se ele não voltar? E se ele decidir não voltar? Ou se algo o impedir? Ele estava lá fora às tontas, como uma criatura enlouquecida, inebriado com tudo o que via, e sem dúvida cometendo seus típicos e ridículos erros de discernimento. Bem, na realidade não havia muito no que pensar se ele não voltasse. Ela morreria.

Ninguém jamais a encontraria ali.

Era um lugar perfeitamente isolado. Um edifício de consultórios alto e vazio, construído entre centenas de outros: um "prédio para médicos" sem inquilinos e sem benfeitorias, que ela própria escolhera para seu esconderijo, escondido no meio dessa vasta e feia metrópole sulina, uma cidade abarrotada de hospitais, clínicas e bibliotecas médicas, onde eles ficariam ocultos enquanto realizassem suas experiências, como duas folhinhas numa árvore.

Ela providenciara sozinha o fornecimento de energia e água para o prédio inteiro, e todos os cinquenta andares ainda deviam estar acesos como Rowan os deixara. Aquela sala estava escura. Ele desligara as luzes. E isso se revelara um alívio à medida que os dias passavam.

Quando caía a noite, ela via os arranha-céus densos, deselegantes, pelas janelas largas. As vezes, o sol se pondo fazia com que os prédios de vidro prateado brilhassem como se estivessem em chamas, e mais ao longe, em contraste com o céu vermelho-rubi, erguiam-se as nuvens brancas altas e espessas, sempre em movimento.

A luz, essa era uma coisa que ela sempre podia observar, a luz. Mas em plena escuridão, quando as lâmpadas se acendiam, silenciosamente, ao seu redor, ela se sentia um pouco melhor. Havia gente por perto, quer soubessem que ela estava ali quer não. Alguém poderia vir. Alguém... Alguém poderia ficar parado na janela de um escritório olhando com binóculos. Mas por que alguém faria isso?

Ela começou a sonhar de novo, graças a Deus, a sentir o fundo do ciclo mais uma vez ("Eu não me importo") e a imaginar que ela e Michael estavam

juntos e caminhavam pelo campo em Donnelaith enquanto ela lhe explicava tudo. Sua fantasia preferida, aquela para a qual resvalava quando queria sofrer, avaliar, negar, tudo ao mesmo tempo.

- Foi uma decisão errada após a outra. Eu só dispunha de algumas opções. Mas o erro foi o orgulho, imaginar que eu pudesse fazer isso, imaginar que eu tivesse condições de lidar com a situação. Sempre foi orgulho. A História das Bruxas Mayfair foi o orgulho. Mas para mim ela veio envolta nos mistérios da ciência. São tão terríveis nossos conceitos equivocados sobre a ciência. Achemos que ela envolve o que é definido, preciso, conhecido. Na realidade, ela consiste numa horrenda série de portões que se abrem para um desconhecido tão vasto quanto o universo, o que quer dizer interminável. E eu sabia disso. Sabia, mas me esqueci. Foi esse o meu erro.

Ela imaginava a grama, invocava as ruínas, via os arcos altos, frágeis e cinzentos da catedral que se erguia do vale, e parecia que estava realmente lá e livre.

Um som deu-lhe um sobressalto.

Era a chave na fechadura.

Ficou imóvel, em silêncio. E, era a chave girando. A porta externa foi fechada com ruído, com audácia. Depois, ela ouviu seus passos sobre o piso de cerâmica. Ela o ouvia assobiar, cantarolar.

Ah, meu Deus, obrigada, meu Deus.

Mais uma chave. Mais uma fechadura, e aquela fragrância, seu perfume delicado e agradável enquanto ele se aproximava da cama. Ela tentou sentir ódio, tentou ficar rígida de ódio, resistir à expressão de compaixão no seu rosto, seus olhos grandes e brilhantes, tão lindos como só os olhos conseguem ser, e cheios de piedade quando ele olhou para ela. Sua barba e seu bigode estavam agora muito negros e espessos como os dos santos nos quadros. Sua testa tinha um formato belíssimo ali onde os cabelos nasciam, repartidos ao meio com um ínfimo bico de viúva.

E, era uma bela criatura, inegavelmente bela. Talvez ele não estivesse ali. Talvez estivesse sonhando. Talvez fosse só sua imaginação que ele houvesse voltado.

- Não, minha querida, eu te amo - sussurrou ele. Ou será que não?

A medida que ele se aproximava, ela percebeu que estava olhando para sua boca. Ocorreria uma mudança sutil naquela boca. Talvez agora fosse mais parecida com a boca de um homem, rosada e com uma forma resoluta. Uma boca tinha de ser assim para se sustentar abaixo do bigode escuro e lustroso, acima das ondas da barba cortada curta.

Ela virou o rosto quando ele se curvou. Seus dedos quentes seguraram os braços de Rowan, e seus lábios lhe roçaram o rosto. Ele lhe tocou os seios com sua mão avantajada, esfregando os bicos, e a sensação indesejada lhe percorreu o corpo. Não era sonho nenhum. Suas mãos. Ela poderia ter ficado inconsciente para evitar isso, mas estava ali, indefesa, e não podia impedi-lo, nem escapar dali.

Era tão degradante quanto tudo o mais sentir aquela alegria súbita e plena por ele estar ali, sentir-se despertar sob seu toque como se ele fosse um amante, não um carcereiro, erguer-se do seu isolamento para receber qualquer gentileza ou delicadeza oferecida pelo captor em delírio.

- Minha querida, minha querida. - Ele descansou a cabeça sobre o seu ventre, aconchegou o rosto na sua pele, ignorando a imundície, cantarolando, sussurrando, e depois deu um grito alto e, levantando-se, começou a dançar em círculos, uma jiga com um dos pés erguido, cantando e batendo palmas.

Parecia estar num êxtase de alegria! Ah, quantas vezes ela não o vira agir assim, mas nunca com tanto entusiasmo. E que espetáculo curioso de se ver!

Tão delicados eram seus braços compridos, seus ombros retos. Seus pulsos pareciam ter o dobro do comprimento aos de um homem normal.

Ela fechou os olhos e, na tela das suas pálpebras escurecidas, a figura continuou a dançar e girar. Ela ouvia o baque dos seus pés no tapete e suas risadas de prazer.

- Meu Deus, por que ele não me mata? - murmurou ela.

Ele se calou e voltou a debruçar sobre ela.

- Desculpe, minha querida. Sinto muito. - Ah, a voz tão bonita. A voz grave. A voz que poderia ler as Escrituras no rádio de um carro viajando à noite enquanto se seguia por quilômetros intermináveis tendo somente ela como companhia. - Eu não pretendia ficar fora tanto tempo. Parti numa aventura amarga e desalentadora. - Suas palavras foram ficando mais rápidas. - Em dor, em descoberta, presenciando a morte e assolado por tristezas e frustrações... - Ele então voltou como sempre a cantarolar e murmurar, balançando nos pés, cantarolando e sussurrando, ou seria um assobio, um assobio mínimo que saía dos seus lábios secos?

Ele se ajoelhou, como se tivesse caído. Voltou a pôr a cabeça na sua cintura, com a mão quente pendendo entre as pernas de Rowan, no seu sexo, continuando a ignorar a sujeira da cama, e beijou sua barriga.

- Minha querida, meu benzinho.

Ela não conseguiu deixar de gritar.

- Solte-me. Deixe-me levantar. Estou aqui deitada nessa imundície. Olhe o que você fez comigo. - E então a raiva abafou sua voz, e ela ficou imóvel e muda, paralisada de ódio. Se ela o atingisse, ele poderia ficar emburrado horas a fio. Poderia ficar parado à janela, a chorar. Cale-se. Use a inteligência.

Ele a observava, parado.

Sacou, então, sua faca, pequena, brilhante, como seus dentes, um brilho súbito no fusco fusco estéril desse cômodo vazio.

Ele cortou a fita com tanta rapidez! Nenhuma dificuldade, aquele gigante esguio estendendo-se sobre ela, cortando e cortando. Seus braços estavam livres, dormentes e inúteis, mas livres. Com toda a sua força e determinação, ela tentou erguê-los. Não conseguiu levantar a perna direita.

Sentiu seus braços que entravam por baixo dela. Ele a pegou no colo e ficou em pé, balançando-a de encontro ao seu peito.

Ela chorava. Soluçava. Livre da cama, livre, se ao menos tivesse a força para pôr as mãos em volta do pescoço dele e...



- Vou dar-lhe um banho, minha querida, minha pobrezinha, minha amada Rowan. - Será que estavam dançando em círculos? Ou apenas que ela estava tão tonta? Sentiu o cheiro do banheiro, sabonete, xampu, limpeza.

Ele a deitou na banheira fria de louça, e ela sentiu o primeiro jato de água morna.

- Não quente demais - sussurrou ela. Os azulejos brancos e ofuscantes estavam se mexendo, subindo pelas paredes em toda a sua volta.

Faiscando. Parem.

- Não, não quente demais – disse ele. Seus olhos estava maiores, mais brilhantes, com as pálpebras mais bem definidas do que da última vez que as vira, os cílios menores, mesmo assim ainda abundantes e muito negros.

Ela observou tudo isso como se estivesse fazendo anotações num computador laptop. Estaria terminado? Quem poderia saber? A quem ela chegaria um dia a entregar suas conclusões? Meu Deus, se aquela remessa não tivesse chegado a Larkin...

- Não se preocupe, minha querida. Vamos ser bons um com o outro, vamos nos amar. Você vai confiar em mim. Você vai voltar a me amar. Não há motivo nenhum para que você morra, Rowan. Absolutamente nenhum motivo para que você me deixe. Rowan, quero que me ame.

Ela jazia como um cadáver, incapaz de movimentar seus membros. A água turbilhonava à sua volta. Ele sabotou a camisa branca, tirou-lhe as calças. A água jorrava e sibilava, e estava tão quentinha. E o cheiro de sujeira estava sendo atacado. Ele jogou longe as roupas imundas.

Ela conseguiu erguer a mão direita, puxar a calcinha procurando arrancá-la, mas não tinha a força suficiente para tirá-la. Ele fora para o outro aposento.

Ela ouviu o ruído dos lençóis sendo arrancados da cama. Eram espantosos todos os sons que nossa mente registrava; lençóis sendo jogados ao chão. Quem teria imaginado que uma coisa dessas sequer produzisse um ruído? E no entanto, ela o conhecia perfeitamente, e teve a lembrança descabida de uma

tarde em casa na Califórnia, quando sua mãe estava trocando as roupas de cama, exatamente esse mesmo som.

Um saco plástico sendo aberto; um lençol limpo sendo aberto e sacudido para perder as rugas e pousar na cama.

Ela estava escorregando, e a água chegava aos seus ombros. Mais uma vez, tentou usar os braços. Empurrou muito até conseguir sentar para a frente. Ele estava ali debruçado sobre ela. Havia tirado seu casaco de inverno.

Usava um suéter simples de gola alta e, como sempre, aparentava uma magreza alarmante. No entanto, ele era forte e musculoso apesar de magro, sem o mínimo sinal de toda aquela distorcida apologia que se costuma fazer dos magricelas, dos desnutridos e dos excessivamente altos. Seu cabelo estava agora tão comprido que chegava aos ombros. Era tão negro quanto o de Michael e, quanto mais crescia, mais abertos eram seus cachos, de tal modo que agora estava praticamente ondulado. Com o vapor da banheira, os fios das têmporas encrespavam-se um pouco, e ela pôde ver um brilho reluzente na sua pele aparentemente desprovida de poros, quando ele se inclinou mais uma vez para lhe fazer um carinho.

Ele firmou suas costas na parede da banheira. Ergueu a facinória - ah, se ela tivesse coragem para agarrá-la! - e cortou sua calcinha, soltando-a. Tirou-a da água borbulhante e a jogou em qualquer canto. Ajoelhou-se junto à banheira.

Ele estava cantando novamente; olhando para ela, cantando ou cantarolando, sabe-se lá o que era, um som estranho que quase fazia com que ela se lembrasse das cigarras ao anoitecer em Nova Orleans. Ele inclinou a cabeça para um lado.

Seu rosto estava mais fino do que há alguns dias, talvez mais masculino. Era esse o segredo: suas bochechas haviam perdido totalmente o arredondado. O nariz também estava mais estreito, com a ponta mais bem-feita, mais fino.

Sua cabeça, porém, estava mais ou menos do mesmo tamanho, calculou Rowan. E sua altura também praticamente era a mesma. Quando ele pegou a

toalhinha e a torceu, ela procurou avaliar se seus dedos estavam mais longos ou não. Parecia que não.

A cabeça. Será que a moleira ainda estava ali no alto? Quanto tempo levaria para o crânio se fechar? Ela suspeitava que o crescimento havia sido desacelerado, mas não parado.

- Onde você foi? - perguntou ela. - Por que me deixou aqui?

- Você fez com que eu partisse - disse ele, com um suspiro. - Você, com o seu ódio, me forçou a ir embora. E eu tive de voltar para o mundo e aprender coisas. Tive de ver o mundo. Tive de perambular. Tive de construir sonhos. Não consigo sonhar quando você me odeia. Quando você berra comigo e me atormenta.

- Por que não me mata?

Ele foi tomado por uma expressão de tristeza. Limpou-lhe o rosto com a toalhinha morna, dobrada, e limpou também sua boca.

- Amo você. Preciso de você. Por que você não pode se entregar a mim? Por que não se entregou? O que você quer que eu posso lhe dar? O mundo logo será nosso, minha querida, e você, a minha rainha, minha bela rainha. Se ao menos quisesse me ajudar.

- Ajudá-lo a fazer o quê?

Ela olhou para ele e recorreu a todo o seu ódio, toda a sua raiva, procurando usar todo o seu poder para enviar alguma força invisível e letal contra ele. Destruir as células; explodir as veias; estourar o coração. Tentou e insistiu. Depois, exausta, voltou a se recostar na banheira.

Na sua vida, com um ódio semelhante ela havia matado acidentalmente alguns seres humanos, mas não conseguia matá-lo. Ele era forte demais. As membranas das células eram fortes demais. Os osteoblastos formigavam num ritmo acelerado, exatamente no ritmo em que tudo funcionava nele, agressivamente e na defensiva. Ai, se ao menos ela tivesse tido uma chance maior de analisar aquelas células! Se ao menos, se ao menos...

- E isso é tudo o que eu sou para você? - disse ele, com o lábio trêmulo. - Meu Deus, o que eu sou? Uma simples experiência?

- E o que eu sou para você que me mantém aqui prisioneira e me abandona dias seguidos desse jeito? Não me peça que o ame. Tolice sua pedir. Ah, se ao menos eu tivesse aprendido com as outras, aprendido a ser uma bruxa de verdade! Eu poderia ter feito o que elas queriam de mim.

Ele ficou abalado com uma mágoa silenciosa. As lágrimas subiram-lhe aos olhos, e sua pele flexível e lúzida corou violentamente. Ele cerrou os punhos como se fosse atingi-la de novo, como havia feito no passado, embora tivesse jurado jamais repetir esse comportamento.

Ela não se importava. Era esse o horror. Não podia contar com seus próprios membros: dormentes, doloridos, com dores nas articulações. Será que teria condições de escapar dali se conseguisse matá-lo? Talvez não.

- O que você esperava que eu fizesse? – Perguntou ele. Debruçou-se e a beijou novamente. Ela virou o rosto para o outro lado. Seu cabelo agora estava molhado. Ela queria afundar na água, mas receava não conseguir voltar a se levantar. Ele espremeu a toalhinha na mão e recomeçou a lavá-la. Banhou-a por inteiro. Molhou-lhe os cabelos, afastando-os da testa.

Ela estava tão acostumada ao cheiro dele que já não o sentia. Tinha apenas a sensação agradável da sua proximidade e um desejo intenso e exasperante por ele. É claro, um desejo por ele.

- Deixe-me voltar a confiar em você. Diga que voltou a me amar - implorou ele. - Sou seu escravo, não seu carcereiro. Juro, meu amor, minha bela, minha Rowan. Mãe de todos nós.

Dela não veio resposta. Ele estava agora de pé.

- Vou limpar tudo para você - disse ele, com o orgulho de uma criança. - Vou limpar tudo e deixar tudo novo e bonito. Trouxe coisas para você. Roupas novas. Trouxe flores. Vou transformar nosso esconderijo num jardim. Tudo está à espera junto dos elevadores. Você vai ficar tão surpresa.

- Você acha?

- Acho, você vai adorar, você vai ver. É só que está cansada e com fome. É, com fome. Você precisa se alimentar.

- E quando você me deixar de novo, vai me amarrar com fitas brancas de cetim? - Como sua voz estava áspera, como estava cheia de um perfeito desdém. Ela fechou os olhos. Sem pensar, ergueu a mão direita e tocou o rosto. É, os músculos e as articulações começavam a funcionar de novo.

Ele saiu. Ela se esforçou para ficar sentada, apanhou a toalhinha que boiava e começou a se esfregar. A água estava poluída. Sujeira demais. Flocos de excrementos humanos, seus excrementos, nadavam na água. Voltou a sentir uma náusea e se recostou até que passasse. Inclinou-se, depois, para a frente, com as costas doloridas, puxou o tampão do fundo, com os dedos ainda dormentes, fracos e desajeitados, e se virou na água que corria para que ela levasse embora os arabescos de sujeira acumulada.

Recostou-se de novo, sentindo a força da água que jorrava em toda a sua volta, que borbulhava aos seus pés, e respirou fundo, forçando a mão direita e depois a esquerda a se flexionar; depois, o pé direito e o esquerdo e repetiu esses exercícios. A água foi se aquecendo, a uma temperatura agradável. O barulho do seu jorro abafava todos os sons do outro aposento. Ela sentiu o prazer de momentos de bem-estar puro e despreocupado, os últimos momentos de bem-estar que ela poderia experimentar na vida.

Tudo acontecera assim:

Dia de Natal, e o sol caindo sobre o chão do salão. Ela, deitada no tapete chinês numa poça do seu próprio sangue e ele, sentado ali ao seu lado, recém nascido, espantado, inacabado.

Mas a verdade é que os bebês humanos nascem de fato inacabados, muito mais inacabados do que ele. Era esse o ponto de vista a adotar. Ele simplesmente era mais completo do que um bebê humano. Não era nenhum monstro, não. Ela o ajudou a caminhar, a ficar em pé, maravilhando-se com suas explosões de fala e de riso cristalino. Não era tanto que ele fosse fraco, mas faltava-lhe coordenação. Ele parecia reconhecer tudo que via, ser capaz de

identificar cada objeto corretamente, assim que o choque inicial tivesse passado. A cor vermelha o deixara atarantado e quase horrorizado.

Ela o vestira com roupas simples de cor neutra porque ele não queria que as cores fortes o tocassem. Tinha o cheiro de um bebê recém-nascido. Ao tato dava a impressão de um recém-nascido, só que toda a musculatura estava ali, toda, e ele estava ficando mais forte a cada minuto que passava.

Foi então que Michael chegou. A luta terrível.

Durante a briga com Michael, ela observou que ele aprendia como que sozinho a passar de uma dança frenética e um cambalear de aparente embriaguez para movimentos coordenados com a intenção de atingir Michael e, finalmente, de desequilibrá-lo, o que fez com uma facilidade notável, uma vez que decidiu, ou percebeu, de que forma conseguiria isso.

Tinha certeza de que, se não o tivesse arrastado para longe dali, ele teria matado Michael. Ela em parte o atraiu, em parte o forçou a entrar no carro, com o alarme disparado por socorro, tirando vantagem do seu medo crescente do ruído e da sua confusão geral. Como ele detestava sons altos. Falara sem parar até o aeroporto sobre a aparência de tudo, os contornos definidos, a sensação absolutamente paralisante de ter o mesmo tamanho de outros seres humanos, de olhar pela janela do carro e ver outro ser humano no nível do seu olhar. No outro mundo, ele via de cima, ou mesmo de dentro, mas quase nunca da perspectiva humana. Só quando possuía seres, ele conhecia essa perspectiva, mas sempre havia sido uma tortura. A não ser com Julien. É, Julien, mas essa era uma longa história.

Sua voz era eloqüente, muito semelhante à própria voz de Rowan ou à de Michael, sem sotaque, e talvez conferindo às palavras uma dimensão mais lírica, ela não tinha certeza quanto a isso. Ele se sobressaltava com sons, esfregava a mão no casaco de Rowan para sentir sua textura, ria sem parar.

No aeroporto, ela precisou impedi-lo de cheirar seu cabelo e sua pele e de tentar beijá-la. Mas àquela altura, ele já caminhava perfeitamente. Correu pelo saguão afora, por puro prazer. Dava saltos no ar. Sob a influência de um rádio que

passava, ele começou a dançar para lá e para cá - um transe que ela presenciaria repetidamente.

Tomou o avião para Nova York porque era o que estava partindo. Teria ido a qualquer lugar para sair dali. Sentia um pânico irracional, uma necessidade de protegê-lo de todos no mundo até que ela pudesse acalmá-lo e ver o que ele realmente era. Estava tremendamente empolgada, sentia-se possessiva, temerosa e com uma ambição absurda.

Ela dera à luz essa coisa. Era sua criação. Os outros não iam pôr as mãos nele, levá-lo embora, trancafiá-lo longe dela. Mesmo assim, ela sabia que não estava raciocinando bem. Passava mal, enfraquecida pelo parto. Algumas vezes no aeroporto quase desmaiou. Ele a segurava quando embarcaram no avião e murmurava rápido no seu ouvido uma espécie de comentário constante sobre tudo que viam, repleto de explicações aleatórias sobre fatos passados.

- Eu reconheço tudo. Você não percebe? Eu me lembro de quando Julien disse que esta era a era das maravilhas, das grandes descobertas, quando previu que as próprias máquinas que naquela época eram consideradas essenciais à vida estariam obsoletas em uma década. Pense nos navios a vapor, dizia ele, e em como cederam lugar rapidamente às estradas de ferro e agora as pessoas dirigem automóveis. Ele sabia de tudo. Teria adorado este lugar, sabe? Eu compreendo como o motor funciona... O combustível de alta potência passa de líquido gelatinoso a vapor e...

E não parava nunca, enquanto ela procurava de vez em quando fazer com que se calasse. Finalmente, ela o incentivou a tentar escrever, porque estava tão exausta que não conseguia mais acompanhar o que ele dizia. Ele não sabia escrever. Não conseguia controlar a caneta. Mas sabia ler, e daí em diante lia qualquer texto que pudesse obter.

Em Nova York, ele pediu um gravador, e ela adormeceu numa suíte no Helmsley Palace, enquanto ele andava de um lado para o outro, de vez em quando flexionando os joelhos, ou esticando os braços, a falar para o gravador.

- Agora existe de fato uma verdadeira sensação de tempo, de um tique-taque, como se existisse no mundo mesmo antes da invenção dos relógios um tiquetaquear puro, uma medida natural, talvez ligada ao ritmo do nosso coração ou da nossa respiração; e as mínimas mudanças de temperatura me afetam. Não gosto do frio. Não sei se tenho fome ou não. Mas Rowan precisa comer. Rowan está fraca e com cheiro de doente...

Ela acordara com sensações extremamente eróticas, uma boca no seu seio, chupando com tanta força que quase doía. Gritou, abriu os olhos e sentiu sua cabeça ali, seus dedos pousados na barriga enquanto ele mamava sem parar. O seio estava cheio e duro, o seio esquerdo, livre na sua mão, dava a impressão de ser de mármore.

Ela entrou em pânico por um instante. Sentiu vontade de gritar pedindo socorro. Afastou-o para o lado, garantindo que ia pedir comida para os dois e, depois de fazer essa ligação, começou a fazer outra.

- Para quê? - perguntou ele. Seu rosto de bebê já estava ligeiramente mais alongado, e seus olhos azuis não pareciam mais tão redondos, corno se as pálpebras tivessem baixado só um pouco, tornando-se mais naturais. Ele arrancou o fone da mão de Rowan. - Não ligue para mais ninguém.

- Quero saber se Michael está bem.

- Não interessa se ele está bem ou não. Para onde vamos? O que vamos fazer?

Ela estava tão cansada que mal podia manter os olhos abertos. Ele a pegou no colo sem esforço e a levou até a banheira, dizendo-lhe que tinha de lavá-la para tirar o cheiro dela: cheiro do parto, de doente, de Michael.

Especialmente o cheiro de Michael, seu pai "involuntário". Michael, o irlandês. A certa altura, sentados juntos na banheira, olhando um para o outro, ela foi dominada por um instante de total pavor. Ele parecia ser o verbo feito a carne no sentido absoluto, a encará-la de frente, com o rosto muito redondo e pálido porém rosado e saudável como o de um bebê, olhos que a fitavam com assombro, lábios que formavam um sorriso angelical. Ela quase começou a gritar de novo.



Não havia pêlos no seu peito. A refeição havia chegado. Ele queria seu leite mais uma vez. Segurou-a na banheira, a sugá-la e machucá-la, até que ela gritou.

Os garçons aí fora iam ouvi-la, disse ela, pare com isso. Ele esperou até que acabasse o ruído dos abafadores de prata. Depois, chupou com força no outro seio. Parecia um perfeito equilíbrio entre dor e prazer, essa sensação aguda, palpitante, que se irradiava dos bicos, e a dor dos próprios bicos. Ela lhe implorou que fosse delicado.

Ele se ergueu de quatro na água sobre ela, e o pau estava grosso e ligeiramente curvo. Tapou-lhe a boca e enfiou-lhe o pau entre as pernas. Ela estava machucada do parto, mas o abraçou pelo pescoço, e pareceu que o prazer ia matá-la.

Vestidos em roupões de toalha, ficaram deitados no chão juntos fazendo sexo sem parar. Depois, ele se deitou de costas e falou da escuridão infinita, da sensação de estar perdido, da chama delicada de Mary Beth. Do imenso fogo de Marie Claudette. Do esplendor de Angelique; do fulgor deslumbrante de Stella. Suas bruxas, suas bruxas! Falou sobre como se concentrava em volta do corpo de Suzanne e sentia que ela tremia, sabendo o que ela estava sentindo, mas agora tinha uma sensação distinta e isolada, que era infinitamente mais poderosa, mais doce, mais rica. Disse que a carne valia o preço da morte.

- Você acha que vai morrer como qualquer outra pessoa? – perguntou ela.

- Acho - disse ele, calando-se, mas só por um instante. Começou a cantar, cantarolar ou a emitir alguma estranha combinação das duas atividades, imitando trechos de melodias que pareciam familiares a ela. Comeu tudo que fosse mole ou líquido sobre a mesa. - Comida de neném - disse ele, rindo. Comeu o purê de batatas e a manteiga e bebeu a água mineral, mas não quis a carne.

Ela examinou seus dentes. Perfeitos, na mesma quantidade de um ser humano adulto. Nenhum sinal de desgaste ou de cáries, obviamente, e sua língua era tão macia. Mas ele não pôde agüentar esse exame muito tempo. Precisava de

ar! Disse-lhe que ela não sabia de quanto ar ele precisava, e abriu as janelas com violência.

- Fale-me das outras - disse ela.

O gravador estava ligado; ele havia comprado prateleiras inteiras de fitas cassete na loja do aeroporto. Estava preparado. Sabia das coisas. Compreendia o funcionamento interno e externo. Pouquíssimas criaturas conheciam os dois.

- Fale sobre Suzanne e Donnelaith.

- Donnelaith - repetiu ele, e começou a chorar, dizendo que não conseguia se lembrar do que viera antes, só que era dolorido, era alguma coisa, era uma multidão de seres sem rosto numa antecâmara. E, quando Suzanne chamou seu nome, foi apenas uma palavra jogada noite adentro: Lasher! Lasher! Talvez uma confluência de sílabas sem nenhuma intenção de formar essa palavra, mas ela despertou algum reconhecimento nele, num núcleo dele mesmo do qual ele próprio estava esquecido, e ele se "concentrara" para ela, aproximando-se e mandando ventos descenderem sobre ela.

- Eu queria que ela fosse às ruínas da catedral. Queria que ela visse os vitrais. Mas não consegui lhe dizer isso. E não havia mais vitral nenhum.

- Explique tudo isso mais devagar.

Mas ele não conseguiu desemaranhar a história.

- Ela disse para eu fazer com que a mulher adoecesse. Eu a fiz adoecer. Descobri que podia atirar coisas para o alto, atingir telhados. Era como se eu estivesse procurando alcançar a luz num túnel longuíssimo e escuro, e agora tudo é tão nítido. Sinto o som, sinto o cheiro... Recite umas trovas para mim; fale comigo em rimas. Quero ver algo vermelho de novo. Quantos tons de vermelho há neste quarto?

Ele começou a engatinhar examinando as cores do tapete e depois seguindo ao longo das paredes. Suas coxas eram brancas, longas, rijas, vigorosas, e seus antebraços, de um comprimento extraordinário. Mas, quando estava vestido, isso não era tão perceptível.

Por volta das três da manhã, ela conseguiu escapulir para o banheiro sozinha. Pareceu-lhe o maior dos sonhos ter esse momento de privacidade. E esse seria o modelo do futuro. As vezes, em Paris, ela sonhava só com a possibilidade de encontrar um banheiro individual, à porta do qual ele não estivesse prestando atenção a cada som, chamando seu nome para que ela revelasse ainda estar lá e não tentando fugir, quer houvesse uma janela pela qual ela pudesse ter saído quer não.

Ele conseguiu o passaporte no dia seguinte. Disse que encontraria um homem que se parecesse com ele.

- E se ele não tiver um passaporte? - perguntou ela.

- Bem, nós iremos a um lugar onde haja viajantes, certo? Onde as pessoas vão apanhar seus passaportes. Vamos esperar por um alvo provável, como dizem, e vamos lhe tomar o passaporte. Você não é tão esperta quanto pensa que é, hem? Isso é bastante simples para um bebê.

Foram ao próprio órgão emissor de passaportes. Esperaram do lado de fora. Seguiram um homem alto que acabara de receber o seu. Afinal, ele se postou diante do homem. Ela olhava, receosa. E então ele atingiu o homem e apanhou seu passaporte. Ninguém pareceu perceber nada, se é que alguém chegou a ver. As ruas estavam lotadas e o barulho do trânsito doía na cabeça de Rowan. Fazia frio, muito frio. Ele puxou o homem pelo casaco e o deixou no vão de uma porta. Foi de extrema simplicidade. Ela observou tudo. Ele não usou de brutalidade desnecessária. Neutralizou o homem, como disse, e agora o passaporte era seu.

Frederick Laman, vinte e cinco anos, residente em Manhattan. A fotografia era suficientemente parecida e, quando ele cortou um pouco o cabelo, nenhum olhar desatento perceberia a diferença.

- Mas esse homem poderia estar morto - disse ela.

- Não tenho nenhum sentimento especial pelos seres humanos - respondeu ele. E então ficou surpreso – Será que não sou um ser humano? - Ele segurou a cabeça, seguindo pela calçada à sua frente, virando-se de poucos em

poucos segundos para se certificar de que ela estava ali, embora dissesse que conhecia seu cheiro e que saberia se estivessem separados por uma multidão. Disse estar tentando se lembrar da catedral. De que Suzanne não queria ir. Ela sentia pavor das ruínas da igreja, uma moça ignorante, ignorante e triste. O vale estava vazio! Charlotte sabia escrever. Charlotte era muitíssimo mais forte do que Suzanne ou do que Deborah.

- Todas as minhas bruxas, eu lhes pus ouro nas mãos. Uma vez que descobri como obtê-lo, dei-lhes tudo que pude. Ah, meu Deus, estar vivo, sentir o chão sob os pés, estender as mãos e sentir a terra puxando meus braços para baixo!

De volta ao hotel, eles continuaram na cronologia organizada. Ele gravou descrições de cada bruxa a partir de Suzanne até Rowan e, para surpresa dela, incluiu Julien. Isso somava quatorze. Ela não chamou a atenção para esse ponto, porque o número treze era algo extremamente significativo para ele e mencionado inúmeras vezes: treze bruxas para criar uma forte o suficiente para ter seu filho, dizia ele, como se Michael não tivesse nada a ver com o fato, como se ele fosse seu próprio pai. Ele proferia palavras estranhas: rnaleficiun, ergot, belladonna. Numa ocasião, chegou a discursar em latim.

- O que você está querendo dizer? Por que eu fui capaz de dá-lo à luz?

- Não sei.

Ao escurecer, algo já estava ficando óbvio. Nos seus relatos não havia um sentido de proporção. Ele poderia passar quarenta e cinco minutos descrevendo todas as cores que Charlotte usava, como essas cores lhe pareciam indefinidas e como agora ele podia imaginá-las, aquelas sedas frágeis, tingidas. Em seguida, em duas frases, ele descrevia a fuga da família de Saint Domingue para a América.

Ele chorou quando Rowan lhe perguntou acerca da morte de Deborah.

Isso ele não podia descrever.

- Para todas as minhas bruxas, eu representei a destruição, de uma forma ou de outra, a não ser para as verdadeiramente fortes e essas me magoavam, me açoitavam e faziam com que eu obedecesse - declarou ele.

- Quem eram essas?

- Marguerite, Mary Beth, Julien! Maldito Julien! - Começou a rir, descontrolado, e depois ficou em pé para fazer uma perfeita imitação de Julien: o elegante cavalheiro dando um nó corredio na gravata de seda, pondo o chapéu para sair, cortando a ponta do charuto e depois o levando à boca.

Foi espetacular, essa pequena apresentação, na qual ele se tornou um outro ser, chegando mesmo a arranhar algumas palavras num francês lânguido.

- O que é um nó corredio? - perguntou ela.

- Não sei, mas eu sabia há um instante. Eu caminhava com ele dentro do seu corpo. Ele gostava que eu fizesse isso. Já as outras não. Possessivas, elas protegiam seu corpo de mim e me mandavam possuir aqueles que elas temiam, que queriam castigar ou que pretendiam usar.

Ele se jogou ao chão e tentou voltar a escrever no bloco de papel do hotel. Depois, chupou-lhe os seios, mamando, passando devagar de um para o outro e vice-versa. Ela adormeceu, e os dois dormiram juntos. Quando ela acordou, ele a estava penetrando, e os orgasmos eram aqueles orgasmos longos e oníricos que ela sempre tinha quando estava quase exausta demais para tê-los.

À meia-noite, partiram para Frankfurt.

Era o primeiro vôo que conseguiram para atravessar o Atlântico.

Ela estava apavorada de medo de que tivessem dado parte do passaporte roubado. Ele lhe disse que ficasse tranqüila, que os seres humanos não eram assim tão espertos, que as engrenagens do turismo internacional se movimentavam com lentidão. Não era como no mundo dos espíritos, onde as coisas voavam à velocidade da luz ou permaneciam imóveis.

Ele hesitou muito tempo antes de usar os fones de ouvido.

- A música me assusta! - disse. Depois, ele os pôs na cabeça e se entregou, relaxando na poltrona, com o olhar fixo à frente como se o tivessem deixado inconsciente. Ele tamborilava os dedos acompanhando as canções.

Na realidade, a música o deixou tão extasiado que ele não quis mais nada até aterrissarem.

Ele não se dispunha a falar com ela ou a lhe dar uma resposta e, quando ela tentou ir até o toalete, ele segurou sua mão com força, recusando-se a cooperar. Uma vez ela conseguiu e, quando saiu, ele estava ali a vigiá-la, parado no corredor, com os fones de ouvido na cabeça, os braços cruzados, batendo o pé de acordo com algum ritmo que ela não estava ouvindo e sorrindo para ela só de passagem antes que os dois voltassem a se sentar e que ela adormecesse debaixo do cobertor.

De Frankfurt, foram para Zurique. Ele foi com ela ao banco. Ela agora estava fraca e com vertigens, e seus seios estavam sempre cheios de leite e doloridos.

No banco, ela foi rápida e eficiente. Nem chegara a pensar em fugir.

Proteção, subterfúgios, eram essas suas principais preocupações, ah, como havia sido idiota.

Tomou providências no sentido de que fossem feitas enormes transferências de recursos e abriu contas diferentes em Londres e em Paris, que lhes proporcionariam dinheiro, mas que dificilmente seriam descobertas.

- Agora vamos para Paris porque, quando eles receberem essas mensagens, começarão a nos procurar.

Em Paris, ela viu pela primeira vez que um pouquinho de cabelo começara a aparecer na sua barriga, em volta do umbigo, e outro pouquinho em volta de cada mamilo. O leite agora fluía com maior facilidade. Ele se acumulava com um prazer incrível. Ela se sentia apática e meio obtusa, ali deitada, deixando que ele mamasse, deixando que seu cabelo sedoso lhe fizesse cócegas na barriga, nas coxas.

Ele continuava a comer alimentos semilíquidos, mas o leite da mãe era tudo que ele de fato precisava. Ele comia o alimento porque ela achava que deveria comer. Ela acreditava que o corpo dele devia exigir esses nutrientes. E se perguntava o que essa amamentação não estava tirando dela mesma, se não seria essa a razão pela qual se sentia tão fraca, tão desanimada. Mães normais sentiam isso, uma enorme placidez indolente, ou pelo menos era o que lhe disseram. As pequenas perturbações e dores já haviam começado.

Ela lhe pediu que falasse de um tempo anterior às bruxas Mayfair, das coisas mais remotas e afastadas de que ele conseguisse se lembrar. Ele falou do caos, das trevas, de um vago, de não ter nenhum limite. Falou de não ter nenhuma lembrança organizada. Falou de sua consciência ter começado a se organizar com... com...

- Suzanne - disse ela.

Ele olhou para ela sem expressão. Depois, respondeu que sim e desenrolou a linhagem inteira das bruxas Mayfair numa melodia: Suzanne, Deborah, Charlotte, Jeanne Louise, Angelique, Marie Claudette, Marguerite, Katherine, Julien, Mary Beth, Stella, Antha, Deirdre, Rowan!

Ele a acompanhou até a filial parisiense do Swiss Bank. Ela providenciou mais recursos criando rotas para que o dinheiro passasse por Roma e até mesmo num caso pelo Brasil até chegar às suas mãos. Ela considerou os funcionários do banco muito prestativos. Num escritório de advocacia recomendado pelo banco, ele ficou olhando e ouvindo com paciência enquanto ela redigia instruções no sentido de que Michael tivesse direito à casa de First Street pelo resto da vida, bem como à proporção do legado que desejasse.

- Mas nós vamos voltar para lá, não vamos? - perguntou ele. - Um dia, vamos morar lá, você e eu. Naquela casa! Ele não vai ficar com ela para sempre.

- Agora isso é impossível.

Ah, que loucura.

Abateu-se um assombro sobre os sócios do escritório de advocacia, quando eles acionaram seus computadores, transmitiram os dados e logo

confirmaram para ela que sim, Michael Curry na cidade de Nova Orleans na Louisiana, estava mal, internado no centro de tratamento intensivo do Hospital da Misericórdia, mas positivamente com vida!

Ele ficou olhando quando ela abaixou a cabeça e começou a chorar. Uma hora depois de deixarem o escritório do advogado, ele lhe disse que se sentasse num banco nas Tulherias e ficasse ali. Ele não se afastaria do seu campo visual.

Voltou com mais dois passaportes. Agora podiam mudar de hotel e fingir ser pessoas diferentes. Ela se sentia entorpecida, cheia de dores. Quando chegaram ao segundo hotel, o fantástico George V, ela desmaiou no sofá da suite e dormiu horas seguidas.

Como poderia estudá-lo? O dinheiro não era o problema. Ela precisava de equipamentos que ela própria não saberia operar. Precisava de uma equipe médica, programas eletrônicos, equipamento para tomografias do cérebro, todo tipo de coisa.

Ele saiu com ela para comprar cadernos. Ele parecia estar mudando diante dos seus próprios olhos, mas era uma mudança sutil. Algumas rugas haviam aparecido nas articulações dos dedos, e suas unhas estavam agora mais fortes embora continuassem da cor exata da carne. Suas pálpebras apresentavam a primeira dobra delicada, o que realmente conferia um pouco de maturidade ao seu rosto. Começavam a crescer a barba e o bigode. Ele os deixou crescer apesar de espetarem.

Nos cadernos, ela escrevia até ficar tão cansada que não conseguia enxergar, ocultando todas as suas observações na mais enigmática linguagem científica. Escreveu sobre sua necessidade de ar, sobre o fato de ele abrir as janelas onde quer que fosse e de às vezes sentir falta de ar, que ele suava na cabeça quando dormia e que a moleira não estava menor agora do que quando ele nascera, que ele era insaciável pelo seu leite e que ela estava doente de tão exausta.

No quarto dia em Paris, ela insistiu para que fossem a um grande hospital da área urbana. Ele não queria. Ela como que o induziu a ir, apostando com ele



sobre como os seres humanos eram bobos e descrevendo o prazer de andar clandestino por lá, fingindo-se de freqüentadores normais da instituição. Ele gostou da idéia.

- Já pesquei - disse ele, orgulhoso, como se essa expressão tivesse um significado especial para ele. Costumava repetir montes de expressões semelhantes com alegria. "Oba, a barra está limpa! Ai, Rowan, tristezas não pagam dívidas." E às vezes ele só cantava trovas que ouvira que eram como que piadas.

"Mãe, posso ir nadar?"

"Claro, minha filha querida.

Pendure a roupa num galho de nogueira.

Mas não chegue perto do mar!"

Ele morria de rir de coisas desse tipo. Mary Beth dissera uma, e Marguerite, outra. E Stella dissera "O rato roeu a roupa do rei de Roma". Ele repetia a frase cada vez mais rápido até que ela não passasse de um sussurro sibilante e nada mais.

Começou a tentar diverti-lo, testando-o com pequenas brincadeiras verbais. Quando ela lhe apresentava construções complexas, como "Atire à mamãe da janela um beijo", ele praticamente ficava histérico. Até mesmo as aliteraões faziam com que caísse na gargalhada, como na canção "Luzia lustrava o lustre listrado, o lustre listrado luzia."

Era como se achasse engraçado o formato dos seus lábios. Ficou obcecado pela trova que ela lhe ensinou, "Quem comprou cara a paca/ Pagará a paca cara/ pois quem a paca cara compra a paca cara pagará." As vezes ele dançava enquanto entoava essas trovas.

No reino dos espíritos, a música o encantava. Ele a ouvia em ocasiões nas quais não conseguia ouvir nenhum outro som dos humanos. Suzanne cantava enquanto trabalhava. Ele disse algumas frases antigas, que pareciam em gaélico,

mas realmente não sabia o que significavam! Em seguida, ele as esqueceu. Outra vez, ele começou a entoar um latim lamentoso e cantou muitos versos, mas não conseguiu repeti-los quando tentou.

Acordou no meio da noite, falando sobre a catedral. Sobre alguma coisa que havia acontecido. Estava todo suado. Disse que teriam de ir a Escócia.

- Aquele Julien, como era esperto - disse ele. - Ele queria descobrir todas essas coisas. Falava comigo por enigmas, que eu negava. - Ele se recostou e prosseguiu, baixinho. - Eu sou Lasher. Sou o verbo feito carne. Sou o mistério. Penetrei no mundo, e agora devo sofrer todas as conseqüências da carne, e não sei quais elas serão. O que sou eu?

A essa altura, ele já chamava a atenção, mas não era monstruoso. O cabelo estava solto e ia até os ombros. Ele usava um chapéu preto, enfiado na cabeça, e mesmo as calças e casacos mais justos pareciam largos nele, como se ele fosse feito de varetas. Na realidade, parecia um desses jovens boêmios, enlouquecidos. Um acólito do astro de rock David Bowie. Em todos os lugares, as pessoas pareciam apreciá-lo, sua alegria, suas perguntas inocentes, seus cumprimentos espontâneos e freqüentemente exuberantes. Ele entabulava conversas com pessoas em lojas, fazia perguntas sobre todo tipo de coisa. Sua pronúncia havia adquirido uma aspereza, com um toque de francês, mas podia mudar, quando ele tava conversando com ela, voltando à pronúncia de Rowan.

Quando ela tentava usar o telefone no meio da noite, ele acordava e lhe arrancava o fone da mão. Quando ela se levantava e tentava sair pela porta, de repente ele estava ao seu lado. As suítes de hotel, daí em diante, deviam ter banheiros sem janelas, ou ele as consideraria inaceitáveis. Ele arrancava os telefones dos banheiros. Não permitia que ela saísse do seu campo de visão, a não ser nas ocasiões em que ela conseguia trancar a porta do banheiro antes que ele a alcançasse.

- Preciso ligar para descobrir o que aconteceu a Michael - tentou ela finalmente argumentar. Ele a atingiu. O golpe foi para ela espantoso. Ele a jogou para trás fazendo com que caísse sobre a cama, e todo um lado do seu rosto ficou

machucado. Ele chorava. Deitou-se com ela, mamando e depois a penetrando. E fazendo as duas coisas ao mesmo tempo, com o prazer a inundá-la. Ele beijou o hematoma no seu rosto, e ela sentiu um orgasmo que subia pelo seu corpo, muito embora ele já não estivesse dentro dela.

Paralisada de prazer, ela ficou ali deitada com os dedos enrodilhados, os pés para o lado, como alguém que morreu. A noite, ele falou de estar morto, de estar perdido.

- Fale-me da coisa mais remota de que você se lembra.

- De que o tempo não existia, disse ele.

- E o que você sentia, foi amor por Suzanne?

Ele hesitou e disse que achava que era um ódio imenso e causticante.

- Ódio? Por que isso?

Ele francamente não sabia. Ele olhou pela janela e disse que em geral não tinha nenhuma paciência com os humanos. Eram desajeitados e pouco inteligentes, além de não conseguirem processar dados nos seus cérebros da forma que ele conseguia. Havia feito o papel de palhaço para os humanos. Não voltaria a fazê-lo.

- Como estava o tempo na manhã em que Suzanne morreu? - perguntou ela.

- Chuvoso, frio. Chovia tanto que por algum tempo pensaram em adiar a incineração. Ao meio dia o tempo estava firme. O céu claro. A aldeia,pronta. - Ele parecia desconcertado.

- Quem era rei da Inglaterra naquela época? - perguntou ela. Ele abanou a cabeça. Não fazia a menor idéia. Ela quis saber o que era dupla hélice. Rapidamente ele descreveu as duas fileiras gêmeas de cromossomos que contêm o DNA na dupla hélice, nossos genes. Ela percebeu que ele estava usando as próprias palavras que ela um dia decorara de um livro escolar para uma prova na sua infância. Ele as pronunciava com uma cadência, como se fosse essa sua cadência o que as gravara, através da mente de Rowan, na sua própria mente, não importa o que ela fosse... se é que se podia chamá-la assim.

- Quem criou o mundo? - perguntou ela.
- Eu não faço a menor idéia! E você? Você sabe quem o criou?
- Deus existe?

- Provavelmente não. Pergunte às outras pessoas. É um segredo grande demais. Quando um segredo é assim tão enorme, não há nada por trás dele. Nenhum Deus, absolutamente nenhum.

Em várias clínicas, falando com tom de autoridade e usando o imprescindível guarda-pó branco, ela tirou amostras e mais amostras do sangue dele enquanto ele se queixava e quem estava em volta nunca percebeu que ela não pertencia ao enorme laboratório, que não estava trabalhando num caso especial. Num dos lugares, ela conseguiu analisar as amostras de sangue durante horas ao microscópio, registrando suas conclusões. No entanto, não dispunha dos produtos químicos e do equipamento de que precisava.

Tudo isso era tosco, simplista. Ela estava frustrada. Sentia vontade de berrar. Se ao menos estivesse no Instituto Keplinger! Se fosse possível uma coisa dessas, que ela voltasse com ele para San Francisco, que obtivesse acesso ao laboratório genético! Ah, mas como poderiam fazer isso?

Uma noite, distraída, ela se, levantou para ir até o saguão comprar um maço de cigarros. Ele a apanhou no alto das escadas.

- Não me machuque - disse ela. Sentia uma raiva, uma raiva tão profunda e terrível quanto jamais havia sentido, o tipo de raiva que no passado havia matado outras pessoas.

- Comigo não vai funcionar, mamãe!

Com os nervos em frangalhos, ela perdeu todo o controle e o esbofeteou. Ele sentiu e começou a chorar. Chorou sem parar, balançando para a frente e para trás numa cadeira. Para consolá-lo, ela cantou mais canções.

Em Hamlen Town, muito tempo atrás

Ninguém era feliz, de jeito nenhum

A pequena cidade estava cheia de ratos!

Em tudo faziam enormes buracos  
Tomavam sopa rias grandes tigelas  
E até faziam ninhos nos chapéus das pessoas!

Ela ficou muito tempo sentada no chão ao seu lado, observando-o ali deitado com os olhos abertos. Que maravilha ele era, com os cabelos negros e ondulados, os pelos do rosto começando a se adensar e as mãos ainda como mãos de bebê, só que já eram maiores do que as próprias mãos de Rowan, e seus polegares, embora bem desenvolvidos, eram ligeiramente mais longos do que os polegares normais. Ela sentiu uma tontura. Estava confusa. Precisava comer.

Ele pediu comida para ela e ficou olhando enquanto ela comia. Disse-lhe que ela de agora em diante tinha de comer com regularidade e depois se ajoelhou diante da sua poltrona, entre as suas pernas, rasgou a seda da sua blusa e espremeu seu seio para que o leite saísse como um esguicho até a sua boca.

Em outros estabelecimentos médicos, ela conseguiu invadir o setor de radiologia e por duas vezes fez tomografias completas do cérebro dele, dando ordens para que todos os outros saíssem do recinto. No entanto, houve equipamentos que ela não conseguiu operar, e outros que ela nem sabia. Foi, então, ficando mais audaciosa. Dava ordens às pessoas, e elas a ajudavam. Estava se fazendo passar por si mesma: "Dra. Rowan Mayfair, neurocirurgiã." Entre desconhecidos, ela agia como se fosse uma especialista convidada e suas necessidades tivessem prioridade.

Apanhava gráficos, lápis e telefones quando precisava deles. Estava determinada a registrar, testar, descobrir. Estudou as radiografias do seu crânio, das suas mãos.

Mediu a cabeça dele e sentiu aquela pele flexível no exato centro do crânio, a fontanela, maior do que a de um bebê. Meu Deus, ela conseguiria enfiar ali o punho fechado, ou não?

Em algum ponto desses primeiros dias, ele começou a obter algum sucesso com sua escrita. Especialmente se usasse uma caneta de ponta fina que ainda assim deslizasse suavemente. Fez uma árvore genealógica com todos os Mayfair. Rabiscava e escrevia. Incluiu nela todos os parentes que Rowan não conhecia, puxando linhagens a partir de Jeanne Louise e Pierre, das quais ela não se apercebera, e insistentemente ele lhe pedia que lhe contasse o que havia lido nos arquivos da Talamasca. As oito da manhã, sua caligrafia era redonda, infantil e lenta. A noite, já era alongada, inclinada e com uma velocidade tal que ela não conseguia acompanhar com os olhos a formação de uma letra. Ele também começou seu canto estranho, seu zumbido, o som de um inseto.

Ele queria que ela não parasse de cantar. Ela cantou montes de músicas para ele até sentir sono demais para poder pensar.

Elá apareceu um cara alto e magro,  
Que disse para o homens na prefeitura,  
Meu caro, acredito ter a cura.  
Livro sua cidade de cada rato  
Mas você terá de pagar bem por isso.  
De um salto gritou o prefeito,  
Está feito.

Cada vez mais, porém ele parecia frustrado. Não conseguia se lembrar das trovas que ela lhe dissera há apenas alguns dias. Não, não, diga de novo.

O homem do mato veio me perguntar.  
Quantos morangos cresciam no mar?  
Eu lhe respondi, como achei melhor,  
Tantos quantos arenques no pomar.

Ela própria começava a ficar cada vez mais exausta. Perdera peso. Sua própria imagem num espelho de saguão de hotel a deixava alarmada.

- Preciso encontrar um lugar tranqüilo, um laboratório, um lugar onde nós possamos trabalhar - disse ela. - Que Deus me ajude. Estou cansada. Estou vendo coisas. - Em momentos de pura fadiga, abatia-se sobre ela um pavor. Onde estava? O que iria lhe acontecer? Ele dominava seus pensamentos enquanto estava acordada, e então ela mergulhava em si mesma e pensava, estou perdida, sou como uma pessoa drogada, vivendo uma obsessão. Mas ela precisava estudá-lo, ver o que ele era. E em meio às suas piores dúvidas, percebia que sentia por ele uma possessividade apaixonada, uma vontade de protegê-lo, uma atração.

O que fariam com ele se conseguissem capturá-lo? Ele já havia cometido crimes. Havia roubado, talvez até houvesse matado para obter os passaportes. Ela não sabia. Não conseguia seguir uma linha de raciocínio. Só um lugar tranqüilo, um laboratório. E se os dois conseguissem voltar em segredo para San Francisco? Se ela conseguisse entrar em contato com Mitch Flanagan...

Mas não se podia simplesmente ligar para o Instituto Keplinger.

O sexo entre os dois havia se reduzido de certo modo. Ele ainda se alimentava do leite dos seus seios, embora com freqüência cada vez menor. Ele descobriu as igrejas de Paris. Ficava perplexo, agressivo, profundamente perturbado nessas igrejas. Aproximava-se dos vitrais e estendia a mão até eles.

Olhava com raiva e ódio as imagens dos santos, o tabernáculo. Disse que não era a catedral certa.

- Bem, se você está se referindo à catedral em Donnelaith, é claro que não. Estamos em Paris.

Ele se virou para ela, falando entre dentes, com aspereza.

- Eles a queimaram, - Ele quis assistir a uma missa católica. Tirou-a à força da cama antes do amanhecer e a arrastou até a igreja da Madeleine, para poder presenciar a cerimônia.

Estava frio em Paris. Ela não conseguia completar um pensamento sem que ele a interrompesse. As vezes, ela parecia perder a noção do dia e da noite. Ele a acordava, mamando nela ou fazendo um sexo violento mas maravilhoso. Depois ela cochilava de novo, e ele a acordava para lhe dar comida, falando sem parar de algo que tivesse visto na televisão, no noticiário, ou sobre qualquer outra coisa que tivesse percebido. Era aleatório, e cada vez mais fragmentado.

Ele apanhou o cardápio do hotel de cima da mesa e começou a recitar os nomes de todos os pratos. Em seguida, voltou a escrever com ímpeto.

“E então Julien levou Evelyn até a sua casa e lá concebeu Laura Lee, que deu a luz a Alícia e a Grifford. E de Julien também o filho ilegítimo, Michael O'Brien, nascido de uma menina do orfanato de Santa Margarida, que renunciou à criança e entrou para o convento para se tornar a irmã Bridget Marie e então daquela moça, três meninos e uma menina, e essa menina se casou com Alaister Curry, e deu à luz Tim Curry, que...”

- Espere aí, o que é que você está escrevendo?

- Deixe-me em paz. - De repente, ele olhou espantado para o papel. Rasgou-o em pedacinhos minúsculos. - E os seus cadernos, onde estão? O que você escreveu neles?

Nunca se afastavam muito do quarto. Ela estava fraca demais, cansada demais. Mal seus seios se enchiam de leite, que começava a escorrer por baixo da blusa, e ele vinha mamar. Ele a aninhava nos braços. O prazer arrebatador de quando ela o amamentava era tão intenso que nada mais tinha importância durante aqueles momentos. Todo o medo a abandonava.

Esse era seu trunfo, calculava ela, o conforto, o prazer, a alegria e o charme intensos de simplesmente estar com ele, de ouvir sua fala rápida, muitas vezes incoerente, de ver sua reação às coisas.

Mas o que ele era afinal? Ela havia convivido desde a primeira hora com a ilusão de tê-lo criado de alguma forma, de que, através da sua poderosa capacidade telecinética, ela havia transformado seu próprio filho nessa criatura. Agora, ela começava a perceber contradições insolúveis. Em primeiro lugar, não



se lembrava de nenhum esquema nítido de elementos na sua mente durante o período em que ele lutava no chão para se manter vivo, com os líquidos do parto a cobri-los. Ela lhe dera algum tipo de forte apoio paranormal. Ela chegara a lhe dar o colostro, lembrava-se agora, o primeiro jorro dos seus seios, e ele havia sido abundante.

Mas essa coisa, essa criatura, era altamente organizada. Não era nenhum monstro de Frankenstein, feito de partes isoladas, nenhum resultado grotesco de bruxaria. Ele também conhecia suas capacidades: a de poder correr com grande velocidade, a de captar cheiros que ela não sentia, a de emitir um cheiro que os outros sentiam sem se dar conta dele. Isso era verdade. Só de quando em quando, seu perfume parecia invadi-la e, quando isso ocorria, Rowan tinha a estranha sensação de que estivera imersa nele o tempo todo e até mesmo sob seu controle, exatamente como um feromônio.

Cada vez mais, ela mantinha seu relato em forma narrativa para que, se algo lhe acontecesse, se alguém o encontrasse, essa pessoa pudesse entendê-lo.

- Já ficamos tempo suficiente em Paris - disse ela. - Eles poderiam vir nos descobrir aqui. - Duas remessas bancárias haviam chegado. Os dois tinham uma fortuna à sua disposição, e ela levou uma tarde inteira, com ele ao seu lado, distribuindo o dinheiro em várias contas para poder escondê-lo. Ela queria ir embora, talvez apenas para um lugar menos frio.

- Ora, minha querida, estivemos só em dez hotéis. Pare de se preocupar, de verificar fechaduras, você sabe do que se trata. E a serotonina no seu cérebro; e um mecanismo descontrolado de medo e fuga. Você é obsessivo compulsiva. Sempre foi.

- Como sabe isso?

- Já lhe disse... eu... - E parou de falar. Talvez estivesse começando a sentir menos confiança... - Eu sabia tudo isso porque você um dia soube. Quando eu era espírito, sabia o que minhas bruxas sabiam. Fui eu...?

- O que houve com você? No que está pensando?

A noite, ele parou junto à janela e ficou olhando as luzes de Paris. Fez amor com ela repetidamente, estando ela dormindo ou não. Seu bigode se adensara e afinal ficara macio, e sua barba agora lhe cobria o queixo todo.

Mas a parte mole no seu crânio continuava lá.

Na realidade, todo o seu esquema de ritmo de crescimento parecia programado e diferente. Ela começou a fazer comparações com outras, espécies, relacionando suas diversas características. Ele possuía, por exemplo, a força de um primata inferior nos braços, apesar de ter uma habilidade aprimorada com os dedos e com os polegares. Ela gostaria de ver o que aconteceria se ele conseguisse acesso a um piano. Sua necessidade de ar era seu enorme ponto fraco. Era concebível que alguém pudesse sufocá-lo. Mas ele era tão forte. De uma força tamanha. O que lhe aconteceria dentro d'água?

Trocaram Paris por Berlim. Ele não gostou do som da língua alemã, não que ela para ele fosse feia, apenas "marcada", disse ele. Ele não conseguia eliminar os sons ásperos, invasores. Quis ir embora da Alemanha.

Naquela semana, ela abortou. Câibras como convulsões e sangue por todo o banheiro antes que ela compreendesse o que estava acontecendo. Ele ficou olhando para o sangue completamente assombrado.

Tenho de descansar, disse ela mais uma vez. Se ao menos pudesse descansar em algum lugar tranquilo, onde não houvesse nenhuma cantoria, nenhum poema, nada, só a paz. Mesmo assim, ela raspou do chão a minúscula massa gelatinosa no centro da hemorragia. Um embrião naquele estágio da gravidez teria sido microscópico. Aqui havia alguma coisa, e o embrião tinha membros! Sentia repulsa e fascínio. Ela insistiu em ir a um laboratório onde pudesse estudá-lo melhor.

Conseguiu passar três horas lá antes que as pessoas comessem a questionar sua presença. Fez anotações à vontade.

- Existem dois tipos de mutação - disse-lhe ela. - As que podem ser transmitidas geneticamente e as que não podem. Não se trata de uma ocorrência única, esse seu nascimento. É concebível que você seja... uma espécie.

Mas como isso poderia ser? Como poderia acontecer? Como poderia uma combinação de atividade telecinética... - Ela se interrompeu, voltando a recorrer a termos científicos. Da clínica, ela havia roubado equipamento para exames de sangue e agora colheu um pouco do seu próprio sangue e lacrou adequadamente os frascos. Ele deu um sorriso entristecido.

- Você não me ama de verdade - disse, com frieza.

- Claro que amo.

- Você pode amar a verdade mais do que o mistério?

- Qual é a verdade? - Ela se aproximou dele, pôs a mão no seu rosto e olhou dentro dos seus olhos. - O que você se lembra do passado remoto, do próprio início de tudo, de um tempo antes que os humanos surgissem na terra? Você se lembra de ter falado nessas coisas, no mundo dos espíritos e de como os espíritos aprenderam com os humanos. Você disse....

- Não me lembro de nada - disse ele, categórico.

Ele estava sentado à mesa relendo o que havia escrito. Esticou bem as pernas compridas, cruzou os tornozelos, apoiou a cabeça nos pulsos no espaldar da cadeira e ficou ouvindo suas próprias gravações. Seu cabelo agora chegava aos ombros. Ele lhe fazia perguntas como se a estivesse testando.

- Quem foi Mary Beth? Quem era a mãe dela?

Inúmeras vezes ela recontou a história da família como a recebera. Repetia histórias dos arquivos da Talamasca e relatos aleatórios que ouvira dos outros. A seu pedido, ela descreveu todos os parentes que conhecia. Ele começara a ficar calado, ouvindo o que ela dizia, forçando-a a falar por horas a fio. Isso era uma agonia.

- Sou calada por natureza. Não posso... não consigo...

- Quem eram os irmãos de Julien? De seus nomes e os dos seus filhos.

Afinal, exausta a ponto de não conseguir se mexer, com as cólicas voltando como se já estivesse grávida novamente e de fato já estivesse abortando, ela se recusou a continuar.

- Não agüento mais.

- Donnelaith - disse ele. - Quero ir até lá. - Ele estivera parado à janela, chorando. - Você me ama mesmo, não é? Não tem medo de mim? Ela pensou muito tempo antes de responder.

- É, eu o amo, sim. Você não tem ninguém neste mundo... e eu amo você. Mas estou assustada. Isso é loucura. Não é organização e trabalho. É obsessão. Tenho medo... de você.

Quando ele se debruçou sobre ela, ela agarrou sua cabeça com as mãos e a levou até o seio. Veio então o êxtase enquanto ele esgotava seu leite. Será que nunca se cansaria disso? Será que iria mamar para sempre? A idéia fez com que risse. Ele seria um bebê para sempre: um bebê que anda, fala e faz amor.

- É, e canta, não se esqueça disso! - completou ele, quando ela lhe contou.

Ele afinal começou a assistir televisão por períodos longos e sem interrupções. Ela podia ir ao banheiro sem que ele ficasse à espreita. Podia tomar banho devagar. Já não sangrava mais. Ai, o que eu não daria pelo Instituto Keplinger? Pense só no que a fortuna Mayfair poderia fazer, se ela tivesse coragem. Sem dúvida, estariam procurando por ela, procurando pelos dois.

Havia errado totalmente nesse caso! Deveria tê-lo escondido em Nova Orleans e fingido que ele nunca havia estado por lá. Louca, estúpida, mas naquele dia não havia sido capaz de pensar, naquela terrível manhã de Natal!

Meu Deus, desde então havia se passado uma eternidade.

Ele olhava para ela, carrancudo. Parecia cruel e cheio de medo.

- O que houve? - disse ele.

- Diga os nomes deles - disse ela.

- Não, você que diga... - Ele apanhou uma das páginas que havia redigido com tanto cuidado, numa caligrafia estreita apertada, e alargou de novo. - há quanto tempo estamos aqui?

- Você não sabe?

Ele chorou um pouco. Ela adormeceu e, quando acordou, ele já estava controlado e vestido. As malas estavam feitas. Ele lhe disse que estavam indo para a Inglaterra.

Foram de carro na direção norte a partir de Londres até Donnelaith. Ela dirigiu a maior parte do tempo, mas depois ele aprendeu, e conseguia manejar o veículo razoavelmente nos trechos solitários da estrada secundária. Traziam tudo o que possuíam no carro. Ela se sentia mais segura aqui do que em Paris.

- Mas por quê? Será que eles não virão nos procurar aqui? - perguntou ele.

- Não sei. Não sei se eles esperam que nós viajemos até a Escócia. Não sei se eles esperam que você se lembre das coisas...

- Bem, às vezes eu não me lembro - disse ele, com um riso irônico.

- Do que está se lembrando agora?

Ele ficou solene e cheio de ódio. A barba e o bigode pareciam ameaçadores no seu rosto. Sinais de evidente maturidade sexual. O aborto. A moleira. Seria esse o animal adulto, ou seria ele apenas um adolescente?

Donnelaith.

Não chegava a ser uma aldeia. Não passava da estalagem e do quartel-general do projeto arqueológico, ali perto, onde um pequeno contingente de estudantes de arqueologia comia e dormia. Havia oferta de excursões ao castelo em ruínas acima do lago, e da cidadezinha em ruínas lá embaixo no vale, com sua catedral, que não se via da estalagem, e mais ao longe o antiquíssimo círculo de pedras, que ficava a uma boa caminhada de distância, mas que valia a pena. No entanto, só se podia entrar nas áreas indicadas. Quem quisesse perambular sozinho deveria obedecer a todas as placas. As excursões seriam na manhã do dia seguinte.

Rowan sentiu um calafrio ao olhar da janela da estalagem e ver de fato, a uma distância indefinida e deformante, o lugar onde tudo havia começado, onde Suzanne, a curandeira da aldeia, havia conjurado um espírito chamado Lasher, e aquele espírito havia se vinculado para sempre às descendentes de Suzanne. Isso

a apavorava. E o vale imenso e impressionante era cinzento, melancólico e de uma beleza suave, como a de lugares úmidos, verdejantes, frios, como as remotas regiões montanhosas do norte da Califórnia. O crepúsculo caía, denso e brilhante na escuridão úmida e o mundo inteiro lá embaixo parecia misterioso, algo saído de contos de fadas.

Era possível ver qualquer automóvel que se aproximasse do local, de qualquer direção. Havia apenas uma estrada, e dava para se ver quilômetros a norte e a sul. E a maioria dos turistas chegava de cidades próximas e de ônibus. Só alguns fanáticos ficavam na estalagem. Uma moça americana que estava escrevendo um trabalho sobre as catedrais perdidas da Escócia. Um senhor de idade, pesquisando seu clã nessas regiões remotas, na convicção de que suas origens remontavam a Robert, the Bruce, rei da Escócia no século XIV. Um jovem casal que não se importava com ninguém.

E Lasher e Rowan. No jantar, ele experimentou alimentos sólidos. Detestou-os. Queria mamar. Ficou olhando para ela, faminto.

O deles era o melhor quarto e o mais espaçoso, muito bem arrumado com uma cama de babados sob as vigas baixas pintadas de branco, um tapete espesso e uma pequena lareira para espantar o frio, bem como uma visão panorâmica do vale lá embaixo. Ele disse ao estalajadeiro que não queriam telefone no quarto, que queriam privacidade. Detalhou as refeições que deveriam ser preparadas para eles e a que horas deveriam ser servidas. Depois, segurou o pulso de Rowan, com sua força terrível, dolorosa.

- Vamos sair para o vale.

Ele a puxou pela escada até a sala da frente da estalagem. O casal estava sentado a uma pequena mesa distante, olhando para eles com ar ameaçador.

- Está escuro - disse ela. Estava cansada de dirigir e ligeiramente enjoada.

- Por que não esperamos até amanhã?

- Não - disse ele. - Calce os sapatos para caminhadas. - Ele se voltou, abaixou-se e começou a lhe tirar os sapatos. As pessoas olhavam para ele,

espantadas. Ocorreu a Rowan que não era absolutamente fora do normal que ele se comportasse desse modo. Era característico. Seu discernimento era o de um louco, assim como sua ingenuidade.

- Eu mesma faço isso - disse ela. Voltaram para o andar superior. Ele ficou olhando enquanto ela se vestia para o frio ao ar livre. Ela saiu vestida para uma longa noite de exploração, com sapatos bem amarrados sobre meias de lã.

Pareceu que eles davam um caminhada interminável ladeira abaixo e depois contornando as margens do lago.

A lua crescente iluminava as paredes arruinadas e pontiagudas do castelo.

Os rochedos eram perigosos, mas havia trilhas bastante usadas. Ele subiupelo caminho, puxando-a atrás de si. Os arqueólogos haviam instalado obstáculos, placas, advertências, mas não havia ninguém por ali. Eles foram onde quiseram ir. Escadas novas de madeira haviam sido construídas nas torres altas, parcialmente em ruínas, e para descer até os calabouços. Ele seguia à frente dela, a passos firmes, num ritmo quase frenético. Ocorreu-lhe que talvez essa fosse a melhor hora para uma fuga. Que, se ela ao menos tivesse a coragem, poderia empurrá-lo do alto de uma dessas escadas frágeis, e ele cairia. Teria de sofrer como qualquer ser humano! Seus ossos eram frágeis. Ainda eram em sua maior parte cartilagem, mas ele morreria, sem dúvida que sim. Mesmo enquanto considerava a idéia, ela começou a chorar. Sentia que não poderia fazer uma coisa dessas. Não poderia despachá-lo assim tão simplesmente. Matá-lo? Não poderia.

Era uma coisa covarde e irrefletida a imaginar, muito mais irrefletida do que ter partido com ele. Mas aquela decisão também havia sido apressada. Ela agora percebia. Fora loucura sua pensar que poderia lidar com ele, controlá-lo ou estudá-lo sozinha. Que idiota, que idiota havia sido. Deixar aquela casa sozinha com esse demônio rebelde e dominador, ficar tão obcecada no seu orgulho e na sua hubris com a sua própria criação!

Mas será que ele teria permitido que as coisas corressem de outro modo?

Quando ela revia a situação, ele não a apressara, não a empurrara, não lhe dissera. Depressa inúmeras vezes? O que ele temia? Michael, e, Michael havia sido algo a temer.

Mas o erro foi meu. Eu poderia ter contido toda a situação. Eu poderia ter controlado essa coisa. E ao luar que caía sobre o chão gramado do saguão principal do castelo, com seu interior destruído, ela considerava mais fácil culpar-se, censurar-se, odiar a si mesma do que machucá-lo.

Era duvidoso que ela sequer conseguisse. A única vez em que acelerou seus passos atrás dele nas escadas, ele se voltou, agarrou-a e a fez andar à sua frente. Ele estava sempre vigilante. Podia erguê-la sem nenhum esforço com um dos seus longos braços simiescos para depositá-la no chão onde bem desejasse. Ele não sentia nenhum medo de cair.

Mas alguma coisa naquele castelo lhe dava medo.

Ele tremia e chorava quando saíram do castelo. Disse que queria ir ver a catedral. A lua já se escondera por trás das nuvens, mas o vale ainda estava imerso numa luz fraca e uniforme. E ele conhecia o caminho, ignorando a trilha preestabelecida e descendo direto pelas encostas a partir da base do castelo.

Chegaram afinal ao próprio vilarejo, aos alicerces escavados das suas muralhas, suas ameias, seus portões, sua minúscula rua principal, tudo demarcado com cordas e identificado com placas, e ali, logo ali erguia-se a imensa ruína da catedral, tornando acanhadas todas as outras estruturas, com suas quatro paredes de pé e seus arcos quebrados estendendo-se como braços para abraçar o céu baixo.

Ele se ajoelhou no capim, com os olhos fixos na nave longa e descoberta. Podia-se ver metade do círculo do que outrora fora a soberba rosácea. No entanto, nenhum caco de vidro restava entre essas pedras, muitas das quais haviam sido postas recentemente no lugar e rejuntadas para recriar paredes que aparentemente haviam desmoronado. Havia enormes montes de pedras à esquerda e à direita, trazidos obviamente de outros lugares para a restauração do prédio.



Ele se levantou, agarrou-a e a arrastou consigo, passando pelo obstáculo e pelas placas, até estarem na própria igreja, olhando para cima, para além dos arcos de cada lado, para o céu nublado e a lua que dava apenas um mínimo de luz através das nuvens amorfas. A catedral havia sido gótica, enorme, talvez exagerada para um lugar desses, a não ser que naquela época houvesse multidões de fiéis.

Ele tremia de corpo inteiro. Levou as mãos à boca e depois começou a emitir aquele zumbido, aquele cantarolar, e a balançar de um pé para o outro. Caminhou, obstinado, contra sua própria disposição, ao longo da parede e de repente indicou uma janela vazia, alta e estreita.

- Ali, ali! - exclamou. E pareceu pronunciar outras palavras, ou procurou fazê-lo, e voltou a ficar agitado e exausto. Sentou-se no chão, dobrando os joelhos juntos ao corpo, puxou-a para perto de si descansando a cabeça no ombro de Rowan e depois aconchegando-se junto aos seios.

Empurrou o suéter para cima com violência e começou a mamar. Ela se recostou, totalmente desprovida de vontade. Olhando para as nuvens lá em cima. Implorando por estrelas, mas não havia estrelas, só a luz difusa da lua, e a bonita ilusão de que não eram as nuvens que se movimentavam, mas, sim, as altas paredes e os buracos das janelas em arco.

Pela manhã, quando ela acordou, ele não estava no quarto! Mas também já não havia mais telefone nenhum ali. E, quando abriu a janela, Rowan viu que seria uma queda direta de uns seis metros ou mais até o capim lá embaixo.

E o que ela faria se de fato conseguisse chegar lá? As chaves do carro estavam com ele. Ele sempre as trazia consigo. Ela correria a pedir socorro aos outros, explicaria que estava sendo mantida prisioneira? Nesse caso, o que ele faria?

Ela podia imaginar tudo, todas as possibilidades. Elas giravam como cavalinhos de carrossel na sua mente até ela desistir. Lavou-se, vestiu-se e escreveu no seu diário. Relacionou mais uma vez todos os ínfimos detalhes observados: que sua pele estava amadurecendo, que seu queixo agora estava

firme, mas não o alto da cabeça. Principalmente, porém, relatou o que havia acontecido desde sua chegada a Donnelaith, suas estranhas reações às ruínas.

Na sala principal da estalagem, no andar inferior, ela o encontrou à mesa com o velho estalajadeiro, imersos em conversa. O homem levantou-se, respeitoso, e puxou uma cadeira para ela.

- Sente-se - disse-lhe Lasher. Seu café da manhã estava sendo preparado. Ele ouvira seus passos quando ela saiu da cama.

- Claro - disse ela, amargurada.

- Prossiga - disse ele ao homem.

O velho estava impaciente para falar e pareceu retomar o assunto do ponto em que havia sido interrompido. Que o projeto arqueológico vinha sendo financiado há noventa anos, mesmo durante as duas guerras mundiais, por recursos americanos. Alguma família nos Estados Unidos interessada no clã de Donnelaith.

Somente nos últimos tempos, porém, haviam conseguido algum progresso verdadeiro. Quando perceberam que a catedral remontava a 1228, pediram mais recursos à família nos Estados Unidos. Para seu assombro, o antigo fundo foi aumentado, e agora toda uma turma de Edimburgo estava aqui, já há vinte anos, recolhendo pedras espalhadas e descobrindo os alicerces inteiros não só da igreja, mas de um mosteiro e de uma aldeia mais antiga, possivelmente do século VIII. Ele não sabia os detalhes.

- Sempre soubemos da existência de Donnelaith, sabe - disse o velho. - Mas os condes morreram todos no grande incêndio de 1689, e depois disso a cidadezinha foi definhando. Na entrada deste século, não havia mais nada. Quando o projeto arqueológico teve início, meu pai veio construir esta estalagem. Um senhor simpático dos Estados Unidos arrendou-lhe esta propriedade.

- Quem teria sido esse aí? - perguntou Lasher, totalmente assombrado.

- Julien Mayfair, trata-se do fundo Julien Mayfair -disse o velho. - Mas você devia realmente conversar com os rapazes do projeto. São um pessoal sério e

bem comportado, esses estudantes. Eles não deixam que os turistas apanhem pedras e sei lá mais o quê para levar embora daqui.

- E falando de pedras, há também o antigo círculo, sabe? E por muito tempo, era lá que eles trabalhavam mais. Dizem que é tão antigo quanto Stonehenge, mas a catedral é a verdadeira descoberta. Fale com os rapazes.

- Julien Mayfair - repetiu ele, olhando fixamente para o velho. Parecia indefeso, desnortado, na defensiva. Como se as palavras não significassem nada. - Julien...

Antes do final da tarde, já haviam oferecido um almoço com vinho a alguns dos estudantes. Obtiveram um quadro completo bem como maços de velhos panfletos impressos de tempos em tempos para venda ao público para levantar dinheiro.

O atual Fundo Mayfair era administrado de Nova York, e a família fundadora era extremamente generosa.

A pessoa mais velha a trabalhar no projeto era uma inglesa loura, de cabelos curtos e expressão alegre, bastante atarracada no seu casaco de tweed e botas de couro. Não se incomodou nem um pouco de responder suas perguntas. Estava trabalhando ali desde 1970. Havia solicitado mais recursos por duas vezes, e descobriu que a família demonstrava cooperação total. É, uma pessoa da família viera em visita uma vez. Uma certa Lauren Mayfair, muito formal.

- Ninguém teria nunca imaginado que ela fosse americana. - A velha considerou essa frase hilariante. - Mas ela não gostou disso aqui, sabe? Tirou algumas fotografias da família e partiu imediatamente para Londres. Lembro-me de que ela disse que ia prosseguir viagem para Roma. Adorava a Itália. Imagino que a maioria das pessoas não aprecie os dois climas: as úmidas regiões montanhosas da Escócia e a Itália ensolarada.

- Itália - sussurrou ele. - A Itália ensolarada. - Seus olhos estavam cheios de lágrimas. Ele os enxugou apressadamente com o guardanapo. A mulher não percebeu. Ela não parava de falar.

- Mas o que vocês sabem a respeito da catedral? - perguntou ele. Pela primeira vez, em sua breve vida, como Rowan a conhecera, ele lhe pareceu cansado. Quase frágil. Limpou os olhos mais algumas vezes com um lenço, alegando tratar-se de uma "alergia", não de lágrimas, mas Rowan via que ele estava desmoronando.

- É exatamente essa a questão. Já nos enganamos a respeito dela antes. Não apresentamos muitas teorias. Está determinado que a imensa estrutura gótica foi construída por volta de 1228, na mesma época que Elgin, mas ela incorporou uma igreja anterior, uma que talvez contivesse janelas de vitral. E o mosteiro era cisterciense. Depois, tornou-se franciscano.

Ele não tirava os olhos dela.

- Parece ter havido também uma escola na catedral, talvez até mesmo uma biblioteca. Ah, só Deus sabe o que vamos encontrar. Ontem descobrimos um novo cemitério. Vocês precisam compreender que as pessoas vêm carregando pedras daqui há séculos. Acabamos de desenterrar as ruínas do transepto sul do século XIV e de uma capela que nem sabíamos estar lá, contendo uma câmara funerária. Essa decididamente envolve algum santo, mas não conseguimos identificá-lo. Sua efígie está entalhada no alto do túmulo. Estamos debatendo o que fazer. Vamos ousar abri-la? Vamos ousar procurar descobrir alguma coisa ali dentro?

Ele não disse nada. De repente, o silêncio ao seu redor pareceu exasperante. Rowan teve medo de que ele desse um grito, fizesse alguma coisa totalmente louca, chamasse a atenção para eles. Ela procurou ter em mente que seria perfeito se isso acontecesse. Sentia-se sonolenta, pesada de tanto leite. A velha falava sem parar sobre o castelo, sobre as guerras entre os clãs nessa região, a carnificina e as batalhas intermináveis.

- O que destruiu a catedral? - perguntou Rowan. A falta de uma cronologia a estava perturbando. Ela queria visualizar um esquema na sua mente.

Ele lhe lançou um olhar irado como se ela não tivesse o direito de falar.

- Não tenho certeza - disse a velha. - Mas tenho um palpite. Houve alguma espécie de guerra entre clãs.

- Errado - disse ele, baixinho. - Pesquise mais fundo. Foram os protestantes, os iconoclastas.

- Ah, você tem de me dizer o que o faz ter essa opinião - disse ela, batendo palmas, quase em júbilo. Enveredou por um longo discurso sobre a Reforma protestante na Escócia, a queima de bruxas que se prolongara por um século ou mais, até o próprio final da história de Donnelaith, sacrifícios extremamente cruéis. Ele estava sentado como que num estupor.

- Aposto que você está absolutamente certo. Foram John Knox e seus reformadores! Donnelaith permanecera, até o incêndio fatal, um forte baluarte católico. Nem mesmo o perverso Henrique VIII conseguiu erradicar Donnelaith. - A mulher agora estava se repetindo, e se estendendo a respeito de como detestava as forças políticas e religiosas que destruíam a arte e os prédios. - Todos aqueles vitrais magníficos, imaginem!

- É, lindos vitrais.

Mas ele havia recebido tudo que a mulher tinha a dar.

A medida que a noite caía, os dois saíram de novo. Ele estivera calado, sem fome, sem disposição para o sexo e sem permitir que ela se afastasse. Ele caminhou à sua frente, atravessando toda a planície relvada, até chegarem de novo à catedral. Grande parte das escavações do transepto sul estava protegida por um telhado improvisado de madeira bem como por portas trancadas. Ele quebrou o vidro de uma janela, destrancou a porta e entrou. Estavam nas ruínas de uma capela. Os estudantes estiveram reconstruindo a parede. Havia retirado muita terra de um túmulo central, com a imagem de um homem entalhada na tampa, quase espectral agora de tanto desgaste. Ele fixou o olhar na imagem e depois ergueu os olhos até o que já havia sido restaurado das janelas. Enfurecido, começou a bater nas paredes de madeira.

- Pare com isso, vão vir até aqui - gritou ela. Mas de repente conteve-se, pensando, Que venham. Que o prendam por agir como um louco. Ele viu a

esperteza nos seus olhos, o ódio que por um instante ela não conseguiu disfarçar. Quando voltaram para a estalagem, ele começou a ouvir suas próprias gravações, desligou o gravador e passou a folhear seus cadernos.

- Julien, Julien, Julien Mayfair - disse ele.

- Você não se lembra dele, não é?

- Como?

- Você não se lembra de nada, de quem era Julien, Mary Beth, Deborah ou Suzanne. Você vem esquecendo o tempo todo. Você se lembra de Suzanne?

Ele ficou olhando para ela, pálido, com uma raiva muda.

- Você não se lembra - voltou ela a provocar. - Começou a esquecer em Paris. Agora não sabe quem eles foram.

Ele se aproximou dela e se jogou de joelhos à sua frente. Parecia extremamente empolgado, com a raiva se transformando num entusiasmo exuberante e aceitável.

- Não sei mesmo quem eles foram. Não tenho muita certeza de quem você é! Mas agora sei quem eu sou!

Depois da meia-noite, ele a acordara enquanto a estuprava e, quando terminou, quis ir embora, sair dali antes que alguém viesse procurar por eles.

- Essa família Mayfair, parece ser um pessoal muito esperto.

Ela deu um riso amargo.

- E que tipo de monstro é você? Você não é nada que eu possa ter feito. Agora sei disso. Não sou Mary Shelley!

Ele parou o carro, arrastou-a até um capinzal alto e a golpeou repetidamente. Atingiu-a com tanta força que quase lhe quebrou o maxilar. Ela gritou, advertindo-o de que o dano poderia ser irreversível. Ele parou de bater nela e ficou ali parado com os punhos cerrados.

- Eu amo você - disse ele, chorando - e também a odeio.

- Sei exatamente o que você quer dizer - respondeu ela, desanimada.

Era tamanha a dor no seu rosto que ela achou que ele talvez tivesse quebrado seu nariz e seu maxilar. Mas isso não havia acontecido. Afinal, ela se

sentou. Ele se jogara de qualquer jeito ao seu lado, parecendo só ter joelhos e cotovelos, e começou a acariciá-la com suas mãos grandes e quentes. Totalmente confusa, ela soluçou encostada no seu peito.

- Ai, meu Deus, meu Deus, o que vamos fazer? - perguntou ela. Ele a afagava, cobrindo-a de beijos, mamando de novo, todas as suas velhas artimanhas, seus truques perversos, o Demônio entrando sorrateiro na cela da freira, afaste-se de mim! Mas ela não tinha coragem de fazer nada. Ou será que era a força física que lhe faltava? Já fazia tanto tempo que ela não se sentia normal, saudável, cheia de vitalidade.

Da vez seguinte que ele se irritou, foi quando pararam para abastecer e ela se aproximou do telefone público. Ele a agarrou, e ela começou a dizer muito rápido uma antiga trova que sua mãe lhe ensinara.

Coitada da Miss Mackay!  
Seus garfos e facas foram embora;  
E quando será a vez das xícaras e colheres  
Ela não tem jeito de saber a hora!

Exatamente como esperava, ele ficou fraco de tanto rir. Chegou a cair de joelhos. Como seus pés eram grandes. Ela ficou ali parada, recitando.

Tom, Tom, filho do flautista.  
Roubou um porco e fugiu correndo,  
O porco foi comido, e Tom espancado,  
E Tom saiu chorando pela rua afora.

Ele implorou que ela parasse, meio rindo, meio chorando.

- Tenho uma para você - exclamou ele, levantando-se e cantando enquanto dançava, batendo com os pés no chão e com as mãos nas coxas.

A porca entrou com a sela.  
O leitãozinho balançou o berço.  
O prato saltou por cima da mesa  
Para ver a panela engolir a concha.  
O espeto que estava atrás da porta  
Jogou a colher de pau ao chão.  
"Droga!" disse a grelha,  
"Você não concorda?".  
Sou o chefe de polícia,  
Traga-os a mim!"

E então ele a agarrou com violência, cerrando os dentes, e a arrastou de volta ao carro.

Quando chegaram a Londres, seu rosto estava totalmente inchado.

Qualquer um que a visse de relance ficava alarmado. Ele os hospedou num belo hotel, embora ela não fizesse a menor idéia da sua localização, e lhe deu chá quente e doces enquanto cantava para ela.

Disse estar arrependido de tudo que havia feito, que havia renascido, ela não percebia isso? O que isso significava? Que nele residia um milagre. Depois vieram os previsíveis beijos, a mamada e um sexo bruto e grosseiro que era tão bom quanto qualquer outro. Dessa vez, por puro desespero, ela o estimulou a repetir. Talvez fizesse isso por ser esse o único meio pelo qual poderia exercer sua vontade. Descobriu que, após a quarta vez, até mesmo ele estava exausto e adormeceu. Ela não ousava se mexer. Quando deu um suspiro, ele abriu os olhos.

Ele agora estava realmente lindo. O bigode e a barba tinham a forma e o comprimento bíblicos, e todas as manhãs ele os aparava devidamente. Seu cabelo estava muito comprido. Seus ombros eram grandes demais, mas isso não fazia diferença. Toda a sua aparência era régia, majestosa. Essas palavras têm o mesmo significado? Ele inclinava a cabeça para as pessoas quando falava, tocava



a ponta da pala do seu chapéu cinzento, macio e sem forma definida. As pessoas adoravam olhar para ele.

Foram à abadia de Westminster, e ele caminhou pelo templo inteiro examinando cada um dos seus detalhes. Observou os fiéis que se movimentavam de um lado para o outro.

- Tenho apenas uma missão muito simples - disse ele afinal. - Uma missão velha como a própria Terra.

- E qual é? - perguntou ela.

Ele não respondeu.

- Quero que comece a trabalhar a sério no seu estudo. Vamos conseguir um lugar seguro... não aqui na Europa... nos Estados Unidos, tão perto deles que eles nem possam supor. Precisamos de tudo. Os custos não devem representar um obstáculo. Não voltaremos a Zurique! Eles estarão procurando por você lá. Pode providenciar grandes quantias em dinheiro?

- Isso eu já fiz - lembrou-lhe ela. Estava claro por esse e por outros comentários que ele não lembrava as coisas simples na seqüência. - As movimentações bancárias foram bem elaboradas. Podemos voltar para os Estados Unidos se você quiser.

Na realidade, seu coração saltava de alegria, em silêncio, só de pensar nisso.

- Há um instituto de neurologia em Genebra - disse ela. - É para lá que devemos ir. Tem renome internacional. É enorme. Podemos trabalhar lá um pouco. E concluir todos os acordos com o Swiss Bank. Lá podemos planejar a viagem. É o melhor a fazer, creia em mim.

- É, e de lá devemos retornar aos Estados Unidos. Eles estarão à sua procura. E à minha. Devemos voltar. Estou pensando no lugar.

Ela adormeceu, sonhando apenas com o laboratório, as laminas, os exames, o microscópio, com o conhecimento, como se ele fosse um exorcismo. É claro que ela sabia que não poderia fazer tudo sozinha. O máximo que podia fazer era instalar computadores e registrar suas descobertas. Ela precisava de uma

cidade cheia de laboratórios, uma cidade na qual os hospitais fossem numerosos como se crescessem em árvores, onde ela pudesse ir a um grande centro, depois a outro...

Ele estava sentado à mesa lendo e relendo a história da família Mayfair.

Seus lábios moviam-se tão velozes, era de novo aquele zumbido. Ria de certas coisas no relato como se elas fossem uma total novidade para ele. Veio ajoelhar-se junto a ela e olhou nos seus olhos.

- O leite está secando, não é?

- Não sei. Dói tanto.

Ele começou a beijá-la. Apanhou um pouquinho de leite entre os dedos e o levou aos lábios de Rowan. Ela suspirou. Disse que tinha gosto de água.

Em Genebra, tudo foi planejado até os mínimos detalhes.

A opção mais óbvia para seu destino final era a cidade de Houston no Texas. Por quê? Simplesmente porque havia hospitais e centros médicos por toda a parte. Todas as formas de pesquisa médica estavam sendo realizadas em Houston. Ela talvez encontra-se um prédio para eles, algum espaço de clínica ocioso em decorrência da depressão do petróleo. Havia imóveis em excesso em Houston. Diziam que a cidade tinha três centros. Ninguém conseguiria encontrá-los por lá.

O dinheiro não era nenhum empecilho. Suas vultosas transferências estavam a salvo no gigantesco Swiss Bank. Ela só precisava abrir algum tipo de conta fantasma na Califórnia e em Houston.

Ela estava deitada na cama, com os dedos dele segurando firme seu pulso, enquanto pensava, Houston, Texas, a apenas uma hora de casa, de avião.

- Apenas uma hora.

- É, eles nunca vão imaginar - disse ele. - Não faria muita diferença se você nos tivesse levado para o pólo Sul. Você não podia ter inventado um esconderijo mais inteligente.

Ela desanimou. Dormiu. Passou mal. Quando acordou, estava sangrando. Mais um aborto. Dessa vez, o núcleo viscoso talvez estivesse com uns cinco

centímetros de comprimento, talvez até mais do que isso, antes de começar a se desintegrar.

Pela manhã, depois de descansar, ela tomou uma atitude. Iria ao instituto, examinar essa coisa e fazer os exames que pudesse nele. Berrava sem parar. E afinal, apavorado e aflito, ele consentiu.

- Você tem medo de ficar sem mim, não tem? - perguntou ela.

- E se você fosse o último homem na face da Terra, e eu fosse a última mulher? - retrucou ele.

Ela não entendeu o que aquilo queria dizer. Mas ele parecia entender. Levou-a ao instituto. Todas as atividades normais da vida agora não eram nada para ele, chamar táxis, dar gorjetas, ter, caminhar, correr, andar de elevador. Ele havia comprado uma flauta barata de madeira numa loja, e ia tocando flauta pela rua, muito insatisfeito com ela e com sua própria capacidade de criar melodias com ela. Não ousava comprar um rádio. Seria completamente dominado pelo aparelho.

Novamente, na clínica, ela conseguiu um jaleco branco, uma prancheta, um lápis, as coisas de que precisava, formulários dispostos em envelopes sobre uma mesa, papeletas amarelas, cor-de-rosa e azuis para vários exames, e passou a preencher os pedidos fantasma.

Uma hora ela era a médica que o acompanhava; outra, era a técnica do laboratório. E, sempre que fosse questionado, ele tagarelava como uma celebridade no anonimato.

Em meio a tudo isso, ela conseguiu escrever um longo recado num dos formulários em três vias, endereçado ao porteiro do hotel, dando-lhe instruções para que providenciasse o despacho de material médico. O destinatário, Dr. Samuel Larkin, University Hospital, San Francisco, Califórnia.

Ela teria o material disponível assim que fosse possível. O porteiro deveria debitar à sua conta o custo da remessa urgente, material médico sensível ao calor.

olhos, mas voltou a si, com aquela sua pele e seus ossos de uma plasticidade fantástica, como um bebê que sobrevive a uma queda de uma janela absurdamente alta. Ele a agarrou e a espancou de novo, até ela ficar inconsciente.

Durante a noite, ela acordou. Seu rosto estava inchado, mas os ossos não estavam quebrados. Um dos olhos estava quase fechado. Isso queria dizer dias sem sair do quarto. Ela não sabia se agüentaria.

Na manhã do dia seguinte, ele a amarrou à cama pela primeira vez. Usou pedaços de lençol e deu nós apertados. Já estava acabando quando ela acordou e descobriu que estava amordaçada. Ele desapareceu por horas a fio. Ninguém veio até o quarto. Sem dúvida, alguma instrução ou aviso havia sido dado. Ela chutava, berrava, em vão. Não conseguia produzir um som que fosse alto o bastante.

Quando ele voltou, tirou o telefone do esconderijo, pediu um banquete para ela e implorou mais uma vez que o perdoasse. Foi tocar sua pequena flauta.

Enquanto ela comia, ele observava cada movimento seu. Seu olhar estava pensativo, em reflexão.

No dia seguinte, ela não lutou quando ele a amarrou, e dessa vez foi com a fita crepe que ele comprara no dia anterior, totalmente impossível de ser arreventada. Ele ia colar a fita sobre a sua boca quando ela o advertiu calmamente de que poderia morrer sufocada. Ele se contentou com uma mordaça menos dolorosa e eficiente. Ela se debateu como louca depois que ele saiu. De nada adiantou. Nada adiantava. O leite escorria dos seus seios. Ela passou mal, e o quarto girava.

Na tarde do dia seguinte, depois de fazerem amor, ele ficou deitado em cima dela, pesado, adorável, com os cabelos negros e macias entre seus seios, a mão esquerda sobre a sua mão direita, sonhando, cantarolando. Ela não estava amarrada. Ele cortara as algemas de fita, deixando-as suspensas. Faria outras quando quisesse.

Ela olhou para o alto da sua cabeça, a reluzente cabeleira negra; respirou para sentir seu cheiro, pressionou o corpo contra o seu peso e voltou a cochilar por uma hora.

Ele ainda não acordara. Respirava fundo.

Ela estendeu a mão esquerda e apanhou o telefone. Nela nada mais se mexia. Conseguiu segurar o fone e apertar a tecla da telefonista. Falava tão baixo que mal conseguiam ouvi-la.

Era noite na Califórnia. Lark prestou atenção ao que Rowan tinha a dizer. Lark havia sido seu chefe. Lark era seu amigo. Lark era a única pessoa que poderia acreditar nela, a única pessoa que se comprometeria a levar aqueles exames ao Keplinger. Lá, Mitch Flanagan era o homem em quem ela confiava, embora ele talvez não se lembrasse dela.

Alguém tinha de saber.

Lark tentou fazer todo tipo de pergunta. Ele não conseguia ouvi-la, fale mais alto. Ela lhe disse que estava correndo perigo. E que poderia ser interrompida a qualquer instante. Teve vontade de revelar o nome do hotel, mas sentiu-se dividida. Se ele viesse procurá-la enquanto ela ainda estivesse indefesa, era possível que ela não conseguisse tirar os exames dali, sua cabeça estava exausta. Ela não conseguia raciocinar. Estava contando a Lark algo a respeito dos abortos. De repente, Lasher olhou para cima, apanhou o telefone da sua mão, arrancou o aparelho inteiro da parede e começou a espancá-la.

Parou só porque ela lhe lembrou que as marcas apareceriam. Eles precisavam viajar para os Estados Unidos. Deveriam partir amanhã. E, quando ele a amarrou, ela quis que ele fizesse todos os nós menos apertados. Se ele continuasse a amarrá-la daquele jeito, ela perderia o uso dos membros. Manter alguém prisioneiro era uma arte.

Ele chorou, em silêncio, sem lágrimas.

- Eu amo você - disse ele. - Se ao menos eu pudesse confiar em você... Se ao menos pudesse ser minha companheira, se me desse seu amor e sua

confiança. Mas eu fiz de você o que você é, uma bruxa cheia de maquinações. Você olha para mim e tenta me matar.

- Você tem razão - disse ela. - Mas nós deveríamos ir agora para os Estados Unidos a não ser que queira que eles nos encontrem.

Ela pensava que, se não saísse daquele quarto, ficaria completamente louca e inútil. Tentou fazer um plano. Atravessar o oceano, chegar mais perto de casa. Chegar mais perto. Houston é mais perto.

Um desespero surdo encobria tudo. Ela agora sabia o que tinha de fazer. Tinha de morrer antes de ser fecundada novamente por essa criatura. Ela não podia dar à luz mais um, não podia. Mas ele estava procurando procriar com ela. Já a havia engravidado duas vezes. Sua mente ficava vazia de tanto medo. Pela primeira vez na vida, ela compreendeu por que alguns seres humanos não conseguem agir quando estão apavorados, por que alguns ficam paralisados a observar com humildade.

O que acontecera a suas anotações?

Pela manhã, eles fizeram as malas juntos. Tudo o que era de natureza médica foi para uma bolsa, e nessa bolsa ela colocou as cópias das diversas etiquetas e papeletas que usara para pedir várias informações nas clínicas.

Colocou em cima de tudo as instruções para o porteiro, que incluíam o endereço de Lark. Ele pareceu não perceber.

Ela trouxera do laboratório quantidades consideráveis de material de embalagem, mas agora estava enfiando toalhas em volta dos exames. Enfiou até suas roupas ensangüentadas.

- Por que não joga isso fora? - perguntou ele. - Esse cheiro horrível.

- Não estou sentindo cheiro nenhum - disse ela com frieza. - E já lhe disse que preciso desse enchimento. Mas não consegui encontrar meus cadernos. Eu tinha uma porção de cadernos.

- É, eu os li - disse ele, tranqüilamente. - Eu os joguei fora.

Ela ficou olhando para ele.

Nenhum registro sobrara, a não ser os exames. Nenhuma comunicação para ninguém de que aquela coisa estava viva, respirava e queria procriar. As portas do hotel, enquanto ele providenciava o carro para levá-los ao aeroporto, ela entregou a bolsa com os exames de laboratório ao porteiro, com um maço de francos suíços, e disse num alemão apressado que a bolsa deveria ser enviada imediatamente ao Dr. Samuel Larkin. Ela voltou as costas para o homem imediatamente e caminhou na direção do carro estacionado exatamente quando Lasher se voltou, sorriu para ela e estendeu a mão.

- Minha mulher, como parece cansada - disse baixinho, com um sorriso discreto. - Como esteve doente.

- É, muito doente - disse ela, perguntando-se o que o carregador estaria vendo ao olhar para ela, para seu rosto magro e machucado.

- Deixe-me abraçá-la, minha querida. - Ele a envolveu com os braços ali no banco traseiro do carro. Beijou-a enquanto se afastavam. Ela não se deu ao trabalho de olhar para ver se o porteiro havia entrado no hotel com a bolsa. Não ousou olhar. O encarregado encontraria o endereço dentro dela. Tinha de encontrar. Quando chegaram a Nova York, ele percebeu o desaparecimento da bolsa com todos os resultados dos exames. Ameaçou matá-la.

Ela ficou deitada na cama, recusando-se a falar. Ele a amarrava delicadamente, com cuidado, dando-lhe espaço para movimentar os membros mas não para se soltar, com a fita crepe trançada revelando-se a corda mais forte do mundo. Ele a cobriu com cuidado para que não sentisse frio. Ligou a ventilação do banheiro e depois a televisão num volume alto mas não absurdo. E saiu.

Passaram-se vinte e quatro horas antes que voltasse. Ela não havia conseguido reter a urina. Ela o odiou. Desejou-lhe a morte. Desejou conhecer feitiçarias com as quais o matasse.

Ele ficou sentado ao seu lado enquanto ela tomava todas as providências para Houston: é, dois andares num prédio de cinquenta, onde teriam total privacidade. Para Houston, era pequeno esse conjunto, e bem no centro. Houston tinha uma boa quantidade de espaços vazios desse tipo. Esse havia sido o

escritório central de um programa de pesquisas sobre o câncer, até sua falência. Não havia atualmente nenhum outro inquilino.

Todo tipo de equipamento ainda estava nos três andares. Tudo havia sido confiscado pelos proprietários do imóvel, mas eles não podiam dar nenhuma garantia quanto ao funcionamento. Tudo bem para ela. Ela alugou o conjunto inteiro, com instalações para residentes, escritórios, recepções, salas de consultas e laboratórios. Ela providenciou o fornecimento de serviços públicos, o aluguel de automóveis, tudo de que precisariam para começar a sério seu estudo.

Era de muita frieza a expressão nos olhos de Lasher enquanto a observava. Ele vigiava os dedos de Rowan quando ela fazia cada ligação. Prestava atenção a cada sílaba que lhe passava pelos lábios.

- Essa cidade fica muito perto de Nova Orleans - disse ela. - Você tem consciência disso. - Ela não queria que ele descobrisse isso mais tarde e se zangasse com ela. Seus pulsos doíam de tanto que ele a arrastava de um lado para o outro. Ela estava com fome.

- Ah, sim, a família Mayfair - disse ele, indicando com um gesto a história impressa, que estava na pasta. Nem um dia se passava sem que ele examinasse esse texto, suas anotações ou suas gravações. - Mas eles nunca iriam pensar em ir procurar você a apenas uma hora de avião de distância, não é?

- Não - respondeu ela. - Se você ferir Michael Curry, eu me suicido. Não terei mais nenhuma utilidade para você.

- Não sei se você tem alguma utilidade para mim agora - disse ele. - O mundo está cheio de pessoas mais simpáticas e agradáveis do que você, pessoas que cantam melhor.

- Então, por que você não me mata? - Enquanto ele refletia, ela deu tudo de si, recorrendo a todas as forças invisíveis de que dispunha, para matá-lo. Foi em vão. Ela agora queria morrer, ou dormir para sempre. Era possível que se tratasse da mesma coisa.

- Eu achava que você era algo imenso, algo inocente. Algo totalmente desconhecido e novo.



- Eu sei que você achava! - respondeu ele, com aspereza, enfurecido e ameaçador, com os olhos azuis faiscando.

- Agora não acho mais.

- Sua função é descobrir quem eu sou.

- Eu estou tentando - disse ela.

- Você sabe que me acha lindo.

- E daí? Eu o odeio.

- E, isso estava claro nos seus cadernos. "Essa nova espécie", "essa criatura", "esse ser". Como era profissional sua atitude ao falar de mim, e sabe de uma coisa? Você está errada. Não sou novo, minha querida. Sou antigo, muito mais antigo do que você pode imaginar. Mas minha hora está chegando de novo. Eu não poderia ter escolhido uma época melhor para minha prole amorosa e infantil. Você não quer saber o que eu sou?

- Você é monstruoso, é antinatural, é cruel e impulsivo. Você não consegue seguir um raciocínio ou se concentrar. Você é louco.

Ele ficou tão furioso que não conseguiu responder de imediato. Sentiu vontade de espancá-la. Ela via que sua mão se abria e se fechava.

- Imagine se toda a humanidade fosse extinta, minha querida, e todos os genes dessa espécie corressem no sangue de uma triste criatura simiesca, e que ela fosse transmitindo esses genes pelas gerações afora até que, finalmente, dos símios nascesse novamente um homem!

Ela não disse nada.

- Você acha que esse homem seria muito misericordioso com os primatas inferiores? Especialmente se ele conseguisse uma parceira? Uma primata que tivesse condições para procriar com ele a fim de criar uma nova dinastia de seres superiores...

- Você não é superior a nós - disse ela, com frieza.

- Isso é o que você pensa - respondeu ele, irado.

- Não sei ao certo como aconteceu, mas sei que não voltará a acontecer.

- Como você é tola - disse ele, abanando a cabeça, com um sorriso. - Como é egocêntrica. Você me faz pensar em todos os cientistas cujas palavras agora eu leio e ouço na televisão. Já aconteceu antes e muitas outras vezes... e esta é a hora certa, esta hora é o momento. Desta vez não haverá nenhum sacrifício. Desta vez, nós vicejaremos como nunca antes!

- Prefiro morrer a ajudá-lo.

Ele abanou a cabeça, abatido. Olhou para longe. Parecia estar sonhando.

- Você acha que seremos misericordiosos quando imperarmos? Algum ser superior algum dia teve penados mais fracos? Os espanhóis, quando chegaram ao Novo Mundo, demonstraram compaixão para com os selvagens que ali encontraram? Não, nunca aconteceu na história, não é? De que a espécie superior, a espécie detentora de vantagens, fosse gentil com os que lhe eram inferiores. Pelo contrário, a espécie superior elimina a inferior. Não é isso o que acontece? Esse é o mundo de vocês, não me venha falar dele! Como se eu não soubesse. - Subiram-lhe lágrimas aos olhos. Ele apoiou a cabeça no braço e chorou. Quando parou de chorar, enxugou os olhos com uma toalha do banheiro. - Ah, tudo que poderia ter acontecido entre nós!

- E o que teria sido?

Ele começou a beijá-la de novo, a acariciá-la e a desabotoar a própria roupa.

- Pare com isso. Já abortes duas vezes. Estou doente. Olhe para mim. Olhe para o meu rosto e as minhas mãos. Olhe para os meus braços. Um terceiro aborto irá me matar, será que você não percebe? Agora estou morrendo. Você está me matando. A quem irá recorrer quando eu me for? Quem o ajudará? Quem sabe da sua existência?

Ele refletiu. Depois, de repente, deu-lhe um tapa. Hesitou, mas parece que a atitude o satisfez. Rowan tinha o olhar fixo nele.

Ele a deitou na cama e começou a afagar seus cabelos. Agora havia muito pouco leite. Ele o tomou. Massageou-lhe os ombros, os braços e os pés.

Beijou seu corpo inteiro. Ela desmaiou. Quando despertou, era tarde da noite, e suas coxas ardiam e estavam molhadas dele e do seu próprio desejo.

Quando chegaram a Houston, ela se deu conta de que havia providenciado uma prisão. O prédio estava abandonado. E ela alugara dois andares bem altos. Durante dois dias, ele fez suas vontades, enquanto faziam compras diversas para seu conforto nessa alta torre de contos de fadas, em meio ao néon e a luzes cintilantes. Ela observava, esperava, lutava para aproveitar a oportunidade mais ínfima, mas ele era alerta demais, rápido demais.

E, então, ele a amarrou. Não haveria nenhum estudo, nenhum projeto.

- Já sei o que preciso saber - disse ele.

Da primeira vez que saiu, foi por um dia. Da segunda vez por uma noite inteira e a maior parte da manhã. Essa havia sido a terceira vez: talvez quatro dias.

E agora olha o que ele havia feito com aquele quarto frio e moderno, de paredes brancas e janelas envidraçadas, e mobília de fórmica.

Suas pernas doíam tanto. Saiu cambaleando do banheiro e entrou no quarto.

Ele havia limpado a cama com perfeição. Estava coberta com lençóis cor de rosa, e ele a cercara de flores. Isso fez com que Rowan se lembrasse de uma mulher que cometera suicídio na Califórnia. Ela encomendara, primeiro, grande quantidade de flores para si mesma, depois arrumou-as em volta da cama e tomou veneno. Ou será que ela não estava apenas se lembrando do enterro de Deirdre, com tocas aquelas flores e a mulher no caixão como uma grande boneca?

Isso aqui parecia ser um lugar para se morrer. Flores em grandes buquês e em vasos, para onde quer que olhasse. E se ela morresse, talvez ele metesse os pés pelas mãos. Ele era tão bobo. Ela precisava ter calma. Precisava pensar, viver e ser esperta.

- Que lírios! Que rosas! Você as trouxe sozinho?

- Estava tudo entregue, do lado de fora da porta, antes que eu pusesse a chave na fechadura - respondeu ele, abanando a cabeça.

- Você achou que ia me encontrar morta aqui dentro, ou não?

- Não sou assim tão sentimental, a não ser quando se trata de música - disse ele, com um sorriso exultante. - A comida está no outro cômodo. Vou trazê-la para cá. O que eu posso fazer para que você me ame? Existe alguma coisa que eu possa lhe dizer? Alguma notícia que a faça recobrar o juízo?

- Odeio você com todas as minhas forças - disse ela. Sentou-se na cama porque não havia cadeiras no quarto, e não conseguia ficar mais em pé. Seus tornozelos doíam. Seus braços doíam. Ela estava morrendo de fome. - Por que você me mantém viva?

Ele saiu e voltou com uma bandeja cheia de saladas prontas, porções de frios, lixo processado portátil.

Ela comeu com voracidade. Depois empurrou a bandeja para longe.

Havia um litro de suco de laranja na bandeja, e ela o bebeu inteiro. Levantou-se e cambaleou até o banheiro, quase caindo. Ficou muito tempo naquele espaço reduzido, sentada no vaso, com a cabeça encostada na parede. Temia que fosse vomitar. Aos poucos fez um inventário do banheiro. Nada ali com que pudesse se suicidar.

Ela ainda não ia tentar isso mesmo. Tinha garra, muita garra. Se necessário, os dois morreriam num incêndio. Isso sem dúvida ela poderia fazer. Mas como?

Exausta, abriu a porta. Ele estava ali, com os braços cruzados. Apanhou-a e a levou até a cama, que ele cobrira com margaridas brancas de um dos buquês. E, ao sentir as hastes duras e as flores perfumadas, ela riu. A sensação era tão boa que ela relaxou e soltou o riso até ele jorrar dela como uma canção.

Ele se debruçou para beijá-la.

- Não faça mais isso. Se eu abortar de novo, vou morrer. Existem meios mais fáceis e mais rápidos de me matar. Você não pode ter um filho comigo, será

que não compreende? O que o faz pensar que pode ter um filho com quem quer que seja?

- Ah, mas desta vez você não vai abortar - disse ele. Deitou-se ao seu lado. Pôs a mão na sua barriga. Sorriu. Emitiu uma série de sílabas rápidas, como um zumbido, com a boca parecendo grotesca por um instante enquanto ele falava. Tratava-se de um idioma!

- É, minha querida, meu amor, a criança está viva e me ouve. É uma menina. A criança está aí.

Ela berrou.

Voltou sua fúria contra o ser que não havia nascido, mate-o, mate-o, mate-o, e de repente, quando se recostou, molhada de suor, mais uma vez cheirando mal, com o gosto de vômito na boca, ouviu um som que lembrava o de alguém chorando.

Ele emitia aquela sua estranha canção cantarolada. E depois vinha o choro.

Ela fechou os olhos, procurando decompor o som em alguma coisa coerente. Não conseguiu. Mas agora estava ouvindo uma nova voz, e a nova voz estava dentro dela e falava com ela numa língua que ela entendia, sem palavras. Ela buscava seu amor, seu consolo.

Não vou mais machucar você, pensou ela. Sem palavras, com amor e gratidão, veio a resposta.

Meu Deus, ela estava viva. Lasher tinha razão. Estava viva e podia ouvir o que dizia. Estava sofrendo.

- Não vai demorar muito - disse ele. - Vou cuidar de você com todo o meu empenho. Você é a minha Eva, embora não tenha pecado. E, uma vez que o bebê nasça, se você quiser, pode morrer.

Ela não lhe deu resposta. Para quê? Pela primeira vez, em dois meses, havia mais uma pessoa com quem conversar. Ela virou a cabeça para o outro lado.

## Capítulo 13

Anne Marie Mayfair estava sentada, toda formal, no sofá de plástico liso bege no saguão do hospital. Assim que entrou, Mona a viu. Anne Marie estava ainda com o costume azul-marinho do enterro, e sua habitual blusa enfeitada com babadinhos. Estava lendo uma revista, com as pernas cruzadas, os óculos pretos escorregando no nariz. Nela havia, como sempre, algo de engraçadinho, com seus cabelos negros puxados para trás num coque, seu nariz e boca pequenos, e os óculos enormes que faziam com que parecesse ao mesmo tempo tola e inteligente.

Ela ergueu os olhos quando Mona se aproximou. Mona deu-lhe um beliscão na bochecha e se jogou no sofá ao seu lado.

- Ryan já falou com você? - perguntou Anne Marie, com a voz abafada e cheia de privacidade, muito embora houvesse pouquíssimas outras pessoas passando pelo saguão bem iluminado. As portas dos elevadores abriram-se e se fecharam, num recesso mais adiante. A recepção com seu balcão alto e impessoal estava vazia.

- Você quer dizer a respeito de mamãe? - perguntou Mona. Ela detestava aquele lugar. Ocorreu-lhe que, quando fosse riquíssima, uma grande magnata com fundos mútuos em todos os setores da economia, ela gastaria algum tempo dedicando-se à arquitetura de interiores, procurando conferir vida a lugares tão frios e estéreis quanto aquele. Lembrou-se então do Centro Médico Mayfair! E claro que aquele plano tinha de seguir em frente! Ela precisava ajudar Ryan. Eles não podiam deixá-la de fora. Ela falaria sobre isso com Pierce no dia seguinte. Conversaria com Michael. assim que ele estivesse melhor.

Mona olhou para Anne Marie.

- Ryan disse que mamãe estava aqui.

- É, bem, ela está mesmo e, de acordo com as enfermeiras, está achando que vocês estão querendo interná-la para sempre. Foi o que ela lhes disse hoje de manhã quando a trouxeram. Está dormindo desde a hora em que lhe enfiaram

uma injeção no braço. A enfermeira tem instruções de me chamar se ela acordar. O que eu quis saber foi se ele falou com você sobre Edith.

- Não, o que houve com Edith? – Mona mal conhecia Edith a neta de Lauren, uma reclusa tímida e agressiva que morava na Esplanada Avenue e passava o tempo todo com seus gatos, mulher previsível e enfadonha, nunca ia a parte alguma, aparentemente nem mesmo a enterros. Edith. Como seria Edith? Mona não tinha muita certeza.

Anne Marie sentou-se mais ereta, jogou a revista na mesa e empurrou os óculos mais para perto dos seus olhos bonitos.

- Edith morreu hoje à tarde. De hemorragia igual a Gifford. Ryan diz para nenhuma mulher da família ficar sozinha. Talvez seja algum problema genético. Temos de estar com gente por perto o tempo todo. Assim, se acontecer alguma coisa, podemos pedir ajuda. Edith estava totalmente só, como Gifford.

- Você está brincando. Você está querendo dizer que Edith Mayfair morreu? Que isso aconteceu de verdade?

- É, eu sei. Acredite em mim. Imagine como Lauren está se sentindo. Lauren foi até a casa dela para lhe passar um sermão por não ter aparecido no enterro de Gifford. E lá estava Edith caída no chão do banheiro. Sangrou até morrer. E os gatos estavam todos à sua volta lambendo o sangue.

Mona não disse nada por um instante. Precisava refletir, não só sobre o que sabia, mas sobre que parte desse conhecimento ela podia transmitir para qualquer outra pessoa, e com que finalidade. Em parte, ela estava simplesmente chocada.

- Você disse que essa também foi uma hemorragia uterina.

- É, um possível aborto, foi o que disseram. Eu declararia essa hipótese impossível, conhecendo Edith como conheci. O mesmo vale para Gifford. Nenhuma das duas poderia ter estado grávida. Dessa vez, estão fazendo uma autópsia. Pelo menos a família está fazendo alguma coisa além de acender velas, dizer orações e lançar mau-olhado uns sobre os outros.

- Isso é bom - disse Mona, em tom neutro, recolhendo-se, na esperança de que a prima ficasse calada por um instante. Não teve essa felicidade.

- Olhe, todo mundo está muito perturbado, mas temos de seguir a determinação. É óbvio que uma pessoa pode ter uma hemorragia sem que se trate de um aborto. Por isso, não saia por aí sozinha. Se sentir fraqueza, ou se sentir qualquer sintoma físico estranho, você precisa ter condições de obter socorro imediato.

Mona concordou, com um gesto de cabeça, com os olhos perdidos nas paredes nuas daquele lugar, nas suas placas lacônicas e seus grandes cinzeiros cilíndricos cheios de areia. Há uma meia hora, Mona estava dormindo profundamente quando algo a acordou com tanta certeza quanto se alguém a tivesse tocado com a mão: um cheiro, uma canção vindo da Vitrola. Ela voltou a visualizar aquela janela aberta, com o caixilho todo empurrado para cima, a noite lá fora procurando se curvar para entrar com seus teixos e carvalhos escuros. Ela procurou se lembrar do cheiro.

- Fale comigo, menina. Estou preocupada com você - disse Anne Marie

- É, bem, eu estou bem. Tudo certo. É melhor que todas sigam esse conselho de não ficarem sós, quer achem que estejam grávidas quer não. Você tem razão. Não importa. Vou subir para ver mamãe.

- Não a acorde.

- Você disse que ela está dormindo desde cedo? Talvez esteja em coma. Talvez tenha morrido.

Anne Marie sorriu e abanou a cabeça. Apanhou a revista e voltou à leitura.

- Não vá começar uma discussão com ela, Mona - disse no instante em que Mona se virava para ir embora.

As portas do elevador abriram-se sem ruído no sétimo andar. Era aqui que eles sempre punham a família Mayfair, a não ser que houvesse algum motivo premente para que fossem para algum setor específico. A família Mayfair tinha ali quartos com salas de estar e pequenas cozinhas onde podiam fazer seu próprio café no microondas ou guardar seu estoque de sorvete.



Alicia já estivera ali antes quatro vezes: por desidratação, desnutrição, por tornozelo quebrado, por tentativa de suicídio. E jurara nunca mais voltar. Era provável que tivessem usado violência para contê-la.

Mona seguia com passos delicados pelo corredor, vendo de vislumbre sua imagem no vidro escuro de uma sala de observação, e detestando o que via: o volumoso vestido branco de algodão, disforme numa pessoa que não era mais uma criança. Bem, esse era o menor dos seus problemas.

Ela sentiu a fragrância assim que chegou às portas da ala oeste do sétimo andar. Era isso. Exatamente o mesmo cheiro.

Parou, respirou fundo e percebeu que, pela primeira vez na vida, estava sentindo medo de verdade de alguma coisa. Isso a aborreceu. Ficou parada, com a cabeça inclinada, repensando tudo. Havia uma saída para a escada. As portas à sua frente. Uma outra saída do outro lado da enfermaria. E pessoas logo ali dentro junto ao balcão.

Se ao menos Michael estivesse aqui, ela empurraria aquela porta de saída para ver se alguém estava parado no patamar, alguém de quem emanava esse cheiro.

Mas o cheiro já estava fraco. Estava se afastando. E enquanto ela estava ali parada, refletindo sobre tudo isso, e ficando furiosa em silêncio por não ter peito para abrir a maldita porta, alguma outra pessoa a abriu e a deixou fechar sozinha enquanto seguia pelo corredor. Um médico jovem com um estetoscópio sobre o ombro. O patamar estava vazio.

Mas isso não queria dizer que alguém não estivesse escondido mais acima ou mais abaixo. Ou o cheiro estava se dissipando, porém, ou Mona estava se acostumando a ele. Ela respirou fundo, lentamente. Era tão sensual, tão delicioso, tão penetrante. Mas o que era?

Ela empurrou as duas portas e entrou na enfermaria. O cheiro ficou mais forte. Mas lá estavam as três enfermeiras, sentadas, a escrever, numa ilha de luz cercada por altos balcões de madeira. Uma delas falava ao telefone enquanto escrevia. As outras aparentavam extrema concentração.

Ninguém percebeu quando Mona passou por elas e entrou no corredor estreito. O cheiro ali estava muito forte.

- Deus do Céu, não me diga – sussurrou Mona. Ela lançou um olhar às portas à sua direita e à sua esquerda. Mas o cheiro indicou o quarto antes mesmo que ela lesse a placa que dizia "Alicia (CeeCee) Mayfair".

A porta estava aberta, e o quarto às escuras. Sua única janela dava para um poço de ventilação. Uma parede nua encarava através do vidro a mulher imóvel, deitada com a cabeça para a parede, por baixo dos lençóis brancos.

Uma pequena máquina digital registrava o avanço da alimentação endovenosa: um saco plástico de glicose, transparente como o vidro, que gotejava para um tubo minúsculo que entrava na mão direita da mulher, por baixo de um monte de esparadrapo, enquanto a própria mão estava aberta sobre o cobertor branco.

Mona ficou muito quieta e então abriu de repente a porta. Abriu-a totalmente para poder ver o interior do pequeno banheiro à direita. Vaso de louça.

Boxe de chuveiro vazio. Ela examinou com rapidez o resto do quarto e depois voltou à cama, confiante de que ela e a mãe estavam a sós.

O perfil da mãe apresentava uma semelhança notável com o da sua irmã, Gifford, no caixão. Só arestas e ângulos, o rosto emaciado afundava no travesseiro fofo, macio.

As cobertas formavam um monte sobre o corpo. Tudo branco a não ser uma pequena mancha irregular vermelha bem no centro das cobertas, muito perto de onde a mão jazia com seu esparadrapo, seu tubo e a agulha.

Mona aproximou-se, agarrou com a mão esquerda a grade cromada da cama e tocou a mancha vermelha. Muito molhada. Enquanto ela olhava, a mancha ia crescendo. Algo que se infiltrava através das cobertas, vindo de baixo. Mona puxou com violência o cobertor que estava sob o braço inerte de Alicia. A mãe não se mexeu. A mãe estava morta. Havia sangue por toda parte. A cama estava encharcada de sangue.

Houve um som às costas de Mona e depois uma voz feminina, falando num sussurro áspero, antipático.

- Não vá acordá-la, querida. Passamos um mau bocado com ela hoje de manhã.

- Andou verificando os sinais vitais dela? - perguntou Mona, voltando-se para a enfermeira. Mas a enfermeira já havia visto o sangue. - Acho que não há muita condição de acordá-la. Por que não vai chamar minha prima Anne Marie? Ela está lá embaixo no saguão. Diga-lhe que suba imediatamente.

A enfermeira era uma velha. Ela segurou a mão da morta. Largou-a imediatamente e foi recuando de perto da cama para sair do quarto.

- Espere aí - disse Mona. - Viu alguém entrar aqui?

No mesmo instante, porém, ela soube que a pergunta era em vão. Essa mulher estava com medo demais de ser responsabilizada pelo ocorrido para chegar a responder. Mona foi atrás dela e observou enquanto ela se apressava até o posto de enfermagem, caminhando com a máxima velocidade possível a uma pessoa que não está correndo. Então, Mona voltou para a cama.

Tocou a mão. Não estava gelada. Deu um longo suspiro. Estava ouvindo passos no corredor, o som abafado de sapatos de sola de borracha. Debruçou-se sobre a cama e afastou o cabelo da mãe do rosto, dando-lhe um beijo. A bochecha ainda tinha um calor íntimo. A testa já estava fria.

Ela achou que a mãe sem dúvida ia virar a cabeça, olhar para ela e disparar, "Tenha cuidado com o que desejar. Eu não lhe disse? Pode ser que seu desejo se realize."

Minutos depois, o quarto estava cheio de pessoal do hospital. Anne Marie estava no corredor, enxugando os olhos com um lenço de papel. Mona afastou-se. Ficou muito tempo no posto de enfermagem, apenas prestando atenção a tudo. Era preciso chamar um interno que declarasse Alicia oficialmente morta. Teriam de esperar por ele, e isso levaria uns vinte minutos. Já passava das oito. Enquanto isso, o médico da família havia sido chamado. E Ryan, é claro. Pobre Ryan. Deus

que o ajudasse. Agora o telefone tocava sem parar. E Lauren? Qual deveria ser seu estado?

Mona foi indo embora pelo saguão. Quando a porta do elevador se abriu, foi o jovem interno quem saiu, um garoto que não aparentava ter idade suficiente para saber se alguém estava morto ou não. Ele passou por ela sem sequer lhe lançar um olhar.

Atordoada, Mona atravessou o saguão e saiu pelas portas. O hospital ficava em Prytania Street, a apenas um quarteirão da esquina de Arrelia e St. Charles, onde Mona morava. Ela foi andando devagar pela calçada, sob a luz lunar da iluminação pública, pensando com seus botões.

- Acho que não quero mais usar esses vestidos. - Isso ela disse em voz alta quando parou na esquina. - Não, já está na hora de botar fora esse vestido e essa fita. - Do outro lado da rua, sua casa estava toda acesa, pelo menos dessa vez. Pessoas desciam de carros. Toda aquela animação revigorante já havia começado.

Alguns parentes a viram, um estava apontando para ela. Alguém estava vindo até a esquina para ir até ela como se isso pudesse significar que ela não seria atropelada ao atravessar a rua.

- Bem, acho que não gosto mais dessas roupas - disse ela, entre dentes, enquanto andava rápido, diante do tráfego distante que vinha na sua direção. - Não. Estou por aqui. Não vou mais usá-las.

- Mona, querida! - disse seu primo, Geraldo.

- Bem, é claro que era só uma questão de tempo - disse Mona. - Mas eu realmente não imaginava que as duas fossem morrer assim. Não, não vi nada disso acontecendo. - Ela passou direto por Geraldo e pelos parentes reunidos em volta do portão e do caminho até a escada.

- É. está bem - disse ela àqueles que tentaram falar com ela. - Tenho de tirar essas roupas ridículas.

## **Capítulo14**

## A HISTÓRIA DE JULIEN

Não é da história da minha vida que você precisa, mas deixe-me explicar como me deparei com meus diversos segredos. Como você sabe, nasci no ano de 1828, mas eu me pergunto se você tem consciência do que isso significa.

Aqueles eram os últimos tempos de um antigo estilo de vida: as últimas décadas nas quais os ricos proprietários de terras do mundo viveram exatamente como viviam há séculos.

Nós não só não sabíamos nada de trens, telefones, vitrolas ou carruagens sem cavalos. Nós nem sonhávamos com coisas desse tipo!

E Riverbend, com sua enorme sede repleta de uma bela mobília e de livros, com suas inúmeras construções anexas que abrigavam tios, tias e primos, e com seus campos que se estendiam até onde se podia enxergar a partir da margem do rio, para o sul, o leste e o oeste, Riverbend era o próprio Paraíso.

Nesse universo caí eu quase sem ser percebido. Eu era menino, e essa era uma família que queria mulheres bruxas. Eu era um mero Príncipe do Sangue, e a corte era um local amoroso e simpático, mas ninguém observou que havia nascido um menininho que possuía provavelmente maiores dons para a bruxaria do que qualquer homem ou mulher jamais possuía na família.

Na verdade, minha avó Marie Claudette ficou tão decepcionada por eu não ser menina que parou de falar com minha mãe, Marguerite. Marguerite já tivera outro filho homem, meu irmão mais velho, Rémy, e agora, tendo tido a audácia de trazer outro menino ao mundo, ela caiu totalmente em desgraça.

É claro que Marguerite corrigiu esse erro o mais rápido possível, dando à luz em 1830 Katherine, que deveria ser sua herdeira indicada para o legado, minha querida irmãzinha. Mas, a essa altura, já existia uma frieza entre mãe e filha, que nunca foi sanada enquanto Marie Claudette viveu.

Tenho cá minhas suspeitas também de que Marie Claudette deu uma olhada em Katherine e concluiu, que idiota, pois foi exatamente isso o que Katherine acabou revelando ser. Mas era necessária uma bruxa, e Marie

Claudette veria uma neta antes de morrer. Foi assim que Marie Claudette passou a famosa esmeralda para esse bebê pequenino e tolo a berrar no seu berço.

Ora, como você sabe, na época em que Katherine era uma moça, eu já merecia a reputação de ser uma influência na família, já era muito estimado por ser detentor de dons de bruxas, e fui eu quem gerou, com Katherine, Mary Beth Mayfair, que foi de fato a última das grandes bruxas Mayfair.

Também gerei a filha de Mary Beth, Stella, como tenho certeza de que você sabe, e gerei com Stella sua filha, Antha.

Deixe-me, porém, voltar aos tempos perigosos do início da minha infância, quando tanto homens quanto mulheres me avisavam em vozes abafadas para que eu me comportasse, não fizesse perguntas, aceitasse os costumes da família sob todos os aspectos e não prestasse nenhuma atenção a qualquer coisa estranha que eu pudesse ver, pertencente ao reino dos fantasmas e dos espíritos.

Deixaram perfeitamente claro para mim que machos fortes com o sobrenome Mayfair não se saíam muito bem. Morte prematura, loucura, exílio, eram esses os destinos dos criadores de casos.

Quando volto a pensar no assunto, creio ser absolutamente impossível que eu pudesse ter me tornado um dos grandes Passivos Bem Comportados, fazendo companhia a meu tio Maurice, Lestan e inúmeros outros primos intrometidos.

Para começar, eu via fantasmas o tempo todo, ouvia espíritos, via a vida saindo do corpo quando a pessoa morria, lia o pensamento dos outros e às vezes chegava a movimentar ou a ferir a matéria sem sequer estar realmente furioso ou determinado a isso. Eu era por natureza um bruxinho, feiticeiro ou qualquer que seja o termo.

E não me lembro de algum tempo em que não conseguia ver Lasher. Ele costumava estar parado junto à cadeira da minha mãe muitas manhãs quando eu vinha lhe dar bom-dia. Eu o via junto ao berço de Katherine. Mas ele nunca me lançava um olhar, e eu havia sido avisado muito cedo de que não deveria nunca

falar com ele, nem procurar saber quem ou o que ele era, nunca pronunciar seu nome, nem fazer com que ele me olhasse.

- Lembre-se do seguinte - diziam meus tios, todos homens muito felizes. - Um homem de sobrenome Mayfair pode ter tudo o que desejar: vinho, mulheres e uma fortuna além da imaginação. No entanto, ele não pode procura descobrir os segredos da família. Deixe tudo nas mãos da grande bruxa, pois ela tudo vê e tudo comanda. E é sobre esse princípio que construímos nosso imenso poder.

Bem, eu queria saber o que tudo isso significava. Não tinha nenhuma intenção de simplesmente aceitar a situação. E minha avó, que nunca havia sido uma pessoa que não chamasse a atenção, tornou-se para mim alvo de extrema curiosidade. Enquanto isso, minha mãe, Marguerite, ia se afastando cada vez mais. Ela me pegava no colo e me beijava sempre que por acaso nos encontrássemos, mas isso não era freqüente. Ela sempre estava indo até a cidade para fazer compras, para ver a ópera, para dançar, beber, fazer só Deus sabe o que, ou então ficava trancada no seu gabinete, dando berros se alguém ousasse perturbá-la.

É claro que eu a achava fascinante, mas minha avó Marie Claudette era uma figura mais constante. E ela se tornou para mim, nos meus momentos de ócio, que eram poucos, uma atração enorme e irresistível.

Primeiro, deixe-me esclarecer minha outra fonte de aprendizado. Os livros. Eles estavam por todos os cantos. Isso não era assim tão comum no sul de antigamente, pode acreditar em mim. O hábito da leitura nunca foi comum entre os muito ricos. E antes uma obsessão da classe média. Mas nós todos adorávamos os livros. E eu não me lembro do tempo em que não sabia ler em francês, inglês e latim.

Alemão? É, tive de aprendê-lo sozinho, bem como o espanhol e o italiano. A verdade é que não me lembro de algum momento na minha infância no qual eu já não tivesse lido alguma coisa de todos os livros que possuíamos. E nesse caso, estou falando de uma biblioteca de tanta distinção que é impossível de imaginar. A maioria desses volumes simplesmente se deteriorou com o passar do tempo,

alguns foram roubados, alguns eu confiei, muitas décadas depois, àqueles que os valorizariam. O fato é que eu tive tudo o que quis de Aristóteles, Platão, Plauto e Terêncio, Virgílio e Horácio. E passava a noite em claro na companhia do Homero de Chapman e das Metamorfoses de Golding, uma tradução gigantesca e encantadora de Ovídio. Depois, havia Shakespeare, que eu adorava, o que era natural, e montes de romances ingleses divertidíssimos, Tristram Shandy, Tonz Jones e Robinson Crusoé.

Eu lia tudo. Eu lia quando não sabia o que queria dizer até um dia entender. Carregava meus livros pela casa comigo, puxando saias e casacos, para perguntar o que significava alguma palavra, e até mesmo pedindo a tios, tias, primos ou escravos que lessem em voz alta algum trecho enigmático.

Quando eu não estava lendo, estava caçando aventuras com os meninos mais velhos, tanto brancos quanto negros, saltando sobre cavalos em pêlo, fazendo excursões pelos pântanos para encontrar cobras ou subindo nos ciprestes e nos carvalhos à espreita de piratas invasores do sul. Aos dois anos e meio, fiquei perdido nos pântanos durante uma tempestade. Acho que quase morri.

Mas jamais me esquecerei. E, depois de ser encontrado, nunca mais tive nenhum medo de relâmpagos. Acho que quase perdi meu pouco juízo naquela noite de raios e trovões. Eu berrava, berrava, e nada acontecia. As trovoadas e os relâmpagos continuavam. Eu não morri. E pela manhã estava sentado à mesa, com minha mãe lacrimosa, tomando o café da manhã.

Ah, a questão é que eu aprendia com tudo, e havia muito com o que aprender. Meu principal mestre naqueles três primeiros anos de vida foi na realidade o cocheiro da minha mãe, Octavius, um homem livre, de cor, com sangue Mayfair por cinco linhagens diferentes dos antigos da família com suas diversas amantes negras. Octavius naquela época tinha apenas uns dezoito anos, e era mais interessante do que qualquer outra pessoa na fazenda. Meu poderes para a bruxaria não o assustavam tanto e, quando ele não estava me dizendo para ocultá-los de todos os outros, estava me ensinando a usá-los.



Com ele, aprendi por exemplo a alcançar os pensamentos das pessoas mesmo quando elas queriam mantê-los em segredo, e a lhes fazer sugestões sem palavras, que elas invariavelmente seguiam! E até mesmo a forçar minha vontade sobre uma outra pessoa com palavras e gestos sutis. Com ele também aprendi a enfeitiçar pessoas, fazendo com que o mundo inteiro girasse à minha volta, aprendi muitos segredos eróticos pois, como acontece com muitas crianças, eu era louco pelo erotismo aos três anos e depois aos quatro. Naquela idade, eu costumava tentar coisas que me faziam corar quando já estava com doze anos. Pelo menos por um ano ou dois.

Mas, voltemos às bruxas e a como eu me fiz conhecer a elas.

Minha avó Marie Claudette estava sempre ali entre nós. Ela ficava sentada lá fora no jardim, com uma pequena orquestra de músicos negros que tocava para ela. Eram dois bons violinistas, os dois escravos, e alguns que tocavam pífaros, como nós os chamávamos, mas que eram flautas de madeira conhecidas como flautas-doces. Havia um que tocava um grande contrabaixo de fabricação caseira, e outro que tocava dois tambores, afagando-os com toques suaves. Marie Claudette ensinara a esses músicos suas canções, e logo me revelou que muitas delas vinham da Escócia.

Eu me sentia cada vez mais atraído por ela. Não gostava do barulho, mas descobri que, se conseguisse que ela me pusesse no colo, ela seria doce e carinhosa e teria coisas a dizer tão interessantes quanto o que eu lia na biblioteca.

Ela era imponente, de olhos azuis e cabelos brancos, e dava uma impressão pitoresca ali deitada num divã de vime e almofadas luxuosas, sob um toldo que se mexia ligeiramente com a brisa, às vezes cantando para si mesma em gaélico. Ou lançando séries de imprecações contra Lasher.

Pois o que acontecera era que Lasher se cansara dela! Ele passara adiante para servir Marguerite e vigiar Katherine, o novo bebê. Para Marie Claudette, ele só eventualmente tinha um beijo ou uma ou outra palavra poética.

Talvez de tantos em tantos dias ele viesse implorar o perdão de Marie Claudette por dedicar toda a sua atenção a Marguerite, dizendo com sua voz linda

e pura, que eu conseguia ouvir, que Marguerite não admitia que não fosse assim. As vezes, quando ele vinha beijar e paparicar Marie Claudette, estava vestido como homem com calças e sobrecasaca, que na época eram uma novidade, você entende? Estávamos a apenas poucas décadas do tempo do tricórnio e dos calções. E por vezes ele se apresentava mais rústico, em trajes de couro cru, de corte bem grosseiro. Mas seu cabelo e seus olhos eram sempre castanhos, e ele era lindíssimo.

E adivinhem quem aparecia, todo cheio de cachinhos e sorrisos, para subir no colo.

- Grandmère, conte por que você está tão triste. Conte-me tudo.

- Você vê o homem que me visita? - perguntou ela.- Claro que vejo, mas todos dizem que eu deveria lhe mentir sobre ele. Só não sei por que motivo. Porque ele gosta de ser visto e chega até a assustar os escravos aparecendo para eles, sem nenhuma boa razão, para mim, a não ser se for por vaidade.

Ela se apaixonou por mim naquele instante. Deu um sorriso aprovador dos meus comentários. Disse também que nunca havia visto uma criança de dois anos que fosse tão inteligente. Eu já estava com dois anos e meio, mas não me dei ao trabalho de salientar esse fato. Após um dia ou dois da nossa primeira conversa verdadeira sobre "o homem", ela começou a me contar tudo.

Falou da sua velha casa em Saint Domingue e de como sentia saudades dela, falou sobre os encantos do vodu e da adoração ao demônio nas ilhas e de como ela aprendeu todas as mágicas dos escravos para usá-las em seu próprio proveito.

- Sou uma grande bruxa, muito maior do que sua mãe jamais será, pois sua mãe padece de uma ligeira loucura e ri de tudo. Quanto ao bebê, Katherine, quem sabe? Algo me diz que o melhor era que você cuidasse dela. Eu mesma rio de pouquíssimas coisas.

Todos os dias, eu pulava para o seu colo e começava a fazer perguntas. A horrenda orquestrinha não parava de tocar. Ela nunca lhes dizia que parassem. Mas logo ela começou a esperar minha chegada e, se eu não vinha, mandava

Octavius ir me procurar, me lavar e me trazer. Eu ficava feliz. Só que a música às vezes me dava a impressão de gatos uivando. Perguntei-lhe uma vez se, em vez daquilo, ela não gostaria de ouvir o canto dos pássaros, mas ela só abanou a cabeça e disse que ter essa música de fundo a ajudava a pensar.

Enquanto isso, por trás do ruído desagradável, seus relatos ficavam cada vez mais íntimos e repletos de violência e imagens vívidas. Até o fim da sua vida, ela conversou comigo. Nos seus últimos dias, ela trouxe a orquestra para dentro do quarto e, enquanto eles tocavam, ela e eu trocávamos sussurros no travesseiro.

Basicamente, ela me contou como Suzanne, a curandeira, havia invocado "por engano" o espírito Lasher, em Donnelaith, sendo depois queimada. Como sua filha Deborah foi seqüestrada por feiticeiros de Amsterdã; como a linda Deborah foi seguida por Lasher e seduzida por ele, tornando-se rica e poderosa, só para sofrer uma morte horrível, numa cidadezinha francesa no dia em que tentavam queimá-la, como haviam queimado sua mãe. Depois, entrou em cena Charlotte, filha de Deborah com um daqueles feiticeiros de Amsterdã, a mais forte das três primeiras, que usou o espírito Lasher como nunca antes para amealhar uma enorme fortuna, influência e poder ilimitado.

E Charlotte, com seu próprio pai, Petyr van Abel, um desses ousados e misteriosos magos de Amsterdã, que a acompanhara até o Novo Mundo para seu próprio bem, para avisá-la dos males de lidar com espíritos, concebeu Jeanne Louise e seu irmão gêmeo Peter. E de Jeanne Louise e seu irmão nasceu Angélique, a mãe de Marie Claudette.

Ouro, jóias, moedas de todos os cantos do mundo e todo tipo de luxo, essa família havia obtido. Nem mesmo a revolução de Saint-Domingue destruíra sua imensa fortuna, uma ínfima parte da qual dependia do sucesso das colheitas, mas estava agora acumulada numa série de locais seguros.

- Sua mãe nem sabe o que possui - disse Marie Claudette. - E quanto mais eu penso nisso, fica mais importante que eu lhe diga. Eu naturalmente concordei. Todo esse poder e essa riqueza, dizia grandmère, chegavam a nós

através das maquinações desse espírito, Lasher, que podia matar aqueles que a bruxa designava para a morte, atormentar aqueles que ela preferia enlouquecer, revelar a ela segredos que outros mortais lutavam por manter e até mesmo obter jóias e ouro, através do transporte mágico desses objetos, embora para isso o espírito necessitasse de muita energia.

Era amoroso esse espírito, disse ela, mas exigia alguma habilidade para se lidar com ele. Veja só como ele a abandonara ultimamente, passando todo o seu tempo a velar junto ao berço de Katherine.

- Isso é porque Katherine não o vê - disse eu. - Ele está se esforçando muito. Ele não quer desistir, mas é em vão.

- Ah, então é isso? Não posso acreditar, uma neta minha não consegue vê-lo?

- Vá lá verificar. Os olhos do bebê não se movimentam. Ela não enxerga a criatura nem quando ela aparece na sua forma mais forte, que qualquer um poderia tocar e sentir como um corpo sólido.

- Ah, então você sabe que ele faz isso.

- Eu ouço seus passos na escada. Conheço suas manhas. Ele pode passar de vapor a um ser sólido, e depois, numa lufada de vento quente, desaparecer.

- É, você é muito observador. Adoro você.

Fiquei profundamente emocionado com isso e lhe disse que a adorava também, o que era verdade. Ela era de enorme valor para mim. Além disso, eu havia percebido, enquanto estava sentado no seu colo, que considerava os velhos mais bonitos no todo do que os jovens.

Isso iria valer para minha vida inteira. É claro que também gosto dos jovens, especialmente quando são muito corajosos e descuidados, como minha Stella era, ou minha Mary Beth. Mas as pessoas de meia-idade? Eu mal as tolero.

Permita-me dizer, Michael, que você é uma exceção. Não, não fale. Não interrompa esse transe. Não vou lhe dizer que você é no fundo uma criança, mas você tem sem dúvida algo de fé e bondade infantis, e isso foi para mim tanto

interessante quanto até certo ponto exasperante. Você me desafiou. Como muitos homens de sangue irlandês, você sabe que todo tipo de coisa sobrenatural é possível. Mesmo assim, você não liga. Você sai por aí conversando com traves de madeira, com vigas e gesso!

Chega. Tudo agora depende de você. Voltemos a Marie Claudette e às coisas específicas que ela me contou sobre o fantasma da nossa família.

- Ele tem dois tipos de voz - explicou ela. - Uma voz que se ouve só dentro da cabeça, e a voz que você ouviu, que pode ser ouvida por qualquer um com os ouvidos adequados. E às vezes até mesmo uma voz tão alta e nítida que qualquer um pode ouvir. Mas isso não é freqüente, sabe, porque isso esgota suas forças. E de onde ele tira suas forças? De nós, de mim, da sua mãe e possivelmente até de você, pois eu o vi perto de mim quando você estava aqui e percebi que você olhava para ele.

- Quanto à voz interior, ele pode atormentá-lo com ela a qualquer instante, como já fez com muitos inimigos, a não ser, é claro, que você tenha uma defesa contra ela.

- E como a senhora se defende?

- Não dá para você adivinhar? Vamos ver até onde você é esperto. Você o vê comigo, o que quer dizer que ele aparece, certo? Ele reúne suas forças, concentra-se, torna-se um homem por alguns instantes preciosos. Depois ele some, exausto. Por que você acha que ele dedica tanto de si a mim, em vez de apenas sussurrar dentro da minha cabeça, "Pobre velhinha, eu jamais a esquecerei"?

- Para ser visto – disse eu, dando de ombros. – Ele é vaidoso.

Ela riu, deliciada.

- Sim e não. Ele precisa assumir uma forma ao aparecer para mim por uma razão muito simples. Eu vivo cercada de música, noite e dia. Ele não consegue chegar a mim a menos que reúna todas as suas forças, e se concentre com extrema intensidade na manifestação de uma forma humana e de uma voz humana. Ele precisa abafar o ritmo que a cada instante o encanta e o perturba.

- Entenda bem, é claro que ele gosta de música, mas a música é algo com influência sobre ele, como a música às vezes age sobre animais selvagens ou personagens míticos em histórias. E, enquanto eu mandar que minha orquestra toque, ele não conseguirá atormentar apenas minha mente, mas precisará aparecer e me dar um tapinha no ombro.

Lembro-me de que essa foi a minha vez de rir deliciado. O espírito não era pior do que eu, sob um certo aspecto. Eu tivera de aprender a me concentrar nas histórias da minha avó quando a música parecia tornar esse esforço praticamente impossível. Já, quanto a Lasher, concentrar-se era existir. Quando os espíritos devaneiam, eles não reconhecem a si mesmos.

Eu poderia acrescentar aqui uma digressão. Mas tenho muito a contar e estou... cansado demais agora.

Prossigamos. Onde é que eu estava? Ah, sim, ela me falou do poder da música sobre a criatura, e de como ela mantinha sua música por perto para forçá-lo a aparecer e render homenagens, pois, se não fosse assim, ele nem se incomodaria.

- Ele sabe disso?

- Sabe e não sabe. Ele me implora para que eu acabe com o barulho, mas eu grito dizendo que não posso. Ele então vem a mim, beija minha mão e eu olho para ele. Você tem razão ao dizer que ele é vaidoso. Ele quer ser visto inúmeras vezes, só para se certificar de que eu não escapuli do seu mundo, mas ele não me ama, nem precisa mais de mim. Tem um lugar no seu coração para mim. Só isso, e isso não é nada.

- Quer dizer que ele tem coração? - perguntei.

- Ah, tem, sim. Ele ama a todos nós, e acima de tudo a nós, as grandes bruxas, pois nós lhe trouxemos o conhecimento de si mesmo e o ajudamos imensamente a aumentar seu poder.

- Entendo, mas e se a senhora não o quisesse mais por perto? Se...

- Shhhh... nunca diga uma coisa dessas! Nem mesmo com trombetas ou sinos tocando à sua volta.

- Está bem - disse eu, já com a forte sensação de que eu nunca deveria receber o mesmo conselho mais de uma vez. E não toquei mais no assunto. - Mas a senhora pode me dizer o que ele é?

- Um demônio, um grande demônio.

- Eu acho que não - disse eu.

Ela ficou perplexa.

- Por que diz isso? Quem mais a não ser o Demônio seria servo de uma bruxa?

Contei-lhe tudo o que eu sabia do Demônio, de orações, hinos, da Missa e dos escravos espertos ao meu redor.

- O Demônio é simplesmente mau. E ele trata mal todos que nele confiam. Essa criatura é boa demais para nós.

Ela concordou, mas ele era como o Demônio, disse ela, porque não se submetia às leis de Deus, mas queria se realizar como carne e ser homem.

- Por quê? Ele não é muito mais forte do jeito que e? Por que haveria de querer pegar febre amarela ou tétano?

Ela riu sem parar.

- Ele quer ser de carne para sentir tudo o que a carne pode sentir, para ver o que os homens vêem, ouvir o que eles ouvem e não ter de ficar para sempre se concentrando a partir de um sonho, com medo de se perder. Ele queria ser carne para ser real, para estar no mundo e a ele pertencer, para desafiar a Deus, que não lhe deu um corpo.

- Hummmm, parece que ele superestimou essa história toda - disse eu.

Ou em palavras que um menino de três anos poderia usar para dizer mais ou menos a mesma coisa, porque, àquela altura, como muitas crianças do campo daquela época, eu já havia presenciado muito sofrimento e morte.

Mais uma vez, ela riu, e disse que ele queria ter o que queria ter, e que era tão generoso conosco porque nós servíamos aos seus objetivos.

- Ele quer força. A cada hora e a cada dia na nossa presença, nós lhe damos força. E ele se esforça por uma coisa, pelo nascimento de uma bruxa tão poderosa que possa materializá-lo de uma vez por todas.

- Bem, essa não vai ser minha irmã, Katherine.

Ela sorriu, concordando com a cabeça.

- Receio que você esteja certo, mas a força aparece e desaparece. Você a tem. Seu irmão, nenhuma.

- Não tenha tanta certeza - disse eu. - Ele se assusta com maior facilidade. Ele já viu a criatura, e ela fez uma careta para não deixar que ele se aproximasse do berço de Katherine. Eu não preciso de caretas, nem fujo delas. E tenho juízo suficiente para não virar o berço de Katherine. Mas quero que me diga como uma bruxa vai conseguir torná-lo carne para sempre. Até mesmo com mamãe, eu o vejo sólido por não mais de dois ou três minutos no máximo. O que ele pretende fazer?

- Não sei. Na realidade, não sei o segredo. Mas deixe-me dizer-lhe o seguinte enquanto a música está tocando, e preste bastante atenção. Nunca cheguei a expressar isso em pensamento nem para mim mesma, mas vou fazer essa confidência a você. Quando ele tiver o que quer, destruirá a família inteira.

- Por quê? - disse eu.

- Não sei - respondeu ela, mais uma vez, em tom solene. - E só o que receio. Pois penso e sinto no fundo de mim mesma que, embora ele nos ame e precise de nós, ele também nos odeia.

Pensei nisso em silêncio.

- É claro que talvez ele não saiba disso - prosseguiu ela. - Ou não queira que eu saiba. Quanto mais penso no assunto, mais eu me pergunto se você não foi enviado para cá para transmitir o que eu tenho a dizer àquele bebê no berço. Deus é testemunha de que Marguerite não quer me ouvir agora. Ela acha que domina o mundo. E eu na minha velhice tenho medo do inferno e anseio pela companhia de um querubim de três anos de idade.



- Carne, a coisa quer ser de carne e osso – insisti, pois estava quase em êxtase por ter sido chamado de querubim, o que muito me agradou, e queria que ela se detivesse sobre meus encantos. Mas voltei à criatura perversa. - Como poderia se tornar carne? Carne humana? Ou o quê? Ele nasceria de novo neste mundo, ou se apoderaria de um corpo já morto, ou algum que...

- Não - disse ela. - Ele diz conhecer seu destino. Diz trazer dentro de si o esboço do que voltará a ser, e que um dia uma bruxa e um homem criarão o ovo mágico a partir do qual sua forma será feita, e dentro da qual ele virá de novo, conhecendo sua própria forma, e a alma do bebê abrirá esse ovo, e todo mundo virá a compreendê-lo.

- Todo mundo, hummmm - pensei. - E você disse "de novo". Com isso, você quer dizer que a criatura já foi carne antes?

- Ela era alguma coisa antes do que é agora, mas o que ela era eu não posso lhe dizer com segurança. Acho que era uma criatura decaída, condenada a suportar a inteligência e a solidão numa forma etérea! E ele quer terminar a sentença. Através de nós, ele quer uma bruxa poderosa, que possa ser o que a Virgem Maria foi para Cristo, o vaso de uma Encarnação.

Refleti sobre tudo isso.

- Ele não é nenhum demônio - disse eu.

- E por que você diz isso? - perguntou ela, novamente, como se já não tivéssemos debatido o assunto antes.

- Porque o Demônio tem coisas mais importantes a fazer, se é que ele existe, e quanto à questão da sua existência, não tenho certeza.

- Onde foi que você descobriu essa idéia de que o Demônio não existe?

- Rousseau. Sua filosofia alega que o pior mal está no homem.

- Bem - disse ela. - Leia mais um pouco antes de se decidir.

E esse foi o final dessa parte.

No entanto, antes de morrer, o que não aconteceu muito depois disso, ele me contou muitas coisas a respeito do espírito. Ele matava na maioria das vezes por susto. Assumindo a forma de um homem, ele assustava cocheiros e

cavaleiros à noite, fazendo com que se desviassem das estradas e caíssem nos pântanos. As vezes, até assustava os cavalos além dos homens, prova de que de fato era sólido.

Podia-se mandar que ele seguisse um homem ou uma mulher mortal, e contasse naquele seu estilo infantil o que aquela pessoa havia feito o dia inteiro, mas era preciso muito cuidado ao se interpretar seu jeito peculiar de se expressar.

É claro que ele podia roubar pequenos objetos na sua maioria, embora às vezes cédulas inteiras de valores consideráveis. E ele podia entrar nos mortais por algum tempo, para ver com seus olhos e sentir com suas mãos, mas isso nunca durava muito. Na verdade, o esforço o deixava exausto e com frequência mais atormentado do que antes. Além disso, muitas vezes ele matava a quem havia possuído por pura raiva e inveja. Isso significava que se deveria ter muito cuidado ao ajudá-lo com esse tipo de façanha, pois o corpo inocente usado para essa finalidade poderia muito bem ser destruído depois.

Isso havia acontecido com um dos sobrinhos de Marie Claudette, disse-me ela, um dos meus próprios primos, antes que ela aprendesse a controlar a criatura e a fazer com que obedecesse ou a esfaimá-la com o silêncio, cobrindo os olhos e fingindo não ouvi-la.

- Ele não é tão difícil de torturar, às vezes - disse ela. - Ele sente, esquece e chora. Eu não o invejo.

- Nem eu - disse eu, em voz alta.

- Nunca desfaça dele. Ele o odiará por isso. Afaste os olhos sempre que o vir.

Isso é que não, pensei, mas não confessei.

Não se passou mais de um mês, e ela morreu.

Eu estava longe nos pântanos com Octavius. Havíamos fugido para viver no mato como Robinson Crusoe. Atracamos nosso barquinho de fundo chato e armamos acampamento. Enquanto ele catava lenha, eu tentava acender um fogo com a lenha que já tínhamos, mais sem sucesso.

De repente, os gravetos na minha mão crepitaram em chamas, e eu ergui os olhos e o que vi, a não ser Marie Claudette, minha avó querida, só que mais esplêndida e vigorosa do que jamais fora na sua velhice, com as bochechas rosadas e uma bela boca macia. Ela me pegou no colo e me deu um beijo.

Depois me pôs no chão e desapareceu. Como num passe de mágica. E a fogueirinha estava acesa.

Eu sabia o que aquilo significava. Despedida. Ela estava morta. Insisti para voltarmos imediatamente para Riverbend. E à medida que nos aproximávamos da casa, entramos numa forte tempestade e, no final, tivemos de correr por dentro d'água, contra um vento implacável cheio de folhas, lixo e até mesmo pedras cortantes, até chegarmos aos portões, e os escravos acorrerem para nos abrigar com cobertores.

Marie Claudette de fato morrera e, quando eu soluzei e contei a minha mãe como eu sabia, creio que, pela primeira vez na sua vida, ela realmente me viu. É claro que eu era uma fofura, mas naquele instante ela falou comigo, não como se fala com uma criança ou com um cachorro, mas com um ser humano.

- Você a viu, e ela lhe deu seu beijo - disse ela.

E então, bem ali no quarto da morta, com todos soluçando, as venezianas batendo ao vento e o padre apavorado, o maldito espírito surgiu acima do ombro da minha mãe, e nossos olhares se encontraram. E os dele estavam meigos, como que implorando, e cheios de lágrimas para que eu visse depois, é claro, de repente ele desapareceu.

É assim que minha própria história irá terminar, não acha? Você dirá as últimas palavras. "E então Julien desapareceu." E onde será que eu estarei? Eu estava no céu antes que você me chamasse aqui, ou no inferno? Estou tão exausto que já nem ligo mais, e talvez isso seja uma bênção.

Mas, voltando aquele momento longínquo e ruidoso, quando o vento trazia a chuva para dentro de casa, e minha avó jazia pequena e elegante na cama por baixo de camadas de renda bonita, enquanto minha mãe, macilenta e de cabelos escuros, olhava fixamente para mim, o espírito ali atrás assumia a forma de um

belo homem e a pequena Katherine chorava no berço, aquele foi o início da minha verdadeira vida como companheiro da minha mãe.

Para começar, depois da cerimônia fúnebre e do enterro no cemitério paroquial – nós, católicos, nunca tivemos cemitérios nas nossas propriedades, mas apenas em terrenos consagrados - minha mãe teve uma crise de loucura.

E eu fui a única testemunha.

Ao voltar para casa do campo santo, a meio caminho escada acima, ela começou a berrar, e eu entrei correndo no seu quarto antes que ela trancasse as portas que davam para a varanda. Ela dava um grito doloroso atrás do outro.

Tudo isso era a dor por sua mãe, pelo que não fizera nem dissera, mas depois se transformou de dor numa raiva enorme e descontrolada. Por que esse espírito não podia impedir a morte?

- Lasher, Lasher, Lasher. - Ela apanhou os travesseiros de plumas de cima da cama, rasgou o tecido e espalhou as plumas por toda parte. Se você nunca assistiu um espetáculo desses, talvez queira rasgar um travesseiro de plumas e tentar. Não há nada que se assemelhe, e ela destruiu três travesseiros com aquela raiva. Logo, todo o ar estava repleto de penas e, no meio delas, ela gritava e dava a impressão de estar mais aflita e agoniada do que qualquer ser que eu já tivesse visto na minha curta existência. Logo, comecei a chorar, desamparado.

Ela me abraçou com força. Pediu meu perdão por ter feito uma cena daquelas. Deitamos juntos e afinal ela chorou tanto que adormeceu. A noite caiu sobre a fazenda, o que, naqueles tempos de pouquíssimas velas e candeeiros, fazia com que tudo parasse cedo e finalmente só restasse o silêncio.

Devia já passar da meia-noite quando eu acordei. Não me lembro do mostrador do relógio; só da sensação de noite fechada e do fato de ser primavera e eu sentir vontade de sair pelo mosquitoeiro que cercava nossa cama para ir lá fora conversar com a lua e as estrelas por algum tempo.

Bem, consegui me sentar e ali diante de mim estava a criatura, sentada na beira da cama, e ela estendeu sua mão branca na minha direção. Eu não gritei.

Não deu tempo. Pois imediatamente senti o carinho dos seus dedos no meu rosto, o que me agradou. Depois pareceu que o ar ao meu redor me fazia uma carícia, e a criatura, tendo se dissolvido, agora me beijava com lábios invisíveis, me tocava e enchia meu corpo de todo tipo de prazer que ele tinha condições de sentir em tão tenra idade, o que, como você talvez se lembre, não era pouca coisa.

Depois que ele terminou, e eu fiquei ali jogado, uma massa amorfa de bebê ao lado do corpo adormecido da minha mãe, eu o vi materializar-se novamente, esse ser, parado junto à janela. Desci da cama, enfraquecido e confuso com o prazer que havia sentido, e fui na sua direção. Procurei segurar sua mão, que estava relaxada ao lado do corpo como a mão de um homem. Ele olhou para mim com a expressão lacrimosíssima e juntos afastamos a tela da janela e saímos para a varanda.

Ele me pareceu tremer à luz, ter desaparecido cerca de três ou quatro vezes, só para reaparecer, e depois ter sumido, deixando para trás o ar muito quente. Fiquei parado no calor e pela primeira vez ouvi sua voz dentro da minha cabeça, sua voz íntima, a me fazer confidências.

- Quebrei o juramento que fiz a Deborah.

- Que era o quê?

- Você nem sabe quem foi Deborah, pobre criança de carne e osso - disse a criatura, e prosseguiu com alguma declaração histericamente divertida que me parecia composta por todo o pior palavrório da biblioteca. Veja bem, eu já estava com quase quatro anos nessa época, e não podia afirmar conhecer a poesia como algo mais do que a melodia, mas eu sabia quando as palavras eram decididamente ridículas. E o riso esperto dos escravos também me havia ensinado isso. Eu conhecia a linguagem empolada.

- Eu sei quem Deborah foi - disse eu e lhe contei a história de Deborah como me havia sido relatada por Marie Claudette, de como Deborah subira muito e depois fora acusada de feitiçaria.

- Traída pelo marido e pelos filhos e, antes disso, pelo pai. E, o pai. E eu me vinguei dele - disse a criatura. - Tirei minha desforra pelo que ele e sua gente haviam feito a ela e a mim!

A voz calou-se. Tive a nítida sensação, na minha cabecinha de três anos de idade, de que a criatura estivera a ponto de enveredar por mais uma longa estrofe de péssima poesia, mas que mudara de idéia no último instante.

- Você entende o que estou dizendo? Jurei a Deborah que jamais daria um sorriso a uma criança do sexo masculino, que jamais preferiria um menino a uma menina.

- É, entendo o que você está dizendo. E além do mais minha avó me contou. Deborah nasceu nas regiões montanhosas da Escócia, uma filha das farras do mês de maio. E era muito provável que seu pai fosse o próprio senhor daquelas terras, que não ergueu um dedo quando sua mãe, Suzanne, foi queimada viva, uma pobre bruxa perseguida, que não sabia praticamente nada.

- É - disse ele. - Foi assim. Assim mesmo! Minha pobre Suzanne que me invocou das profundezas como uma criança que puxa uma cobra de um lago fundo sem saber. Juntando sílabas no ar, ela chamou meu nome e eu a ouvi.

- E foi de fato o senhor das terras, o chefe do clã de Donnelaith, quem a engravidou e depois tremeu de medo quando a queimaram! Donnelaith. Você consegue visualizar essa palavra? Você consegue formá-la com letras? Vá até lá e veja as ruínas do castelo que eu destruí. Veja os túmulos dos últimos membros daquele clã, eliminados da terra, até a hora em que...

- Até a hora em que o quê?

E então a criatura não disse mais nada, mas voltou a me acariciar. Eu estava pensativo.

- E você? - perguntei. - É homem ou mulher, ou simplesmente um ser neutro?

- Você não sabe?

- Não perguntaria se soubesse.

- Homem! - disse a criatura. - Homem! Homem! Homem!

Abafei meus risinhos do seu orgulho e fanfarronice.

Devo, porém, confessar que daí em diante, o ser ficou sendo na minha cabeça tanto "criatura" quanto "ele", como você pode perceber no meu relato.

As vezes, ela parecia tão desprovida de senso comum que eu só a podia perceber como uma coisa monstruosa. E em outras ocasiões, ela assumia uma personalidade distinta. Por isso, seja tolerante com minhas oscilações, por favor. Quando eu a chamava pelo nome, com freqüência pensava na criatura como "ele". E nos meus momentos de raiva, eu a desprovia de sexo e praguejava contra ela, considerando-a infantil demais para ser nada mais do que neutra.

Você verá a partir deste relato que as bruxas viam a criatura de diversos modos, como "ele" ou como "criatura". E havia motivos para isso.

Voltemos, porém, àquele momento. A varanda, o ser a me acariciar.

Quando me cansei dos seus abraços e me volvei, lá estava minha mãe no portal, observando tudo isso. Ela estendeu as mãos e me puxou para perto de si.

- Você nunca irá atingi-lo - ordenou ela. - Ele é um menino inocente!

E eu acho que a resposta veio direto para sua cabeça, porque ela se tranqüilizou. Ele se foi. Isso era tudo o que eu sabia com certeza.

Na manhã do dia seguinte, fui de imediato até o quarto das crianças, onde eu ainda dormia com Rémy e Katherine, bem como com alguns queridos primos que é melhor ignorar. Eu não sabia escrever muito bem. E quero que entenda esse ponto. Muitas pessoas naquele tempo sabiam ler, mas não escrever.

Na realidade, ler mas não escrever era comum. Eu conseguia ler qualquer coisa, como já disse, e palavras como transubstanciação saíam facilmente da minha boca tanto em inglês quanto em latim. Mas eu mal havia começado a formar letras escritas com agilidade e rapidez, e tive a maior dificuldade para registrar o que o espírito dissera, mas, finalmente, perguntando como é que se soletrava tal ou tal palavra a todos que por acaso passassem pelo quarto, eu anotei as palavras com exatidão. E se você quer saber, elas ainda estão gravadas com cortes fundos na pequena escrivaninha, um móvel feito de cipreste que se

encontra agora nos fundos do sótão e que você, Michael, tocou com as próprias mãos uma vez quando estava consertando os caibros por lá.

"Até a hora em que..." Essas foram as palavras pronunciadas pelo espírito. Que me deram a impressão de uma tremenda importância.

Naquele instante, tomei a decisão de aprender a escrever, e aprendi após seis meses, embora minha caligrafia não assumisse sua forma aperfeiçoada antes dos meus doze anos. Nos primeiros tempos, minha letra era rápida e desajeitada.

Contei a minha mãe tudo o que o espírito me dissera. Ela se encheu de medo.

- Ele lê nossos pensamentos - disse ela, de imediato, sussurrando.

- Bem, esses não são segredos - disse eu - mas mesmo que fossem, vamos tocar música se quisermos falar deles.

- Do que você está falando? - perguntou ela.

- Sua mãe não lhe contou?

Não, admitiu ela, a mãe não lhe contara. Contei eu, então. E ela começou a rir com o mesmo descontrole com que havia chorado na noite anterior, batendo palmas e até caindo sentada no chão, abraçada aos joelhos. Logo mandou chamar os mesmos músicos que tocavam para sua mãe.

E sob a proteção da orquestra desvairada, que dava a impressão de ciganos bêbados envolvidos numa guerra musical com colonizadores franceses do Bayou sobre questões de vida ou morte, eu lhe transmiti tudo o que Marie Claudette me contara.

Enquanto isso, o espírito apareceu no quarto, por trás da banda, onde sua forma humana não pudesse ser vista por eles, mas só por nós, e começou a dançar feito um louco. Afinal, a aparição trêmula passou a balançar de um lado para o outro e depois desapareceu. Nós, porém, ainda sentíamos sua presença no quarto, e percebíamos que ele entrara no ritmo repetitivo e nitidamente africano do conjunto.

Conversamos sob essa proteção.



Marguerite nunca havia ligado para "história antiga". Jamais ouvira a palavra Donnelaith. Não se lembrava de muita coisa sobre Suzanne. Ficou feliz por eu ter prestado atenção a tudo isso. E havia livros de história que ela me daria.

Sua paixão era a magia, explicou ela, e me contou em detalhes como sua mãe nunca apreciara seus talentos. Desde cedo, ela, Marguerite, fizera amizade com as poderosas feiticeiras de Nova Orleans. Aprendera com elas, e agora sabia curar, enfeitiçar e lançar maldições com bons resultados. Em tudo isso, Lasher era seu escravo, seguidor fervoroso e amante.

Ali começou uma conversa entre mim e minha mãe, que deveria durar toda a sua vida, na qual ela me passou tudo o que sabia, sem restrições, e eu lhe passei tudo o que eu sabia também. Eu afinal estava próximo a ela, nos seus braços, e ela era minha mãe.

No entanto, logo ficou claro que minha mãe estava louca ou digamos que ela padecia de uma obsessão maníaca pelas suas experiências mágicas. Na sua cabeça, parecia haver a certeza de que Lasher era o Demônio e que qualquer outra coisa que ele pudesse ter dito era mentira. Na realidade, a única verdade que eu lhe dera era a artimanha de impedir seu acesso, por meio da música.

Suas verdadeiras paixões estavam em procurar plantas mágicas nos pântanos, conversar com as velhas negras sobre curas fantásticas e procurar transformar coisas através do uso de produtos químicos e do poder telecinético.

É claro que não usávamos esse termo naquela época. Não o conhecíamos. Ela estava segura quanto ao amor de Lasher. Tivera uma filha e tentaria ter mais uma menina, mais forte, se fosse isso o que ele quisesse. No entanto, a cada ano que se passava, ela se interessava cada vez menos pelos homens, tornando-se mais viciada nos abraços do espírito, e cada vez menos coerente.

Enquanto isso, eu crescia rápido. E da mesma forma que eu havia sido um milagre aos três anos, tornei-me um milagre em todas as idades, continuando com a minha leitura, minhas aventuras e minhas relações com o espírito.

Os escravos sabiam agora que eu o dominava. Eles me procuravam para pedir ajuda. Imploravam de mim uma cura quando adoeciam e logo eu havia suplantado minha mãe como alvo de curiosidade.

A esta altura, Michael, eu me deparo com uma nítida escolha. Posso lhe contar tudo o que eu e Marguerite aprendemos e de que modo ou posso passar adiante para o que tem mais importância. Permita-me optar por um meio-termo e fazer um breve resumo das nossas experiências.

Antes disso, porém, devo dizer que minha irmã, Katherine, ia crescendo totalmente desprovida de malícia, mas tão linda quanto inocente, uma flor que eu adorava e desejava proteger. E, sabendo que o espírito se comprazia ao ver minhas atitudes protetoras, eu agia assim com disposição ainda maior.

No entanto, eu sentia por ela um amor imenso e espontâneo, e cheguei a perceber que ela de fato via "o homem", mas que ele a assustava. Ela parecia avessa a tudo que fosse pernicioso ou relacionado ao outro mundo. Tinha pavor da nossa mãe, e com razão.

As experiências de Marguerite vinham se tornando cada vez mais afoitas.

Se um bebê nascesse morto nas nossas terras, ela o queria para si. As escravas procuravam esconder dela os filhos que perdiam, para que esses pobres seres não fossem parar em frascos no gabinete de Marguerite. E uma das minhas lembranças mais fortes daquele tempo é a de Marguerite entrando às pressas em casa com uma trouxa nas mãos, lançando na minha direção seu sorriso ansioso e afastando o pano para revelar um minúsculo corpo negro de bebê, para depois encobri-lo de novo, jubilante, enquanto ia se trancar no gabinete.

Enquanto isso, o espírito era sempre atencioso. Ele punha moedas de ouro nos meus bolsos todos os dias. Ele me alertava quando entre os meus primos eu tinha algum inimigo mesquinho. Montava guarda no meu quarto, e uma vez deixou inválido um escravo fugido que procurava roubar as poucas jóias que eu possuía.

E, quando eu estava só, ele muitas vezes vinha a mim e me acariciava, proporcionando-me um prazer mais intenso do que qualquer prazer que eu

pudesse atingir com outras pessoas.

E isso ele também fazia fielmente com Marguerite. E o tempo todo ensaiava seus agridos com Katherine. mas com ela parecia não fazer nenhum progresso.

Katherine era da opinião de que esses prazeres perversos que lhe eram oferecidos nas profundezas da noite eram pecados mortais. Creio que ela talvez tenha sido a primeira das bruxas a realmente acreditar nisso. E como esse conceito católico se enraizou nela com tanta firmeza e tão cedo, antes que o espírito pudesse arrebatá-la em sonhos eróticos, eu francamente não sei explicar. Se você acredita em Deus, pode dizer que Deus estava com ela. Eu acho que não.

Seja como for, minha mãe e eu, cansados da terrível charanga da minha avó, logo contratamos um pianista e um violinista que tocassem para nós. O espírito a princípio pareceu deliciar-se com isso, como havia se deliciado com a banda desafinada. Com uma deslumbrante aparição masculina, ele surgiu na sala, fascinado e feliz de revelar isso.

Ele percebeu, porém, que nós cochichávamos sob a proteção das notas musicais e que ele não podia ouvir ou saber o que estávamos pensando ou planejando. Ficou enfurecido com isso. Precisávamos de música mais alta para impedir seu acesso a nós e trouxemos de volta os outros para que gerassem sua algazarra. Percebemos, então, que o que era mais eficaz era uma melodia com ritmo. O barulho sozinho não era suficiente para esse fim.

Entrementes, à medida que prosperávamos, que a fazenda gerava riquezas, que nosso dinheiro parecia se reproduzir em bancos no exterior e que nossos primos iam se casando, o sobrenome adquiria importância cada vez maior ao longo da margem do rio, e nós reinávamos soberanos nas nossas terras. Ninguém podia nos incomodar ou nos atingir.

Eu estava com nove anos de idade quando fiz uma pergunta ao espírito.

- O que é que você realmente quer de todos nós, de mim e de minha mãe?

- O que quero de vocês todos - respondeu ele. - Que me façam ser carne!  
- E, imitando a charanga, começou a repetir essas palavras insistentemente, a sacudir os objetos no quarto com um ritmo semelhante ao de um tambor, até que eu tampei os ouvidos com as mãos e implorei por misericórdia.

- Risos - disse ele. - Risos.

- O que quer dizer com isso?

- Estou rindo de você porque eu também posso criar música para fazer você se sacudir.

- Você tem razão - disse eu, rindo. - E você diz a palavra "risos" por que não consegue rir de verdade.

- Isso mesmo - respondeu ele, petulante. - Quando eu for de carne e osso, rirei de novo.

- De novo? - perguntei eu.

Ele nada respondeu.

Ah, aquele momento está tão claro na minha memória. Saí para a varanda superior da casa, de certo modo oculto pelas folhas de bananeiras que acariciavam a balaustrada de madeira. Ao longe, no rio, os navios seguiam pelos canais até o porto ao norte. Todos os campos recebiam o sol agradável da primavera, e lá embaixo sobre o gramado meus primos brincavam, cerca de quarenta ou cinquenta, todos com menos de doze anos, e ao seu redor, em cadeiras de balanço, estavam os tios e tias, abanando seus leques e batendo papo.

E ali estava eu com aquela criatura, com as minhas mãos no gradil, com a expressão provavelmente muito grave para os nove anos de idade, procurando compreender a essência daquilo tudo.

- Tudo isso eu lhe dei - disse ele, como se tivesse lido minhas emoções com maior clareza do que eu mesmo. - A sua família é a minha família. Eu trago bênçãos e mais bênçãos. Você não sabe a fortuna que eu posso proporcionar. Ainda é muito criança. Um dia perceberá que é um príncipe num grande reino. Nenhuma cabeça coroada na Europa dispõe do poder que você tem.

- Eu te amo - disse eu, mecanicamente, e procurei acreditar nas minhas palavras por um instante, como se estivesse seduzindo um adulto mortal.

- Eu continuarei - disse ele. - Proteja Katherine até que ela possa ter uma filha. Transmita a linhagem. Katherine é fraca. Outras fortes virão. Tem de acontecer.

Refleti.

- Isso é tudo o que eu posso fazer? - perguntei.

- Por enquanto - disse ele. - Mas você é muito forte, Julien. Idéias lhe ocorrerão. E, quando você vir o que deve ser feito, eu também verei.

Voltei a refletir. Observei o grupo feliz no gramado. Meu irmão me chamava para que eu descesse e brincasse. Eles iam em breve sair de barco pelo braço do rio. Eu queria vir com eles?

Vi, então, duas fontes de iniciativa em atuação naquele instante na família, uma era a fonte das bruxas, a de usar o espírito para obter vantagens e prosperidade e a outra era a fonte normal ou natural, já borbulhando com um jorro forte que talvez não pudesse ser contido caso o espírito fosse destruído.

Mais uma vez, ele me respondeu.

- Volte-se contra mim, e eu destruo tudo isso! Você está vivo agora porque Katherine precisa de você.

Não respondi. Voltei para dentro, apanhei meu diário, desci até o salão, recomendei aos músicos que tocassem alto e com vigor e comecei a escrever meus pensamentos no diário.

Enquanto isso, meus dons e os da minha mãe estavam cada vez mais fortes. Como já lhe disse, nós fazíamos curas, feitiços, mandávamos Lasher espiar aqueles de quem desejávamos saber a verdade e às vezes fazíamos com que avaliasse as mudanças financeiras do futuro.

Isso não era nada fácil, e quanto mais eu crescia, mais percebia que minha mãe estava lentamente ficando louca demais para fazer qualquer coisa prática. Na realidade, nosso primo Augustin, administrador da fazenda, estava fazendo o que bem queria com os lucros.

Aos quinze anos de idade, eu já sabia sete idiomas e escrevia muito bem em todos eles. Era agora também o administrador e encarregado informal da fazenda inteira. Meu primo Augustin começou a sentir inveja de mim e, num ataque de raiva, eu lhe dei um tiro.

Foi um momento terrível.

Eu não pretendia matá-lo. Na verdade, era ele quem havia tirado a arma para me ameaçar. E eu furioso, a arranquei da sua mão e atirei a bala na sua testa. Meu plano havia sido imediatista, ou seja, neutralizá-lo, e voilà, ele estava total e definitivamente morto! Ninguém poderia ter ficado mais surpreso do que eu mesmo. Nem mesmo ele, para onde quer que tenha ido, pois eu vi sua alma subir, estonteada e olhando com espanto através de uma vaga forma humana que ia se desintegrando.

A família inteira entrou num caos. Os primos fugiram para seus chalés, os primos da cidade, para suas casas urbanas em Nova Orleans. Na realidade, a fazenda fechou em luto por Augustin e o padre veio, dando início às preparações para o enterro.

Eu estava sentado no meu quarto, chorando. Imaginava que seria punido pelo meu crime, mas logo percebi que nada de semelhante ia acontecer!

Ninguém ia tocar em mim. Todos estavam apavorados. Até mesmo a viúva de Augustin e seus filhos estavam com medo. Vieram me dizer que sabiam ter sido "um acidente", e não queriam se arriscar a me contrariar.

Minha mãe observava isso com uma expressão espantada, praticamente sem nenhum interesse.

- Agora você pode fazer as coisas ao seu modo - disse ela.

E o espírito chegou a me dar cutucões de brincadeira, feliz de poder derrubar a pena de escrever da minha mão e de me causar um sobressalto com um sorriso no espelho.

- Julien - disse ele. - Eu poderia ter feito isso para você sorrateiramente! Guarde sua arma. Você não precisa dela.

- Você pode matar assim com tanta facilidade?

- Risos.

Falei-lhe então de dois inimigos que fizera: o primeiro, um professor particular que ofendera minha querida Katherine, e o outro, um comerciante que nos havia enganado grosseiramente.

- Mate-os - disse eu.

Foi o que ele fez. Em menos de uma semana, os dois sofreram morte violenta: um debaixo das rodas de uma carruagem, o outro de uma queda de cima do cavalo.

- Foi simples - disse o espírito.

- Deu para ver - disse eu. Acho que eu estava totalmente inebriado com o meu poder. E lembre-se, eu só tinha quinze anos, e isso ocorreu antes da guerra, quando ainda vivíamos isolados de todo o mundo além de nós mesmos.

Como se revelou, os descendentes de Augustin deixaram nossas terras.

Penetraram na região do Bayou e construíram a linda fazenda de Fontevrault.

Mas essa já é uma outra história. Um dia desses, você deve subir pela rodovia ribeirinha, passar pela Sunshine Bridge e entrar naquela região para ver as ruínas de Fontevrault, pois muitíssimas coisas aconteceram por lá.

Agora, porém, basta dizer que eu nunca me reconciliei com Tobias, o filho mais velho de Augustin. Ele ainda usava fraldas na noite do assassinato e, nos anos que se seguiram, seu ódio por mim permaneceu enorme, embora sua linhagem prosperasse, mantivesse o sobrenome Mayfair e seus descendentes se casassem com nossos descendentes. Tratava-se de uma das muitas ramificações da árvore da família. Mas foi uma das mais fortes. E, como você sabe, Mona descende dessa linhagem, e do envolvimento que tive mais tarde com ela.

Bem, para voltar à nossa vida de rotina, à medida que Katherine ia ficando cada vez mais linda, Marguerite ia perdendo o viço, como se alguma energia vital sua fosse extraída pela filha. Mas na verdade nada disso acontecia.

Marguerite apenas estava louca com as suas experiências de tentar ressuscitar bebês mortos, de convidar Lasher a penetrar na sua carne e fazer com

que os membros se mexessem. Mas ele jamais conseguiu restaurar a alma. A idéia era ridícula.

Mesmo assim, ela se dedicava profundamente e me atraía consigo para a magia. Encomendávamos livros de todos os cantos do mundo. Os escravos vinham a nós à procura de remédios para todas as enfermidades. E nós fomos ficando cada vez mais fortes, de tal modo que logo podíamos curar muitas dores comuns apenas com a imposição de mãos. E Lasher sempre foi nosso aliado nisso tudo. Se ele soubesse algum segredo que curasse o enfermo - se fosse o caso, talvez, de um envenenamento accidental - ele nos revelava esses segredos.

Quando eu não estava fazendo minhas experiências, estava com Katherine, levando-a a Nova Orleans para assistir à ópera, ao balé, qualquer peça de teatro que pudéssemos ver; levando-a aos bons restaurantes e passeios para que ela pudesse ver o próprio mundo, o que uma mulher não podia fazer na realidade sem um acompanhante. Ela era como sempre inocente e amorosa, pequena de compleição, morena e talvez um pouco fraca da cabeça.

Comecei a perceber que na nossa insistência na consangüinidade estivéramos incentivando certas deficiências. De fato, entre os meus primos, comecei a estudar esses aspectos, e a fraqueza mental de um certo tipo encantador decididamente fazia parte disso. Havia também entre nós muitos com dons para a feitiçaria, e alguns até com marcas da bruxa, um sinal preto, ou marca de nascença de formato peculiar, seis dedos. Na realidade, esse sexto dedo era comum e podia assumir várias formas. Podia ser um dedinho minúsculo que se projetava a partir da lateral da mão, anexo ao dedo mínimo. Ou podia ficar perto do polegar, às vezes como um segundo polegar. No entanto, onde quer que ele aparecesse, pode ter certeza de que alguém sentia vergonha de tê-lo.

Enquanto isso, eu havia lido a história da Escócia, debaixo do nariz do espírito, provavelmente sem que ele tivesse consciência disso. Pois, se eu tivesse um violinista por perto, tocando uma melodia tristonha enquanto eu lia, o espírito mal chegava a perceber o que quer que fosse. Na verdade, ele muitas vezes se



cansava de ser como que invadido pela música, e ia embora paparicar minha mãe.

Isso era ótimo. Donnelaith não era uma cidade de importância. Mas algumas velhas histórias diziam que um dia ela havia sido, e que lá havia uma imensa catedral. Houvera mesmo naquela região uma escola e um santo célebre, e os católicos viajavam muitos quilômetros para vir orar junto ao seu túmulo.

Guardei essas informações para uso futuro. Eu iria até lá. Eu descobriria a história dessa gente de Donnelaith.

Nesse meio tempo, minha mãe ria de tudo isso. E falava comigo sob a proteção da música.

- Faça-lhe perguntas. Você logo descobrirá que ele não é nada nem ninguém, mas que vem do inferno. É só isso.

Toquei no assunto com ele.

E ficou comprovado que o que ela dissera era verdade. Eu lhe perguntava quem havia criado o mundo. E lá enveredava ele por névoas, terras e espíritos que sempre estavam lá. Eu perguntava então se ele presenciara o nascimento de Jesus Cristo, e ele dizia que não havia tempo no lugar onde vivia e que ele via somente bruxas.

Falei-lhe da Escócia, e ele chorou por Suzanne. Contou-me que ela morrera em meio ao medo e à dor, e que Deborah ficara olhando com expressão solene antes que os feiticeiros maus de Amsterdã viessem buscá-la.

- E quem eram esses feiticeiros? - perguntei.

- Você logo saberá. Eles o estão vigiando. Cuidado com eles porque eles tudo sabem e podem lhe fazer mal.

- Por que você não os mata?

- Porque eu gostaria de saber o que eles sabem, e porque não há nenhum motivo real. Cuidado com eles. São alquimistas e mentirosos.

- Qual é a sua idade?

- Sou eterno!

- Por que você estava em Donnelaith?

Silêncio.

- Como foi que você foi parar lá?
- Suzanne me chamou, já lhe disse.
- Mas você estava lá antes de Suzanne.
- Não há nenhum lá antes de Suzanne.

E assim prossegui, despertando curiosidade mas nunca chegando a realmente avançar muito na história ou a revelar algum segredo concreto.

- Já é hora de você ajudar sua mãe. Sua força é necessária.

É claro que isso queria dizer ajudar Marguerite com suas experiências. Tudo bem, pensei, apesar de que, se ela continuar a acender aquelas velas fedorentas e a resmungar palavras em latim, cujo significado desconhece, eu vou embora daqui

Acompanhei Lasher até os aposentos de mamãe. Ela acabara de chegar com um bebê, fraco, porém vivo, que havia sido largado à porta da igreja por sua mãe escrava. O bebê chorava, uma pequena criatura marrom, com o cabelo crespo castanho e uma boquinha cor-de-rosa que era de partir o coração.

Parecia pequeno demais para sobreviver muito tempo. Ela estava feliz com ele. Deu-me a impressão imediata de um menino brincando com um besouro num pote, tão desmesurado era seu interesse e tão desligada ela estava do fato de essa criatura frágil e chorona ser humana.

Ela fechou as portas, acendeu as velas, ajoelhou-se ao lado da criança e convidou Lasher a nela entrar. Com uma recitação monótona, ela incentivava o espírito.

- Entre nos seus membros. Veja pelos seus olhos. Fale pela sua boca. Viva com a sua respiração e seu coração.

O quarto pareceu inchar e se contrair, embora é claro que isso não aconteceu. Tudo que podia matraquear foi mexido, e o barulho se transformou num murmúrio sutil, de vidros sacolejando, de sinos tilintando, de venezianas oscilando com o vento. E então, diante dos meus próprios olhos, aquele pequeno

bebê começou a mudar. Ele coordenou seus pequenos membros, e a expressão do seu rostinho se tornou malévola ou apenas de aparência adulta.

Ele não tinha mais nada a ver com um bebê, mas era como um horrendo homúnculo. Pois, embora fisicamente não houvesse mudado, um homem adulto estava ali dentro dele, manipulando-o e agora falando com uma voz balbuciante.

- Eu sou Lasher. Estou aqui.

- Cresça, cresça forte - disse Marguerite, erguendo os dois punhos fechados. - Julien, ordene-lhe que cresça. Fixe o olhar nos seus braços e pernas. Mande que cresçam.

Foi o que fiz. E, contra tudo no que eu acreditava, vi que suas perninhas e seus bracinhos estavam se alongando. Na verdade, os olhos do bebê, de um azul claro ao nascer, estavam agora de repente de um tom castanho-escuro, e seu cabelo ia lentamente escurecendo também como se estivesse absorvendo um líquido escuro.

Por outro lado, sua pele começava a clarear; a cor pulsava nas suas bochechas. Por um instante, suas pernas foram esticadas como tentáculos. E depois a pequena criatura morreu. Simplesmente morreu. Solto um grito e morreu.

E Marguerite a arrancou da cama, atirando-a ao espelho da penteadeira. O pequeno sujou o vidro de sangue, mas não o quebrou, e caiu, um corpo anônimo de criança entre os perfumes, poções e pentes.

O quarto voltou a tremer. Ele se aproximou e depois desapareceu, deixando frio ao nosso redor. Era como se Lasher houvesse levado consigo o calor perfumado. Marguerite sentou-se e começou a chorar.

- É sempre assim. Chegamos até um ponto, e depois o vaso é fraco demais para contê-lo. Ele destrói o que transforma. Como poderá um dia ser carne? E agora está tão cansado do que fez que não pode vir até nós. Temos de esperar e deixar que ele vagueie e se recomponha. Não há nada mais a se fazer.

Eu estava encantado com o que presenciara. Quis sair para anotar tudo aquilo. Ela me impediu.

- O que podemos fazer para torná-lo carne? - disse ela.

- Bem, não tente com um bebê, para começar. Experimente com o corpo de um homem. Descubra algum inválido de corpo e mente, talvez, que já esteja perto de morrer, alguém que não possa oferecer mais resistência do que um bebê poderia. E veja se Lasher consegue entrar nele.

- Ah, mas ele disse que deve crescer a partir de uma criancinha. Uma criancinha como o bebê na manjedoura.

- Lasher disse isso? Quando? - perguntei, tomando nota mentalmente dessa frase como de todos os seus outros lapsos.

- De um recém-nascido, ele crescerá, da bruxa mais poderosa, mas o bebê começará pequeno como o Menino Jesus. Ah, se ao menos pudéssemos fazê-lo entrar na carne agora! Pense no que teríamos feito, e depois, depois, poderíamos trazer os mortos de volta do mesmo jeito.

- A senhora acha que sim?

- Venha cá - disse ela. Puxou-me pela mão, ajoelhou-se e puxou um pequeno baú de debaixo da cama. Nele havia bonecas, bonecas de ossos, cabelos e roupas cuidadosamente costuradas. E veja bem, Michael, elas não estavam estragadas como estavam quando você as viu. Estavam envoltas em rendas e em alguns casos cercadas de belas jóias e colares de pérolas, e nos fitavam com seus olhinhos minúsculos. - São esses os mortos - disse ela. - Está vendo? Esta é Marie Claudette. - Ela ergueu uma bonequinha com cabelos grisalhos, vestida em tafetá vermelho, e aparentemente feita de uma meia recheada com coisas que davam a impressão de seixos. - Unhas cortadas, um osso da sua mão, retirado por mim do seu túmulo, e cabelo, muito cabelo, é essa a composição da boneca.

E, menos de uma hora após a morte, eu havia retirado saliva da sua boca para impregnar o rosto da boneca, bem como o sangue que ela vomitara. E passei isso também no corpo da boneca por baixo da roupa. Agora segure-a e verá que ela está aí.

Ela pôs a boneca nas minhas mãos, e num relance eu vi Marie Claudette viva! Recuei de espanto. Fiquei olhando aquele objeto de pano. Apertei-a, e ali estava ela, parada por um instante, olhando para mim. Chamei por ela. Fiz isso diversas vezes, invocando-a, vendo-a, chamando-a, só para perdê-la.

- Isso não é nada - disse eu. - Ela não está aí.

- Não, não, claro que está. Ela fala comigo.

- Eu não acredito.

Apertei mais uma vez a boneca, pedindo-lhe que me dissesse a verdade. Ouvi, então, uma vozinha na minha cabeça, que me dizia "Eu te amo, Julien." É claro que eu sabia não se tratar de Marie Claudette falando comigo. Era Lasher, mas como provar isso?

Resolvi ser audacioso.

- Marie Claudette, Marie Claudette, minha grandmère querida - disse eu, de forma que Marguerite pudesse ouvir. - A senhora se lembra daquele dia em que, enquanto a orquestra tocava, nós enterramos meu cavalinho de pau no jardim? A senhora se lembra de como eu chorei e do poema que me disse?

- Lembro-me, sim, meu filho - disse a voz secreta e a imagem, que tanto eu quanto minha mãe podíamos ver, ficou firme pelo máximo de tempo até então, uma graciosa visão de Marie Claudette como estava da última vez que a vislumbrei.

- O poema - disse eu. - Ajude-me a lembrá-lo.

- Pense naquela hora, meu menino, você se lembrará - disse o fantasma.

- Ah, sim - disse eu, então. - "Cavalinho, cavalinho, vá seguindo para os campos do paraíso!"

Isso mesmo, disse ela, e repetiu o verso comigo. E eu joguei a boneca ao chão.

- Isso é uma bobagem - protestei. - Nunca tive um cavalinho de brinquedo. Nunca me interessei por essas coisas. Nunca enterrei nada no quintal e nunca escrevi nenhum poema idiota para ele.

O espírito ficou furioso. Minha mãe cobriu-me com as mãos para me proteger. Tudo voava de um lado para o outro... mobília, vidros, potes, livros. Foi pior do que todas aquelas penas, e as coisas caíam sobre nós como chuva.

- Pare com isso - ordenou minha mãe. - Quem irá proteger Katherine?

O ambiente acalmou-se.

- Não se torne meu inimigo, Julien - disse a criatura.

Aquela altura, eu estava morrendo de medo. Eu havia provado minha hipótese. A criatura mentia. A criatura não era o repositório de nenhuma sabedoria santificada. E a criatura seria capaz de me matar, tanto quanto matara meus inimigos. E eu a deixara extremamente irada.

Fui astuto.

- Está bem, você quer ser de carne e osso?

- Eu quero, eu quero, eu quero!

- Então, prosseguiremos a sério com nossas experiências.

Michael, você mesmo viu os frutos daqueles anos. Quando chegou a esta casa, viu as cabeças humanas apodrecidas no líquido dos frascos, viu os bebês flutuando ali dentro no escuro. Viu o resultado final do que realizamos. Portanto, serei breve ao mencionar esses desastres sinistros e o que nós fizemos e eu fiz, com medo da criatura, e vendo que eu afundava cada vez mais no mal.

Já estávamos em 1847, e Katherine era uma mocinha esguia de dezessete anos, cortejada por primos e desconhecidos, mas sem demonstrar nenhuma vontade de se casar. O prazer mais perverso da pobrezinha era de fato o de deixar que eu a vestisse de rapaz e a levasse comigo aos bailes de mestiças e aos bares de beira rio, onde nenhuma mulher branca de verdade jamais poderia entrar. Tudo isso era divertido para ela e também me agradava, pois eu via aquele mundo sórdido e podre através dos seus lindos olhos...

No entanto, enquanto tudo isso acontecia, e a cidade a cada ano prosperava mais e mais se enchia de diversões, na privacidade do gabinete de Marguerite eu realizava com ela os piores sacrifícios ao espírito.

Nossa primeira vítima digna de nota foi um curandeiro da macumba, um mulato de cabelo sarará, muito velho, mas ainda forte, a quem tiramos da porta da sua casa e levamos para Riverbend, seduzindo-o com belas palavras, vinho e montanhas de ouro, e garantindo-lhe que queríamos saber o que ele sabia sobre Deus e o Diabo.

Ele afirmou já ter sido possuído por muitos espíritos. Ótimo, temos um belo espírito para você. Falamos de macumba, mentimos e jogamos conversa fora. Ele estava pronto para acolher o poderoso deus, Lasher.

Nos aposentos de Marguerite, com as portas trancadas mais uma vez, invocamos Lasher a penetrar nesse homem, que por livre e espontânea vontade se entregava à possessão.

A princípio, a criatura permaneceu imóvel, um velho de ossos pequenos, pele muito pálida, cabelos muito amarelos. E então, quando ele abriu os olhos, vimos que havia uma outra vida dentro dele! Os olhos fixaram-se em nós, a boca fez um movimento e uma voz mais grave do que a do próprio homem, porém vinda da mesma garganta, começou a falar.

- Ah, meus queridos, eu os vejo. - A voz era apática e horrenda. Na realidade, ela saía da boca como um rugido. E os olhos da criatura estavam descontrolados e sem expressão inteligente.

- Sente-se! - ordenou Marguerite. - Ganhe forças! Tome posse! - E ela insistia para que eu dissesse essas palavras com ela, e nós as repetimos mais uma vez, com os olhos fixos na criatura.

O homem levantou-se, com os braços esticados, depois deixou que caíssem relaxados de cada lado do corpo, e quase tombou. Esforçou-se para se manter em pé e então caiu mesmo, mas nós nos apressamos a ajudá-lo. Seus dedos contorciam-se no ar, e de repente ele conseguiu segurar meu pescoço com uma das mãos, o que não me agradou em especial, mas eu sabia que ele era fraco demais para me machucar. Ele voltou a falar naquela voz horrível.

- Meu amado Julien.

- Aposse-se do ser para sempre - gritou Marguerite. - Tome esse corpo como se fosse um direito seu.

E então, o corpo todo começou a tremer. E diante dos meus olhos, mais uma vez, como havia acontecido com o bebê, o cabelo da criatura começou a escurecer um pouco. E o rosto dava a impressão de estar loucamente deformado.

E em seguida, o pobre coitado caiu morto, nos nossos braços. E nunca soubemos se o velho voltou a estar ali por um instante que fosse. Quando o pusemos na cama, porém, Marguerite realizou um exame cuidadoso. Mostrou-me trechos da sua pele que agora estavam brancos, e as partes do seu cabelo que estavam nitidamente escuras como se alguma energia tivesse irrompido de dentro para alterar essas coisas. Eu percebi que eram só os cabelos curtos, mais novos, que haviam mudado. E que a pele Já estava voltando a sua tonalidade amarelada.

- O que vamos fazer com tudo isso, mamãe? Temos de esconder isso da família.

- É claro - respondeu ela. - Mas antes vamos retirar a cabeça aqui para guardá-la.

Eu caí exausto, sentado junto à parede, com os tornozelos cruzados e observando em silêncio enquanto ela lentamente cortava a cabeça do homem, usando para isso uma machadinha. Depois, vi a coisa imersa nos produtos químicos que ela comprara recentemente para essa finalidade, o frasco sendo lacrado, e os olhos arregalados do homem olhando para mim aqui fora.

A essa altura, Lasher havia recuperado sua presença de espírito, se é que se poderia falar assim. E estava ali, um ser humano do sexo masculino, forte, ao lado dela. E eu me lembro desse momento com perfeição: o espírito ali parado sob a forma de um homem inocente, ingênuo e quase delicado, e Marguerite lacrando a tampa do frasco, segurando-o diante da luz e falando com a cabeça ali dentro como se com um bebê.

- Você fez um belo trabalho, cabecinha. Fez, sim.

Em seguida, ela voltou a escrever sobre experiências futuras.



Michael, quando você chegou a esta casa e viu os frascos, viu tudo que um dia resultou dessa magia. Não houve nada a mais. Mas como é que nós podíamos saber disso?

A cada nova vítima, ficávamos mais espertos e audaciosos, bem como mais esperançosos. Aprendemos que o corpo tinha de ser forte, não velho, e que um jovem sem família ou sem lar era nossa melhor perspectiva.

Eu vivia com medo de que Katherine descobrisse. Katherine era a minha alegria. As vezes, eu ficava sentado olhando para ela e pensando se ela chegasse a saber. Mesmo assim, eu não conseguia me afastar de minha mãe, da criatura e de nada do que fazia. Talvez Katherine fosse meu eu inocente, a criança que eu nunca havia sido, o ser bondoso que eu jamais quisera ser. Eu a amava.

Quanto aos meus conluíus com o espírito, eu os apreciava. Extraía um prazer secreto até mesmo de capturar as vítimas e trazê-las para nossa casa, conduzi-las escada acima e levá-las a aceitar ser recipientes adequados para o espírito. Cada experiência me proporcionava uma altíssima empolgação. As velas bruxuleantes, a vítima na cama, a própria possessão, tudo era hipnótico.

Lasher também começou a expressar suas preferências. Trazer aqueles de pele e cabelos claros para ele poder modificá-los com maior facilidade para a cor que quisesse. Além disso, ele conseguia caminhar e falar dentro dos corpos por períodos mais longos.

Sempre era realizada alguma mutação superficial. Mas nunca foi além disso! Era pele, cabelo e nada mais. E em conseqüência, a vítima inevitavelmente morria.

O espírito, no entanto, adorava. Logo ele vivia para isso.

- Eu gostaria de ver a lua hoje, com olhos humanos - dizia Lasher. - Traga-me uma criança. Eu gostaria de dançar hoje com pés humanos. Mande que os violinos toquem ao lado de fora da porta e me traga pernas que saibam dançar.

E, para nos recompensar, a criatura nos trazia ouro e pedras preciosas inimagináveis. Eu estava sempre encontrando dinheiro nos meus bolsos. E nós

cada vez mais prosperávamos, pois a criatura nos avisava quando tirar nossos investimentos de tal ou tal lugar. E nunca errava nisso.

Uma outra coisa também começou a acontecer. A criatura começou a me imitar. Eu vi. Tudo foi a partir de alguns comentários meus, irrefletidos.

- Por que você tem de ser assim quando aparece? Tão empertigado, tão desinteressante?

- Suzanne achava que esse era um homem bonito. Como você quer que eu apareça?

Com algumas palavras cuidadosas, criei roupas para ele. Daí em diante, ele se apresentava exatamente igual a mim para me assustar e me divertir. E nós logo descobrimos que ele podia enganar perfeitamente os outros quanto a esse aspecto. Eu podia deixá-lo à minha mesa de trabalho, fingindo ser eu, e ir embora, sem que as pessoas imaginassem que eu houvesse saído de casa.

Era maravilhoso. E claro que ele não conseguia ser nada sólido por muito tempo. Mas estava ficando cada vez mais forte.

E mais uma coisa ficou clara para mim. A criatura, embora me proporcionasse prazer sempre que eu desejasse, não sentia ciúmes dos outros no que me dizia respeito. Na realidade, ela gostava de assistir a essas atividades, com namoradas, prostitutas, amantes. A criatura costumava pairar em volta dos meus guarda-roupas, fazendo com que meus casacos se mexessem com a brisa ao tocá-los. Ele estava me tomando como uma espécie de modelo interessante.

Enquanto Marguerite agora não saía mais do seu louco laboratório noite e dia, eu passeava pela cidade. E o espírito vinha comigo, a tudo observando. E eu sentia um poder imenso de tê-lo ao meu lado, meu confidente secreto, meu olho sobrenatural, meu anjo da guarda.

E agora, quando Marguerite e eu nos escondíamos dele por trás da música, ele aparecia e dançava, como outrora aparecia para Marie Claudette. Ou seja, nosso empenho em isolá-lo fazia com que ele mostrasse sua força. E em trajes amaneirados, ele fazia um espetáculo, distraindo-nos como nós o distraíamos, entregando-se à melodia.

Se havia alguém em Riverbend que não tivesse visto esse espírito na forma materializada pelo menos por uns trinta segundos, essa pessoa ou era cega ou louca.

Michael, eu podia lhe contar tanta coisa! Mas o que importa não é a história da minha vida. Basta dizer que vivi como poucos homens jamais viveram, aprendendo o que quis, fazendo o que quis e gozando de todo tipo de prazer. E o espírito foi meu melhor amante, sempre, é claro. Nenhum homem ou mulher conseguia me manter afastado dele muito tempo.

- Risos, Julien. Eu não sou melhor?

- É, tenho de admitir - dizia eu, jogando-me de costas na cama e deixando que ele pusesse mãos à obra, puxando minhas roupas e me acariciando.

- Por que você gosta tanto de fazer isso? Perguntei.

- Você se aquece, você fica mais perto, eu fico mais perto. Nós quase nos unimos. Você é lindo, Julien. Nós somos homens, você e eu.

Faz sentido, pensava eu. E, inebriado com o prazer erótico, eu me entregava a ele dias a fio, saindo dali afinal para voltar à cidade e me divertir de alguma outra forma para não enlouquecer como minha mãe.

É claro que eu agora sabia que as experiências não nos levariam a parte alguma. O fato de Lasher estar viciado em possuir as pessoas era tudo o que nos fazia prosseguir.

Enquanto isso, Marguerite agora já estava oficialmente louca. Mas ninguém ligava. Por que haveriam de se importar? Éramos uma família de centenas de parentes! Meu irmão, Rémy, havia se casado e tinha inúmeros filhos, tanto com a mulher quanto com a amante mestiça. Havia gente com sobrenome Mayfair por toda parte, e muitos do nosso sangue mudavam-se para a cidade e ali construía belas casas.

Se a bruxa mor não saía dos seus aposentos durante os lautos piqueniques que nós dávamos, ou os bailes que realizávamos, quem estava se importando? Ninguém sentia sua falta. Eu estava lá, dançando com Katherine, é claro.

Katherine, que partia o coração de todos os jovens que andavam atrás dela, Katherine, agora com mais de vinte e cinco anos de idade, uma solteirona para o sul naquela época, mas tão linda que ninguém ousava sequer pensar uma coisa dessas e, naturalmente, tão rica que não precisaria nunca se casar.

Na realidade, logo ficou claro para mim que ela sentia medo de se casar. É claro que minha mãe e eu lhe contáramos o que podíamos contar. E ela ficara apavorada. Não queria ter uma criança por temer que a semente maligna fosse transmitida.

- Morrerei virgem - dizia ela. - E esse será o fim de tudo. Não haverá mais bruxas.

- Algum comentário? - perguntei a Lasher.

- Risos. - Foi sua resposta de solitário. - Ela é humana. Os seres humanos anseiam pela companhia uns dos outros. Os seres humanos anseiam pelos pequenos. Há muitos primos entre os quais ela pode escolher. Olhe aqueles que tenham os sinais. Olhe os que vejam.

Foi então que ocorreu o impensável.

Tudo começou na maior inocência. Ela queria uma casa na cidade. Eu deveria contratar o arquiteto irlandês Darcy Monahan para construí-la para ela, no Faubourg da cidade alta, onde todos os americanos se haviam instalado.

- Você deve estar louca - disse eu. É verdade que meu pai havia sido irlandês, mas eu não cheguei a conhecê-lo. Eu descendia de franceses e falava francês. - Por que íamos querer morar lá com aqueles americanos exagerados? Com comerciantes e uma ralé dessas?

Comprei do próprio Darcy uma residência na Rue Dumaîne, que ele já terminara para um homem que entrara em falência e dera um tiro na cabeça. Eu via o fantasma desse homem de vez em quando, mas ele não me incomodava. Era como o fantasma de Marie Claudette, algo sem vida e incapaz de se comunicar. Mudei-me para esse apartamento e decorei aposentos suntuosos para Katherine. Não foi suficiente.

- Está bem – disse eu, então. – Vamos comprar o terreno na esquina de Chestnut Street com First, e vamos construir algum monstruoso templo grego que lhe agrade. Vá em frente. Faça a loucura que quiser. De que me importa?

Darcy começou de imediato a projetar e construir a casa em que agora estou. Eu demonstrava desdém, mas Lasher veio a mim, encostou-se no meu ombro, fazendo uma imitação minha e depois voltando ao homem de cabelos castanhos que preferia ser.

- Faça essa casa cheia de desenhos. Faça-a cheia de ornamentos e simetrias. Faça-a linda.

- Vá dizer essas coisas a Katherine - recomendei, e o espírito obedeceu, pondo essas idéias na cabeça dela e orientando as plantas, enquanto ela continuava ingênua como sempre.

- Essa será uma casa maravilhosa - disse-me o espírito quando íamos juntos até a cidade alta, materializando-se para descer da própria carruagem e postar-se junto ao portão. - Nesta casa, ocorrerão milagres.

- Como você sabe? - perguntei.

- Agora estou vendo. Agora vejo o caminho. Você é o meu amado Julien.

Perguntei-me o que aquilo poderia significar, mas eu estava envolvido demais para pensar muito a respeito, isso era certo. Lancei-me aos meus negócios, à aquisição de terras, aos meus investimentos no exterior e, em geral, procurava não pensar no plano de Katherine dessa casa americana, dessa casa no estilo de um memorial grego, essa residência da cidade alta, e seduzi-la de volta ao Quarter para cear comigo sempre que possível.

Como você sabe, ela se apaixonou por Darcy! Na realidade, foi Lasher quem me revelou a história. Eu me dirigia à cidade alta, já que Katherine não voltara para casa, e eu não gostava que ela ficasse até tarde, depois que os operários tivessem ido embora, perambulando pela casa em obras sozinha com aquele Irlandês safado.

Lasher procurou me distrair. Primeiro, queria conversar. Depois queria uma vítima para possuir.

- Agora não - disse eu. - Tenho de encontrar Katherine.

E afinal, assumindo uma forma masculina, ele usou seu pior ardil, assustando meu cocheiro e fazendo com que saíssemos da Nyades Road, com uma roda quebrada. E eu logo estava sentado no meio-fio, totalmente furioso, enquanto o conserto era feito. Mas agora eu via que o espírito não queria que eu fosse até a cidade alta.

Por isso, no dia seguinte, procurei neutralizá-lo. Incumbi-o da missão de encontrar para mim algumas moedas raras que eu queria ter, e lá saí eu sozinho na minha égua, cantando o tempo todo, para que ele não conseguisse se aproximar o suficiente para ler meus pensamentos e minhas intenções.

Já estava escurecendo quando cheguei à casa. Lá estava ela, como um castelo imponente, seus tijolos rebocados de modo a imitar a pedra, suas colunas colocadas, suas janelas prontas para o vidro ser instalado. E estava às escuras e deserta. Entrei, e encontrei no chão do salão minha bendita irmã e seu homem.

Quase o matei. Na verdade, eu o segurava pelo pescoço e o esmurrava, quando Katherine, para meu pavor, começou a gritar.

- Venha agora, meu Lasher. Seja minha vingança. Não permita que ele destrua aquele que amo.

Aos berros e soluços, ela caiu ao chão, desmaiada. Mas Lasher estava lá. Senti que ele me cercava no escuro, como se ele fosse uma enorme criatura marinha e eu, uma vítima indefesa. As trevas me envolveram no vazio do salão duplo lá embaixo, e depois eu senti a criatura se ampliar novamente, tocar as paredes e voltar a se concentrar.

- Contenha-se, Julien - disse Lasher. - A bruxa ama esse mortal. Tome cuidado. Ela usou palavras antigas e consagradas para me invocar.

Darcy Monahan pôs-se de pé e veio me agredir. Lasher segurou sua mão.

Darcy era supersticioso como qualquer pessoa de sangue irlandês. Ele olhou ao redor, pressentindo a presença no escuro, e depois viu sua querida Katherine caída, gemendo, e foi reanimá-la.

Saí dali, irado. Voltei para meu apartamento na Rue Dumaine e levei algumas mestiças da noite para casa, ali copulando com elas uma depois da outra, num abandono de dor. Katherine e aquele animal daquele irlandês, na cidade alta, na terra dos americanos.

Quando reexamino a história, vejo que deixei de lhe transmitir muitos conhecimentos. Ela achava que o homem era um fantasma, ou alguma coisa simples. Ela não tinha a menor noção do que Lasher podia fazer quando ela o invocava.

- Bem - disse-lhe eu - , se você quiser me matar, basta que o chame de novo desse jeito. E ele tentará satisfazer seu desejo.

Eu não tinha certeza disso, mas não queria que ela ficasse lançando maldições para cima de mim. Primeiro, ela me traiu com Darcy e depois com o próprio Lasher. Ela era a bruxa, e toda a minha vida eu a protegerei.

- Você não conhece o que está sob suas ordens - disse eu. - Eu a preservei dele.

Ela estava horrorizada, lacrimosa e triste, mas também determinada a se casar com Darcy Monahan.

- Você não precisa mais me preservar - disse ela. - Vou me casar com a esmeralda no pescoço, como as leis da nossa família exigem, mas estarei me casando na casa de Deus diante do Seu altar, e meus filhos serão batizados na Sua pia. Eles voltarão as costas ao mal.

Dei de ombros. Nós sempre nos casáramos diante de altares católicos, ou não? Nós todos éramos batizados. O que isso significava? Mas não lhe disse nada.

Minha mãe e eu resolvemos afastá-la de Darcy. Mas não houve como conseguir isso. Na realidade, ela estava disposta a renunciar ao legado por aquele irlandês pateta, ou era o que dizia a todo mundo. Os primos vinham a mim em massa. O que vai acontecer? Qual é a lei? Vamos perder nossa fortuna? E então ficou claro o quanto eles sabiam da fornalha do mal, secreta e escura, que movimentava todos os negócios, e de como estavam dispostos a aceitá-la.

No entanto, foi Lasher quem entregou a noiva ao noivo.

- Deixe que ela se case com o celta - disse ele. - Seu pai tinha sangue irlandês, e nele circulavam os dons das bruxas que circulam nesse sangue há séculos. Os irlandeses, os escoceses têm o dom da intuição. O sangue do seu pai fez com que você fosse forte. Vamos ver o que esse irlandês pode fazer com sua irmã.

No entanto, você conhece a história. Katherine perdeu dois bebês, os dois, meninos. Depois teve, de Darcy, dois filhos. Daí em diante, apesar das suas orações, das suas missas, rosários e padres, ela perdia um bebê após o outro.

Enquanto a Guerra de Secessão devastava, a cidade caía, fortunas eram destruídas da noite para o dia, tropas ianques passavam pelas nossas ruas, ela criou seus meninos na casa de First Street, entre traidores e amigos americanos.

Katherine achava que havia deixado para trás a maldição da família. Na verdade, ela devolvera a esmeralda no dia do casamento. A família estava em polvorosa. A bruxa se fora. Pela primeira vez, ouvi muitos dos parentes sussurrarem essa palavra.

- Mas ela é a bruxa! - costumavam dizer. - Como pode nos abandonar?

E a esmeralda. Estava na penteadeira de mamãe junto com todas as suas quinquilharias de vodu, como uma horrenda bugiganga. Finalmente, eu a apanhei e a pendurei no pescoço da Virgem de gesso que estava ali por perto.

Esse foi para mim um tempo sombrio, uma época de enorme liberdade e também de grande aprendizado. Katherine se fora, e não havia muito mais que me interessasse. Se algum dia duvidei disso, agora sabia com certeza: minha família era meu mundo. Naquela ocasião, eu poderia ter ido para a Europa; poderia ter ido para a China. Poderia ter me afastado da guerra, das epidemias e da pobreza. Poderia ter vivido como um magnata. Mas esse pequeno pedaço do planeta era meu chão e, sem os meus entes queridos ao meu redor, nada tinha muito sabor.

Patético, pensei. Mas verdadeiro. E aprendi aquilo que só um homem poderoso e rico pode um dia descobrir: o que é que eu realmente desejava.



Enquanto isso, o espírito estava sempre me empurrando para novas amantes, e observando o que acontecia com o entusiasmo de sempre. Ele me imitava cada vez mais. Mesmo quando visitava minha mãe agora, ele se apresentava com uma aparência tão semelhante à minha que os outros achavam que era eu.

Ele parecia ter perdido todo o sentido de si mesmo, se é que algum dia teve algum.

- Como você é realmente? - perguntei.

- Risos. Por que me fazer uma pergunta dessas?

- Quando você for de carne, como será?

- Como você, Julien.

- E por que não como você era a princípio, de olhos e cabelos castanhos?

- Aquele era só para Suzanne. Era o que Suzanne queria ver. Por isso, assumi aquela forma e cresci naquela forma, a de um escocês da sua aldeia. Eu queria ser você. Você é lindo.

Refleti muito. Eu jogava, bebia, dançava até o amanhecer, brigava e discutia com partidários da confederação sulista e com inimigos ianques, ganhava e perdia fortunas em diversos setores, apaixonei-me uma vez ou duas e, em geral, cheguei à conclusão de que eu me mortificava noite e dia pela minha Katherine.

Talvez eu precisasse de algum objetivo para a minha vida, algo além de ganhar dinheiro e de ser pródigo com os primos de todos os cantos, algo além de construir novos chalés nas nossas terras e da aquisição de mais propriedades.

Katherine havia sido como que um objetivo. Eu nunca tivera nenhum outro. A não ser o espírito, é claro. Brincar com ele, fazer mutações na carne, cortejá-lo e usá-lo. Ah, eu começava a ver o que estava por trás de tudo.

Chegou, então, o ano de 1871. O verão e a febre amarela, que sempre surgia, grassando descontrolada entre os imigrantes mais novos. Darcy e Katherine, bem como os meninos, haviam estado recentemente no exterior. Na verdade, passaram seis meses na Europa. E mal o belo irlandês pôs os pés em terra, caiu ele com a febre.

Havia perdido sua imunidade a ela em terras estrangeiras, suponho, ou seja lá o que for, francamente não sei. Só que os irlandeses estavam sempre morrendo dessa doença, e nós nunca fomos afetados por ela. Katherine ficou como louca. Mandou-me cartas para a Rue Dumaine: por favor venha curá-lo.

- Ele vai morrer? - perguntei a Lasher.

Lasher apareceu aos pés da minha cama, tranqüilo, de braços cruzados, trajando as roupas que eu usara no dia anterior, tudo ilusão, é claro.

- Acho que vai morrer. E talvez já esteja na hora. Não se preocupe. Não há nada que mesmo uma bruxa possa fazer contra essa febre.

Eu não tinha tanta certeza assim. Mas, quando recorri a Marguerite, ela começou a gargalhar e a dançar.

- Que o filho da mãe morra, e que leve toda a sua prole.

Isso me causou repulsa. O que os pequenos Clay e Vincent, crianças inocentes, tinham feito a não ser terem nascido meninos, como eu e meu irmão Rémy?

Voltei à cidade, refletindo sobre o que fazer, consultando médicos e enfermeiras, e é claro que a febre grassava como sempre no tempo de calor, e os corpos formavam altas pilhas nos cemitérios. A cidade fedia a morte. Enormes fogueiras eram acesas para purificar as emanações nocivas.

Os grandes corretores de algodão e os gigantes do comércio que haviam vindo para o sul para fazer fortuna após a guerra caíam diante da Morte com tanta facilidade quanto os camponeses irlandeses que desembarcavam dos navios. E então Darcy morreu. Morreu. E lá estava o cocheiro de Katherine à minha porta.

- Ele faleceu, Monsieur. Sua irmã pede que o senhor venha!

O que eu podia fazer? Nunca pusera os pés naquela casa de First Street desde que ficara pronta. Nem mesmo conhecia de vista Clay e Vincent, coitadinhos! Não via minha irmã há um ano, a não ser por um dia em que discuti com ela na via pública. De repente, toda a minha riqueza e todos os meus prazeres pareciam ser nada para mim. Minha irmã estava implorando que eu fosse vê-la. Eu tinha de ir e tinha de perdoá-la.

- Lasher, o que é que eu faço?

- Você vai ver - respondeu ele.

- Mas não há nenhuma mulher para prosseguir com a linhagem! Ela vai murchar, viúva atrás de portas fechadas. Você sabe disso. Eu sei disso.

- Você vai ver - repetiu ele. – vá procurá-la.

A família inteira prendia a respiração. O que vai acontecer?

Fui até a casa de First Street. Era uma noite chuvosa, muito quente e abafada, e nos cortiços de irlandeses a apenas alguns quarteirões de distancia, os corpos das vítimas da febre estavam empilhados nas sarjetas.

Vinha um fedor com a brisa do rio. Mas lá estava a casa, como sempre, majestosa entre seus carvalhos e magnólias, um castelo estreito e arrojado, perfeito com ameias e paredes que pareciam indestrutíveis. Uma casa profunda, cheia de segredos e de desenhos graciosos, embora de certo modo lúgubre.

Vi a janela do quarto principal voltado para o norte. Vi uma imagem que muitos viram desde então, e que você viu, o tremeluzir de velas nas venezianas. Entrei na casa, forçando a porta, não sei se com a ajuda de Lasher ou com a minha própria força, só sei que ela cedeu, a fechadura quebrou e daí em diante ficou inutilizada.

Tirei minha capa de chuva encharcada e subi a escada. A porta para o quarto principal estava aberta.

É claro que eu esperava ver o corpo do arquiteto irlandês ali, apodrecendo como condizia com o verão. Logo, porém, percebi que ele havia sido levado embora para evitar o contágio. As supersticiosas criadas irlandesas vieram me dizer isso, que Darcy, o pobre coitado, já estava enterrado e, com os sinos de Santo Afonso dobrando noite e dia, não houvera tempo para uma cerimônia fúnebre.

Dentro do quarto, tudo havia sido esfregado e limpo. E era Katherine quem estava na cama, uma cama gigantesca de dossel, com cabeças de leão entalhadas nas colunas, chorando baixinho no travesseiro bordado.

Ela parecia tão pequena e tão frágil. Parecia minha irmãzinha. E eu de fato a chamei assim. Sentei-me ao seu lado e a consolei. Ela soluçou no meu ombro.

Seus cabelos longos e negros ainda eram densos e sedosos, e seu rosto mantinha sua beleza. Todos aqueles filhos perdidos não lhe haviam roubado os encantos da inocência, ou da fé radiante com a qual ela olhava para mim.

- Julien, leve-me para casa, para Riverbend - disse ela. - Leve-me para casa. Faça com que mamãe me perdoe. Não posso viver aqui sozinha. Para onde quer que eu olhe, vejo Darcy, só Darcy.

- Vou tentar, Katherine. - No entanto, na minha cabeça não havia a menor dúvida quanto à impossibilidade de uma reconciliação com mamãe. Mamãe estava agora tão louca que talvez nem soubesse mais quem Katherine era, ou por onde estivera. Seu descontrole chegava a esse ponto. A última vez que eu vira mamãe, ela e Lasher estavam fazendo flores nascer cedo das suas sementes. E Lasher lhe contara segredos de plantas que davam um caldo que a faria ter visões. Era assim a vida de mamãe ultimamente. Eu poderia lhe ter dito que Katherine morrera e voltara à terra, e que tínhamos de ser bons com ela. E quem sabe? Ela poderia ter engolido essa.

- Não se preocupe, minha menina linda. Vou levá-la para casa, se é isso o que quer, e seus meninos também. Toda a família está lá, como sempre.

Ela concordou, com um gesto de cabeça, e fez um gesto gracioso e desamparado como se dissesse que o assunto estava nas minhas mãos.

Dei-lhe um beijo e a abracei. Depois, fiz com que se deitasse para descansar, garantindo que ficaria sentado ao seu lado até a manhã do dia seguinte. A porta estava fechada. A enfermeira não estava lá. Os meninos, calados, onde quer que estivessem. Saí do quarto e fui fumar. Vi Lasher.

Ele estava parado aos pés da escada, olhando para mim. Disse com sua voz silenciosa que eu estudasse a casa, estudasse suas portas, seus aposentos, seus desenhos. Riverbend perecerá como pereceu a fortaleza que construímos na distante Saint-Domingue, mas esta casa permanecerá para cumprir sua finalidade.

Abateu-se sobre mim uma sensação de sonho. Desci a escada e comecei a fazer o que você, Michael, fez milhares de vezes. Vagueei pela casa lentamente, por dentro e por fora, pondo minhas mãos nos seus batentes, nas suas maçanetas de latão, contemplando as pinturas da sala de jantar e os belos ornamentos de gesso que decoravam o teto por toda parte.

É, uma linda casa, pensei. Pobre Darcy. Não era de surpreender que seus projetos fizessem tanto sucesso. Mas eu imaginava que ele não tivesse tido nenhum sangue de bruxa. Eu suspeitava que meus sobrinhos Clay e Vincent eram tão inocentes quanto meu limão, Rémy. Saí para os jardins. Percebi o que havia sido feito, um enorme gramado octogonal, com um octógono esculpido nos pilares de pedra que encerravam as balaustradas de pedra-sabão. E em todos os cantos, lajes colocadas em ângulos, de tal forma que, ao luar, era-se invadido por linhas, desenhos e motivos.

- Olhe as rosas no ferro - disse-me Lasher. Com isso, ele queria dizer as cercas de ferro fundido. E eu vi o que ele me indicou, linhas que se encontravam em ângulos, repetindo os ângulos das lajes, bem como as rosas.

Ele agora caminhava com o braço enlaçando meu corpo, e eu sentia uma emoção com isso, com essa proximidade dele. Senti vontade de convidá-lo a entrar entre as árvores e de me entregar a ele. Estava viciado, como já disse. Mas eu tinha de me lembrar da minha irmã adorada. Ela podia acordar e chorar, imaginando que eu a houvesse abandonado.

- Lembre-se de todas essas coisas - repetiu ele. - Pois esta casa permanecerá.

Quando entrei pelo saguão, eu o vi no alto portal da sala de jantar, com as mãos nos marcos. Como o portal se erguia muito acima dele, com seu formato afilado, mais estreito no alto, e portanto dando uma impressão de altura ainda maior.

Voltei-me para observar que a porta da frente, pela qual eu acabara de entrar e que havia deixado escancarada, tinha o mesmo formato. E lá estava ele,

como se nunca tivesse estado em outro lugar, um homem como eu, com as mãos nos marcados, encarando-me de frente.

- Julien, você gostaria de viver depois da morte? De todas as minhas bruxas, você me faz tão poucas perguntas sobre a escuridão final.

- Da morte você não sabe nada, Lasher. Você mesmo me disse isso.

- Não seja cruel comigo, Julien. Não justamente nesta noite. Estou feliz de estar aqui. Você gostaria de viver depois da morte? Você preferiria ficar pairando por aqui, é isso o que lhe estou perguntando.

- Eu não sei. Se o Demônio estivesse querendo me levar para o inferno, talvez eu ficasse pairando, se é isso o que você quer dizer, uma alma do purgatório vagando por aí, aparecendo para macumbeiras e espíritas. Imagino que poderia fazer isso, sim. - Apaguei meu charuto no cinzeiro sobre a mesa de mármore, que está lá agora, até os dias de hoje, no saguão lá embaixo.

- Foi isso o que você fez, Lasher? Será que você é algum ser humano abjeto que se tornou um fantasma, rondando para sempre e procurando se envolver num mistério a que não faz jus?

Vi algo se alterar no rosto do espírito. Num momento ele era meu gêmeo e sorria. Na realidade, ele estava imitando meu próprio sorriso, e com perfeição. Eu não o vira fazer isso antes com frequência. E quando ele se recostou no marco da porta, cruzou os braços como eu cruzaria e emitiu um ruído leve de pano passando pela madeira, para que eu soubesse como estava forte.

- Julien - disse ele, formando de verdade as palavras com a boca, de tão forte que estava -, talvez todos os mistérios não sejam nada na sua essência. Talvez o mundo seja feito de refugos.

- E você estava presente quando isso aconteceu?

- Não sei - disse ele, imitando com exatidão meu próprio tom sarcástico. Ele ergueu as sobrancelhas como eu ergo as minhas. Eu jamais o vira com tanta intensidade.

- Feche a porta, Lasher, se você é assim tão poderoso.

E, para minha surpresa, ele estendeu a mão até a maçaneta e saiu de lado, fazendo com que a porta se fechasse exatamente como se fosse um homem. Esse foi um limite para ele, pois havia sido uma façanha espantosa. Desapareceu. O ar mantinha seu calor como sempre acontecia.

- Admirável - sussurrei.

- Lembre-se deste lugar, se você quiser ficar ou voltar. Lembre-se dos desenhos. No mundo indistinto do além, eles serão como clarões aos seus olhos, eles o guiarão de volta à casa. Esta é uma casa para séculos. É uma casa digna dos espíritos dos mortos. É uma casa em que você pode ficar em segurança. Nem a guerra, a revolução, o incêndio, nem a corrente do rio irão perturbá-lo aqui. Eu uma vez fiquei preso... a dois desenhos. Dois motivos simples. Um círculo, e pedras na forma de uma cruz... dois desenhos.

Guardei isso na memória. Mais provas de que ele não era o famoso Demônio.

Subi a escada. Consegui extrair só um pouquinho a mais dele do que geralmente conseguia, mas nada de grande importância, no fundo. E tinha de pensar em Katherine. Dessa vez, eu a encontrei acordada, em pé junto à janela.

- Onde você foi? - perguntou, ofegante. E então me enlaçou com os braços e se encostou em mim. Pareceu-me sentir Lasher, movimentando-se perto de nós. Ordenei-lhe mentalmente que não se aproximasse, que iria assustá-la.

Ergui seu queixo como os homens fazem com as mulheres, embora eu não saiba como as pobrezinhas suportam isso, e a beijei. Naquele mesmo instante, algo me apanhou de surpresa. Era a pressão dos seus seios no meu corpo. Ela não estava usando nada a não ser um delicado penhoar branco, e eu senti os bicos dos seus seios, seu calor e uma fonte de calor que parecia sair dos seus lábios. Quando me afastei, porém, e olhei para ela, vi apenas a inocência.

Vi também uma mulher. Uma bela mulher. Uma mulher a quem eu amara, que se voltara contra mim e me largara por outro, um corpo amado por mim como um irmão deveria amar sua irmã, sem nada nele que me fosse desconhecido, das nossas brincadeiras e banhos da infância; e, no entanto, era um corpo de mulher e

estava nos meus braços. Num momento de ousadia, beijei-a de novo, de novo e ainda mais uma vez. E senti que ela começava a arder encostada no meu corpo.

Senti repugnância. Essa era minha irmãzinha, Katherine. Levei-a até a cama e a deitei. Ela parecia confusa, a me olhar. Eu ousaria dizer enfeitiçada? Será que ela estava pensando que Darcy estava de volta?

- Não - sussurrou ela. - Eu sei que é você. Sempre o amei. Perdoe-me. Você deve perdoar meus pequenos pecados, mas quando eu era menina, costumava sonhar com nosso casamento. Iríamos até o altar. Foi só quando Darcy surgiu que abandonei esse sonho incestuoso e tolo. Deus me perdoe.

Ela fez o sinal da cruz, recolheu os joelhos e estendeu a mão para puxar as cobertas. Não sei o que me deu. Uma fúria? Olhei para aquela coisinha feminina, aquela criatura com sua mão estendida e o véu irregular dos cabelos negros, o rosto pálido e trêmulo. Vi que ela fazia o sinal da cruz e me enfureci.

- Como você ousa brincar comigo desse jeito! - disse-lhe eu, jogando-a para trás na cama. Seu penhoar se abriu e lá estavam seus seios, uma deliciosa tentação. Segundos depois, eu estava arrancando minhas próprias roupas. Ela começara a berrar. Estava apavorada.

- Não, não, Julien, não!

Mas eu já estava em cima dela, afastando suas pernas e rasgando o que ainda restasse no caminho.

- Julien, por favor, pelo amor de Deus, não! - gritava ela, com a voz de dilacerar o coração. - Sou eu, sou Katherine.

Mas estava feito. Eu a estuprara e me demorei para terminar. Depois, saindo da cama, fui até a janela. Eu achava que meu coração fosse explodir. E não podia acreditar no que havia feito.

Enquanto isso, ela se transformara de uma mulher soluçante enrodilhada sobre a cama, para outra que corria para mim e de repente se jogava para me abraçar, gritando meu nome de novo.

- Julien, Julien!



O que isso significava? Que ela queria que eu a protegesse de mim mesmo?

- Ah, minha menina querida - disse eu. E sucumbi totalmente, a beijá-la. E então fizemos amor mais uma vez, mais outra e mais outra. E Mary Beth nasceu nove meses depois.

A essa altura, já passáramos esse tempo todo em Riverbend, e eu mal conseguia suportar ver Katherine. Eu não ousara perturbá-la debaixo do nosso próprio teto, e duvido que ela me houvesse recebido de qualquer forma. Ela havia eliminado da cabeça a verdade. Acreditava que o que estava no seu ventre era um filho de Darcy. Rezava o terço o tempo todo, pelo filho de Darcy ainda não nascido.

E todos, absolutamente todos, sabiam o que eu lhe fizera. Julien, o perverso. Julien havia engravidado a própria irmã. Os primos me encaravam como se eu fosse um excomungado. Lá de Fontevrault, Tobias, o filho de Augustin, veio especialmente para me amaldiçoar e dizer que eu era o Demônio. Por toda parte, havia pessoas que sabiam e que não ousavam demonstrar seu desagrado.

Havia, ainda, meus amigos de jogos e de farras com mulheres, que consideravam o fato estranho e indigno de um homem, mas quando viram que eu não dava um passo em falso na minha dança costumeira, eles apenas deram de ombros e aceitaram tudo. Essa é uma coisa que eu descobri: pode-se sair impune de praticamente qualquer pecado, se não se fizer nada.

Ah, mas o bebê estava por chegar. Mais uma vez, a família inteira prendia a respiração. E Lasher? Quando eu chegava a vê-lo, ele se mostrava impassível como antes. Pairava junto a Katherine o tempo todo, sem ser visto por ela.

- Foi ele - disse minha mãe. - Ele o empurrou para os braços dela. Pare de se preocupar. Ela tem de ter mais bebês, todo mundo sabe disso. Ela precisa ter uma filha. Por que não você para pai, um bruxo tão poderoso? Acho uma boa idéia.

Não me dei mais ao trabalho de tocar no assunto com ela. E eu não sabia se havia sido ele mesmo. Agora ainda não sei. Tudo o que eu sabia era que

aquele foi o prazer mais caro que eu jamais comprara, esse estupro, e que eu, Julien, que podia matar homens a qualquer momento sem remorsos, estava me sentindo imundo e contaminado pela crueldade e pelo mal.

Katherine realmente perdeu a razão antes do nascimento de Mary Beth. Mas ninguém soube.

Na verdade, a partir do estupro, ela nunca foi mais do que uma mulher resmungona, rezando seu terço, falando de anjos e santos, boa para brincar com criancinhas.

Chegou, então, a noite do nascimento de Mary Beth. Katherine estava com uma barriga enorme e dava berros agonizantes. Eu estava no quarto, com as parteiras negras e o médico branco, com Marguerite e todos os que deviam estar ali para ajudar. Nunca se viu uma junta daquelas reunida.

Finalmente, com o grito final e mais excruciante, Katherine expulsou Mary Beth para este mundo, e lá veio ela, uma criança linda e perfeita, parecendo mais uma menina do que um bebê recém-nascido. Com isso quero dizer que, embora sua cabeça fosse de bebê, ela já tinha cachos negros e abundantes, um dente cintilava por baixo do seu lábio superior, e seus braços e pernas eram primorosos. Ela se contorcia cheia de vida, e dava gritos alegres, bonitos, suaves.

Puseram o bebê nos meus braços.

- Eh bien, Monsieur, essa é sua sobrinha - disse o velho médico, com grande cerimônia.

E eu baixei os olhos até essa minha filha, e então, com o canto do olho, vi o demônio surgir em forma etérea, meu Lasher, não na forma sólida que outros no quarto pudessem ver, mas apenas uma aparição, suave como a seda roçando no meu ombro. E os olhos da criança também o viram! O Bebê estava forçando sua boquinha precoce a formar um sorriso para ele.

Seus gritos se acalmaram. Suas mãozinhas abriam e fechavam. Dei-lhe um beijo na testa. Uma bruxa, uma bruxa rematada. Dela emanava o cheiro do poder como um perfume.

E então vieram as palavras mais ameaçadoras que eu já havia ouvido, numa confidência do espírito para mim.

- Muito bem, Julien. Você cumpriu sua missão!

Fiquei estupefato. Cada sílaba muda e ensurdecadora foi sendo absorvida lentamente. Deixei minha mão direita subir até envolver o pescoço do bebê, por baixo das mantas de linho branco e renda, e fechei meu polegar e meu dedo indicador junto à pele clara, embora ninguém no quarto percebesse.

- Julien, não! - veio o sussurro, dentro da minha cabeça.

- Ora, vamos - perguntei, com minha voz íntima -, você precisa de mim para protegê-la um pouquinho mais, não é? Olhe à sua volta, espírito. Olhe com a astúcia de um ser humano, pelo menos uma vez na vida, e não com o cérebro tolo de um anjo. O que está vendo? Uma velha megera, uma louca resmungona e um bebê. Quem vai lhe ensinar o que ela precisa aprender? Quem estará ao seu lado para protegê-la quando ela começar a demonstrar seus dons?

- Julien, nunca tive a intenção de lhe fazer mal.

Eu ri, e todos acharam que eu estava rindo da criança que se contorcia e que, sem dúvida, parecia ter os olhos focalizados em algo que ninguém mais estava vendo, logo acima do meu ombro. E então eu a entreguei às babás, e elas a banharam para aprontá-la para a mãe.

Retirei-me do quarto. Estava bufando de raiva. Você cumpriu sua missão!

Na realidade, será que era isso desde o início? Mais do que provável. E todo o resto era brincadeira, e eu sabia.

Mas sabia também de uma outra coisa. A minha volta, em todas as direções, vicejava uma família imensa e próspera, uma família de gente que eu amava, que havia me amado outrora, antes desse ato abominável, e ainda me amaria se eu conseguisse obter seu perdão. E no quarto atrás de mim estava uma criança querida que tocava meu coração, como todas as crianças sempre tocaram, e essa criança era minha, minha primogênita!

Todas as coisas boas, pensei, as coisas boas que são a própria vida! E maldito seja esse espírito dos infernos do qual eu não consigo me livrar!

Mas que direito tinha eu de me queixar? Que direito tinha eu de me arrepender? Que direito tinha eu de sentir vergonha? Eu deixara essa criatura me escravizar desde a minha tenra infância, sabendo que ele era traiçoeiro, fantasioso, empolado e egoísta. Eu sabia. Eu havia feito seu jogo, como todas as bruxas faziam, como a família inteira fazia. E agora, se eu quisesse que ele me deixasse viver, eu tinha de ser de alguma nítida utilidade para ele. Precisava pensar em alguma coisa. Ensinar Mary Beth não seria suficiente. Não, não chegava a ser suficiente. Afinal de contas, a criatura em si era um excelente mestre. Não, eu precisava ter alguma idéia rapidamente, e precisaria de todos os meus dons de bruxo para isso.

Enquanto eu refletia, a família foi se reunindo. Primos vieram correndo, gritando, acenando e batendo palmas.

- É uma menina, uma menina! Afinal, Katherine deu à luz uma menina!

E de repente eu estava cercado de mãos amorosas e de beijos carinhosos. Não havia absolutamente problema nenhum no fato de eu ter estuprado minha irmã ou então eu já havia cumprido uma penitência suficiente. Não sei qual das duas hipóteses. Mas Riverbend estava cheia de vozes animadas. Ouvia-se o estouro das rolhas de champanhe, músicos tocavam. O bebê foi mostrado do alto da varanda. As embarcações no rio começaram a fazer soar seus apitos em honra à nossa festividade óbvia e visível.

Ai, Deus do céu! O que você vai fazer agora, pensei, você, seu depravado? O que você vai fazer só para se manter vivo e para salvar aquele pequeno bebê da destruição total?

275

## **Capítulo 15**

O mundo tremia com a canção do pai e com o riso do pai.

- Emaeth - dizia o pai, com sua voz rápida e aguda -, cresça forte. Tome o que precisar. A mãe pode tentar prejudicá-la. Lute, Emaeth, lute para poder estar comigo. Pense no vale, no sol e em todos os nossos filhos.

Emaeth via crianças - milhares e milhares de pessoas, como o pai, e como a própria Emaeth, pois agora ela também se via, via seus próprios dedos longos, seus membros longos e seu cabelo flutuando na água do mundo que era a mãe. O mundo que já estava pequeno demais para ela.

Como o pai ria. Ela o via dançar. Ela o via dançar como a mãe o via. A canção que entoava para ela era longa e bela.

Havia flores no quarto. Montes de flores. O perfume estava por toda parte, mesclado ao cheiro do pai. A mãe chorava sem parar enquanto o pai atava suas mãos à cama. A mãe deu-lhe um chute, e o pai praguejou; eram trovões nos céus. Pai, por favor, por favor, seja bom para a mãe.

- Eu serei. Agora vou sair, filha. - Ele lhe transmitiu a mensagem secreta. - E voltarei com alimentos para sua mãe, comida que fará com que você seja forte. E, quando chegar a hora, Emaeth, lute para nascer, lute contra qualquer coisa que procure se opor a você.

Ela se entristecia ao pensar em lutar. Com quem iria lutar? Sem dúvida não com a mãe! Emaeth era a mãe. O coração de Emaeth estava ligado ao coração da mãe. Quando a mãe sentia dor, Emaeth também sentia, como se alguém a tivesse empurrado contra a parede do mundo que era a mãe.

Há apenas um instante, Emaeth poderia ter jurado que a mãe sabia que ela existia! Que por um segundo a mãe compreendeu que trazia Emaeth dentro de si. Mas as brigas recomeçaram, entre o pai e a mãe.

E agora que a porta se fechava, o cheiro do pai se afastava e as flores se mexiam, se inclinavam e pulsavam no quarto escurecido, Emaeth ouviu o choro da mãe.

Não chore, mãe, por favor. Você me entristece quando chora. O mundo inteiro fica só tristeza.

Você realmente me ouviu, minha querida?

A mãe sabia mesmo que ela estava ali ! Emaeth virou-se, contorcendo-se, no seu universo ínfimo, fez pressão contra o teto e ouviu a mãe suspirar.

Ouçó, mãe. Diga meu nome como o pai diz. Emaeth. Chame meu nome! Emaeth.

E então a mãe começou a falar com ela. Preste atenção, minha menina, estou com problemas. Estou fraca e doente. Estou morrendo de fome. Você está dentro de mim e, graças a Deus, você tira o que precisa ter dos meus dentes, dos meus ossos, do meu sangue. Mas eu estou fraca. Ele me amarrou de novo. Você deve começar a me ajudar. O que devo fazer para salvar a nós duas?

Mãe, ele nos ama. Ele ama a você e a mim. Ele quer encher o mundo com nossos filhos.

A mãe gemeu no silêncio.

- Emaeth, fique parada - disse a mãe. - Estou passando mal.

E a mãe se contorceu de dor na cama, com os tornozelos amarrados afastados, com os pulsos amarrados da mesma forma, e o perfume das flores a deixá-la enjoada.

Emaeth chorou. A tristeza da mãe era terrível demais para ela agüentar. Ela via a mãe como o pai a vira, tão pálida e abatida, com olheiras escuras, como uma coruja na cama, uma coruja e Emaeth viu nos bosques fechados e escuros uma coruja.

Querida, ouça o que vou dizer. Você não ficará dentro de mim para sempre. Logo, você vai nascer e nessa hora, Emaeth, pode ser que eu morra. Pode ser que você chegue no exato instante da minha morte.

Não, mãe! Era terrível demais de se imaginar, a mãe morta! Emaeth conhecia a morte. Ela sentia o cheiro da morte. Viu a coruja atingida por uma flecha, caindo ao chão da floresta. As folhas tremeram. Ela conhecia a Morte como sabia o que era para cima, para baixo e para todos os lados, bem como sua própria pele e seu cabelo, que ela apanhava nos dedos e esfregava nos lábios.

Morto não era vivo! E as longas histórias do pai passavam pela sua cabeça, de como precisavam se reunir e se fortalecer.

- Lembre-se - disse-lhe o pai uma vez. - Eles não sentem compaixão pelos que não são da sua própria espécie. E você terá de ser impiedosa, da mesma forma. Você, minha filha, minha mulher, minha mãezinha.

Não morra, mãe. Você não pode morrer. Não morra.

- Estou tentando, querida, mas preste atenção. O pai está louco. Ele tem sonhos que são perversos e, quando você nascer, terá de ir embora daqui. Você tem de fugir de mim e dele, e deve procurar aqueles que possam ajudá-la. - E então, a mãe começou a chorar de novo, desamparada, arrasada, abanando a cabeça.

O pai estava voltando. A chave na fechadura. O cheiro do pai e de comida.

- Pronto, minha adorada - disse ele. - Trouxe suco de laranja para você, leite e coisas gostosas.

Ele se abaixou junto à mãe sobre a cama.

- Ah, não vai demorar! Está vendo como a menina se mexe! E os seus seios estão se enchendo de leite de novo!

A mãe gritou. Ele tampou a boca da mãe com a mão, e ela tentou morder seus dedos!

Emaeth chorava. Isso era horrível, horrível, essa escuridão e esse estrondo que lhe encobriam o horizonte inteiro. De que valia o mundo se a gente sofria assim? De nada. Ela sentia vontade de enfiar coisas nas suas bocas para fechá-las e para que eles não pudessem expressar ódio um pelo outro. Ela fez força contra o teto do mundo. Via-se mulher, já nascida, correndo de um para o outro e entupindo suas bocas com folhas do chão da floresta para que eles não pudessem dizer palavras ferinas um ao outro.

- Você vai tomar o suco de laranja, vai tomar o leite - disse o pai, furioso.

- Só se você me soltar de novo e me deixar sentar. Só assim eu como. Se eu puder me sentar na beira da cama, eu como.

Por favor, pai, trate bem a mãe. O coração da mãe está cheio de mágoa. A mãe precisa do alimento. A mãe passou muita fome. A mãe está fraca.

Muito bem, minha querida. O pai estava com medo. Ele não podia deixar a mãe de novo sem água e sem alimento.

Ele cortou a fita que estava prendendo os braços e as pernas da mãe.

Imediatamente, a mãe contraiu todos os membros, virou os pés para o lado, e lá estavam elas andando, ela e a mãe, de um lado para o outro, de um lado para o outro. Entraram no banheiro, cheio de uma luz forte e de coisas brilhantes, do cheiro da água e dos produtos químicos na água.

A mãe fechou a porta e tirou um grande ladrilho de porcelana branca que estava por trás do vaso. Essas coisas Emaeth entendia porque a mãe entendia, mas não totalmente. A porcelana era dura e pesada. A mãe sentia medo. A mãe segurou o ladrilho bem alto. Era como a laje de um túmulo.

O pai abriu a porta com violência. E a mãe se virou e golpeou a cabeça do pai com o grande ladrilho. O pai gritou.

Uma aflição para Emaeth. Mãe, não faça isso.

Mas o pai foi caindo ao chão, mudo, em paz, sem queixas, sonhando e mais uma vez a mãe o atingiu com o ladrilho. O sangue escorreu das suas orelhas para o chão. Ele fechou os olhos. Estava sonhando. A mãe recuou, soluçando, e deixou cair o ladrilho.

Mas a mãe estava cheia de entusiasmo, de esperança. A mãe quase caiu também, mas passou por cima do pai, saiu correndo para o quarto, apanhou suas roupas e sua bolsa do chão do closet, sua bolsa, é, sua bolsa, ela precisava da bolsa, e saiu correndo pelo corredor, descalça. Emaeth era jogada de um lado para o outro, para cima e para baixo, e estendia as mãos para o mundo para que ele se firmasse.

Agora estavam no pequeno elevador descendo, cada vez mais! Era tão gostoso para Emaeth! Estavam no mundo fora do quarto. A mãe estava encostada nos fundos do elevador, vestindo as roupas, murmurando alguma coisa para si mesma, chorando e enxugando o rosto. Ela vestiu o suéter vermelho pela cabeça. Enfiou-se na saia mas não conseguiu abotoá-la. Esticou, então, o suéter por cima dela.



Para onde estavam indo?

Mãe, o que aconteceu ao pai? Para onde estamos indo?

O pai quer que nós vamos. Temos de ir, fique quieta e tenha paciência.

A mãe não estava dizendo a verdade. Muito ao longe, Emaeth ouvia o pai sussurrando seu nome.

A mãe parou à porta do elevador. A dor estava forte demais. Cada vez mais forte. Emaeth suspirou e procurou se fazer bem pequena, não causar dor a mãe. Mas o mundo ficava apertado e pequeno. Então a mãe respirou ofegante, cobriu os olhos com a mão e se inclinou para um lado.

Mãe, não caia.

A mãe então calçou os sapatos e começou a correr, com a bolsa pendurada no ombro, batendo com força as portas de vidro ao sair. Só que não conseguiu correr muito tempo. Estava pesada demais. Com os braços em volta de Emaeth, ela parou, abraçando a filha e a acalmando.

Mãe, eu amo você.

Eu também amo você, querida. De verdade. Mas preciso ir procurar Michael.

A mãe pensou em Michael. imaginou-o, o homem dos cabelos escuros e do sorriso, corpulento e delicado, totalmente diferente do pai. Um anjo, disse a mãe, para nos salvar. A mãe ficou calma por um instante, e sua esperança e alegria invadiram Emaeth. Emaeth sentiu a alegria.

Pela primeira vez na vida, Emaeth sentiu a felicidade da mãe. Michael.

No entanto, em meio a essa deliciosa tranqüilidade, quando Emaeth encostou a cabeça na mãe e as mãos da mãe cobriram o mundo de Emaeth, Emaeth ouviu o pai que chamava.

Mãe, o pai acordou. Eu o ouço. Ele está chamando.

A mãe foi para a rua. Os automóveis e caminhões passavam ruidosos. A mãe foi às pressas na direção de um caminhão enorme e barulhento que se erguia diante dela como uma muralha de aço reluzente, com a exata aparência de uma cara imensa com uma boca malvada e um nariz ali acima dela.

É, querida, acho que esse serve.

Com todas as suas forças, a mãe conseguiu galgar o degrau alto e abrir a porta.

- Por favor, leve-me para onde o senhor estiver indo! Preciso ir! - A mãe bateu a porta do caminhão. - Pelo amor de Deus, siga em frente, sou só uma mulher sozinha. Não posso lhe fazer mal!

Emaleth, onde você está?

- A senhora precisa ir para um hospital. A senhora está doente - disse o homem, apesar de obedecer.

O enorme caminhão partiu, com o motor enchendo o mundo de ruído. A mãe passava mal com o barulho e com o balanço do caminhão, com a dor. Uma dor circular. A mãe jogou a cabeça para trás no banco.

Emaleth, sua mãe me feriu!

Mãe, ele está nos chamando.

Querida, se você me ama, não responda.

- Vou levar a senhora para o Houston General.

A mãe quis dizer Não, por favor, não faça isso. Leve-me embora daqui.

Ela não conseguia recuperar o fôlego. Sentia um gosto de enjôo, até de sangue.

Sentia dor. A dor atingia Emaleth também.

A voz do pai estava muito distante, sem formar palavras, só gritos.

- Nova Orleans - disse ela. - É lá que eu moro. Preciso ir para lá. Tenho de chegar à casa da família Mayfair, na esquina de First com Chestnut.

Emaleth sabia o que a mãe sabia. Era lá que Michael estava. Ela desejava ter condições de falar com o motorista do caminhão. Era o que queria. A mãe estava tão mal. Logo iria vomitar, e viria aquele cheiro. Fique calma, mãe. Não estou mais ouvindo o pai.

- Michael Curry, em Nova Orleans. Tenho de encontrá-lo lá. Ele lhe pagará. Ele pagará muito bem. Eu lhe pagarei. Ligue para ele. Olhe, podemos

parar numa cabine telefônica, mais tarde, depois que sairmos da cidade, mas olhe...

E então da bolsa ela tirou o dinheiro, montes de notas. E o homem olhava atônito para a mãe, com seus olhos humanos redondos, muito espantados, mas não querendo que ela enjoasse, querendo ajudá-la, fazer o que ela pedia, achando que ela era delicada, jovem e bonita.

- Estamos indo na direção sul? - perguntou a mãe, passando mal novamente, quase sem poder falar. A dor a envolvia e também envolvia Emaeth.

Uuuui... era a pior sensação que Emaeth já tivera. Ela deu um chute no mundo. Mas não era sua intenção dar um chute na mãe.

A voz do pai já há muito sumira em meio ao ronco dos automóveis, à claridade ofuscante das luzes. O mundo era imenso em toda a sua volta.

- Estamos indo na direção sul - disse o homem. - Estamos indo direto para o sul agora, mas eu preferia que a senhora me deixasse levá-la para um hospital.

A mãe fechou os olhos. Seu pensamento se apagou. A cabeça caiu para um lado. Ela dormiu e sonhou. O dinheiro estava no seu colo, no piso do caminhão, por cima dos pedais. O homem estendia a mão e apanhava uma nota de cada vez, procurando não tirar os olhos dos carros que passavam velozes diante dele na estrada. Automóveis, estrada, placas, auto-estrada; Nova Orleans, sul.

- Michael - disse a mãe. - Michael Curry, em Nova Orleans. Mas sabe de uma coisa, pensando bem, acho que o telefone no catálogo está com o sobrenome Mayfair. Mayfair & Mayfair. Ligue para a Mayfair & Mayfair.

## **Capítulo 16**

Calcularam que Alicia CeeCee Mayfair houvesse abortado por volta das quatro da tarde. Ela já estava morta há mais de três horas quando Mona veio visitá-la. É claro que ela estava sob observação. Havião procurado estimulá-la

com a luz, mas a enfermeira disse que não quis acordá-la. E Anne Marie entrara e saíra, tanto antes quanto depois do momento da morte.

Ninguém vira nenhuma outra pessoa ir até aquele quarto. Ele era estritamente particular.

Leslie Ann Mayfair estava telefonando para todas as mulheres da família. Ryan telefonava do seu escritório no centro. Sua secretária, Carla, também telefonava.

Mona, quando afinal se viu livre dos beijos e abraços, trancou a porta do quarto para se proteger deles. Depois, furiosa, arrancou o vestido branco e a fita.

E claro que não podia ligar para Michael e contar para ele, pedir que ele viesse. E naturalmente o telefone estava ocupado o tempo todo. De anágua e sutiã, ela passou em revista o armário à procura de roupas melhores. Não havia nenhuma. Destrancou a porta e atravessou o corredor até o quarto da mãe. Ninguém percebeu. Toda a conversa subia pelo poço da escada como um ronco. Portas de carros sendo batidas lá fora. De algum lugar vinha o choro alto e terrível da velha Evelyn.

O closet de CeeCee. CeeCee tinha só um metro e cinqüenta e três, e Mona já estava quase com essa altura. Ela passou os olhos pelos vestidos, casacos e costumes até encontrar uma saia, curta demais, mamãe dissera. Bem, nisso não havia problema, e uma daquelas blusas de babadinhos que CeeCee usava entre as nove e as onze de cada manhã antes de beber seu almoço e vestir a camisola para ficar assistindo às novelas da tarde na sala de estar.

Bem, CeeCee não ia mais fazer isso, não é? A cabeça de Mona girava.

Essas roupas tinham o cheiro da sua mãe. Ela pensou naquele cheiro no hospital. Não, ele não estava aqui, em nenhuma parte daqui. Ou ela o teria sentido.

Olhou no espelho. Parecia agora uma mulherzinha, bem, mais ou menos.

Ela apanhou a escova de CeeCee e puxou o cabelo para trás, como CeeCee costumava puxar, e o prendeu com uma travessa.

E por um átimo, não mais do que isso, como um piscar de olhos, ela não havia mais ninguém no espelho a não ser Mona, com o cabelo puxado para trás, parecendo muito adulta. E lá estava o batom de CeeCee, de um tom suave de rosa, porque ela nunca mais estava sóbria o suficiente para fazer qualquer coisa mais trabalhosa com o vermelho forte, a menos que quisesse parecer uma palhaça, dizia.

Mona passou o batom.

Tudo bem, agora atravessar o corredor de volta, bater a porta e ligar o computador.

Apareceu a tela do WordStar, grande, verde, luminosa, apresentando o menu clássico. Mona teclou R para executar um programa e instruiu o programa a criar um subdiretório \WS\MONA\SOCORRO.

Ela imediatamente passou para o novo diretório e teclou D para criar um arquivo intitulado Socorro, e já estava nele.

"Aqui é Mona Mayfair, escrevendo no dia 3 de março. E esse texto é para aqueles que virão depois de mim e podem nunca entender o que aconteceu. Alguma coisa está atacando as mulheres da nossa família. Elas estão sendo avisadas, mas acham que é uma doença. Não é. É algo pior, algo que irá enganar a todos. Vou ajudar a avisar as mulheres."

Ela acionou o salvamento, e o arquivo desapareceu em silêncio pelo computador adentro. Ficou ali no quarto escuro diante da máquina como se estivesse diante do calor de uma lareira e o ruído da Avenue lentamente dominou o silêncio apático. Lá fora, um engarrafamento. Alguém batia na porta do quarto.

Ela foi até a porta e puxou a tranca. Um pouco de tinta se soltou, caindo nos seus dedos. Ela abriu a porta.

- Eu a estava procurando Mona. Ai, Mona! Eu não a reconheci. - Era a tia Bea. - Meu Deus, minha filha, você encontrou sua mãe?

- Encontrei, mas estou bem - disse Mona. - Mas você tem de ligar para todo mundo.

- É o que estamos fazendo, querida. Desça comigo. Posso lhe dar um abraço?

- Ninguém pode ficar sozinho, nem mesmo como eu estava sozinha agora mesmo, ninguém. - Mona passou por ela e seguiu pelo corredor até o alto da escada. - Ninguém pode ficar sozinho! - gritou.

Membros da família estavam apinhados no longo corredor do andar inferior. A fumaça de cigarros subia em camadas abaixo da luz. Choros, soluços, cheiro de café.

- Mona, querida, você tem algum biscoitinho que eu possa oferecer?

- Mona, foi você quem a encontrou?

- É a Mona, Mona querida!

- Bem, elas eram quase como gêmeas, CeeCee e Gifford.

- Não, ouça o que lhe digo. Não foi por aí.

- Não se trata de uma doença - disse Mona.

Bea estava perplexa e triste, com a mão no ombro de Mona.

- Bem, eu sei, foi isso que Aaron disse. Estão ligando até para as mulheres de Nova York e da Califórnia.

- É, de todos os cantos.

- Ai, meu Deus - disse Bea. - Carlotta estava com a razão. Deveríamos ter incendiado aquela casa. Era o que deveríamos ter feito. A coisa saiu daquela casa, não foi?

- Ainda não terminou, Beatrice querida - disse Mona. E desceu a escada.

Quando conseguiu entrar no banheiro do andar inferior sozinha, e mais uma vez trancar a porta para impedir a entrada do mundo, começou a chorar.

- Droga, mamãe, droga, droga, droga!

Isso não durou muito, porém. Não havia tempo. Alguma outra morte ocorrera. Ela estava ouvindo - era o tom das vozes que subia, uma porta que batia. Alguém chegou a dar um pequeno grito. Tinha de ser alguma outra morte.

Ryan havia chegado e estava chamando o nome de Mona. Ela ouvia as vozes abafadas através da pesada porta de cipreste. Lindsay Mayfair havia sido

encontrada morta em Houston, Texas, ao meio-dia de hoje. A família havia acabado de entrar em contato com eles.

Mona saiu para o corredor. Alguém pôs um copo d'água na sua mão e, por um instante, ela apenas ficou olhando, sem sequer saber o que aquilo podia ser. Depois bebeu a água.

- Obrigada - disse.

Pierce estava lá, de olhos vermelhos, fixos nela.

- Você já soube de Lindsay.

- Ouçam o que vou dizer - começou ela. - Não se trata de uma doença. É apenas uma pessoa. Uma pessoa que matou todas elas. O que todas devem fazer é o seguinte: em cada cidade todas as mulheres devem se reunir numa casa, fazendo companhia umas às outras, juntas. Ninguém deve sair dessa casa. E isso não vai durar muito porque nós vamos detê-lo. Somos muito fortes, todos nós.

Ela parou de falar. Os parentes estavam calados ao seu redor. O silêncio ia se espalhando pelo saguão.

- É só uma criatura solitária - disse ela, baixinho.

Apenas tia Evelyn ainda chorava, ao longe, um choro manso.

- Minhas queridas, minhas queridas, minhas queridas...

E então Bea começou a chorar. E Mona também.

- Controle-se - disse Pierce. - Preciso de você.

E os outros continuaram a chorar, mas Mona parou, sossegada.

## **Capítulo 17**

### **PROSSEGUE A HISTÓRIA DE JULIEN**

Os dias que se seguiram ao nascimento de Mary Beth foram os mais sombrios da minha vida. Se houve alguma época em que eu possuí uma visão moral, foi naqueles momentos. Não tenho certeza exata quanto à causa e, como

não se trata do assunto principal desta narrativa, tentarei passar rapidamente por ela.

Permita-me apenas dizer que, como criança precoce, eu me acostumara ao assassinato, à feitiçaria, ao mal em geral, antes de ter tempo de avaliá-lo. A guerra, a perda da minha irmã, o estupro que se seguiu - tudo isso me havia esclarecido mais ainda quanto ao que eu já começava a suspeitar: de que eu precisava de algo profundo e de valor para me sentir feliz. A prosperidade não era suficiente. A carne não bastava. Se a minha família não pudesse progredir, eu não poderia viver! E viver eu queria. Eu não tinha maior disposição para largar a vida - a saúde, o prazer, a prosperidade - do que um bebê recém-nascido berrando com a força com que Mary Beth berrava.

Além disso, eu queria conhecer e amar minha filha. Acima de tudo o mais, era isso o que eu queria. E pela primeira vez eu soube por que tantas lendas e tantos contos de fadas têm como núcleo esse simples tesouro: uma criança, um herdeiro, um pequeno bebê no colo, feito de nós mesmos e de uma outra pessoa.

Basta. Você compreendeu a situação. Minha vida estava por um fio, e eu sabia que não queria perdê-la. O que eu poderia fazer?

A resposta ocorreu-me alguns dias depois. Vi que o espírito pairava eternamente junto ao berço de Mary Beth. Todo os outros também o viam. "O homem" dava suas bênçãos a Mary Beth. Os olhinhos de bebê de Mary Beth conseguiam fazê-lo forte e sólido. Ele protegia a criança e já a bajulava. E a criatura aparecia como eu! Usava meu estilo de roupa, imitava minhas maneiras. Transpirava dele, por assim dizer, o meu fascínio!

Reunindo a orquestra para que tocasse, um ruído desagradável que começava a me incomodar como um dente dolorido que nunca será arrancado, tentei conversar com Marguerite sobre Lasher, o que ele era e o que todos sempre souberam a seu respeito.

O que ela disse fazia pouco sentido, já que discorria apenas sobre seu poder de fazer com que as plantas crescessem, com que ferimentos se curassem e de preparar poções que poderiam lhe conferir a longevidade.



- Um dia, o espírito será carne. E, se ele puder fazer essa travessia, nós também poderemos. Os mortos poderão voltar através da mesma passagem.

- Essa idéia é totalmente repulsiva - disse eu.

- Você acha isso porque ainda não morreu. Espere e verá!

- Mãe, você quer que a terra seja habitada pelos mortos? Onde é que eles iam ficar?

- Por que você fica fazendo todas essas perguntas? - disse ela, num acesso de fúria. - Você está se expondo ao perigo. Acha que Lasher não pode se livrar de você? Claro que pode. Fique quieto e faça o que nasceu para fazer. Há vida em toda a sua volta. O que mais você quer?

Fui para a cidade, para meu apartamento na Rue Dumaine. Chovia novamente, como chovera na noite em que fui até a casa de First Street. E a chuva sempre me acalmara os nervos e me deixava feliz. Abri as portas que davam para a sacada. Deixei que a chuva entrasse, barulhenta e linda, lavando os gradas de ferro e salpicando nas cortinas de seda. De que me importava? Eu poderia ter adornado as janelas com ouro, se assim quisesse.

Deitei-me, com a nuca apoiada nas mãos e uma das botas encostada no pé da cama, e fiz uma lista mental dos meus diversos pecados... não os pecados da paixão, pois esses eu absolutamente não considerava... mas os pecados da perversidade e da crueldade.

Bem, pensei, você entregou a alma a esse espírito maldito. O que mais você pode lhe oferecer? Pode prometer proteger e fortalecer o bebê, mas o bebê já o vê. Ele tem condições de instruir o bebê, ele deve saber disso.

E então, enquanto a chuva ia terminando e a lua aparecia, banhando de luz a Rue Dumaine, vi a resposta. Eu lhe daria minha forma humana. Ele já possuía minha alma. Por que não lhe dar a forma que ele vivia imitando? Eu lhe ofereceria meu próprio corpo para possessão.

É claro que ele poderia tentar uma mutação e me matar. No entanto, o que me parecia era que em todas as tentativas anteriores, ele havia precisado da ajuda minha e da minha mãe para transmutar a carne. Mesmo para mutações em

plantas ou para fazer com que as flores se abrissem. Se ele tivesse competência nisso sozinho, jamais teria precisado de nenhum de nós.

Era, portanto, uma aventura segura o suficiente. Pois eu lhe permitiria viver em mim, andar por aí, dançar e ver, mas não fazer em mim qualquer mutação. E então, sem saber se ele me ouviria ou se conseguiria me ouvir a quilômetros de distancia, chamei-o.

Segundos depois, vi-o materializar-se junto ao espelho oval que ficava no canto. E vi seu reflexo no espelho! Isso eu nunca vislumbrara antes. Como era estranho que essa idéia não tivesse me ocorrido. Ele logo desapareceu. Mas sorria e mostrara estar usando trajes elegantes, como os meus.

- Você quer estar na carne? Você quer ver com os meus olhos? Por que não entra em mim? Por que eu não o aceito e fico quieto enquanto você está aqui dentro, e deixo você fazer de mim o que quiser enquanto tiver forças para tal?

- Você se disporia a isso?

- Ora, sem dúvida minhas antepassadas lhe fizeram esse convite. Sem dúvida Deborah lhe propôs isso, ou Charlotte.

- Não zombe de mim, Julien - disse ele numa voz fria, muda, secreta.

- Você sabe que eu não entraria no corpo de uma mulher.

- Um corpo é um corpo - disse eu.

- Eu não sou mulher.

- Bem agora você tem um bruxo a seu dispor. Estou lhe fazendo a oferta. Talvez seja meu destino. Pode entrar, eu o estou convidando. Estou aberto para você. Você sem dúvida já esteve próximo o suficiente de mim.

- Não zombe de mim - repetiu ele. - Quando faço amor com você, é homem com homem como sempre.

Sorri. Sem dizer nada. Mas estava achando extremamente divertida essa sua demonstração de orgulho masculino, e ela combinava com a imagem total da natureza infantil da criatura. Pensei comigo mesmo como eu o odiava, e como tinha de sufocar esse pensamento na minha alma. Por isso, imaginei que ele me acalmava com beijos e carícias.

- Você pode me recompensar depois, como sempre - disse eu.
- Será difícil para você suportar.
- Por você, eu vou suportar. Você fez muito por mim.
- É verdade, e agora você tem medo de mim.
- Tenho, até certo ponto. Quero viver. Quero educar Mary Beth. Ela é minha filha.

Silêncio.

- Entrar em você... - cogitou a criatura.
- É, isso mesmo.
- E você não vai me maltratar com todo o seu poder.
- Farei o possível para me comportar como um perfeito cavalheiro.
- Ah, você é tão diferente das mulheres.
- E mesmo, como assim? - eu perguntei.
- Você nunca me ama de verdade como as mulheres amam.
- Hummmm, eu poderia me estender quanto a tudo isso, mas pode ter certeza de que você e eu podemos nos ajudar mutuamente. Se as mulheres são sensíveis demais para dizer esse tipo de coisa, podemos estar certos de que elas dispõem de outros meios para atingir seus objetivos.

- Risos.

- Você poderá rir quando estiver em mim. Sabe que poderá.

O quarto ficou totalmente imóvel. As cortinas pareciam mortas nas suas armações. A chuva terminara. A sacada reluzia ao luar. Eu parecia sentir um vazio. Os pêlos formigavam no meu corpo inteiro. Sentei-me, num esforço para me preparar, embora não conseguisse imaginar para quê. E de repente, vruuum, a criatura descera sobre mim, a me cercar e me envolver, e eu tive um forte desmaio de embriaguez, enquanto todos os sons lá fora se fundiam num ronco único.

Eu estava em pé. Estava andando, mas estava caindo. Tudo era cheio de sombras, indefinido e como num pesadelo. A escada apareceu diante de mim, a

rua brilhante, e até mesmo as pessoas que acenavam e, ao fundo de um imenso oceano agitado, vozes que repetiam, "EH bien, Julien!"

Eu sabia que estava andando porque tinha de estar. Mas não sentia o chão sob os meus pés, nenhum equilíbrio, nem noção do que estava para cima ou para baixo. E comecei a passar mal de pavor. Contive-me. Não lutei. Recorri a todas as minhas forças para relaxar dentro da criatura, para mergulhar nela, no exato instante em que parecia estar perdendo a consciência.

O que se seguiu foi uma eternidade de confusão.

Eram duas da manhã quando voltei a ter um pensamento coerente. Estava sentado na Rue Dumaine, ainda, mas num café, a uma mesinha de tampo de mármore. Estava fumando um cigarro, e meu corpo estava exausto e dolorido.

Percebi que estava olhando fixamente para o barman, que se inclinava para me fazer uma pergunta, talvez pela sexta vez.

- Monsieur, mais um antes de fecharmos?

- Absinto. - Minha própria voz saiu, baixa e rouca. Não havia nenhuma parte de mim que não doesse.

- Maldito filho da puta - disse eu, com minha voz secreta. - O que andou fazendo comigo?

Não houve resposta. A criatura estava exausta demais para responder.

Havia me possuído horas a fio, andando por aí no meu corpo. Meu Deus, havia lama na minha roupa. Olhe só meus sapatos. E minhas calças haviam sido despidas e vestidas de novo, mal abotoadas. Quer dizer que fizemos sexo com alguma mulher, ou homem, não é? E o que mais aprontamos, era o que eu gostaria de saber.

Peguei a nova dose de absinto, bebi-a de um gole, levantei-me e quase caí.

Meu tornozelo estava machucado. Havia sangue nas articulações dos dedos. Então estivemos numa briga?

Consegui chegar aos meus aposentos na Rue Dumaine. Meu criado, Christian, estava lá, um homem de cor, de sangue Mayfair, muito bem pago, muito

esperto e com freqüência sarcástico. Perguntei-lhe se minha cama estava pronta, e ele respondeu da forma de costume.

- O que acha?

Joguei-me nela. Deixei que ele tirasse minha roupa e a levasse dali. Pedi uma garrafa de vinho.

- Já bebeu o suficiente.

- Vá pegar o vinho - disse eu. - Ou eu saio desta cama e o estrangulo até que morra. - Ele foi apanhar o vinho.

- Saia - ordenei. Ele saiu. Fiquei deitado no escuro bebendo e procurando me lembrar do que havia feito... da rua, da sensação de embriaguez, de atordoamento, vozes que chegavam a mim como que através da água. E então começaram a brotar lembranças nítidas, ah, é claro, com aquela familiaridade que só nossas próprias lembranças podem ter: de que eu descera pelo vale adentro e reunira todas as pessoas e que então a procissão inteira entrara na catedral.

A catedral estava mais bonita do que eu jamais a vira na minha vida, enfeitada para o Natal, com ramos verdes por todas partes, e eu segurava o Menino Jesus. Os cantos eram eufóricos, e as lágrimas escorriam pelo meu rosto. Estou aqui, estou em casa. Ergui os olhos até a imensa rosácea com a imagem do santo. É. Nas mãos de Deus e do santo, pensei.

Despertei sobressaltado. Que lembrança era essa? Eu sabia que o lugar era na Escócia. Sabia que era Donnelaith. E sabia que tinha de ser há séculos. E no entanto, a lembrança era minha, clara e nítida e imediata como só a própria memória pode ser.

Corri para a mesa e anotei tudo. Logo surgiu o espírito, fraco, indefinido e sem forma, sua voz apenas uma sugestão.

- O que está fazendo, Julien?

- Eu poderia lhe perguntar a mesma coisa! Você apreciou a farra?

- Claro, Julien. Quero fazer isso de novo. Agora. Mas estou fraco demais.

- Não é de se admirar. Afaste-se e desapareça. Eu também estou exausto.

- Vamos fazer isso...

- ... assim que pudermos.
- Está bem, está bem, seu demônio.

Enfiei as folhas de papel na gaveta. Adormeci profundamente e, quando acordei, o sol brilhava e eu sabia que havia estado na catedral. Lembrei-me da rosácea. Lembrei-me da imagem entalhada do santo no alto do seu túmulo. E de que as pessoas cantavam...

Perguntei-me o que aquilo poderia significar. Aquele demônio era de fato um santo? Não, não. Um anjo mau caído no inferno. O quê? Não sei. Ou talvez ele servisse a algum santo, o venerasse e depois... o quê?

No entanto, a questão é que não havia a menor dúvida de que essas eram lembranças de um mortal. A criatura lembrava-se de ter sido carne. Trazia consigo essa memória, e ela havia sido deixada em mim, que talvez fosse o único com condições de examiná-la. Sem dúvida, o espírito sabia da existência da lembrança do seu eu de carne, mas ele no fundo não conseguia pensar! O espírito nos usava para pensar! Ele só saberia o que havia sido se eu lhe dissesse.

A idéia brotou na minha cabeça. A cada vez, lembre-se mais. Seja o espírito, conheça o espírito e acabará possuindo a sua verdade. Se a verdade não ajudar, o que poderá ajudar?

- Seu fantasma perverso, exagerado! - pensei. - Você é só alguém que quer renascer. Você não tem nenhum direito, seu espírito ganancioso. Você já foi vivo. Você não é nenhuma criatura sábia ou eterna. Vá para o inferno e desapareça.

Dormi de novo, o dia inteiro. Estava tão cansado.

Naquela noite, fui até Riverbend. Convoquei a banda, mandei que tocassem "Dixie" pelo amor de Deus e, então, me sentei a conversar com mamãe. Contei tudo para ela. Ela não aceitou nada.

- Em primeiro lugar, ele é todo poderoso e de tempos imemoriais.
- Pois sim.
- E em segundo, ele saberá se você puser sua alma contra a dele. Ele o matará.

- Provavelmente.

Nunca mais voltei a lhe fazer confidências. Acredito que nunca mais tenha voltado a lhe dirigir a palavra. Acho que ela não percebeu muito.

Entrei no quarto das crianças. O espírito estava por perto do berço. Vi-o de relance, vestido como eu, todo sujo de lama, como estivera antes. Criatura idiota. Dei um sorriso.

- Você quer entrar em mim agora?

- É a hora de estar com ela, com minha nenenzinha. Veja como é linda. Os seus dons para a feitiçaria estão nela, os seus, os da mãe da sua mãe, e os da mãe dela. E pensar que eu podia tê-lo desperdiçado.

- Nunca se sabe, não é? O que você aprende quando está em mim?

Ele não respondeu durante algum tempo. E então apareceu num vislumbre ainda mais brilhante, minha imagem cuspida e escarrada, como se diz por aí. Lançou-me um olhar penetrante, sorriu e depois tentou rir, mas nada saiu da sua boca. E desapareceu. Mas o que eu captei foi o aperfeiçoamento da sua mímica, sua paixão maior pela minha forma.

Fui embora. Eu agora sabia o que devia fazer. Estudar o problema quando a criatura estivesse ocupada com o bebê. E deixar que ele me possuísse quando quisesse, enquanto eu pudesse suportar.

Os meses se passaram. A festa do primeiro aniversário de Mary Beth foi enorme. A cidade voltava a se desenvolver. As sombras da guerra desapareciam. Havia dinheiro por toda parte. Erguiam-se mansões na cidade alta.

O espírito costumava me possuir em média uma vez por semana. Isso era o máximo que nós dois podíamos suportar. Tudo durava umas quatro ou cinco horas e de repente, vruuum! Eu estava de volta. Eu poderia estar em qualquer lugar quando ele me deixava. As vezes na cama, e até mesmo com um homem. Portanto, a criatura tinha, no fundo, preferências tão amplas quanto as minhas.

Havia, porém, um detalhe. Não se tratava de um Dr. Jekyll e Mr. Hyde, não, de modo algum. O espírito, quando dentro de mim, era infalivelmente encantador com as pessoas. Quase angelical.

- Meu querido, ontem à noite você foi tão gentil de me dar aquelas pérolas!  
- disse minha amante.

- O quê!

Esse tipo de coisa. Ficou também claro que as pessoas achavam que eu estava bêbado como um gambá quando ele estava em mim. Minha reputação tornou-se ainda mais sensacional e controvertida. Eu não era um grande bebedor por natureza. Detestava estar embriagado. Ele, porém, não conseguia agir melhor do que isso quando em mim. E assim eu vivia com as recriminações, os sorrisos e as provocações.

- Camarada, como você bebeu ontem à noite!

- Verdade? Eu não me lembro.

Enquanto isso, dia e noite, a visão da catedral me atormentava. Eu via as colinas de pastagens, às vezes um castelo como se estivesse olhando através de uma seção clara de um vitral. Via o vale profundo e a neblina. E algum horror enorme e insuportável dominava minhas lembranças. Ele embotava todo e qualquer sentido. E eu não conseguia prosseguir em meio àquilo. Dor. Eu sentia dor quando tentava. Sentia uma dor inimaginável.

Não procurei debater esse assunto com o patife. E, quanto ao que ele aprendia enquanto era eu... isso parecia ser uma questão de pura sensualidade.

Ele entornava, dançava, devastava, brigava. Havia, porém, ocasiões em que ele entrava em desespero depois. Preciso ser carne por mim mesmo, lamentava-se ele.

Há também algumas evidências de que, quando ocupava meu corpo, ele acumulava informações. Mas, como sempre, parecia não ser capaz de fazer nada com elas. No entanto, elas costumavam ser transmitidas por ele em grandes jorros cheios de entusiasmo.

Falávamos dos tempos que mudavam, por exemplo, das estradas de ferro e de como seu surgimento havia corroído o movimento no rio. Falávamos das mudanças na moda. De fotografia, pela qual o espírito sentia uma forte fascinação. Ele muitas vezes ia tirar fotografias quando estava no meu corpo



apesar de ter dificuldade para ficar parado diante da câmera, em decorrência da embriaguez e da sua falta de jeito. Era freqüente que deixasse essas fotos nos meus bolsos.

Todo esse esforço revelou-se, porém, uma enorme tarefa para ele. Ele queria uma carne que fosse sua, não se arrastar por aí na minha. E sua adoração por Mary Beth não conhecia limites.

Na realidade, às vezes passavam-se semanas sem que ele tivesse a determinação para me possuir. Por mim tudo bem, já que eu precisava de dois dias para me recuperar. E, à medida que Mary Beth crescia, Lasher a usava freqüentemente como desculpa. Nenhum problema pensei. Minha reputação já está prejudicada o suficiente. E estou envelhecendo.

Além disso, à medida que a beleza de Mary Beth ia aumentando a cada dia que passava, minha alma estava cada vez mais perturbada. Eu odiava a ironia de ela ser minha sobrinha e não minha filha. Queria meus próprios filhos. Na realidade, queria filhos homens. Meus valores se reduziam a uma quantidade tão ínfima e poderosa que eu estava perplexo com a sua simplicidade.

Minha vida, no entanto, seguia equilibrada. Eu me mantinha mentalmente são apesar das agressões do espírito. Jamais cheguei a me aproximar da verdadeira loucura. Ganhei dinheiro com todos os novos empreendimentos do pós-guerra: construção, exportação e importação, corretagem do algodão, qualquer oportunidade que surgisse. Também percebi que, para manter minha família rica, eu tinha de ampliar seus interesses para muito além de Nova Orleans. A cidade passava por ondas de grande desenvolvimento e expansão, mas, como porto, estávamos perdendo nossa proeminência.

Fiz minhas primeiras viagens a Nova York nos anos do pós-guerra. Com o espírito prazerosamente ocupado em casa, eu vivia como homem livre em Manhattan.

Comecei a trabalhar a sério na construção de uma fortuna duradoura. Meu irmão, Rémy, foi morar na casa de First Street. Eu fazia visitas freqüentes. E com o tempo, convencendo-me de que não havia motivo para eu não poder ter tudo

que um bom homem devesse ter, apaixonei-me por minha jovem prima Suzette, que me lembrava Katherine na sua inocência. Preparei-me para ocupar a casa de First Street como dono, tendo meu irmão e sua família de bom grado sob o mesmo teto.

Agora, mais um aspecto estava chegando a mim sobre o espírito e suas lembranças, em relances vívidos. A medida que eu continuava a "recordar" a catedral e o vale, a cidadezinha de Donnelaith, as imagens iam ficando mais nítidas para mim. Eu não me movimentava muito no tempo, mas via mais detalhes. E vim a perceber que a euforia que sentia no meu sonho com a catedral era o amor por Deus.

Descobri isso com certeza na manhã de um dia de semana. Eu estava do lado de fora da Catedral de São Luís na Jackson Square, e ouvi um coro lindo. Entrei. Pequenas meninas mestiças, todas muito bonitas, "crianças de cor", como nós as teríamos chamado naquela época, estavam fazendo sua primeira comunhão. Estavam usando belos vestidos brancos, e a cerimônia era comovente, como uma infinidade de noivinhas de Cristo enfileirando-se até o altar, cada uma com seu rosário e seu livro de orações branco.

O amor por Deus. Foi isso o que percebi na Catedral de São Luís, bem na minha própria cidade. E eu soube que era isso o que experimentara no vale na catedral antiqüíssima. Fiquei perplexo. Perambulei o dia inteiro, evocando o sentimento e depois me esforçando ao máximo para dispersá-lo.

Em relances, eu via Donnelaith. Via suas casas de pedra. Via sua pequena praça. Via a própria catedral ao longe: ah, uma enorme igreja gótica. Velhos tempos!

Afinal, fui descansar num café, como sempre, bebi um copo de cerveja gelada e deixei minha cabeça rolar na parede atrás de mim. O espírito estava lá, invisível.

- No que está pensando?

Com determinação e cautela, contei-lhe.

Ele ficou mudo e confuso.

- Eu serei carne - disse ele, então, com uma voz tímida.
- É, tenho certeza de que será, e Mary Beth e eu juramos ajudá-lo.
- É bom, porque eu posso ensiná-los a permanecer aqui e a voltar também. Pode ser feito. Outros já conseguiram.
- Por que demorou tanto para você?
- O tempo não existe onde eu estou. Trata-se de uma idéia. E ela será realizada. Só quando estou no seu corpo, existe uma espécie de tempo, medido pelo ruído e pelo movimento. Eu, porém, estou fora do tempo. Eu espero. Eu vejo longe. Eu me vejo de volta, e então todos sofrerão.
- Todos.
- Todos menos o nosso clã, o seu e o meu. O clã de Donnelaith, pois você pertence àquele clã e eu também.
- É mesmo? Então você está me dizendo que todos os nossos primos, toda a nossa gente, todos os descendentes...
- E, todos estão abençoados, os mais poderosos da terra. Abençoados. Pense no que eu fiz no seu tempo. Posso fazer mais, muito mais. E, quando eu voltar a ser carne, de verdade, serei um de vocês!
- Prometa-me que isso acontecerá. Jure.
- Todos vocês serão preservados, Todos.

Fechei meus olhos. Vi o vale profundo, a catedral, as velas, os aldeões em procissão, o Menino Jesus. O espírito berrou de dor.

Sem nenhum som em parte alguma. Só a rua sombria, o café, a porta aberta, a brisa, mas o espírito estava aos berros de dor e só eu, Julien Mayfair, o ouvia.

Será que a criança Mary Beth também o ouvia?

O espírito desapareceu dali. Em toda a minha volta, estava o mundo natural e monótono, lindamente comum e já não mais perturbado. Levantei-me, pus o chapéu, apanhei minha bengala, atravessei Canal Street e entrei no American District, seguindo para uma sacristia próxima. Nem sei qual era a igreja.

Era alguma igreja nova, uma comunidade cheia de imigrantes alemães e irlandeses.

Veio me atender um padre irlandês, pois naquela época os padres irlandeses estavam por todos os lados. Éramos um país para missionários aos olhos dos irlandeses, que estavam dispostos a converter o mundo naquela época tanto quanto no tempo de São Brendan.

- Ouça-me - disse eu. - Se eu quisesse exorcizar um demônio, ajudaria saber exatamente quem ele era? Saber seu nome se ele tivesse nome?

- Ajudaria - disse ele. - Mas o senhor deveria confiar esses assuntos a sacerdotes. Saber-lhe o nome poderia ser uma enorme vantagem.

- Imaginei que sim - disse eu.

Ergui os olhos. Estávamos à porta da casa paroquial junto ao meio-fio, mas à direita ficava um jardim murado. E agora eu via que as árvores começavam a se agitar, a se movimentar e a soltar suas folhas. Na realidade, o vento vinha tão forte que balançou o sininho no pequeno campanário da igreja.

- Descobrirei o nome - disse eu.

Quanto mais as árvores se agitavam, quanto mais as folhas eram açoitadas pela tempestade, com mais clareza eu repetia a frase.

- Descobrirei o nome.

- Claro - disse o padre. - Faça isso. Pois existe uma infinidade de demônios. Os anjos caídos, é claro, todos eles e os antigos deuses pagãos que se tornaram demônios quando Cristo nasceu. E até os elementais vêm do inferno, sabia?

- Os antigos deuses dos pagãos? - perguntei eu, pois nunca me havia deparado com esse detalhe da teologia. - Eu achava que os antigos deuses eram deuses falsos e que, portanto, não existiam. Que Nosso Deus era o Único Deus Verdadeiro.

- Ah, os deuses existiam, mas eram demônios. São os fantasmas e espíritos que nos atormentam à noite, destronados, perversos, vingativos. O mesmo com os elementais. Já vi elementais. Eu os vi na Irlanda e os vi aqui.

- Certo - disse eu. - Posso caminhar no seu jardim? - Dei-lhe um maço de dólares americanos. Ele gostou. Deu a volta para abrir por dentro O portão no muro de tijolos.

- Parece que vai cair uma tempestade - disse ele. - Aquela árvore vai quebrar. - Sua batina voava para todos os cantos.

- O senhor pode entrar. Eu gosto da tempestade e fecho o portão quando sair.

Fiquei parado sozinho entre as árvores no recinto apinhado onde a ipoméia crescia como mato e havia alguns lírios espalhados, de um rosa vibrante.

No todo, um jardimzinho descuidado e numa grutinha, encoberta por musgo verde, a Virgem em pé. As árvores agora eram açoitadas com fúria. Os lírios foram arrancados e esmagados como se o vento usasse botas pesadas. Precisei pôr minha mão no tronco da árvore para me manter equilibrado. Eu sorria.

- Bem, o que você pode fazer comigo? Fazer com que chovam folhas sobre mim? Faça chover, se quiser. Eu mudo de roupa quando chegar em casa. Faça o que quiser!

Esperei. As árvores acalmaram-se. Algumas gotas de chuva errantes caíram no caminho de tijolos. Estendi a mão e apanhei do chão um dos lírios, quebrado e esmagado.

Ouvi o som fraco e inconfundível de um choro. Não um choro audível, compreende? Não com os ouvidos. Só com a minha alma. Um choro desconsolado. Havia nele mais do que tristeza. Havia dignidade. Uma enorme profundidade, mais terrível do que qualquer sorriso ou expressão do rosto que ele já tivesse feito para me assustar. E na minha alma a tristeza se fundiu com a euforia lembrada.

Ocorreram-me palavras em latim, mas eu não as conhecia ao certo. Elas brotaram de mim como se eu fosse padre e estivesse recitando uma ladainha. Ouvi o som de gaitas de foles. Ouvi o toque dos sinos.

- É o Dobre do Diabo - disse alguém. - Toda Véspera de Natal, tocam-se os sinos para expulsar os demônios do vale, para assustar os elementais!

E então o céu ficou calmo. Eu estava sozinho. O jardim, tranquilo. Eu estava simplesmente de volta a Nova Orleans, e o sol quente do sul brilhava sobre mim. O padre espiou pela porta.

-Merci, Mora Père - disse eu, toquei meu chapéu e fui embora.

As ruas estavam amenas com o sol e a brisa. Voltei a pé, atravessando o Garden District até a casa de First Street. E lá estava minha linda Mary Beth, sentada na escada, e ele estava com ela, uma sombra, uma coisa etérea. E os dois demonstraram prazer em me ver.

## **Capítulo 18**

As fortes lâmpadas fluorescentes do posto formavam uma ilha na escuridão dos pântanos. A pequena cabine telefônica não era mais do que um invólucro em volta de um único telefone cromado. Os minúsculos quadrados dos números eram agora um borrão. Ela já não conseguia distingui-los, por maior esforço que fizesse. Mais uma vez o sinal de ocupado.

- Por favor, tente mais uma vez - pediu ela à telefonista. - Preciso entrar em contato com a Mayfair & Mayfair. Há mais de um número. Por favor, tente para mim. Diga que é uma ligação de emergência de Rowan Mayfair.

- Minha senhora, eles não querem aceitar interrupções. Estão recebendo pedidos de interrupções de toda parte.

O motorista já estava de volta ao seu posto. Ela ouviu a partida do motor. Fez um gesto para que ele esperasse e, apressada, passou à telefonista o número de casa.

- Esse é o da minha casa. Faça por favor a ligação para mim. Não estou... não estou conseguindo ler os números.

A dor voltou, o fio apertado de uma dor envolvente, tão parecida com uma cólica menstrual, mas muito pior do que qualquer outra que jamais sentira.

- Michael, atenda, por favor. Michael, por favor...

E o telefone tocava sem parar.

- Já tocou umas vinte vezes, senhora.

- Ouça, preciso entrar em contato com alguém. Faça isso por mim.

Continue a chamar. Diga-lhes....

Alguma objeção formal estava vindo pela linha, mas o enorme ruído desafinado do motor a diesel do caminhão abafou tudo o mais. Saiu fumaça do pequeno cano à frente da cabine.

Quando ela se voltou, o fone escorregou dos seus dedos e bateu de encontro à parede plástica. O motorista parecia estar acenando para que ela viesse.

Mãe, ajude-me. Onde está o pai?

Estamos bem, Emaeth. Fique parada, fique quieta. Tenha paciência comigo.

Ela deu um passo adiante, num instante segura quanto ao chão, à distancia e a todos os pontos de referência e no instante seguinte caindo direto no asfalto.

Seus joelhos atingiram o chão causando uma dor cruel, e ela sentiu que tombava.

Mãe, estou assustada.

- Calma, menina. Calma. - Fincou as mãos no chão para se equilibrar.

Só os joelhos estavam machucados. Dois homens vinham correndo na sua direção de dentro do escritório do posto, e o motorista descera do caminhão e dera a volta para ajudá-la.

- A senhora está bem? - disse ele.

- Estou, vamos embora. - Ela encarou o homem. - Temos de nos apressar!

- A verdade era que, se eles não a estivessem erguendo, ela não teria conseguido se levantar. Apoiou-se no braço do motorista. O céu para além dos pântanos estava roxo.

- Não conseguiu?

- Não - disse ela. - Mas temos de seguir em frente.

- A senhora sabe que tenho de fazer minha parada em St. Martinville. Não tenho outro jeito, preciso apanhar...

- Eu compreendo. De lá eu ligo novamente. Basta que dirija, por favor. Siga. Leve-nos para longe daqui.

Aqui. O posto de abastecimento isolado à margem do pântano, o céu arroxado lá em cima, as estrelas começando a espiar e uma lua enorme nascendo.

Ele a levantou com uma facilidade notável e a acomodou no banco. Deu a volta, soltou o freio de mão e deixou que o caminhão rangesse e chiasse antes de bater a porta e pisar no acelerador. Estavam voltando para a estrada sem limites.

- Ainda estamos no Texas?

- Não. Aqui é a Louisiana. Eu realmente preferia que a senhora me deixasse levá-la ao médico.

Tudo vai dar certo.

No exato instante em que disse isso, a dor voltou forte, fazendo com que ela quase gritasse. Ela sentiu uma terrível fisgada de dentro.

Emaleth, pelo amor de Deus e da mãe.

Mas, mãe, está ficando cada vez menor aqui. mãe, estou com medo. Onde está o pai? Vou poder nascer no mundo sem o pai?

Ainda não, Emaleth. Ela suspirou. Voltou a cabeça para a estrada. O enorme caminhão corria agora a 140 quilômetros por hora pela estrada estreita, com seus fossos e acostamentos em mau estado, e o céu violeta estava escurecendo lá em cima à medida que as árvores iam se fechando cada vez mais altas. Os faróis iluminavam o caminho à frente. O motorista assobiava.

- A senhora se incomoda se eu ligar o rádio?

- De jeito nenhum.

Veio mais uma fisgada. As vozes escuras e aveludadas dos Judds saíram pela pequena grade. Ela sorriu. A música do diabo. Mais uma fisgada, e ela foi para a frente, apoiando-se no painel. Percebeu, então, que não havia apertado o cinto de segurança. Que horror, e ela, uma mãe com uma criança no ventre.



Mãe...

Estou aqui, Emaeth.

Está chegando a hora.

Ainda não pode ser. Fique quieta. Espere até nós duas termos certeza.

No entanto, mais um círculo de dor apertou-a com torça pela cintura. Uma pressão quente contra os rins. E mais uma fígada e a sensação muda de algo que se partia. Um líquido escorreu-lhe entre as pernas. Ela sentiu a umidade, e ao mesmo tempo o sangue pareceu fugir do seu rosto. Aquela horrível sensação de leveza, de que se vai desmaiar.

- Pare o caminhão agora, aqui - disse ela.

A princípio, ele não entendeu.

- Está precisando de ajuda?

- Não. Pare o caminhão. Está vendo aquelas luzes? Pare lá. É para lá que eu vou. Pare o caminhão! - Ela lançou um olhar penetrante sobre ele. Viu sua intimidação, seu medo, mas ele foi parando.

- A senhora conhece quem mora lá?

- Claro que conheço. - Ela abriu a porta e saltou, tropeçando no degrau.

Seu vestido estava encharcado. Sem dúvida, o assento do caminhão estava molhado, e agora à luz dos faróis em sentido contrário ele estaria vendo. Pobre coitado. Como tudo isso deveria ser repugnante para ele. Que ela tivesse perdido o controle da bexiga, quando não se tratava absolutamente disso.

- Siga em frente, agora, obrigada. - Ela bateu a porta da cabine, mas o ouviu gritar lá de dentro.

- Sua bolsa. Tome. Não, não, está bem, a senhora já me deu muito dinheiro.

O caminhão não se afastava. Ela atravessou o fosso, apressada, e entrou pelo capim alto do outro lado. Passou para um bosque denso, mergulhando no coro suave e implacável das pererecas. Lá adiante, ela viu luz e foi nessa direção, ouvindo afinal o ruído do caminhão que se afastava e desaparecia em segundos no silêncio.

- Estou procurando um lugar, Emaeth, um lugar macio e seco. Fique quieta e tenha paciência.

Mãe, não posso mais. Tenho de sair.

Ela chegou a uma clareira no bosque. As luzes que havia visto ficavam muito ao longe à direita. Não estava se importando com elas. Queria o grande relvado à sua frente, com um lindo carvalho, imenso no seu tamanho e inclinado tragicamente nos seus longos galhos como se procurasse se estender até o bosque mais além num vão esforço para se juntar a ele.

O carvalho de repente lhe partiu o coração, com seus galhos gigantescos e nodosos, suas imensas cortinas de musgo escuro e, à luz suave da noite estrelada, o céu estava tão claro ao fundo. É lindo, por favor, Emaeth. Emaeth, se eu morrer, vá procurar Michael.

Mais uma vez, ela registrou a imagem do rosto de Michael, os números da casa, os números do telefone, dados para a pequena mente dentro dela, que sabia o que ela sabia.

Mãe, não posso nascer se você morrer. Mãe, preciso de você. Preciso do pai.

A árvore era tão nítida, tão imponente e graciosa. Ocorreu-lhe uma linda visão das florestas de outrora, quando árvores como essa deviam ter sido templos. Ela viu um campo verde, colinas cobertas de floresta.

Donnelaith, mãe. O pai disse para eu ir para Donnelaith, que deveríamos nos encontrar lá.

- Não, querida - disse ela, em voz alta, procurando chegar ao tronco da árvore e depois caindo de encontro à sua superfície escura, áspera, perfumada.

Parecia de pedra, nenhum sinal de que estivesse viva, não aqui junto à base escarpada onde as raízes eram como rochas; só lá em cima onde os pequenos ramos dançavam ao vento. - Procure Michael, Emaeth. Conte-lhe tudo.

Procure Michael.

Está doendo, mãe. Está doendo.

- Lembre-se, Emaeth. Procure Michael.

Mãe, não morra. Você precisa me ajudar a nascer. Você precisa me dar seus olhos e seu leite para que eu não fique pequena e inútil.

Ela foi se afastando do tronco, para onde a relva pareceu macia e sedosa aos seus pés, entre um par dos enormes galhos que se espalhavam apoiando-se no chão.

Aqui era escuro e bom.

Vou morrer, querida.

Não, mãe. Já estou chegando. Ajude-me!

Aqui era escuro e bom, com montes de folhas e musgo como um caramanchão. Ela se deitou de costas. Seu corpo pulsava com uma onda de dor após a outra. Musgo acima, um musgo delicado suspenso no ar, e a lua presa lá em cima, e tão linda.

Ela sentiu o jorro líquido, quente nas suas coxas, e então a dor mais forte de todas, e alguma coisa úmida e macia que a afagava. Ergueu a própria mão, incapaz de qualquer coordenação, incapaz de estendê-la até as pernas.

Meu Deus, será que a criança estava com a mão para fora do útero? Seria a mão da criança que tocava sua coxa? A escuridão lá em cima fechou-se como se os galhos tivessem se aproximado, e depois a lua voltou a brilhar forte, deixando o musgo cinzento por um instante. Ela deixou a cabeça cair para um lado.

Caíam estrelas no céu arroxeadado. Era o paraíso.

- Cometi um erro, um erro terrível. O pecado foi a vaidade. Diga isso a Michael.

A dor espalhou-se. Ela sabia a causa: a boca do útero que se abria à força. Berrou, não pôde se conter; e não sentiu nada a não ser a dor que ficava cada vez mais forte e então, de repente, parou. Voltando ao seu mal-estar, ela se esforçou para ver os galhos de novo, para erguer as mãos para ajudar Emaeth, mas não conseguiu.

Um peso enorme e quente estava sobre as suas coxas. Subiu para sua barriga. Ela sentiu o toque morno e úmido no seio.

- Mãe, ajude-me.

Na escuridão difusa, ela viu a pequena cabeça que se erguia acima da sua, como a cabeça de uma freira, com o cabelo comprido e molhado tão liso, como um véu de freira. A cabeça subia cada vez mais.

- Mãe, olhe para mim. Ajude-me! Para que eu não fique pequena e inútil!

O rosto agigantou-se sobre o dela, com os enormes olhos azuis encarando os seus, e de repente a mão molhada segurou o seio, fazendo com que o leite espirrasse.

- Você é minha menininha? - exclamou a mãe. - Ah, o cheiro do pai. Você é minha filhinha?

Havia o cheiro de queimado, o cheiro da noite em que ele nascera, o cheiro de algo aquecido, perigoso, químico, mas não havia nenhuma chama no escuro. Ela sentiu os braços que a abraçavam, o cabelo molhado na sua barriga, a boca no seu seio e então aquela mamada gostosa, fantástica, que fazia o prazer percorrer seu corpo todo.

A dor havia desaparecido. Desaparecido de uma forma tão linda e total. A escuridão da noite pareceu envolvê-la, deixando-a presa às folhas caídas, à cama de musgo, sob o peso delicioso da mulher que estava deitada sobre ela.

- Emaeth!

Sim, mãe. O leite é bom. O leite é ótimo. Eu nasci. mãe.

Eu quero morrer. Quero que você morra. As duas agora. Mortas.

Mas já não havia muito com que se preocupar. Ela flutuava, e Emaeth sugava o leite em grandes goles vigorosos. Não havia mais nada que pudesse fazer. Não estava sentindo nem seus braços e pernas. Não sentia nada a não ser que amamentava e então, quando tentou dizer... não se lembrava mais do que era que ia dizer. Quero abrir os olhos. Quero ver as estrelas de novo.

- Elas são tão lindas, mãe. Elas poderiam me guiar até Donnelaith se o grande mar não estivesse entre nós.

Ela quis dizer, não, Donnelaith, não, e repetir o nome de Michael mas também não conseguia seguir o pensamento, não conseguia se lembrar ao certo de quem era Michael ou dos motivos pelos quais queria dizer aquilo.

- Mãe, não me deixe!

Seus olhos abriram-se por um segundo importantíssimo, é, ver; e lá estava o céu arroxeadado e uma figura alta e esguia em pé junto a ela. Não poderia ter sido sua filha, não, não essa mulher que se erguia da escuridão como alguma excrescência absurda da terra morna, verdejante, algo de monstruoso e...

- Não, mãe, não. Eu sou linda. Mãe, por favor, por favor, não me deixe.

## **Capítulo 19**

A situação não era embaraçosa. Era decididamente absurda. Ele já estava há quarenta e cinco minutos ao telefone com o pessoal do Keplinger.

- Olhe - disse o jovem médico do outro lado da linha. - Aqui diz que o senhor veio pessoalmente, levou os dados, disse que era estritamente confidencial.

- Droga! Eu estou em Nova Orleans, na Louisiana, seu idiota. Estive aqui ontem o dia inteiro. Estou no Pontchartrain Hotel. Agora estou com o pessoal da Mayfair & Mayfair! Não apanhei nada! O que você está querendo dizer é que o material desapareceu.

- Exatamente, Dr. Larkin. Desapareceu. A não ser que existam cópias em algum lugar, arquivadas de tal modo que eu não possa ter acesso a elas. E eu não creio que elas existam. Posso mantê-lo...

- E Mitch, como está?

- Ah, ele não vai sobreviver, Dr. Larkin. Se o senhor o visse, não ia querer que sobrevivesse. Nem torça por isso agora. Olhe, a esposa dele está no outro telefone. Eu ligo de volta.

- Você não vai ligar. Vai fugir - correndo. Você sabe o que aconteceu.

Alguém saiu daí carregando todo o material que Rowan Mayfair confiou a mim, tudo em que Flanagan estava trabalhando. Vocês pisaram na bola! E Flanagan está gravemente ferido e incapaz de se comunicar. Houve um silêncio do outro lado. Depois, a mesma voz jovem, frágil.

- Engano. O Dr. Flanagan morreu. Há vinte minutos. Eu terei de ligar de volta para o senhor.

- E bom que encontre os dados. E bom que você encontre no computador o registro completo de todas as experiências que Mitch Flanagan fez a pedido do Dr. Samuel Larkin para a Dra. Rowan Mayfair.

- O senhor possui um registro de nos ter enviado o material?

- Entreguei-o pessoalmente.

- E nessa hora foi o senhor realmente quem trouxe o material, não alguém aparentemente fingindo ser o senhor? Como esse médico de ontem, que não era o senhor. Mas disse que era? Ah, sim, está bem. Agora estou olhando para um videotape do homem. Foi ontem às quatro horas da tarde, horário padrão do Pacífico. Ele é alto, de cabelos escuros, sorridente e está mostrando para a câmera sua identificação, uma carteira de motorista da Califórnia: Dr. Samuel Larkin. E o senhor está dizendo que é Samuel Larkin e que está em Nova Orleans?

Lark estava pasmo. Pigarreou.

Percebeu que estava olhando fixamente para Ryan Mayfair, que estava já há algum tempo observando das sombras do escritório. Os outros ainda esperavam na sala de reuniões: um círculo de rostos distantes e solenes em volta de uma mesa de mogno.

- Está bem, Dr. Barry sei lá do quê - disse Lark. - Vou pedir ao meu advogado que lhe envie uma descrição completa da minha pessoa e cópias do meu passaporte, da carteira de motorista e da identificação do hospital universitário. Você verá que eu não sou esse homem da sua fita. Por favor, guarde essa fita. Não a entregue a ninguém que chegue aí, dê um sorriso e lhe diga que é a reencarnação de J. Edgar Hoover. E é verdade, sim, eu sou Samuel Larkin. E,

quando você falar com Martha Flanagan, por favor transmita-lhe meus pêsames. Não se preocupe em chamar a polícia de San Francisco a respeito disso. Eu mesmo chamo.

- O senhor está perdendo seu tempo, doutor. Se houve um equívoco, não tínhamos meios de saber que esse homem não era quem dizia ser. Pode esquecer essa história de polícia porque o senhor sabe tanto quanto eu...

- Melhor você encontrar esses dados, doutor. Têm de haver cópias!

Ele desligou antes que o idiota respondesse.

Estava fumegando de raiva. Mas estava também atordoado. Flanagan, morto. Flanagan atingido por um carro ao atravessar Califórnia Street. Lark não conseguia se lembrar de jamais ter ouvido falar em alguém ser atropelado no centro naquela esquina, a não ser que se tratasse de um motorista de fora da cidade, num dia de chuva, tentando ultrapassar um bonde.

Ele olhou para Ryan, mas não disse nada por um instante. Depois, teclou novamente o código para interurbano e um número que sabia de cor.

- Darlene, aqui é Samuel Larkin. Preciso que você mande flores para Martha Flanagan. Isso. Isso mesmo. Quase instantânea. Não exatamente. Isso seria perfeito. Basta assinar, "Lark". Obrigado.

Ryan saiu das sombras, voltou as costas a Larkin e entrou na sala de reuniões.

Lark esperou um pouco. Seu rosto estava suado. Estava cansado e não conseguia pensar no que pretendia fazer. Eram tantos os pensamentos conflitantes na sua cabeça, tanta indignação, tanta impaciência, tanta perplexidade pura e simples. Ele e Mitch haviam feito aquele trajeto juntos tantas vezes, dirigindo-se a Grant Avenue para encontrar seu Gooey Louie's preferido e pedir rolinhos primavera e arroz frito e barato, do tipo que adoravam desde seus tempos de Nova York e da faculdade de medicina.

Ficou em pé. Não sabia o que ia dizer. Não sabia como explicar tudo isso.

Ouviu abrir-se a porta ali atrás e viu, com alívio, que era Lightner, e Lightner trazia uma pasta de papel na mão. Estava tenso e exausto, praticamente tão mal quanto lhe parecera no carro à tarde no caminho até ali.

Isso parecia ter sido há séculos. Nesse meio tempo, Flanagan havia morrido.

Entraram juntos na sala de reuniões. Como essa gente parecia calma, de uma calma incrível, tanto os homens quanto as mulheres de olhos injetados de chorar, e todos trajando tropical e tecido Oxford, como convém a advogados.

- Bem, tenho uma notícia... muito perturbadora - disse Lark. Ele agora sentia o sangue correr para seu rosto. Pôs as mãos no encosto da cadeira de couro. Não queria se sentar. Viu de relance um desconcertante reflexo de si mesmo nas janelas ao longe. As luzes da cidade eram um borrão mais além. O que ele via era principalmente o seguinte: os abajures de pé, o círculo de cadeiras de couro de encosto alto, a silhueta de Ryan em pé no canto.

- Todo o material desapareceu - disse Ryan, em voz baixa e sem recriminações.

- Receio que sim. O Dr. Flanagan morreu, e eles não conseguem encontrar os dados. Além disso, alguém... e eu não consigo, por nada neste mundo...

- Nós entendemos - disse Ryan. - O mesmo ocorreu em Nova York ontem à tarde. Todos os registros genéticos foram retirados. O mesmo aconteceu com o Instituto Genético em Paris.

- Bem, nesse caso, eu me encontro numa posição extremamente embaraçosa - disse Lark. - Vocês só têm a minha palavra de que essa criatura existe, de que o sangue e os tecidos examinados revelaram esse genoma misterioso...

- Nós compreendemos - disse Ryan.

- Eu não os culparia se vocês me expulsassem daqui e proibissem que eu pusesse os pés ao sul da linha Mason-Dixon - disse Lark. - Eu não os culparia se...



- Nós compreendemos - disse Ryan, e pela primeira vez forçou um sorriso gélido. Fez um gesto pedindo calma. - Os resultados imediatos e superficiais da autópsia em Edith e Alicia Mayfair indicam que as duas abortaram. O tecido é anormal. Há todos os indícios, mesmo nesse estágio preliminar, de que ele comprova o que você nos disse sobre o material que recebeu. Agradeço por toda a sua ajuda.

Lark estava estupefato.

- Só isso?

- É claro que nós lhe pagaremos pelo seu tempo e por todas as suas despesas...

- Não, espere aí, o que eu quero dizer é, o que vocês vão fazer?

- Bem, o que você sugere? - perguntou Ryan. - Deveríamos convocar uma coletiva com a imprensa e dizer aos meios de comunicação de massa do país que há um mutante genético portador de noventa e dois cromossomos atacando as mulheres da nossa família para tentar fecundá-las e aparentemente as matando?

- Não vou deixar isso passar assim - disse Lark. - Não gosto de que alguém se passe por mim! Vou descobrir quem foi, quem...

- Você não vai descobrir - disse Aaron.

- Quer dizer que foi alguém da sua equipe?

- Se fosse, você nunca vai conseguir provar. E todos nós sabemos que teria de ser alguém da minha equipe, não é? Ninguém mais sabia que esse trabalho estava sendo realizado no Keplinger. Ninguém a não ser você e o falecido Dr. Flanagan. E a Mayfair & Mayfair, depois que você lhes disse. Não há muito mais a se explicar. Creio que devemos levá-lo com segurança ao seu hotel. Creio que agora tenho de ajudar a família. Esse é realmente um assunto particular.

- Você perdeu o juízo.

- Não, não perdi, Dr. Larkin - disse Lightner. - E quero que você fique no hotel com Gerald e Carl Mayfair. Eles estão aí fora esperando para levá-lo de

volta. Por favor, não saia do hotel. Basta que fique na sua suíte até que eu entre em contato.

- Você está insinuando que alguém vai tentar atingir a mim?

Ryan fez um gesto educado e discreto pedindo atenção. Ainda estava parado no canto da sala.

- Dr. Larkin, temos muito o que fazer. Está é uma família enorme. Só entrar em contato com todo mundo é uma trabalhadeira. E desde as cinco da tarde, tivemos mais uma morte na área de Houston.

- Quem foi? - perguntou Aaron.

- Clytee Mayfair - disse Ryan. - Ela não morava muito longe de Lindsay. Na realidade, morreu mais ou menos a mesma hora. Suspeitamos de que ela tenha aberto a porta a uma visita provavelmente uma hora depois de Lindsay ter feito a mesma coisa em Sherman Oaks. Pelo menos, parece ser esse o quadro. Por favor, Dr. Larkin, volte para o hotel.

- Em outras palavras, vocês acreditam em tudo que eu lhes disse! Acreditam que essa criatura está...

- Sabemos que está - disse Ryan. - Agora, por favor, vá mesmo. Instale-se no Pontchartrain, fique à vontade e não saia. Gerald e Carl estarão com você.

Antes que Lark pudesse responder, Aaron já o segurara pelo braço. Aaron acompanhou Lark até a ante-sala e depois pelo corredor do prédio. Lark viu os dois rapazes, mais dois Mayfair saídos da mesma fôrma, em ternos de lã clara e gravatas de seda cor-de-rosa ou verde limão.

- Olhe, eu, bem... preciso me sentar um pouco - disse ele.

- No hotel - respondeu Lightner.

- Seu pessoal fez isso? Seu pessoal foi ao Keplinger e retirou os dados?

- É o que imagino - disse Lightner. Era óbvio que o homem estava aflito.

- Então, isso quer dizer que eles atropelaram Flanagan? Que eles o mataram?

- Não, não quer dizer isso necessariamente. Não, não posso afirmar que signifique isso. Não acredito. Creio que eles... tiraram vantagem de uma súbita

oportunidade. Não posso acreditar em nada diferente por enquanto. Mas, enquanto não entrar em contato com os Anciãos em Amsterdã, enquanto eu não descobrir quem mandou quem para cá, não terei respostas concretas.

- Entendo - disse Lark.

- Volte para o hotel e descanse.

- Mas as mulheres...

- Estão sendo protegidas por parentes conhecidos e a família. Eu ligo para você assim que tiver notícias. Procure tirar isso da cabeça.

- Tirar isso da cabeça!

- O que mais vai poder fazer, Dr. Larkin?

Lark esteve a ponto de falar, mas faltaram-lhe as palavras. Não disse nada. Ergueu os olhos e viu que o rapaz Gerald mantinha a porta aberta para ele, e que o outro estava pronto para sair, já dando meia volta. Isso queria dizer alguma coisa, que ele teria de se mexer. Não tomou uma decisão consciente.

De repente, estava no corredor, e os três se dirigiam juntos ao elevador. Havia dois policiais uniformizados junto ao elevador. Os rapazes passaram sem uma palavra.

Quando estavam ali dentro e já descendo, o mais jovem falou.

- Foi tudo culpa minha - disse ele. Esse era o que chamavam de Gerald.

Não podia ter mais de vinte e cinco anos. O outro, mais velho, mais magro, e no todo com a aparência de ser um pouco mais firme, quis saber o motivo.

- Eu deveria ter incendiado a casa como Carlotta queria.

- Que casa? - perguntou Lark.

Nenhum dos dois respondeu. Ele repetiu a pergunta, mas percebeu que nem estavam prestando atenção a ele. Não disse mais nada.

O saguão do prédio estava repleto de seguranças uniformizados, policiais, outras pessoas aparentemente em missão oficial, algumas das quais olharam para eles, impassíveis. Lark viu a grande limusine esperando ali fora à luz pútrida das lâmpadas de mercúrio.

- E Rowan! - disse ele. - Alguém ainda está procurando Rowan!?

Ele parou de repente. Mesmo assim, nenhum dos dois homens respondeu. Nenhum dos dois chegou a parecer ouvir o que ele dizia. Não havia mais nada a fazer a não ser entrar no carro forrado de couro. Torta de sorvete. O Pontchartrain tinha praticamente a melhor torta de sorvete que ele já provara. Ele achava que não queria mais nada. Só café com chicória e torta de sorvete...

- E isso o que eu quero quando chegarmos lá. Torta de sorvete e café.

- Claro - disse Gerald, como se essa fosse a primeira vez que Lark dizia alguma coisa que fizesse sentido.

Lark apenas riu com seus botões. Perguntava-se se Martha teria família por lá para acompanhá-la ao enterro de Flanagan.

## **Capítulo 20**

### **PROSSEGUE A HISTÓRIA DE JULIEN**

Passemos rapidamente ao ponto principal. Não pus os olhos na paisagem desolada e onírica de Donnelaith antes do ano de 1888. Minhas "lembranças" continuavam, em grande parte, no mesmo estilo, embora cada vez mais aparecessem dados desnorteantes mesclados nelas.

A essa altura, Mary Beth já era uma bruxa poderosa, mais perspicaz, astuciosa e filosoficamente interessante do que Katherine, Marguerite e até mesmo Marie Claudette, na medida em que eu pudesse opinar. O caso é que Mary Beth pertencia a uma nova era: pós-guerra, pós-crinolina, como se dizia.

Ela trabalhou junto comigo nos meus três interesses: a proteção da família, a busca do prazer, a acumulação da fortuna. Tornou-se minha confidente e minha única amiga.

Tive muitos amantes durante aqueles anos: homens e mulheres. Eu era casado. Minha esposa querida, Suzette, que eu tanto amava ao meu próprio modo egoísta, deu-me quatro filhos. Gostaria de poder lhe contar a história de tudo isso

porque, de certo modo, tudo que um homem faz pertence ao tecido moral de quem ele é e do que ele é. E isso nunca se aplicou tanto a uma pessoa quanto a mim.

Mas não temos tempo. Deixe-me, portanto, explicar que, não importa o apego que eu tivesse pela esposa, por amantes e pelos filhos, era Mary Beth quem era minha amiga, quem compartilhava comigo o segredo do conhecimento de Lasher e todas as suas responsabilidades e perigos.

Durante todo esse período, Nova Orleans era assolada pelo pecado, um lugar maravilhoso para procurar mulheres, para o jogo e para simplesmente se observar o espetáculo da vida em toda a sua sordidez e violência. Eu adorava aquilo tudo. Sentia-me intrépido naquele meio e perseguia minhas paixões. E Mary Beth, disfarçada de menino, ia comigo a toda parte. Enquanto eu até certo ponto protegi meus filhos, mandando-os estudar fora nas escolas do leste, preparando-os para o mundo em geral, alimentei Mary Beth com nutrientes muito mais fortes.

Mary Beth foi o ser humano mais inteligente que eu cheguei a conhecer. Nada havia nos negócios, na política ou em qualquer outra área que ela não conseguisse captar. Era fria, implacável, lógica, mas acima de tudo brilhante na sua capacidade imaginativa. Ela via o conjunto geral das coisas.

E bem cedo percebeu que o espírito não via.

Vou lhe dar um exemplo. Chegou a Nova Orleans, no início da década de 1880, um músico chamado Blind Henry. Blind Henry era um idiot savant. Não havia música que ele não soubesse executar ao piano. Tocava Mozart, Beethoven, Gottschalk, mas, afora isso, Blind Henry era exatamente o que insinua o epíteto, um perfeito idiota.

Quando Mary Beth e eu estávamos assistindo ao concerto, ela escreveu no seu programa uma nota para mim, por assim dizer, bem debaixo do nariz do espírito, que estava totalmente enlevado com a música. "Blind Henry e Lasher - mesmo tipo de intelecto."

Ela estava absolutamente certa. Trata-se de uma questão por demais misteriosa para examinarmos agora. E hoje em dia, no mundo moderno, sabe-se muito mais sobre crianças autistas, idiots savants e semelhantes. No entanto, no seu estilo simples, ela procurava transmitir a mim a idéia de que Lasher não conseguia encaixar o aprendizado ou a percepção em nenhum contexto real.

Nós, os vivos, dispomos de um contexto para o que sabemos e o que sentimos.

Aquela criatura morta, não.

E tendo compreendido esse ponto desde cedo, Mary Beth não mitificou o espírito. Quando eu sugeri que ele fosse um fantasma vingativo, ela deu de ombros e levou em consideração a possibilidade.

No entanto - e aí está o ponto crucial - ela não desprezava Lasher, como eu desprezava. Pelo contrário, sentia amor por ele. E ele forjou com ela um sério vínculo emocional, extraíndo dela uma solidariedade que eu não sentia pela criatura.

E, enquanto eu via isso acontecendo, enquanto eu a via concordar com minhas afirmativas irônicas e minhas advertências cuidadosamente disfarçadas, enquanto eu via que ela me entendia perfeitamente, e mesmo assim continuava a amá-lo, compreendi melhor por que ele sempre preferira as mulheres aos homens, pois creio que ele se dirigia a um aspecto das mulheres que nos homens é mais amortecido. As mulheres têm maior tendência a se apaixonar, a se enamorar ou mesmo a sentir compaixão pelo que lhes dá prazer erótico.

É claro que esse era um preconceito meu. Um preconceito. Apresentei a idéia a ela, e ela zombou.

- É como o velho argumento dos juízes de bruxas - disse ela. - De que as mulheres são mais suscetíveis aos agrados do Diabo por serem menos inteligentes. Que vergonha, Julien. Talvez a pura verdade seja a de que eu sou mais capaz de amar do que você.

Discutimos esse assunto a vida inteira. A nossa vida inteira.

Uma vez sugeri numa discussão superficial que a maioria das mulheres tinha uma deficiência moral e que podia ser levada a fazer qualquer coisa. Ela salientou calmamente que sentia uma profunda responsabilidade moral para com Lasher, que eu, pragmático e diplomata, não sentia. Era eu quem tinha uma deficiência moral, disse ela. E talvez estivesse certa.

Fosse qual fosse o caso, sempre senti uma aversão pela criatura, enquanto ela não.

Quando um dia você for, eu ficarei só com essa criatura. Ela será meu amor, meu consolo, minha testemunha. Realmente faz diferença o que ela é ou de onde vem. Não faz diferença o que eu sou ou de onde vim. A idéia de que eu posso pensar em mim mesma nesses termos é uma ilusão.

Nessa época, ela estava com quinze anos. Era alta, de cabelos negros, de compleição robusta e muito bonita num estilo forte e sombrio que alguns homens não teriam considerado atraente. Seus modos eram discretos e altamente persuasivos. Todos a admiravam, e quem não tivesse medo do seu olhar imperturbável e da sua postura masculinizada geralmente ficava encantado com ela.

É claro que eu também estava impressionado. Ainda mais porque, depois de dizer uma coisa dessas, ela podia sorrir e fazer um gesto que nunca deixou de me encantar: o de segurar a trança grossa de cabelos negros e desfazê-la de modo a que a cabeleira inteira lhe caísse sobre os ombros em ondinhas acentuadas, para então sacudi-la e rir, como se de repente se transformasse de companheira intelectual em mulher em botão.

Compreenda bem, eu fui o único homem que um dia exerceu poder sobre Lasher. E ainda sustento que eu possuía uma imunidade masculina aos agrados da criatura. E veja bem, fui franco com você quanto aos meus amores masculinos. Não tenho preconceito contra esse amor que não ousa dizer seu nome, e assim por diante. O amor para mim... é o amor. Do fundo do meu coração, eu odiava a criatura! Odiava seus erros irresponsáveis! Odiava seu senso de humor!

Compartilhando da minha ambição sob todos os aspectos, Mary Beth familiarizou-se com nossos negócios desde a infância. Aos doze anos de idade, ela já havia participado comigo de decisões que diversificavam e ampliavam tanto nossa fortuna a ponto de criar uma irrefreável máquina de fazer dinheiro a partir do capital da família Mayfair.

Tínhamos tantas atividades em Boston, Nova York e Londres quanto no sul. O dinheiro estava em lugares onde só pudesse gerar mais dinheiro e esse dinheiro automaticamente gerava mais, e assim por diante, da mesma forma que vem acontecendo desde aqueles tempos.

Mary Beth era um gênio nesse setor. E aprendeu a usar o espírito com muita habilidade, como seu espião, seu informante, seu observador, seu conselheiro idiot savant. Era perfeitamente espantoso vê-la trabalhando com a criatura.

Enquanto isso, tornáramos nossa a casa de First Street. Meu irmão, Rémy, era discreto, reservado. Seus filhos, gentis, de boa índole. Meus meninos estudavam fora. Minha pobre filhinha, Jeannette, fraca da cabeça como Katherine havia sido, morreu cedo. Essa é uma outra história, tudo isso. Minha doce Jeannette, minha mulher adorada Suzette. Não posso contá-la. Depois da morte dessas duas, que ocorreu muito mais tarde, e da morte da minha mãe, Marguerite, Mary Beth e eu ficamos perfeitamente isolados de todo o mundo no compartilhar do nosso conhecimento e paixão, bem como na busca incansável do prazer. No entanto, esse isolamento já havia começado.

Nós também éramos loucos pelo mundo moderno. Viajávamos com frequência até Nova York apenas para estar naquela cidade vicejante. Adorávamos as estradas de ferro. Mantínhamo-nos a par de novas invenções, na verdade, investíamos no progresso em si. Nutríamos uma paixão pela mudança, enquanto muitos na nossa família e na nossa casa não sentiam nada semelhante. Pelo contrário, eles se agarravam a um modorrento e glamouroso passado do Velho Mundo, ocultando-se por trás de venezianas fechadas. Isso não acontecia conosco.



Como se diz agora na sua época, tínhamos um dedo em tudo. E permita-me observar que, até irmos à Europa no ano de 1887, Mary Beth manteve sua condição de Virgem Guerreira, por assim dizer, nunca tendo permitido que nenhum homem a tocasse da forma que fosse. Ou seja, ela se divertia de diversas maneiras, mas não corria nenhum risco de ser mãe de uma bruxa antes de poder escolher quem seria o pai. Era por isso que ela preferia o disfarce de menino quando saíamos a fazer estripulias na cidade. E aquele belo menino de olhos escuros que ela era nunca deixava ninguém se aproximar demais.

Finalmente, chegou a hora em que pudemos nos afastar para uma longa viagem pela Europa, uma excursão completa, um exercício da nossa fortuna em grande escala, uma educação maravilhosa e muito atrasada. Atrasada para mim, quer dizer, ou talvez até mesmo para ela. Se eu tenho do que me arrepender é do fato de não ter viajado mais na minha vida e de não ter incentivado as pessoas da família a viajar. Mas agora isso tem pouca importância.

O espírito não gostou muito da idéia da viagem. Repetiu inúmeras vezes advertências quanto aos perigos de vagar por aí. Disse-nos que possuíamos o Paraíso ali onde estávamos. Mas não havia como nos fazer mudar de idéia.

Mary Beth estava louca para conhecer o mundo, e o espírito queria mantê-la feliz. Após uma hora da nossa partida, ficou claro que ele viajava conosco.

Durante toda a viagem, ele podia ser invocado com um desejo mudo. E, com frequência, quando eu via Mary Beth à distancia, eu o via ao seu lado. Na cidade de Roma, ele ficou em mim muitas horas, mas o esforço o deixou exausto. Na realidade, ele pareceu ficar louco. Implorava para que voltássemos para casa, que cruzássemos o oceano, que voltássemos à casa que ele tanto amava. Disse que detestava esse lugar; que na realidade não conseguia suportá-lo. Eu lhe disse que tínhamos de fazer essa viagem, que era uma loucura imaginar que a família Mayfair nunca fosse se afastar de casa, e que se calasse. Nada havia que se pudesse fazer.

Quando seguimos para o norte de Roma até Florença, ele ficou desconsolado, turbulento e chegou a nos abandonar. Mary Beth ficou com medo. Ela não conseguia invocá-lo, não importa o que fizesse.

- Quer dizer que estamos sós no mundo mortal - comentei eu, dando de ombros. - O que pode nos acontecer?

Ela estava triste e desconfiada. Perambulava pelas ruas de Siena e Assis sozinha, quase sem falar comigo. Sentia falta do espírito. Disse que nós o havíamos magoado.

Eu estava indiferente.

Mas, ai, para tristeza minha! Quando chegamos a Veneza e fomos nos instalar num palazzo lindíssimo que dava para o Grande Canal, o monstro veio a mim. Foi um dos seus gestos mais fortes, perversos e bem maquinados.

Eu deixara em casa em Nova Orleans meu querido secretário e jovem amante mestiço, Victor Gregoire, que estava administrando o escritório para mim na minha ausência como ninguém poderia ter feito, supunha eu.

Ao chegar a Veneza, eu esperava que estivesse à minha espera a comunicação de costume de Victor: algumas cartas, contratos a serem registrados em cartório, assinados, esse tipo de coisa. Principalmente, porém, eu esperava sua confirmação por escrito de que tudo estava bem em Nova Orleans.

O que me recebeu foi o seguinte. Quando eu estava sentado à minha mesa de trabalho, acima do Canal, num aposento amplo, pintado em cores lúgubres ao estilo italiano, com cortinas de veludo, e muito úmido com seu piso frio de mármore, ali entrou Victor. Ou era o que parecia. Pois num instante eu soube que não era o meu Victor, mas alguém que tinha a aparência idêntica à dele. Ele estava ali parado diante de mim, com um sorriso quase tímido, o rapaz que eu conhecia, com a pele de um dourado claro, os olhos azuis, os cabelos negros e um corpo alto e vigoroso, trajado com perfeição. E de repente desapareceu.

E claro que era o monstro fingindo ser Victor, criando essa visão para me atormentar. Mas por quê? Eu sabia. Pousei minha cabeça sobre a escrivaninha e chorei. Uma hora depois, Mary Beth entrou trazendo notícias da América.

Victor havia sido morto duas semanas antes num acidente. Descera do meio-fio na esquina de Prytania e Philip e fora atropelado bem em frente ao boticário. Dois dias depois, ele morreu, chamando por mim.

- E melhor voltarmos - disse ela.

- Eu não! - declarei eu. - Foi Lasher quem fez isso.

- Ele não faria.

- Pois sim. Ele faria e fez. - Eu estava com ódio. Tranquei-me no meu quarto no terceiro andar do palazzo. Dali só tinha uma vista da calle estreita lá embaixo. Andava de um lado para o outro, furioso.

- Venha a mim - disse eu. - Venha!

E afinal ele veio, mais uma vez disfarçado na figura sorridente e frágil do meu Victor.

- Riso, Julien. Agora quero ir para casa.

Voltei as costas à visão. Ele fez com que as cortinas se enfunassem, os pisos matraqueassem. Parecia fazer com que as grossas paredes de pedra roncassem. Afinal, abri os olhos.

- Não quero ficar aqui! - protestou ele. - Quero ir para casa.

- Ah, e caminhar pelas ruas de Veneza não significa nada para você?

- Odeio este lugar. Não quero ouvir hinos. Odeio você e odeio a Itália.

- É? Mas e Donnelaith, o que me diz disso? Se fôssemos para o norte, até a Escócia? - Pois esse havia sido um dos meus objetivos mais importantes nessa viagem, o de ver com meus próprios olhos a cidadezinha onde Suzanne havia invocado a criatura.

Ele teve um ataque de cólera. Papéis voaram de cima da mesa, colchas foram arrancadas da cama e giradas num grande turbilhão que me jogou de costas no chão antes que eu percebesse o que estava acontecendo. Eu nunca havia visto a criatura tão forte. Toda a minha vida, sua força viera aumentando. E agora ele me atingia.

Levantei-me do chão de um salto, agarrei o tecido e o joguei ao chão, amaldiçoando a criatura.

- Afasta-te de mim, Demônio! Pare de se alimentar da minha alma, Demônio! Minha família te repudiará, Demônio!

E tentei com todas as minhas forças vê-lo, como espírito que era. E vi.

Uma grande força sinistra que se concentrava no quarto. Com toda a determinação e um ruído imenso, expulsei-o pelas janelas, por cima da calle, acima dos telhados, onde ele pareceu se dissipar como uma teia monstruosa sem limites.

Mary Beth veio correndo até mim. Voltou a criatura à janela. Mais uma vez, lancei-lhe minhas maldições mais iradas e venenosas!

- Voltarei para o Éden - bramiu ele. - Destruirei todos os que tiverem o sobrenome Mayfair.

- Ah - disse Mary Beth, abrindo os braços. - E assim você nunca será carne, nós nunca voltaremos, todos os nossos sonhos estarão perdidos, e aqueles que o amam e que melhor o conhecem desaparecerão. Você estará só, mais uma vez.

Resolvi me afastar. Vi o que estava por vir. Ela novamente estendeu os braços para a criatura e a seduziu com a voz mais suave.

- Você construiu esta família. Você criou o Éden onde ela vive. Conceda-nos um pouco de tempo. Todo o bem que chegou a nós veio através de você. Será que vai nos negar essa pequena viagem, logo você que sempre fez o que quisemos e o que nos fazia felizes?

O espírito chorava. Eu ouvia esse estranho som mudo. Era um espanto que ele não emitisse simplesmente as sílabas: Choro! como emitia as sílabas:

Risos! Mas não. Ele preferia o meio mais eloqüente, de partir o coração.

Mary Beth estava à janela. Como muitas moças italianas, ela amadurecera jovem no nosso calor sulino. Era uma flor exuberante no seu vestido vermelho, no estilo de cintura marcada e saias largas da época, que tornava ainda mais lindos seus seios e quadris fartos. Vi que ela inclinava a cabeça, tocava os lábios com os dedos e depois dava esse beijo como oferta ao ser. Ele a envolveu lentamente,

erguendo e acariciando seus cabelos, torcendo-os e os deixando cair de novo. Ela deixou a cabeça cair sobre um ombro. Entregava-se a ele.

Virei as costas. Meditei e esperei em silêncio. Ele afinal veio a mim.

- Eu te amo, Julien.

- Você quer ser carne? Quer continuar a nos cumular de todas as bênçãos, a nós, seus filhos, seus ajudantes, seus bruxos?

- Quero, Julien.

- Vamos para Donnelaith - disse eu, escolhendo as palavras com cuidado.

- Deixe-me ver o vale onde nossa família nasceu. Deixe-me pôr uma coroa de flores no chão do vale onde nossa Suzanne foi queimada viva. Deixe-me fazer isso.

Essa era a mentira mais desavergonhada! Eu queria fazer isso tanto quanto queria vestir o tecido escocês e sair tocando gaita de foles! Mas eu estava determinado a ir ver Donnelaith, a conhecê-la, a penetrar no cerne desse mistério!

- Esta bem – disse Lasher, engolindo minha mentira, afinal de contas quem poderia lhe mentir melhor do que eu aquela altura!

- Tome minha mão quando estivermos lá - disse eu. - Conte-me o que eu deveria saber.

- Contarei - disse ele, em tom resignado. - Basta que abandone este maldito país papista. Deixe esses italianos e sua igreja decadente. Afaste-se daqui. Vá para o norte, sim, e eu irei com você, seu servo, seu amante, Lasher.

- Muito bem, espírito - disse eu. E depois, procurei dizer isso do fundo do coração e encontrar nessas palavras algum significado. - Eu te amo, espírito, tanto quanto você me ama! - E as lágrimas me subiram aos olhos.

- Nós nos conheceremos nas trevas algum dia, Julien - disse ele. - Nós nos conheceremos como fantasmas quando estivermos assombrando os corredores de First Street. Eu preciso ser carne. As bruxas devem prosperar.

Considereei essa idéia tão apavorante que não disse nada. Mas fique tranqüilo, Michael, isso não ocorreu. Não me encontro em nenhum lugar que seja compartilhado por nenhuma outra alma.

Essas coisas não podem ser explicadas. Mesmo agora, minha compreensão é vaga demais para ser posta em palavras. Sei apenas que você e eu estamos aqui, que eu o vejo e que você me vê. Talvez isso seja tudo que as criaturas devam saber em qualquer reino.

Mas naquela época eu não sabia isso. Da mesma forma que qualquer outro ser vivo, eu não conseguia captar a imensa solidão dos espíritos apegados à terra. Eu estava na carne como você está agora. Não conhecia nada diferente, nada sem limites e expiatório como o que sofri desde então. A minha ingenuidade era a dos vivos. Agora estou na confusão e anseio dos mortos.

Ore para que, quando termine essa história, eu possa passar para algo maior. Até o castigo teria alguma forma, algum objetivo, alguma convicção de significado. Não consigo imaginar chamas eternas. Mas posso imaginar um significado eterno.

Partimos da Itália imediatamente, como o espírito nos pedia. Viajamos para o norte, parando novamente em Paris por apenas dois dias, antes de fazer a travessia e seguirmos para Edimburgo.

O espírito parecia calmo. Quando procurei entabular conversa com ele, ele dizia somente que se lembrava de Suzanne, e havia algo de total desesperança no seu jeito de falar.

Agora, em Edimburgo aconteceu algo notável. Mary Beth, na minha presença, implorou que o espírito a acompanhasse e a protegesse. Ela, que saíra comigo disfarçada, agora perambulava sozinha, apenas com seu espírito amigo a protegê-la. Em suma, ela seduziu Lasher, assoviando ao sair, trajando culotes e um casaco de tweed, com o cabelo puxado para cima por baixo de um boné macio e os passos largos e naturais como os de qualquer rapaz.

E eu, sozinho, fui imediatamente à Universidade de Edimburgo, à caça do melhor professor de história do lugar. Logo encurrei o homem e, atraindo-o com drinques e dinheiro, logo consegui me trancar com ele no seu gabinete de estudo. Era uma casa encantadora na Cidade Velha, que muitos ricos já haviam abandonado, mas que ele ainda preteria porque conhecia a história completa do

prédio. Os aposentos eram cheios de livros, até mesmo os corredores estreitos e o patamar da escada.

Ele era uma criatura simpática, animada, com uma careca reluzente, óculos prateados e suíças brancas exuberantes que se alargavam nas extremidades, que na época estavam na moda. Falava o inglês com forte sotaque escocês e nutria uma forte paixão pelo folclore do seu país. Seus aposentos estavam repletos de retratos lúgubres de Robert Burns, Mary, rainha da Escócia, Robert the Bruce e até mesmo Bonnie Prince Charlie.

Achei tudo aquilo bastante divertido, mas estava ansioso demais para me calar quando ele admitiu que na realidade era, como seus alunos me haviam informado, um especialista no folclore antigo de Highland na Escócia.

- Donnelaith - digo eu. - Pode ser que esteja escrito errado. Aqui. Esse é o nome.

- Não, a grafia está certa. Mas onde foi que ouviu falar nesse lugar? Agora só vão até lá os estudantes interessados nas pedras antigas e os pescadores e caçadores. Aquele vale é assombrado, lindíssimo, é claro, e vale o esforço da viagem, mas só quando se tem algum objetivo. Existem lendas terríveis naquela região, tão terríveis quanto as lendas do Monstro do Lago Ness ou do castelo de Glamis.

- Eu tenho um objetivo. Fale-me do lugar. Conte-me tudo que sabe - disse eu, apavorado de que a qualquer instante fosse sentir a presença do espírito. Perguntei-me se Mary Beth não teria entrado em algum bar perigoso, no qual as mulheres geralmente são proibidas de entrar, só para manter Lasher alerta.

- Bem, a história remonta aos romanos - disse o professor. - Houve culto pagão naquela área, mas o nome Donnelaith se refere à antiga fortaleza de um clã. O clã de Donnelaith era composto de irlandeses e escoceses, descendentes dos missionários que subiram até lá vindos da Irlanda para disseminar a palavra de Deus na época de São Brendan. E é claro que os picos estavam lá antes dos romanos. Houve rumores de que construíram seu castelo em Donnelaith por ser aquele um lugar abençoado pelos espíritos pagãos. Estamos falando agora dos

picos quando falamos de pagãos. Aquela era a sua região da Escócia, e o clã de Donnelaith provavelmente descendia também deles. Sabe como foi a história, entre pagãos e católicos.

- Os católicos construíam por cima dos templos pagãos para contentar e incluir as superstições locais.

- Exato. E até mesmo documentos romanos mencionam coisas terríveis sobre aquele vale e as coisas que ali se escondiam. Eles mencionam uma sinistra raça de gente infantil, que poderia dominar o mundo se lhes fosse permitido sair do vale. E uma espécie particularmente perversa de "ser elemental". É claro que você já deve estar familiarizado com os elementais. Não ria deles, é o meu conselho. - Mesmo assim, ele sorriu ao falar isso. - Mas não se consegue mais encontrar o original de nada disso. Seja como for, mesmo antes do Venerável Beda, aquelas tribos de lá do norte já haviam se tornado o da cidade de Donnelaith, e Beda chega a mencionar um centro de adoração, uma igreja cristã por lá.

- Qual era o nome da igreja? - perguntei.

- Não sei. O Venerável Beda nunca disse, pelo menos não ao que eu me lembro, mas estava relacionado a um santo famoso que era, como talvez você possa adivinhar, um pagão convertido. Sabe, um desses reis lendários de grande poderio que de repente cai de joelhos e se permite ser batizado, para depois fazer uma quantidade de milagres. Exatamente o tipo de coisa que os celtas e os pactos daquela época exigiam do seu Deus, se quisessem transferir-se para a sua crença.

- Os romanos nunca chegaram a civilizar Highland, sabe? Os missionários irlandeses também não. Os romanos na verdade proibiam seus soldados de entrar no vale ou de se aproximar das ilhas próximas. Algo a ver com a licenciosidade das mulheres. Os habitantes da região mais tarde foram católicos, é, de um catolicismo feroz, dispostos a lutar até a morte, mas eram católicos ao seu próprio modo estranho. E isso foi sua ruína.



- Explique - disse eu, servindo-lhe mais um copo de vinho do Porto e examinando o mapa de pergaminho que ele abria diante de nós. Esse mapa era um facsimile, esclareceu ele, que ele próprio fizera a partir do original protegido por vidros no Museu Britânico.

- A cidadezinha alcançou seu apogeu no século XV. Há algumas comprovações de ter se tratado de um ponto de comércio. Naquele tempo, o loch era um verdadeiro porto. Dizia-se que a catedral era magnífica. Não a igreja mencionada por Beda, entenda bem, mas uma catedral que levou séculos sendo construída, e todo esse tempo sob a proteção do clã de Donnelaith, que era devotado a esse santo, considerando ser ele o guardião de todos os escoceses e aquele que um dia salvaria a nação.

- Tem-se de recorrer aos relatos de viagens para obter descrições do santuário, e também ali não há muita coisa. E ninguém se incomodou em compilar tudo.

- Eu compilarei.

- Se tiver um século para ficar por aqui, talvez consiga, mas você realmente deveria ir até o vale para ver como restou pouco disso tudo. Um castelo, um círculo pagão de pedras, os alicerces de uma cidadezinha, agora completamente tomados pelo mato, e aquela ruína terrível da Catedral.

- Mas o que, aconteceu de fato com ela? Por que disse que o catolicismo foi sua ruína?

- Esses católicos de Highland não se dispunham a ceder a ninguém. Nem a Henrique VIII, quando ele tentou convertê-los para sua nova igreja em nome de Ana Bolena, nem ao grande reformador John Knox. Mas foi John Knox, ou seus seguidores, quem os derrotou.

Fechei meus olhos. Eu via a catedral. Via as chamas, e os vitrais explodindo em todas as direções. Abri os olhos, estremecendo.

- Você é um homem estranho - disse ele. - Tem sangue irlandês, não é?

Concordei. Disse-lhe o nome de meu pai. Ele ficou perplexo. É claro que se lembrava de Tyrone McNamara, o grande cantor. Mas achava que ninguém mais se lembrava.

- E você é filho dele?

- Sou - respondeu. - prossiga. como os seguidores de Knox destruíram Donnelaith? Ah, e os vitrais. Havia vitrais, certo? De onde eles teriam vindo?

- Eram feitos lá mesmo - disse ele - ao longo de todo o século XIII e XIV pelos monges franciscanos da Itália.

- Franciscanos da Itália. Quer dizer que a Ordem de São Francisco de Assis estava lá.

- Exatamente. A Ordem de São Francisco de Assis foi popular até a época de Ana Bolena. Os observantes franciscanos foram o refúgio da rainha Catarina, quando Henrique se divorciou dela, é claro. Mas eu não creio que os observantes tivessem construído ou mantido a catedral de Donnelaith. Ela era exageradamente rebuscada, rica, cheia de rituais para os simples franciscanos.

Não, foram os conventuais. Estes eram os franciscanos que cuidavam das propriedades, creio eu. Seja qual for o caso, quando Henrique VIII rompeu com o papa e passou a saquear os mosteiros por toda parte, o clã de Donnelaith repeliu seus soldados sem um segundo de hesitação. Terríveis batalhas sangrentas no vale. E até mesmo os soldados britânicos mais corajosos relutavam em ir até lá.

- O nome do santo.

- Não sei. Já lhe disse. Provavelmente algum conjunto de sílabas sem sentido em gaélico e quando o analisarmos, descobriremos que é descritivo como Verônica ou Cristóvão.

Dei um suspiro.

- E John Knox.

- Bem, Henrique morreu, como você sabe, e sua filha católica, Mary, assumiu o trono. Seguiu-se mais um banho de sangue, e dessa vez eram os protestantes que eram enforcados, queimados ou sei lá o quê. Em seguida, veio Elizabeth I! A Grande Rainha, e mais uma vez a Grã-Bretanha se viu protestante.

- Highland estava disposta a ignorar essa história toda, mas surgiu, então, John Knox, o grande reformador, que proferiu seu famoso sermão contra a idolatria dos papistas em Perth, em 1559. E veio a guerra no vale quando os presbiterianos caíram sobre a catedral. Eles a incendiaram, espatifaram os vitrais, destruíram a escola da catedral, queimaram os livros, tudo perdido. Uma história horrível, horrível. É claro que eles alegaram que no vale as pessoas eram bruxas, que adoravam um demônio que tinha a aparência de um homem, que haviam confundido tudo com os santos. Mas no fundo eram os protestantes contra os católicos.

- A cidadezinha nunca se recuperou. Ela permaneceu até o final do século XVII, quando os últimos membros do clã morreram num incêndio no castelo. Daí em diante, não houve mais Donnelaith. Mais nada.

- E nada mais do santo.

- Ah, o santo desapareceu em 1559, quem quer que ele fosse, Deus que o abençoe. Seu culto desapareceu com a catedral. Depois disso, ficou apenas um lugarejo presbiteriano, com o "abominável" círculo pagão de pedras na periferia.

- O que se sabe sobre as lendas pagãs especificamente? - perguntei.

- Só que ainda há quem acredite nelas. De vez em quando, surge alguém vindo até da Itália. Costumam fazer perguntas sobre as pedras. Procuram o caminho até Donnelaith. Chegaram a perguntar sobre a Catedral. É, estou dizendo a verdade, vêm perguntar pelo vale de Donnelaith e fazem a viagem até lá para dar uma olhada em busca de alguma coisa. E agora você está aqui, fazendo no fundo as mesmas perguntas ao seu próprio modo. A última pessoa foi um estudioso, de Amsterdã.

- Amsterdã.

- É. Lá existe uma Ordem de estudiosos. Na realidade, eles têm também uma matriz em Londres. São organizados como religiosos mas não têm nenhuma crença. Ao longo da minha vida, vieram seis vezes explorar o vale. Têm um nome muito estranho. Um nome mais feliz do que o do santo, creio eu. É inesquecível.

- E qual é? - perguntei.

- Talamasca - respondeu ele. - São homens realmente muito instruídos, com um imenso respeito pelos livros. Olhe aqui, está vendo este pequeno livro de orações? É uma preciosidade! Foram eles que me deram. Sempre me trazem alguma coisa. Está vendo esta aqui? É uma das primeiras Bíblias impressas da versão autorizada pelo rei Jaime I. Foi o que me trouxeram na última visita. Eles armam acampamento no vale. É verdade, isso mesmo. Ficam lá semanas a fio e depois vão embora, invariavelmente decepcionados.

Eu estava dominado pela emoção. Tudo em que pude pensar por um instante foi na estranha história que Marie Claudette me contou quando eu tinha três anos de idade, de como um estudioso viera de Amsterdã à Escócia para salvar a pobre Deborah, filha de Suzanne. Por um segundo, ocorreu-me todo tipo de imagens, das lembranças do espírito, e eu quase perdi a consciência. Mas o tempo era precioso demais para que me entregasse a esses transes agora. Eu tinha diante de mim esse simpático professor de história e precisava extrair tudo que pudesse dele.

- Feitiçaria - disse eu. - Feitiçaria lá por aqueles lados. As queimas de bruxas no século XVII. O que sabe sobre isso?

- Ah, uma história horrenda. Suzanne, a ordenhadora de Donnelaith. Sobre isso, por acaso tenho um material de valor inestimável, um dos panfletos originais distribuídos naqueles tempos pelos juízes de bruxas.

Ele foi até o armário e retirou um pequeno livro in-quarto, que se desfazia. Vi uma gravura grosseira de uma mulher cercada por chamas que pareciam mais folhas enormes ou línguas de fogo. E, em grossas letras de corpo 14, estava escrito:

#### A HISTORIA DA BRUXA DE DONNELAITH

- Quero comprar esse folheto - disse eu.

- Nem pense nisso - respondeu ele. - Mas mandarei que ele seja copiado em detalhe para você.

- Está bem. - Puxei minha carteira e ofereci um maço de notas de dólares.

- Isso basta. Já basta. Não se deixe empolgar! Como você é cheio de paixão. Deve ser o sangue irlandês. Os franceses são por natureza tão mais reticentes. É minha neta quem faz as cópias, e essa não demorará muito. Ela lhe entregará um belo fac-símile, transcrito sobre pergaminho.

- Ótimo, agora me diga o que está aí.

- Ah, a mesma tolice de sempre. Esses panfletos eram distribuídos por toda a Europa. Este aqui foi impresso em Edimburgo em 1670. Conta como Suzanne, a curandeira, caiu sob a influência de Satã e lhe entregou sua alma. De como foi julgada e queimada, mas sua filha, a filha da farra, foi poupada, por ter sido concebida no dia primeiro de maio, e ser sagrada aos olhos de Deus. Ninguém ousou tocar nela.

- A filha foi afinal confiada à guarda de um ministro calvinista que a levou para a Suíça, creio eu, para a salvação da sua alma. Seu nome era Petyr van Abel.

- Petyr van Abel, tem certeza desse nome? Está escrito aí? - Eu mal podia me conter. Essa era a única palavra escrita que eu jamais vira que comprovava a história a mim contada por Marie Claudette. Não ousei dizer que esse também era meu antepassado. Já o fato de ter Tyrone McNamara me parecia suficientemente gauche. Calei-me apenas, acabrunhado, e cheguei a contemplar a hipótese de roubar o panfleto.

- E, de fato, Petyr van Abel, bem aqui - disse ele. - Tudo escrito por um pastor aqui de Edimburgo e impresso aqui também para ser vendido com um bom lucro. Esses folhetos eram populares, sabe, exatamente como as revistas hoje em dia. Imagine as pessoas sentadas em volta da lareira, olhando essa figura horrível da pobre moça sendo queimada. Pois saiba que continuaram a queimar bruxas, aqui mesmo em Edimburgo, até o século XVIII.

Sussurrei algo em tom de total solidariedade. Mas estava atordoado demais por essa pequena confirmação para conseguir pensar com clareza. Mais

uma vez, eu poderia ter cedido a uma quantidade de lembranças de Lasher se tivesse permitido que isso acontecesse. Apressado, fiz mais perguntas.

- Mas, na época da bruxa, a catedral já havia sido queimada há muito - disse eu, procurando me recuperar.

- E, tudo aquilo havia praticamente desaparecido. Só havia pastores de carneiros por lá. Mas entenda bem, alguns historiadores acreditam que as perseguições por bruxaria foram um resquício das lutas entre católicos e protestantes. Pode haver nisso alguma razão. O que eles dizem especificamente é o seguinte: a vida tornou-se muito sem graça sob a influência de John Knox, além do mais sem vitrais, sem imagens, com a proibição de todos os antigos hinos em latim e o abandono dos costumes pitorescos de Highland. E as pessoas voltaram a algumas das suas cerimônias pagãs só para conferir um pouco de fantasia às suas vidas, sabe? Um pouco de colorido.

- Você acha que esse foi o caso em Donnelaith?

- Não. Foi um julgamento típico. O conde de Donnelaith era um homem pobre, que vivia num castelo lúgubre. Não ouvimos nada sobre ele naquele século, a não ser que ele mais tarde morreu no incêndio que matou seu filho e seu neto. A bruxa era uma pobre curandeira da aldeia, chamada a prestar contas por enfeitiçar alguma outra pessoa humilde. Não ouvimos falar de nenhum Sabá. Mas Deus sabe que eles realizavam em outros lugares da região. Além disso, sabia-se que essa mulher ia até o círculo pagão de pedras, e isso foi usado contra ela.

- As pedras em si. O que sabe a seu respeito?

- Uma enorme controvérsia. Há quem diga que são tão antigas quanto as de Stonehenge, talvez ainda mais velhas. Creio que elas têm algo a ver com os pictos, que houve época em que havia entalhes nelas. Elas são muito grosseiras e todas de tamanhos diferentes. São remanescentes do que esteve ali um dia, e na minha opinião houve uma época em que elas foram deliberadamente apagadas, todas as inscrições lascadas ou desgastadas, e o resto do trabalho foi feito pela erosão. - Ele abriu um pequeno livro de desenhos. - Essa é a arte dos pictos.

Passei por um terrível instante de desnorteamento. Não sei o que significava. Nunca me esquecerei dele. Olhei para aqueles guerreiros, fileiras e mais fileiras de figuras toscas em perfil, com espadas e escudos. Eu não entendia nada daquilo.

- Creio que as pedras eram seu local de culto. Stonehenge, que vá para o inferno! Mas quem vai saber um dia? Talvez as pedras pertencessem a uma dessas tribos estranhas, ou até mesmo aos pequenos.

- Quem é o proprietário do vale? - perguntei..

O homem não sabia ao certo. Toda a terra por lá havia sido desocupada pelo governo. Os últimos colonos famintos foram expulsos para o seu próprio bem. Uma pena. Simplesmente uma pena. Muitos foram para a América. Eu tinha conhecimento das desocupações de Highland?

- Já lhe disse tudo o que sei - prosseguiu ele. - Quisera saber mais.

- E saberá - disse eu. - Vou lhe deixar os meios para realizar um estudo.

Implorei-lhe, então, que se juntasse a mim na viagem até Donnelaith, mas ele jurou não se sentir capaz de fazê-la.

- Adoro aquele vale. Fui lá há muitos anos com um membro da Ordem de Amsterdã. Alexander Cunningham era o seu nome, um sujeito brilhante. Pagou todas as despesas, e que piquenique levamos conosco. Ficamos no vale uma semana inteira. Posso lhe dizer que fiquei feliz de voltar para a civilização. Mas ele me disse uma coisa estranhíssima quando me deixou aqui, após nosso último jantar. "Você não encontrou na realidade o que queria por lá, não é?", perguntei-lhe. "Não, de fato não encontrei, e graças a Deus por isso, se é que ele existe." Ele saiu da casa e depois voltou. "Deixe-me dizer-lhe uma coisa, meu amigo. Nunca faça pouco caso das lendas daqueles vales. E nunca ria da história do castelo Glamis. Os elementais ainda são encontrados e, se pudessem, eles trariam as bruxas ao sabá para a velha finalidade."

- Naturalmente, perguntei-lhe que finalidade era essa. Mas ele não quis responder e me pareceu sincero no seu silêncio.

- E qual é a história do castelo de Glamis? - perguntei.

- Ah, a de que há uma maldição na família e que, quando contam isso ao novo herdeiro, ele jamais volta a sorrir. Muitos escreveram a esse respeito. Eu estive no castelo de Glamis. Quem sabe? Mas esse homem da Talamasca era do tipo estudioso e apaixonado. Passamos o tempo de uma forma esplêndida lá no vale, olhando para a lua.

- Mas você não viu os elementais.

Ele silenciou e depois prosseguiu.

- Vi algo, sim. Mas não eram duendes, acho que não. Era apenas um casal de pequenos, muito deformados, os mesmos infelizes que são vistos a mendigar nas ruas. Vi esses dois muito cedo pela manhã e, quando contei ao meu amigo da Talamasca, ele ficou furioso por não tê-los visto, ele mesmo. Eles não voltaram a aparecer.

- E você os viu com os seus próprios olhos. Eram assustadores?

- Ai, eles me deram calafrios de medo! - Ele abanou a cabeça. - Não gosto de falar nisso. Lembre-se, para nós, meu amigo, os duendes não são apenas seres pequeninos e engraçados. Elas são espíritos da natureza. São poderosos, perigosos e podem ser vingativos. Vou lhe dizer o seguinte, há fogos-fátuos naquele vale. Fogos-fátuos, aquelas chamas que surgem à noite no horizonte distante sem explicação. Desejo-lhe boa sorte no passeio. Eu realmente gostaria de poder ir. Começaremos a compilar o material de pesquisa para você imediatamente.

Voltei para nossas belas acomodações na Cidade Nova.

Mary Beth ainda não estava de volta. Sentei-me sozinho na nossa suíte, dois confortáveis quartos com uma sala de estar no meio, e fiquei ali bebendo meu xerez e escrevendo tudo que pude me lembrar do que o homem me dissera. Fazia frio nesses aposentos. Estaria fazendo frio no vale, mas eu tinha de ir até lá. O santo, os duendes, tudo isso está emaranhado, pensei. E então, no silêncio, uma sensação me assaltou. Lasher estava por perto. Lasher estava no quarto, conhecia meus pensamentos e estava perto de mim.



- Você está aí, meu querido? - perguntei, despreocupado, enquanto anotava as últimas palavras.

- Quer dizer que lhe deram o nome dele - disse ele, com sua voz secreta.

- Petyr van Abel, sim, mas não o nome do santo.

- É, Petyr - disse ele, baixinho. - Lembro-me de Petyr van Abel. Petyr viu Lasher. - Toda a sua atitude parecia mansa e pensativa. Sua voz secreta estava belíssima, com o máximo de ressonância.

- Conte-me como foi - insisti.

- No grande círculo - disse ele. - Nós iremos lá. Eu sempre estive lá.

- Quer dizer que vocês irão lá.

- Você é capaz de estar lá e estar conosco ao mesmo tempo?

- Sou - respondeu ele, com um suspiro. Mas parecia haver alguma dúvida na sua mente. Estávamos, mais uma vez, nos limites do seu raciocínio.

- Seja esperto, espírito, quem você é?

- Lasher, chamado por Suzanne, no vale. Você me conhece. Fiz tanto por você, Julien.

- Diga-me então onde está minha filha Mary Beth, espírito. Espero que você não a tenha deixado em algum canto desta cidade sombria entregue à própria sorte.

- A sorte dela é muito boa, Julien. Permita-me lembrar-lhe isso. Mais eu a deixei entregue aos seus próprios vícios.

- O que quer dizer?

- Que ela encontrou um escocês que se dispôs a ser o pai da sua bruxa.

Saltei da cadeira num ataque de fúria protetora.

- Onde está Mary Beth?

Mas, nesse exato momento, eu a ouvi cantando enquanto vinha pelo corredor. Ela abriu a porta. Estava muito corada e linda com o frio, na verdade, resplandecia. E seus cabelos estavam soltos.

- Bem, afinal, chegou a minha vez - disse ela. Entrou dançando no quarto e me deu um beijo no rosto. - Não fique tão abalado.

- Mas quem é o homem?

- Não perca um segundo pensando nele, Julien - disse ela. - Eu nunca mais vou pôr os olhos nele, mesmo. Lorde Mayfair é um bom nome, não acha?

E foi essa a mentira que mandamos por escrito para casa, assim que soubemos que ela havia concebido. Lorde Mayfair de Donnelaith havia sido o pai da criança. Na verdade, a "cerimônia do casamento" fora realizada naquela "cidadezinha" - apesar de naturalmente não existir cidadezinha alguma.

Mas estou me adiantando na história. Naquele momento, tive a nítida sensação de que ela realmente fora fecundada. E, quando ela descrevia esse homem para mim, um escocês puro, de cabelos negros, sedutor, devasso e muito rico, pensei, bem, talvez esse método de escolher um pai para o seu filho seja tão válido quanto qualquer outro.

Qualquer dor que eu sentia, ciúme, vergonha, medo, o que fosse, sufoquei dentro de mim. Nós dois éramos libertinos declarados, ela e eu. Eu não ia querer que ela comesse a rir de mim. Além do mais, eu estava ansioso por viajar até Donnelaith.

Enquanto eu lhe contava o que sabia, nosso espírito amado não fez nada para se intrometer. Na verdade, ele estava calado naquela noite. Nós todos estávamos. Embora mais abaixo na rua houvesse muita conversa. Parecia que um dos senhores da região havia sido assassinado.

Só mais tarde vim a saber de quem se tratava. E mesmo nessa ocasião o nome não representou nada. Mas creio que agora sei que se tratava do pai do bebê de Mary Beth.

Passemos agora a Donnelaith. E deixe-me lhe contar o que descobri por lá.

Partimos exatamente no dia seguinte, com duas grandes carruagens, uma para nós e para nossa bagagem, a outra para alguns criados necessários para nos atender. Seguimos para o norte até Darkirk, até a estalagem dali, e a partir de Darkirk, a cavalo, com dois animais de carga e dois dos escoceses da região, também a cavalo, como nossos guias.

Nós dois éramos grandes apreciadores dos cavalos, compreende? E andar por aquele traiçoeiro terreno acidentado era um puro prazer para nós. Tínhamos bons cavalos para a viagem e provisões para passar a noite, embora não muito depois da partida eu me desse conta da minha idade e de muitas dores que fora capaz de ignorar até então. Nossos guias eram jovens. Mary Beth era jovem. Eu estava praticamente sozinho, cobrindo a retaguarda, mas a beleza das colinas que nos cercavam, das florestas exuberantes e do próprio céu me anestesiava e me deixava muito feliz.

Havia, porém, nisso tudo um esplendor gélido, assombrado. A Escócia!

Mas eu tinha de chegar até o vale. Quando sentia vontade de dar meia volta, calava-me e prosseguia. Fizemos um almoço apressado e depois seguimos adiante até quase o pôr-do-sol .

Foi exatamente nessa hora que chegamos ao vale, ou melhor, a uma ladeira que descia até ele. E do alto de um belvedere, mal saindo da floresta cerrada de pinhos, amieiros e carvalhos, vimos o castelo distante do outro lado do vazio, uma coisa monstruosa, oca, coberta de mato acima das belas águas reluzentes. E no próprio vale os arcos altos e dispersos da catedral, e o círculo de pedras, remoto, austero e perfeitamente visível.

Com a escuridão ou sem ela, resolvemos seguir em frente. Acendemos nossas lanternas e descemos passando por bosques esparsos até entrar no vale relvoso. E não armamos acampamento enquanto não chegamos às ruínas da cidadezinha ou, de uma forma mais visível, da aldeia que permanecera depois dela.

Mary Beth era favorável a que se armasse acampamento nas pedras pagãs. Mas os dois escoceses se recusaram. Na realidade, eles pareciam indignados.

- Aquilo ali é um círculo de duendes, minha senhora - disse um deles. - Não se ousaria fazer coisa semelhante a um acampamento ali. Os pequenos iam considerar isso uma ofensa, acredite em mim.

- Esses escoceses são tão birutas quanto os irlandeses - disse Mary Beth.
- Por que não fomos para Dublin, se queríamos ouvir falar de trasgos?

Suas palavras me deram um pequeno arrepio de medo. Estávamos agora no fundo do extenso vale. A aldeia não apresentava uma única pedra em pé. Nossas tendas, nossas lanternas deviam estar visíveis a quilômetros de distancia. Eu de repente me senti nu e indefeso.

Deveríamos ter subido até as ruínas do castelo, pensei. E então foi que me dei conta. Não tínhamos ouvido notícias do nosso espírito o dia inteiro. Não tínhamos sentido seu toque, sua cutucada, sua respiração. O arrepio de medo ficou mais forte.

- Lasher, venha a mim - sussurrei. De repente receei que ele houvesse partido para fazer alguma coisa horrível com os que nós amávamos, temi que estivesse zangado.

No entanto, ele respondeu rapidamente. Enquanto eu caminhava só com minha lanterna apagada em meio ao capim alto, cada passo sendo uma tortura já que eu estava moído da cavalgada, ele chegou com uma forte brisa refrescante e fez com que o capim me fizesse reverência num enorme círculo.

- Não estou zangado com você, Julien - disse ele. Mas sua voz estava embargada de sofrimento. - Estamos na nossa terra, a terra de Donnelaith. Eu vejo o que você vê e choro pelo que vejo, pois eu me lembro do que um dia existiu neste vale.

- Diga-me, espírito.

- Ah, a imensa igreja que você conhece, e procissões de penitência e de enfermos que atravessavam quilômetros pelos montes e desciam para a adoração no santuário. E a cidade próspera cheia de lojas e comerciantes, que vendiam imagens... imagens...

- Imagens do quê?

- De que me importa? Eu quero nascer de novo e não desperdiçar minha carne dessa próxima vez como desperdicei naquele tempo. Não sou escravo da história, mas escravo da ambição. Você compreende a diferença, Julien?

- Peço-lhe que me esclareça. São poucas as vezes em que você me deixa realmente curioso.

- Você é franco demais, Julien. O que eu quero dizer é o seguinte. Não existe passado. Absolutamente nenhum passado. Existe apenas o futuro. E, quanto mais aprendemos, mais sabemos. A reverência pelo passado é simplesmente superstição. Você faz o que deve fazer para fortalecer o clã. E eu também. Eu sonho com a bruxa que me verá e me fará voltar a ser carne. Você sonha com a fortuna e o poder para os seus filhos.

- Isso mesmo - disse eu.

- Não há nada além disso. E você me trouxe de volta a este lugar, que eu nunca havia deixado, para que eu pudesse conhecê-lo.

Eu estava ali parado sob o céu sombrio, o vale imenso, as ruínas da catedral logo à minha frente. Essas palavras calaram fundo na minha alma. Eu as gravei.

- Quem lhe ensinou essas coisas? - perguntei.

- Você - disse Lasher. - Foi você e os da sua estirpe que me ensinaram a querer, a almejar, a procurar em vez de me lamentar. E agora eu faço com que se lembre, pois o passado o chama com falsos motivos.

- Você acha - disse eu.

- Acho. Essas pedras, o que elas são? Não são nada.

- Posso ir ver a igreja, espírito?

- Ah, pode. Acenda sua lanterna se quiser. Mas nunca a verá como eu a vi.

- Você está enganado, espírito. Quando você entra em mim, sempre deixa algo de si mesmo para trás. Eu a vi. Eu a vi com multidões de fiéis às suas portas, com as velas e os verdes enfeites de Natal...

- Cale-se! - ordenou ele, e eu o senti como o vento a me envolver com tanta violência que de repente poderia me derrubar. Caí de joelhos. O vento parou.

- Obrigado, espírito - disse eu. Risquei um fósforo, protegendo-o cuidadosamente, e acendi o pavio da lanterna. - Não quer me falar daqueles tempos?

- Prefiro falar do que vejo daqui. Vejo os meus filhos.

- Agora está falando de nós?

Mas aquilo foi tudo o que se dispôs a dizer, embora me acompanhasse enquanto eu abria caminho pelo capim alto, num terreno rochoso e irregular, chegando, afinal, às próprias ruínas, e ficava parado na nave gigantesca, a olhar para os arcos destruídos.

Meu Deus, que catedral magnífica não deveria ter sido! Eu vira suas semelhantes por toda a Europa. Ela não era no estilo romano, com arcos arredondados e uma abundância de pinturas. Sem dúvida, era de pedra, fria, alta e graciosa como a catedral de Chartres ou a de Canterbury.

- Mas os vitrais, restou alguma coisa dos vitrais esplêndidos? - sussurrei.

E, numa resposta lamentosa, o vento passou amplo e sereno por todo o vale que escurecia e atravessou a nave, mais uma vez, fazendo com que o mato se inclinasse de um lado para o outro, e se concentrando ao meu redor como se fosse me abraçar. A lua havia subido um pouco, e as estrelas já apareciam.

E de repente, para além dos limites da nave, onde a rosácea um dia estivera, onde o arco atingia sua altura, vi o próprio espírito, imenso, enorme, escuro e translúcido, que se espalhava pelos céus como uma grande tempestade que se aproximava, só que em silêncio, concentrando-se e reconcentrando-se e de repente numa súbita explosão dispersando-se no nada.

O céu límpido, a lua, a montanha distante, o bosque. Tudo isso estava nítido e imóvel, e o ar dava uma impressão de frio e vazio. Minha lanterna continuava a arder, luminosa. Eu estava ali parado. A catedral pareceu assomar ainda mais à minha volta, e eu, ali diminuto, fútil, mesquinho e desesperado. Sentei-me no chão. Dobrei um joelho e descansei minha mão e meu queixo nele. Fiquei olhando para o escuro. Desejei que as recordações de Lasher voltassem a mim.

No entanto, não me veio nada, a não ser minha solidão, minha sensação da absoluta maravilha da vida, de como eu amava minha família e de como ela prosperava sob as asas desse terrível mal.

Talvez fosse assim com todas as famílias, pensei. No seu núcleo, uma maldição, um pacto com o diabo. Um pecado terrível. Pois de que outra forma seria possível acumular tanta riqueza e liberdade? Mas eu não acreditava realmente nisso. Pelo contrário, acreditava na virtude.

Vi minha definição de virtude. Ser bom, amar, ser pai, ser mãe, cuidar, curar. Vi essa definição com toda a sua simplicidade luminosa.

- O que você pode fazer, seu pateta? - perguntei a mim mesmo. - A não ser manter sua família em segurança, dar-lhes os meios para que prossigam por si sós, fortes, saudáveis e generosos. Dar-lhes uma consciência e protegê-los do mal.

Ocorreu-me, então, um pensamento solene. Eu ainda estava ali sentado, com a luz morna da lanterna perto de mim, as altas paredes da igreja de cada lado e a grama lisa como uma cama à minha frente. Ergui os olhos de novo e vi que a lua havia entrado exatamente no círculo da rosácea. É claro que os vitrais não existiam mais. Eu sabia que aquela havia sido uma rosácea porque as conhecia. E conhecia também seu significado, a grande hierarquia das coisas, que prevalecia na Igreja Católica, na qual a rosa era a mais elevada das flores e, portanto, o símbolo da mulher mais elevada, a Virgem Maria.

Pensei naquilo e em mais nada. E orei. Não à Virgem. Não, só ao ar daquele lugar, ao tempo, talvez à terra. Disse eu, Deus, como se tudo isso atendes-se por esse nome, podemos fazer um pacto? Eu me disponho a ir para o inferno, se você salvar minha família. Talvez Mary Beth vá para o inferno, como todas as bruxas que a sucederem. Mas salve minha família. Mantenha-os fortes, felizes, abençoados.

Não houve resposta às minhas preces. Fiquei ali sentado muito tempo. A lua esteve encoberta por nuvens e depois mais uma vez livre, brilhante, linda. É claro que eu não esperava ouvir nenhuma resposta às minhas preces. Mas meu

pacto me dava esperanças. Nós, os bruxos, sofreremos o mal e os outros prosperarão. Era esse meu juramento.

Pus-me de pé, ergui a lanterna e comecei a caminhada de volta.

Mary Beth já havia ido dormir na sua tenda. Os dois guias fumavam seus cachimbos e me convidaram a me reunir a eles. Eu lhes disse que estava exausto. Preferia ir dormir para acordar cedo.

- O senhor não estava fazendo preces lá em cima, estava? - perguntou um dos homens. - É perigoso rezar nas ruínas daquela igreja.

- Ah, é? E por que motivo?

- Aquela é a igreja de Santo Ashlar, e é provável que Santo Ashlar atenda seu pedido, e quem sabe o que pode acontecer!

Os dois homens riam a mais não poder, batendo com as mãos nas coxas e fazendo que sim com a cabeça.

- Santo Ashlar! - disse eu. - Você disse Santo Ashlar!

- Sim, senhor - respondeu o outro, o que até agora não havia falado. - Era o santuário dele nos velhos tempos, o santo mais poderoso da Escócia, e os presbiterianos declararam ser pecado mencionar seu nome. Pecado! Mas as bruxas sempre souberam !

O tempo e o espaço não eram nada. Na noite tranqüila e assombrada do vale, eu estava me lembrando de um menino de três anos, da velha bruxa, da fazenda, das histórias que ela me contava em francês. "Invocou por engano no vale..." Sussurrei comigo mesmo. "Venha agora meu Lasher. Venha agora meu Ashlar. Venha agora, meu Lasher. Venha agora, meu Ashlar!"

Comecei a repetir baixinho e depois a falar em voz alta. Os dois homens, sem entender nada, é claro. E então do centro do vale veio o ronco do vento, tão feroz e imenso que zunia contra as montanhas.

As tendas enfunavam e batiam com o vento. Os homens correram para firmá-las. As lanternas se apagaram. O vento se transformou em tempestade e, quando Mary Beth veio se esgueirando para o meu lado, um temporal caiu sobre



Donnelaith, uma tempestade de chuva e trovões tão forte que todos nos encolhíamos de medo diante dela.

Todos menos eu. Eu logo me endireitei, percebendo que não fazia sentido me encolher, e a encarei de frente. Olhei para os céus enquanto a chuva agredia e picava meu rosto.

- Maldito seja, Santo Ashlar, pois é isso o que você é! Que vá para o inferno! - gritei. - Um santo, um santo derrubado, um santo deposto do trono! Volte para o inferno. Você não é santo nenhum! Você é um espírito do mal!

Uma das tendas foi arrancada e carregada pelo vento. Os guias correram para segurar a outra. Mary Beth procurou me silenciar. O vento e a chuva atingiram seu auge, talvez com a força de um furacão.

Ela chegou a um apogeu de fúria, de tal modo que vimos uma horrenda nuvem negra e afunilada que se ergueu de repente do capim e foi girando, girando e escurecendo o céu inteiro. De súbito, tão veloz como surgira, ela desapareceu.

Eu estava paralisado. Estava encharcado. Minha camisa havia sido parcialmente arrancada do ombro. Mary Beth descobriu os cabelos e saiu andando no molhado, com o olhar fixo nos céus, cheia de coragem e curiosidade. Um dos guias voltou a mim.

- Que loucura, homem! - disse ele. - Eu lhe disse que não rezasse para ele. O que foi acabar pedindo ao santo?

Eu ri baixinho, com meus botões.

- Ah, Deus, me ajude - disse com um suspiro. - Deus Todo poderoso, será essa a prova de que você não existe, se os seus santos podem ser espíritos tão mesquinhos?

O ar estava se aquecendo ligeiramente. Os homens acenderam as lanternas. A água desapareceu da terra como se nem tivesse caído. Nós ainda estávamos castigados e molhados, mas a lua já aparecia clara, inundando de luz o vale inteiro. Fomos arrumar as tendas, secar as camas.

Passei a noite toda acordado. Ao nascer do sol, fui até os guias.

- Preciso saber a história desse santo.

- Bem, não diga o nome dele, pelo amor de Deus - disse um deles. - Eu gostaria de não ter dito esse nome ontem à noite, posso lhe garantir. Não conheço a história do santo, e o senhor não vai ouvi-la de ninguém mais que eu conheça. É uma lenda antiga, homem, talvez uma piada, embora eu tenha certeza de que falaremos da tempestade de ontem por muitas noites ainda.

- Conte-me tudo.

- Eu não sei. Minha avó dizia o nome dele quando desejava alguma coisa impossível, e recomendava sempre que tivéssemos cuidado e nunca desejássemos algo dele a menos que fosse aquilo realmente o que quiséssemos. Eu ouvi o nome pronunciado uma vez ou duas lá em cima nos montes. É uma canção antiga que eles cantam. Mas isso é tudo que sei. Não sou católico. Não conheço santos. Ninguém por aqui conhece santos.

O outro homem concordou, com um gesto de cabeça.

- Eu mesmo não sabia tanto assim. Ouvi minha filha invocá-lo para fazer com que os rapazes virassem a cabeça para notá-la.

Eu os ataquei com perguntas. Não me deram nada além disso. Já estava na hora de examinarmos as próprias ruínas, o círculo, o castelo. O espírito estava recolhido. Eu nem ouvi sua voz, nem percebi qualquer sinal dele.

Só uma vez fui acometido de medo quando pesquisava o castelo. Ali era um local traiçoeiro. Mas ele não fez nenhuma das suas.

Nós nos demoramos à vontade. O sol já se punha quando voltamos a armar acampamento. Eu havia visto tudo que tinha forças para ver. Uma espessa camada de terra encobria o piso original da catedral, e quem sabe o que estaria por baixo? Que túmulos? Que coleções de livros ou documentos? Ou talvez nada.

E eu me perguntava onde minha querida Suzanne teria morrido. Não restava nenhum vestígio de estradas ou de praças de mercado. Eu não conseguia distinguir nada. Não ousei desafiar Lasher ou dizer qualquer palavra que o deixasse irado. Eu me lembrava de tudo.

Em Darkirk, uma cidadezinha presbiteriana pequena e limpa, de construções brancas, não encontrei ninguém que soubesse nada sobre santos católicos.

As pessoas falavam no círculo, nas bruxas, nos velhos tempos, nos sabás no vale e nos duendes perversos que às vezes roubavam bebês. Mas tudo aquilo era para elas distante. Estavam mais interessadas em apanhar o trem para ir a Edimburgo ou Glasgow. Não sentiam nenhum amor pelos bosques ou pelo vale. Queriam que viesse para lá uma fundição. Queriam cortar as árvores. Tudo perfeitamente prático.

Passei uma semana em Edimburgo, com os banqueiros, comprando a terra. Mas afinal passei a ser o proprietário daquilo tudo. E criei um fundo para seu estudo, com meu professorzinho de história, que me recebeu de volta da viagem com um belo jantar de pato assado e clarete.

Mary Beth saiu sozinha, mais uma travessura, e levou consigo o espírito.

Ele e eu não trocáramos uma palavra sequer, audível ou silenciosa, desde aquela noite horrível, mas ele pairava junto a ela e falava com ela. E eu não lhe dissera nada do que havia feito, descoberto ou dito, e ela nada me perguntara.

Eu receava pronunciar o nome Ashlar. Era essa a verdade. Sentia medo.

Não parava de ver a tempestade à minha volta. E aqueles homens assustados. E Mary Beth espiando a escuridão chuvosa com tanta curiosidade. Eu estava apavorado, embora não tivesse certeza da razão para isso. Eu saíra vencedor, não é verdade? Eu agora tinha o nome da criatura. Será que eu estava disposto a arriscar minha vida numa batalha com esse ser?

Sentei-me afinal com meu pequeno professor careca e de óculos em Edimburgo.

- Examinei todas as vidas dos santos na biblioteca, todas as histórias da Escócia, mas não consigo encontrar menção a Santo Ashlar.

Ele deu uma risada alegre enquanto servia o vinho. Estava de excelente humor naquela noite, já que eu acabava de pôr nas suas mãos milhares e

milhares de dólares para não fazer nada a não ser estudar Donnelaith. E sua segurança e a de sua família estavam garantidas.

- "Por Santo Ashlar" - disse ele. - Essa é uma expressão usada por escolares. Creio que é o santo do impossível, semelhante a Judas em outras regiões. Mas não há história nenhuma por trás dele. Não que eu saiba. Mas lembre-se, agora este é um país presbiteriano. São pouquíssimos os católicos, e o passado está envolto em mistério.

Mesmo assim, ele prometeu procurar nos seus livros depois de terminarmos a refeição. E, enquanto isso, conversamos sobre o fundo para a escavação e preservação de Donnelaith. As ruínas seriam totalmente exploradas, mapeadas, descritas e então seriam alvo de um estudo constante.

Retiramo-nos, finalmente, juntos para a biblioteca, e ele procurou entre seus livros alguns antigos textos católicos que remontavam aos tempos anteriores ao rei Henrique, um em especial. Uma História secreta dos clãs Highland que não trazia nenhuma identificação de autor. Era um livro antiquíssimo, com capa de couro negro e muito grande. Muitas das folhas estavam soltas, de tal modo que ele parecia mais uma pasta de páginas danificadas. Quando ele o colocou sob a luz, vi que as folhas estavam cobertas de textos escritos. Havia uma descrição de uma espécie de árvore genealógica, e ele foi acompanhando o desenho com um dedo.

- Ah, aqui está. Você consegue ler isso? Claro que não. Está em gaélico. Mas é Ashlar, filho de Olaf e marido de Janet, fundadores do clã de Drummard e Donnelaith. É, aqui está. A palavra Donnelaith, e imaginar que todos esses anos nunca a percebi aí. Embora Ashlar eu tenha visto em inúmeros lugares. É, Santo Ashlar.

Ele folheou o texto frágil e em mau estado até chegar a uma outra página.

- Ashlar - disse ele, lendo a caligrafia ininteligível. - É, rei de Drummard, Ashlar. Leu o texto com cuidado, traduzindo-o para mim e fazendo anotações a lápis num bloco.

- Rei Ashlar dos pagãos, amado por seu povo, marido da rainha Janet, governantes da Alta Dearth, muito ao norte do Grande Vale nas florestas de Highland. Convertido no ano de 566 por São Columba da Irlanda. É, aqui está, a lenda de Santo Ashlar. Morreu em Drummard, onde construíram uma imensa catedral em seu nome. Drummard mais tarde tornou-se Donnelaith, sabe? Relíquias, curas... ah, mas sua mulher, Janet, se recusou a renunciar à fé pagã e foi queimada viva por seu orgulho e teimosia. "E quando o grande santo chorava sua morte, uma fonte brotou do chão calcinado, e nela milhares foram batizados."

A imagem como que me paralisou. Janet, queimada viva. O santo, a fonte mágica. Eu estava emocionado demais para falar. O estudioso estava fascinado.

Prometeu-me rapidamente que tudo aquilo seria copiado para me ser enviado.

E então seguiu ele para seus outros livros, encontrando na história dos pictos os mesmos Ashlar e Janet, e a horrível história de como Janet se recusou a aceitar a fé cristã e de fato se ofereceu para morrer pelo fogo, amaldiçoando sua gente e seu marido e preferindo ser entregue pelo fogo aos deuses a viver com cristãos covardes.

- Agora, você compreende que tudo isso é lenda. Ninguém conhece realmente os pictos, sabe? E é confuso. Aqui nem diz ao certo que eles eram pictos. Aqui, veja essas palavras em gaélico, isso significa "os homens e mulheres altos do vale". E isso aqui pode ser traduzido aproximadamente como "as crianças grandes".

- Ah, aqui, rei Ashlar, derrotou os dinamarqueses no ano 567, brandindo a cruz de fogo diante dos exércitos que fugiam. Janet, filha de Ranald, queimada viva pelo clã de Ashlar em 567, embora o próprio santo fosse inocente e implorasse a seus seguidores recém convertidos que fossem misericordiosos.

- Ele apanhou ainda mais um livro.

Lendas de Highland

- Ah, aqui está. Santo Ashlar, venerado em algumas partes da Escócia ainda no século XVII, principalmente por meninas que queriam ver seus desejos

mais secretos realizados. Não era um verdadeiro santo canônico. - Ele fechou o livro. - Bem, isso não me surpreende. Não era um verdadeiro santo canônico. Tudo isso é remoto demais para que o consideremos parte da história. Isso quer dizer que ele nunca foi canonizado por Roma, compreende? Estamos lidando com mais um São Cristóvão.

- Eu sei - disse eu, mas em geral fiquei calado, mais uma vez arrebatado pelas lembranças. Vi a Catedral com perfeita nitidez. Pela primeira vez, vi de fato suas janelas: altas, estreitas, com pedaços de vidro colorido, não imagens, mas principalmente mosaicos em vidro dourado, vermelho e azul. E vi a rosácea, ah, a rosácea! De repente, vi as chamas. Vi o vidro se espatifando. Ouvi os gritos da turba. Senti-me tão perfeitamente imerso naquilo tudo que, por um átimo, percebi qual era minha altura enquanto eu encarava a multidão. Vi minhas mãos estendidas para me defender!

Afastei essa imagem com um tremor. O velho professor me olhava com curiosidade.

- Você de fato sente uma forte paixão por essas coisas, não é?

- Uma paixão quase pecaminosa - disse eu. - Uma catedral do século XIII. Isso não é algo remoto demais para ser considerado parte da história.

- Não, no fundo não é - disse ele, e foi até outra estante, para ver uma série de livros a respeito das igrejas e ruínas da Escócia. - Perdeu-se tanta coisa, compreende? Tanta. Pois veja, se não fosse o atual interesse científico por esse assunto, todos os traços dessas construções católicas teriam sido... aqui, "Catedrais de Highland".

- A catedral de Donnelaith, sob a proteção do clã de Donnelaith, ampliada e reformada de 1205 a 1266 pelos chefes do clã. Um especial culto de Natal, incentivado pelos franciscanos, atraía milhares de fiéis das áreas próximas. Não resta hoje nenhum registro, mas os principais patronos eram sempre membros do clã de Donnelaith. Acredita-se que alguns registros estejam... na Itália.

Dei um longo suspiro. Não queria ser perturbado novamente pelas lembranças. O que as lembranças me haviam ensinado?

Ele virou algumas páginas.

- Ah, veja aqui, uma tosca árvore genealógica do clã de Donnelaith. Rei Ashlar, depois olhe aqui, o bisneto, Ashlar o Venerável e aqui mais um descendente, Ashlar, o Abençoado, casado com a rainha normanda, Mora. Meu Deus, mas há um sem número de Ashlars.

- Compreendo.

- E aqui um Ashlar, e outro, mas você pode acompanhar o avanço do nome, quer dizer, se acreditar que todos esses chefes de clãs existiram! Você sabe que esses clãs adoravam tudo isso, e seus descendentes fiéis à tradição redigem esses relatos fantasiosos. Eu não sei.

- Já é o suficiente para satisfazer meu anseio - disse eu.

- Ah, anseio, é, é esse o termo, não é? - Ele fechou o livro. - Tem de haver mais coisas. Eu descobrirei para você. Para lhe dizer a verdade, porém, tudo vai ser muito parecido com isso aqui, nesses antigos textos de divulgação restrita, e o melhor que se pode dizer disso é que é folclore.

- Mas no século XVI, no tempo de John Knox, sem dúvida havia registros daquela época. Deve ter havido.

- Tudo se transformou em fumaça - disse o velho. - Estamos falando de uma revolução eclesiástica. Você não pode imaginar a quantidade de mosteiros destruídos por Henrique VIII. Estátuas e quadros eram leiloados, incinerados. Livros sacros perdidos para sempre. E, quando afinal derrubaram a defesa de Donnelaith, tudo estava reduzido a cinzas.

Ele se sentou e começou a empilhar os livros, como se os estivesse pondo em ordem.

- Descobrirei tudo para você. Se houver algum indício em algum lugar de registros sobre Donnelaith terem sido levados para algum outro lugar, eu os encontrarei. Mas posso lhe dizer qual é a minha impressão. Tudo está perdido. Naquela época uma terra de mosteiros e catedrais perdeu seus tesouros. E Henrique, o canalha, fez tudo por dinheiro. Tudo por dinheiro e porque ele queria se casar com Ana Bolena! Ai, que desespero que um único homem conseguisse

mudar assim os tempos. Ah, aqui, veja só. - "Santo Ashlar, o santo especial das meninas que quisessem ver seus desejos secretos realizados." Sei que vou encontrar mais umas dez menções semelhantes.

Afinal, deixei o homem em paz.

Eu tinha o que queria. Agora eu sabia que a coisa havia vivido, que se sentia cheia de vingança! Que era um fantasma.

E eu achava ter a prova disso naquilo tudo e em tudo o que eu sempre soubera. E, enquanto voltava para casa sozinho, subindo a ladeira a partir da casa do velho, não parava de repetir para mim mesmo esses detalhes e de me perguntar o significado desse demônio ter se vinculado à nossa família! Que ele quisesse tornar-se carne. O que significava isso? Mas, acima de tudo, como eu poderia usar seu nome para destruí-lo?

Quando entrei nos meus aposentos, Mary Beth já havia chegado e dormia no sofá. Lasher estava parado ao seu lado. Usava seus velhos trajes de couro cru, tinha o cabelo mais para comprido, o que eu não via há anos, e sorria para mim.

Por um instante, fiquei tão assombrado com sua beleza e sua nitidez que não fiz nada a não ser olhar para ele. E isso ele adorou. Era como se eu lhe estivesse dando água de beber, você entende? E ele ficou ainda mais nítido e brilhante.

- Você acha que sabe, mas não sabe nada - disse ele, movimentando os lábios. - E eu lhe relembro mais uma vez que o futuro é tudo.

- Você não é nenhum espírito magnífico. Você não é nenhum grande mistério. É isso o que eu preciso ensinar à minha família.

- Então, estará lhes transmitindo uma mentira. O futuro deles está nas minhas mãos. E o meu futuro é o deles. Esse é seu maior trunfo. Seja esperto por uma vez que seja, com toda essa sua erudição.

Não respondi. Estava perplexo de que a coisa conseguisse manter uma forma visível por tanto tempo.

- Um santo que se voltou contra Deus? – perguntei.



- Não zombe de mim com esse folclore idiota, essas bobagens. Você acha que eu um dia fui um de vocês? Está louco se imagina isso. Quando eu voltar, eu... - E ele se interrompeu, nitidamente na iminência de ameaças. Depois, prosseguiu com uma rapidez infantil. - Julien, eu preciso de você. A criança no ventre de Mary Beth não é nenhuma bruxa, mas uma menina débil mental, que sofre do mesmo mal que Katherine, sua irmã, e até mesmo Marguerite, sua mãe. Você precisa fazer a bruxa com a sua filha.

- Quer dizer que eu tenho esse ponto a negociar - disse eu com um suspiro. - Você quer que eu fecunde minha própria filha.

Mas ele já estava exausto. Estava ficando desbotado. Mary Beth dormia, exuberante e tranqüila no sofá, envolta em cobertores, com os cabelos escuros lustrosos e refulgentes à luz da pequena lareira.

- Ela dará à luz essa criança?

- É, espere e verá. Você fará uma grande bruxa com ela.

- E ela própria?

- A maior de todas - disse ele, com um suspiro e uma voz audível. - A menos que se inclua Julien.

Michael, essa foi a minha maior vitória. Descobri o que acabei de lhe contar, seu nome, sua história, que ele era do nosso sangue, mas nunca descobri nada além disso!

Ashlar, tudo estava relacionado a esse nome. Mas seria esse espírito Ashlar?

E se fosse, qual de todos os Ashlars mencionados nas páginas dos livros do velho? O primeiro ou algum que veio depois?

Na manhã do dia seguinte, saí de Edimburgo, deixando apenas um bilhete para Mary Beth, e viajei rumo ao norte até Donnelaith, seguindo a cavalo a partir de Darkirk. Estava muito velho para fazer essa viagem sozinho, mas estava enlouquecido com as descobertas.

Mais uma vez pesquisei a catedral, ao sol fresco das montanhas que se derramava em lindos raios através das nuvens, e então caminhei até o círculo de pedras, ficando ali parado. Invoquei-o. Lancei-lhe maldições.

- Quero que volte para o inferno, Santo Ashlar! E esse o seu nome, é isso o que você é, um homem como qualquer outro que queria ser idolatrado e que sobreviveu no orgulho, um espírito do mal a nos atormentar.

Minha voz ecoava no vale. Mas eu estava só. Ele nem se dignara a me dar uma resposta. Mas de repente, enquanto eu estava ali em pé no círculo, senti aquela terrível sensação de vertigem, como se tivesse recebido um golpe na cabeça, o que queria dizer que a coisa estava entrando em mim.

- Não, volte para o inferno! - berrei, mas já estava caindo no capim. O mundo se tornara o próprio vento, a zunir nos meus ouvidos, fazendo desaparecer todas as formas nítidas e os pontos de referência.

Já era noite quando acordei. Eu estava machucado. Minhas roupas, rasgadas. A criatura havia se descontrolado dentro de mim, e logo naquele lugar.

Por um instante, temi por minha vida, sentado ali no escuro, sem saber o que havia acontecido com meu cavalo, ou em que direção deveria caminhar para sair daquele horrível vale assombrado. Afinal, consegui me erguer com esforço e percebi que um homem me segurava pelos ombros.

Era ele, forte de novo, sólido de novo, com o rosto muito próximo ao meu, a me guiar no escuro. Íamos na direção do castelo. Ele estava tão real que eu sentia o cheiro do couro do seu gibão, o cheiro do capim que se grudava a ele e o perfume dos bosques ao seu redor. Ele desaparecia e eu ficava cambaleando sozinho, para que ele depois ressurgisse e me ajudasse.

Afinal, entramos por um portal em ruínas chegando ao piso do grande saguão e ali eu adormeci, exausto demais para prosseguir. Ele ficou ali sentado no escuro, como uma névoa, de vez em quando sólido, e às vezes apenas ali envolto ao meu redor.

- Lasher, o que vou fazer? - disse eu, em pura exaustão e desespero. - O que você quer fazer afinal?

- Viver, Julien, é só isso que quero. Viver, voltar a sair para a luz. Não sou o que você pensa. Não sou o que imagina. Pense nas suas lembranças. O santo está no vitral, não está? Como eu poderia ser o santo se eu podia vê-lo no vitral? Nunca cheguei a conhecer o santo. O santo foi a minha ruína!

Eu nunca Havia visto o santo na janela. Via apenas as cores, mas agora, deitado no chão, voltei a me lembrar da igreja. Eu estava lá numa época anterior e tive a recordação íntima de, naquela ocasião, ter entrado no transepto e na capela do santo, e de fato lá estava sua imagem no vitral magnífico, com o sol a se derramar através dele, o sacerdote guerreiro, de barba e cabelos longos, Santo Ashlar, a esmagar os monstros com o pé: Santo Ashlar.

Descobri-me dizendo, naquela época remota, com desespero e do fundo da alma: Santo Ashlar, como eu posso ser essa coisa? Ajude-me. Deus me ajude. Estavam me levando embora. A que opção eu tivera direito?

Tanto anseio, tanta dor!

Desmaiei. Perdi totalmente a consciência. Eu nunca mais conheceria o espírito com tanta clareza quanto naquele momento em que eu estava na sua pele na catedral. Santo Ashlar! Cheguei a ouvir a sua voz, a minha voz, ecoando abaixo do altíssimo teto de pedra. Como eu posso ser essa coisa. Santo Ashlar!

E o vitral frágil e brilhante não lhe deu resposta. Fez o que as imagens sempre fazem, manteve-se constante, dominadora.

Trevas.

Quando acordei naquela manhã, nas ruínas do castelo, guias de Darkirk haviam vindo à minha procura. Traziam o que comer e beber, cobertores e um cavalo descansado. Haviam temido por mim. Minha montaria voltara todo o caminho de volta à casa sem mim.

No esplendor da manhã, o vale parecia inocente, lindo. Tive vontade de me deitar e dormir, mas infelizmente não pude fazer isso antes de chegarmos à estalagem em Darkirk. E ali eu dormi um sono intermitente durante dois dias, com um pouco de febre, mas em geral apenas repousando.

Quando voltei para Edimburgo, Mary Beth estava em estado de pânico.

Imaginava que eu tivesse desaparecido para sempre. Acusara Lasher de me fazer algum mal. Ele chorara.

Disse-lhe que viesse se sentar comigo junto à lareira e lhe contei tudo. Contei-lhe a história e o seu significado. Falei-lhe novamente das lembranças.

- Você tem de ser mais forte do que a criatura até o fim dos seus dias - disse eu. - Você não deve nunca deixar que esse ser a domine. Ele pode matar. Ele pode dominar! Ele pode destruir. Ele quer ter vida, sim, e é um ser rancoroso, não uma criatura de sabedoria transcendente, mas inferior a Deus, sabe? Algo vindo das trevas e do total desespero, algo que foi derrotado!

- É, algo que sofreu - disse ela. - É essa a palavra. Mas Julien, você está impossível. Não pode continuar com essa oposição à criatura. Você deve de agora em diante deixar essa criatura totalmente nas minhas mãos.

Ela se levantou e começou a discursar com sua voz tranqüila, com poucos gestos, como era seu estilo.

- Usarei essa criatura para tornar nossa família mais rica do que seus sonhos mais desvairados. Construirei um clã tão forte que nenhuma revolução, nenhuma guerra, nenhuma insurreição conseguirão jamais destruí-lo. Reunirei nossos primos sempre que puder, incentivarei os casamentos dentro do clã e me certificarei de que o sobrenome da família seja usado por todos os que quiserem fazer parte do grupo. Minha vitória será a família, Julien, e isso ele entende. Isso ele conhece. Isso é o que ele quer. Não há desavenças entre nós.

- É mesmo? - perguntei. - Ele já lhe disse a próxima coisa que eu deveria fazer por ele? Que eu deveria fazer uma bruxa com você? - Eu tremia de apreensão e raiva.

Ela sorriu para mim, um sorriso suave, calmo e tranqüilizador, e afagou meu rosto.

- Ora, no fundo, quando chegar a hora, será que vai ser assim tão difícil, meu querido?

Naquela noite, sonhei com bruxas no vale. Sonhei com orgias. Sonhei com todo tipo de coisas que eu preferia esquecer mas jamais consegui. De

Edimburgo, fomos para Londres. Ali permanecemos até Mary Beth dar à luz Belle em 1888.

E, desde o início, sabíamos que o bebê radiante não era normal só porque Lasher nos disse.

Em Londres, adquiri um grande caderno de capa de couro e páginas de papel pergaminho de ótima qualidade. Nele escrevi tudo que sabia sobre Lasher. Anotei tudo que sabia sobre nossa família. Eu tinha muitos escritos desse teor em casa, outros cadernos começados, interrompidos, esquecidos. Mas agora, de memória reuni tudo.

Registrei todo e qualquer detalhe sobre Riverbend, Donnelaith, as lendas, o santo. Tudo. Escrevia com rapidez e impetuosamente. Pois só sabia que a qualquer momento o monstro poderia me impedir de continuar.

Mas o monstro não fez nada.

Chegavam-me cartas diárias do velho estudioso, mas em sua maioria eram histórias de Santo Ashlar, que Santo Ashlar teria concedido um milagre a alguma jovem por ser ele seu especial protetor. E o restante era repetitivo do que havíamos descoberto. Alguma escavação tivera início em Donnelaith, mas esse trabalho levaria um século. E o que iríamos encontrar que já não soubéssemos?

Aumentei as dotações e cedi aos seus desejos relativos a qualquer projeto para o estudo mais profundo de Donnelaith e do seu complexo de ruínas. Eu copiava cada uma das cartas para o caderno.

Em seguida, apanhei outro caderno e comecei a escrever a história da minha própria vida. Também esse caderno foi escolhido pela sua encadernação robusta e pela qualidade do papel. Jamais imaginei que os dois cadernos desapareceriam antes de mim.

Enquanto isso, Lasher não me perturbava, mas passava o tempo com Mary Beth, que até quase a hora de dar à luz flanava por toda Londres, chegando a ir a Canterbury e até Stonehenge. Ela estava sempre acompanhada por rapazes. Creio que dois deles estavam com ela, os dois intelectuais de Oxford, profundamente apaixonados, quando ela teve o bebê. Belle, no hospital.

Nunca me senti tão separado dela quanto nessa época. Ela estava apaixonada pela cidade, por todos os locais antigos e os objetos modernos, apressando-se a visitar fábricas, teatros e ver todos os tipos de invenções. E claro que ela visitou a Torre de Londres e o museu de cera, que fazia furor na época. Sua gravidez não era nada para ela. Era tão alta, tão forte, tão vigorosa. Passar por homem era mais do que natural para ela. E, no entanto, era uma mulher autêntica, bela e ansiosa pelo bebê, embora já soubesse que não viria a ser a bruxa.

- É minha - dizia ela. - É minha. Seu sobrenome é Mayfair, como o meu. Isso é o que importa.

Eu ficava trancado nos meus aposentos com o passado, no anseio desesperado de deixar um registro que pudesse despertar uma interpretação posterior. E quanto mais essa responsabilidade era só minha, quanto mais eu percebia ter escrito tudo o que sabia, mais desesperado e desamparado eu me sentia.

Afinal Lasher apareceu.

Ele foi o que havia sido naquele dia em que caminhamos até o castelo. Um amigo e um consolo. Deixei que ele me afagasse a testa. Deixei que me acalmasse com beijos. Mas, em segredo, eu lamentava. Eu havia descoberto o que precisava saber, e isso não ia me ajudar. Não podia fazer mais nada. Mary Beth o amava e não percebia seu poder nem um pouco mais do que qualquer outra bruxa que um dia tivesse brincado com ele, dado ordens a ele ou recebido seus beijos.

Finalmente, pedi-lhe com educação e delicadeza que fosse embora, que voltasse para a bruxa e cuidasse dela. Ele concordou.

Mary Beth, que apenas no dia anterior dera à luz, ainda estava com a feliz menininha no hospital, repousando em conforto, cercada de enfermeiras. Saí a passear sozinho por Londres.

Cheguei a uma velha igreja, talvez daquela época, não sei. Nem sei que igreja era, só que entrei nela e me sentei num banco dos fundos. Baixei a cabeça e me entreguei a algo quase como uma prece.

- Deus me ajude - disse eu. - Nunca na minha vida eu realmente havia feito uma prece, a não ser quando estava me recordando daquela criatura na velha catedral, parado na sua carne diante do vitral de Santo Ashlar. Aprendi a rezar a partir daquele único instante de possessão, quando eu estava nele, e ele rezava. Agora estou tentando. Estou orando agora. O que faço? Se eu destruir essa criatura, estarei destruindo minha família?

Eu estava imerso nessa oração quando alguém tocou meu ombro de leve.

Ergui os olhos e vi um rapaz ali, parado, trajado em negro com perfeição, com uma gravata de seda negra, e dando a impressão de estar um pouco elegante demais e educado demais para ser um homem comum. Seus cabelos escuros eram extremamente bem cuidados, e seus olhos eram surpreendentes, pequenos, mas muito cinzentos e brilhantes.

- Venha comigo - disse ele.

- Por quê? Você é a resposta às minhas preces?

- Não, mas eu gostaria de saber o que você sabe. Pertencço à Talamasca. Sabe quem nós somos?

E claro que eu sabia que eram os estudiosos de Amsterdã. Eram os homens que o velho professor me havia descrito. Era mais do que provável que meu antepassado, Petyr van Abel, tivesse sido um deles.

- Ah, é verdade, Julien, você sabe mais do que eu imaginava. Agora, venha. Gostaria de conversar com você.

- Já eu não tenho tanta certeza. Por que eu deveria ir?

De imediato senti o ar se movimentar à minha volta, aquecendo-se, e de repente uma rajada de vento varreu a igreja, fazendo com que as portas batessem e surpreendendo tanto o homem que ele ficou olhando ao redor, assustado.

- Pensei que você quisesse saber o que eu sei - disse eu. - Agora parece estar com medo.

- Julien Mayfair, você não sabe o que faz.

- Mas você sabe, é o que devo supor?

O vento ficou mais forte e abriu as portas com violência, deixando entrar uma torrente da feia luz do dia entre as imagens empoeiradas e as madeiras entalhadas, em meio às sombras santificadas do lugar.

O homem recuou. Fixou o olhar no altar distante. Eu senti o ar que se concentrava. Senti o vento que aumentava sua velocidade e rolava na direção do homem. Eu sabia que o vento lhe daria um belo golpe, e foi o que aconteceu.

Ele caiu estatelado no piso de mármore, procurando rapidamente ficar em pé e se afastar de mim. Escorria sangue do seu nariz, pelos seus lábios e pelo queixo e ele procurou enxugá-lo com um lenço finíssimo.

Mas o vento não havia terminado. A igreja agora estava emitindo um ronco baixo, como se a terra ali embaixo estivesse tremendo.

O homem saiu apressado da igreja. Desapareceu. O vento se acalmou. O ar ficou imóvel, como se nada houvesse acontecido por ali. As sombras foram se fechando sobre a nave. O sol empoeirado só entrava agora pelas janelas.

Sentei-me novamente e fiquei olhando novamente para o altar.

- Pois bem, espírito?

A voz secreta de Lasher falou comigo, do vazio e do silêncio.

- Prefiro que esses estudiosos não se aproximem de você. Prefiro que não se aproximem das minhas bruxas.

- Mas eles o conhecem, não é? Eles estiveram no vale. Conhecem você. Meu antepassado Petyr van Abel...

- É, é e é. Já lhe disse que o passado não é nada.

- Não há nenhum poder no conhecimento! Então por que você expulsou o estudioso? Espírito, devo lhe dizer que tudo isso me parece extremamente suspeito.

- Pelo futuro, Julien. Pelo futuro.

- Ah, e isso quer dizer que o que eu descobri pode impedir o que você vê no futuro.



- Você está velho, Julien, e me foi muito útil. Você ainda me será útil. Eu o amo, Julien. Mas não aceitarei que você fale com os homens da Talamasca, jamais, em tempo algum, nem aceitarei que eles perturbem Mary Beth ou qualquer outra das minhas bruxas.

- Mas o que eles querem? Qual é seu interesse? O velho professor em Edimburgo me disse que eles se interessavam por antiguidades.

- Eles mentem. Dizem que são estudiosos e apenas isso. Mas abrigam um segredo horrendo, e eu sei qual é. Não quero que se aproximem de você.

- Quer dizer que você os conhece como eles o conhecem?

- Isso mesmo. Eles sentem uma atração irresistível por mistérios. Mas mentem. Eles querem usar seu conhecimento para seus próprios objetivos. Não lhes conte nada. Lembre-se do que lhe digo. Eles mentem. Proteja o clã desses homens.

Concordei. Saí dali. Subi até meus aposentos e abri meu grande caderno, o livro do clã e de Lasher.

"Espírito, não sei se você consegue ler estas palavras, quer esteja aqui quer não, ou mesmo se foi proteger sua bruxa. Não sei nada disso. Mas uma coisa eu me pergunto. Se você de fato temesse esses estudiosos, como diz, se você de fato quisesse impedir seu acesso a nós, por que em nome de Deus você lhes deu uma tamanha demonstração de poder? Por que revelou sua presença e força inquestionáveis àquele homem, como raramente chegou a mostrar a outras pessoas? E logo a ele, um estudioso que já foi ao Vale de Donelaith, que sabe alguma coisa a seu respeito? Ah, espírito vaidoso e infantil, eu gostaria de me livrar de você."

Fechei o Caderno.

Mais tarde naquela semana, quando Mary Beth voltou à nossa residência, imersa no triunfo de ser mãe e começou a fazer compras em todas as lojas para bebês de Londres, à procura de rendas, bugigangas e quinquilharias, eu fui fazer meu próprio estudo histórico daquela Ordem misteriosa.

A Talamasca.

Na verdade, não foi nenhuma tarefa simples. As menções eram menos freqüentes do que as feitas a Santo Ashlar e indagações junto aos professores de Cambridge me deram apenas sugestões vagas: antiquários, colecionadores, historiadores.

Eu sabia que aquela não podia ser a totalidade do quadro. Eu me lembrava com extrema nitidez do jovem de olhos cinzentos e do seu modo de agir. Eu me lembrava bem demais do seu medo quando o vento o derrubou.

Afinal, descobri a casa-matriz local, mas foi-me impossível uma aproximação. Cheguei até a entrada do parque. Vi as chaminés e janelas altas. Mas o espírito se postou entre mim e a casa.

- Julien, afaste-se. Estes homens são maus. Esses homens destruirão sua família. Julien, volte. Julien, volte. Julien, você precisa fazer uma bruxa com Mary Beth. Você tem seu objetivo. Eu vejo longe e cada vez com maior clareza.

A batalha seria simplesmente demasiada para mim. Percebi que Lasher havia permitido que eu conseguisse obter os poucos conhecimentos que eu tinha obtido sobre a Talamasca porque eles não significavam nada. Qualquer coisa além disso, ele impediria.

Tudo isso escrevi no meu caderno. Mas a essa altura eu já nutria fortes suspeitas dessa ordem.

E agora deixe-me concluir minha história, deixe-me lhe falar sucintamente daqueles últimos anos e de mais uma informação que obtive, com a qual você agora deve se armar. Não é grande coisa, só o que eu imagino que você tenha chegado a suspeitar, que você não deverá confiar em mais ninguém, em ninguém a não ser no seu próprio eu, para destruir esse ser, e destruir Lasher é sua obrigação. Agora ele está na carne. Ele tem condições de ser morto. Ele pode ser expulso. E para onde irá então, e de onde voltará, quem sabe a não ser Deus? Mas você pode dar um fim à sua tirania aqui, um fim a todo esse horror.

Depois que voltei para casa, insisti com Mary Beth para que se casasse com Daniel McIntyre, um dos meus próprios amantes e homem de um charme imenso, de quem ela muito gostava, enquanto Lasher me instigava a procriar com

ela. Seu primeiro filho com Daniel revelou-se uma menina cruel e obstinada, chamada Carlotta, que desde o início foi de uma rígida mentalidade católica.

Era como se os anjos se tivessem apossado de Carlotta ao nascer. Gostaria que a tivessem levado direto para o paraíso. Lasher não largava do meu pé para que eu fosse o pai de uma outra filha.

Mas nós estávamos em outros tempos. Tempos modernos. Você não pode imaginar o impacto das mudanças ao nosso redor. E Mary Beth havia sido tão forte na sua determinação, tão bem sucedida, que a imensa realidade concreta da família parecia ser tudo.

O conhecimento de Lasher ela guardava consigo, e me ordenou que não mostrasse meus livros a ninguém. Lasher ela transformaria num fantasma e numa lenda. Insignificante, portanto, mesmo entre nossos próprios parentes, que estavam agora completamente isolados de todos os segredos.

Afinal, quando ela dera à luz dois filhos de Daniel, nenhum dos quais serviria, já que o segundo, Leonel, era menino e ainda mais inadequado do que Carlotta, fiz o que ela queria que eu fizesse e o que Lasher queria que eu fizesse.

E dessa união, de um velho e sua filha, nasceu minha linda Stella.

Stella era a bruxa, ela via Lasher. Seus dons eram enormes, sim, mas desde a tenra infância ela demonstrava um amor pelo prazer que superava qualquer outra paixão. Era despreocupada, travessa, alegre. Adorava cantar e dançar. E houve ocasiões na minha velhice em que eu me perguntava como Stella chegaria um dia a suportar a carga dos segredos e se ela não havia sido criada apenas para me dar felicidade.

Stella, minha linda Stella. Ela portava os segredos como se eles fossem véus diáfanos que ela pudesse arrancar à vontade. No entanto, não demonstrava nenhum sinal de loucura, e isso bastava para Mary Beth. Essa era a sua herdeira, essa era a ligação de Lasher com a bruxa que um dia lhe daria a vida novamente.

Eu já estava tão velho na virada do século!

Ainda seguia a cavalo pelo canteiro central de St. Charles Avenue. Em Audubon Park, eu costumava desmontar e caminhar com o cavalo às margens da

lagoa, olhando para as fachadas imponentes das universidades. Tudo mudado, tudo mudado. O mundo inteiro mudava. Não existia mais o paraíso pastoral de Riverbend, não existiam mais aqueles que praticavam a bruxaria com cânticos, velas e feitiços. Nunca mais.

Apenas uma família enorme e rica, uma família que ninguém ousava desafiar, na qual a história havia sido relegada a lendas narradas junto à lareira para fascinar crianças.

É claro que apreciei aqueles anos. Gostei mesmo. Ninguém nesta longa linhagem da família Mayfair jamais prosperou mais do que eu. Eu nunca trabalhei com o afinco de Mary Beth. Nunca me dediquei pessoalmente a tantas pessoas.

Fundi de fato a firma, Mayfair & Mayfair, com meus filhos, Cortland, Barclay e Garland. Mary Beth e eu cooperávamos nesse ponto, à medida que o legado assumia uma forma cada vez mais voltada para o lado legal. Mas eu me deleitava de prazer.

Quando não estava batendo papo, feliz, com meus filhos e suas mulheres, brincando com meus netos, ou rindo de Stella, eu estava para os lados de Storyville, o notável bairro de prostituição daquela época, e dormia com as melhores das mulheres. E, embora Mary Beth, a mãe zelosa de três crianças, não saísse mais para a farra comigo, eu levava meus jovens amantes e tinha o prazer duplo das mulheres e dos meus rapazes com elas.

Ah, Storyville! Essa é outra história fantástica, como que uma experiência que não deu certo, parte da nossa história maior. Mas precisamos passar por cima disso também.

Durante aqueles anos, menti para os meus filhos. Menti para eles quanto aos meus pecados, minha devassidão, meus poderes, quanto a Mary Beth e à sua Stella. Procurei voltar os seus olhos para o mundo, para o lado prático, para verdades na natureza e nos livros, que eu aprendera quando era tão pequeno.

Não ousei transmitir para eles meus segredos. Além disso, quando foram chegando à idade adulta, percebi que nenhum deles era adequado para receber esse conhecimento. Eles eram tão sólidos, os meus meninos, tão bons. Tão

dedicados a fazer dinheiro e a promover a família. Eu havia criado neles três instrumentos do meu lado bom. Não ousei confiar a eles o meu lado mau. E cada vez que eu procurava dizer qualquer coisa a Stella, ela adormecia ou começava a rir.

- Você não precisa me apavorar com tudo isso - disse ela uma vez. - Mamãe me contou suas fantasias e sonhos. Lasher é meu espírito amado e me obedecerá sempre. Isso é o que importa. Sabe, Julien, não é pouca coisa ter-se um fantasma da nossa própria família.

Fiquei estupefato. Essa era uma moça dos tempos modernos. Ela não sabia o que estava dizendo! Ah, Ter vivido tanto para ver a verdade reduzida a isso:

Carlotta, a mais velha, um monstro de perversidade e excesso de organização, e essa criança cintilante, que achava deliciosa aquela história toda, embora visse o espírito com seus próprios olhos! Estou ficando louco, pensei.

Mesmo continuando a viver no conforto e no luxo, mesmo passando meus dias a provar os prazeres da nova era, a dirigir meu automóvel, a ouvir minha vitrola, a ler, eu temia o futuro.

Eu sabia que o espírito era perverso. Eu sabia que ele mentia. Eu sabia que ele era um mistério letal. E temia aqueles estudiosos de Amsterdã. Temia aquele homem que falara tão pouco comigo na igreja.

E, quando meu professor me escreveu de Edimburgo, dizendo que a Talamasca o importunara para ver as cartas que ele me escrevia, eu imediatamente o adverti no sentido de não revelar nada. Por esse motivo, dobrei sua remuneração. Ele me tranqüilizou. E eu nunca duvidei da sua palavra.

A conduta daqueles intelectuais não fazia sentido, você entende? Da mesma forma que a conduta do espírito diante deles. Por que o homem havia sido tão ameaçador comigo? E por que o espírito decidira se exhibir tanto? Eu pressentia algo de política naquilo tudo. E me perguntava se o espírito não apreciaria provocar aqueles homens, ou se era pura infantilidade.

Afinal, nos meus últimos anos de vida, retirei-me para o quarto do sótão e levei comigo uma das mais esplêndidas de todas as novas invenções, a vitrola portátil, de corda. Não sei lhe dizer o prazer que esses objetos nos davam, o de poder ouvir a música de todos aqueles discos antigos. Sair para o gramado com a caixa e tocar uma ária de uma ópera.

Eu adorava. E é claro que, quando a música tocava, Lasher não conseguia entrar na minha cabeça, embora, fosse como fosse, ele fizesse isso cada vez menos.

Ele dispunha tanto de Mary Beth quanto da pequena Stella para contentá-lo. E as duas ele adorava de modos diferentes, extraindo sua força delas e passando de um lado para o outro entre as duas. Na realidade, seus momentos mais felizes ocorriam quando estava com a mãe e a filha juntas.

A essa altura, eu já não tinha nenhuma necessidade de Lasher. Absolutamente nenhuma. Eu escrevia nos meus cadernos e os guardava debaixo da minha cama. Eu tinha meu amante, Richard Llewellyn, um rapaz encantador que adorava o chão em que eu pisava e sempre foi uma companhia agradável para mim, a quem nunca ousei fazer confidências, para garantir sua própria segurança.

Minha vida era rica em outros sentidos. Meu sobrinho Clay vivia conosco na época, a filha de Rémy, Millie, e meus filhos cresciam fortes e saudáveis e passos estavam sendo dados para firmar o consultório de advocacia de Mayfair & Mayfair, ou pelo menos seu embrião, que viria a controlar todas as empresas da família.

Afinal, quando Carlotta estava com doze anos, procurei confiar nela. Procurei contar-lhe a história inteira. Mostrei-lhe os cadernos. Procurei avisá-la do perigo. Disse-lhe que Stella herdaria a esmeralda e seria a queridinha do espírito. Conte-lhe como o espírito era cheio de malícia e que ele era um fantasma, que havia vivido antes e que voltar a viver era seu único objetivo.

Jamais me esquecerei da sua reação, dos palavrões que lançou sobre mim, das maldições.

- Demônio, bruxo, feiticeiro. Eu sempre soube que esse mal vivia nas sombras por aqui. Agora você lhe dá um nome e uma história.

Ela recorrerá à igreja católica para destruir a criatura. Recorrerá "ao poder de Cristo, da sua Santa Mãe e dos outros santos". Travamos uma terrível batalha verbal.

- Você não vê - exclamei eu - que isso não é nada mais do que uma outra forma de feitiçaria?

- E o que você me ensina, seu velho perverso? Que eu devo lidar com demônios? Que para derrotá-lo, eu preciso conhecê-lo? Eu o eliminarei da face da terra. Eliminarei a própria linhagem! - gritou ela. - Espere e verá. Deixarei o legado sem uma herdeira. Verei o fim dessa história.

Eu estava em desespero. Implorei-lhe que me ouvisse, que aperfeiçoasse suas idéias, que aceitasse conselhos e que não acreditasse na possibilidade de uma coisa dessas. Éramos agora uma família imensa! Mas ela havia tomado todos esses mistérios, pisado sobre eles com sua bota católica, e confiava apenas em que seu rosário e suas missas a salvariam.

Mais tarde, Mary Beth me disse para não dar absolutamente nenhuma importância às suas palavras.

- Ela é uma criança tristonha - disse ela. - Eu não a amo. Tentei amá-la, mas não consegui. Amo Stella. E Carlotta sabe disso e sabe que não herdará a esmeralda. Ela sempre soube, e é uma pessoa moldada no ódio e na inveja.

- Mas ela é que tem cérebro, será que você não entende? Não Stella. Adoro Stella também, mas Carlotta é a que tem inteligência.

- O que está feito está feito, e isso já há muitos anos - disse Mary Beth. - A alma de Carlotta está fechada para mim. Ela está fechada para ele, e ele não a tolerará aqui a não ser como uma peça para servir à família, nas sombras.

- Ah, mas você vê como ele controla as coisas agora. Como Carlotta pode ser útil à família? Como é que aqueles estudiosos de Amsterdã nos servem? Aí está uma coisa que preciso desenredar. Essa criatura pode matar aqueles que ela não quiser que vivam.

- Você está simplesmente pensando demais para um velho da sua idade. Não dorme o suficiente. Intelectuais de Amsterdã, o que é tudo isso? Quem se importa com gente que fala de nós e diz que somos bruxos? Nós somos, e aí está nossa força. Você procura pôr tudo isso em alguma ordem lógica. Não existe nenhuma ordem.

- Você está errada - disse eu. - Está enganada.

Cada vez que eu olhava nos olhos inocentes de Stella, eu percebia que não podia passar para ela todo o peso do que eu sabia. E vê-la brincar com o colar da esmeralda fazia com que eu tivesse calafrios.

Mostrei-lhe onde havia escondido meus cadernos, debaixo da cama.

Disse-lhe que um dia ela deveria ler tudo que estava ali. Falei-lhe do mistério da Talamasca, os intelectuais de Amsterdã que sabiam da existência da criatura, mas aqueles homens poderiam ser muito perigosos para nós. Não se devia brincar com aqueles, com esses homens. Ensinei-a a distrair a atenção de Lasher.

Descrevi sua vaidade. Contei-lhe o que pude. Mas não toda a história.

Esse foi o horror. Apenas Mary Beth conhecia a história inteira. E Mary Beth havia mudado com o passar ao tempo. Mary Beth era uma mulher do século XX. Mesmo assim, Mary Beth ensinou a Stella o que achava que a menina deveria saber. Mary Beth deu-lhe as bonecas das bruxas para brincar! Mary Beth deu-lhe uma boneca feita da pele, das unhas e dos ossos de minha mãe; e uma outra de Katherine.

Um dia, desci a escada e vi Stella empoleirada na beirada da cama, com as pernas rosadas cruzadas, segurando essas duas bonecas e criando uma conversa entre elas.

- Isso é uma baboseira, uma imbecilidade! - protestei, mas Mary Beth me afastou.

- Ora, Julien, ela precisa saber quem ela é. É um antigo costume.

- Não significa nada.



Mas eu estava gastando meu latim. Mary Beth estava no seu apogeu. Eu, a um passo da morte.

Ah, naquela noite fiquei deitado na cama, sem conseguir me livrar da imagem da menina com aquelas bonecas inúteis, pensando num meio de separar o real do irreal e dar a Stella algum conselho sobre o que poderia dar errado com o espírito. O que me prejudicava também era a natureza inflexível de Carlotta.

Carlotta fazia advertências, e eu também. E Stella não dava ouvidos a nenhum dos dois! Afinal, adormeci, um sono profundo, e naquela noite sonhei mais uma vez com Donnelaith e com a catedral.

Acordei para uma descoberta terrível. Mas não imediata.

Sentei-me na cama, tomei meu chocolate, li algum tempo, um pouco de Shakespeare, creio eu, pois um dos meus meninos me chamara a atenção não muito tempo atrás para o fato de eu nunca ter lido uma das peças, ah, sim, A tempestade. Seja como for, li uns trechos dela, gostei muito e a considerei profunda tanto quanto as tragédias são profundas, só com a diferença do ritmo e das regras características. Chegou, então, a hora de escrever.

Desci da cama, ajoelhei-me e estendi a mão para apanhar os cadernos. Eles haviam desaparecido. O espaço ali estava vazio.

Num instante horrendo, eu soube que haviam desaparecido para sempre.

Ninguém nesta casa mexia nas minhas coisas. Só uma pessoa teria tido a ousadia de vir à noite até os meus aposentos para apanhar aqueles cadernos. Mary Beth. E, se Mary Beth os apanhara, eles não mais existiam.

Desci correndo as escadas, quase caindo. Na realidade, estava tão ofegante quando cheguei às janelas da casa para o jardim que sentia uma dor no meu lado e na minha cabeça e tive de chamar os criados para que me ajudassem.

Então o próprio Lasher veio me envolver e me sustentar.

- Acalme-se, Julien - disse ele, com sua voz suave. - Sempre fui bom para você. Mas eu já havia visto pelas janelas laterais uma fogueira que ardia no canto mais distante do quintal, afastado da rua, e a figura de Mary Beth a lançar ao fogo um objeto após o outro.

- Faça com que ela pare - sussurrei. Eu mal conseguia respirar. A criatura estava invisível, embora me envolvesse todo e me sustentasse.

- Julien, eu lhe imploro. Não leve isso adiante.

Fiquei ali parado, procurando não desmaiar de fraqueza, e vi as pilhas de livros no gramado, os velhos quadros, pinturas de Saint-Domingue, antigos retratos de antepassados desde o início. Vi os registros de contabilidade, livros razão e maços de papel do antigo gabinete de minha mãe, as bobagens que ela havia escrito. E as cartas de Edimburgo, todas amarradas em maços. E os meus cadernos, isso mesmo, restava um, e esse ela estava jogando ao fogo no instante em que a chamei !

Recorri a todas as minhas forças para segurá-lo. Ela girou como se tivesse sido apanhada por um gancho, com o livro ainda entre os dedos e, enquanto me olhava, atordoada e confusa com a força que lhe segurava a mão, o vento ficou mais forte, pegou o livro e o fez girar e cair afinal nas chamas!

Eu não conseguia respirar. Minhas maldições não tinham sílabas. O pior tipo de maldição. Tudo ficou negro. Quando despertei, estava no meu quarto. Estava na cama, e Richard, meu querido amigo, estava comigo. Também Stella estava ali , segurando minha mão.

- Mamãe teve de queimar toda aquela velharia - disse ela.

Não respondi. O fato era que eu havia sofrido um derrame muito leve e fiquei algum tempo sem poder falar, mas eu mesmo não sabia. Imaginava que o meu silêncio mágico fosse por opção. Foi só no dia seguinte, quando Mary Beth veio me ver, que eu percebi que minha fala estava arrastada e que eu não conseguia encontrar as palavras exatas que preferia usar para lhe falar da minha raiva.

Era tarde da noite e, quando ela viu meu estado, ficou extremamente aflita e mandou chamar Richard imediatamente, como se tudo fosse culpa dele. Ele veio e os dois juntos me ajudaram a descer a escada, como se fosse para dizer que, se eu tive condições de sair da cama e andar, eu não podia morrer naquela noite.

Sentei-me no sofá na sala de estar.

Ai, como eu adorava aquele longo salão duplo. Eu o adorava como você o adora, Michael. Era para mim um consolo estar ali, diante das janelas que davam para o gramado, agora sem nenhum resquício da fogueira brutal à vista.

Durante longas horas, Mary Beth falou. Stella ia e vinha. O ponto principal era que meu tempo e meus modos de agir já estavam ultrapassados.

- Estamos entrando numa era - disse Mary Beth - na qual a própria ciência pode conhecer o nome desse espírito, na qual a ciência nos dirá o que ele é. - E assim prosseguia infindavelmente, falando de espíritas, médiuns, sessões e guias, bem como do estudo científico do oculto e de coisas como o ectoplasma.

Fiquei revoltado. Ectoplasma, aquilo com que os médiuns fazem com que seus espíritos se materializem? Nem respondi. Estava em profundo desespero.

Stella aconchegou-se a mim, segurou minha mão e afinal falou.

- Mamãe, por favor cale a boca. Ele não está ouvindo nada do que você diz, e você o está deixando chateado.

Não disse nada, nem contra nem a favor.

- Eu vejo longe – disse Mary Beth. – Vejo um futuro no qual nossos pensamentos e palavras não terão importância. Vejo no nosso clã nossa imortalidade. Não será durante nossas vidas, de nenhum de nós três, que Lasher alcançará sua vitória final. Mas ela chegará, e ninguém tirará tanto proveito dela quanto nós. Nós seremos as matrizes dessa prosperidade.

- Tudo esperança e otimismo - disse eu, com um suspiro. - E o que dizer do vale? O que dizer do espírito vingativo? E os ferimentos sofridos em tempos remotos, dos quais sua consciência nunca se curou! Essa criatura foi boa. Eu senti sua bondade. Mas agora ele é do mal!

E então voltei a passar mal, muito mal. Trouxeram-me meus travesseiros e cobertas ali para baixo. Eu só conseguiria subir a escada de novo no dia seguinte, e ainda não estava decidido a fazê-lo quando algo desviou meu pensamento uma última vez, com esperança, e isso foi com uma confiante final e indefesa.

Tudo começou da seguinte forma.

Enquanto eu estava deitado no sofá no calor do dia, sentindo a brisa do rio entrar pelas janelas laterais e procurando não sentir o menor resquício daquela fogueira na qual tanto havia sido queimado, ouvi Carlotta que discutia, com sua voz grave e ácida ficando cada vez mais feroz à medida que censurava a mãe.

Ela, afinal, entrou no salão e me lançou um olhar furioso. Era uma menina magra e alta, de seus quinze anos, creio eu. Embora eu não me lembre da sua verdadeira data de aniversário. Recordo-me, porém, que ela não era assim tão terrivelmente desprovida de atrativos, pois tinha o cabelo sedoso e o que chamamos de olhos inteligentes.

Eu não disse nada, por ser minha política a de não ser grosseiro com crianças, por mais grosseiras que essas crianças fossem comigo. Não lhe dei atenção.

- E você fica preocupado com aquela fogueira - disse ela, com uma atitude fria, cheia de razão - enquanto deixa que eles façam o que fizeram com aquela criança. E você sabe que é por medo de mamãe. De você e de mamãe.

- Do que você está falando? Que criança?

Mas ela já não estava mais ali, furiosa, desesperada, afastando-se com passos raivosos. Logo, porém, Stella apareceu, e eu lhe disse todas essas palavras.

- Stella, o que tudo isso significa? Do que ela está falando?

- Ela ousou lhe dizer isso? Ela sabia que você estava doente. Ela sabia que você e mamãe haviam brigado. - Lágrimas subiram aos olhos de Stella. - Não é nada que nos interesse. São só aqueles parentes de Fontevrault e toda a sua loucura. Você sabe, o pessoal de Amelia Street. Aqueles zumbis.

É claro que eu sabia de quem ela estava falando, os Mayfair de Fontevrault eram descendentes do meu primo Augustin, cuja vida eu tirara quando tinha apenas quinze anos com um tiro de pistola. Sua mulher e filhos haviam baseado essa linhagem em Fontevrault, como eu lhe disse, sua própria fazenda magnífica na região do Bayou a quilômetros de nós, e só de vez em quando, nas maiores das reuniões da família, eles se dignavam a vir nos ver. Nós visitávamos

seus enfermos. Nós os ajudávamos a enterrar seus mortos. Eles faziam o mesmo por nós, mas ao longo dos anos a situação pouco se amenizara.

Alguns deles, o velho Tobias e seu filho Walker, creio eu, construíram uma bela casa em St. Charles Avenue, na esquina de Amélia Street, a apenas quinze quarteirões da nossa, e eu observara com interesse sua construção. Toda uma turma deles morava lá agora, velhos e velhas que sentiam um desprezo pessoal por mim, todos eles. Tobias Mayfair era um velho fraco e tolo que já havia vivido além da conta, exatamente como eu, e era o homem mais rancoroso que um dia conheci, culpando-me durante toda a sua vida por tudo.

Os outros não eram tão maus assim. É claro que eram ricos, tendo participação nas empresas da família conosco, embora não tivessem nenhuma necessidade direta de nós. E Mary Beth, com suas enormes festas para a família, os vinha atraindo para o nosso seio, especialmente os mais jovens. Sempre houvera alguns primos malfadados que se casavam com primas do outro lado da linha divisória, ou fosse lá o que fosse. Tobias, cheio de ódio, chamava a cerimônia desses casamentos de danças sobre o túmulo de Augustin. E agora que se sabia que Mary Beth desejava reunir todos os primos no seio da família, dizia-se que Tobias a amaldiçoava.

Eu poderia lhe contar muitas histórias divertidas sobre ele e todas as suas tentativas para me matar. Mas agora isso não importa. Eu quis saber do que Stella estava falando, o que Carlotta queria dizer. O que significava todo aquele veneno?

- E então o que os filhos de Augustin fizeram agora? - perguntei, pois era assim que eu sempre os chamei, a todos aqueles loucos.

- Rapunzel, Rapunzel - disse Stella. - É essa a razão de tudo isso. Jogue as suas tranças ou passe o resto da vida no sótão. Ela recitou mesmo essas palavras, em tom alegre. - É a prima Evelyn, é o que quero dizer, meu querido. E todos dizem que ela é filha de Cortland.

- O que você está dizendo? Está se referindo ao meu filho Cortland? Você está dizendo que ele engravidou uma das mulheres de lá? Daqueles parentes?

- Há treze anos, Cortland foi escondido até Fontevrault, bêbado, e engravidou Barbara Ann, para ser exata. Você sabe, a filha de Walker. A criança foi Evelyn, você sabe, você deve se lembrar. Barbara Ann morreu quando Evelyn nasceu. Bem, imagine só, querido. Evelyn é bruxa, uma bruxa mais poderosa do que jamais existiu, e ela prevê o futuro.

- Quem disse isso?

- Todo mundo. Ela tem o sexto dedo! Tem os sinais, meu querido, e é decididamente estranha além do que se possa imaginar. E Tobias a trancou dentro de casa receando que mamãe a mate! Imagine só! Que você e mamãe irão fazer mal à menina. Ora, você é avô da menina! Cortland admitiu isso para mim, mas ele me fez jurar que nunca lhe contaria. "Você sabe como papai odeia aquele pessoal de Fontevrault", disse ele. "E o que eu posso fazer de bom à menina se todos na casa me detestam?"

- Espere um pouquinho, minha filha. Vá mais devagar. Você está querendo dizer que Cortland se aproveitou daquela pateta da Barbara Ann, que morreu durante o parto, e que ele abandonou o bebê?

- Ele nunca se aproveitou dela – disse Stella. – Ela também vivia presa num sótão. Duvido que ele tenha visto algum outro ser humano antes de Cortland subir lá para conhecer com seus próprios olhos a pobre prisioneira, E eu não sei o que aconteceu. Eu mal havia nascido na época, sabe? Mas não vá ficar zangado com Cortland. Cortland, de todos os seus filhos, o adora. E ele vai se zangar comigo, e isso nunca mais vai parar. Esqueça.

- Esquecer! Eu tenho uma neta trancada num sótão a quinze quarteirões daqui? Pois sim que eu vou esquecer! O nome dela é Evelyn? Ela é filha daquela pobre idiota da Barbara Ann! É isso o que você está me dizendo? E aquele monstro do Tobias a mantém trancada? Não é de admirar que Carlotta esteja fora de si. Ela tem razão. É uma atrocidade, toda essa história!

Stella saltou da cadeira, batendo palmas.

- Mamãe, mamãe - gritou. - Tio Julien ficou bom. Não está mais com derrame. Voltou a ser ele mesmo! Nós vamos até Amélia Street.

É claro que Mary Beth veio correndo.

- Carlotta lhe falou da menina? Não se meta no assunto.

- Não se meta no assunto! - Eu estava irado.

- Ora, mamãe, vamos, você é pior do que a rainha Elizabeth temendo o poder da prima pobre, Mary, rainha dos escoceses. Essa menina não pode nos prejudicar! Ela não é nenhuma rainha Mary.

- Eu não disse que ela era, Stella - retrucou Mary Beth, imperturbável e muito calma como sempre. - Não tenho medo da criança, por mais poderosa que possa ser. Sinto só pena dela. - Ela estava em pé, imponente diante de mim. Eu, sentado no sofá, estava resolvido a me mexer, mas ainda estava curioso por saber mais antes disso.

- Foi Carlotta quem começou tudo, fazendo uma visita à casa deles. A menina se esconde no sótão.

- Não se esconde, não. Ela fica trancada lá dentro!

- Stella, cale a boca! Seja bruxa, mas não seja desagradável, pelo amor de Deus.

- Mamãe, ela nunca saiu daquela casa a vida inteira, o mesmo que aconteceu com Barbara Ann! Pelo mesmo motivo. Há muitos dons para a feitiçaria naquela família, onde Julien. Dizem que Barbara Ann era meio biruta, mas essa menina tem o sangue de Cortland também, e ela prevê o futuro.

- Ninguém prevê o futuro de verdade - contestou Mary Beth. - E ninguém deveria querer prevê-lo. Julien, a menina é esquisita. Ela é tímida. Ouve vozes. Vê fantasmas. Nada de novo. Sua mente é mais deformada ou isolada do que a da maioria porque ela foi criada por velhos.

- Cortland, como ele ousou não me contar isso! - disse eu.

- Ele não teve coragem - disse Mary Beth. - Não queria magoá-lo.

- Ele não liga para nada - disse eu. - Que vá para o inferno por deixar uma filhinha com aqueles primos! E foi Carlotta quem foi até a casa, quem esteve sob o teto de Tobias, Tobias, que sempre me chamou de assassino.

- Tio Julien, você é um assassino - disse Stella.

- Cale a boca de uma vez - ordenou Mary Beth.

Stella ficou amuada, o que representava pelo menos uma vitória temporária.

- Carlotta foi lá perguntar à menina o que ela via, pedir-lhe que fizesse previsões, o que há de mais perigoso. Eu proibi, mas ela foi. Ela ouvira dizer que essa menina tinha mais poder do que qualquer outra pessoa da família.

- Essa é uma alegação muito fácil de se fazer - disse eu, com um suspiro.  
- Mais poder do que qualquer outra pessoa. Houve uma época em que eu próprio me vangloriei disso, num mundo remoto de cavalos e carruagens, escravos e um país pacífico. Mais poder.

- Ah, mas você sabe que nisso há algo de novo. Essa menina tem muitíssimos antepassados na família Mayfair. Quando o sangue de Cortland foi acrescentado, o número ficou fantástico!

- Compreendo - disse eu. - Barbara Ann era filha de Walker e Sarah, os dois de sobrenome Mayfair. E Sarah era filha de Aaron e Melissa Mayfair.

- Isso mesmo, e isso vai longe no passado. E difícil encontrar um ancestral dessa menina que não seja de sangue Mayfair.

- Agora, aí você tem razão - disse eu. E então quis meus cadernos. Quis anotar tudo isso, registrar e refletir. E, quando me lembrei com uma dor surda que todos os meus cadernos haviam sido queimados, senti um tamanho amargor. Calei-me e fiquei ouvindo as duas a tagarelar.

- A menina não prevê o futuro mais do que qualquer outra pessoa - insistiu Mary Beth, vindo sentar-se ao meu lado. - Carlotta foi até lá com o desejo de encontrar uma confirmação de que nós somos amaldiçoados, de que estamos condenados. É isso o que ela gosta de fazer.

- Ela vê probabilidades como todos nós - disse Stella, com um suspiro melodramático. - Ela tem fortes pressentimentos.

- E o que aconteceu?



- Carlotta subiu até o sótão para visitar Evelyn. Foi lá mais de uma vez. Ela agradou a menina, conseguiu atrair sua atenção. E a menina, que quase nunca fala, ou que não fala por anos a fio, fez uma terrível profecia.

- Que foi o que?

- Que todos nós desapareceríamos da face da Terra - disse Stella - perseguidos por aquele que nos criou e que nos sustentou.

Ergui a cabeça e olhei para Mary Beth.

- Julien, isso não faz o menor sentido.

- Foi por isso que você queimou meus cadernos? Foi por isso que você destruiu todo o conhecimento que eu havia adquirido?

- Julien, Julien, você está velho e sonha demais. A menina disse aquilo que lhe traria um presente, talvez, ou aquilo que faria com que Carlotta fosse embora, ao que se sabe. A menina é praticamente muda. Fica sentada à janela o dia inteiro, observando o trânsito em St. Charles Avenue. Ela às vezes canta, ou fala em rimas. Ela não sabe amarrar seus próprios sapatos ou pentear o cabelo.

- E aquele perverso do Tobias não deixa que ela saia - disse Stella.

- Que se danem, já ouvi o suficiente. Mandem que meu carro seja estacionado em frente à casa.

- Você não pode sair dirigindo - disse Mary Beth. - Está muito fraco. Quer ir morrer na escada da frente da casa de Amelia Street? Faça a gentileza de morrer na sua cama, conosco.

- Ainda não estou pronto para morrer, minha filha querida – protestei. - E você diga aos rapazes que tragam o carro agora, ou eu vou até lá a pé. Richard, onde está o Richard? Richard, apanhe roupas limpas para mim, tudo. Vou me trocar na biblioteca. Não posso subir essa escada. Ande. Depressa.

- Ai, você vai realmente deixá-los apavorados – exclamou Stella. - Vão pensar que você veio matá-la.

- Por que eu iria fazer uma coisa dessas? – perguntei.

- Porque ela é mais forte do que nós, será que você não entende? Tio Julien, respeite o legado, como você vive me dizendo para fazer. Ela não tem bases para reivindicar tudo?

- Claro que não - respondi. - Não, enquanto Mary Beth tiver uma filha e Stella, a filha de Mary Beth, tiver a sua própria filha. Não vejo muita chance.

- Bem, eles dizem que há cláusulas relacionadas ao poder e coisa e tal, aos dons para a bruxaria e tudo o mais. E escondem a menina para que não a matemos.

Richard chegara com as minhas roupas. Vesti-me apressadamente e com esmero para aquela visita formal. Mande-i-o buscar meu guarda-pó, já que meu Stutz Bearcat era aberto e as ruas, lamacentas, meus óculos de proteção e minhas luvas, pedindo-lhe mais uma vez que se apressasse.

- Você não pode ir até lá - disse Mary Beth. - Você vai apavorá-lo e à menina também.

- Se ela é minha neta, vou buscá-la.

Saí furioso para a varanda da frente. Estava me sentindo em perfeita condições, embora só eu percebesse um defeito ínfimo. Eu não conseguia controlar totalmente os movimentos do meu pé esquerdo. Ele se recusava a se curvar e se erguer adequadamente quando eu andava, e por isso eu oarrasta um pouco. Mas eles não perceberam, que se danassem. Eles não souberam. A morte me dera um beliscão. A morte estava vindo. Mas eu disse a mim mesmo que podia viver ainda mais dez anos com essa pequena fraqueza.

Quando desci a escada da frente e fiz com que os rapazes me ajudassem a entrar no carro, Stella veio se jogar no meu colo, quase me castrando e me matando ao mesmo tempo. E então, das sombras dos carvalhos, surgiu Carlotta.

- Vai ajudá-la?

- Claro que vou - disse eu. - Vou tirá-la de lá. É horrível, uma coisa horrível. Por que você não me falou antes?

- Não sei - respondeu Carlotta, com o rosto abatido e a cabeça baixa. - Eram terríveis as coisas que ela disse ver.

- Você não presta atenção às pessoas certas. Vamos, Richard, ande!

E lá fomos nós, com Richard dirigindo feito um louco pela St. Charles Avenue, fazendo saltar lama e cascalho e afinal subindo o direto no meio fio com aquele seu jeito descuidado de motorista amador, na esquina de ST. Charles e Amélia.

- Isso eu preciso ver com os meus próprios olhos, essa criança no sótão - resmunguei. Eu estava uma fúria. - E vou esganar Cortland da próxima vez que ele ousar aparecer diante de mim.

Stella me ajudou a descer do carro e começou a dar pulinhos de empolgação. Esse era um dos seus hábitos mais enternecedores ou irritantes, dependendo de como o observador estivesse se sentindo.

- Olhe, Julien, querido - exclamou ela. - Lá em cima, na janela do sótão. Ora, você sem dúvida já viu essa casa. Ela hoje continua tão sólida quanto a de First Street.

E é claro que eu também a havia visto, como lhe disse, mas nunca pusera os pés nela. Eu nem tinha certeza de quantos parentes moravam ali. Ela era, na minha opinião, uma casa pretensiosa, no estilo italiano, muito imponente e muito bonita. Era toda de madeira, mas construída de modo a que parecesse de pedra, como a nossa. Tinha colunas na frente, dóricas no térreo e coríntias no piso superior, com uma grande porta reentrante, e mais para os fundos alas octogonais que se projetavam dos dois lados. Em toda a casa, as janelas eram arredondadas, ao estilo italiano. Ela era volumosa, sólida, porém graciosa. Não era uma casa assim tão ruim, embora não fosse tão pura e antiga quanto a nossa.

E imediatamente, como Stella indicara, dei uma espiada na janela do sótão.

Era uma água-furtada, bem no centro, acima do pórtico, e eu juro que pude sentir a pulsação da menina que estava me olhando através da vidraça. Um vislumbre de rosto pálido, uma sombra de cabelo. E depois nada, a não ser o reflexo do sol na vidraça.

- Ah, lá está ela, a pobrezinha da Rapunzel - exclamou Stella, acenando animada, embora a menina tivesse desaparecido. - Ah, Evie, viemos salvá-la.

E então saíram, violentos, para o pátio Tobias e seu filho Oliver, irmão mais novo de Walker, e um perfeito pateta, se algum dia existiu um. Era quase impossível à primeira vista dizer qual dos dois era quem, e qual dos dois estava mais fraco.

- Por que trancaram a menina no sótão? - disse eu. - E essa menina é filha mesmo de Cortland, ou essa é outra mentira infundada que vocês inventaram para abalar e atormentar a família?

- Seu canalha miserável - protestou Tobias, dando um passo à frente e quase perdendo o equilíbrio no alto da escada. - Não se aproxime da minha porta. Saia da minha propriedade. Seu filho de Satã. É, foi Cortland quem destruiu minha Barbara Ann. Ela morreu nos meus braços. E foi Cortland, Cortland o responsável. Essa menina é uma bruxa como jamais se verá. E, enquanto eu puder respirar, ela não fará mais nenhuma bruxa de si mesma, de você e de todos os que vieram antes.

Isso era muito mais do que o que eu precisava ouvir. Subi direto a escada, e os dois velhos Idiotas vieram me agredir. Parei e levantei minha voz.

- Venha agora, meu Lasher. Abra caminho para mim.

Os dois homens recuaram apavorados. Stella sufocou um grito de pavor. Mas o vento veio de fato, como sempre viera, quando eu mais precisava dele, quando minha alma e meu orgulho ferido mais precisavam dele e quando eu me sentia mais inseguro quanto a ele. Chegou em rajadas pelo jardim e subiu até o pátio, abrindo à força a porta com um estrondo poderoso.

- Obrigado, espírito – sussurrei. – Por salvar as aparências para mim.

- Eu o amo, Julien. Mas é meu desejo que você saia dessa casa e abandone todos os que estão aqui.

- Isso eu não posso fazer - respondi. Entrei na casa, por um corredor longo, escuro e fresco, entre duas fileiras de portas, com Stella saltitando no piso de tábuas ao meu lado. Os velhos vinham atrás, berrando para alertar as

mulheres e, da longa fileira de portas, saíram numerosas parentes, a guinchando e berrando, uma verdadeira assembléia de galinhas. Lá atrás o vento açoitava os carvalhos. Uma quantidade de folhas espalhadas vinha em rajadas pelo corredor a minha frente.

Alguns daqueles rostos eu já havia visto. Todos eu conhecia de uma forma ou de outra. Enquanto os outros espiavam, Tobias procurou mais uma vez me deter.

- Saia do meu caminho - disse eu, plantando-me aos pés da escura escada de carvalho para começar a subir por ela.

Era uma enorme escadaria de um lado do corredor e que a meio caminho mudava de direção, com um vitral sombrio que me fez parar por um instante. Pois, quando a luz atravessou o vitral, quando ela entrou pelos vidros amarelos e vermelhos, eu pensei na catedral e "me lembrei" dela como não me lembrava há anos, desde que deixara a Escócia.

Eu sentia o espírito concentrado à minha volta. Prossegui, sem fôlego, até chegar ao patamar superior.

- Onde fica a escada do sótão?

- Ali, ali - exclamou Stella, conduzindo-me pelas portas duplas até o corredor dos fundos. E lá havia uma escada secundária num vão estreito e, no alto, a porta.

- Evelyn, desça, minha filha! - gritei. - Evelyn, venha aqui embaixo. Não vou conseguir subir até aí. Desça, minha filha. Sou o seu avô e vim buscá-la.

Silêncio na casa. Todos os outros se aglomeravam junto à porta do corredor, tantos rostos brancos e ovais, espantados, boquiabertos, olhos grandes e fundos.

- Ela não lhe dará atenção - exclamou uma das mulheres. - Ela nunca deu ouvidos a ninguém.

- Ela não ouve - gritou uma outra.

- Nem fala!

- Olhe, Julien, a porta está trancada por fora - denunciou Stella - e a chave está nela.

- Ah, seus velhos cruéis e imbecis! - protestei. Fechei meus olhos, reuni todas as minhas forças e estava a ponto de ordenar que a porta se abrisse. Não sabia se conseguiria fazer uma coisa dessas, já que nunca se tem certeza mesmo. E eu sentia Lasher pairando por perto, e percebia sua aflição e confusão. Ele não gostava daquela casa, daqueles parentes.

- É, eles não são meus, esses aqui.

Mas, antes que eu pudesse lhe dar uma resposta, convencê-lo ou fazer com que a porta abrisse, ela se abriu! A chave caiu da fechadura movida por algum poder que era o meu, e a porta recuou, deixando a luz do sol cair no vão empoeirado da escada.

Eu sabia que não havia sido o meu poder, e Lasher também sabia! Pois ele se concentrou bem junto a mim, como se ele também estivesse de fato com medo.

- Acalme-se agora, espírito. Você é mais perigoso quando está com medo. Comporte-se. Tudo está bem. Foi a própria menina quem abriu a porta. Cale-se.

E ele então me transmitiu a verdade. Era a menina que o assustava! Claro.

Garanti-lhe que ela não era nenhuma ameaça para quem fosse como nós, e lhe pedi que fizesse o que eu lhe pedia.

O sol iluminou os turbilhões de poeira. E então surgiu uma sombra fina e alta, uma menina de imensa beleza, com os cabelos cheios e sedosos e olhos serenos fixos em mim, cá embaixo. Ela parecia assustadoramente alta e magra, talvez até mesmo desnutrida.

- Desça até aqui, minha filha - disse eu. - Você mesma está vendo que não precisa mais viver como prisioneira de ninguém.

Ela compreendeu minhas palavras e, enquanto descia em silêncio, passo a passo, com seus sapatos macios de couro, vi que seus olhos passavam acima de mim, para a direita e para a esquerda, sobre Stella e voltavam, à medida que

ela contemplava a criatura invisível concentrada ao nosso redor. Ela via "o homem", como se diz, ela o via mesmo invisível e não fazia disso segredo.

Quando chegou ao pé da escada, ela se voltou, viu os outros e recuou trêmula! Nunca vi o medo expresso por uma pessoa assim, sem um som. Segurei sua mão.

- Venha comigo, querida. Você e só você vai decidir se quer morar num sótão.

Puxei-a para junto de mim. Ela não me ofereceu resistência, tampouco cooperação. Como parecia estranha, pálida, acostumada à escuridão. Seu pescoço era longo e fino, e suas orelhas eram pequenas sem lobos. E então vi na mão o sinal da bruxa! Sua mão esquerda tinha seis dedos! Exatamente como me contaram. Eu estava perplexo.

Mas os outros perceberam que eu vi o dedo. Começou uma enorme altercação. Chegaram dois tios da menina, Ragnar e Felix Mayfair, rapazes famosos na cidade e reconhecidamente cheios de suspeitas a nosso respeito. Eles procuraram impedir o caminho.

Num instante, porém, o vento começou. Todos o sentiam passando junto ao chão, forte e gélido. Ele açoitou os que impediam o caminho até que eles recuassem, e então eu peguei a menina pela mão e a levei até o comedior da frente para descer pela escada principal. Stella vinha ao meu lado.

- Al, onde Julien - disse ela, ofegante, como alguma pobre aldeã a um poderoso príncipe. - Eu adoro você.

E vinha conosco aquele pálido cisne de menina, com o cabelo reluzente e palitos no lugar das pernas e dos braços, com um triste vestido feito de saco de farinha estampado. Não sei se você já viu esse tipo de roupa, da pobreza mais miserável. As mulheres usavam esse pano para forrar seus acolchoados de uso diário, e ela usava um vestido daquilo, daquele algodão barato florido. E os sapatos! Eles não chegavam a ser sapatos, mas, sim, como meias de couro, amarradas, como sapatinhos de bebê!

Levei-a pelo corredor, com o vento balançando as portas e fazendo com que matraqueassem, abrindo o caminho à nossa frente, agitando os carvalhos lá fora e roçando os inúmeros carros, carruagens e carroças que passavam pela Avenue.

Ninguém mexeu um dedo para me deter quando eu a entreguei a Richard para que fosse colocada no carro. Depois, sentado ao seu lado, com Stella mais uma vez no meu colo, dei a ordem a Richard para que partisse, e a menina virou a cabeça e contemplou a casa, a janela lá no alto e o agrupamento de pessoas no pórtico, perplexas.

Não tínhamos andado dois metros e todos começaram a berrar, "Assassino, assassino! Ele levou Evelyn!" e a gritar uns para os outros para que tomassem alguma atitude. O jovem Ragnar saiu correndo e gritou que iria me processar num tribunal.

- Faça isso mesmo - respondi eu, aos gritos, mais alto do que o ronco do carro. - Perca sua fortuna com esse processo. Fundei o melhor escritório de advocacia da cidade! Pode processar! Mal posso esperar.

O carro seguiu desajeitado e barulhento pela St. Charles, embora fosse mais veloz do que qualquer carruagem puxada por cavalos. E a menina estava sentada imóvel entre mim e Richard, sob o olhar curioso de Stella, observando tudo como se nunca tivesse saído de dentro de casa.

Mary Beth estava esperando na escada.

- E o que pretende fazer com ela?

- Richard - disse eu. - Não posso dar mais um passo.

- Vou buscar os rapazes, Julien - gritou ele, e saiu chamando e batendo palmas. Stella e a menina saltaram do carro e Stella estendeu as duas mãos para mim.

- Pronto, querido. Não vou deixá-lo cair, meu herói.

A menina ficou ali parada, com os braços relaxados, olhando para mim, para Mary Beth, para a casa e depois para os criados que chegavam correndo.

- O que pretende fazer com ela? - perguntou Mary Beth novamente.



- Filha, você quer entrar na nossa casa? - disse eu, olhando para aquela menina linda e graciosa, com sua boquinha pálida e macia ligeiramente protuberante devido à magreza das suas faces e seus olhos da cor de um céu cinzento numa tempestade.

- Você quer entrar na nossa casa - perguntei novamente - e aqui, em segurança sob nosso teto, decidir se você quer passar o resto da sua vida como prisioneira, ou não? Stella, se eu morrer a caminho lá de cima, você está encarregada de salvar essa menina, está me ouvindo?

- Você não vai morrer - disse Richard, o meu amante. - Venha, vou ajudá-lo. - Mas eu via a apreensão no seu rosto. Ele se preocupava mais comigo do que qualquer outra pessoa.

Stella foi à frente de todos. A menina a acompanhou, e depois vinha Richard, praticamente me carregando no seu estilo de masculinidade exuberante, com o braço em volta do meu corpo, içando-me a cada degrau para que eu pudesse manter a dignidade que me restava.

Afinal, entramos no meu quarto no terceiro andar da casa.

- Arrume alguma comida para a menina - disse eu. - Parece que ela nunca fez uma refeição decente na vida. - Mande Stella sair com Richard.

Joguei-me na beirada da cama, sentindo-me exausto demais por um instante para pensar.

Depois ergui os olhos, e minha alma se encheu de desespero. Aquela criatura linda e fresca, entrando na vida, e eu, tão velho, que muito em breve a deixaria. Estava tão cansado que poderia ter dito sim à morte naquele instante, se aquela menina, se seu caso não tivesse exigido minha presença ali.

- Você compreende o que eu digo? - perguntei. - Você sabe quem eu sou?

- Sim, Julien - disse ela, em inglês claro, sem qualquer esforço. - Sei tudo sobre você. Esse aqui é o seu sótão, não é? - perguntou com a voz fraca e aguda e, enquanto olhava ao redor para as vigas, os livros, a lareira, a cadeira, todos os meus objetos queridos, minha vitrola e minha pilha de canções, ela me deu um sorriso suave, confiante.

- Deus meu - sussurrei. - O que eu vou fazer com você?

## **Capítulo 21**

Eu me lavei na água - disse Emaeth. - A mãe está passando mal debaixo da árvore. A mãe não consegue mais falar. - Emaeth estendeu as mãos. Elas estavam molhadas. O cabelo caía molhado sobre os seios. Ela sentia um pouquinho de frio, mas o ar no aposento estava quente e parado.

- Bem, entre aqui - disse a mulher, puxando-a pela mão. Ela pegou um pedaço de pano num gancho e começou a enxugar o cabelo longo e encharcado de Emaeth. A água fez uma poça no chão brilhante. Como as coisas eram limpas ali dentro. Como era pouco natural. Como era diferente da noite perfumada e pulsante lá fora, cheia de asas e de sombras que corriam. Ali era um abrigo contra a noite, contra os insetos que picavam e as coisas que haviam machucado os pés descalços de Emaeth e arranhado seus braços nus.

O homem estava imóvel, olhando para Emaeth.

As pessoas que moravam na pequena casa iluminada eram marrons. Tinham cabelos e olhos negros, sua pele reluzia à luz de cima da mesa. Eram pessoas pequenas com ossos muito visíveis e usavam roupas muito coloridas em vermelho, azul e branco, roupas que apertavam seus braços gorduchos. Quando viu Emaeth, a mulher se levantou e veio até a porta transparente.

- Deus do céu, minha criança! Entre aqui - disse ela, olhando para cima para encarar Emaeth. - Jerome, olhe só isso. Essa criança está nua em pêlo. Olhe essa menina. Ai, meu Deus do céu.

- Vá apanhar uma toalha para ela, Jerome, não fique aí parado. Apanhe uma toalha para ela. Apanhe alguma roupa. Minha filha, o que aconteceu com as suas roupas? Onde é que elas estão? Aconteceu alguma coisa ruim com você?

Emaeth nunca havia ouvido vozes como essas, da gente marrom. Elas tinham uma nota musical que não existia nas vozes das outras pessoas. Elas ficavam mais altas e mais baixas segundo um padrão nitidamente diferente. O

branco dos olhos dessas pessoas não era totalmente branco. Apresentava um ligeiro tom amarelado que combinava melhor com sua bela pele marrom. Nem o pai tinha esse tipo de vibração suave nas suas palavras. "Você vai nascer sabendo tudo o que precisa saber. Não deixe que nada a assuste", dissera o pai.

- Seja boa para mim - disse Emaeth.

- Jerome, vá buscar as roupas! - A mulher apanhara um grande chumaço de papel de um rolo e estava secando os ombros e os braços de Emaeth com ele. Emaeth pegou o chumaço de papel e enxugou o rosto. Huummmm. Esse papel era áspero, mas não tão áspero que doesse, e tinha um cheiro bom. Toalhas de papel. Tudo na pequena cozinha cheirava bem. O pão, o leite, o queijo. Emaeth sentia o cheiro do leite e do queijo. Aquele era o queijo, não era? Um queijo de um laranja vivo, inteiro, sobre a mesa. Emaeth queria comê-lo, mas ninguém lhe oferecera.

"Somos por natureza um povo gentil e educado", dissera o pai. "É por isso que eles foram tão odiosos conosco no passado."

- Que roupas! - disse o homem chamado Jerome, que estava tirando a camisa. - Não há nada nesta casa que vá servir para ela. - Ele ofereceu a camisa. Emaeth quis apanhá-la, mas também quis ficar olhando para ela. Era toda branca e azul. De quadradinhos, como os quadrados brancos e vermelhos sobre a mesa.

- As calças de Bubby vão servir - disse a mulher. - Pegue um par de calças de Bubby e me dê essa camisa.

Na casinha tudo brilhava. Os quadrados brancos e vermelhos sobre a mesa brilhavam. Se ela agarrasse a ponta dos quadrados brancos e vermelhos, poderia arrancá-los da mesa. Aquela coisa era como uma folha. Uma geladeira branca e brilhante com um motor atrás. Ela sabia exatamente de que forma o fecho abriria, só de olhar para ele. E ali dentro haveria leite gelado.

Emaeth estava com fome. Tomara todo o leite da mãe enquanto a mãe estava deitada, de olhos abertos, debaixo da árvore. Chorou e chorou muito, e depois foi se banhar na água. A água era esverdeada e não cheirava bem. Mas na

beira do gramado havia uma caixa d'água com uma torneira. Emaeth se lavara melhor ali.

O homem voltou correndo para a cozinha com calças compridas como as que o pai usava e ele usava. Emaeth as vestiu, puxando-as pelas pernas magras e longas, quase perdendo o equilíbrio. O zíper encostado na barriga parecia frio. O botão parecia frio. Mas tudo bem. Recém-nascida, ela ainda estava um pouco sensível demais no corpo inteiro.

"Você vai caminhar, mas será difícil", dissera o pai. Essas calças forneciam uma proteção quente e pesada. "Mas lembre-se, você saberá fazer tudo o que precisar fazer."

Ela enfiou os braços na camisa que a mulher segurava para ela. Agora, esse pano era mais gostoso. Mais parecido com a toalha com a qual a mulher não parava de secar seu cabelo. O cabelo de Emaeth era de um amarelo dourado. Ele brilhava tanto nos dedos da mulher, e a parte interna da mão da mulher não era marrom, era cor-de-rosa.

Emaeth baixou os olhos até os botões da camisa. A mulher estendeu os dedos ágeis e abotoou um botão. Muito rápido. Num instante. Emaeth sabia isso. Ela mesma abotoou os outros bem depressa. E riu.

"Você vai nascer sabendo", disse o pai, como os pássaros sabem construir seus ninhos, como as girafas sabem andar, como as tartarugas sabem se arrastar da terra para ir nadar no mar aberto, embora ninguém lhes tenha mostrado como fazer isso. Lembre-se que os seres humanos não nascem com esse conhecimento instintivo. Os seres humanos nascem parcialmente formados e indefesos, mas você será capaz de correr e falar. Você reconhecerá tudo."

Bem, nem tudo, pensou Emaeth, mas ela sabia, sim, que aquilo na parede era um relógio, e no peitoril da janela era um rádio. Se você o ligasse, sairiam vozes dele. Ou música.

- Onde está sua mãe, minha filha? - perguntou a mulher. - Onde foi que você disse que ela passou mal?

- Que idade tem essa menina? - perguntou o homem à mulher. Ele estava tenso, com as mãos formando punhos cerrados. Ele pusera o boné e olhava com suspeita para ela. - Onde está a tal mulher?

- Como eu poderia saber que idade ela tem? Ela parece uma menininha grande e alta. Querida, quantos anos você tem? Onde está a sua mãe?

- Sou recém-nascida - respondeu Emaeth. - É por isso que minha mãe está passando tão mal. Não foi culpa dela. Ela não tem mais leite. Está muito mal mesmo, e já tem o cheiro da morte. Mas teve leite suficiente. Eu não sou um elemental. Isso é algo que não preciso temer. - Virou-se e apontou. - Ande um bom pedaço, atravesse a ponte e vá debaixo da árvore. Ela está lá onde os galhos tocam o chão, mas não creio que ela volte a falar. Ela vai sonhar até morrer.

Ele saiu pela porta, deixando-a bater com violência. Com um ar muito determinado, ele atravessou o gramado e depois começou a correr.

A mulher olhava espantada para ela.

Emaeth levou as mãos às orelhas, mas já era tarde, a porta transparente bateu com tanta força que deixou um zumbido nos seus ouvidos, e agora nada conseguia fazer com que ele parasse. O zumbido teria de passar. Porta transparente. Não era de vidro. Ela conhecia vidro. A garrafa em cima da mesa era de vidro. Ela se lembrava de janelas de vidro, contas de vidro, muitos objetos de vidro. Plástico. A porta transparente era de tela e plástico.

"Tudo está codificado dentro da gente", disse o pai.

Ela olhou para a mulher. Queria pedir à mulher algum alimento, mas agora era mais importante sair dali, encontrar o pai ou Donnelaith, ou ainda Michael em Nova Orleans, o que se revelasse mais fácil. Ela olhara para as estrelas, mas elas não lhe disseram nada. O pai lhe dissera que ela aprenderia a partir das estrelas. Agora, ela não tinha tanta certeza quanto a essa parte.

Ela se voltou, abriu a porta e saiu, tomando cuidado para não deixar a porta bater e a segurando aberta para a mulher. Todas as rainetas cantavam. Todos os grilos cantavam. Havia animais cantando cujos nomes ninguém sabia, nem mesmo o pai. Eles farfalhavam e matraqueavam no escuro. A noite inteira

estava viva. Olhe para esses insetos pequeninos pairando abaixo da lâmpada! Ela abanou a mão para eles. Como se espalharam, só para voltar numa nuvenzinha concentrada.

Ela olhou para as estrelas. Iria sempre se lembrar desse desenho das estrelas, sem a menor dúvida, o jeito que as estrelas pareciam mergulhar na direção das árvores ao longe, como o céu parecia negro num ponto e como seu azul era profundo em outro. É, e a lua. Olhe a lua linda e radiante. Pai, afinal eu a vejo. E, mas para chegar a Donnelaith, ela teria de saber como as estrelas apareceriam quando alcançasse seu destino.

A mulher segurou a mão de Emaeth. Depois a mulher olhou para a mão e a soltou.

- Você é tão macia! - disse ela. - Você é macia e cor-de-rosa como um pequeno bebê.

"Não lhes diga que é recém-nascida", dissera o pai. "Não lhes diga que eles logo morrerão. Sinta pena deles. É a sua hora final."

- Obrigada - disse Emaeth. - Agora, vou embora. Vou para a Escócia ou para Nova Orleans. Você sabe o caminho?

- Bem, Nova Orleans não é muito difícil - respondeu a mulher. - Já a Escócia, eu não sei dizer. Mas você não pode ir embora assim, descalça. Deixe-me ir buscar os sapatos de Bubby para você. Meu Deus, os sapatos de Bubby são os únicos que vão servir.

Emaeth ficou olhando para a floresta, para além do gramado escuro. Viu a escuridão que se adensava sobre a água, para além da ponte. Ela não sabia ao certo se devia esperar pelos sapatos.

"Eles nascem preparados para praticamente nada", dissera o pai. "E o que nasce com eles logo é esquecido. Eles não captam cheiros, nem percebem padrões. Eles não sabem mais por instinto o que devem comer. Podem ser envenenados. Eles não escutam mais os sons como você escuta, nem ouvem o ritmo pleno das canções. Eles não são como nós. São fragmentos. A partir desses

fragmentos, nós começaremos a construção, mas ela será seu fim. Seja clemente."

Onde estava o pai? Se o pai tivesse observado as estrelas no céu de Donnelaith, então ela, Emaeth, deveria conhecê-las e saber como se apresentavam.

Ela não sentia o menor traço do seu perfume em nenhum lugar. Nem um resquício permanecera com a mãe.

A mulher voltou. Pôs os sapatos no chão. Foi difícil para Emaeth enfiar seus pés longos e macios neles, com os dedos se agitando, a lona arranhando sua pele, mas ela sabia que isso era o melhor, estar com sapatos. Ela deveria usar sapatos. O pai usava. E a mãe também. Emaeth já havia cortado o pé numa pedra afiada no gramado. Assim era melhor. Foi bom quando a mulher os amarrou. Lacinhos tão bonitinhos. Ela riu ao ver os laços. Mas ainda mais bonitos eram os dedos da mulher ao fazê-los.

Como os pés de Emaeth eram grandes em comparação com os pezinhos da mulher.

- Adeus, moça. E muito obrigada - disse Emaeth. - Foi muito gentil comigo. Lamento por tudo o que vai acontecer.

- E o que vai acontecer, minha filha? Exatamente o que vai acontecer? Menina, e que cheiro é esse? O que tem no seu corpo? Eu primeiro pensei que você estava só toda molhada do pântano. Mas aí tem um outro cheiro.

- Um cheiro?

- É, é um cheiro bom, como o de alguma coisa boa cozinhando.

Ah, quer dizer que Emaeth também tinha o perfume. Seria por isso que ela não conseguia sentir o cheiro do pai? Ela agora talvez estivesse envolta no perfume. Levou os dedos ao nariz. Lá estava ele. O perfume saía direto dos seus poros. O Cheiro do pai.

- Eu não sei - disse Emaeth. - Acho que devia saber essas coisas. Meus filhos saberão. Agora preciso ir. Devo ir até Nova Orleans. Foi isso o que a mãe disse. A mãe implorou muito para que eu fosse até Nova Orleans. A mãe disse

que ficava a caminho da Escócia, que eu não precisava desobedecer ao pai. Por isso, estou indo.

- Espere um pouco, minha filha. Sente-se. Espere que Jerome volte. Jerome foi procurar sua mãe. - A mulher gritou no escuro, chamando por Jerome. Mas Jerome não apareceu.

- Não, moça. Já vou - disse Emaeth. Ela se inclinou, pôs as mãos de leve nos ombros da mulher e lhe deu um beijo na testa lisa e marrom. Tocou seu cabelo negro. Cheirou-o e afagou o rosto da mulher. Uma boa mulher. Ela estava vendo que a mulher gostava do seu cheiro.

- Espere, querida.

Essa era a primeira vez que Emaeth beijava alguém que não fosse a mãe, e isso lhe trouxe lágrimas aos olhos de novo. Ela baixou os olhos até a mulher marrom de cabelo preto e olhos grandes, e sentiu pena, pena porque todos iriam morrer. Gente boa. Gente generosa. Mas a Terra simplesmente não era grande o suficiente para todos, e eles haviam preparado o caminho para os mais mansos, para os mais inocentes.

- Para que lado fica Nova Orleans? - perguntou. A mãe não sabia. O pai nunca lhe disse.

- Bem, acho que é para aquele lado - disse a mulher. - Não sei, para falar a verdade, acho que ali é o leste. Você não pode simplesmente...

- Obrigada, minha querida - disse ela, usando a expressão preferida do pai. E começou a caminhar.

Sentia-se melhor a cada passo. Andava com rapidez cada vez maior no capim encharcado e depois na estrada, sob a luz elétrica branca. Foi sempre em frente, com os cabelos se enchendo com o vento, e os braços longos balançando.

Agora estava toda seca debaixo das roupas, a não ser por um pouquinho de água nas costas, que não apreciava, mas que logo secaria. E os cabelos. Os cabelos estavam secando rapidamente, ficando cada vez mais leves. Viu sua sombra na estrada e riu. Como era alta e magra em comparação com as pessoas marrons. Como sua cabeça era grande. E mesmo em comparação com a mãe.



Pobre mãezinha, deitada debaixo da árvore, com os olhos perdidos no verde e nas trevas. A mãe nem ouvia mais Emaeth. A mãe não ouvia mais nada. Ah, se ao menos não tivessem fugido do pai.

Mas ela o encontraria. Tinha de encontrá-lo. Eles eram os únicos no mundo. E Michael. Michael era amigo da mãe. Michael a ajudaria. "Procure Michael. Faça isso antes de qualquer outra coisa", dissera a mãe. Essas haviam praticamente sido suas últimas palavras. Procure Michael, em primeiro lugar.

Fosse como fosse, ou ela obedecia ao pai, ou obedecia à mãe.

"E eu estarei à sua procura", dissera ele.

Não deveria ser assim tão difícil. E andar era gostoso.

## **Capítulo 22**

As nove da manhã, eles já estavam reunidos no escritório no último andar do edifício Mayfair: Lightner, Anne Marie, Lauren, Ryan, Randall e Fielding.

Fielding não estava na verdade suficientemente bem para estar ali, qualquer um podia ver isso. Mas ninguém ia questionar sua presença.

Quando Pierce entrou, com Mona, não houve queixas, nem surpresa, embora todos olhassem espantados para Mona, o que era apenas natural, já que nunca a haviam visto usando um costume de lã azul. E é claro que esse costume, por ter sido da sua mãe, estava um pouquinho grande para ela, embora não muito. Ela realmente aparentava estar anos mais velha agora, mas isso decorria tanto da expressão no seu rosto quanto da perda da fita e dos cachos infantis.

Estava usando sapatos altos, que eram do seu número exato, e Pierce procurava não olhar para suas pernas, que eram lindíssimas.

Pierce jamais se sentira à vontade junto à sua prima, Mona, nem mesmo quando ela era pequena. Nela havia algo de sedução mesmo quando estava com quatro anos de idade e ele com onze. Ela havia tentado inúmeras vezes atraí-lo para o meio dos bosques. A desculpa de que ela era pequena demais já soava

falsa há uns cinco anos. Agora realmente não convencia. No entanto, Mona estava tão exausta quanto ele.

- Nossas mães morreram! - ela havia sussurrado para ele a caminho do centro. Na realidade, essa foi a única frase que ela disse entre Amelia Street e o escritório.

O que os outros precisariam entender a certa altura era que Mona havia assumido o comando. Pierce acabara de chegar a Amelia Street com a notícia de que todos os parentes estavam sendo avisados por telefone, que primos vivendo até na Europa estavam sendo informados. Ele achava que tinha tudo sob controle. Na verdade, havia uma emoção estranha naquilo tudo, o tipo de emoção que a morte traz quando tudo desmorona. Pierce acreditava que talvez as coisas fossem assim no início de uma guerra, antes que a morte e o sofrimento levassem todos ao desespero.

Fosse como fosse, quando ligaram para dizer que Mandy Mayfair também havia morrido, ele não foi capaz de reagir. Mona estava ao seu lado.

- Dê-me esse telefone – disse ela.

Mandy Mayfair havia morrido ao meio dia. Isso seria entre a morte de Edith e a de Alicia. Era óbvio que Mandy estava se vestindo para ir ao enterro de Gifford. Seu livro de orações e seu terço estavam em cima da cama. As janelas do seu apartamento do French Quarter estavam abertas para o pequeno pátio. Qualquer um poderia ter pulado aquele muro. Não havia nenhum sinal de violência, como se diz, ou de arrombamento. Mandy estava no chão do banheiro, com os joelhos dobrados e os braços cruzados sobre a cintura. Havia flores espalhadas à sua volta. Até mesmo a polícia descobriu que elas eram do jardim do pátio. Raminhos de camará que haviam florido de novo nos meses menos frios após o Natal. Todas aquelas pequenas flores roxas e cor de laranja haviam sido despetaladas sobre ela.

Ora, ninguém ia poder chamar isso de "morte natural", ou de consequência de uma doença misteriosa. Mas Pierce não conseguia avançar além disso no seu raciocínio. Porque, se alguma criatura entrou e matou Edith, Mandy,

Alicia, Lindsay em Houston e aquela outra prima cujo nome ele, cheio de vergonha, nem mesmo conseguia lembrar, bem, então, essa criatura havia atacado sua mãe.

E seus últimos momentos não haviam sido tranquilos, com a mão estendida para receber o mar e todo o resto de mitologia que ele havia criado quando viu o corpo e soube como ele havia sido encontrado e como o sangue estava sendo diluído pela água no instante em que a apanharam e a colocaram na maca.

Não, não havia sido assim.

Ele puxou a cadeira para Mona, ajeitou-a como um bom cavalheiro e depois se sentou. Não sabia bem como, estava de frente para Randall. Mas, quando viu a expressão no rosto do seu pai, compreendeu. Randall estava à cabeceira da mesa porque Randall estava no comando. Ryan não estava mais em condições de fazer o que fosse.

- Bem, vocês sabem que isso não é o que estávamos pensando - disse Mona.

Para espanto de Pierce, todos concordaram, ou seja, aqueles que se incomodaram em fazer alguma coisa concordaram, baixando a cabeça. Lauren parecia exausta, mas tranquila sob todos os aspectos. Anne Marie era a única que dava a impressão de estar francamente horrorizada.

A maior surpresa talvez fosse Lightner. Lightner estava olhando pela janela. Contemplava o rio lá embaixo e as pontes iluminadas da Crescent City Connection. Ele parecia nem mesmo ter percebido que Pierce e Mona haviam chegado. Não olhou para Pierce agora. Nem para Mona.

- Aaron - disse Pierce. - Imaginei que você pudesse nos ajudar, nos dar alguma orientação. - Isso simplesmente saiu da boca de Pierce antes que ele pudesse se conter. Era o tipo de coisa que constantemente o deixava em situação embaraçosa. Seu pai dizia que um advogado não diz o que está passando pela sua cabeça. Um advogado não revela o que pensa.

Aaron voltou-se para a mesa, cruzou os braços e olhou primeiro para Mona e então para Pierce.

- Por que vocês agora iriam confiar em mim? - Aaron perguntou, num tom sereno.

- A questão é a seguinte – disse Randall. – Sabemos que se trata de um indivíduo. Sabemos que ele tem mais de um metro e noventa de altura. Que tem cabelos negros, que é alguma espécie de mutante. Sabemos agora que Edith e Alicia sofreram abortos. Sabemos, a partir de resultados da autópsia superficial, que esse indivíduo os provocou. Sabemos que o desenvolvimento embrionário em pelo menos dois casos foi extremamente acelerado, e que as mães entraram em estado de choque algumas horas após a fecundação. Esperamos a qualquer momento que Houston confirme descobertas semelhantes nos casos de Lindsay e Clytee.

- Ah, era esse o nome dela, Clytee - disse Pierce, percebendo de repente que todos estavam olhando para ele. Não tivera a intenção de falar em voz alta.

- A questão é que não se trata de uma enfermidade - disse Randall. - Trata-se de um indivíduo.

- E o indivíduo está tentando procriar - disse Lauren, com frieza. - O indivíduo está procurando membros desta família que possam ter anomalias genéticas que as tornem compatíveis com ele.

- E também sabemos - disse Randall - que esse indivíduo está procurando suas vítimas entre as linhagens de maior consangüinidade da família.

- Está certo - disse Mona. - Quatro mortes aqui, duas em Houston. As de Houston foram mais tarde.

- Algumas horas mais tarde - disse Randall. - O indivíduo poderia facilmente pegar um avião até Houston nesse espaço de tempo.

- Não há, portanto, nenhuma entidade sobrenatural envolvida nisso - disse Pierce. - Se for "o homem", o homem é de carne e osso, como mamãe disse, e o homem tem de se movimentar como qualquer outro homem.

- Quando sua mãe lhe disse que se tratava do homem?

- Com licença - interrompeu Ryan, em tom calmo. - Gifford disse isso há algum tempo. Ela realmente não sabia nada mais do que qualquer um de nós. Era uma especulação. Vamos nos ater ao que sabemos. Como disse Randall, trata-se de um indivíduo.

- É - disse Randall, assumindo o comando mais uma vez - e se reunirmos nossas informações às de Lightner e às do Dr. Larkin, da Califórnia, temos todas as razões para acreditar que esse indivíduo tenha um genoma exclusivo. Ele tem noventa e dois cromossomos numa dupla hélice exatamente semelhante à do ser humano, mas isso é, simplesmente, duas vezes o número de cromossomos num ser humano. E nós sabemos que as proteínas e enzimas no seu sangue e nas células são diferentes.

Pierce não conseguia deixar de pensar na sua mãe, não conseguia se livrar da imagem dela deitada na areia, que ele próprio não havia visto, e que agora estava condenado a ver em várias formas para sempre. Ela teria sentido medo? A criatura a teria machucado? Como teria chegado à beira do mar? Ele estava com os olhos fixos na mesa.

Randall falava.

- É um alívio compreender que se trata de um ser masculino - disse Randall. - Um ser que pode ser apanhado. Que, não importa qual seja a história desse ser, não importam os mistérios que envolvam seu surgimento, sua concepção ou o nome que queiramos dar, ele é um e pode ser detido.

- Mas é exatamente esse o ponto principal - disse Mona. Falou como sempre falava, como se todos estivessem preparados para ouvi-la. Estava tão diferente com a cabeleira ruiva puxada para trás, tanto mais nova quanto mais, velha, com o rosto tão macio e tão bem delineado. - E claro que ele está tentando ser mais do que um. E, se esses embriões se desenvolvem em ritmo acelerado, o que para mim é um eufemismo, essa criatura poderia ter um filho nascendo a qualquer instante.

- E verdade - disse Aaron Lightner. - É a perfeita verdade. E não podemos prever o padrão de crescimento dessa criança. É concebível que a criança

amadureça com tanta rapidez quanto o próprio indivíduo, embora permaneça sendo um mistério como isso ocorreu. É concebível que a criatura queira então procriar com a filha. Na realidade, creio que esse seria o primeiro passo, já que tantas vidas se perderam em outras tentativas.

- Meu Deus, quer dizer que é isso o que ele está tentando fazer? - perguntou Anne Marie.

- E Rowan? Alguém teve alguma notícia? - perguntou Mona.

Gestos e ruídos negativos de todos os lados. Só Ryan se deu ao trabalho e pronunciar a palavra não.

- Pois bem - disse Mona. - Tenho algo a lhes contar. A criatura quase me pegou. Foi assim que aconteceu.

Ela havia contado a Pierce essa história em Amélia Street. Mas, ao ouvi-la, agora, ele percebia que ela estava omitindo certos detalhes: de que estivera com, Michael, de que estava nua, de que estava dormindo no chão da biblioteca sem roupas, de que a Vitrola a acordara, não a abertura da janela. Ele se perguntou por que Mona omitiu esses detalhes. Pareceu-lhe que, ao longo de toda a sua vida, ele ouvira parentes omitindo coisas. Sentiu vontade de dizer, Conte-lhes que a Vitrola tocou. Conte-lhes. Mas não disse nada.

Parecia haver algum conflito grotesco entre o indivíduo mutante, como que chamavam, e as lendas e milagres amenos que sempre pairavam como névoa em volta da casa de First Street. A Vitrola a tocar. Isso pertencia a um outro mundo que não era o do DNA, do RNA e das estranhas impressões digitais encontradas pela perícia no apartamento de Mandy Mayfair, no French Quarter.

A morte de Mandy foi a primeira a ser considerada como assassinato. Foram todas aquelas flores salpicadas sobre o corpo. Era óbvio que ela mesmo não poderia ter feito aquilo, e além disso os hematomas no pescoço, que indicavam que ela havia lutado com a criatura. Gifford não havia lutado. Não houve hematomas. Sua mãe devia ter sido apanhada de surpresa. Sem medo. Sem sofrimento. Sem contusões.

Mona dava uma explicação relativa ao cheiro.

- Sei do que você está falando - disse Ryan, e pela primeira vez ele pareceu ligeiramente interessante. - Conheço esse cheiro. Em Destin, eu o senti. Não é um cheiro desagradável. É quase...

- É bom, é assim... delicioso. Dá vontade de respirar fundo - disse Mona. - Bem, eu ainda sinto esse cheiro em toda a casa de First Street.

- Em Destin, estava fraco - disse Ryan, abanando a cabeça.

- Fraco para você, forte para mim, mas você não compreende? Talvez esse seja um sinal de compatibilidade genética.

- Mona, afinal o que você pode saber sobre compatibilidade genética, menina? - perguntou Randall.

- Não comece a implicar com Mona - disse Ryan, tranqüilo. - Não temos tempo. Temos de fazer alguma coisa... específica. Encontrar essa criatura. Calcular onde ela pode aparecer em seguida. Mona, você viu alguma coisa?

- Não, nada. Mas quero tentar ligar de novo para Michael. Estou ligando para lá há duas horas. Ninguém atende. Estou realmente preocupada. Acho que vou...

- Você não vai sair desta sala - disse Pierce. - Você não vai a lugar nenhum sem mim.

- Está bem. Você pode me levar lá.

Lauren fez seu gesto característico para chamar a atenção de todos: a batida com o lápis na mesa. Só duas batidas. Nunca o suficiente para irritar ninguém, pensou Pierce.

- Vamos repassar tudo. Não resta nenhuma mulher que não tenha sido avisada.

- Não que nós saibamos - disse Anne Marie. - E esperemos em Deus que, se nós não sabemos quem são todo não sabe.

- Há pessoas inquirindo testemunhas em potencial em toda Nova Orleans e em Houston - disse Lauren.

- É, mas ninguém viu esse homem entrar ou sair.

Além disso, conhecemos sua aparência - disse Mona. - Isso o Dr. Larkin lhes contou. Da mesma forma, as testemunhas na Escócia. Além de Michael.

- Lauren, não há nada que se possa fazer a não ser esperar - disse Randal. - Fizemos tudo o que podíamos. Simplesmente precisamos ficar juntos. A criatura não vai desistir. A probabilidade é que apareça. Nós simplesmente temos de estar prontos quando isso acontecer.

- Como vamos nos preparar? - perguntou Mona.

- Aaron - disse Ryan, com a voz muito baixa - será que seu pessoal de Amsterdã ou de Londres não pode nos ajudar? Imaginei que esse fosse seu campo de atuação, esse tipo de coisa. Lembro-me de que Gifford repetiu inúmeras vezes que Aaron sabia, que eu falasse com Aaron. - Havia algo de triste e irônico no seu sorriso, enquanto dizia essas palavras.

Pierce jamais vira seu pai agir ou falar desse jeito.

- É exatamente esse o ponto - respondeu Aaron. - Eu não sei. Eu pensava que sabia. Acreditava conhecer a história completa das bruxas Mayfair. Mas é óbvio que existem aspectos que desconheço. Há pessoas ligadas à nossa Ordem que estão investigando este caso obedecendo a um comando que não é o meu. Não consigo receber uma resposta precisa do escritório de Londres, a não ser a de que devo esperar que entrem em contato comigo. Não sei o que fazer. Realmente não sei o que recomendar que vocês façam. Estou... decepcionado.

- Você não pode desistir de nós - disse Mona. - Esqueça esses caras de Londres. Não nos abandone!

- É a sua opinião - disse Aaron - Mas eu não sei se tenho algo novo a oferecer.

- Ora, Aaron, não me venha com essa - disse Mona. - Hei, será que alguém pode ir lá chamar Michael? Não entendo por que não estamos tendo notícias dele. Ele só ia mudar de roupa e vir até Amélia Street.

- Bem, pode ser que tenha ido - argumentou Anne Marie. Ela apertou o botão numa caixinha sob a mesa. Com a voz contida, falou ao microfone. - Joyce,



ligue para Amélia Street. Veja se Michael Curry está lá. - Olhou, então, para Mona.

- É simples.

- Bem, se vocês querem que eu apresente o que tenho - disse Aaron. Se vocês quiserem que eu me abra...

- Sim? - disse Mona, instigando-o.

- Eu diria que o ser está decididamente procurando uma parceira. E se ele encontrar essa parceira, se a criança for concebida e nascer enquanto a criatura ainda estiver lá para levá-la embora, nesse caso teremos literalmente um problema monstruoso.

- Eu prefiro me ater a capturar a criatura - disse Randall - a especular se...

- Tenho certeza de que você prefere - disse Aaron. - Mas vocês devem recordar tudo o que o Dr. Larkin disse. Sobre o que Rowan lhe disse. Essa criatura tem uma enorme vantagem reprodutiva! Vocês compreendem o que isso significa? Ao longo de séculos, esta família conviveu com uma história simples: a do homem e a de que o homem queria ser de carne e osso. Bem, agora, estamos lidando com algo muito pior. O homem não é apenas de carne e osso. Ele é uma espécie distinta e poderosa.

- Você acha que tudo isso foi planejado? - perguntou Lauren. Sua voz estava fria, baixa e lenta. Lauren, no seu estilo mais insatisfeito e mais determinado. - Você acha que tudo foi planejado desde o início? Que nós não só acolhêssemos esse ser na nossa família, mas que também fornecêssemos as mulheres para ele?

- Não sei - respondeu Aaron - mas sei de uma coisa. Qualquer que seja sua superioridade, ele tem de ter alguns pontos fracos.

- O cheiro, isso ele não pode esconder - disse Mona.

- Não. Estou falando de fraquezas físicas, algo nessa linha - disse Aaron.

- Não. O Dr. Larkin foi específico. Exatamente como o pessoal de Nova York. A criatura parece ter uma imunidade poderosa.

- Crescei e multiplicai-vos, e dominai a terra - disse Mona.

- E o que isso tem a ver com a história? - perguntou Randall.

- E o que a criatura fará - disse Aaron. baixinho. - Se não a impedirmos.

## **Capítulo 23**

### **PROSSEGUE A HISTÓRIA DE JULIEN**

Ah, você não pode imaginar o milagre da sua voz e o quanto eu a amei, amei totalmente, sem me importar que ela fosse filha de Cortland. Era um amor que se sente pelos que são do nosso sangue e nossos iguais. E, no entanto, eram muitos os anos que nos separavam. Senti-me desesperado, indefeso e completamente só e, quando me sentei na beirada da cama, ela se sentou ao meu lado.

- Diga-me, Evelyn, minha filha, que você prevê o futuro. Carlotta veio vê-la. O que você viu?

- Eu não vejo - disse Evelyn com uma voz tão delicada quanto seu rostinho redondo, com os olhos cinzentos implorando que eu aceitasse e compreendesse. - Eu vejo as palavras e falo as palavras, mas não sei o que significam. E há muito tempo, aprendi a me calar e a deixar que as palavras desapareçam, sem serem lidas, sem serem pronunciadas.

- Não, minha filha. Segure a minha mão. O que está vendo? O que você prevê para mim e para a minha família? O que você prevê para todos nós? Nós somos um clã com um futuro?

Mesmo através dos meus dedos cansados, eu sentia sua pulsação, seu calor, os dons das bruxas, como sempre dizíamos, e vi aquele pequeno e maléfico sexto dedo. Ah, eu o teria mandado extirpar, sem dor e com habilidade, se eu tivesse sido seu pai. E imaginar que o pai era Cortland, meu próprio filho. Senti vontade de matá-lo.

Mas primeiro, o que é mais importante. Segurei firme a sua mão.

Algo mudou no perfeito círculo do seu rosto. Ela ergueu o queixo de tal modo que o pescoço pareceu ainda mais longo e belo. Começou a recitar o poema, com a voz baixa e rápida, levada pelo próprio ritmo.

Umsurgira que será muito mau.

Um chegará que será muito bom.

Entre os dois, uma bruxa hesitará  
e, assim, a porta aberta deixará.

sofrimento e dor enquanto erram  
sangue e medo até que a prendam.  
Pobre desse Éden primaveril  
Agora o vale dos que choram os seus.

Alerta, os sentinelas nessa hora  
Nenhum médico entrará na casa  
Os estudiosos só o mal aumentarão  
Os cientistas só forças lhe darão

Que o demônio conte sua história  
Que ele desperte o poder do anjo  
Que os mortos venham presenciar  
Ponham os alquimistas a correr.

Matem a carne que não é humana  
Confiem em armas toscas e cruéis  
Para que, ao morrerem a um passo do saber,  
As almas torturadas possam procurar a luz.

Esmaguem os bebês que não são crianças  
Não sintam compaixão pelos puros  
Senão, o Éden não terá mais primaveras.  
Senão, nossa gente nunca mais reinará.

Ela ficou neste quarto comigo dois dias e duas noites.

Ninguém ousou arrombar a porta. Seu bisavô Tobias veio cheio de ameaças. O filho, Walker, vociferava ao portão. Não sei quantos outros vieram ou o que disseram. Nem mesmo sei se ocorreram brigas. Pareceu-me ter ouvido minha Mary Beth gritando no patamar com sua filha Carlotta. Parece-me que Richard bateu mil vezes à porta, só para ouvir de mim que tudo estava bem.

Deitamo-nos juntos na cama, a criança e eu. Eu não queria machucá-la. Nem posso culpá-la pelo que aconteceu. Posso lhe dizer que nos entregamos aos carinhos mais delicados e que, por muito tempo, ela se aconchegou a mim e eu a abracei, procurando expulsar o profundo calafrio do seu medo e da sua solidão. E tolo que eu era, pensei que em mim a ternura já não oferecesse perigo.

Mas eu era ainda homem demais para algo tão simples e fácil. Dei-lhe beijos até que ela soube que precisava deles e se abriu para mim. Durante a longa noite, permanecemos deitados juntos, refletindo quando todas as outras vozes se calaram.

Ela disse que gostava mais do meu sótão do que do dela, e eu sabia na minha tristeza que morreria neste mesmo quarto, muito em breve.

Eu não precisava contar para ela. Senti sua mão delicada na minha testa, procurando refrescá-la. Senti o peso sedoso das suas palmas sobre minhas pálpebras. E as palavras do poema. ela as repetia sem cessar. E eu a acompanhava, até saber cada verso.

Antes do amanhecer, ela não precisava mais me corrigir. Eu não ousei copiá-lo por escrito. Disse-lhe que minha perversa Mary Beth o queimaria. Fale com as outras. Conte a Carlotta. Conte a Stella. Mas meu coração estava tão

deprimido. De que importava aquilo? O que aconteceria? O que as palavras do poema poderiam significar?

- Eu o deixei triste - disse ela, com suavidade.

- Filha, eu já estava triste. Você me deu esperança.

Creio que foi no final da tarde de quinta-feira que Mary Beth afinal arrancou as dobradiças da porta e a abriu.

- Bem, eles vão trazer a polícia para cá - disse ela, como desculpa, num tom muito prático e sem dramaticidade. Seu estilo de agir.

- Você diga a eles que não podem trancafiá-la de novo. Ela deve entrar e sair quando desejar. Agora chame Cortland em Boston.

- Cortland está aqui, Julien.

Chamei Cortland para falar comigo. Stella deveria levar a menina para seu próprio quarto e ficar sentada com ela, sem deixar ninguém levá-la embora. Carlotta ficaria com elas só para garantir que a menina estivesse em segurança.

Agora, aquele meu filho era meu orgulho e minha alegria, como já disse, meu primogênito, meu filho mais brilhante, e todos aqueles anos eu tentara protegê-lo daquilo que eu sabia. Mas ele era esperto demais para ser totalmente protegido, e agora para mim havia caído do seu pedestal. E eu estava excessivamente indignado para deixar de julgá-lo pelo que acontecera a essa menina.

- Pai, eu não sabia, eu juro. Nem mesmo agora eu acredito. Eu levaria horas para contar a história daquela noite. Eu poderia jurar que aquela Barbara Ann pôs alguma coisa na minha bebida para me deixar louco. Ela me arrastou para o meio do pântano com ela. Ficamos juntos no barco; é só disso que me lembro, e de que ela era estranha e diabólica. Eu juro, pai. Quando acordei, estava no barco. Fui até Fontevrault, e eles não me deixaram entrar. Tobias estava com sua espingarda de caça. Disse que ia me matar. Voltei a pé até St. Martinville para telefonar para casa. Eu juro. É só disso que me lembro. Se ela é minha filha, lamento. Mas eles nunca me disseram. Parece que eles não queriam que eu chegasse a saber. Vou cuidar dela de agora em diante.

- Isso tudo pode servir para o tribunal de apelação da quinta circunscrição  
- disse eu. - Você soube quando a criança nasceu. Você ouviu os boatos. Certifique-se de que essa criança nunca mais fique prisioneira, você está me entendendo? De que ela tenha tudo que precisar, de que ela vá estudar fora se assim quiser, de que ela tenha seu próprio dinheiro!

Voltei as costas a eles. Voltei minhas costas ao mundo. Não respondia quando ele falava comigo. Pensava em Evelyn e em como descrevera seu silêncio. E esse me parecia um poder divertido, o de ficar ali deitado sem responder, de deixá-los pensar que eu não conseguia responder.

Eles entravam e saíam. Evelyn foi levada de volta, sob a responsabilidade de Carlotta e Cortland. Ou foi isso o que me disseram.

Só o choro de Richard me partia o coração. Eu fugia dele, mergulhando fundo em mim mesmo, onde eu podia ouvir o poema e dizer os versos, na vã tentativa de descobrir seu significado.

Que o Demônio conte a sua história  
Que ele desperte o poder do anjo

Mas o que aquilo queria dizer? Afinal, agarrei-me ao último verso: "Se não, o Éden não terá mais primaveras."

Nós éramos a primavera, nós, os membros da família Mayfair, eu sabia. Éden era o nosso mundo. Nós éramos a primavera, e o simples se não indicava haver esperança. Nós poderíamos de algum modo ser salvos. Alguma coisa poderia impedir o vale dos que choram os seus!

Sufrimento e dor enquanto erram  
Sangue e medo até que aprendam...

Sim, havia esperança no poema, havia um objetivo, uma finalidade na sua recitação! Mas será que eu viveria para ver a realização daquelas palavras? E

nada despertava tanto pavor em mim quanto aquela frase, "Matem a carne que não é humana!" Pois se essa criatura não era humana, quais seriam seus poderes? Se ela fosse apenas Santo Ashlar, mas não me parecia que fosse. Será que se tornaria um ser humano quando nascesse? Ou algo pior?

"Matem a carne que não é humana!"

Ah, como me preocupei com isso. Como minha mente ficou obcecada. Às vezes não havia mais nada na minha cabeça a não ser as palavras do poema e imagens febris!

Afinal, perdi a razão. Os dias se passaram. Veio o médico. Sentei-me, finalmente, e comecei a falar para que o bobalhão me deixasse em paz. A ciência dera passos enormes desde a minha infância, mas esse fato não impedia esse paspalho de se postar acima de mim e informar a meus entes queridos que eu estava sofrendo de "endurecimento das artérias" e de "demência senil", não tendo condições de entender nada do que eles diziam.

Foi um prazer indescritível o de me levantar e mandar que ele saísse do quarto.

Além do mais, eu estava com vontade de andar por aí novamente. Nunca fui de simplesmente ficar deitado. Essa havia sido minha pior hora. Ela estava terminada, e eu ainda vivia.

Richard ajudou-me a me vestir, e eu desci até o térreo para cear com minha família. Sentei-me à cabeceira da mesa e fiz questão de me exhibir limpando o prato de quiabo, frango assado e uma boeuf daube, ou alguma outra bobagem dessas, só para que eles me deixassem em paz. Recusei-me a olhar para Cortland, que insistia em tentar falar comigo. Eu realmente estava deixando aflito a esse meu pobre menino louro!

Os primos tagarelavam. Mary Beth falava de questões práticas com seu marido bêbado, Daniel McIntyre, pobre coitado, àquela altura tão mal que parecia uma ruína abandonada do belo homem que um dia fora. Foi isso o que fizemos com ele, pensei. Richard, meu amigo dedicado, não tirava os olhos de mim. E de

repente Stella disse que todos devíamos ir dar um passeio de carro, já que eu estava novamente de pé e passando bem.

Um passeio, uma travessura! O carro estava consertado. Ah? Eu não sabia que estivera enguiçado. Bem, Cortland saiu com ele... cale a boca, Stella. Ele está consertado, mon père, está consertado!

- Eu estou preocupado com aquela menina! - declarei. - Evelyn, minha neta!

Cortland apressou-se a me garantir que estavam cuidando dela. Levaram-na ao centro da cidade para comprar roupas.

- Vocês da família Mayfair acham que essa é a solução para tudo, não acham? - perguntei. - Ir até o centro da cidade para comprar roupas.

- Bem, foi você quem nos ensinou, pai - disse Cortland, com um pequeno brilho nos olhos.

Fiquei perplexo com a minha covardia. Como cedi quando vi aquele pequeno sorriso afetuoso. Como me entreguei.

- Está bem, aprontem o carro, e todos vocês saiam - disse eu. - Stella e Lionel, nós vamos sair, nós três, um passeio, podem acreditar em mim. Todos saiam. Carlotta, fique.

Ela não precisou de insistência. Num instante, a ampla sala de jantar estava em silêncio e os murais, como sempre, pareciam estar se fechando sobre nós, prontos para nos transportar dali debaixo dos ornamentos de gesso para bem longe, para os campos verdejantes de Riverbend, que eles ilustravam com tanto encanto. Riverbend, que a essa altura, já havia desaparecido.

- Ela recitou o poema para você? - perguntei a Carlotta.

Carlotta fez que sim. E muito devagar, no seu próprio ritmo, ela declamou cada verso como eu me lembrava.

- Eu disse o poema para mamãe - disse ela. E isso me scandalizou. - De muito adiantou. O que você achava que ia acontecer? Achava que vocês todos podiam brincar com o Demônio sem pagar por isso?



- Mas eu nunca tive certeza de que ele era o Demônio. Quando eu nasci em Riverbend, não havia nem Deus nem o Diabo. Fiz o melhor que pude com o que eu tinha.

- Vocês arderão no inferno - disse ela.

Um pequeno pavor me atravessou. Tive vontade de responder, de dizer tantas outras coisas... Quis contar-lhe tudo, ou tudo do que havia, mas ela se levantara da mesa, largara o guardanapo como se fosse uma luva e saíra da sala.

Ah, quer dizer que ela contou a Mary Beth. Quando Mary Beth veio me buscar, sussurrei aquelas palavras apavorantes.

- Matem a carne que não é humana...

- Ora, querido, não se preocupe, por favor - disse ela. - Saia para se divertir.

Quando saí para a varanda da frente, o Stutz Bearcat estava esquentando, pronto para sair, e lá fomos nós, eu e os meus pequenos, Stella e Lionel. Passamos por Amélia Street, mas não paramos para ver Evelyn pois temíamos prejudicá-la mais do que beneficiá-la.

Foi até Storyville, até as casas das minhas damas preferidas, que nos dirigimos.

Creio que estava amanhecendo quando voltamos para casa. Lembro-me agora daquela noite com nitidez porque foi minha última noite em Storyville, ouvindo os conjuntos de Jazz, cantando e levando as crianças comigo até os salões elegantes dos bordéis. Ah, como se escandalizaram as minhas amigas! Mas não há nada num bordel que não se possa comprar.

Stella adorou! Isso é que é viver, exclamou. Isso é que é vida. Stella bebia taças e mais taças de champanhe e dançava nas pontas dos pés. Lionel não estava tão seguro assim. Mas isso não importava. Eu estava morrendo! Sentado no salão lotado da casa de Lulu White, ouvindo o piano a tocar ragtime, pensei, eu estou morrendo. Morrendo! E eu me sentia tão egocêntrico a respeito desse fato quanto qualquer outra pessoa. O mundo se encolhia e girava em torno de Julien. Julien sabia que ia chegar uma tempestade. E que ele não poderia estar presente

para ajudar! Julien sabia que todo prazer, aventura e conquista estavam terminados! Julien ia ser posto num túmulo como qualquer outra pessoa.

Naquela manhã, quando chegamos em casa, beijei minha Stella. Disse-lhe que havia sido uma ocasião memorável, e depois me retirei para o sótão, com a certeza de que nunca mais sairia de lá.

Ficava deitado no escuro, noite após noite, a pensar. E se de algum modo eu pudesse voltar? E se de algum modo eu pudesse ficar apegado à terra como essa criatura ficara?

Afinal de contas, se ele for Ashlar, um dos inúmeros Ashlars, um santo, um rei, o fantasma vingativo, um mero ser humano... A escuridão fez ruídos em resposta a mim. A cama tremeu. Pensei novamente naquele verso... a carne que não é humana.

- Você veio me atormentar ou me agradar? - perguntei.

- Morra em paz, Julien. Eu lhe teria transmitido todos os meus segredos no primeiro dia em que vim com você a esta casa. Naquela ocasião, eu lhe disse que um lugar assim poderia atraí-lo de volta da eternidade, que ela era como os castelos de antigamente. Lembre-se das suas simetrias, Julien, das suas ameias graciosas. E através da névoa, você as verá, com nitidez. Mas naquela época você não quis saber das minhas lições. Agora você as quer? Eu o conheço. Você está vivo. Você não quis ouvir falar na morte.

- Acho que você não sabe nada sobre a morte - respondi. - Acho que você conhece o que é querer, assombrar e viver! Mas a morte, não.

Saí da cama. Acionei a Vitrola só para expulsar a criatura dali.

- É, eu quero voltar - murmurei. - Quero voltar. Quero permanecer preso à terra, ficar, fazer parte desta casa. Mas Deus, juro do fundo da minha alma que não se trata da ânsia de voltar a viver. É que a história não está terminada, o espírito persiste, e eu morro! Eu ajudaria. Eu seria um anjo do Senhor, de algum modo. Ah, Deus, não acredito em você. Não acredito em nada, a não ser em Lasher e em mim mesmo.

Comecei a andar de um lado para o outro. Andei e andei; e toquei a valsa de Violetta, uma melodia que parecia tão perfeitamente imune a qualquer tipo de tristeza, algo tão frívolo e no entanto tão organizado que eu a considerava irresistível.

Ocorreu então um momento tão raro a ponto de talvez ter sido único. Em todos os meus longos anos de vida, eu nunca havia sido apanhado tão de surpresa quanto fui nesse instante, pelo rosto de uma menina à minha janela, uma criança abandonada, agachada sobre o telhado alto da varanda.

Abri de imediato a janela renitente.

- Evelyn - disse eu. E perfumada, macia e molhada da chuva de primavera, ela me abraçou.

- Como você chegou a mim, querida?

- Subi pela treliça, tio Julien, de mão em mão. Você me mostrou que um sótão não é uma prisão. Virei vê-lo enquanto puder.

Fizemos amor, conversamos. Eu estava ali deitado com ela ao nascer do sol. Ela me disse que agora estavam sendo gentis com ela, que a deixavam sair, que ela caminhava no final da tarde ao longo da Avenue e descia até Canal Street, que andara novamente de carro, que agora tinha sapatos de verdade. Richard lhe comprara vestidos bonitos. Cortland lhe dera um casaco com uma gola de pele. Até Mary Beth lhe dera um espelho montado em prata e um pente com o cabo de prata.

Ao amanhecer, sentei-me e acionei a Vitrola. Dançamos ao som da valsa. Era uma manhã estranha, o tipo de manhã estranha que se segue a farras, bebedeiras e caminhadas de salões de dança para tabernas. No entanto, tudo havia ocorrido neste quarto. Ela agora usava só a anágua, enfeitada com renda cor de rosa, e uma fita no cabelo. Dançamos sem parar pelo quarto afora, dando risinhos, até que alguém afinal... ah, sim, foi Mary Beth, abriu a porta.

Eu apenas sorri. Sabia que minha criança angelical voltaria a me visitar.

Na escuridão da noite, conversei com a Vitrola.

Disse-lhe que mantivesse o feitiço. É claro que eu não acreditava nessas coisas. Eu me recusara peremptoriamente a acreditar nelas. Mesmo assim, eu agora cortava minhas unhas e enfiava as aparas entre o fundo e a lateral de madeira. Cortava meu cabelo e o enfiava por baixo do prato. Mordia meus dedos para tirar sangue e o esfregar até ele se confundir com a tintura escura da madeira. Tornei o gramofone um boneco de mim mesmo, como as bonecas das bruxas, e cantei a valsa.

- Volte, volte - disse eu, tocando a valsa. - Esteja a postos se precisarem de você. Esteja a postos se o invocarem. Volte, volte.

Apossou-se de mim uma visão terrível, de que eu estava morto, em ascensão e de que a luz estava chegando. Eu lhe voltava as costas e mergulhava com os braços esticados, penetrando fundo num ar que se tornava cada vez mais denso, tão denso quanto escuro. Apegado à terra. E parecia que a noite estava repleta de espíritos como o meu, almas perdidas, tolos, temendo o inferno e sem acreditar no Paraíso. E a valsa continuava a tocar.

Percebi, afinal, a futilidade de todos aqueles gestos, que a feitiçaria não é mais do que uma questão de foco, que qualquer pessoa pode aplicar suas energias ferozes e incomensuráveis a um ato de escolha. Eu voltaria! Eu voltaria. Entoei essas palavras para as paredes.

Voltar.

Alerta, os sentinelas nessa hora!

É, voltar nessa hora!

Se não, o Éden não terá mais primaveras.

Se não, nossa gente nunca mais reinara.

Michael, lembre agora todos os versos que eu lhe disse.

Lembre-se deles. Veja o que eles significam! Michael, eu lhe digo que não estaria aqui se a batalha estivesse terminada. A hora de que estamos falando ainda está por chegar. Você usou de amor, sim, você fez isso, mas não foi

suficiente. Existem, porém, outras armas que pode usar. Lembre-se do poema, "toscas e cruéis". Não hesite quando vir a criatura. Não permita que a sua bondade o impeça de agir.

Por que outro motivo eu teria permissão para vir aqui? Por que outro motivo eu teria permissão para ouvir mais uma vez a valsa debaixo deste teto? Em algum momento, você deve tocá-la para mim, Michael a minha valsa, a minha pequena Vitrola. Toque-a quando eu não estiver mais aqui.

Mas deixe-me falar das últimas poucas noites de que me lembro. Estou ficando cansado. Posso ver o final destas palavras, mas não o final da história. Esse, você é que vai contar. Deixe-me transmitir as poucas palavras que restam. E lembre-se da sua promessa. Toque a música para mim, Michael. Toque-a, pois se eu vou para o céu ou para o inferno ainda não é do conhecimento de nenhum de nós dois, e talvez nunca venha a ser.

Foi uma semana depois. que entreguei a pequena Vitrola a Evelyn. Tirei partido de uma tarde em que ninguém estava por perto e mandei Richard ir buscá-la e lhe dizer que viesse o mais rápido possível. Fiz com que os rapazes trouxessem cá para cima uma grande Vitrola da sala de jantar, um respeitável gramofone com um belo som.

E então, quando Evie e eu estávamos sós, disse-lhe que levasse a pequena Vitrola para casa, que a guardasse e que nunca a largasse enquanto Mary Beth estivesse viva. Não quis nem que Richard soubesse que ela a levara, por temer que ele abrisse o bico se Mary Beth o pressionasse.

- Você a leve e cante enquanto for saindo com ela - disse eu a Evie. Cante sem parar.

Desse modo, imaginei, se Lasher por acaso a visse levando embora esse misterioso brinquedinho, ele, desnortado, não atribuiria nenhum significado ao que estava vendo. Eu tinha de me lembrar: o monstro conseguia ler meus pensamentos.

Eu estava desesperado.

Evie mal saíra, com seu canto agudo afastando-se escada abaixo, e eu acionei a grande Vitrola nova e chamei Lasher a mim. Talvez ele nem prestasse atenção a ela. Quando ele apareceu, eu lhe implorei.

- Lasher, proteja sempre aquela coitadinha da Evie. Proteja-a dos outros. Por mim, você se dispõe a proteger essa criança?

Ele ouviu com a maior atenção possível já que a música o confundia. Invisível, ele se debatia pelo quarto, derrubando objetos do consolo da lareira, fazendo vibrar as molduras dos quadros. Para mim, tudo bem. Era uma prova de que ele estava ali!

- Muito bem, Julien - disse ele, de repente, aparecendo em meio a uma dança alegre, com os pés batendo no assoalho com alguma aparência de peso e som. Que sorriso. Que criatura deslumbrante. Como desejei por um instante tê-lo amado.

E, àquela altura, pensei, sem dúvida Evie já teria chegado em casa.

Passaram-se semanas.

A liberação de Evie era agora um fato. Richard freqüentemente a levava para passear de carro, com Stella. Tobias a levava com regularidade à missa.

Evie vinha me visitar quando queria, pela porta da frente. Havia, porém, noites em que ela optava pela treliça, vindo me procurar como uma pequena deusa destemida, a atizar meu sangue, com sua coragem e sua própria paixão, a um ardor obsceno e delirante. Ficávamos deitados juntos horas a fio, nos beijando e nos tocando. Que maravilha que na minha velhice eu fosse um amante tão hábil para alguém tão jovem. Eu lhe contei segredos, mas só alguns.

Os deuses me haviam concedido esse orgulho derradeiro.

- Julien, eu amo você - dizia o matreiro Lasher quando estava por perto, na esperança de que eu tocasse a grande Vitrola pois viera a gostar muito dela. - Por que alguém iria fazer mal a Evelyn? O que ela representa para nós? Eu vejo o futuro. Eu vejo longe. Temos o que precisamos.

Quando Mary Beth veio para casa uma tarde, fiz com que se sentasse ao meu lado, jurei não ter contado à menina nada de importante e pedi que olhassem por ela ao longo dos anos.

Os olhos de Mary Beth se encheram de lágrimas, uma das raras ocasiões em que eu cheguei a vê-las.

- Julien, como você se engana a meu respeito e a respeito de tudo o que eu fiz. Todos esses anos, lutei pela nossa união, para nos tornarmos fortes em números e em influência. Para sermos felizes! Você acha que eu faria mal a uma criança que tem o seu sangue? À filha de Cortland? Ora, Julien, você me parte o coração. Confie em mim, que eu sei o que faço, que eu fiz tudo certo pela nossa família. Julien, por favor, confie em mim. Julien, não morra perturbado e cheio de medo. Não deixe que isso aconteça com você. Não deixe que suas últimas horas se enfeiem com o medo. Se for preciso, ficarei sentada ao seu lado noite e dia. Morra tranquilo. Nós somos a família Mayfair... a milhões de quilômetros de onde nos encontrávamos em Riverbend há tanto tempo. Tenha confiança de que venceremos.

Passaram-se noites. Eu ficava deitado, acordado, sem precisar mais do sono.

A essa altura eu já sabia que Evelyn carregava um filho meu. Deus não dá trégua aos velhos! Nós ardemos de desejo, nós procriamos. Que circunstância apavorante! Mas a própria menina parecia não saber. Eu não lhe disse.

Só podia confiar em Cortland, a quem chamava para passar sermões incessantes. Eu sabia que seria o maior escândalo, quando todos soubessem que Evelyn estava grávida. Eu só podia confiar nas ordens e declarações emitidas por mim, ad nauseam, no sentido de que a menina fosse protegida não importa o que acontecesse com o passar dos anos.

Chegou então uma noite quente e tranquila. Devia ser verão quando eu morri! Sem dúvida era. As extremosas estavam cheias de flores rosadas. Tenho certeza de não ter imaginado uma coisa dessas.

E eu mandara todos para fora. Eu sabia que ela estava chegando. Estava deitado, quieto, numa pilha de travesseiros olhando para as nuvens lá fora, acima da extremosa.

Senti vontade de voltar, voltar até Riverbend. Vontade de me sentar com Marie Claudette. Vontade de saber, honestamente, de saber quem era aquele rapaz que raptava escravos e os trazia aos aposentos de Marguerite para suas loucas experiências. Quem havia sido aquele patife irresponsável?

Fiquei ali deitado e de repente uma verdade terribilíssima tomou conta de mim. Na realidade, uma pequena verdade. Eu não conseguia me mexer. Eu não conseguia me erguer. Não conseguia fazer com que meus braços me obedecessem. A morte estava se aproximando de mim, como uma friagem de inverno. Ela estava me congelando.

E então, como se existisse um Deus para os contistas e para os devassos, apareceu Evelyn sobre a beirada do telhado, com as mãos brancas nas trepadeiras verdes. Veio subindo e atravessou o telhado da varanda, e eu pude ouvir sua voz do outro lado da grossa vidraça.

- Abra a janela, tio Julien! Sou eu, Evie, abra para mim!

Eu não podia me mexer. Fiquei olhando para ela, com os olhos cheios de lágrimas.

- Ah, querida - murmurei no meu coração.

E Evie recorreu aos seus dons de bruxa. Com esses dons e com as suas mãos, ela fez com que a janela subisse ruidosa. Estendeu-se para entrar e me pegou pelos ombros, tão frágil e pequeno eu devia estar então. Ela me trouxe para a frente e me deu um beijo.

- Ah, querida, mais... mais...

E por trás dela, espalhando-se por todo o céu, formava-se uma tempestade. Ouvi as primeiras gotas baterem no telhado da varanda onde Evie se apoiava. Senti-as no meu rosto. Vi que as árvores começavam a se agitar numa fúria. E ouvi o vento, lamentando-se como se ele estivesse se lamentando, a



açoitar as árvores e a gritar de dor como na morte da minha mãe e na morte da mãe dela.

E, era uma tempestade pela morte da bruxa, e eu era o bruxo. Era a minha morte e a minha tempestade.

## **Capítulo 24**

Eles estavam no meio da névoa, formando um círculo indefinido. O que era aquele ruído grave, opressivo? Seria o trovão?

Eram as pessoas mais perigosas que ele já vira. A ignorância, a pobreza, era essa a sua tradição cultural. E por toda parte ele via as imperfeições comuns aos pobres e aos desamparados, o corcunda, o homem de pé torto, a criança com os braços curtos demais, e todos os outros, de rosto magro, grosseiro, disforme e assustador de se olhar, com seus trajes cinzentos e marrons. O ruído irritante continuava, monótono demais para ser o trovão. Será que eles o ouviam?

O céu parecia fazer pressão sobre eles, sobre o campo relvado do vale. As pedras tinham de fato entalhes, o velho em Edimburgo dissera a verdade a Julien. As pedras eram enormes, e estavam todas reunidas no círculo.

Ele se sentou. Estava tonto.

- Aqui não é o meu lugar. Isso aqui é um sonho. Tenho de voltar para o meu lugar. Não posso acordar aqui. Mas não sei como voltar para lá. - O ruído irritante o estava deixando louco. Era tão grave, tão insistente. Será que eles o ouviam? Talvez fosse algum terrível ronco da própria terra, mas provavelmente não. Qualquer coisa podia acontecer aqui. Qualquer coisa. O importante era sair dali.

- Gostaríamos de ajudá-lo - disse um dos homens, um alto com a cabeleira grisalha e ondulante. Ele deu um passo à frente, saindo da pequena roda. Usava culotes pretos, e sua boca era invisível por baixo do bigode grisalho. Apenas um pouco do lábio apareceu quando sua voz grave de barítono soou. -

Mas não sabemos quem você é ou o que está fazendo aqui. Não sabemos de onde você vem. Nem como fazer para mandá-lo de volta.

Isso, em inglês, em inglês moderno. Tudo isso estava errado. Um sonho.

E esse ronco? Esse ruído irritante. Conheço esse barulho. Quis estender a mão para parar com ele. Conheço esse barulho.

A pedra mais próxima a ele devia ter uns seis metros de altura, irregular, como uma faca tosca a se erguer da terra. E nela havia guerreiros em fileiras, com suas lanças e seus escudos.

- Os picos – disse ele. Os outros olharam para ele como se não o compreendessem.

- Se o deixarmos aqui - disse o homem grisalho - os elementais podem vir. Eles são cheios de ódio. Eles o levarão embora. Tentarão fazer com você um gigante, para reconquistar o mundo. É que você tem o sangue, sabe?

Um ruído forte e estridente veio, de repente, por cima do capim ao vento, abaixo da imensidão de nuvens cinzentas e borbulhantes. Veio novamente, aquele mesmo toque familiar. Era mais forte do que o ruído grave e irritante, que continuava, ininterrupto.

- Eu sei o que é isso! - disse-lhes ele. Procurou levantar-se, mas caiu de novo no capim molhado. Como olhavam espantados para as suas roupas. Como as deles eram diferentes.

- Esta é a época errada! Estão ouvindo esse som? É o de um telefone. Ele está tentando me trazer de volta.

O homem alto aproximou-se. Seus joelhos nus estavam imundos, as pernas compridas, com laivos de sujeira. Muito parecido com alguém que foi salpicado de água suja e que a deixou secar na pele. Sua roupa estava endurecida de sujeira.

- Eu mesmo nunca vi os elementais - disse ele. - Mas eles são algo a se temer. Não podemos deixá-lo aqui.

- Afaste-se de mim. Vou sair daqui. Isso é um sonho, e vocês devem ir embora. Não fiquem aí esperando. Vão. Eu tenho o que fazer! Coisas importantes que precisam ser feitas!

E dessa vez ele se pôs de pé, foi jogado para trás e sentiu as tábuas do assoalho sob suas mãos. Mais uma vez o telefone tocou. Insistentemente. Ele procurou abrir os olhos.

E então o telefone parou. Não, eu preciso acordar, pensou. Preciso me levantar. Não pare de tocar. Ele encolheu os joelhos junto ao peito e conseguiu ficar de quatro. O chiado. A Vitrola. O braço pesado com sua agulha tosca estava preso no fim do disco, rangendo, rangendo, à procura de um novo modo de começar.

Luz nas duas janelas. Suas janelas. E ali a Vitrola sob a janela de Antha, com as pequenas letras VICTOR impressas em dourado na tampa de madeira, que estava aberta.

Alguém vinha subindo a escada.

- Sim! - Ele ficou em pé. Seu quarto. A prancheta, a cadeira. As estantes cheias de livros. Victorian Architecture. The History of the Frame House in America. Meus livros.

Alguém batia à porta.

- Seu Mike, o senhor está aí dentro? Seu Mike, é o seu Ryan no telefone! - Entre, Henri, pode entrar. - Será que Henri ouviria o seu medo? Será que ele o detectaria?

A maçaneta girou como se tivesse vida. A luz do patamar entrou. E o rosto de Henri estava tão escuro com o pequeno lustre atrás da cabeça que Michael não conseguia vê-lo.

- Seu Mike, tenho boas e más notícias. Ela está viva. Foi encontrada em St. Martinville, Louisiana, mal está mal, muito mal. Dizem que não consegue se mexer, nem falar.

- Deus do céu, ela foi encontrada. Têm certeza de que é Rowan!

Ele passou correndo por Henri para descer a escada. Henri veio atrás, falando com firmeza, com a mão estendida para apoiar Michael quando ele quase caiu.

- Seu Ryan está vindo para cá. A polícia de St. Martinville ligou. Ela estava com os documentos na bolsa. A aparência combina com a descrição. Dizem que é mesmo a Dra. Mayfair.

Eugenia estava parada no quarto de Michael, segurando o telefone.

- Sim, senhor, nós o encontramos.

Michael apanhou o fone.

- Ryan?

- Ela já está a caminho - disse a voz fria, do outro lado. - A ambulância vai levá-la direto para o Hospital da Misericórdia. Ela estará lá dentro de aproximadamente uma hora, se usarem a sirene o tempo todo. Michael. as perspectivas não são boas. Não conseguem nenhuma reação dela. Estão descrevendo um estado de coma. Estamos tentando entrar em contato com seu amigo, o Dr. Larkin, no Pontchartrain, mas não obtivemos resposta.

- O que é que eu faço? Para onde vou? - Ele queria entrar na 1-10 e seguir na direção norte até ver a ambulância vindo e, então, fazer um balão, atravessar a grama e acompanhá-la. Uma hora! - Henri, pegue meu paletó. Descubra onde está minha carteira. Lá embaixo na biblioteca. Deixei minhas chaves e minha carteira no chão.

- Para o Hospital da Misericórdia - disse Ryan. - Eles estão prontos para ela. No andar Mayfair. Nós nos encontraremos lá. Você não esteve com o Dr. Larkin, esteve?

Em segundos, Michael já estava com o casaco. Ele tomou o copo de suco de laranja que Eugenia empurrou na sua direção, enquanto lhe lembrava categoricamente que ele não havia jantado, que já eram onze da noite.

- Henri, traga o carro para frente da casa. Rápido.

Rowan viva. Rowan estaria no Hospital da Misericórdia em menos de uma hora. Rowan, de volta para casa.. Puta que pariu, eu sabia. Sabia que ela ia voltar, mas não desse jeito!

Ele se apressou até o saguão de entrada, apanhando as chaves com Eugenia bem como a carteira, e a enfiando no bolso. O clipe de dinheiro. Não precisava. O andar Mayfair. Onde ele próprio ficara depois do ataque do coração, ligado a máquinas e escutando seu barulho, como o chiado da Vitrola. E ela ia estar lá.

- Preste atenção, Eugenia, é uma coisa muito importante que você precisa fazer - disse ele. - Suba até o meu quarto. Tem um gramofone velho no chão. Dê corda nele e toque aquele disco, entendeu?

- Agora? A esta hora da noite? Para quê?

- Faça só isso. Vou lhe dizer uma coisa. Traga o gramofone para o salão. Assim fica mais fácil. Ah, deixe para lá, você não tem como carregá-lo. Basta que vá lá em cima e toque aquele disco algumas vezes e depois vá dormir.

- Sua mulher foi encontrada, sua mulher está viva, e o senhor está se dirigindo ao hospital para vê-la, sem nem saber se ela está bem, se levou um golpe na cabeça ou seja lá o que for, e o senhor está dizendo para eu ir tocar um disco.

- Isso mesmo. Você compreendeu perfeitamente.

Lá chegava o carro, um grande peixe escuro deslizando sob os carvalhos. Ele desceu correndo a escada, voltando-se rapidamente para Eugenia.

- Faça o que eu disse! - recomendou e saiu. - A questão é que ela está viva. - Ele entrou no banco traseiro da limusine e bateu a porta. – Pode seguir.

- Ela está viva e, se está viva, irá me ouvir. Conversarei com ela. Ela me dirá o que aconteceu. Meu Deus, Julien, ela está viva. Ainda não chegou a hora.

Quando o automóvel entrou em Magazine Street, dirigindo-se para o centro da cidade, voltou-lhe à memória o restante do poema, por inteiro, uma longa seqüência de palavras sinistras e oníricas. Ele ouviu a voz de Julien, com o bonito sotaque francês a iluminar as letras, exatamente como os antigos monges

iluminavam letras, enfeitando-as de um dourado ou vermelho vibrante, decorando-as com minúsculas figuras e folhagens.

Alerta, os sentinelas nessa hora  
Nenhum médico entrará na casa  
Os estudiosos só o mal aumentarão  
Os cientistas só forças lhe darão

Não é uma coisa terrível? - dizia Henri. - Todas aquelas pobres mulheres. E pensar que todas elas morreram do mesmo jeito.

- Do que você está falando? - perguntou Michael. Estava com vontade de fumar um cigarro. Ainda sentia o cheiro do charuto adocicado de Julien. O perfume estava impregnado nas suas roupas. Voltou-lhe à mente como um raio. Julien, acendendo o charuto, inspirando e acenando para ele. E o refulgir profundo da cama de latão no quarto. Além de Violetta cantando para todos aqueles homens.

- Que pobres mulheres? Do que você está falando? É como se eu fosse Rip Van Winkle. Que horas são?

- São onze e meia da noite, patrão. Estou falando das outras mulheres da família, a mãe da menina Mona, que morreu na cidade alta, e a coitada da Dona Edith, no centro, embora, ao que eu me lembre, eu nunca a tenha conhecido. Também não me lembro do nome da outra, da outra de Houston e de mais uma depois dessa.

- Você está querendo dizer que todas essas mulheres morreram? Essas mulheres da família Mayfair?

- É, patrão. A dona Bea disse que todas morreram do mesmo jeito. O seu Aaron ligou. Todo mundo ligou. Nós nem sabíamos que o senhor estava em casa. As luzes estavam apagadas lá em cima naquele quarto. Como eu podia imaginar que o senhor estaria dormindo no chão?

Henri prosseguiu. Disse alguma coisa sobre ter procurado por Michael na casa inteira, que Eugenia fez isso ou aquilo, que saíram para procurar por ele no jardim, e assim por diante. Michael não estava olhando a passagem veloz dos velhos e decrepitos prédios de alvenaria de Magazine Street.

Estava ouvindo o poema.

Sufrimento e dor enquanto erraram

Sangue e medo até que aprendam.

## **Capítulo 25**

Quer dizer que esse era Stolov. Ele soube no instante em que saltou do avião. Eles haviam seguido seus passos o tempo todo. E aqui estava o grandalhão à sua espera, um pouco musculoso demais na sua capa de chuva preta, com olhos grandes de uma cor pálida e indefinida que, mesmo assim, brilhavam muito como o vidro transparente.

O homem tinha cílios louros quase invisíveis e sobrancelhas cerradas. O cabelo era claro. Parecia norueguês a Yuri. Não russo. Erich Stolov.

- Stolov - disse Yuri e, transferindo a bolsa para a mão esquerda, estendeu-lhe a direita.

- Ah, você me conhece - disse o homem. - Eu não sabia ao certo se me conheceria. - Sotaque escandinavo, com um toque de algum outro lugar. Europa Oriental.

- Sempre reconheço o nosso pessoal - disse Yuri. - Por que você veio a Nova Orleans? Esteve trabalhando com Aaron Lightner? Ou está aqui apenas para me receber?

- É isso o que vim explicar - disse Stolov, pousando a mão muito de leve nas costas de Yuri enquanto seguiam juntos pelo corredor atapetado, com uma multidão de passageiros passando por eles, e o próprio espaço oco parecendo

absorver todos os sons calorosos. O tom do homem era muito aberto, de cooperação. Yuri não acreditava muito nele.

- Yuri - disse o outro. - Você não deveria ter deixado a casa-matriz, embora eu entenda por que saiu. Mas você sabe que nós somos uma Ordem autoritária. Você conhece a importância da obediência. E sabe quais são os motivos.

- Não, você me diga os motivos. Agora, estou excomungado. Não sinto nenhuma obrigação de falar com você. Vim ver Aaron. Essa é a única razão para eu estar aqui.

- Isso eu sei. Claro que sei - disse o outro, anuindo com a cabeça. - Olhe, vamos parar para tomar um café?

- Não, eu quero ir para o hotel. Quero me encontrar com Aaron o mais rápido possível.

- Ele não poderia falar com você agora mesmo que quisesse – disse Stolov, em tom baixo, conciliador. – A família Mayfair está passando por uma crise. Ele está com eles. Além disso, Aaron é um membro antigo e leal da Talamasca. Ele não vai ficar satisfeito por você ter saído de forma tão impulsiva. Sua demonstração de afeto pode até embará-lo.

Yuri ficou enfurecido, em silêncio, com essas palavras. Não estava gostando desse louro grandão.

- Então vou encontrá-lo e descobrir por mim mesmo. Ouça, Stolov, quando saí, eu sabia que estava fora. Por que você está falando comigo desse jeito, tão paciente, tão simpático? Aaron sabe que você está aqui?

- Yuri, você é valioso para a Ordem. Anton é novo como superior geral. Talvez David Talbot tivesse conduzido essa situação com maior habilidade. É nesses tempos de transição que às vezes perdemos pessoas que depois nos fazem muita falta.

O homem indicou com um gesto a lanchonete vazia, onde xícaras de porcelana tremeluziam em mesas lisas de fórmica. Cheiro de café americano, fraco, até mesmo aqui nessa cidadezinha.



- Não, quero seguir em frente - disse Yuri. - Vou encontrar Aaron. E então nós três podemos conversar, se você quiser. Quero dizer a Aaron que estou aqui.

- Não vai poder fazer isso agora. Aaron está no hospital - disse Stolov. - Rowan Mayfair foi encontrada. Aaron está com a família. Aaron corre perigo. E por isso que é tão importante que você ouça o que eu tenho a dizer. Você não está vendo? Esse equívoco entre nós, isso aconteceu porque estávamos procurando proteger Aaron. E você.

- Então você pode explicar isso a nós dois.

- Deixe-me falar, primeiro - disse o homem, com delicadeza. - Por favor.

Yuri percebeu que o homem estava praticamente impedindo seu caminho. O homem era maior do que ele. Não era que ele fosse uma tamanha ameaça, mas, sim, um enorme obstáculo, forte, obstinado e cheio de confiança em si mesmo. Seu rosto era simpático e inteligente. E mais uma vez ele falou com o mesmo tom neutro e paciente.

- Yuri, precisamos da sua colaboração. Caso contrário, Aaron pode ser atingido. Você poderia dizer que se trata de uma missão de salvamento envolvendo Aaron Lightner. Aaron foi atraído para o seio da família Mayfair. Ele não está mais usando seu discernimento.

- Por que não?

No entanto, no mesmo instante em que fazia essa pergunta, Yuri cedeu. Voltou-se, permitiu que fosse conduzido ao restaurante e capitulou, aceitando uma cadeira em frente à do norueguês alto e olhando em silêncio enquanto ele dizia à garçonne que trouxesse café e algo doce para comer.

Yuri calculou que Stolov tivesse talvez dez anos a mais do que ele. Isso queria dizer que Stolov talvez estivesse com quarenta anos. Quando a capa de chuva se abriu, ele viu o tradicional terno da Talamasca, de corte caro, de lã tropical, mas sem ostentação. O jeito de se vestir desta geração. Diferente do tweed com reforço de couro de David, Aaron e o pessoal da sua idade.

- Você está cheio de suspeita e tem o direito de se sentir assim – disse Stolov. – Mas Yuri, nós somos uma Ordem, uma família. Você não deveria ter saído da casa-matriz como saiu.

- Isso você já me disse. Por que os Anciãos me proibiram de falar com Aaron Lightner?

- Eles não faziam a menor idéia de que as repercussões seriam desse nível. Queriam apenas silêncio, um intervalo, no qual pudessem tomar medidas para proteger Aaron. Não imaginaram aquelas palavras proferidas em voz retumbante.

A garçonete encheu suas xícaras com o café fraco, pálido.

- Expresso - disse Yuri. - Desculpe. - Ele afastou a xícara anêmica. A mulher serviu pãozinhos, de aroma adocicado, cobertos com glacê e pegajosos. Yuri não estava com fome. Comeria no avião alguma coisa perfeitamente insossa, que o deixara satisfeito.

- Você disse que encontraram Rowan Mayfair - disse Yuri, com os olhos fixos nos pãozinhos, imaginando como seriam grudentos se ele os tocasse. - Você mencionou um hospital.

Stolov fez que sim. Tomou seu café claro, da cor do âmbar. Olhou para Yuri com aqueles seus olhos estranhos, claros e suaves. A ausência de qualquer cor fazia com que eles parecessem vazios e de súbito inexplicavelmente agressivos. Yuri não conseguia entender por quê.

- Aaron está aborrecido conosco - disse Stolov. - Ele não está cooperando. No dia de Natal, aconteceu algo com a família Mayfair. Ele acredita que, se estivesse presente, teria podido ajudar Rowan Mayfair. Ele nos culpa por não ter ido ajudar Rowan. Está enganado. Ele teria morrido. Isso é o que teria acontecido. Aaron está velho. Suas investigações raramente, se é que alguma vez, envolveram esse tipo de perigo direto.

- Não foi essa a minha impressão - disse Yuri. - A família Mayfair tentou matá-lo uma vez antes. Aaron já se deparou com muito perigo. Correu riscos em outras investigações. Aaron é um tesouro para a Ordem por ter visto e feito tanto.

- Ah, mas você sabe? Não é a família que representa a ameaça atual para Aaron. Não são as bruxas Mayfair. É um indivíduo que a família ajudou e apoiou, por assim dizer.

- Lasher.

- Vejo que conhece o arquivo.

- Conheço.

- Você viu esse indivíduo quando foi a Donnelaith?

- Você sabe que não vi. Se está trabalhando nessa investigação, já leu os relatórios cujas cópias mandei para os Anciãos, os relatórios que fiz para Aaron. Sabe que conversei com pessoas que haviam visto esse indivíduo, como você diz. Mas eu próprio não o vi. Você o viu?

- Por que está tão aborrecido, Yuri? - Que voz linda, grave, reverente.

- Não estou aborrecido, Stolov. Estou dominado por uma suspeita. Fui devotado à Talamasca a minha vida inteira. A Talamasca me levou à idade adulta. Eu talvez não tivesse chegado até ela se não fosse pela Ordem. Mas alguma coisa não está certa. As pessoas estão agindo de modo estranho. O seu tom é estranho. Quero falar diretamente com os Anciãos. Quero falar com eles!

- Isso nunca acontece, Yuri - disse Stolov, em voz baixa. - Ninguém fala com os Anciãos. Você sabe disso. Aaron lhe poderia ter dito a mesma coisa. Você pode se comunicar com eles pelos meios habituais...

- Ah, mas esta é uma situação de emergência.

- Para a Talamasca? Não. Para Aaron e Yuri, sim, decididamente. Mas para a Talamasca, nada é uma emergência. Nós somos como a Igreja Católica.

- Rowan Mayfair, você disse que a encontraram. O que houve?

- Ela está no Hospital da Misericórdia, mas em algum momento na manhã de hoje vão levá-la para casa. Ela passou a noite no balão de oxigênio. Hoje cedo ela foi retirada dele. Continua a respirar sozinha. Mas não vai se recuperar. Isso foi confirmado ontem à noite. Houve enorme dano ao cérebro, o tipo de dano provocado por choque, overdose, reação alérgica, aumento súbito de insulina.

Estou usando as palavras dos médicos que a atendem. Estou lhe dizendo o que eles estão dizendo para os outros membros da família.

- Sabem que ela não pode se recuperar. E seus próprios desejos relacionados a situações semelhantes estão por escrito. Como herdeira do legado, ela deixou suas próprias instruções para uma crise semelhante. Uma vez confirmado um prognóstico negativo, que fosse desligado qualquer equipamento de manutenção artificial da vida e que ela fosse levada para casa.

Stolov olhou para o relógio, uma coisa horrenda cheia de pequenos mostradores e letras digitais.

- É provável que a estejam levando para casa agora. - Olhou para Yuri. - Com toda a certeza, Aaron está com eles. Dê a Aaron um tempo.

- Vou dar a você exatamente vinte minutos. Explique-se. Depois, vou prosseguir.

- Está bem. Esse indivíduo, Lasher, é muito perigoso. Ele é único, ao que se saiba. Está tentando procriar desesperadamente. Há algumas evidências de que algumas mulheres da família Mayfair poderiam ser úteis para ele nesse esforço, já que a família possui uma peculiaridade genética, todo um conjunto de cromossomos que os outros seres humanos não possuem. Há provas de que Michael Curry também possui esse mesmo excedente de cromossomos misteriosos. Trata-se de uma característica peculiar aos provenientes dos países do norte, em especial aos celtas. Quando Rowan e Michael se uniram, eles produziram essa criatura única. Não humana. Mas ela não teria conseguido nascer, se não tivesse ocorrido alguma extraordinária intervenção espiritual. A migração, por assim dizer, de uma alma poderosa e determinada. Essa alma penetrou no embrião antes que sua própria alma o controlasse e essa alma conduziu o desenvolvimento do embrião, valendo-se do excedente de cromossomos para criar um esquema novo e talvez sem precedentes. Foi um encontro, se assim deseja, do mistério com a ciência, de alguma coisa espiritual com uma anormalidade genética, da qual a força espiritual tirou partido. Uma espécie de oportunidade física para um acontecimento oculto e poderoso.

Yuri refletiu algum tempo sobre tudo que foi dito. Lasher, o espírito que queria ser carne, que ameaçara Petyr van Abel com suas sinistras profecias, que tentara sucessivas vezes se materializar, acabara nascendo de Rowan Mayfair. Até aí ele havia deduzido antes de chegar a Nova Orleans. Que a criatura quisesse procriar, se reproduzir, aí estava algo que ele não cogitara. Mas fazia sentido.

- Claro que faz - disse Stolov. - A evolução diz respeito à reprodução. Essa criatura agora está enredada no amplo esquema da evolução. Ela fez sua entrada triunfal. Agora quer se reproduzir e assumir o comando. E, se conseguir encontrar a mulher certa, terá sucesso. Rowan Mayfair foi destruída pelas suas tentativas de se reproduzir. Seu corpo foi devastado por abortos naturais a curtos intervalos. Outras mulheres da família, a quem faltava o excedente de cromossomos, sofreram hemorragias fatais horas após a fecundação pela criatura. A família sabe que esse ser destruiu Rowan Mayfair e que ele é uma ameaça a outras mulheres da família, que ele acabará rapidamente com suas vidas no esforço de encontrar uma que possa sobreviver à fecundação e que consiga dar à luz. A família cerrará fileiras, procurará se proteger e esconder esse conhecimento, exatamente como sempre agiu com esse tipo de segredo oculto no passado. Ela irá procurar o ser à sua própria maneira, usando seus imensos recursos. Ela não permitirá que o mundo aqui fora ajude ou tome conhecimento disso.

- Qual é o perigo para Aaron? Não estou vendo nada a partir do que você diz.

- E muito óbvio. Aaron sabe da existência da criatura. Ele sabe o que ela é. Nos primeiros dias depois do Natal, antes que a família compreendesse o que havia acontecido, houve alguns descuidos. Material de perícia foi colhido no local do nascimento do ser. Esse material foi enviado a um laboratório impessoal. Depois, a própria Rowan entrou em contato com um médico de San Francisco e lhe enviou amostras de tecido da criatura e dela mesma. Esse foi um erro terrível. O médico que analisou esses materiais num instituto particular em San Francisco

está morto. O médico que entregou o material e que veio aqui para examinar o assunto com a família simplesmente desapareceu. Ontem à noite, ele deixou seu hotel aqui sem nenhuma explicação. Não foi visto desde essa hora. Em Nova York, os exames genéticos relacionados a essa criatura também desapareceram. O mesmo ocorreu num instituto de genética na Europa, para o qual a instituição de Nova York mandou amostras do seu trabalho. Todos os traços desse ser não existem mais em fontes oficiais.

- Mas nós... nós a Talamasca sabemos tudo sobre essa criatura. Sabemos tudo sobre ele. Ainda mais do que os pobres infelizes que examinaram suas células no microscópio. Ainda mais do que a família que luta agora para se proteger contra ele. O ser vai procurar erradicar nosso conhecimento. Isso era inevitável. Talvez... tenha ocorrido um erro de apreciação.

- O que você está querendo dizer?

A garçonete trouxe a pequena xícara do negro café expresso. Yuri tocou na porcelana com os dedos. Quente demais.

- "Nós observamos e estamos sempre presentes" - disse Stolov. - Esse é o nosso lema. Às vezes, porém, esses poderosos seres que observamos, essas taciturnas e inclassificáveis formas de energia, do mal ou seja lá o que forem, essas criaturas procuram destruir todas as testemunhas, e nós devemos sofrer as conseqüências da nossa longa vigilância, da nossa compreensão, por assim dizer. Talvez, se tivéssemos sido mais bem preparados para o nascimento desse ser... Mas também... Acho que ninguém acreditava que uma coisa dessas fosse de fato possível. E agora... é tarde demais.

- Essa criatura vai sem dúvida tentar matar Aaron. Ela vai tentar matar você. Ela vai tentar me matar assim que souber que eu estou envolvido nesta investigação. É por esse motivo que algo mudou na Talamasca. É por esse motivo que, como você disse, há algo de errado. Os Anciãos aferrolharam as portas. Os Anciãos auxiliariam a família, sim, na medida do possível. Mas os Anciãos não vão permitir que nossos membros corram perigo. Eles não ficarão inertes enquanto essa criatura tenta invadir nossos arquivos e destruir nossos registros

inestimáveis. Como eu disse... coisas dessa natureza aconteceram antes. Nós dispomos de um procedimento para esse tipo de agressão.

- Mesmo assim, não se trata de uma emergência.

- Não, trata-se apenas de um outro modo de operar. Um reforço da segurança; uma protetora ocultação de dados; uma exigência de obediência cega por parte daqueles que correm perigo. Que você e Aaron retornem para a casa-matriz imediatamente.

- Aaron está se recusando a fazer isso?

- Peremptoriamente. Ele não se dispõe a abandonar a família. Está arrependido de ter obedecido no dia de Natal.

- E qual é o objetivo oficial da Ordem? Apenas o de se proteger?

- O de tomar a atitude extrema de proteção.

- Não entendi.

- Entendeu, sim. A medida extrema de proteção é a destruição da ameaça. Mas é isso o que vocês devem deixar por nossa conta. Pela minha e pela dos meus investigadores. Pois nós sabemos como fazer isso, como rastrear esse ser, como localizá-lo, como encurralá-lo e como impedi-lo de realizar seus objetivos.

- E você quer que eu acredite que a nossa Ordem, nossa amada Talamasca, fez esse tipo de coisa no passado.

- Claro que sim. Não podemos permanecer passivos quando nossa própria sobrevivência está em jogo. Temos um procedimento operacional. Nesse procedimento, você e Aaron não podem ter nenhum papel.

- Faltam peças nesse quebra-cabeça.

- Como assim? Achei que estava completo.

- Você fala de uma ameaça à família. Fala de uma ameaça à Ordem. E a ameaça aos outros? Qual é a predisposição moral dessa criatura? Se conseguir procriar, quais serão as consequências?

- Ah, mas isso não vai acontecer. É inimaginável que isso aconteça. Você não sabe o que está perguntando.

- Ah, eu acho que sei - disse Yuri. - Afinal de contas, falei com pessoas que viram o ser. Uma vez que ele tivesse conseguido as fêmeas adequadas, ele poderia se propagar com uma rapidez espantosa, o tipo de rapidez que se vê no mundo dos insetos ou dos répteis, uma rapidez tão superior à dos outros mamíferos que ele logo os superaria, os dominaria e possivelmente os eliminaria.

- Você é muito inteligente. E sabe demais sobre esse ser. É uma pena que tenha lido o dossiê, que tenha ido a Donnelaith. Mas não tenha medo, essa criatura não sairá vitoriosa. E quem sabe qual é o seu tempo médio de vida? Quem sabe se sua morte não chegaria rápido, com ou sem propagação?

Stolov ergueu a faca e o garfo, cortou uma pequena fatia do pão doce sobre o prato à sua frente e a comeu em silêncio, enquanto Yuri observava. Em seguida, depôs a faca e o garfo e olhou para Yuri.

- Convença Aaron a voltar com você. Convença-o a deixar por nossa conta a família Mayfair e os seus problemas.

- Sabe? Simplesmente parece haver algo de errado - disse Yuri. - Há tanta coisa envolvida nesse caso. E você não está falando tudo. Além disso, esse não é o estilo da Talamasca que eu conheço. Essa criatura, ela é tão perigosa... Não. Isso não combina com o que eu sei da minha Ordem, dos meus irmãos, de modo algum.

- O que você pode estar querendo dizer?

- Você está sendo muito paciente comigo. Agradeço por isso. Mas a nossa Ordem é serena demais para tudo isso. Os Anciãos sabem cuidar de tudo sem gerar suspeita e alarme. Há algo de tosco no jeito que tudo aconteceu. Teria sido simples para os Anciãos a tarefa de me manter satisfeito em Londres. A de manter Aaron satisfeito. Mas tudo isso é inábil, apressado. Indelicado. Não sei, não. Não reconheço a Talamasca nisso.

- Yuri, a Ordem esperava sua obediência total. A Ordem tinha o direito a essa expectativa. - Pela primeira vez, o homem demonstrou um ínfimo sinal de raiva. Ele pôs o guardanapo na mesa, com grosseria, ao lado do garfo. Um



guardanapo sujo na mesa. Um guardanapo lambuzado de açúcar e manchado com gotinhas de café. Yuri olhou espantado para o guardanapo.

- Yuri, morreram algumas mulheres nas últimas quarenta e oito horas. Esse médico, Samuel Larkin, é provável que também esteja morto. Rowan Mayfair vai morrer no decorrer das próximas semanas. Os Anciãos não esperavam que você fosse lhes causar problemas justo agora. Eles não previam que você fosse aumentar suas preocupações, da mesma forma que não previram a deslealdade de Aaron.

- Deslealdade?

- Já lhe disse. Ele se recusa a abandonar a família. Mas ele é um velho. Não há nada que possa fazer contra Lasher. Nunca houve! - A raiva novamente.

Yuri recostou-se. Pensou por algum tempo. Ficou olhando para o guardanapo. O homem o apanhou, limpou novamente a boca com ele e o deixou sobre a mesa. Yuri olhava para o guardanapo.

- Quero me comunicar com os Anciãos - disse Yuri. - Quero ouvir essas coisas deles.

- Está bem. Leve Aaron com você hoje. Leve-o para Nova York. Você está cansado. Descanse antes, se quiser, mas só em local de nosso conhecimento. Depois vá embora. Quando chegar a Nova York, entre em contato com os Anciãos. Você terá tempo. Vocês podem discutir esse assunto juntos, você e Aaron. E depois devem voltar para Londres. Devem voltar para casa.

Yuri levantou-se. Deixou o guardanapo na cadeira.

- Você vai vir comigo ao encontro de Aaron

- Vou, talvez seja até bom que você esteja aqui. Talvez seja bom, porque sozinho não sei se eu jamais o convenceria a sair daqui. Vamos agora. Já está na hora de eu falar com ele diretamente.

- Você quer dizer que ainda não falou com ele?

- Yuri, estou ocupadíssimo, como se diz. E agora Aaron não está colaborando.

Havia um carro à sua espera, uma enorme limusine Lincoln americana. Ela era forrada de veludo cinza. Seus vidros eram tão escurecidos que o mundo lá fora parecia estar sob ordens de escuridão total. Impossível ver realmente uma cidade através de janelas desse tipo, pensou Yuri. Estava sentado, muito quieto. Pensava em algo que lhe acontecera anos antes.

Lembrava-se da longa viagem de trem com a mãe pela Sérvia adentro. Ela lhe dera alguma coisa. Um furador de gelo, embora na ocasião ele não soubesse o que era. Era uma ferramenta comprida, curva e pontiaguda, feita de metal, com um cabo de madeira que outrora havia sido pintado e do qual a tinta havia descascado.

"Pronto, você fica com isso", dissera ela. "Use-o se precisar. Basta que o enfie fundo... entre as costelas." Como a mãe lhe parecia feroz num momento desses. E ele ficara estarelecido. "Mas quem vai nos fazer mal?" perguntara ele.

Agora ele não sabia o que havia acontecido com o furador de gelo. Talvez o tivessem deixado no trem.

Ele a decepcionara, não é? A ela e a si mesmo. E agora ele percebia, enquanto esse automóvel confortável seguia pela auto-estrada e ganhava velocidade, ele percebia que não tinha nenhuma arma, nem furador de gelo, nem faca. Até mesmo o canivete suíço que sempre trazia, ele havia deixado em casa porque ia viajar de avião. Ninguém quer esse tipo de coisa num avião.

- Você vai se sentir melhor depois de se comunicar com os Anciãos, depois de se apresentar e ser oficialmente convidado a voltar para casa.

Yuri olhou para Stolov, que estava ali sentado em trajes negros sacerdotais, apenas com um pouco do colarinho branco aparecendo, e com as mãos grandes e pálidas abrindo e fechando, pousadas no colo. Yuri deu um sorriso forçado.

- Você tem razão - disse. - Um fax enviado a um número em Amsterdã. É tão bem calculado para inspirar confiança.

- Yuri, por favor, precisamos de você - disse o homem com uma aflição visível e sentida.

- Tenho certeza de que precisam. Estamos muito longe de Aaron?

- A apenas alguns minutos. Tudo aqui é pequeno. Mais alguns minutos, e estaremos lá.

Yuri apanhou o microfone da parede forrada de veludo.

- Motorista - disse ele.

- Sim, senhor.

- Quero que pare em alguma loja que venda armas, revólveres. Conhece um lugar desses? Que não seja muito fora do nosso caminho?

- Conheço, sim. South Rampart Street.

- Ótimo.

- Por que está fazendo isso? - perguntou Stolov, cerrando as sobrancelhas louras, com uma expressão quase triste.

- É o meu lado cigano - disse Yuri. - Não se preocupe.

O homem de South Rampart Street tinha um arsenal sob o vidro do balcão e na parede às suas costas.

- Vai precisar de uma carteira de motorista da Louisiana - disse.

Stolov observava. Isso enfurecia Yuri, o fato de Stolov estar ali, olhando, como se tivesse esse direito.

- Estou numa emergência - disse Yuri. - Preciso de uma arma de cano longo. Essa, essa serve. Magnum 357. Uma caixa de munição. Pronto. - Ele tirou o dinheiro do bolso, notas de cem dólares, primeiro dez, depois vinte, contando-as lentamente. - Não se preocupe, não sou nenhum marginal. Mas preciso da arma. Está me entendendo?

Ele a carregou ali mesmo, na lojinha mal iluminada, com Stolov observando. Guardou o resto das balas nos bolsos, divididas em pequenos punhados, soltas e pesadas.

Quando saíram para a luz do sol, Stolov lhe perguntou se ele achava que se tratava da simples questão de dar um tiro na criatura.

- Não, quem vai deter a criatura é você, está lembrado? Nós vamos para casa, Aaron e eu. Mas nós dois corremos perigo. Você mesmo disse. Um perigo

terrível. E agora eu tenho uma arma. - Yuri fez um gesto na direção do carro. - Eu o acompanho.

- Você não deve fazer nenhuma tolice ou estupidez - disse o outro homem. Dessa vez, não era raiva, era apenas apreensão. Ele pôs a mão sobre a mão de Yuri. Yuri baixou os olhos. Pensou em como era clara a pele desse norueguês, e como a sua própria era escura.

- Como assim?

- Como tentar dar um tiro na criatura, é o que quero dizer. - O homem estava exasperado. - A Ordem tem direito a uma dedicação melhor do que essa.

- Huuummm. Entendi. Não se preocupe. Como se diz em todo o mundo onde se fala inglês, não tem problema! OK?

Ele deu um sorriso para Stolov, abriu a porta do carro para ele e esperou que ele entrasse. Agora era Stolov quem estava cheio de suspeitas, pouco à vontade, até mesmo um pouco assustado.

E eu mal sei puxar o gatilho, pensou Yuri.

## **Capítulo 26**

Mona nunca pensara que seus primeiros dias na Mayfair & Mayfair seriam assim. Ela estava à mesa maior no espaçoso escritório de lambris escuros de Pierce, datilografando furiosamente num 386 SX compatível com o padrão IBM, só um pouquinho mais lento do que o monstro que tinha em casa.

Rowan Mayfair ainda estava viva agora, dezoito horas após a cirurgia e doze horas após terem desligado os equipamentos. A qualquer instante, ela poderia parar de respirar. Ou talvez vivesse semanas ainda. Ninguém sabia ao certo.

A investigação prosseguia. Nada a se fazer agora a não ser ficar na companhia dos outros, pensar, esperar e escrever.

Ela batucava no teclado branco, ligeiramente irritada pelo estalido ruidoso. "Mensagem confidencial de Mona Mayfair para arquivo" era o seu título. Os dados

estavam protegidos. Ninguém poderia ter acesso a eles a não ser a própria Mona. Quando chegasse em casa, faria a transferência através do modem. Mas por enquanto não podia sair dali. Era ali que se sentia bem. Estava ali desde a noite anterior. Estava escrevendo tudo o que havia visto, ouvido, sentido, pensado.

Enquanto isso, cada sala no enorme conjunto de escritórios estava ocupada, vozes baixas e atarefadas falavam sem parar entrando em conflito umas com as outras, em telefones diferentes, por trás de portas parcialmente abertas. Mensageiros entravam e saíam.

Tudo tranquilo, sem pânico. Ryan estava à sua mesa no escritório principal, como o chamavam, com Randall e Anne Marie. Lauren estava mais adiante no corredor. Sam Mayfair e dois dos Grady Mayfair de Nova York estavam nas salas de reuniões, usando todos os três telefones. Em algum lugar, Liz Mayfair e Cecilia Mayfair, faziam suas chamadas. As secretárias da família Connie, Josephine e Louise Mayfair, trabalhavam numa outra sala de reuniões. Não paravam de rolar faxes em todas as máquinas do escritório.

Pierce estava ali com Mona, deixando que ela usasse o computador maior, na enorme escrivaninha de mogno, e dando a impressão de estar totalmente indefeso a operar o computador menor e mais humilde da sua secretária, de camisa e gravata, com o paletó pendurado no encosto da cadeira. No entanto, não estava fazendo muita coisa. Estava simplesmente com sono demais e muito abalado pela dor, como a própria Mona deveria estar se sentindo, mas não estava.

A investigação era totalmente particular, e não poderia ter sido mais bem conduzida por ninguém mais.

Começaram realmente na noite anterior uma hora após Rowan ter sido encontrada. Diversas vezes, Pierce e Mona voltaram ao hospital. Estavam lá mais uma vez ao amanhecer. E depois voltaram ao trabalho. Ryan, Pierce, Mona e Lauren eram o núcleo da investigação. Randall e alguns dos outros entravam e saíam. Agora cerca de dezoito horas haviam passado desde que eles começaram seus telefonemas, seus faxes, suas comunicações. Estava começando a

escurecer, e Mona se sentia tonta e faminta, mas empolgada demais para pensar numa coisa ou na outra.

Alguém traria uma refeição daqui a pouco, não? Ou quem sabe fossem para a cidade alta. Mona não queria sair do escritório. Ela imaginava que a próxima informação seria de algum setor de emergência de Houston, onde o homem misterioso, de mais de um metro e noventa de altura, teria tido de procurar algum tipo de assistência médica.

O motorista de Houston havia sido o elo mais importante. Tratava-se do homem que dera carona a Rowan na tarde do dia anterior. Ele parara em St. Martinville ontem à noite para informar à polícia local de uma mulher magra e desnorteada, que saíra sozinha pelos pântanos adentro. Graças a ele, Rowan fora encontrada. Ele foi chamado, interrogado com maior profundidade. Descreveu o lugar em Houston onde ela abordara seu caminhão. Relatou tudo o que ela lhe disse, como estava desesperada para chegar a Nova Orleans. Confirmou que na noite anterior, quando a viu pela última vez, Rowan estava com perfeito uso da razão. Talvez desorientada, mas falando, caminhando, pensando. De repente, ela se mandou sozinha para o meio dos pântanos.

- Aquela mulher estava sentindo dores - contou ele a Mona, ao telefone, hoje pela manhã, recapitulando a história inteira. - Ela estava se segurando, sabe, como uma mulher sentindo cólicas.

Gerald Mayfair, ainda atordoado e desgostoso com o fato de o Dr. Samuel Larkin ter escapulado dos seus cuidados e desaparecido, havia ido com Shelby, a irmã mais velha de Pierce, e Patrick, o pai de Mona, até o pântano perto de St. Martinville à procura do local onde Rowan havia sido encontrada.

Rowan havia sofrido hemorragia, exatamente como as outras, mas não morreria. À meia-noite de ontem, realizaram uma histerectomia de emergência na mulher inconsciente, apenas com Michael presente, em prantos, para dar o consentimento. Era isso ou ela não sobreviveria até o amanhecer. Aborto incompleto. Outras complicações.

- Olhe, estamos com sorte por ela ainda respirar. E ela estava respirando.

Quem sabia o que poderiam encontrar lá no mato na reserva pantanosa de St. Martinville? Foi Mona quem sugeriu essa incursão e estava animada para ir ela mesma. Patrick, seu pai, estava totalmente sóbrio agora e decidido a ajudar. Ryan quis que Mona ficasse com ele. Mona não conseguiu entender bem essa. Ryan estava preocupado com ela?

Mas em seguida, quando Ryan começou a chamá-la no sistema de comunicação, ela compreendeu que ele simplesmente queria seu apoio. Por ela, tudo bem. Estava aqui para apoiar mesmo. Entre as chamadas, ela digitava, escrevia, gravava, descrevia.

O prédio de consultórios em Houston havia sido descoberto antes do meio dia.

Ficava bem próximo ao local onde Rowan havia aparecido na rodovia. Desocupado, a não ser pelo décimo quinto andar. que estava alugado a um homem e uma mulher. O décimo quinto andar apresentava um cenário horrendo. Rowan havia ficado prisioneira. Durante longos períodos, Rowan permanecera amarrada a uma cama. O colchão estava imundo com urina e fezes e, no entanto, ele havia sido coberto com lençóis limpos e cercado de flores, algumas das quais ainda estavam frescas. Havia comida em bom estado.

Aquilo tudo era apavorante. Havia grande quantidade de sangue, que não era de Rowan, no banheiro. O homem fora atingido ali, era óbvio. Talvez até tivesse ficado inconsciente. Já haviam chegado fotografias do banheiro. No entanto, as pegadas sangrentas que levavam até o elevador e que saíam pelas portas da frente do prédio indicavam nitidamente que ele saíra sozinho.

- A mim me parece que ele caiu de novo no elevador. Está vendo isso? Isso é sangue em todo o tapete. Ele está fraco. Está ferido.

Bem. era assim que ele estava naquela hora. Mas será que ainda estaria ferido?

Estavam investigando todos os setores de emergência na cidade inteira. Cada hospital, cada clínica, cada consultório médico. Pesquisariam os subúrbios e depois viriam em círculos concêntricos, verificando, até que encontrassem o lugar

para onde o homem ensangüentado fora. Nas proximidades do prédio, estavam pesquisando de porta em porta. Verificavam becos, telhados, restaurantes, prédios fechados com tapumes. Se o homem estivesse ferido em qualquer lugar por perto, eles o encontrariam.

O que aconteceu foi que as pegadas sangrentas desapareceram sob as rodas do tráfego que passava. Nunca se saberia se o homem entrara em algum veículo ou se apenas atravessara para o outro lado.

Toda a investigação era particular, a melhor que se pudesse conseguir.

Foi contratada uma agência após a outra. Era constante a designação de tarefas, o cotejo de informações. Médicos particulares haviam recolhido amostras do sangue no banheiro de Houston, levando-as para laboratórios particulares, cujos nomes só eram do conhecimento de Lauren e Ryan. Havia colhido impressões digitais nos sinistros aposentos da prisão. Todos os artigos de vestuário, que eram muitos, haviam sido embalados, rotulados e despachados para a Mayfair & Mayfair. Os materiais já estavam começando a chegar.

Outras pistas estavam sendo seguidas. Papel de carta amassado e um cartão plástico de chave de porta, encontrados em Houston, haviam indicado um hotel em Nova York. As pessoas estavam sendo interrogadas. O motorista do caminhão de Rowan estava sendo trazido a Nova Orleans, por conta da família, para dar mais um minucioso relatório verbal.

Era um quadro medonho, o prédio vazio de consultórios, a cela imunda. Flores mortas. A louça quebrada no chão ensangüentado. Rowan conseguira escapar, mas algo terrível lhe acontecera. Acontecera numa campina sob uma árvore famosa chamada de Carvalho de Gabriel. Um local lindo. Mona o conhecia. Muitas crianças em idade escolar o conheciam. Ia-se a St. Martinville para ver a cidade, o Museu Arcádico e o Carvalho de Gabriel. Havia também o Carvalho de Evangelina na cidade de St. Martinville, o de Gabriel lá no campo junto à casa velha. Dizia-se que Gabriel estava apoiado nos cotovelos para esperar Evangelina. Bem, Rowan caíra entre os cotovelos no capim.



Choque tóxico, reação alérgica, colapso imunológico. Uma centena de comparações havia sido feita. Mas o sangue não revelava mais nenhuma toxina, nem ontem à noite, nem hoje. Estava terminado o que pudesse ter acontecido com o aborto. Era possível que ela simplesmente tivesse perdido a criança e desmaiado.

Feio, tudo feio.

Mas será que alguma coisa podia ser mais feia do que a real imagem de Rowan Mayfair, na cama branca do hospital, com a cabeça reta no travesseiro, os braços imóveis de cada lado, os olhos olhando para o espaço vazio? Ela estava muito magra, branca como papel, mas o pior era a atitude dos seus braços, paralelos, ligeiramente voltados para dentro, bem como a total falta de expressão no seu rosto. Toda a personalidade sumira do seu rosto. Ela parecia levemente idiota ali deitada, com os olhos redondos demais e totalmente sem reação ao movimento ou à luz. Sua boca parecia pequena e estranhamente redonda também, como se tivesse perdido qualquer traço que fizesse com que se alongasse na forma de uma boca de mulher. Mesmo enquanto Mona estava sentada ali, olhando, os braços de Rowan começaram a se retrair para junto do corpo. As enfermeiras costumavam estender a mão para esticá-los na posição certa.

O cabelo de Rowan estava fino, como se grande parte dele tivesse caído. Mais sinais de forte desnutrição e da gravidez abortada. Ela estava tão pequena na camisola branca do hospital que bem podia ser um anjo num quadro vivo de Natal.

E ainda por cima lá estava Michael, confuso e abalado, sentado junto a ela, falando com ela, lhe dizendo que ia cuidar dela, que todos estavam reunidos, que ela não devia ter medo. Ele lhe disse que penduraria quadros coloridos no seu quarto e que tocaria música para ela. Ele havia encontrado um velho gramofone. Ele o tocava para ela. Falava sem parar.

- Vamos cuidar de tudo. Nós vamos... vamos cuidar de tudo.

Ele estava com medo de dizer algo do gênero, "Vamos encontrar esse filho da puta, esse monstro." Não, quem ia querer dizer uma coisa dessas para a criatura inocente e descorada que jazia ali, o absurdo vestígio de uma mulher que sabia operar com perfeita precisão e sucesso o cérebro dos outros?

Mona sabia que Rowan não estava ouvindo nada. Não havia ali dentro nada que ouvisse. O cérebro ainda estava atuando, um pouco, forçando os pulmões a funcionar num ritmo totalmente mecânico, fazendo com que o coração bombeasse o sangue com a mesma regularidade assustadora, mas as extremidades do corpo estavam cada vez mais frias.

A qualquer momento, o cérebro poderia parar de dar ordens. O corpo morreria. A mente já não tinha mais nenhum interesse em si mesma. O dono do corpo havia fugido. O eletroencefalograma estava quase em linha reta.

Os ruídos ínfimos aqui e ali não eram nada mais do que se conseguiria ao conectar a máquina a um cérebro morto num quarto em cima de uma mesa. Diziam que sempre se consegue alguma coisa.

Rowan estava gravemente ferida. Isso era realmente repugnante. Havia hematomas na pele clara dos seus braços e das suas pernas. Havia sinais de uma fratura espontânea no lado esquerdo da bacia. Ela apresentava as contusões e marcas de ter sido estuprada. O aborto havia sido extremamente violento. Havia sangue e secreções nas suas coxas.

Às seis da manhã, desligaram o oxigênio. Ela não havia sofrido nenhuma complicação da cirurgia rápida e simples. Todos os exames foram feitos.

Correram para levá-la para casa às dez da manhã por um simples motivo. Não esperavam que sobrevivesse o dia inteiro. Suas instruções haviam sido muito explícitas. Ela as redigira quando tomou posse do legado. Queria morrer na casa de First Street. "Na minha casa." Estava tudo na sua própria caligrafia, tudo resolvido nos dias felizes imediatamente anteriores ao casamento, tudo em linda harmonia com o espírito do legado. Morrer na cama de Mary Beth.

Além do mais, havia a superstição da família a se considerar. As pessoas estavam paradas nos corredores do Hospital da Misericórdia, dizendo que ela

devia morrer no quarto principal; que deveria estar em casa; que deviam levá-la para casa em First Street. O velho Vovô Fielding havia sido inflexível.

- Ela não morrerá neste hospital. Vocês a estão torturando. Para liberá-la, devem levá-la para casa.

Loucura Mayfair à solta. Até mesmo Anne Marie estava dizendo que ela deveria ser levada de volta para o famoso quarto principal. Quem sabe? Talvez os espíritos dos mortos daquela casa pudessem ajudá-la.

- Levem a mulher para casa - disse Lauren, amargurada.

As freiras poderiam ter ficado escandalizadas, se é que alguém se importava com isso, mas provavelmente não ficaram. Cecília e Lily rezaram o rosário em voz alta a noite inteira no quarto de hospital. Magdalene, Liane e Guy Mayfair oraram na capela junto com as duas freiras da família, as pequenas freirinhas cujos nomes Mona sempre confundia.

A velha irmã Michael Marie Mayfair, a mais velha das Irmãs da Misericórdia da família, viera orar junto a Rowan, entoando ave-marias, pais-nossos e glórias-ao-pai, em voz alta.

- Se isso não a acordar - disse Randall -, nada mais a acordará. Vão para casa e arrumem o quarto para ela.

Beatrice se incumbira disso, com um grande contingente de auxiliares, Stephanie e Spruce Mayfair, além de dois jovens policiais negros, de tão relutante que estava em deixar Aaron ali.

Agora, de volta a First Street, num relicário formado pelo meio dossel de cetim e coberta com acolchoados antigos e colchas importadas, Rowan Mayfair continuava a respirar, sem auxílio. Já eram seis da tarde, e ela não morrera.

Uma hora antes haviam começado a alimentação endovenosa: líquidos. lipídios.

- Não se trata de manutenção artificial da vida – disse o Dr. Fleming - Trata-se de nutrição. De outro modo, estaríamos tecnicamente matando-a de fome.

Parece que Michael não havia discutido a decisão. Mas também eram tantos os envolvidos. Quando ligou, ele disse a Mona que o quarto estava cheio de enfermeiras e médicos. Confirmou que havia seguranças por toda parte, na varanda do lado de fora da janela e lá embaixo na rua. As pessoas estavam se perguntando o que estaria acontecendo.

No entanto, os seguranças armados não eram uma visão tão inusitada numa cidade como Nova Orleans nos dias de hoje. Todo mundo os contratava para festas, reuniões. Quando se ia à escola para alguma atividade noturna, lá estavam eles nos portões. As mercearias tinham seguranças perto da caixa registradora. Bem no estilo deste lugar de Terceiro Mundo, dissera Gifford uma vez.

- É... que inteligência brilhante. Caras ganhando salário mínimo armados com revólveres carregados.

Por toscas que fossem, essas medidas haviam sido inflexíveis e eficazes para a família. Não houve mais nenhuma agressão às mulheres da família Mayfair. Todas elas estavam reunidas em diversas casas. Não havia nenhum grupo com menos de seis ou sete. Não havia nenhum grupo sem homens.

Uma equipe autônoma de detetives, trazida de Dallas, vasculhava a cidade de Houston, abrindo-se em leque a partir do prédio, perguntando a todos e a qualquer um se ele ou ela havia visto esse homem alto de cabelos negros. Havia feito desenhos dele, com base na descrição verbal de Aaron, que lhe chegara através da Talamasca.

Estavam também à procura do Dr. Samuel Larkin. Não conseguiam entender por que ele deixara o Pontchartrain Hotel sem falar com ninguém, até encontrarem na recepção a mensagem que lhe havia sido transmitida por telefone.

"Encontro com Rowan. Venha só."

A mensagem deixou todos preocupados. Era óbvio que Rowan não havia ligado para o Dr. Larkin. Rowan já estava numa maca de hospital em St. Martinville na hora em que a ligação chegou para ele.

Samuel Larkin fora visto pela última vez subindo apressado por St. Charles Avenue, na direção de Jackson.

- O senhor tome cuidado, hein? - dissera um motorista de táxi, talvez ressentido com o fato de o médico não querer ir de táxi. De que importava? Aquele era positivamente o Dr. Larkin. E quando Gerald Mayfair chegou à calçada, não havia mais sinal dele.

De certa forma, Beatrice Mayfair havia sido o maior consolo e a maior amolação o tempo todo. Era Beatrice que não parava de insistir em que se seguissem os procedimentos normais, que se recusava a acreditar que algo de "horrível" realmente tivesse acontecido, que recomendava que mandassem chamar especialistas e fazer mais exames.

Beatrice sempre adotara essa posição. Ela era a que ia visitar a pobre e louca Deirdre, para levar-lhe balas, que ela não podia chupar, e negligés de seda que ela nunca usava. Ela era quem vinha visitar a Velha Evelyn três ou quatro vezes por ano, mesmo durante o período em que a velha passava seis meses sem falar.

- Bem, querida, não é realmente uma pena terrível eles terem fechado a lanchonete na Holmes? Você se lembra de todas aquelas vezes que fomos almoçar na D. H. Holmes, você, eu, Millie e Belle?

E lá estava ela agora na casa, atarefando-se no quarto, com toda a certeza. E voltando para Amélia Street para se certificar de que todos tinham o que comer. Era bom que Michael gostasse de Beatrice. Mas também todo mundo gostava dela. E o que era mais espantoso no seu constante otimismo era o fato de que ela ia mesmo se casar com Aaron Lightner; e, se alguém sabia que algo de horrível havia acontecido, era Lightner, sem a menor dúvida.

Aaron Lightner ficou olhando para Rowan por muito tempo e depois saiu do quarto. A expressão no seu rosto era tão irada, tão sinistra. Fixou o olhar por um instante em Mona e então seguiu rápido pelo corredor à procura de um telefone que pudesse usar com privacidade, para chamar o Dr. Larkin. E foi assim que descobriram que o Dr. Larkin deixara a suíte.

Sobre o quê, afinal, Beatrice e Aaron conversavam um com o outro? Num minuto ela era capaz de dizer, "Bem, acho que devíamos lhe dar algum tipo de injeção, sabe, algo para lhe dar energia!" Só faltava bater palmas. Enquanto ele ficava ali parado no corredor sombrio, recusando-se a responder às perguntas que os outros lhe faziam, olhando fixamente para Mona e para o vazio, depois para Mona, depois para o vazio, até que os outros simplesmente começavam a conversar e se esqueciam da sua presença.

Ninguém mencionou uma estranha fragrância nos aposentos em Houston. No entanto, assim que chegou a primeira remessa, contendo roupas e fronhas, Mona sentiu o cheiro.

- É, é esse mesmo. É esse o cheiro da criatura - disse ela. Randall ergueu as sobrancelhas.

- Bem, eu posso lhe garantir que não sei o que uma coisa tem a ver com a outra.

- Nem eu - derrotou-o Mona de vez com essa simples resposta.

Duas horas depois, ele apareceu por ali.

- Acho que você devia ir para casa para ficar com a velha Evelyn.

- Há dezessete mulheres naquela casa agora, além de seis homens. O que o faz pensar que eu devesse estar lá? Não quero ir para lá agora. Não quero ver as coisas da minha mãe e tudo o mais. Não quero. É irracional ir para lá. Não faz sentido que a filha da falecida vá para lá. E é isso o que eu sou. Por que não deita um pouco e tira um cochilo?

Uma das agências havia ligado imediatamente depois disso, mas só para informar que ninguém, absolutamente ninguém, havia visto o homem misterioso sair do prédio de Houston. Cada morte comunicada em toda a região de Houston estava sendo investigada. Nenhuma combinava com o padrão das mortes das mulheres Mayfair. Cada uma tinha seu próprio contexto, que excluía o envolvimento do homem misterioso.

A rede era enorme; a rede era de malha fina; a rede era forte.

E então, às cinco, chegaram os primeiros relatórios das empresas aéreas.

Sim, uma pessoa com cabelos negros, longos e ondulantes, com barba e bigode, havia tomado o voo das três horas da tarde na Quarta feira de cinzas de Nova Orleans para Houston. Primeira classe, assento do corredor. Extremamente alto e de voz agradável. Muito educado, olhos lindos.

Ele teria tomado um táxi do aeroporto, uma limusine? Um ônibus? O aeroporto de Houston era enorme. Mas havia centenas de pessoas fazendo perguntas, passando discretamente de uma testemunha em potencial para outra. - Se ele foi andando, nós descobriremos alguém que o tenha visto. - E os voos de Houston para cá? De ontem à noite? Do dia de ontem? Verificar, verificar, verificar.

Finalmente, Mona pensou, vou até lá. Vou ver minha prima Rowan Mayfair. Vou fazer minha visita. Isso fez com que engasgasse. Não pôde falar ou pensar por um minuto. Mas tinha de ir.

Agora já estava escuro.

Acabara de chegar um fax, uma cópia do cartão de embarque emitido para o homem misterioso pela linha aérea quando ele voltou para Houston na quarta-feira de cinzas. Ele usara o nome de Samuel Newton. Pagara a passagem em dinheiro vivo. Samuel Newton. Se existisse uma pessoa com esse nome em algum registro oficial em qualquer parte dos Estados Unidos, ela sem dúvida seria encontrada.

Mas ele também poderia ter inventado o nome na hora. No avião, bebera leite, copos e mais copos. Tiveram de ir até a classe econômica para conseguir mais leite para ele. Não acontece grande coisa num voo entre Nova Orleans e Houston. Ele é muito curto. Mas eles lhe deram o leite.

Mona ficou olhando para a tela do computador.

"Não temos nenhuma pista quanto ao paradeiro do homem. Mas todas as mulheres estão protegidas. Se for descoberta mais alguma morte, não terá sido recente."

Ela bateu na tecla para gravar e fechar o arquivo. Ficou esperando enquanto as pequenas luzes piscavam. E depois apertou o botão para desligar. O zumbido surdo do ventilador desapareceu.

Levantou-se, tateando à procura da bolsa por instinto, com sua mão sempre voltando em momentos como esse direto ao ponto onde ela teria deixado a bolsa, embora ela própria não soubesse que ponto era esse.

Passou a alça pelo ombro. Seus pés doíam só um pouco nos elegantes sapatos de couro, da sua mãe. O tailleur não era assim tão ruim. A blusa era bonita. Mas os sapatos? Nem pensar. Essa parte de ser mulher não tinha absolutamente nenhum atrativo.

Ocorreu-lhe uma pequena lembrança. Estava divagando. Tia Gifford estava lhe contando da compra do seu primeiro par de sapatos altos. "Só nos permitiam usar saltos baixos. Fomos até a Maison Blanche. A velha Evelyn e eu. E eu queria os mais altos, mas ela não deixou."

Pierce teve um sobressalto. Ele estava quase dormindo quando a viu em pé atrás da escrivaninha.

- Vou até a cidade alta - disse ela.
- Sozinha, você não vai, não. Não vai nem andar de elevador sozinha.
- Isso eu sei. Temos seguranças por toda a parte. Vou de bonde. Preciso pensar.

É claro que ele veio com ela.

Pierce não descansara uma hora que fosse desde o enterro da sua mãe e naturalmente não descansara antes do enterro. Pobre Pierce, tão bonito, em pé, desolado e ansioso, na esquina de Carondolet e Canal, em meio à multidão, à espera do bonde. Era provável que ele nunca houvesse andado de bonde na sua vida inteira.

- Você deveria ter ligado para Clancy antes de sair - disse-lhe Mona. - Clancy ligou mais cedo. Falaram com você? - Ele fez que sim.

- Clancy está bem. Está com Claire e Jenn. Jenn anda chorando. Ela queria que você ficasse com ela.



- Isso eu não posso fazer agora. - Jenn. Jenn ainda era uma criança. Não se podia contar nada disso para Jenn. E proteger Jenn daria muito trabalho.

O bonde estava lotado de turistas. Pouquíssimas das pessoas de verdade. Os turistas usavam roupas vistosas, passadas com esmero, porque o tempo ainda estava fresco. Quando se aproximasse o verão úmido, estariam tão amarratados e seminus quanto todo mundo. Mona e Pierce sentaram-se calados num banco de madeira enquanto o bonde guinchava e saía ruidoso pela parte baixa de St. Charles Avenue, o pequeno cânion de prédios de escritórios ao estilo de Manhattan, dava a volta por Lee Circle e seguia para a cidade alta.

Era quase mágico o que acontecia na esquina de Jackson e St. Charles. Os carvalhos surgiam, imensos, escuros, frondosos sobre a Avenue. Desapareciam os desmazelados prédios de estuque. Começava o mundo das colunas e das magnólias. O Garden District. Quase dava para se sentir o silêncio cercando a gente, fazendo pressão, elevando a pessoa de dentro de si mesma.

Mona saltou do bonde antes de Pierce e atravessou rápida para o lado rio, atravessou Jackson e começou a subir pela St. Charles. Agora não estava tão frio. Não aqui. A temperatura estava amena, e não havia vento. As cigarras cantavam. Parecia ser um pouco cedo para elas, mas Mona estava feliz. Ela adorava esse som. Nunca havia calculado se existia uma estação das cigarras. Parece que elas cantavam em diferentes épocas do ano. Talvez, sempre que a temperatura ficasse suficientemente quente, elas acordassem. Mona adorara as cigarras a sua vida inteira. Não poderia viver num lugar que não vibrasse desse jeito de vez em quando, pensou, enquanto seguia pelas calçadas quebradas de First Street.

Pierce a acompanhava sem dizer nada, dando a impressão de estar vagamente surpreso sempre que ela olhava para ele de relance, como se estivesse dormindo em pé.

Quando chegaram a Prytania, já viam pessoas do lado de fora da casa, carros estacionados. Viam os seguranças. Alguns usavam uniformes cáqui e eram de uma empresa particular. Outros eram policiais de Nova Orleans, fora do seu horário de serviço, usando o azul costumeiro.

Mona não estava agüentando mais os saltos altos. Tirou os sapatos e seguiu só com as meias.

- Se você pisar numa daquelas baratas gigantes, vai odiar - disse Pierce.

- Cara, você tem toda a razão.

- Ah, essa é a sua nova técnica, Mona. Ouvi quando você a usou com Randall. Basta concordar categoricamente. Você vai pegar um resfriado com esses pés descalços. Vai rasgar suas meias.

- Pierce, as baratas não andam por aí nesta época do ano. Mas de que adianta eu lhe dizer isso? Você vai me dar ouvidos? Você se deu conta de que nossas mães morreram, Pierce? Nossas mães? As duas morreram. Eu já lhe disse isso antes?

- Não me lembro - disse ele. - Por sinal, é difícil lembrar que elas morreram mesmo. Não paro de pensar, minha mãe vai saber o que fazer a respeito de tudo isso, ela chegará aqui a qualquer momento. Você sabia que meu pai não era fiel à minha mãe?

- Você está maluco.

- Não, havia uma outra mulher. Eu o vi com ela hoje pela manhã, lá embaixo na lanchonete do prédio. Ele estava segurando a mão dela. Ela é uma Mayfair. Seu nome é Clemence. Ele a beijou.

- Ela é uma prima preocupada. Trabalha no prédio. Eu costumava vê-la lá embaixo o tempo todo na hora do almoço.

- Não, ela é uma mulher para meu pai. Aposto que minha mãe sabia de tudo isso. Espero que não se importasse.

- Não vou acreditar numa coisa dessas sobre meu tio Ryan - disse Mona, percebendo no mesmo instante que realmente acreditava. Tio Ryan era um homem tão bonito, tão perfeito, tão bem sucedido, e estivera casado tanto anos com Gifford.

Melhor não pensar nessas coisas. Gifford no túmulo, morta e enterrada convenientemente antes da matança. Pranteada enquanto ainda havia tempo para prantear. De Alicia, o que se podia dizer, "Quem dera que morresse depois"?

Mona percebeu que nem sabia para onde o corpo da sua mãe havia sido levado. Estaria no hospital? No necrotério? Ela não queria imaginar que ele pudesse estar no necrotério. Bem, agora ela pode dormir para sempre. Ficar inconsciente para sempre. Mona começou a sentir um aperto na garganta e fez um esforço para engolir em seco.

Atravessaram Chestnut Street, abrindo caminho entre o pequeno agrupamento informal de seguranças e primos: Eulalee, Tony e Betsy Mayfair. Garvey Mayfair na varanda com Danny e Jim ergueram-se algumas vozes de imediato para dizer aos seguranças que Mona e Pierce podiam entrar.

Seguranças no corredor. Segurança no salão duplo. Um guarda à porta que dava para a sala de jantar, uma figura sombria, volumosa, com quadris largos. E só aquele leve resquício do cheiro. Nada recente, nada novo. Só de leve, como estava impregnado na roupa que viera de Houston. Como estava impregnado em Rowan, quando a trouxeram.

Seguranças no alto da escada. Um guarda à porta do quarto. Outro dentro, junto à janela que dava para a varanda. Enfermeira de náilon branco, brilhante e barato, com os braços erguidos, ajeitando a alimentação endovenosa. Rowan debaixo da colcha de renda, o rosto pequeno, insignificante, sem expressão, no travesseiro grande de babados. Michael, ali sentado, a fumar um cigarro.

- Não há nenhum oxigênio por aqui, certo?

- Não, querida. Já pegaram no meu pé por isso. – Ele deu mais uma tragada desafiadora e depois o apagou em um cinzeiro de vidro sobre a mezinha de cabeceira. Sua voz estava linda, baixa e grave, como que abrandada pela tragédia.

No canto do outro lado, estavam sentadas a jovem Magdalene Mayfair e a velha tia Lily, as duas muito quietas em cadeiras de espaldar reto. Magdalene estava rezando o terço, e as contas de âmbar reluziam só um pouco à medida que ela passava mais uma pela mão. Os olhos de Lily estavam fechados.

Outros nas sombras. A luz do abajur caía direto sobre o rosto de Rowan Mayfair. Como se fosse o foco principal de luz para uma câmera. A mulher inconsciente parecia menor do que uma criança pequena. Um diabrete ou um anjo. Seu cabelo estava penteado para trás.

Mona procurou encontrar a antiga expressão nela, a marca da sua personalidade. Desaparecida.

- Eu estava tocando música - disse Michael, falando no mesmo tom baixo e pensativo de antes. Ele ergueu os olhos até Mona. - Estava tocando a Vitrola. O gramofone de Julien. E aí a enfermeira disse que talvez ela não gostasse daquele som. É como um chiado, é... diferente. Você teria de gostar dele, não é?

- É provável que a enfermeira não gostasse - disse Mona. - Quer que eu ponha um disco? Se quiser, posso trazer seu rádio da biblioteca lá embaixo. Eu o vi, ontem, lá dentro, junto à sua poltrona.

- Não, está bem assim. Você pode vir aqui e ficar sentada um pouquinho? Estou feliz por vê-la. Você sabe que eu vi Julien?

Pierce enrijeceu. No canto, um outro Mayfair, seu nome seria Hamilton, olhou de repente para Michael e afastou o olhar. Os olhos de Lily se abriram e se desviaram para a esquerda para se fixarem em Michael. Magdalene continuou com seu rosário, com os olhos abrangendo todos eles e depois voltando para Michael, que continuava a falar.

Era como se Michael estivesse esquecido de que eles estavam ali. Ou que não se importasse mais com isso.

- Eu o vi - disse ele, num sussurro áspero. - E, puxa, ele me contou tantas coisas. Mas não me disse que isso ia acontecer. Não me disse que ela ia voltar para casa.

Mona pegou a pequena cadeira de veludo ao lado de Michael, voltada para a cama.

- É provável que Julien não soubesse - disse ela em voz baixa, incomodada pelos outros.

- Você está querendo dizer tio Julien? - perguntou Pierce, num sussurro tímido, do outro lado do quarto. Hamilton Mayfair voltou-se e olhou direto para Michael como se essa fosse a coisa mais fascinante do mundo.

- Hamilton, o que você está fazendo aqui? - perguntou Mona.

- Estamos nos revezando - disse Magdalene, baixinho.

- Simplesmente queremos estar aqui - disse Hamilton, então.

Havia na atitude de todos eles algo de decoroso, embora desesperançado. Hamilton devia estar agora com seus vinte e cinco anos. Tinha boa aparência, sem ser lindo e radiante como Pierce, mas era bonito no seu próprio estilo contido. Ela não conseguia se lembrar da última vez que falara com ele. Ele olhava direto para ela, com as costas encostadas no consolo da lareira.

- Todos os primos estão aqui - disse ele.

Michael olhou para ela como se não tivesse ouvido esses outros falando. - O que você quer dizer com essa história de que Julien não sabia? Ele devia ter sabido.

- Não é bem assim, Michael - respondeu ela, procurando manter sua voz um sussurro. - Diz um velho provérbio irlandês que "um fantasma não se mete onde não é chamado". Além do mais, você sabe que não era ele realmente. Quando os mortos aparecem, eles não estão ali.

- Ah, não - disse Michael, num tom baixo, cansado, mas muito sincero. - Era Julien. Ele estava lá. Ficamos conversando horas a fio.

- Não, Michael. É como o disco. Você leva a agulha ao sulco, e a mulher canta. Mas ela não está ali presente.

- Não, ele estava lá - disse Michael, com suavidade, embora sem vontade de discutir. Ele estendeu o braço, quase distraído, e segurou a mão de Rowan. O braço de Rowan ofereceu ligeira resistência, a mão queria continuar perto do corpo. Ele a segurou com delicadeza e depois se inclinou para frente e a beijou.

Mona sentiu vontade de beijá-lo, de tocá-lo, de dizer alguma coisa, pedir desculpas, confessar-se, dizer que lamentava muito, que não se preocupasse, mas não conseguia imaginar as palavras certas. Sentiu um medo profundo e

terrível de que ele não tivesse visto tio Julien, de que ele estivesse apenas perdendo o juízo. Pensou na Vitrola, no instante em que ela e a velha Evelyn se sentaram no chão da biblioteca com a Vitrola entre elas e Mona tivera vontade de acioná-la. A velha Evelyn dissera, "Não podemos tocar música enquanto Gifford está à espera. Não podemos tocar rádios ou pianos enquanto ela não for enterrada."

- E o que tio Julien lhe disse de fato? - perguntou Pierce, com seu estilo inocente, perplexo. Sem zombar. Realmente querendo saber o que Michael diria.

- Não se preocupe - respondeu Michael. - A hora chegará. Logo, penso eu. E eu saberei o que fazer.

- Você parece tão seguro de si mesmo - disse Hamilton Mayfair, baixinho.

- Eu gostaria de fazer alguma idéia do que está se passando.

- Esqueça - disse Mona.

- Agora todos deveríamos nos calar - disse a enfermeira. – Lembrem-se de que a Dra. Mayfair talvez esteja ouvindo. - Ela fez um vigoroso gesto de cabeça na sua direção, um sinal mudo de que eles deveriam prestar atenção. - Vocês não vão querer dizer nada... prejudicial, entenderam?

A outra enfermeira estava sentada a uma pequena mesa de mogno, fazendo anotações, com as meias finas brancas muito esticadas nas pernas gorduchas.

- Você está com fome, Michael? - perguntou Pierce.

- Não, filho. Obrigado.

- Eu estou - disse Mona. - Nós voltamos. Vamos lá embaixo comer alguma coisa.

- Você vai voltar, não vai? – disse Michael. - Meu Deus, você deve estar tão cansada, Mona. Mona, lamento muito pela sua mãe. Eu só soube muito depois.

- Tudo bem - respondeu Mona. Ela quis lhe dar um beijo. Quis dizer que ficou longe o dia inteiro por causa do que haviam feito. Não consegui me forçar a entrar debaixo do teto que é dela, com ela nessas condições, e eu fazendo o que

fiz com você. E eu não teria feito nada com você se soubesse que ela estava voltando logo em seguida e desse jeito. Pensei ... pensei...

- Eu sei, minha boneca - disse ele, com um sorriso radiante. - Ela não está ligando para isso agora. Está tudo certo.

Mona fez que sim e lhe deu seu próprio sorriso secreto e momentâneo.

Exatamente quando ela ia sair pela porta, Michael acendeu outro cigarro. O estalido, a chama, e as duas enfermeiras que se voltavam e lhe lançavam olhares de censura.

- Não abram a boca - disse Hamilton Mayfair.

- Deixem que ele fume! - protestou Magdalene.

As enfermeiras se entreolharam, frias, obstinadas. Por que não arranjamos outras enfermeiras, pensou Mona.

- É - disse Magdalene, baixinho. - Vamos tratar disso imediatamente.

Isso mesmo, pensou Mona. Ela saiu com Pierce e desceu pela escada. Na sala de jantar, estava sentado um padre muito idoso que deveria ser Timothy Mayfair, de Washington. Limpo e antiquado no seu terno inconfundível, com o peitilho preto e o luminoso colarinho branco, de padre. Quando Mona e Pierce passaram por ele, o velho falou num murmúrio alto para a mulher ao seu lado.

- Você se deu conta de que quando ela morrer... não haverá tempestade! Pela primeira vez não haverá tempestade.

## **Capítulo 27**

Aaron também não estava engolindo a história. Os três homens estavam parados, juntos, lá fora no gramado. Yuri se perguntava se no futuro veria este como um dos piores dias da sua vida. A procura por Aaron, encontrá-lo afinal ao anoitecer, nessa enorme casa cor-de-rosa nessa avenida, com bondes ruidosos passando e toda aquela gente chorando lá dentro. E Stolov ao seu lado, a cada instante, uma presença dominadora e desnorteante, a emitir palavras formais e delicadas incessantemente enquanto iam do hotel para a casa da família Mayfair

em First Street e afinal chegavam a "Amélia", como essa mansão espaçosa parecia se chamar.

Ali dentro dezenas de pessoas choravam, do jeito que os ciganos choram e se lamentam num enterro. Havia muita bebida. Grupos de pessoas estavam lá fora fumando e conversando. Um ambiente sociável, porém tenso. Todos estavam à espera de alguma coisa.

No entanto, nenhum corpo viria para cá. Um já estava enterrado, disseram a Yuri, e os outros estavam no necrotério do hospital próximo. Essa não era uma reunião para chorar os mortos. Era uma reunião defensiva, como se todos os servos tivessem corrido para se abrigar no castelo, só que essas pessoas nunca haviam sido servas.

Aaron não parecia tenso. Pensando bem, ele estava com ótima aparência, tão robusto quanto da última vez que Yuri o vira, com uma boa cor no rosto e com um aguçamento das feições que se originava das suas frias suspeitas com relação a Stolov, enquanto Stolov não parava de falar. A impressão era a de que Aaron rejuvenescera aqui, perdera um pouco da sua identidade livresca, de quem está envelhecendo, e voltara a ser o cavalheiro cheio de energia de anos atrás. Seus cabelos brancos e crespos estavam mais compridos e mais cheios em volta do rosto, e os olhos apresentavam o brilho característico. Fosse o que fosse que tivesse acontecido aqui, ele não saíra enfraquecido, nem envelhecido. Nele havia, sim, um profundo tom de desânimo, mas que agora já se transformava em raiva.

Yuri sabia porque conhecia Aaron tão bem. Se Stolov percebeu, não demonstrou. Estava ocupado demais com sua fala, procurando convencê-los de seu ponto de vista.

Eles estavam longe de casa, no gramado bem cuidado, à sombra do que Aaron chamava de magnólia. Essa árvore não tinha flores. Era cedo demais. Mas tinha folhas verdes enormes e lustrosíssimas.

Stolov não parava de falar, com aquele seu estilo sereno, convincente, totalmente solidário. E os olhos de Aaron eram dois pedaços de uma fria pedra cinzenta. Refletindo nada. Revelando nada a não ser a raiva. Aaron olhou para



Yuri. O que viu? Yuri relanceou um olhar significativo na direção de Stolov, mas foi tão rápido e discreto como um faísca de luz, uma centelha.

Os olhos de Aaron voltaram a Stolov. Este não havia dirigido o olhar a Yuri. Sua atenção estava toda focalizada em Aaron, como se essa fosse uma vitória que precisasse obter.

- Se não quiserem ir embora hoje, então amanhã, sem dúvida - disse Stolov.

Aaron nada respondeu.

Stolov já havia falado tudo o que tinha a dizer pelo menos duas vezes. Uma bela mulher de idade com cabelos lisos, num tom grisalho escuro, estava na extremidade da varanda de madeira, chamando por Aaron. Ele acenou e fez um gesto de que já estava indo. Olhou, então, para Stolov.

- Meu Deus, homem, diga alguma coisa - exclamou Stolov. - Sabemos como tudo isso foi difícil para você. Volte para casa em Londres. Tire um descanso merecido.

Tudo errado. Tudo que o homem estava dizendo, sua atitude, suas palavras.

- Você tem razão - disse Aaron, baixinho.

- Como assim? - perguntou Stolov.

- Não vou embora, Erich. Foi um prazer conhecê-lo finalmente, e eu sei que de nada adianta tentar impedir que você cumpra suas ordens. Você está aqui para fazer alguma coisa. Você tentará fazê-la. Mas eu não vou embora. Yuri, você quer ficar comigo?

- Ora, Aaron - disse Stolov. - Isso está simplesmente fora de cogitação para Yuri. Ele já...

- Claro que fico - disse Yuri. - Foi por você que eu vim.

- Onde você está hospedado, Erich? Está no Pontchartrain, com o restante de nós? - perguntou Aaron.

- Estou no centro - respondeu Stolov. Ele estava ficando impaciente de novo, agitado. - Aaron, você agora não é de ajuda para a Talamasca.

- Lamento - disse Aaron. - Mas devo confessar, Erich, que a Talamasca, neste momento, não é de ajuda para mim. Agora essa é a minha gente, Erich. Foi um prazer conhecê-lo.

Isso era uma despedida. Aaron estendeu a mão. O louro alto deu a impressão momentânea de que fosse perder a paciência, mas depois se acalmou e se empertigou.

- Entro em contato com vocês amanhã de manhã. Onde vão estar?

- Não sei - disse Aaron. - Provavelmente aqui... com toda essa gente. Minha gente. Creio que agora esse é o lugar mais seguro do mundo para nós, não acha?

- Não sei como você pode tomar essa atitude, Aaron. Precisamos da sua cooperação. Assim que for possível, quero me apresentar, quero falar com Michael Curry...

- Não. Isso não vai acontecer, Erich. Você faça o que os Anciãos lhe ordenaram, como tenho certeza de que fará. Mas não vai incomodar essa família, pelo menos não com a minha permissão ou com apresentação minha.

- Aaron, nós queremos ajudar! É por isso que estou aqui.

- Boa noite, Erich.

Em perfeito estado de consternação, o louro ficou ali, calado, e depois deu meia volta e foi embora. O grande carro negro estava esperando por ele, como estivera há duas horas, período durante o qual essa cena se repetiu algumas vezes.

- Ele está mentindo - disse Aaron.

- Ele não é Talamasca - disse Yuri, embora isso fosse mais uma insinuação do que uma afirmação.

- Ah, é, sim. É um de nós, e está mentindo. Não lhe volte as costas por um instante sequer.

- Isso eu não faria. Mas Aaron, como isso pode acontecer? Como uma coisa dessas pode...

- Não sei. Ouvi falar dele. Está conosco há três anos. Ouvi falar do seu trabalho na Itália e na Rússia. Ele é muito respeitado. David Talbot o tinha em alta consideração. Se ao menos não tivéssemos perdido David. Mas Stolov não é assim tão inteligente. Ele não sabe ler o pensamento tão bem assim. Talvez conseguisse se ele próprio não estivesse agindo com tanto fingimento. Mas o disfarce absorve toda a sua esperteza. E por isso ele não se sai muito bem.

O carro negro se afastara do meio-fio, sem ruído.

- Meu Deus, Yuri - murmurou Aaron, de repente. - Estou feliz por você ter vindo.

- Eu também, Aaron. Não estou entendendo. Quero entrar em contato com os Anciãos. Quero falar diretamente com alguém, ouvir uma voz.

- Isso nunca vai acontecer, meu filho.

- Aaron, nos tempos anteriores ao computador, o que vocês faziam?

- Era sempre datilografado. Todas as comunicações iam para a casa matriz de Amsterdã, e as respostas vinham pelo correio. A comunicação demorava mais. Suponho que menos fosse dito. Mas nunca houve uma voz ligada a ela, Yuri, ou mesmo um rosto. Nos tempos anteriores à máquina de escrever, um escriba escrevia as cartas pelos Anciãos. Ninguém sabia quem era ele.

- Aaron, deixe-me lhe dizer uma coisa.

- Já sei o que vai dizer - respondeu Aaron, sereno, pensativo. - Você conhecia bem a casa-matriz de Amsterdã antes de sair de lá, conhecia todos os recantos. Você não consegue imaginar onde os Anciãos se reuniam, onde recebiam sua correspondência. Ninguém sabe.

- Aaron, você está na Ordem há décadas. Você pode fazer um apelo aos Anciãos. Sem dúvida deve existir uma forma, nessas circunstâncias... Aaron deu um sorriso frio, de quem sabe das coisas.

- Suas expectativas são maiores do que as minhas, Yuri.

A mulher bonita de cabelos grisalhos havia deixado a varanda e vinha na direção deles. Pequena de estrutura, com os pulsos delicados, ela trajava com

elegância seu vestido simples de seda. Seus tornozelos eram finos e bem torneados como os de uma menina.

- Aaron - disse ela, com um suave sussurro de censura. Ela afastou as mãos, jovens, refinadas, cheias de anéis, e segurou os ombros de Aaron, dando-lhe, então, um beijo delicado no rosto. Aaron fez um gesto de compreensão muda.

- Entre conosco - disse Aaron a Yuri. - Eles precisam de nós agora. Mais tarde conversamos. - Seu rosto apresentava uma mudança dramática. Agora que Stolov se fora, ele parecia mais sereno, mais ele mesmo.

A casa estava cheia de aromas da boa cozinha bem como de uma combinação tempestuosa de vozes ruidosas. O riso era alto, em explosões, aquele tipo de riso alegre e arrebatado de gente num velório. Ouvia-se também o choro de outros. Homens e mulheres choravam. Um velho estava sentado com os braços cruzados sobre a mesa, a chorar. Uma menina de sedosos cabelos castanhos batia no seu ombro repetidamente, e do seu próprio rosto só transparecia o medo.

Lá em cima, levaram Yuri a um quarto de fundos, pequeno, desbotado, mas bastante atraente aos seus olhos, com uma cama estreita de solteiro, com dossel e uma colcha de cetim dourado escuro que já havia visto melhores dias. Havia cortinas empoeiradas nas janelas. No entanto, ele gostou do carinho, do aconchego, mesmo das flores desbotadas na parede. Ele se viu de relance na porta com espelho do móvel que era em parte guarda-roupa em parte gaveteiro: cabelos escuros, pele morena, magro demais.

- Sou-lhe grato - disse ele à mulher de cabelos grisalhos, Beatrice. - Mas não acha que eu devia ir para o hotel, que eu devia cuidar de mim mesmo?

- Não - respondeu Aaron. - Você não vai a lugar nenhum. Quero você aqui comigo.

Yuri estava disposto a protestar mais. A casa era necessária para a família. Mas ele podia ver que Aaron simplesmente queria que ele ficasse.

- Ora, vamos, não vá ficar triste de novo - disse a mulher. - Isso eu não aceito. Andem, agora, vamos comer alguma coisa e beber um pouco de vinho.

Aaron, quero que você se sente e tome um bom copo de vinho gelado. Você também, Yuri. Agora, venham os dois.

Eles desceram pela escada dos fundos, entrando no ambiente mais quente e nas camadas de névoa branca da fumaça dos cigarros. Em torno de uma mesa de lanche, junto a uma lareira acesa, algumas pessoas estavam sentadas, chorando e rindo ao mesmo tempo. E um homem de atitude solene apenas olhava soturno para as chamas. Yuri não estava de fato vendo o fogo. Estava atrás da chaminé, mas via o tremeluzir, ouvia os estalidos e sentia o calor.

De repente sua atenção foi atraída por uma aparição de uma mulher num pequeno quarto de fundos, que olhava pela janela para a escuridão lá fora. Ela era muito velha, frágil. Usava gabardine e renda antiga, com um pesado broche dourado que era uma mão com diamantes no lugar das unhas. Seu cabelo branco e fino formava uma moldura suave para o rosto, preso à moda antiga com grampos na parte de trás da cabeça. Uma outra mulher, mais nova, apesar de extremamente velha também, segurava a mão dessa velhíssima como se quisesse protegê-la de alguma coisa, embora ninguém pudesse imaginar como.

- Vamos, velha Evelyn. venha conosco - disse Beatrice. - Vamos, Viv, querida. Vamos para perto da lareira.

A mulher velhíssima, a velha Evelyn, murmurou alguma coisa, baixinho, entre dentes. Apontou para a janela, com o dedo caindo como se ela não tivesse forças para mantê-lo no alto. Mais uma vez, ela apontou; mais uma vez o dedo caiu.

- Ora, querida, você está fazendo isso de novo - disse, com delicadeza, a mulher chamada de Viv Querida. - Eu não consigo ouvi-la. Ora, velha Evelyn, você pode falar. - Parecia que ela estava persuadindo um bebê. - Você sabe que pode. Ontem você falou o dia inteiro. Fale, querida, fale para que eu ouça.

A velha voltou a murmurar algo sem clareza. Continuava a apontar. Tudo que Yuri via era a rua escura, as casas da vizinhança, as luzes, as árvores sombrias, pesadas, altíssimas.

Aaron pegou seu braço.

Aproximou-se deles uma jovem de cabelos totalmente negros e lindos brincos de ouro. Estava usando um vestido de lã vermelha, com um cinto elegante. Parou junto à lareira por um instante, aquecendo as mãos, e depois veio se aproximando, atraindo a atenção de Aaron, Beatrice e até mesmo de Viv Querida. Dela emanava uma autoridade fria.

- Todos estão reunidos - disse Aaron, em tom significativo. - Todos estão bem. Este quarteirão está sendo patrulhado, bem como o do outro lado da avenida. Estão também patrulhando dois quarteirões na direção dos subúrbios e dois na direção do centro.

- Creio que teremos paz por algum tempo - prosseguiu Aaron. - Ele cometeu erros, como uma criança. Ele poderia ter provocado mais mortes, maiores sofrimentos...

- Ai, queridos, por favor - disse Beatrice. - Será que temos de tocar nesse assunto? Polly Mayfair, Queridinha, volte para o centro, para o escritório. Estão precisando de você lá.

Polly Mayfair, Queridinha, ignorou Beatrice totalmente.

- Estamos prontos para ele - disse Aaron. - Somos muitos e ele é um. Ele virá.

- Virá? - Polly Mayfair, Queridinha, estava intrigada. - Por que está dizendo que ele virá? Por que viria? Ele não deveria estar fugindo com a maior velocidade possível?

- E se ele morreu? - cogitou Beatrice. - Supondo-se que tal personagem exista! E se ele saiu daquele prédio em Houston e simplesmente... sabe... expirou na rua? - Ela estremeceu.

- Isso seria esperar demais - disse Aaron. - No entanto, se aconteceu, ele será encontrado, e nós ficaremos sabendo.

- Ai, meu Deus, tomara que sim - disse Polly Mayfair, Queridinha. - Espero que ela o tenha matado quando o atingiu. Espero que ele tenha saído dali cambaleando para morrer.

- Eu não – disse Aaron. – Não quero que fira mais ninguém. Isso não deve acontecer. Ele não deve atingir mais ninguém. E abominável que tenha causado mal a alguém. Mas eu quero vê-lo, quero conversar com ele, quero ouvir o que tem a dizer. Eu deveria tê-lo enfrentado há muito tempo. Fui tolo de me deixar enganar. Mas agora não posso perder essa oportunidade. Quero falar com ele. Perguntar-lhe o que ele pensa, de onde vem, o que realmente quer.

- Aaron, não vamos começar com histórias de fantasmas - implorou Beatrice. - Venham, vocês todos...

- Você acha que vai ser assim? Que ele vai falar? - perguntou Polly Mayfair, Queridinha. - Nunca pensei nisso. Achava que o encontraríamos e, sabe... cuidaríamos do assunto... o destruiríamos. Poríamos um fim a algo que nunca deveria ter podido começar. Ninguém nunca saberia. Nunca pensei em falar com ele.

Aaron encolheu ligeiramente os ombros. Ele olhou para Yuri enquanto falava.

- Só estou indeciso quanto a um ponto - disse Aaron. - Ele irá a First Street? Irá até a Mayfair & Mayfair? Irá até Metairie àqueles reunidos na casa de Ryan? Ou virá para cá? Quem ele irá procurar para se abrir, para confiar, para atrair para o seu lado? Não consegui calcular.

- Mas você acredita que ele fará isso!

- Querida, ele tem de fazer isso - respondeu Aaron. Essa é a sua família. Todos estão trancafiados. O que mais ele pode fazer? Para que outro lugar ele pode ir?

## **Capítulo 28**

A música saía de bocas elétricas bem no alto das paredes brancas. As pessoas dançavam no centro da sala, desajeitadas, balançando-se de um lado para o outro, mas exatamente no compasso da música, como se a adorassem. Os músicos eram muitos e tinham instrumentos toscos, nada tão lindo quanto a gaita

de foles ou a harpa. Era como se ela pudesse ouvir aquela música antiga nesta música moderna; mas as duas se mesclavam e ela não conseguia voltar a pensar. Só a música. Ela viu o vale. Viu todos os irmãos e irmãs dançando e cantando. E de repente alguém apontou. Os soldados haviam chegado!

O conjunto parou. O silêncio caiu sobre ela. Quando a porta se abriu, ela deu um salto. As pessoas riam lá dentro, alguém olhava fixo para ela, uma mulher num vestido triste e balofo.

Ela deveria prosseguir até Nova Orleans. Tinha muitos quilômetros a caminhar. Estava com fome. Queria um pouco de leite. Eles tinham comida ali, mas não tinham leite. Ela teria sentido o cheiro se tivessem. Mas havia vacas nos campos. Ela as vira, e sabia como tirar o leite. Já deveria ter feito isso antes. Há quanto tempo estava aqui ouvindo essa música? Tudo começara há tanto tempo, e ela não conseguia se lembrar, mas esse era realmente o primeiro dia da sua vida.

Ao nascer do sol, ela abrira a porta de uma pequena cozinha, tirara o leite da geladeira e bebera o litro inteiro. Isso havia sido pela manhã, o gosto delicioso do leite gelado, e o sol quente e amarelo que caía em raios empoeirados, longos e finos através das árvores magras, parecendo mortas, até o capim. Alguém da casa a encontrara. Ela agradecera pelo leite. Lamentava por ter acabado com ele, mas precisara torná-lo.

A longo prazo, essas coisas não tinham importância. Essas pessoas não a machucariam. Não sabiam quem ela era. Nos velhos tempos, se você roubasse leite daquele jeito, eles correriam atrás de você, o perseguiriam até as brenhas das montanhas, talvez até mesmo...

- Mas tudo isso não tem mais importância - dizia o pai. - Essa é a nossa hora de dominar.

Vá agora para Nova Orleans. Descubra Michael para a mãe. É, era isso o que a mãe queria do fundo do coração. Pare no campo onde as vacas ficam dormindo em pé, à sua espera. Beba o leite morno do úbere. Beba até se fartar.



Ela se voltou, mas o conjunto começou. Mais uma vez, a música. Um aquecimento com três ou quatro notas, e depois o ritmo subindo através dos sapatos e batendo na garganta, como se ela estivesse respirando a batida pela boca. Ela fechou os olhos, simplesmente adorando. Ah, o mundo é fantástico. Ela começou a balançar.

Alguém a tocou. Ela se virou e olhou para um homem que era quase tão alto quanto ela. Enrugado, bronzeado e cheirando fumaça, um velho, de camisa azul escura e calças manchadas de graxa. Ele falou com ela, mas ela só ouvia a música e a batida. Balançou a cabeça de um lado para o outro. Aquilo era uma delícia.

Ele se inclinou para a frente para falar bem no seu ouvido.

- Você está olhando há muito tempo, querida. Por que não entra e dança?

Ela deu um passo atrás. Era tão difícil para ela manter o equilíbrio com essa música. Ela o viu tomar sua mão, sentiu seus dedos secos e ásperos. Todas as linhas minúsculas nas mãos dele estavam cheias de graxa. Ele tinha o cheiro da estrada e dos carros que passavam velozes. Tinha o cheiro de cigarros.

Ela deixou que ele a rebocasse com delicadeza pela porta, até a luz morna e envolvente onde as pessoas estavam dançando. Agora a vibração passava por ela toda. Ela poderia ter ficado toda mole e caído ao chão como uma massa amorfa. Ali ela poderia ter ficado o resto da vida ouvindo a música e cantar com ela, com visões do vale. O vale era mais lindo do que a ilha jamais havia sido.

Ou era isso, ou se empertigar com a música e dançar sem parar.

Era o que estavam fazendo. O homem começara a dançar com ela, envolvera sua cintura com o braço e ficara bem junto dela. Ele disse alguma coisa. Ela não conseguiu ouvir. Achou que era, "Você tem um cheiro bom!"

Ela fechou os olhos e girou muitas vezes, apoiada no seu braço, agarrada a ele, inclinando-se para um lado e para o outro. O homem ria. Num relance, ela viu seu rosto, viu sua boca voltando a formar palavras. A música era ensurdecadora. Quando ela fechou os olhos, estava de volta com os outros, dançando sem parar em círculos, a partir do círculo de pedra, tantas rodas que os

que estavam na primeira não conseguiam ver os que estavam na última. Centenas e centenas deles dançando ao som das gaitas e da harpa.

Ah, mas aqueles eram os primeiros tempos, antes que os soldados chegassem.

No vale, mais tarde, todos dançavam juntos, altos e baixos, pobres e ricos, humanos e não humanos. Eles se reuniam para criar os Taltos. Muitos morreriam mas, se os Taltos fossem criados... Se de algum modo houvesse dois... Ela parou, com as mãos tapando as orelhas. Tinha de ir. Pai. Já vou. Vou encontrar Michael para a mãe. Mãe, eu não me esqueci. Não sou infantil. Todos vocês são uns simplórios. crianças! Socorro.

O homem a desequilibrava, mas ela percebeu que ele estava apenas tentando fazer com que dançasse mais um pouco. Que ele a fazia girar, voltear. Ela começou de novo, entregando-se à música, adorando-a, sacudindo-se de um lado para o outro com uma violência cada vez maior, deixando o cabelo balançar.

É, ela estava adorando. Ela viu os músicos, meio embaçados. Esqueléticos e gordos, usando óculos, eles arranhavam suas rabecas e cantavam com voz aguda, anasalada, com palavras rápidas e ininteligíveis. E tocavam um pequeno órgão de foles, cujo nome ela desconhecia. Aquilo era algo que não estava dentro dela, aquela palavra. Ou a palavra para o instrumento de boca, semelhante a um berimbau de boca, que não era exatamente a mesma coisa. Mas ela estava adorando a música, sua pulsação insistente, a monotonia divina, a vibração que atravessava seus membros. Ela parecia batucar nos seus tímpanos, batucar no seu coração, parecia congelá-la e consumi-la.

Como no vale, esses humanos daqui dançavam: velhas, jovens, meninos e homens. Até mesmo as crianças pequenas. Olhe só. Mas essa gente não tinha como fazer os Taltos. Encontrar o pai. Encontrar...

- Vamos, doçura!

Alguma coisa... um objetivo. Sair dali. Mas ela não conseguia pensar enquanto a música tocava, e isso não tinha importância.

É, deixar que ele a fizesse girar. Dançar. Ela riu deliciada. Como era bom. Agora era a hora de dançar. Uau! A dança. O pai compreenderia.

## Capítulo 29

Eram quatro da manhã. Eles estavam reunidos no salão duplo, Mona, Lauren, Lily e Fielding. Randall também estava lá. Logo Paige Mayfair, de Nova York, estaria ali. Seu vôo chegara no horário. Ryan fora buscá-la no aeroporto.

Eles estavam sentados em silêncio, esperando. Ninguém acredita, pensou Mona. Mas temos de tentar. O que somos nós se não fizermos uma tentativa?

Antes, tia Bea viera de Amelia Street para servir um bufê à meia-noite. E ela pusera grossas velas votivas nas duas lareiras. Elas agora estavam apenas parcialmente derretidas, e das lareiras ainda emanava uma luz aconchegante, trêmula.

Lá em cima, as enfermeiras de plantão conversavam em voz baixa, tendo instalado seu posto, por assim dizer, com o café e as pranchetas no quarto da tia Vivian. Tia Vivian tivera a cortesia de ir ficar em Amélia Street, cedendo à forte afeição pela Velha Evelyn, que passara a tarde toda gesticulando e murmurando para Vivian, embora ninguém soubesse ao certo se Evelyn de fato sabia quem Vivian era.

- Duas velhinhas feitas uma para a outra - disse a tia Bea. - Vamos chamá-las de Tweedledee e Tweedledum. A velha Evelyn não está falando de novo. Nem precisa dizer que ela é Tweedledum.

Por toda a casa, em outros quartos, até mesmo no terceiro andar, em camas improvisadas, primos dormiam. Pierce, Ryan, Mandrake e Shelby estavam todos ali, em algum canto. Jenn e Clancy estavam no quarto da frente no andar superior. Outros parentes estavam na casa de hóspedes por trás do carvalho de Deirdre.

Ouviram o carro parar diante do portão.

Não se mexeram. Henri abriu a porta, deixando entrar a mulher que nenhum deles jamais havia visto na vida. Paige Mayfair, bisneta de Cortland e da

sua mulher, Amanda Grady Mayfair, que deixara Cortland anos antes e fora para o norte.

Paige era uma mulher pequena e esguia, não muito diferente de Gifford e de Alicia no rosto e na forma, só um pouco mais parecida com um passarinho, com seus pulsos e suas pernas magras e longas. Esse tipo de Mayfair, pensou Mona. O cabelo da mulher estava cortado muito curto, e ela usava aqueles brincos enormes e deslumbrantes que a mulher precisa tirar antes de atender o telefone.

Ela estava à vontade ao entrar. Todos, menos Fielding, se levantaram para cumprimentá-la, para dar os beijos de costume mesmo numa prima que ninguém havia visto antes.

- Prima Paige. Primo Randall. Prima Mona. Primo Fielding.

Afinal, Paige se sentou na poltrona francesa dourada, de costas para o piano. Sua saia preta minúscula subiu revelando que suas coxas eram quase tão finas quanto as canelas. Suas pernas davam uma dolorosa impressão de nudez em comparação com o restante dela, toda envolta em lã, até mesmo com um cachecol de cashmere que agora ela desenrolava do pescoço. Estava muito frio em Nova York.

Ela olhou espantada para o espelho na extremidade da sala. É claro que ele refletia o espelho que estava atrás dela, bem como a ilusão de aposentos intermináveis, adereçados com seus próprios candelabros de cristal.

- Você não veio sozinha do aeroporto, veio? - quis saber Fielding, surpreendendo a mulher como sempre com sua voz jovem e vigorosa. Mona se deu conta de não saber quem era mais velho, Fielding ou Lily, mas Fielding parecia tão velho com sua pele de um amarelo translúcido e com as marcas no dorso das mãos magras, que as pessoas se viam forçadas a se perguntar o que o mantinha vivo.

Lily era cheia de vigor, embora seu corpo parecesse ser só tendões e ligamentos por baixo do austero costume de seda.

- Eu já lhe disse, meu bisavô - respondeu Mona. - Dois policiais estavam com ela. Eles estão aí fora. Todo mundo em Nova York está reunido. Já contamos

tudo para eles. Não há um único membro desta família, em parte alguma, que esteja sozinho agora. Todos foram informados.

- E não aconteceu mais nada - disse Paige, com delicadeza - não é mesmo?

- Exato - respondeu Lauren. Ela conseguira manter sua identidade de profissional bem arrumada ao longo do dia e da noite estafantes. Nem um único fio de cabelo prateado estava fora do lugar.

- Não o encontramos - disse ela, como se estivesse tentando tranquilizar um cliente histérico. - Mas não houve mais nenhum problema de nenhuma natureza. Há pessoas trabalhando nessa investigação neste instante em que estamos falando.

Paige fez que sim. Seus olhos se desviaram na direção de Mona.

- E você é a famosa Mona - disse ela. Deu o sorriso indulgente que se costuma dar a crianças bonitas. - Já ouvi falar tanto de você. Beatrice sempre fala em você nas cartas que escreve. E você é a herdeira se não conseguirmos fazer com que Rowan se recupere.

Choque.

Ninguém dissera nada nesse sentido a Mona. Ela não captara a menor vibração de nenhum deles, fosse aqui, fosse no centro, ou em qualquer lugar. Ela não pôde deixar de olhar para Lauren.

Lauren não a encarou.

Quer dizer que isso já está decidido.

Ninguém se dispunha a olhar para ela. Mentes trancadas. De repente, ela percebeu que somente Fielding estava olhando para ela. Percebeu também que ninguém ficara scandalizado com as palavras de Paige, à exceção dela mesma. Tudo havia sido decidido, mas não na sua presença, e ninguém queria explicar, esclarecer ou se deter sobre o assunto agora. Era demais para se debater numa hora dessas. No entanto, era uma decisão monstruosa, a herdeira do legado. E uma pequena frase muito sarcástica passou de repente pela cabeça de Mona,

"Você está falando da birutinha da Mona, com seu laço de fita, a filha vadia daquela alcoólatra da Alicia?"

Ela não a proferiu. Por dentro, estava sentindo a dor mais excruciante. Rowan, não morra. Rowan, perdoe-me. Ocorreu-lhe uma lembrança perversa e perfeitamente deliciosa do tórax de Michael Curry acima dela, e do seu pau saindo dela de tal forma que ela o viu por um instante, descendo do ninho de pêlos. Ela fechou os olhos com força.

- Vamos acreditar na possibilidade de ajudarmos Rowan - disse Lauren, embora a voz fosse tão baixa e tão desesperançada que contradizia as próprias palavras. - O legado é uma questão imensa. Temos três advogados examinando os documentos atualmente. Mas Rowan ainda está viva. Rowan está aqui em cima. Ela sobreviveu à cirurgia. Essa era a menor das suas preocupações. Os médicos fizeram a sua magia. Agora chegou a hora de nós tentarmos.

- Você sabe o que pretendemos fazer? - perguntou Lily, cujos olhos estavam vidrados de tanto chorar. Lily assumira uma postura defensiva, com os braços cobrindo os seios, e uma das mãos pousada logo abaixo da garganta. Pela primeira vez na vida, na opinião de Mona, a voz de Lily parecia trêmula e velha.

- Sei, sei, sim - disse Paige. - Meu tio me contou tudo. Eu compreendo. Todos esses anos. Ouvi falar tanto em vocês, em todos vocês, e agora estou aqui, nesta casa. Mas deixem-me dizer uma coisa: não sei se serei de alguma ajuda. É um poder que os outros sentem. Eu mesma não o sinto. Eu realmente não sei usá-lo, mas sempre estou disposta a tentar.

- Você é uma das mais fortes - disse Mona. - Isso é o que interessa. Nós aqui somos os mais fortes. Nenhum de nós sabe usar esses dons.

- Então, vamos. Vamos ver o que podemos fazer - disse Paige.

- Não quero saber de nenhuma palhaçada - disse Randall. - Se alguém começar a dizer palavras sem sentido...

- Claro que não - disse Fielding, com os olhos fundos. as mãos cruzadas sobre a bengala. - Tenho de ir de elevador. Mona, você me leva. Randall, você também deveria subir de elevador.

- Se não quiserem vir conosco - comentou Lauren, num tom frio como o aço - não precisam vir, nenhum de vocês dois. Faremos isso sozinhas.

- Eu vou - disse Randall, rabugento. - Quero que fique registrado que esta família agora está seguindo os conselhos de uma menina de treze anos de idade!

- Isso não é verdade – respondeu Lily. – Nós todos queremos fazer isso. Randall, faça o favor de nos ajudar. Por favor, desta vez não atrapalhe.

Saíram todos, atravessando o saguão sombrio. Mona jamais gostara do elevador. Ele era pequeno demais, empoeirado demais, velho demais, tinha um excesso de potência e de velocidade. Ela entrou acompanhando os dois velhos e ajudou Fielding a se sentar na única cadeira no canto, uma pequena antigüidade de madeira, com o assento de palhinha. Depois, ela fechou a porta, correu a grade e apertou o botão. Pôs então a mão no ombro de Fielding.

- Lembre-se. Ele dá um solavanco quando pára.

Como previsto, lá veio o solavanco ruidoso.

- Que coisa amaldiçoada - resmungou Fielding. - Típico de Stella, comprar um elevador com potência suficiente para levar as pessoas ao alto do American Bank.

- O American Bank não existe mais - informou Randall.

- Bem, você sabe o que estou querendo dizer - respondeu Fielding. - Não se impaciente comigo. A idéia não foi minha. Considero-a ridícula. Por que não vamos até Metairie para tentar fazer com que Gifford levante dos mortos?

Mona ajudou Fielding a se levantar e a ajeitar a bengala.

- O American Bank era o prédio mais alto de Nova Orleans - disse ele a Mona.

- Eu sei - respondeu ela. Na realidade não sabia, mas essa era a melhor maneira de encerrar o assunto.

Quando entraram no quarto principal, os outros já estavam reunidos. Michael estava com eles, parado de braços cruzados no canto mais distante da porta, olhando para o rosto inalterado de Rowan.

As velas bentas ardiam na mesa-de-cabeceira mais próxima à porta. A Virgem estava ali. Provavelmente obra da tia Bea, pensou Mona, aquelas velas, essa Virgem com a cabeça baixa, véu branco, minúsculas mãos de gesso abertas. Gifford decerto teria feito isso, se estivesse viva.

Ninguém disse palavra. Afinal, Mona falou.

- Acho que as enfermeiras precisam sair.

- Bem, exatamente o que vocês vão fazer aqui dentro? - perguntou irritada a enfermeira mais jovem, mulher descorada, com o cabelo louro repartido ao meio sob a touca rígida, engomada. Ela parecia uma freira com sua limpeza e esterilidade. Olhou de relance para a enfermeira mais velha, uma negra de rosto escuro, que não disse nada.

- Nós vamos fazer uma imposição de mãos para tentar curá-la - disse Paige Mayfair. - É provável que não adiante nada, mas todos temos esse dom. Vamos fazer uma tentativa.

- Não sei se deveriam fazer uma coisa dessas! - protestou a enfermeira jovem, desconfiada.

Mas a negra mais velha abanou a cabeça e fez um gesto para que deixasse passar.

- Podem sair, as duas - disse Michael, numa voz de serena autoridade.

As enfermeiras saíram. Mona fechou a porta.

- É tão estranho – comentou Lily. – É como pertencer a uma família de grandes músicos e ao mesmo tempo não se saber ler musica ou sequer acompanhar uma melodia.

Só Paige Mayfair não parecia embaraçada, Paige, a que viera de longe, a que não havia crescido à sombra de First Street, ouvindo as pessoas responderem ao pensamento dos outros com tanta facilidade quanto respondiam às palavras. Paige pôs sua pequena bolsa de couro no chão e se aproximou da cama.

- Apaguem a luz, com exceção das velas.

- Isso é tolice - disse Fielding.



- Prefiro assim - disse Paige. - Prefiro que não haja nada a nos distrair. - Ela então baixou os olhos até Rowan, examinando-a lentamente desde a testa lisa até os pés que se projetavam para o alto por baixo do lençol. O rosto de Paige estava triste, decididamente triste e pensativo.

- Isso é inútil - disse Fielding. Era óbvio que ele estava tendo dificuldade em se manter em pé. Mona o puxou mais para perto da cama.

- Pronto, apoie-se no colchão - disse ela, procurando não ser impaciente. - Estou segurando seu braço. Ponha sua mão sobre ela. Uma das mãos já basta.

- Não, por favor, as duas mãos - disse Paige.

- Uma total imbecilidade! - reclamou Fielding.

Os outros fecharam o círculo em volta da cama. Michael recuou, mas Lily fez um gesto para que ele se juntasse a eles. Todos puseram suas mãos em Rowan, Fielding inclinando-se para frente num ângulo perigoso, com sua respiração forçada audível, e uma tosse querendo se formar por trás das papadas do pescoço.

Mona sentiu o braço macio e pálido de Rowan. Ela pusera os dedos bem em cima das contusões. O que as causara? Teria ele agarrado Rowan e a sacudido? Quase dava para se ver as marcas dos dedos. Mona pousou os próprios dedos sobre as marcas.

Rowan, fique boa! Ela não havia esperado pelos outros, e agora via que todos tomaram a mesma decisão muda, sem cortesias. Ela ouviu a prece comum se erguer. Viu que Paige e Lily haviam fechado os olhos.

- Fique boa - sussurrou Paige.

- Fique boa - murmurou Mona.

- Fique boa, Rowan - disse Randall, com uma voz grave, positiva.

Afinal, veio de Fielding o sussurro descontente.

- Fique boa, filha, se a força estiver em você. Fique boa. Fique boa. Fique boa.

Quando Mona abriu os olhos novamente, viu que Michael estava chorando. Ele segurava apertado, com as duas mãos, a mão direita de Rowan. Dizia baixinho as palavras junto com todos eles. Mona fechou os olhos e repetiu.

- Vamos, Rowan! Fique boa!

Passaram-se momentos enquanto eles permaneceram ali. Passaram-se momentos em que esse ou aquele murmurava, se mexia, apertava a carne com mais força ou a afagava. Lily pôs sua mão sobre a testa de Rowan. Michael debruçou-se para lhe dar um beijo no rosto.

Foi Paige que afinal disse que eles haviam feito o que podiam.

- Ela recebeu a extrema unção? - perguntou Fielding.

- Recebeu, no hospital, antes da cirurgia - respondeu Lauren. - Mas ela não vai morrer. Está firme. Está em coma profundo. E poderia continuar assim dias seguidos.

Michael voltara as costas ao grupo. Em silêncio, eles saíram do quarto. Na sala de estar, Lauren e Lily serviam o café. Mona oferecia o açúcar e o leite. Ainda estava escuro como breu lá fora, invernoso, parado.

O grande relógio bateu cinco. Paige olhou para ele, como se tivesse se assustado. E depois baixou os olhos.

- O que você acha? - perguntou Randall.

- Ela não está morrendo - disse Paige. - Mas não tem absolutamente nenhuma reação. Pelo menos nenhuma que eu pudesse sentir.

- Nenhuma - confirmou Lily.

- Bem, nós tentamos - disse Mona. - Isso é que é importante. Nós tentamos.

Ela saiu do salão duplo para o corredor. Por um instante, acreditou ter visto Michael no alto da escada. Mas era apenas a enfermeira passando. A casa estalava e farfalhava como sempre. Ela acelerou o passo, deliberadamente na ponta dos pés, procurando não tocar nos degraus como teclas musicais.

O abajur da cabeceira estava novamente aceso. As chamas das velas desapareciam na irritante iluminação amarelada. Mona limpou os olhos e pegou a mão de Rowan. Sua própria mão estava tremendo.

- Fique boa, Rowan! - disse ela. - Fique boa, Rowan! Você não vai morrer, Rowan! Fique boa!

Michael abraçou-a, beijou-lhe o rosto. Ela não se afastou.

- Fique boa, Rowan - repetiu. - Perdoe por eu ter feito amor com ele. Perdoe. Fique boa, por favor - sussurrou. - De que adianta tudo isso... a herança, o dinheiro, tudo... se não... se não tivermos o poder de curar?

Deviam ser seis e meia da manhã quando Mona tomou a decisão. Haveria um Centro Médico Mayfair. Tudo ocorreria exatamente como Rowan planejava.

Mona carregara um cobertor de lã lá para fora, debaixo do carvalho, diante da casa de hóspedes, e estava ali sentada no cobertor seco, observando a manhã tremeluzindo na umidade à sua volta, as frescas folhas verdes claras das bananeiras, as taiobas encrespadas, os lírios de um amarelo avermelhado, o musgo verde nos tijolos. O céu estava roxo agora exatamente como poderia estar ao pôr-do-sol, algo que ela via com muito maior frequência do que o amanhecer.

Um segurança dormia numa cadeira de espaldar reto junto ao portão do jardim. Um outro caminhava para lá e para cá do outro lado dos portões da grade ao longo das lajes ao lado da piscina.

A casa pareceu ficar mais brilhante, mais afastada contra o fundo violeta que escurecia. Uma aurora vermelho sangue começou a surgir lentamente ao longe à direita. Em Nova Orleans, nunca se sabia distinguir o leste do oeste, até o sol nascer ou morrer. Bem, aqui vinha ele, glorioso e não exatamente em silêncio. Os pássaros pareciam ouvi-lo, eram estimulantes e todas as folhas densas e desgrenhadas em volta de Mona se enchiam de ruído e vida.

Ela se sentia feliz de ver isso, uma felicidade incompleta e impaciente. Ela se sentia só. Herdeira do legado.

- Isso não deveria ser tamanha surpresa para você - dissera Lauren, baixinho. - É uma questão de linhagem. Você mesma a calculou no computador. Tudo será explicado. Não posso falar nisso enquanto Rowan estiver viva e respirando.

Haverá um Centro Médico Mayfair, Rowan. Esse será o seu legado. E nós levaremos os nossos segredos conosco para nossa história pessoal e, em última análise, descartável mas as pedras do Centro Médico Mayfair ficarão firmes para que todos vejam.

De repente, ela se sentiu tonta. Meio enjoada. Realmente odiava estar acordada a essa hora da manhã. Sempre detestara. E, quando Mona era pequena, Alicia sempre queria ir à missa. Não fazia diferença se na noite anterior tivesse estado bêbada ou sóbria. Alicia tinha de se levantar para ir à missa. Iam de bonde na direção dos subúrbios até a igreja do Sagrado Coração. Mona sempre se sentira mal com relação a isso, com um princípio de dor de cabeça e um gosto ruim na boca. Isso só havia parado nos últimos poucos anos quando Alicia, finalmente, começou a beber de manhã, e já estava com uma cerveja na mão, sentada na escada dos fundos, quando Mona descia.

Mas não era assim tão ruim estar acordada agora, vendo essa cor vermelha escura que surgia como por milagre, vendo-a transformar-se em dourado. A pura emoção dos últimos dias tornava tudo tão precioso, tão nítido. Olhe só para esse jardim, nunca se esqueça de olhar para ele. O legado. Meu Deus, Mona, esse jardim é seu! Ou logo será!

Não era de se admirar que ela não conseguisse dormir. Bem que tentara. Melhor usar esse tempo para pensar, planejar, dar uma forma organizada àquilo que começava a se tornar uma obsessão para ela, a localização e a estrutura do Centro Médico Mayfair, onde a palavra cura seria inscrita. Em pedra? Num vitral?

Pierce seria seu aliado mais forte. Sua natureza era tão conservadora quanto a de Ryan, mas a idéia lhe era cara. Ele queria trabalhar nisso. Nos dois últimos meses, ele mantivera o projeto vivo. Com um pouco de incentivo, ele poderia ser levado a formular, imaginar, visualizar. Tudo daria certo, o lado

conservador da firma os refrearia um pouco, e eles manteriam sua insistência em ser audazes, em pensar grande, em sonhar.

Pierce estava dormindo não longe dali numa das muitas espreguiçadeiras espalhadas, com o paletó sobre o ombro. Disse que queria sentir o ar revigoraste. Estava perto da piscina. Não conseguia agüentar a atmosfera abafada de dentro de casa. Parecia um bebê quando ela passou por ele.

Vamos fazer isso, pensou Mona. É mais do que uma resolução infantil de dar a volta ao mundo antes dos vinte anos, de cavar um túnel até a China ou de dar início ao fundo mútuo mais lucrativo no mercado internacional de ações. Herdeira do legado. Tudo é possível, esse é o ponto principal a lembrar.

Não era o ponto de vista de Alicia, quando ficava sentada com sua cerveja na escada.

- Estou cansada demais para conseguir fazer mais qualquer coisa.

Não pense nela numa gaveta refrigerada. Eles não congelam de verdade as pessoas no necrotério, certo? Será que só as mantêm frias?

Todos aqueles livros sobre hospitais, onde Mona os vira? No quarto de Rowan, quando Mona estava planejando seduzir Michael. Aquelos livros estavam na mesinha de cabeceira ao lado da cama. Mona os lia mais tarde, estudaria o projeto por inteiro. Isso era importante: ter um esquema adiantado antes de reunir as pessoas, conduzir a reunião como se fosse um anúncio de computadores novos, com todos aquelas reluzentes impressões a laser de plantas, planilhas e listagens.

Ela afinal fechou os olhos. Agora já sentia o sol. Não precisava mais vê-lo.

Recorreria a um pequeno truque que sempre a fazia dormir. Sua cabeça estava a quilômetros por segundo. Por isso, ela a forçou a fazer alguma coisa: decorar os saguões e os consultórios do Centro Médico Mayfair. Fez com que optasse por cores, pendurasse cortinas, escolhesse quadros para o interior, pinturas que deixassem felizes os pacientes que estivessem esperando, pinturas que proporcionassem a médicos e enfermeiros estafados um momento de

iluminação, quando entrassem num corredor, descessem por uma escada ou chegassem às portas da frente.

Imagens de curas, algo como aquele belo quadro de Rembrandt, da Lição de Anatomia. Ela abriu os olhos com um sobressalto. Não, ninguém ia querer ver aquilo. Nada assim tão terrível. Pensemos em outras coisas, os rostos passivos e belos de Piero Della Francesca, os olhos doces e suaves das mulheres de Botticelli, fantasias tranqüilizadoras. Coisas que eram melhores do que a realidade.

Estava com tanto sono. Tentava se lembrar de todas as pessoas naquele grande quadro dos Médicis em Florença, aquele com Lorenzo olhando pelo canto do olho. Estava com cinco anos quando Gifford a levou à Europa pela primeira vez.

- Mamães e bebês! - dissera ela, enquanto passavam pelo Palazzo Vecchio. Ela gostara tanto de escorregar e girar nos pisos de pedra. Nunca vira tantos quadros sobre aquele tema único e majestoso.

- A Madona com o Menino - sussurrara Gifford, severa.

Gifford abaixou-se para beijá-la. Vá dormir um pouco.

É, acho que vou. Eu não pretendia, quer dizer, com Michael, nunca pretendi...

Eles sabem disso. Agora não faz diferença. É insignificante. É tão típico de um Mayfair querer ser feroz e irresponsável e depois se sentir cheio de culpa! Você não sabe que é assim conosco? Não sai barato para ninguém.

Você tem certeza de que ela não me odiaria por isso? Por ser tão insignificante? Não achei que você fosse considerar insignificante. Esse é o segredo principal, decidir o que é e o que não é importante. E insignificante.

Finalmente, com a cabeça encostada na casca áspera do carvalho, ela adormeceu.

## **Capítulo 30**

Ele gostou da casa. Ela ficava junto à rua, quer dizer a Esplanade Avenue, como um palazzo em Roma, ou uma casa urbana em Amsterdã. E, embora fosse de tijolos emboçados, ela dava a impressão de ser de pedra. Estava pintada em cores romanas, o vermelho profundo de Pompéia, com molduras num ocre escuro.

Esplanade Avenue vira dias melhores. Em termos arquitetônicos, porém, ela fascinava Yuri, com todos esses maravilhosos prédios antigos, em meio à vulgaridade da improvisação comercial. Ele apreciara o longo passeio, perambulando pelo Quarter, para se deparar com essa casa quando chegava às fronteiras do bairro, a imponente avenida que um dia fora a rua principal dos franceses e espanhóis e que ainda agora estava cheia de mansões como essa. E claro que dois homens o estavam seguindo. E daí?

Ele sentiu o revólver grande e pesado no bolso. Cabo de madeira, cano longo. Tudo certo. Beatrice veio recebê-lo.

- Ah, graças a Deus, querido. Aaron está aflito. O que posso lhe oferecer?

- Ela olhou de relance para além dele. Viu o homem à sombra da árvore do outro lado da rua.

- Nada, muito obrigado, senhora - disse Yuri. - Gosto do café muito preto e forte, e parei para tomar um num dos pequenos bares.

Estavam num saguão central imponente, com uma escada majestosa que subia e se ramificava no patamar em duas escadas mais estreitas à direita e à esquerda. O piso era de mosaico, e as paredes eram como as externas, de um vermelho forte, acastanhado.

- É exatamente esse o café que eu faço - disse Beatrice, apanhando a capa de chuva dele, praticamente ajudando-o a tirá-la. Graças a Deus, o revólver estava no paletó. - Feito à moda tradicional, mas com pó de café expresso. Agora entre na sala de estar. Vai ser um alívio para Aaron.

- Ah, nesse caso eu aceito. Obrigado - disse Yuri.

Havia salões à esquerda e à direita. Mas ele estava sentindo o calor que emanava daquele à sua frente. Viu, então, Aaron, usando um dos seus velhos cardigãs de lã cinza, com o cachimbo na mão, parado junto à lareira. Mais uma

vez, ficou impressionado com o vigor de Aaron e como ele parecia estar mesclado com sua raiva e suas suspeitas. Havia uma rigidez na boca de Aaron, mas isso lhe dava um aspecto mais convencional.

- Recebemos uma comunicação dos Anciãos - disse Aaron, sem nenhum preâmbulo. - Chegou no fax do Pontchartrain Hotel. - Os Anciãos usaram um meio desses?

- O texto está em latim. Está endereçado a nós dois. Há duas cópias, uma para cada um.

- Quanta cortesia!

Dois sofás de couro de cor vinho estavam de frente um para o outro diante da lareira, revelando apenas o centro de um tapete chinês azul escuro. A mesa era de vidro, cheia de papéis. Havia grandes e opulentos quadros modernos, abstratos na sua maioria, em molduras douradas. Mesas de tampo de mármore, poltronas de veludo, um pouco gasto. Flores naturais, como as que se costumam ver somente em salões públicos. Flores lindas e enormes arrumadas em jarros de porcelana diante de vários espelhos, aqui e ali, e sobre o consolo da lareira, com sua solene cabeça de leão de mármore. Tudo muito bonito e agradável de se ver. Comunicados dos Anciãos, meu Deus.

- Sente-se. Vou traduzir para você.

Yuri sentou-se.

- Você não tem de traduzir para mim, Aaron. Eu sei ler latim. - Ele deu um risinho. - Às vezes escrevo para os Anciãos em latim, só para praticar.

- Ah, é claro que sim - respondeu Aaron. - Como pude esquecer disso? Bobagem minha. - Ele fez um gesto na direção das duas mensagens lustrosas sobre a mesa, como que jogadas por cima das revistas, aqueles grandes e caríssimos compêndios de arquitetura e decoração, repletos de nomes de designers, rostos famosos e anúncios de objetos finos do tipo que se encontrava por toda parte naquela própria sala.



- Você não se lembra de Cambridge? - perguntou Yuri. - Dasquelas tardes em que eu lia Virgílio para você? Não se lembra da tradução de Marco Aurélio que fiz para você?

- Se me lembro? - Aaron pressionou os lábios. - Eu a trago sempre comigo. Minha cabeça está ficando fraca. Estou tão acostumado ao fato de as pessoas da sua geração não conseguirem ler latim. Foi só um lapso. No dia em que pus os olhos em você pela primeira vez, quantas línguas já falava?

- Não sei. Só sei das línguas que eu não sei. Deixe-me ler.

- Claro, mas antes diga o que descobriu.

- Stolov está no Windsor Court, muito elegante, muito caro. Tem dois homens com ele, talvez três. Há outros da Ordem. Estavam me seguindo quando subi pela Chartres Street para vir para cá. Há um homem do outro lado da rua. Todos da mesma idade, do mesmo estilo, jovens anglo-saxões ou escandinavos, ternos escuros, tudo igual. Eu diria que agora conheço o rosto de uns seis deles. Não se deram ao trabalho de se ocultar. Na realidade, creio que sua intenção é a de assustar, ou a de constranger, se sabe do que estou falando.

Beatrice entrou majestosa na sala, com seus saltos altos batendo com elegância no piso de cerâmica. Pôs sobre a mesa a bandeja com pequenas xícaras de café expresso fumegante.

- Pronto, um bule cheio - disse ela. - Agora vou ligar para Cecília.

- Houve mais alguma notícia relacionada à família? - perguntou Yuri.

- Rowan está indo bem. Não houve nenhuma alteração. Há atividade cerebral, mas é mínima. No entanto, ela continua a respirar sozinha.

- Estado vegetativo persistente - disse Aaron, baixinho.

- Ai, ai, por que você precisa dizer essas palavras de novo? - censurou Beatrice, com delicadeza.

- Você sabe o motivo. Rowan não está neste exato momento se recuperando. É preciso que se tenha isso em mente.

- Mas e o próprio homem misterioso? - perguntou Yuri.

- Nenhum sinal dele em parte alguma - respondeu Beatrice. - Estão dizendo que ele não poderia estar em Houston. Não dá para se imaginar a quantidade de gente que está vasculhando a cidade de Houston. É claro que ele pode ter cortado o cabelo, mas não há nada que possa fazer quanto à sua altura de mais de um metro e noventa. Só Deus sabe onde ele está. Vou deixá-lo com Aaron. Não quero pensar nisso. Estou preparando o jantar com um segurança armado na cozinha.

- Ele não vai comer muito - disse Aaron, com um pequeno sorriso.

- Ah, cale a boca. - Ela parecia a ponto de alguma coisa, e então simplesmente foi até Aaron, deu-lhe um beijo rápido e afetuoso e saiu apressada, numa confusão de seda e estalidos de saltos, como chegara.

Yuri adorou o café. Um bule inteiro. Suas mãos logo estariam trêmulas e sua digestão seria prejudicada, mas ele não estava ligando para isso. Quando se adora café, abandona-se tudo por esse prazer.

Ele apanhou o fax. Conhecía tão bem o latim que nem precisou traduzi-lo mentalmente. Estava tão claro para ele quanto qualquer língua que falava.

Dos Anciãos para

Aaron Lightner

Yuri Stefano

Senhores,

Raramente nos deparamos com um dilema semelhante: a deserção de dois membros da Ordem que não só são caros a nós todos, como também investigadores experientes e de valor inestimável, que se tomaram modelos para neófitos e postulantes. Enfrentamos grande dificuldade para compreender como esta situação se criou.

Temos nossa culpa. Aaron, não o mantivemos informado de tudo que estava envolvido no caso das Bruxas Mayfair. No desejo de que você focalizasse sua atenção sobre a família Mayfair, retivemos certas informações pertinentes

relacionadas às lendas de Donnelaith na Escócia, na realidade, relacionadas aos celtas naquela região do norte da Grã-Bretanha e na Irlanda. Percebemos agora que deveríamos ter sido mais explícitos e francos desde o início.

Por favor, compreenda que nunca foi intenção da Ordem manipulá-lo ou explorá-lo. No espírito da boa investigação, relutamos em apresentar suposições ou suspeitas, para não afetarmos as respostas às próprias perguntas que estávamos fazendo.

Sabemos agora que, num sentido muito concreto, cometemos um erro de avaliação. Você nos abandonou. E sabemos também que isso não é algo que você jamais teria feito por motivo fútil. Mais uma vez, a responsabilidade por essa tragédia cabe a nós.

Vamos agora ao ponto principal. Vocês não são mais membros da Talamasca. Estão excomungados sem perda dos seus direitos, o que significa simplesmente que estão afastados, sem censura, da Ordem, dos seus privilégios, obrigações, registros e apoio.

Vocês não têm mais permissão nossa para fazer uso dos dados compilados por vocês mesmos quando estavam entre nós. Não poderão reproduzir, debater ou divulgar qualquer conhecimento que tenham ou que possam vir a ter relacionado ao tema das Bruxas Mayfair. Desejamos estar sendo muito explícitos quanto a este ponto.

A investigação das Bruxas Mayfair está agora nas mãos de Erich Stolov e Clement Norgan, bem como de diversos outros homens que trabalharam com os dois em outras partes do mundo. Eles procurarão entrar em contato com a família, sem o seu auxílio e deixando perfeitamente claro que vocês não estão mais ligados a nós e que eles não têm vínculo com vocês.

Estamos pedindo apenas o seguinte: que vocês não interfiram com o que precisar ser feito. Estão liberados de toda e qualquer obrigação, mas não devem se tornar um obstáculo ao que temos de fazer.

É de nosso interesse premente que o ser chamado Lasher seja encontrado. Nossos membros têm suas ordens. Compreendam, por favor, que

daqui em diante vocês não receberão nenhuma consideração especial por parte deles.

Em algum momento no futuro, convidamos os dois a voltar à casa-matriz, para examinar conosco em detalhe (através de comunicações escritas) a sua deserção e a possibilidade da sua reintegração bem como da renovação dos seus votos.

Neste momento, devemos nos despedir em nome dos seus irmãos e irmãs na Talamasca, em nome de Anton Marcus, o novo superior geral, em nome de todos nós que os amamos e os prezamos, entristecidos por vocês não fazerem mais parte do rebanho.

Fiquem informados de que na ocasião adequada e através dos canais adequados foram depositados altos valores nas suas contas bancárias a título de indenização pelo afastamento. Este será o último apoio material que receberão da...

Talamasca

Yuri dobrou as folhas brilhosas e enfiou sua cópia no bolso do paletó, bem ao lado da arma.

Ergueu os olhos para Aaron, que parecia calmo, desinteressado, mergulhado em pensamentos.

- Foi culpa minha? – perguntou Yuri. – O fato de você ser excomungado tão rápido? Eu não deveria ter, vindo?

- Não, não deixe que isso o aflija. Fui excomungado por me recusar a ir embora daqui. Fui excomungado por não parar de mandar perguntas a Amsterdã a fim de descobrir o que de fato estava acontecendo. Fui excomungado porque deixei de "observar e estar sempre presente". Estou feliz por você estar aqui, porque agora sinto uma ansiedade por todos os meus companheiros. Não sei como lhes contar. Mas você, você que era o que eu mais prezava, além de David, você está aqui e você sabe o que eu sei.

- O que você quer dizer com isso de sentir medo pelos outros membros?

- Não sou Ancião - disse Aaron. - Tenho setenta e nove anos de idade, mas não sou Ancião. - Ele olhou para Yuri.

É claro que essa simples confissão era uma violação flagrante das normas. Aaron prosseguiu.

- David Talbot nunca foi Ancião. Ele me contou antes de... deixar a Ordem. Ele me disse que nunca havia falado com ninguém que fosse Ancião. Na realidade, ele obtivera muitas negativas sub-reptícias e freqüentes dos mais velhos. Eles não eram Anciãos. Eles não sabiam quem eram os Anciãos.

Yuri não respondeu. Toda a sua vida, desde os doze anos de idade, ele convivera com a idéia de que os Anciãos eram seus irmãos, como que um júri formado pelos seus iguais.

- Exatamente - disse Aaron. - E agora eu não sei quem eles são ou quais são os seus motivos. Acho que mataram um médico em San Francisco. Creio que mataram o Dr. Samuel Larkin. Acredito que usaram gente como eu todas as nossas vidas, para colher informações com algum objetivo oculto que nunca foi compreendido ou avaliado por aqueles da minha geração. É só nisso que acredito.

Yuri mais uma vez não respondeu. Mas essa era uma expressão plena e eloqüente das suas próprias suspeitas: os sentimentos profundos e sinistros que dele se apossaram não muito depois do seu retorno de Donnelaith para a casa matriz.

- Se eu tentar agora um acesso aos arquivos principais, não receberei permissão - disse Yuri, como se estivesse pensando em voz alta.

- É possível - disse Aaron. - Nem todo mundo na Ordem conhece os computadores como você os conhece, Yuri. Se você souber a senha de acesso de algum outro membro...

- Sei diversas. Eu deveria ir imediatamente a algum lugar onde eu possa fazer as chamadas. Eu deveria descobrir qualquer outra coisa que possa haver, que possa ter algum tipo concebível de referência cruzada. Isso levará dois dias ou mais. Posso entrar no texto em latim que foi copiado pelo scanner e compilado.

Posso mandar pesquisar certas palavras. Talvez haja muita coisa que eu possa descobrir.

- E eles talvez tenham pensado em tudo isso. Devem ter pensado. Mas vale a pena tentar. Minha cabeça está velha demais para isso, da mesma forma que meus dedos. Mas na casa de Amelia Street há um modem de computador com um telefone. Pertence a Mona Mayfair. Ela já deu permissão para que você o use. Ela disse que você se ajeitaria. É DOS. Você entende isso? DOS?

Yuri riu, baixinho.

- Você parece que esta falando de um deus dos druidas. Isso se refere ao sistema operacional do computador, ao fato de ser compatível com os equipamentos IBM. Entendo, sim.

- Ela disse que deixou algumas instruções para você quanto ao que está no disco rígido, mas que você pode dar entrada a um diretório e ver com seus próprios olhos. Avisou que seus arquivos pessoais estão protegidos.

- Já soube de Mona e do seu computador - disse Yuri, baixinho. - Eu não iria entrar nos arquivos dela.

- O que ela quis dizer era que você poderia ter acesso a tudo o mais.

- Entendi.

- Há dezenas de sistemas providos de modem na Mayfair & Mayfair. Creio, porém, que o de Mona é o melhor, a última palavra. Yuri fez que sim.

- Vou fazer isso sem mais demora. - Bebeu mais uma xícara do café forte e denso. Lembrou-se de Mona, com um afeto incomum. - E depois podemos falar.

- É, podemos falar.

Mas o que iriam dizer? Estavam abatidos demais para falar grande coisa. Na realidade, uma terrível depressão pairava por perto de Yuri, pronta para se abater sobre ele com toda a força, bastante parecida com a depressão de quando os ciganos o levaram para longe da mãe morta. Estranhos. Um mundo de estranhos. A não ser por Aaron, e essa gente simpática, essa Mona de quem ele já gostava muito.

Em Amélia Street, Yuri conhecera Mona hoje por volta do meio-dia. Ele estava comendo cereais desidratados com leite à mesa do café da manhã. Ela ficara conversando com ele sem parar, fazendo-lhe perguntas, tagarelando, tudo com um objetivo ou outro enquanto mordiscava uma maçã até que sobrasse talvez apenas uma semente.

A família inteira estava em polvorosa com a notícia de que ela seria a próxima herdeira do legado. Vinham procurá-la incessantemente, prestar-lhe homenagem, praticamente pedindo para lhe beijar o anel. Mas ela também não tinha anel.

- Como é que a gente pode estar num rebuliço desses quando Rowan ainda está viva? - dissera ela, afinal.

- Querida, isso não tem nada a ver - disse Randall, o velho enorme, com seus muitos queixos. - Quer sobreviva, quer não, Rowan está agora incapacitada de procriar.

Mona pareceu ficar atordoada, depois apenas concordou, com um gesto de cabeça.

- É claro - murmurou.

- Você não quer o legado? - perguntou Yuri entre dentes, porque ela estava ali sentada, tão calada, tão perto dele, a encará-lo nos olhos.

Ela riu sem parar. Nada de cruel e feio no riso. Um riso leve e bonito.

- Ryan explicará tudo, Mona - dissera um dos rapazes. Teria sido Gerald?  
- Mas você pode ter acesso a esses documentos oficiais quando quiser.

Abateu-se sobre o rosto de Mona uma expressão sinistra, terrível.

- Como era aquele ditado? foi São Francisco quem disse? Tio Julien costumava repeti-lo. A velha Evelyn me contou. Mamãe o dizia. "Tenha cuidado com aquilo que deseja... pois seu desejo pode se realizar."

- Isso parece tio Julien, velha Evelyn e São Francisco - disse Gerald.

E então Mona fora embora com uma repentina e surpreendente fala arrastada.

- Preciso trabalhar no computador. Saiam da frente.

Quando Yuri foi apanhar sua valise, ele ouviu a batida das teclas. No quarto da frente. Não ousou seguir pelo corredor e se intrometer pela porta aberta.

- Gosto de Mona Mayfair - disse ele, agora, a Aaron. - Aquela é inteligente. Gosto de todos eles.

Ele sentiu um súbito rubor inconveniente no rosto. Estava mais do que gostando dela. Huummmm. Mas ela era nova demais. Ou não era?

Levantou-se para sair. Que casa bonita. Talvez pela primeira vez tomou consciência dos aromas que vinham da cozinha.

- Não vai sair tão rápido assim - disse Aaron.

- Aaron, eles vão se trancar todos!

Beatrice acabava de entrar. Trazia um paletó de tweed no braço, um dos velhos e amados paletós de Aaron. E a capa de Yuri.

- Queremos que ceie conosco - disse Beatrice. - A ceia estará pronta em meia hora. É uma refeição muito especial para nós. Aaron ficará decepcionadíssimo se você for embora. Eu ficarei decepcionadíssima. Pronto, vista isso.

- Nós vamos cear aqui, mas estamos saindo? - perguntou Yuri, enquanto pegava a capa de chuva preta.

- Vamos até a catedral - disse Aaron. Ele vestiu o paletó de tweed e endireitou as lapelas grossas. Verificou o lenço de cambraia. Quantas vezes Yuri havia observado esse procedimento? Agora Aaron procurava nos bolsos pelas chaves, pelo passaporte e por mais um pedaço de papel, que ele abriu enquanto olhava para Beatrice, com um sorriso.

- Venha conosco para assistir ao casamento - disse Beatrice. - Magdalene e Lily vão se encontrar conosco lá.

- Ah, quer dizer que vão de fato se casar!

- Vamos, querido - disse Beatrice. - Vamos embora. A ceia estará arruinada se a deixarmos esperando demais. É uma receita Mayfair, Yuri. Espero que goste de comida apimentada. Vai ser lagostim no vapor.

- Obrigado, Yuri - disse Aaron, baixinho.



Beatrice vestiu seu próprio casaco escuro, que fez com que seu chemisier de seda de repente parecesse muito formal e sóbrio.

- Ora, é um privilégio - disse Yuri. Por esse motivo, o computador de Mona poderia esperar, por difícil que fosse.

- Sabe - disse Beatrice, indo à frente - é uma pena ter de renunciar a uma grande cerimônia de casamento. Quando tudo isso acabar, talvez ofereçamos um banquete. Aaron, o que você acha? Quando tudo estiver acabado e todos estiverem felizes, faremos uma festa magnífica! Mas o fato é que não quero esperar. - Ela abanou a cabeça. Depois, repetiu com um mínimo indicio de pânico. - Eu não quero esperar.

### **Capítulo 31**

Ele escolhia os momentos para ir ao banheiro. Certificava-se de que a enfermeira estivesse parada ali. Caminhava, então, os quatro passos até o banheiro, fechava a porta, fazia o que tinha de fazer e voltava.

Seu pior medo era o de que, enquanto ele estivesse urinando, ela morresse. Enquanto estivesse lavando as mãos, ela morresse. Enquanto estivesse falando ao telefone, ela morresse.

Agora, suas mãos ainda estavam molhadas. Ele não perdera tempo a secá-las. Sentou-se na poltrona bergère e ficou olhando para o outro lado da sala, para o velho papel de parede sobre a lareira, uma estampa oriental com um salgueiro e um córrego. Fora com reverência que o haviam deixado na ocasião da reforma. Somente aquele velho painel, o painel da chaminé. Todo o resto do quarto era novo, cercando a cama antiga com um conforto aconchegante.

Ela jazia como antes, com a luz refletindo nos olhos imóveis.

Nessa noite, às oito, haviam novamente realizado todos os gramas, como ele os chamava. Eletroencéfalo, eletrocárdio e assim por diante. Sua pulsação não estava mais forte do que quando ela fora encontrada. O cérebro estava tão morto quanto um cérebro pode chegar a estar, ainda mantendo a vida. Seu rosto suave

e delicado, com seus belos malarres, estava um pouquinho mais corado. Ela não apresentava mais aquela aparência emaciada. Ele podia ver o resultado dos fluidos, especialmente em volta dos olhos e na aparência normal das mãos. Mona disse que não se parecia com Rowan. Era Rowan.

Tomara que você esteja em algum vale macio e lindo, fora do alcance do conhecimento. Tomara que nossos pensamentos não a atinjam. Só nossas mãos consoladoras.

Haviam posto uma grande poltrona bergère cor de rosa no canto para ele, entre a cama e a porta do banheiro. Ali à direita, a cômoda, com seus cigarros, seu cinzeiro e também com a arma que Mona lhe deu, uma Magnum 357 grande e pesada, que havia pertencido a Gifford. Ryan a trouxera de Destin dois dias antes.

- Fique com ela. Assim, se o filho da puta entrar neste quarto, você pode despachá-lo - dissera Mona.

- Certo, entendi – disse ele. Era uma arma exatamente assim que queria “uma ferramenta simples”, nas palavras de Julien, nos termos das inúmeras revelações. Apenas uma ferramenta para estourar os miolos da criatura que havia feito isso com ela.

Em certos momentos, o tempo que passara com Julien no sótão era mais real do que tudo o mais. Ele não tentara contar a mais ninguém, a não ser a Mona. Realmente queria contar a Aaron. Mas o que era exasperante era que ele não conseguia ficar um momento a sós com Aaron. Aaron estava tão indignado com o envolvimento suspeito da Talamasca que passava cada hora em algum lugar, investigando, verificando sabe-se lá o quê. A não ser, é claro, pela breve cerimônia na sacristia da catedral, à qual Michael fora forçado a não comparecer.

- Os Mayfair do centro da cidade costumam se casar na catedral - explicara Mona.

Mona estava dormindo agora no quarto da frente, na cama que havia sido dele e de Rowan. Ela devia estar exausta de deixar de ser uma parenta relativamente pobre, para se tornar a Rainha no Castelo.

Mas a família não estava perdendo tempo em designar Mona. Era uma questão de oportunidade. A família jamais conhecera tanta confusão e perigo. Havia acontecido mais "transformações" nos últimos seis meses do que em toda a história da família, incluindo-se a revolução em Saint-Domingue no século XVIII. A família pretendia encerrar a questão da herdeira antes que qualquer uma das primas questionasse a decisão, antes que tivesse início qualquer guerra de extermínio entre divisões de descendentes. E Mona era uma criança, uma criança que eles conheciam, amavam e acreditavam poder, em última análise, controlar.

Michael sorria dessa parte da explicação franca que saíra com tanta ingenuidade dos lábios de Pierce.

- A família vai controlar Mona? - dissera Michael, num sussurro.

Mas eles estavam no corredor, bem junto à porta de Rowan, e ele não tinha vontade de falar nisso. Estava com os olhos em Rowan. Consequia ver a subida e a descida da respiração. Uma pessoa num balão de oxigênio não poderia ter uma respiração mais uniforme.

- O importante é o seguinte - disse Pierce. - Mona é a pessoa certa. Todos sabem disso por várias razões diferentes. Ela terá algumas idéias malucas, o que será inevitável, mas Mona é no fundo muito inteligente e equilibrada em termos mentais.

Interessantes, essas palavras, equilibrada em termos mentais. Haveria na família muita gente declaradamente biruta? Talvez.

- O que papai quer que você saiba - prosseguiu Pierce - é que esta casa é sua até o dia em que você morrer. É a casa de Rowan. Se ocorrer algum tipo de milagre, quer dizer, se...

- Eu sei...

- Nesse caso, tudo volta para Rowan, com Mona indicada para ser a herdeira. Mesmo que Rowan pudesse falar agora, isso teria de ser decidido, a questão de quem seria a herdeira. Todos aqueles anos em que Deirdre ficou na sua famosa cadeira de balanço, nós sabíamos que Rowan Mayfair na Califórnia era a herdeira. Além do mais, aquele era o tempo de Carlotta. Não conseguimos

fazer com que ela cooperasse. Desta vez, vamos fazer tudo de imediato, com rapidez e eficiência. Sei que para você pode parecer muito estranho...

- Nem tão estranho assim - disse Michael. - Estou querendo voltar ali para dentro. Fico nervoso quando a deixo sozinha.

- Uma hora dessas você vai precisar dormir.

- Mas eu durmo, meu filho, durmo ali mesmo na poltrona. Estou bem. Durmo melhor agora do que quando estava tomando todos aqueles remédios. É como se fosse profundo e natural. Eu durmo segurando a mão de Rowan.

E procuro não pensar, Rowan, por que você me deixou afinal. Por que você me mandou sair na véspera do Natal? Por que não confiou em mim? E Aaron, por que cargas d'água você não desrespeitou as leis da Talamasca e não veio para cá? Mas isso não era justo. O próprio Aaron explicara a situação: de como lhe deram ordens para se manter afastado e de como ele se sentira culpado, fraco de caráter.

- Fiquei ali sentado em Oak Haven, dando-lhe todas aquelas explicações. Deixei que voltasse sozinho para a casa. Eu deveria ter confiado mais na minha própria consciência. Deus meu, é o velho dilema. - Toda a lealdade de Aaron para com a Talamasca estava agora sujeita a questionamento. Graças a Deus ele amava Beatrice e ela o amava. O que seria de um homem daqueles, excluído da Talamasca? Ora, o cigano bonito, de olhos negros e pele dourada, era jovem.

Michael fechou os olhos.

Ele sabia que a enfermeira estava mexendo na alimentação endovenosa. Ele a ouvia e ouvia também os pequenos apitos emitidos pelo controle eletrônico. Como ele odiava aquelas máquinas, máquinas que o haviam cercado na unidade cardíaca durante tanto tempo.

E agora ali jazia ela à mercê dos equipamentos. Ela, que ajudara tanta gente a atravessar o vale de lágrimas médico tecnológico.

Não importa o que houvesse acontecido, Rowan pagara com seu sofrimento indescritível e ele fizera seu juramento. Quando o ser fosse encontrado, ele o mataria. Ninguém o impediria. Ele o mataria. Não hesitaria em

nome de qualquer preceito religioso ou legal, em nome de qualquer pressão por parte da família ou de qualquer questionamento moral. Ele o mataria. Essa havia sido a mensagem de Julien. Você terá mais uma chance.

E assim que pudesse deixar a cabeceira de Rowan sem se preocupar, assim que tivesse certeza de que o estado de Rowan era estável, ele próprio sairia à procura da criatura.

O ser não conseguira fecundar suas filhas... as Bruxas Mayfair. Escolhera aquelas que de fato possuíam os cromossomos adicionais, mas os partos não haviam ocorrido. Como o ser descobrira suas noivas? Talvez pelo cheiro, ou por algo visível que os outros não percebiam? Pois sérias anormalidades haviam sido encontradas em Gifford e em Alicia, em Edith e nas duas primas de Houston.

Será que ele agora procuraria uma parceira aleatoriamente? Quem poderia saber?

Michael sentia um pavor das notícias possíveis: mais uma quantidade de mortes inexplicáveis. Uma enfermidade desconhecida de repente chegava às manchetes. Mulheres nos necrotérios em Dallas, Oklahoma City ou Nova York. Imaginem só, aquela criatura alta, de olhos azuis, provocando a morte com seu abraço. Pois, sem exceção, seu sêmen fatal fizera com que elas ovulassem instantaneamente, que o óvulo fosse então fertilizado e que o embrião crescesse descontroladamente.

Tudo isso agora se sabia a partir da análise dos médicos. Também se sabia que ele, Michael, tinha os cromossomos, embora fossem inativos. Da mesma forma que Mona, em quem eles também eram inativos, assim como Paige Mayfair de Nova York, a velha Evelyn, Gerald e o próprio Ryan.

A família até que estava enfrentando bem a situação, ao que lhe parecia, apesar de haver muita discussão sobre a conveniência do casamento de Pierce com Clancy, já que também os dois tinham os cromossomos a mais.

E o que ele iria fazer com Mona? Ele ousaria tocar nela outra vez? Os dois possuíam a anormalidade. Qual a importância disso? Até que ponto o nascimento de Lasher havia sido propiciado pelos cromossomos, e até que ponto, por sua

alma que se insinuou e tomou conta do bebê? Além do mais, que direito Michael tinha de tocar em Mona? Tudo isso era o passado. Tornara-se passado no instante em que ele viu Rowan na maca. Passado, passado, passado. Ele havia se divertido o suficiente na vida. Podia ficar sentado naquela cadeira para sempre. Só para ficar com ela.

No entanto, havia bons argumentos no sentido de se ignorar a análise genética, diziam os médicos. Pelo menos que Pierce e Clancy confiassem na "natureza", o que quer que ela realmente pudesse ser. As irmãs de Pierce não possuem a dupla hélice de comprimento excessivo. Tinham genes adicionais, mas simplesmente não se tratava da mesma coisa. Ryan e Gifford, ambos com genes adicionais, não haviam produzido nenhum monstro. Michael tivera amantes. É claro, e se anos atrás sua namorada não tivesse optado pelo aborto contra seus desejos mais profundos, ele poderia ter tido um filho normal.

A análise pericial do padrão genético de Deirdre também indicava que ela não possuía os cromossomos a mais. No entanto, ela dera à luz uma criança que os possuía. Mesmo assim, aqueles que tinham esse excedente deveriam se expor a tragédias?

- Veja bem, aquela criatura fez sua passagem no Natal. Rowan e eu não a produzimos. Apenas criamos um feto, e a criatura o tirou das mãos de Deus. Ele não cresceu descontroladamente dentro do corpo de Rowan. O feto não fez com que ela abortasse. Não antes da criatura penetrar nele.

Mãos de Deus. Como era estranho que ele usasse a palavra Deus. Mas quanto mais ficava naquela casa, quanto mais permanecia em Nova Orleans, e não havia motivos para se supor que não fosse ficar para sempre, mais normal lhe parecia o conceito de Deus.

Fosse como fosse, o material genético acabava de ser descoberto. Um pequeno grupo de médicos sintonizados com a família estava trabalhando as vinte e quatro horas do dia para resolver o mistério, trabalhando naquele exato momento...

E nada ia acontecer a esses médicos também. Somente Ryan e Lauren conheciam seus nomes, o lugar em que se encontravam, o laboratório em que trabalhavam. Dessa vez, não diriam nada à Talamasca, a Talamasca na qual Aaron não mais confiava e de quem suspeitava os piores crimes, os mais execráveis.

- Aaron, acalme-se - dissera Michael, mais cedo nessa mesma tarde. - Lasher poderia ter assassinado esses médicos. É só isso. Ele poderia ter assassinado qualquer pessoa que dispusesse de comprovações.

- Ele é um ser. Não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo. Acredite em mim. Um homem da minha índole não faz declarações precipitadas, especialmente sobre uma organização à qual dedicou uma lealdade exclusiva a vida inteira.

Michael não o pressionara. Mas não gostara nem um pouco da idéia. Por outro lado, havia algo que ele deveria ter dito a Aaron! Se ao menos os dois tivessem ficado sozinhos, mas isso nunca parecia ser possível. Quando Aaron aparecera hoje de manhã, Yuri, o rapaz cigano, estava com ele, além do infatigável Ryan e seu filho-clone Pierce.

Michael olhou para o relógio. Eram dez e meia. E era a noite de núpcias de Aaron. Recostou-se, pensando em quando seria conveniente dar um telefonema. E claro que não haveria lua-de-mel para Aaron e Beatrice. Como poderia haver? Mas agora os dois estavam casados, oficialmente sob o mesmo teto, e a família inteira estava feliz. Michael tinha certeza disso por ter ouvido o suficiente dos primos que vieram visitá-lo o dia inteiro.

Bem, ele precisava mandar uma mensagem a Aaron. Precisava não se esquecer. Tinha de se lembrar de tudo e estar a postos, sua exaustão não podia atingi-lo ou confundi-lo. Não dessa vez.

Virou-se e abriu a gaveta superior da cômoda sem fazer barulho. O revólver era uma beleza. Ele adoraria levá-lo até uma galeria de tiro ao alvo para atirar à vontade. O engraçado era que Mona disse gostar de fazer isso. Mona e Gifford costumavam praticar tiro ao alvo juntas em Gretna, onde usavam

protetores para os ouvidos e para os olhos e atiravam em alvos de papel em longos corredores de concreto.

Ah, a arma, é claro, e aqui também estava o bloco que ele próprio pusera ali algumas semanas atrás. E uma caneta preta de ponta fina, perfeita.

Ele apanhou o bloco e a caneta e fechou a gaveta.

Prezado Aaron,

Alguém vai lhe entregar essa mensagem, porque eu não terei oportunidade de lhe falar sobre isso por algum tempo. Ainda acho que você está errado quanto ao T. Eles não poderiam ter feito coisas desse tipo. Simplesmente não poderiam. Mas há uma outra opinião que vem corroborar essa idéia. É o que você precisa saber.

Segue-se o poema que Julien me transmitiu, o poema que a velha Evelyn recitou para ele há mais de setenta anos. Não posso sair daqui para perguntar à velha Evelyn se ela se lembra dele. Dizem-me que ela já não está dizendo mais coisa com coisa. Talvez você possa lhe perguntar. Isso é o que está gravado na minha mente.

Um surgirá que será muito mau.  
Um chegará que será muito bom.  
Entre os dois, uma bruxa hesitará  
e, assim, a porta aberta deixará.

Sufrimento e dor enquanto erram  
Sangue e medo até que aprendais.  
Pobre desse Éden primaveril  
Agora o vale dos que choram os seus.

Alerta, os sentinelas nessa hora  
Nenhum médico entrará na casa



Os estudiosos só o mal aumentarão  
Os cientistas só forças lhe darão

Que o demônio conte sua história  
Que ele desperte o poder do anjo  
Que os mortos venham presenciar  
Ponham os alquimistas a correr.

Matem a carne que não é humana  
Confiem em armas toscas e cruéis  
Para que, ao morrerem a um passo do saber.  
As almas torturadas possam procurar a luz.

Esmaguem os bebês que não são crianças  
Não demonstrem compaixão pelos puros  
Se não, o Éden não terá mais primaveras.  
Se não, nossa gente nunca mais reinará.

Ele releu a nota. Caligrafia horrível. Mas estava legível, e ele agora fez um círculo em volta das palavras Estudiosos, Cientistas, Alquimistas.

Voltou a escrever, "Julien também tinha suspeitas. Incidente numa igreja em Londres. Não incluído nos seus arquivos."

Ele dobrou o papel e o enfiou no bolso. Confiaria a mensagem somente a Pierce ou a Gerald, e um deles deveria aparecer antes da meia-noite. Ou talvez mesmo a Hamilton, que estava tirando um cochilo lá fora. Hamilton não era mau rapaz.

Ele enfiou a caneta no bolso e estendeu a mão esquerda para segurar os dedos de Rowan. Houve um movimento brusco. Ele se levantou sobressaltado.

- Apenas um reflexo, Sr. Curry - disse a enfermeira, das sombras onde se encontrava. - Acontece de vez em quando. Se ela estivesse ligada a uma das máquinas, isso deixaria louca a agulha do mostrador, mas não significa nada.

Ele voltou a se recostar, segurando firme a mão, recusando-se a admitir que ela estivesse tão fria e sem vida quanto antes. Olhou para o seu perfil. Parecia ter escorregado um pouco para esquerda. Mas talvez fosse um engano. Ou elas teriam erguido sua cabeça por algum motivo, ou ele estava simplesmente sonhando.

Ele, então, sentiu novamente a contração dos dedos.

- Pronto, aconteceu de novo - disse ele, pondo-se de pé. - Ligue esse abajur.

- Não é nada, o senhor está se torturando - disse a enfermeira. Ela voltou de mansinho para o lado da cama e tocou com os dedos o pulso de Rowan. Depois, retirando do bolso uma pequena lanterna, ela se inclinou e dirigiu o pequeno feixe de luz para o olho de Rowan.

Deu um passo atrás, abanando a cabeça.

Michael voltou a se sentar. Está bem, querida, está bem. Vou apanhá-lo. Vou matá-lo. Vou destruí-lo. Vou me certificar de que sua breve existência na carne chegue rapidamente ao fim. Vou fazer isso. Dessa vez, não há nada que me impeça. Nada. Beijou-lhe a palma da mão. Nenhum movimento dos dedos. Beijou-a de novo, fechou a mão e a largou ao lado do corpo.

Como era terrível imaginar que ela poderia não estar querendo que ele a tocasse, poderia não estar gostando da luz ou das velas, poderia não querer ninguém por perto, e no entanto estava trancada ali dentro, incapaz de dizer uma única palavra.

- Eu amo você, minha querida - disse-lhe ele. - Amo você.

O relógio bateu onze horas. Que estranho! As horas se arrastavam e de repente voavam. Só a respiração de Rowan apresentava o ritmo constante. Ele se recostou na poltrona e fechou os olhos.

Já passava da meia-noite quando ele ergueu os olhos de novo. Examinou o relógio e depois olhou, cauteloso, para Rowan. Ela estaria exatamente igual? A enfermeira estava à pequena mesa de mogno, escrevendo. como sempre. Hamilton estava numa poltrona no outro canto do quarto, lendo à luz de uma pequena luminária.

Parecia que os olhos de Rowan... Mas a enfermeira ia zombar dele. Mesmo assim...

O segurança estava lá fora na sacada, de costas para a janela que ele havia fechado. Uma outra figura estava parada no quarto... Era Yuri, o cigano de olhos amendoados e cabelos negros. Ele estava sorrindo para Michael, e apenas por um instante Michael sentiu o desconforto de estar assustado, despreparado. Mas a expressão era gentil. Quase beatífica, como a expressão de Aaron.

Ele se levantou e fez um gesto para que o homem saísse para o corredor.

- Venho da parte de Aaron. Ele me pediu que lhe dissesse que ele já está casado e feliz. Disse que quer que você se lembre do que ele recomendou. Você não deve deixar ninguém da Talamasca entrar aqui. Ninguém. Você tem de dar essa ordem. Foi uma facilidade para eu entrar aqui. Você não quer ir falar tudo isso com eles agora?

- Claro, claro. E o que vou fazer. - Ele se voltou e fez um pequeno gesto para a enfermeira. Ela sabia o que significava. Avalie os sinais vitais de Rowan. Preciso sair por uns três minutos. Não saio a menos que veja como esta sua pulsação. A enfermeira cumpriu rapidamente a tarefa e fez um sinal para ele.

- Nenhuma alteração.

- Você tem certeza?

- Tenho, Sr. Curry - suspirou ela, com frieza.

Desceram pela escada, Michael à frente, um pouco estonteado e achando que talvez devesse comer alguma coisa. Tinha de se lembrar de comer. Depois ele se lembrou. Alguém lhe dera um bom prato para jantar. Quer dizer que ele deveria estar em perfeito estado.

Saiu pela varanda e chamou os seguranças do portão. Num instante, cinco guardas uniformizados estavam ao seu redor. Yuri falou com eles. Ninguém da Talamasca. Somente Yuri. Aaron Lightner. Yuri lhes mostrou o passaporte.

- Aaron, vocês conhecem - disse ele.

Eles fizeram que sim. Estavam entendendo.

- Bem, não vamos deixar mais ninguém entrar aqui a menos que conheçamos essa pessoa, certo? Já temos os nomes das enfermeiras numa lista.

Michael acompanhou Yuri de volta ao portão. O ar fresco lhe dava prazer. Ele o estava despertando.

- Consegui passar por eles só na conversa - disse Yuri. - Não quero deixar ninguém em má situação, mas fique em cima deles. Faça com que se lembrem das instruções. Eu sequer lhes dei meu nome.

- Entendi - disse Michael. Ele se voltou e olhou para a janela do quarto principal. Na primeira noite que a havia visto, velas tremeluziam por trás das venezianas fechadas. Olhou para a janela abaixo dela, a que dava para a biblioteca, pela qual a criatura quase entrara.

- Espero que você esteja perto. Espero que esteja vindo - disse ele, num sussurro rancoroso destinado apenas a Lasher, seu antigo e secreto amigo.

- Você está com a arma que Mona lhe deu? - perguntou Yuri.

- Está lá em cima. Como você soube disso?

- Ela me contou. Ponha-a no bolso. Traga-a sempre consigo. Você tem outros motivos. - Ele fez um gesto na direção de uma figura nas sombras, do outro lado de Chestnut Street, encostada no muro de pedra.

- Aquele ali é da Talamasca - disse Yuri.

- Yuri, sem dúvida você e Aaron não acreditam de verdade que esses homens sejam perigosos. Estão usando métodos tortuosos, isso dá para se ver. Não estão sendo de ajuda. Mas perigosos? Vocês estão irritados, alguma coisa aconteceu. Mas vocês não acham que homens da Talamasca tirariam uma vida humana. Yuri, eu fiz minha própria investigação da Talamasca. Da mesma forma

que Ryan, antes que eu me casasse com Rowan. A Talamasca é composta de bibliófilos e lingüistas, medievalistas e arquivistas.

- Bela descrição. As palavras são suas?

- Não sei. Acho que sim. Parece que uma vez as disse com irritação para Aaron. Mas, falando sério, é Lasher que devemos temer. É Lasher que devemos capturar... - Ele enfiou a mão no bolso. - Quase ia me esquecendo. Leve isso para Aaron. Pode ler se quiser. É um poema. Não fui eu quem escreveu. Não deixe de entregá-lo a Aaron. Hoje não, amanhã, quando você o vir, já será conveniente. O poema no fundo contradiz o que eu estou dizendo, mas não é essa a questão. Só quero que ele o leia, por inteiro. Talvez alguma parte faça sentido para ele. Não sei.

- Tudo bem. Estarei com ele dentro de uma hora. Vou voltar lá. Mas fique com a arma por perto. Está vendo aquele homem? Seu nome é Clement Norgan. Não fale com ele. Não permita sua entrada na casa.

- Você está querendo dizer que eu não devo perguntar o que afinal ele está fazendo ali?

- Exato. Não permita que ele o atraia para uma conversa. Basta que fique alerta.

- Tudo isso parece tão católico, tão Talamasca - disse Michael. - Não entabule conversa com o Diabo. Não troque idéias com o espírito malévolo.

Yuri deu de ombros, com um pequeno sorriso. Desviou o olhar para a escuridão. Fixou-o na figura distante de Clement Norgan. Michael mal podia discerni-la. Houve uma época em que ele poderia tê-la visto com clareza, mas agora sua visão noturna já não era tão boa assim. Ele sabia que havia um homem lá. E ocorreu-lhe que em algum ponto aqui nessa escuridão delicada e macia, em algum lugar, Lasher poderia estar parado, a observar, a esperar.

A esperar o quê?

- O que você vai fazer agora, Yuri? Aaron disse que vocês dois foram expulsos.

- Huummmm, não sei - disse Yuri, ampliando o sorriso. - É bom ter essa sensação. Posso fazer muitas coisas. Posso... fazer alguma coisa totalmente nova. Não havia pensado nisso antes. - Em seguida, sua expressão ficou sombria. - Mas tenho uma missão - disse baixinho.

- E qual é?

- Descobrir por que tudo isso aconteceu com a Talamasca. Descobrir... quem tomou qual decisão. Não diga nada. Parece muito governamental. Serviço secreto, esse tipo de coisa. Hoje à noite estive na casa de Mona Mayfair, usando seu computador. Procurei ter acesso aos arquivos da casa matriz. Todos os códigos estavam bloqueados. Imagine só, mudar todos aqueles códigos só para me derrotar. Talvez isso sempre aconteça. Mas, enquanto eu estava lá, nunca ninguém alterou um código. Não, é loucura.

Michael fez que sim. Para ele, as coisas eram realmente simples. Ele ia matar a criatura. Mas para que explicar?

- Diga a Aaron que lamento não ter podido comparecer ao casamento. Queria ter estado lá.

- É, ele sabe. Tenha cuidado. Esteja vigilante. E preste atenção. São dois inimigos, está lembrado?

E, com essas palavras, Yuri recuou um passo e saiu apressado. Já estava do outro lado de Chestnut Street com algumas passadas e depois desceu por First Street, sem dar sequer um olhar de soslaio na direção de Norgan.

Michael subiu de novo a escada da frente. Chamou o segurança mais próximo à porta.

- Aquele homem lá, não deixe de vigiá-lo – disse Michael.

- Ah, tudo bem com ele. E um detetive particular contratado pela família.

- Tem certeza?

- Absoluta. Ele nos mostrou sua identificação mais cedo.

- Pois eu acho que não - disse Michael. - Yuri o reconheceu. Ele não é detetive particular. Alguém da família lhe informou que o contratou para ficar aqui?

O segurança ficou perturbado.

- Não. Ele só me mostrou uma identificação. O senhor está certo. A informação teria de partir de Ryan ou de Pierce Mayfair.

- Isso mesmo.

Michael estava a ponto de dizer para o guarda chamá-lo. Estava a ponto de descer a escada e ir até o homem sozinho. Lembrou-se, então, da estranha advertência religiosa, "Não entabule conversa com ele".

- Você conhece o pessoal do próximo turno? - perguntou Michael. - Os nomes, os rostos?

- Conheço todos eles. E o pessoal dos fundos. Sei quem vai pegar às três da tarde amanhã e à meia-noite de amanhã. Conheço todos os nomes. Eu deveria ter interrogado aquele cara. Olhe, deixe-me botar o filho da mãe para correr daqui. Ele disse que estava trabalhando para a família Mayfair.

- Não, basta que você o vigie. Talvez Ryan o tenha contratado mesmo. Talvez Ryan tenha se esquecido de contar para mim e para você. Basta que o vigie e que vigie qualquer outra pessoa como ele. E não deixe ninguém entrar sem falar comigo.

- Está certo, senhor.

Michael voltou a entrar, fechando a grande porta atrás de si. Por um instante, ficou encostado nela, olhando pelo saguão estreito para o quadro antigo e familiar do alto portal afilado da sala de jantar e o trecho do mural colorido para além dele.

- O que vai acontecer, Julien? Como isso vai acabar se resolvendo?

Amanhã a família iria se reunir na sala de jantar para examinar exatamente essa questão. Se o homem não aparecesse, o que deveriam fazer? Qual era sua obrigação para com os outros? Como a situação deveria ser tratada?

- Vamos tratar dos pontos específicos - dissera Ryan. - Daquilo que sabemos, como advogados de empresas devem agir. Esse homem seqüestrou e maltratou Rowan. Isso é tudo que os órgãos de segurança pública precisam saber.

Michael sorriu. Começou a subir lentamente o longo lance da escada. Não conte os degraus, não pense nisso, não leve em consideração esse aperto no peito, nem essa sensação de tontura na cabeça.

Seria divertido trabalhar com os "órgãos de segurança", procurando manter tudo isso em segredo. Ah, meu Deus, como os jornais iam se faltar. Ele imaginava que a abordagem mais simples seria alguma declaração vulgar de que o homem seria um "satanista", membro de uma "seita" perigosa e violenta.

Pensou, então, naquele espírito luminoso, no "homem" que vira uma vez por trás do presépio no Natal e que olhava para ele no Jardim lá embaixo. Lembrou-se das feições radiantes.

Como será, Lasher, isso de estar preso à carne, com o mundo inteiro a procurá-lo? Como uma agulha no palheiro, em vez de ser um fantasma tão poderoso? Nestes nossos dias, as pessoas encontram agulhas em palheiros. E você é um pouco mais parecido com a esmeralda da família, perdida numa caixa de jóias. Não é tão difícil assim vê-lo, agarrá-lo, atraí-lo, segurá-lo, como ninguém jamais poderia ter feito quando você era o espírito amigo ou malévolo de Julien.

Ele parou à porta do quarto. Tudo estava como havia deixado. Hamilton lia. A enfermeira, com sua prancheta. As velas desprendiam o perfume agradável da cera cara, e o vulto da imagem da Virgem dançava por trás delas, lançando sua sombra trêmula sobre o rosto de Rowan, a dar-lhe uma falsa vida.

Ele estava a ponto de reassumir seu velho posto quando vislumbrou um movimento no quarto do final do corredor. Devia ser a outra enfermeira, pensou, mas não gostou e seguiu pelo corredor para verificar.

Por um instante, ele não conseguiu situar o que estava vendo, uma mulher alta e grisalha, numa camisola de flanela. Rosto fundo, olhos brilhantes e testa alta. Os cabelos brancos estavam soltos sobre os ombros. A camisola caía até os pés descalços. O aperto no seu peito transformou-se em dor.

- Sou Cecilia - disse ela, cheia de paciência e compaixão. - Eu sei. Alguns de nós da família Mayfair nasceram parecidos com fantasmas. Vou entrar para



ficar sentada com ela, se você quiser. Dormi umas boas oito horas. Por que não se deita aqui um pouco?

Ele abanou a cabeça. Sentia-se tão tolo e tão profundamente abalado. E esperava em Deus não tê-la magoado! Voltou para o quarto para recomeçar a vigília, como antes. Rowan, minha Rowan.

- O que é essa mancha na camisola? - perguntou à enfermeira.

- Ah, deve ser um pouco d'água - respondeu ela, pressionando uma toalhinha seca junto ao seio de Rowan. - Estive limpando seu rosto e umedecendo seus lábios. Quer que eu lhe faça uma massagem agora, só uns movimentos com os braços, para mantê-los flexíveis?

- Claro. Faça tudo o que quiser. Faça isso sempre que estiver entediada. Se ela revelar o menor...

- Naturalmente.

Ele se sentou e fechou os olhos. Estava divagando. Julien lhe disse alguma coisa, mas ele só estava se lembrando da longa história, da imagem de Marie Claudette com seus seis dedos. Seis dedos na mão esquerda. Rowan tinha mãos lindas e perfeitas. Mãos de uma cirurgiã.

E se ela tivesse feito o que Carlotta Mayfair queria? O que sua mãe queria? E se ela nunca tivesse voltado para casa?

Acordou sobressaltado. A enfermeira estava erguendo a perna direita de Rowan, com cuidado, com delicadeza, passando a loção na pele. Olhe como está magra.

- Isso impedirá que ela fique manca. Temos de fazer isso com regularidade. Deve lembrar as outras. Vou escrever na prancheta. Mas o senhor deve lembrar.

- Vou lembrar - disse ele.

- Ela deve ter sido uma linda mulher - disse a enfermeira, abanando a cabeça.

- Ela é uma linda mulher - disse Michael, mas não havia nas suas palavras nenhuma irritação, nenhum ressentimento. Apenas uma correção.

## Capítulo 32

Ele queria fazer de novo. Emaeth não queria parar de dançar. O prédio estava vazio. Ninguém mais viria nessa noite. E ela não estava dançando, a não ser em sonho. Abriu os olhos. Lá estava ele. A música tocava. Era o que ouvia nos sonhos. E ele agora estava insistindo tanto. Vamos. Ele queria que ela tirasse de novo as calças compridas para poder ficar dentro dela. Ela não se importava, mas tinha de ir embora para Nova Orleans. Realmente era o que tinha de fazer. Olhe, estava escuro de novo, decididamente uma escuridão de tarde da noite. As estrelas estariam baixas acima do campo lá fora, acima do pantanal, da rodovia lisa com seus fios de prata e suas luzes brancas e irreais. Preciso ir andando.

- Vamos, querida.

- Já lhe disse que não temos como fazer um bebê - disse ela. - Simplesmente não vai funcionar.

- Tudo bem, amorzinho. Não estou ligando a mínima para fazer um bebê. Vamos, agora, meu docinho. E se eu desligasse a música? Pronto, consegui leite para você. Leite fresco. Você disse que queria mais leite, está lembrada? Olhe, eu trouxe sorvete também.

- Huummmm, é gostoso. Abaixei a música.

Só assim ela conseguiu se mexer. A música estava fraca, pequena e latejando no seu cérebro, assim como um peixinho espadanando numa pequena poça, querendo crescer. Era irritante, mas não a dominava.

Ela arrancou a tampa plástica da grande garrafa de leite e começou a beber, beber sem parar. Ah, que leite bom. Não era o da mãe, mas era leite. Não era fresco e morno. Mas era bom. Se ao menos a mãe tivesse tido mais leite. Ela ansiava tanto pela mãe. Ansiava tanto por estar nos braços da mãe e tomar o leite. Essa sensação piorava em vez de melhorar. Quando ela pensava na mãe, tinha vontade de chorar.

Mas ela tomara até a última gota que podia conseguir da mãe, e havia sido suficiente. Crescera até ficar bem alta, e só deixara a mãe quando soube que tinha de ir embora.

Tomara que as pessoas de cor marrom tenham encontrado a mãe e a levado para um túmulo adequado. Tomara que tenham cantado e deixado cair flores e o ocre vermelho. A mãe nunca mais acordaria. A mãe nunca mais falaria. Nunca mais haveria leite na mãe. Ela havia produzido todo o leite da sua vida inteira.

Será que a mãe estava morta? Ela devia procurar Michael, contar a Michael o que a mãe lhe dissera. Abateu-se sobre ela uma sensação de amor e ternura quando pensou em Michael e no amor da mãe por ele. Em seguida, ir para Donnelaith. E se o pai já estivesse lá à sua espera?

Ela não parava de beber. Ele ria. Havia aumentado a música de novo. Buuum, buuum, buuum. Soltou a garrafa e limpou a boca. Devia ir andando.

- Tenho de ir embora.

- Ainda não, benzinho. - Ele se sentou ao lado dela, apanhou a garrafa de leite e a tirou com cuidado do caminho. - Você quer sorvete? Quem gosta de leite sempre adora sorvete.

- Nunca tomei sorvete - respondeu ela.

- Querida, você vai adorar sorvete. - Ele abriu a embalagem. Começou a lhe dar o sorvete com uma colherinha branca. Ah, mas isso era ainda mais parecido com o peito da mãe, mais doce e delicioso. Fazia com que um arrepio a atravessasse. Ela apanhou a caixa e começou a comer. Estava cantarolando com a música. De repente, a música e o sorvete eram tudo o que ela conhecia. Procurou despertar de volta para o momento presente. O pequeno prédio no bosque, ele e ela sozinhos no chão. Todos os que dançavam haviam sumido. Ele querendo fazer amor com ela. E a mancha de sangue depois, quando ela estendeu a mão lá embaixo.

- Simplesmente morreu.

- O que você disse, querida?

- O bebê. Não posso fazer bebês com homens, só com o pai.

- Ui, ui, benzinho! Guarde esse segredo bem guardado.

Ela não sabia o que ele queria dizer. Mas ele estava feliz. Era delicado. Ele achava que ela era linda. Nem precisava dizer isso. Ela via nos seus olhos. Com música ou sem música, ela via seus olhos cheios de adoração. E ele gostava do cheiro dela. Fazia com que ele se sentisse jovem.

Ele a estava puxando para que ficasse em pé. O sorvete caiu rolando no chão. Era gostoso estar nos seus braços, balançando de um lado para o outro, de um lado para o outro. Como um sino tocando, conclamando todos a descerem para o vale. Ouviu o sino? É o toque do Diabo? Ouviu o sino?

Ele a abraçou com força, e ela sentiu os seios doerem contra seu tórax. Uma sensação estranha, de coceira.

- Ah, você fez leite em mim - sussurrou ela. Ela recuou procurando eliminar a música da sua cabeça. - Olhe só. - Ela enfiou a mão na blusa, arrancando os botões e espremeu o próprio seio.

Gotículas de um leite ralo. Não lhe faria bem nenhum beber o próprio leite. Ela ansiava pela mãe, ansiava por mamar. E vejam só, como o homem havia feito aquele bebê minúsculo morrer nela, ele também a fizera ter leite. Bem, isso ia passar, especialmente se ele parasse de fazer amor com ela. Mas, e se não passasse? Tudo bem. Quando ela se reunisse ao pai no Princípio de tudo, precisaria de leite, de seios cheios de tanto leite. Do seu ventre, sairiam todos os filhos, lindas crianças famintas, até que o vale se enchesse novamente, como antes, depois que eles haviam sido expulsos da ilha.

Ela deu uma volta, ajoelhou-se e ergueu a garrafa de leite. A música quase a derrubou. Quase fez com que ela perdesse o equilíbrio. Ela bebeu e bebeu até não restar mais nada.

- Puxa, benzinho, você sem dúvida gosta de leite.

- Ah, gosto, muito mesmo - disse ela. E em seguida não conseguia se lembrar do que ele acabara de dizer. Abaixou a música. Ele a estava empurrando para o chão.

- Vamos fazer de novo, benzinho.
- Está bem, mas eu vou sangrar um pouco mais. - Seus seios doíam só um pouquinho. Mas era provável que fosse assim mesmo. - Não dá para fazer um bebê, está lembrado?
- Prometa isso, queridinha. Ora, você é a menininha mais linda que eu... um dia... conheci.

### **Capítulo 33**

A reunião na sala de jantar começou à uma da tarde. As enfermeiras prometeram chamar Michael se surgisse a menor alteração. A sala de jantar não precisava de luz artificial a essa hora do dia. Entrava muito sol pelas janelas voltadas para o sul e até mesmo pela janela voltada para o norte, que dava para a rua. Os murais de Riverbend revelavam uma quantidade infinitamente maior de detalhes do que mostravam iluminados pelo lustre. Uma grande cafeteira com torneira de prata de lei reluzia sobre o aparador. Cadeiras adicionais, das quais havia muitas, estavam afastadas da mesa, encostadas na barra pintada de branco.

Quando a família se sentou em torno da mesa oval, num silêncio de certo modo incômodo, o médico falou primeiro.

- Rowan está estável. Está aceitando bem a dieta líquida. Sua circulação está melhor. Sua produção de fluidos está boa. O coração, forte. Não podemos esperar uma recuperação. No entanto, é desejo de Michael que tratemos esse caso como se Rowan fosse de fato se recuperar, que façamos tudo para estimular Rowan e lhe proporcionar o maior conforto possível. Isso significa música no quarto, ou talvez filmes, televisão ou rádio, e sem dúvida conversas calmas sobre temas razoáveis. Os membros de Rowan serão exercitados diariamente. Seu cabelo será penteado e mantido com um corte moderno. Suas unhas serão tratadas. Ela será cuidada com tanto carinho quanto se estivesse consciente. Ela dispõe de recursos para ter o melhor, e o melhor ela receberá.

- Mas ela poderia acordar - disse Michael. - Isso poderia acontecer!

- É - respondeu o médico. - Há sempre uma possibilidade. Mas não é nem um pouco provável.

Mesmo assim, todos estavam de acordo. Tudo deveria ser feito. Na realidade, Cecilia e Lily expressaram seu alívio diante dessas idéias, já que elas mesmas haviam se sentido sem esperanças depois da longa noite que passaram sentadas junto à cama. Beatrice disse que Rowan sem dúvida sentiria esse amor e esses cuidados. Michael mencionou não saber que tipo de música agradava a Rowan. Algum deles sabia?

O médico tinha mais a dizer.

- Prosseguiremos com a alimentação por via endovenosa enquanto o corpo conseguir metabolizar o alimento. Agora, pode vir a ocorrer um período em que o corpo não consiga fazer isso, em que enfrentaremos problemas com o fígado e com os rins, mas isso fica um pouco mais adiante. Por enquanto, Rowan está recebendo uma dieta balanceada. Hoje pela manhã, a enfermeira jurou ter visto Rowan chupar uma quantidade ínfima de líquido de um canudo. Continuaremos a lhe oferecer isso. No entanto, a menos que haja uma verdadeira capacidade de nutrição por esse método, o que eu duvido, continuaremos a alimentação pela veia.

Todos concordaram.

- Foi apenas uma gota ou duas - disse Lily. - Exatamente como o reflexo de um bebê, a sugar o líquido.

- Isso pode ser recompensado e reforçado! - disse Mona. - Puxa, talvez ela aprecie o gosto da comida!

- E, sem dúvida, isso faria diferença para ela - disse Pierce. - Podemos tentar periodicamente...

O médico anuiu em estilo apaziguador e fez um gesto pedindo atenção.

- A qualquer momento em que o coração de Rowan pare, ela não será ressuscitada por meios artificiais. Ninguém lhe dará nenhum tipo de injeção, ou bombeará oxigênio para dentro dela. Não temos bomba de oxigênio aqui.

Permitiremos que ela morra segundo a vontade de Deus. Agora, já que vocês querem saber, devo lhes dizer. Isso poderia continuar indefinidamente. E poderia parar a qualquer instante. Tem-se notícia de pacientes semelhantes que sobreviveram dessa forma anos a fio. É verdade que alguns voltaram. Outros morrem após alguns dias. Tudo que se pode afirmar agora é que o corpo de Rowan está se recuperando, dos ferimentos, da desnutrição que sofreu. Mas o cérebro... o cérebro não tem como ser recuperado da mesma forma.

- Mas ela poderia viver até entrarmos numa nova era - disse Pierce, ansioso. - Uma época de alguma descoberta importantíssima.

- Claro que sim - disse o médico. - E iremos explorar toda possibilidade médica concebível. Consultas a neurologistas começarão amanhã. Está perfeitamente ao alcance dos nossos recursos trazer a esta casa cada neurologista de renome para que examine Rowan. É o que faremos. Iremos nos reunir periodicamente para debater tratamentos. Sempre estaremos abertos para a possibilidade de algum procedimento cirúrgico ou alguma outra experiência que possa restaurar a atividade mental de Rowan. No entanto, permitam-me lembrar, meus amigos, que isso não é muito provável. Há pacientes no mundo inteiro nessa mesma condição. O eletroencefalograma confirma que não há praticamente nenhuma atividade cerebral em Rowan.

- Será que não podem transplantar uma parte do cérebro de alguém para ela? - perguntou Gerald.

- Eu me ofereço - disse Mona, secamente. - Podem tirar as células que quiserem. Sempre tive mais do que todos os outros aqui reunidos.

- Não precisa ficar irritada, Mona, eu só estava fazendo uma simples...

- Eu não estou ficando irritada. O que estou sugerindo é que precisamos nos atualizar a respeito do assunto para não fazermos afirmações sem sentido. Não se faz transplantes de cérebro. Pelo menos, não do tipo que ela precisa. Rowan está vivendo como um vegetal! Será que vocês não entendem'!

- Infelizmente, essa é a verdade - disse, baixinho, o médico. - "Estado vegetativo persistente" é apenas um pouco mais delicado, talvez. Mas é esse o

caso. Podemos e devemos orar para pedir milagres. E chegará uma hora em que talvez a decisão coletiva seja no sentido de não lhe fornecer líquidos e lipídios. No estágio atual, porém, uma decisão dessas seria assassinato. Está fora de cogitação.

Com alguns agradecimentos e apertos de mãos, o médico agora se encaminhava para a porta da frente.

Ryan sentou-se à cabeceira da mesa. Estava um pouco mais repousado do que no dia anterior e parecia ansioso para apresentar seu relatório. Ainda não havia absolutamente nenhuma notícia do seqüestrador ou captor de Rowan. Não houvera mais nenhuma agressão contra mulheres da família. Havia tomado a decisão de informar as autoridades quanto "ao homem", mas com restrições.

- Fizemos um retrato falado, que Michael aprovou. Acrescentamos o cabelo, o bigode e a barba descritos pelas testemunhas. Estamos solicitando uma busca em todo o país. Mas ninguém, e repito ninguém, aqui presente deve tocar nesse assunto com alguém de fora da família. Ninguém deverá fornecer nenhuma informação a mais do que a necessária aos órgãos que irão cooperar conosco.

- Vocês só prejudicarão a investigação se começarem a falar em demônios e espíritos - disse Randall.

- Estamos lidando com um homem - disse Ryan. - Um homem que anda, fala e usa roupa como os outros homens. Temos provas circunstanciais consideráveis que indicam ter ele raptado Rowan e tê-la mantido prisioneira. Não há nenhuma necessidade de acrescentar os dados químicos neste momento.

- Em outras palavras, devemos manter em segredo os exames de sangue - disse Mona.

- Isso mesmo - respondeu Ryan. - Quando esse homem for apanhado, poderemos então apresentar mais detalhes da história. E o próprio homem será a prova viva do que se alegar. Agora Aaron tem algumas palavras a dizer.

Michael podia ver que isso não era nenhum prazer para Aaron. Ele estivera sentado em silêncio o tempo todo, ao lado de Beatrice, que mantinha os dedos em volta do seu braço, num estilo protetor. Estava trajado com sobriedade,



em azul-escuro, mais parecido com o resto da família, como se tivesse guardado seu antigo estilo do tweed. Agora não parecia um inglês, mas um sulista, pensou Michael. Aaron abanou a cabeça como se quisesse demonstrar alguma avaliação muda da situação. Depois, falou.

- O que eu tenho a dizer não será surpresa para vocês. Cortei minha ligação com a Talamasca. Aparentemente, atitudes foram tomadas por membros da nossa Ordem que violaram a confiança da família. Peço a todos vocês que passem a encarar a Talamasca como uma entidade hostil e que não cooperem com ninguém que alegue estar ligado a ela de agora em diante.

- Não foi culpa de Aaron - disse Beatrice.

- Que interessante que você diga isso – replicou Fielding, com rigidez.

Todo o tempo ele estivera tão calado quanto Aaron, e agora sua voz atraía a atenção imediata, como costumava ocorrer. Seu terno marrom com a risca de giz rosada parecia tão velho quanto ele. Fielding dava a impressão de se inclinar a exercer o privilégio dos muito velhos, o de dizer exatamente o que se pensa.

- Você tem consciência - perguntou ele a Aaron - de que tudo isso começou com você, certo?

- Essa não é a verdade - respondeu Aaron, com calma.

- Ah, mas é a verdade, sim - retrucou Fielding. - Você entrou em contato com Deirdre Mayfair quando ela engravidou de Rowan. Você...

- Isso é incorreto e inoportuno - disse Ryan. Sua voz estava firme, inflexível. - Esta família investiga todos os que se envolvem com ela através do casamento ou mesmo às vezes de contatos sociais informais. Por mais que me desagrade admitir isso, esse homem foi cuidadosamente investigado por nós quando chegou aqui. Ele não está ligado ao que aconteceu. Ele é o que diz ser: um estudioso que andou observando esta família em decorrência do seu acesso a certos documentos históricos que diziam respeito a ela, a respeito dos quais ele demonstrou uma franqueza dolorosa e total desde o início.

- Você tem certeza disso? - perguntou Randall. - A história da família como a conhecemos é a história que esse homem nos forneceu, esse Arquivo

sobre as Bruxas Mayfair da Talamasca, como foi audaciosamente intitulado. E agora nos descobrimos envolvidos em acontecimentos que fazem sentido em termos desse dossiê.

- Ah, quer dizer que vocês dois estão juntos nessa - disse Beatrice, com uma voz baixa e fria, nada típica.

- Isso é ridículo - disse Lauren, com delicadeza. - Vocês estão tentando insinuar que Aaron Lightner foi responsável pelos eventos que documentou? Pelo amor de Deus, vocês não têm nenhuma lembrança das coisas que vocês mesmos viram e ouviram?

- A Talamasca foi meticulosamente investigada na década de 1950 por Carlotta - interrompeu Ryan. - Sua investigação não foi nem um pouco amável. Ela estava à procura de embasamento legal para atacar a organização. Não descobriu nada. Não houve nenhuma conspiração sinistra originada dentro da Talamasca contra nós.

Lauren voltou a erguer a voz, decidida, abafando de imediato as outras vozes que se esforçavam para serem ouvidas.

- Não há absolutamente nenhuma vantagem em se prosseguir com esse assunto. Nossas tarefas são simples. Cuidar de Rowan. E descobrir esse homem. - Ela olhou para os outros, um a um, primeiro aqueles que estavam à sua direita, então os que estavam à sua esquerda e afinal para Aaron. - Os registros históricos da Talamasca foram de valor inestimável para nos ajudar a pesquisar a história da nossa família. Tudo que pode ser verificado foi verificado, sem sequer uma contradição ou engano.

- O que você pode querer dizer com isso? - perguntou Randall. - Como se verifica uma tolice como...?

- Todos os fatos históricos mencionados na narrativa foram verificados - respondeu Lauren. - O retrato de Deborah pintado por Rembrandt foi declarado autêntico. Registros relacionados ao holandês Petyr Van Abel, ainda existentes em Amsterdã, foram copiados para os arquivos particulares da família. No entanto, não vou me envolver numa longa defesa dos documentos ou da Talamasca. Basta

dizer que eles nos foram de ajuda durante todo o período em que Rowan esteve desaparecida. Foram eles que investigaram a visita de Rowan e Lasher a Donnelaith. Foram eles que puseram nas nossas mãos as descrições físicas mais detalhadas dessa pessoa, que nossos detetives apenas confirmaram. É de se duvidar se alguma outra instituição de qualquer natureza, leiga, religiosa ou jurídica, teria nos fornecido esse tipo de auxílio. Mas Aaron nos pede, com bons motivos, que cortemos os contatos formais com a Talamasca, e é isso o que faremos.

- Não se pode varrer tudo para baixo do tapete - disse Fielding. - E o Dr. Larkin?

- Ninguém sabe o que aconteceu com o Dr. Larkin - disse Ryan. - Isso todos nós temos de admitir. No entanto, Lauren tem razão. Não temos nenhuma comprovação palpável de atos censuráveis por parte da Talamasca. Nosso contato, entretanto, foi exclusivamente através de Aaron. Aaron é nosso amigo. Aaron é agora membro da família em decorrência do seu casamento com Beatrice...

- É, muito conveniente - disse Randall.

- Você é um idiota - disse Beatrice antes que pudesse se controlar.

- Eu assino embaixo - concordou Mona.

- Cale a boca - atalhou Ryan de imediato.

Ele pareceu perceber que sua atitude era mais do que inadequada, ou pelo menos Mona fez o possível para paralisá-lo de humilhação, apertando os olhos verdes e brilhantes como os de um basilisco. Mas Ryan só lhe deu um tapinha no dorso da mão à guisa de desculpas e prosseguiu.

- Aaron nos aconselhou... na qualidade de amigo e de parente por afinidade, a não manter mais nenhuma relação com a Talamasca. E nós vamos fazer o que ele nos pede.

Mais uma vez, alguns deles começaram a falar ao mesmo tempo. Lily queria saber mais sobre os motivos que levaram Aaron a se voltar contra a Ordem. Cecilia queria lembrar a todos que havia um homem da Talamasca

fazendo perguntas na vizinhança, os vizinhos lhe haviam contado. E Anne Marie desejava "só mais um esclarecimento sobre um ponto ou dois". Lauren fez com que todos se calassem.

- A Talamasca confiscou informações médicas. Recusou-se a compartilhar conosco seu conhecimento atual sobre este caso. Ela se isolou, como Aaron poderia lhes explicar se nós lhe déssemos a oportunidade! Mas vocês não se dispõem a isso. Vamos passar adiante. É simples. Comuniquem ao escritório qualquer menção da Ordem, não respondam a nenhuma pergunta, continuem a seguir todas as medidas de segurança. - Ela se inclinou para a frente, baixando a voz para dar mais ênfase. - Cerrem fileiras!

Houve um silêncio incômodo.

- Michael, o que tem a dizer?

A pergunta o surpreendeu. Ele estava assistindo a tudo aquilo com uma atitude distanciada, como se fosse beisebol, futebol ou até mesmo xadrez. Estivera divagando, entrando e saindo das lembranças de Julien, das palavras de Julien. Agora precisava esconder seus pensamentos. Mencioná-los franca e abertamente não ajudaria a ninguém. No entanto, ele não soube como as palavras foram saindo, tranqüilas, da sua boca.

- Darei um fim a esse homem, quando e onde ele for encontrado. Ninguém conseguirá protegê-lo de mim.

Randall começou a falar. Da mesma forma que Fielding. Mas Michael ergueu a mão.

- Quero voltar lá para cima para ficar com a minha mulher. Quero que minha mulher se recupere. Quero ficar com ela agora.

- Passemos rapidamente aos assuntos finais - disse Ryan. Ele abriu uma grande pasta de couro e retirou algumas folhas de papel cobertas com um texto datilografado. - Ah, não foi encontrado em St. Martinville na área em que se descobriu o corpo inconsciente de Rowan nenhum sangue ou tecido de qualquer natureza. Se ela realmente sofreu um aborto ali, como os médicos acreditam que tenha sofrido, as provas já desapareceram.

- A área é aberta ao público. E houve pelo menos duas tempestades durante o dia, enquanto Rowan jazia ali, bem como mais uma depois que ela foi encontrada. Mandamos dois detetives experientes ao local. Até o momento, porém, não temos nenhuma pista daquele lugar acerca do que realmente aconteceu a Rowan. Estamos vasculhando a área adjacente à procura de alguém que possa ter visto Rowan. que tenha visto ou ouvido alguma coisa que possa nos ser útil.

Alguns gestos de cabeça, resignados.

- Agora, Michael, estamos dispostos a prosseguir com essa reunião nos escritórios do centro. O assunto será o legado. Diz respeito a Mona. Vamos deixá-lo agora com Aaron, e voltaremos mais tarde, se você permitir.

- Claro que sim - disse Michael. - Estamos bem aqui. Acabamos entrando numa rotina. Hamilton está lá em cima com as enfermeiras. As coisas estão indo tão bem quanto se poderia esperar.

- Michael - disse Lauren. - Sei que essa é uma pergunta difícil. Mas preciso fazê-la. Você tem noção de onde se encontra a esmeralda Mayfair?

- Ai, pelo amor de Deus! - exclamou Bea. - Aquela coisa maldita.

- É uma questão legal - respondeu Lauren, com frieza. - Legal. Precisamos encontrar a esmeralda para pendurá-la no pescoço da herdeira.

- Bem, se fosse por mim, eu compraria qualquer enfeite de vidro verde na Woolworth's - disse Fielding. - Mas estou velho demais para ir ao centro.

- Não havia uma cópia da esmeralda que Stella mandou fazer? - perguntou Randall, impassível. - Para poder jogar de cima de um carro alegórico de Carnaval?

- Se houve, Stella a atirou de cima do carro - declarou Lauren.

- Não sei onde ela está - respondeu Michael. - Acho que vocês me fizeram essa pergunta quando eu ainda estava doente, ainda no hospital. Eu não a vi. Imagino que revistaram a casa.

- Revistamos, sim - disse Ryan. - Achamos que talvez tivéssemos deixado passar alguma coisa.

- É provável que ela esteja com ele - disse Mona, baixinho. Ninguém respondeu.

- Seria possível - disse Michael, com um sorriso discreto. - É provável que esteja com ele. Talvez ele a considere propriedade sua. Mas nunca se sabe... - Ele procurou não dar a impressão de ter enlouquecido, mas de repente isso lhe parecia muito engraçado. A esmeralda! Será que ela estava no bolso de Lasher? Será que ele tentaria vendê-la? Isso seria demais.

A reunião estava obviamente encerrada. Bea seguiria para Amélia Street. Os outros, para o centro.

Mona deu um abraço e um beijo em Michael e depois saiu de cabeça baixa como se não quisesse encarar sua expressão ansiosa ou reprovadora. Michael ficou um pouco atordoado. Era como se todo o carinho de Mona ainda estivesse grudado nele, e de repente só esse vazio onde ela estivera.

Beatrice deu um beijo apressado em Michael e se despediu do marido, prometendo vir buscá-lo mais tarde para jantar e fazer com que Michael também comesse alguma coisa.

- É tanta gente tentando me fazer comer alguma coisa - murmurou Michael, de puro assombro. - Desde que Rowan foi embora. Ande, Michael, coma.

Instantes depois, não estavam mais lá. A grande porta foi fechada definitivamente. A casa foi atravessada pela leve vibração que sempre dava a impressão de ser prejudicial, pensou Michael, mas que talvez não fosse.

Aaron permaneceu na outra ponta da mesa, em frente a Michael, debruçado nos cotovelos, de costas para as janelas.

- Estou feliz por você e por Bea - disse Michael. - Recebeu o poema que lhe mandei pelo Yuri? O recado?

- Recebi. Ele me entregou. Você precisa me falar de Julien. Conte-me o que houve, não como se eu fosse algum espião do outro lado do Atlântico, mas como seu amigo, por favor.

- Eu quero contar para você - disse Michael, sorrindo. - Quero reviver cada segundo. Estive fazendo anotações lá em cima, sabe, para não me esquecer. Mas

a verdade é que Julien tinha um objetivo. Era o de me mandar matar essa criatura, de acabar com ela. De que era comigo que contavam para essa tarefa.

Aaron pareceu ficar intrigado.

- E o seu amigo, Yuri? - perguntou Michael. - Ele ainda está colaborando conosco, certo?

- Claro que sim - disse Aaron. - Ele está lá na casa de Amélia Street novamente. Está tentando de novo, com o computador de Mona. Mona disse que ele podia usar seu computador para entrar em contato com os Anciãos, mas os Anciãos não acusam recebimento dos seus pedidos de esclarecimento. Acho que tudo isso está sendo terrível para ele.

- Mas não para você.

Aaron ficou pensativo por um instante.

- Não, não tanto assim.

- Isso é bom – disse Michael. – Julien tinha suspeita com relação à Talamasca, creio que isso você percebeu na mensagem que lhe mandei. Julien tinha outras coisas a dizer nesse sentido, mas tudo se reduzia ao mesmo ponto, esse ser é traiçoeiro e mentiroso. Ele tem de ser destruído. Vou matá-lo assim que puder.

Aaron pareceu fascinado por essas palavras.

- Mas e se você o tivesse sob controle? E se você o prendesse num lugar em que ele não pudesse...

- Não. É esse o erro. Leia o poema novamente. Eu devo matá-lo. Vá lá em cima e olhe de novo para a minha mulher, se tiver ainda alguma dúvida. Vá segurar a mão dela. Eu vou matá-lo. E vou ter essa oportunidade. O poema de Evelyn e a visita de Julien me prometem isso.

- Você está parecendo alguém que passou por uma conversão religiosa - disse Aaron. - Há uma semana, você tinha uma atitude filosófica, quase de desespero. Você realmente estava mal fisicamente.

- Bem, eu achava que minha mulher me havia abandonado. Estava chorando pela mulher e pela minha coragem, as duas perdidas. Agora, eu sei que ela não pretendia me abandonar.

- E por que eu não seria como São Paulo depois da sua visão na estrada para Damasco? Você percebeu que eu sou o único que viu e falou com a criatura e sobreviveu? - Ele sorriu. - Gifford, Edith, Alicia... nem me lembro de todos os nomes. Todas mortas. E Rowan agora emudecida, como Deirdre. Mas eu não estou morto. Não estou emudecido. Sei como ele é. Conheço o som da sua voz. E foi a mim que Julien apareceu. Imagino que eu realmente tenha a convicção de um convertido. Ou talvez a convicção de um santo.

Ele enfiou a mão no bolso do paletó, tirou a medalha que Ryan lhe devolvera, a medalha encontrada por Gifford no dia de Natal, junto à piscina.

- Foi você quem me deu isso, está lembrado, Aaron? Como é essa história quando São Miguel enfia seu tridente num espírito do mal? Será que o espírito se debate e berra chamando a mamãe? Deve ser difícil para São Miguel. Dessa vez, eu vou descobrir.

- Quer dizer que Julien era inimigo de Lasher? Disso você tem certeza.

Michael suspirou. Queria subir para ver Rowan.

- O que as enfermeiras diriam se eu me deitasse na cama com ela? O que elas fariam se eu simplesmente me aconchegasse a ela e a abraçasse?

- A casa é sua - respondeu Aaron. - Deite-se ao lado dela, se quiser. Diga-lhes que fiquem do lado de fora da porta.

Michael abanou a cabeça.

- Se eu ao menos soubesse que ela me queria perto dela... Se eu ao menos soubesse que ela queria qualquer coisa...

Michael ficou pensando algum tempo.

- Aaron, se você fosse ele, Lasher, onde estaria neste exato instante? O que estaria fazendo?

- Não sei - disse Aaron, abanando a cabeça. - Michael, diga-me por que Julien tinha tanta certeza de que Lasher era malévolo. Diga-me o que Julien sabia.



- Julien pesquisou suas origens. Foi até Donnelaith investigar as ruínas. Não era o famoso círculo de pedras que importava para ele. Era a catedral. Um santo chamado Ashlar. Um antigo santo de Highland. A criatura tinha algo a ver com a era cristã naquele vale. Algo a ver com o santo.

- Ashlar, já ouvi a história de Santo Ashlar - disse Aaron em voz baixa. - Está nos registros em latim nos arquivos. Lembro-me de ter lido alguma coisa, mas não relacionada a esse caso. Ah, se ao menos não tivessem impedido o acesso de Yuri aos computadores. O que Lasher tem a ver com esse santo?

- Julien não chegou a descobrir. A princípio, ele imaginava que a criatura fosse o santo, um fantasma vingativo. Mas não era tão simples assim. No entanto, a criatura realmente teve origem lá, naquele lugar. Ela não veio do céu, do inferno, da eternidade ou de qualquer das mentiras que sempre conta às bruxas. Ela começou seu destino sinistro no vale de Donnelaith. - Ele fez uma pausa. - O que você sabe sobre Ashlar?

- E uma antiga lenda escocesa. No fundo, muito pagã. Michael, por que você não me contou essas coisas?

- Estou contando agora, Aaron, mas não importa. Vou matá-lo. Poderemos investigar seu passado depois que ele estiver morto. E afinal o que você sabe a respeito de Ashlar, o santo escocês?

- Ah... algo a ver com a volta do santo de tantos em tantos séculos. Aparece nos livros de quando em quando. Mas eu nunca me dei conta de que estivesse relacionado a Donnelaith. Eis aí mais um mistério. Por que isso não estava nos nossos arquivos? Nós fazemos remissões. Somos tão cuidadosos. E no entanto eu nunca vi menção de nenhuma lenda relacionada a Donnelaith. Imaginei que não houvesse nenhum material pertinente.

- Mas qual foi a história que você soube?

- O santo possuía características físicas especiais. De tempos em tempos, nascia alguém com essas características. E essa pessoa era declarada a reencarnação do santo. O novo santo. Tudo muito pagão. Nem um pouco católico.

Na. igreja católica, alguém é santo porque está no céu, não por estar migrando para um novo corpo.

Michael concordou e deu um sorriso.

- Escreva para mim - disse Aaron. - Escreva tudo que Julien lhe disse. Precisa fazer isso.

- Vou fazer, mas lembre-se do que eu disse. Julien tinha apenas uma mensagem. A de matar a criatura. Não a de "sentir interesse por ela", mas a de eliminá-la. - Michael deu um suspiro. - Devia ter feito isso no Natal. Devia tê-lo matado. É provável que eu tivesse conseguido, mas Rowan naturalmente não queria que eu fizesse isso. Como poderia querer? Aquela coisa recém-nascida, aquele mistério. E isso o que sempre acontece. A criatura seduz as pessoas. E agora ela é carne, e o que diz a velha oração, "E o verbo se fez carne e habitou entre nós."

Aaron fez que sim e falou em voz baixa.

- Deixe-me dizer uma coisa uma única vez para você, para que eu não a fique remoendo para sempre no meu coração e na minha alma. Eu devia ter vindo para cá com você na véspera de Natal. Eu não deveria ter permitido que você viesse enfrentá-lo sozinho, enfrentar a ele e a ela.

- Não a censure.

- Não a estou condenado. Não é essa a minha intenção. Quero dizer que eu devia ter estado aqui. É só isso o que quero dizer. Se faz diferença, não pretendo abandoná-lo agora.

- Faz diferença, sim - disse Michael, dando de ombros. - Mas você sabe, eu tenho uma sensação estranha. Agora que já me decidi, vai ser fácil. Matá-lo. - Ele estalou os dedos. - Esse é o meu problema. Desde o início eu estava com medo de fazer isso.

Eram oito da noite. Escuro, frio. Dava para se sentir o frio ao se encostar a palma da mão na vidraça.

Aaron acabara de voltar para cear com Yuri. Yuri já estava retornando para a casa de Amelia Street para conversar com Mona. Yuri ficara corado quando

disse que estava indo. Michael percebeu o motivo. Yuri estava apaixonado por Mona.

- Ela me faz lembrar a mim mesmo nessa idade - balbuciara Yuri. - É extraordinária. Disse que me mostraria todos os seus segredos de computação. Nós vamos... conversar.

Agitado, gaguejante, enrubescido. Ah, o poder de Mona, pensou Michael. E agora ela ainda tinha o legado a atacar, além de tudo o mais. Mas havia algo de puro em Yuri, algo de puro, leal e bom.

- Pode-se confiar nele - dissera Aaron, baixinho. - É um cavalheiro e é honrado. Mona estará em perfeita segurança na sua companhia. Não tema por ela.

- Ninguém precisa temer por Mona - disse Michael. um pouco envergonhado, e voltando a sentir uma breve lembrança daqueles momentos sensuais em que ele a abraçara, sabendo que estava errado, sabendo que ia acontecer, e daí?

Foram tão poucas as ocasiões em que Michael agira errado e não se incomodara.

Aaron estava dormindo no quarto lá em cima.

- Homens da minha idade cochilam após as refeições - dissera ele, em tom de desculpas, antes de ir se deitar. Estava totalmente exausto, e Michael não estava neste exato momento disposto a falar sobre Julien. Talvez fosse até melhor assim, porque Aaron precisava desse descanso.

Só você e eu agora, Julien, pensou Michael.

A casa estava em silêncio.

Hamilton fora para casa para pagar algumas contas. Bea voltaria mais tarde. Somente uma enfermeira estava de plantão porque nem todo o dinheiro do mundo conseguira outra, tão séria era a falta de profissionais. Uma auxiliar de enfermagem, muito competente, estava lá em cima no quarto da tia Vivian, já entrando no seu terceiro quarto de hora ao telefone. Dava para Michael ouvir a voz que subia e descia.

Ele estava parado na sala de estar, olhando para o pátio lateral. Escuridão. Frio. Lembranças. Os tambores de Comus. Um homem sorrindo nas sombras. De repente, Michael era de novo uma criancinha, sem saber nunca o que representava se sentir forte ou seguro. O medo abrira com um chute a porta da infância. O medo devastara a segurança que havia sido a mãe.

Tambores e archotes na noite da terça-feira de Carnaval despertavam o pavor. Nós morremos quando envelhecemos. Não existimos mais. Nunca mais. Ele tentou se imaginar morto. Uma caveira na terra. Esse pensamento havia sido freqüente na sua vida. Algum dia, eu ficarei daquele jeito, sem nenhuma dúvida. Estarei morto. Posso ser uma caveira na terra. Posso ser uma caveira num caixão. Não sei. Mas sei que vou morrer.

Pareceu-lhe que a auxiliar de enfermagem estava chorando. Não era possível. Houve a leve vibração de passos. A porta da frente se fechou. Tudo isso estava tão longe dele: as pessoas indo e vindo. Se ela piorasse, eles chamariam seu nome.

E ele subiria correndo, mas para quê? Para estar lá quando a respiração cessasse. Para segurar a mão fria. Para descansar a cabeça no seu seio e sentir o final do calor nela. Como sabia que seria assim? Alguém lhe dissera? Ou seria apenas porque suas mãos estavam ficando cada vez mais frias e mais rígidas? E porque, quando ele olhava para as suas unhas, suas unhas bonitas e limpas, elas se revelavam levemente azuladas?

- Não vamos manicurá-las - dissera a enfermeira. - Podem riscar essa parte do plano. Precisamos ser capazes de ver a cor delas. É algo relacionado ao oxigênio. Ela foi uma linda mulher.

É, você disse isso antes. Mas não havia sido essa. A outra enfermeira é que dissera isso. Quantas outras frases insensíveis não haviam dito?

Dava-lhe calafrios o movimento das árvores escuras lá fora. Calafrios só de olhar. Ele não queria estar aqui, olhando pela janela para o pátio frio e deserto. Queria estar aquecido e com ela.

Deu meia volta e voltou lentamente para o salão duplo, passando pelo arco decorado com ciprestes, um belo ornamento. Talvez ele devesse ler para ela, baixinho, de modo que ela pudesse se desligar se não gostasse. Talvez deixar o rádio ligado algum tempo. Ou tocar a Vitrola de Julien. Aquela enfermeira antipática que não gostava da Vitrola não estava mais lá.

Ele também podia mandar as enfermeiras saírem do quarto, não podia? Aos poucos, a idéia vinha penetrando nele. Será que precisamos dessas enfermeiras?

Ele a viu morta. Ele a viu fria, cinzenta, acabada. Ele a viu como que enterrada. Não a imagem perfeita e detalhada, passo a passo, e alongada no tempo. Só o conceito, num relance de luz, um caixão que entrava deslizando numa câmara mortuária. Só que era aqui, era o seu cemitério na periferia do Garden District, e ele podia ir até lá a qualquer hora para pôr a mão na laje de mármore que ficava a apenas dez ou quinze centímetros dos seus cabelos sedosos, de um tom escuro de louro. Rowan, Rowan.

Lembre-se, mon fils.

Ele se voltou. Quem dissera isso? O saguão longo e imponente estava oco, deserto e ligeiramente frio. A sala de jantar, totalmente às escuras. Ele prestou atenção para ouvir, não sons verdadeiros, mas sons sobrenaturais, para ouvir aquela voz de novo. Lembre-se, é claro, vou me lembrar.

- Vou me lembrar – disse ele.

Silêncio. À sua volta, só o silêncio a envolver as palavras que pronunciara e a lhes dar intensidade. A torná-las agudas naquele sossego, como um movimento, como uma queda de temperatura. O silêncio.

Não havia absolutamente ninguém por perto. Ninguém na sala de jantar. Ninguém visível no alto da escada. Dava para ver que a luz do quarto da tia Vivian não estava mais acesa. Ninguém falava ao telefone. Deserto. Escuridão. E então ele se deu conta. Estava sozinho.

Não, não era possível. Caminhou até a porta da frente e a abriu. Por um átimo, não conseguiu entender. Não havia ninguém junto ao portão de ferro

pintado de preto. Ninguém na varanda. Ninguém do outro lado da rua. Apenas o silêncio vazio e solene do Garden District, deserto como uma cidade arruinada sob a luz imóvel do poste, sob os aglomerados macios de folhas de carvalho. A casa tão serena e tranqüila quanto da primeira vez que ele a havia visto.

- Onde estão? - Ele sentiu o súbito avanço do pânico. - Meu Deus, o que está acontecendo?

- Michael Curry?

O homem estava parado à sua esquerda. Nas sombras, quase invisível, a não ser pelo cabelo louro. Ele se adiantou. Devia ser uns cinco centímetros mais alto do que Michael. Michael olhou nos seus olhos sem cor.

- O senhor mandou me chamar? - disse o homem em voz baixa, respeitosa, estendendo a mão. - Lamento muito, Sr. Curry.

- Mandeí chamar? Do que você está falando?

- O senhor mandou o padre ligar para o hotel à minha procura, pediu que eu viesse. Lamento que tudo esteja acabado.

- Não sei do que está falando. Onde estão os seguranças que estavam aqui? Onde está o vigia que ficava no portão? O que aconteceu com todo mundo?

- O padre mandou todos embora - disse o homem, com delicadeza. - Assim que ela morreu. Ele me disse ao telefone que os estava mandando embora. Que eu devia vir e esperar aqui, junto à porta, pelo senhor. Lamento que ela tenha morrido. Espero que não tenha sentido medo nem dor.

- Ah, não! Eu estou sonhando. Ela não morreu! Está lá em cima. Que padre? Não há padre nenhum aqui! Aaron!

Ele se voltou, olhando espantado para a profunda escuridão do saguão, incapaz por um instante de discernir o tapete vermelho da escada. Depois, saiu disparado, subindo o lance aos saltos e correndo para a porta trancada.

- Meu Deus, ela não morreu. Não morreu. Eles teriam me avisado.

Quando segurou a maçaneta e percebeu que não conseguia abri-la, esteve a ponto de derrubar a porta com o ombro.

- Aaron! - gritou novamente.

Um estalido ali dentro. A fechadura girando. A porta abrindo-se, como se por sua própria vontade. Todas as portas têm seu próprio ritmo, seu próprio jeito de se abrir e de se fechar. Em Nova Orleans, as portas nunca são exatas ou eficientes. No verão, essa porta podia inchar e quase não fechar. Agora, ela se abria sozinha.

Ficou olhando para ela, para as almofadas brancas de madeira. Lá dentro, as velas ardiam como antes. Um tremeluzir na seda do dossel, no mármore da lareira.

Aaron estava falando com ele. Aaron disse um nome às suas costas. Parecia russo.

- Mas ele pediu que eu viesse, Aaron. - disse o louro, baixinho. - Ele me chamou. O padre me disse.. Ele pediu que eu viesse.

Ele entrou no quarto. As velas eram a única luz. Estavam acesas no pequeno altar, e o vulto da Virgem subia pela parede, tremendo e dançando como antes. Rowan jazia na cama. Seus seios subiam e desciam sob o cetim cor de rosa da camisola nova que haviam vestido nela. As mãos estavam se encolhendo na direção do corpo. A boca estava aberta. Dava para se ouvir sua respiração. Ela estava viva. Inalterada.

Ele caiu de joelhos junto à cama. Descansou ali a cabeça e começou a chorar. Pegou sua mão gelada e a apertou, sentindo sua flexibilidade e o ínfimo calor humano que realmente apresentava. Ela estava viva.

- Ai, Rowan, minha querida, minha querida - disse ele. - Achei... – e começou a soluçar como criança.

Simplesmente deixou que os soluços viessem devagar. Sabia que Aaron estava perto dele. E sabia que o outro homem também estava ali. Então, lentamente, ergueu os olhos e viu a figura parada aos pés da cama.

O padre. O pensamento brotou instantâneo quando ele viu a batina antiquada de lã preta, e o colarinho branco de padre, mas não se tratava de nenhum sacerdote.

- Olá, Michael.

Uma voz suave. Alto como diziam que era. Cabelos longos e negros, até os ombros, barba e bigode muito bem tratados e reluzentes, uma espécie horrenda de Cristo ou de Rasputin, com o rosto descorado e manchado de lágrimas.

- Eu também andei chorando por ela - disse o homem, num sussurro. - A morte agora está perto. Ela não terá mais filhos, não voltará a amar, restou um pouco de leite nela. Ela praticamente se foi.

Ele segurava o pilar da cama com a mão esquerda.

- Lasher!

De repente, um perfeito monstro, um homem mais alto do que o normal. Uma figura esguia, mas a perfeita encarnação da ameaça com seus olhos azuis fixos atentamente nele, com a boca nítida por baixo do brilho negro do bigode, dedos brancos, longos, ossudos e quase entrelaçados no pilar. Um monstro.

Mate-o. Agora.

Ele estava em pé num instante, mas Stolov o segurava pela cintura.

- Não, Michael, não. Não o machuque. Você não pode fazer isso!

E depois um outro homem, um estranho, o estava agarrando pelo pescoço, enquanto Aaron implorava a Michael que se afastasse, que esperasse.

A figura junto à cama permanecia imóvel, segura. Ele enxugou as lágrimas com a mão direita, lânguida e vagarosa.

- Michael, calma. Calma - disse Aaron. - Stolov, quero que você o solte. Você também, Norgan. Michael, afaste-se, ele está cercado.

- Só se ele não o matar - disse Stolov. - Ele não pode matá-lo.

- Pois sim que não vou - disse Michael. Ele arqueou as costas, procurando derrubar Stolov, mas o outro homem tinha o braço firme em volta do pescoço de Michael. Stolov relaxou o aperto, ofegante.

A criatura olhava para ele. As lágrimas continuavam, mudas, eloqüentes.

- Estou nas suas mãos, Sr. Stolov - disse Lasher. - Sou todo seu.

Michael enfiou o cotovelo na barriga do homem às suas costas e o atirou para trás de encontro à parede. Afastou Stolov para um lado. Num átimo, já estava



em cima de Lasher, com as mãos cerradas em torno do seu pescoço, com a criatura procurando respirar apavorada e tentando agarrar o cabelo de Michael. Caíram os dois sobre o tapete. Mas os outros dois já seguravam Michael, já o soltavam, usando toda a força para arrancá-lo, e Aaron, até mesmo Aaron estava tirando seus dedos de cima da criatura. Aaron. Pelo amor de Deus.

Por um segundo, Michael quase desmaiou. A dor no seu peito era forte e sem trégua. Ele a sentia no ombro e depois descendo pelo braço esquerdo. Soltaram-no porque ele estava sentado encostado na lareira, agora incapaz de machucar quem quer que fosse. E Lasher, ainda se esforçando por respirar, ia se levantando devagar e meio tonto. Uma figura esguia na batina preta e ondulante. Os homens estavam parados de cada lado de Michael.

- Espere, Michael - implorou Aaron. - Somos quatro contra ele.

- Não o atinja, Michael - disse Stolov, no mesmo tom delicado de antes.

- Vocês estão permitindo que ele escape - disse Michael, com a voz rouca.

Quando ergueu os olhos, porém, viu a silhueta alta e esguia que o examinava, com os olhos azuis ainda cheios de lágrimas e as lágrimas escorrendo pelo rosto branco e liso. Se Cristo lhe aparecesse, pensou Michael, era desse jeito que ia se querer que ele fosse. Era assim que os pintores o haviam representado.

- Não vou fugir - disse Lasher, calmo. - Vou embora quando eles me levarem, Michael. Os homens da Talamasca. Preciso deles agora. E eles sabem disso. Eles não permitirão que você me atinja novamente. - Ele se voltou para o corpo na cama. - Vim ver minha amada. Precisava vê-la antes que me levassem embora.

Michael procurou ficar em pé. Estava tonto, e a dor voltou. Que merda, Julien, dê-me forças para agir. Droga. A arma, a arma está ali junto à cama. Está bem em cima da mesinha, aquele revólver grande! Ele procurou dizer em voz alta a Aaron. Atire nele. Puxe o gatilho e abra um buraco do tamanho de um olho na cabeça da criatura!

Stolov ajoelhou-se diante dele.

- Acalme-se, Michael. Acalme-se. Basta que não tente feri-lo. Nós não permitiremos que ele saia daqui antes que nós mesmos o levemos embora.

- Estou pronto - disse Lasher.

- Michael, olhe só para ele. Agora está indefeso. Está em nossas mãos. Por favor, acalme-se.

Aaron tinha os olhos fixos na criatura como se estivesse enfeitiçado.

- Eu avisei - disse Michael, baixinho.

- Você realmente quer me matar? – perguntou Lasher, com as lágrimas sem parar de lhe encher os olhos, como se ele tivesse tantas delas quanto uma criancinha. Você me odeia tanto assim? Só por procurar viver?

- Você a matou - sussurrou Michael. Foi um som tão pequeno e insignificante. - Fez isso com ela. Matou nosso filho.

- Não quer ouvir o meu lado da história, pai? - indagou a criatura.

- Quero matá-lo - respondeu Michael.

- Ora, vamos. Como pode ser tão frio e insensível? Como pode não se importar com o que fizeram comigo? Como pode não se interessar pelos motivos pelos quais estou aqui? Acha que eu pretendia feri-la?

Agarrando-se ao consolo da lareira com uma das mãos e à mão de Aaron com a outra, Michael afinal conseguiu ficar em pé. Sentia-se todo fraco, quase enjoado. Ficou ali parado, respirando lentamente, agradecido pelo fato da dor ter passado, a olhar para Lasher.

Como era lindo o rosto liso, como eram belos, negros e sedosos o bigode e a barba aparada. O Jesus do quadro de Dürer. E os olhos do azul mais profundo e intenso, espelhos de alguma alma insondável e aparentemente fantástica.

- Ah, Michael, você quer saber, sim. Você quer ouvir tudo. E eles não permitirão que você me mate, correto, senhores? Nem mesmo Aaron deixará que isso aconteça. Não, enquanto eu não disser tudo o que tenho a dizer.

- Mentiras - sussurrou Michael.

A criatura engoliu em seco, como que atingida pela condenação, e depois voltou a enxugar o olho com as costas da mão direita. Fazia isso, como uma

criança faria no playground. Depois ele fechou a boca com firmeza e respirou fundo como se fosse ceder, como Michael havia feito antes, a soluços além das lágrimas.

Atrás dele, na cama, Rowan jazia esquecida, com os olhos fixos no nada, imperturbável talvez protegida. Inatingível como antes.

- Não, Michael. Não haverá mentiras. Isso eu lhe prometo. Nós dois não caímos nessa história de que a verdade seja desculpa para qualquer coisa. Mas mentiras você não vai ouvir.

Mais uma vez, na sala de jantar. Só que agora a luz que entrava pelas janelas era a luz fraca e dourada das lâmpadas do pátio.

Sentaram-se ao redor da mesa no escuro. As duas portas estavam fechadas. Lasher ocupou o lugar da autoridade, a cabeceira da mesa, com uma enorme mão branca espalmada na madeira diante de si, com os olhos fixos nela como se estivesse atordoado.

Ele ergueu a cabeça e olhou à sua volta. Examinou os murais como se estivesse absorvendo um detalhe após o outro, para depois soltá-lo de volta para a escuridão. Olhou para o rosto de todos. Olhou para o de Michael, que estava sentado logo à sua direita.

O outro homem, Clement Norgan, ainda sentia a dor do golpe de Michael, ainda estava dolorido por ter sido empurrado de encontro à parede. Estava do outro lado da mesa, com o rosto vermelho, ainda procurando recuperar o fôlego, bebendo água de um copo. Seus olhos passavam da criatura para Michael. Stolov estava sentado à esquerda de Norgan.

Aaron, ao lado de Michael, segurava seu ombro e sua mão. Michael sentia a firmeza da mão de Aaron. Lasher.

- É, novamente nesta casa - disse a criatura, com a voz trêmula embora profunda e confiante na sua própria beleza, na sua perfeita pronuncia desprovida de sotaque.

- Deixe que ele fale - disse Aaron. - Nós somos quatro. Estamos determinados a não deixá-lo ir embora daqui. Rowan está repousando sem ser perturbada. Que ele fale, agora.

- Correto - disse Stolov. - Estamos juntos. Que ele se explique a todos nós. Você tem direito a uma explicação dessas, Michael. Ninguém lhe contesta isso.

- Sempre trapaceando - disse Michael. - Você dispensou as enfermeiras. Dispensou os guardas. Como é esperto. E eles acreditaram em você, padre Ashlar, ou usou algum outro nome?

Lasher deu um sorriso longo, lento, amargo.

- Padre Ashlar - sussurrou, passando a língua rosada pelos lábios e fechando a boca em silêncio. Por um segundo, Michael viu Rowan nele, viu a semelhança como a havia visto no dia de Natal. As bochechas bem-feitas, a testa, até mesmo a linha delicada dos olhos amendoados. No entanto, na intensidade da cor e no brilho da sua abertura, eles eram os olhos de Michael.

- Ela não sabe que está sozinha agora - disse Lasher em tom solene. Disse essas palavras devagar, com os olhos mais uma vez passeando pela sala ampla e escura. - De que lhe valem as enfermeiras agora? Ela não sabe mais quem está ao seu lado, quem chora por ela, quem a ama, quem derrama lágrimas. Ela perdeu a criança que estava dentro dela. E não haverá mais nenhuma. Tudo o que acontecer agora será sem ela. Sua história terminou.

Michael começou a se levantar, mas Aaron o segurou, e os outros dois lançaram olhares furiosos do outro lado da mesa. Lasher permaneceu destemido.

- E você quer nos contar a sua história - disse Stolov, com timidez, como se estivesse contemplando um monarca ou uma aparição. - Nós estamos dispostos a ouvi-la.

- É, vou lhes contar - disse Lasher, com um sorriso discreto, quase corajoso. - Vou lhes dizer o que eu agora sei, agora que sou de carne e osso. Vou lhes contar a história inteira. E então poderão tirar suas conclusões.

Michael deu uma risada curta, sem alegria. Ela espantou os outros. Espantou a ele mesmo. Tinha os olhos firmes em Lasher.

- Está bem, mon fils - disse, pronunciando o francês com cuidado e correção. - Lembre-se da promessa que me fez. Sem mentiras.

Encararam-se por algum tempo, e então a criatura voltou à atitude solene, apenas encolhendo-se ligeiramente como se tivesse sido atingida.

- Michael - disse ele. - Agora não posso falar pelo que fui nos séculos de trevas. Não posso falar agora por uma criatura desesperada e desencarnada, sem história, memória ou raciocínio, que procurava raciocinar, em vez de sofrer, amargurar-se e ansiar.

Michael contraiu os olhos. Não disse nada.

- A história que quero lhes contar é a minha própria, a de quem eu era antes que a morte me separasse da carne com a qual fiquei sonhando desde então. - Ele ergueu as duas mãos e as cruzou por um instante diante do peito.

- No princípio - disse Michael, zombeteiro.

- No princípio - repetiu a criatura, só que sem a ironia. Ele prosseguiu devagar, com palavras sentidas, implorando. - No princípio, muito antes de Suzanne fazer sua oração no círculo, no princípio, quando eu tinha vida, vida de verdade em mim, como tenho de novo agora.

Silêncio.

- Confie em nós - disse Stolov. Foi quase um sussurro.

Os olhos de Lasher permaneciam fixos em Michael.

- Você não sabe como estou ansioso por lhe contar a verdade. Eu o desafio a ouvir tudo o que tenho a dizer e não me perdoar.

## **Capítulo 34**

### **A HISTÓRIA DE LASHER**

Deixem-me levá-los aos primeiros momentos, como eu me lembro deles, não importa o que outros me tenham dito, seja numa vida, seja em outra, não importa o que eu tenha visto nos meus sonhos.

Lembro-me de estar deitado com minha mãe. Era uma cama fechada, com um excesso de entalhes, pilares volumosos e cortinas de veludo ocre. As paredes eram da mesma cor embora o teto do quarto, como o teto da cama, fosse todo de madeira escura. Minha mãe chorava. Estava apavorada. Era uma criatura lívida, de olhos escuros, tensa e trêmula. Eu estava mamando e a mantinha sob controle, já que era mais alto e mais forte do que ela e a segurava enquanto sugava o leite do seu seio.

Eu sabia quem ela era, que eu estivera dentro dela, e sabia que ela corria perigo de vida. Que, quando se revelasse minha monstruosidade, ela seria indubitavelmente chamada de bruxa e condenada à morte. Ela era uma rainha. E as rainhas não podem parir monstros. Que o rei não havia posto os olhos em mim, que as mulheres o estavam mantendo afastado dos aposentos, isso eu também sabia. As mulheres sentiam tanto medo de mim quanto minha mãe.

Eu queria receber amor da minha mãe. Queria o leite. Os homens do castelo estavam esmurrando as portas. Ameaçavam entrar nos aposentos da rainha se não lhes informassem imediatamente por que as portas estavam trancadas para eles.

Minha mãe chorava sem parar e não queria me tocar. Ela falava em inglês e dizia que Deus a amaldiçoara pelo que havia feito, Deus amaldiçoara a ela e ao rei. E agora seus sonhos estavam destruídos. Eu era o castigo vindo dos céus: minha deformidade, meu tamanho, o fato óbvio de eu ser um monstro. De eu não poder ser um ser humano.

O que eu sabia naquele momento? Que eu era de carne e osso mais uma vez. Que eu voltara. Que eu conseguira, numa jornada aparentemente interminável, novamente encontrar um porto, são e salvo. Eu me sentia feliz.

Aquilo era tudo o que eu sabia, além de que eu devia assumir o comando da situação. Fui eu quem acalmou as mulheres, revelando-lhes que sabia falar.

Disse-lhes que já tomara leite suficiente. Que daí em diante poderia sair e procurar leite e queijo por minha conta. Eu queria evitar riscos para minha mãe. Disse que, para o bem da minha mãe, eu devia ser retirado do castelo sem ser visto pelo restante da corte.

É claro que houve uma perplexidade muda com o fato de eu poder falar, saber raciocinar, não ser apenas um recém-nascido gigantesco, mas possuir uma inteligência astuta. Minha mãe levantou-se e me encarou em meio às lágrimas. Ergueu a mão esquerda. Vi ali a marca da bruxa, o sexto dedo. Eu soube que voltara por meio dela por ser ela uma bruxa poderosa, embora inocente como todas as mães. Eu sabia também que devia sair daquele lugar e procurar o vale.

Minha visão do vale não tinha contornos, cores ou contrastes. Era um conceito análogo ao do eco. Eu não parei para me perguntar qual seria o vale. Era perigoso demais ali no castelo. Se havia algo a mais na visão, era um círculo de pedras, dentro dele um círculo de pessoas, fora dele mais um círculo de pessoas, mais outro, mais outro e mais outro, todas girando, em círculos concêntricos, de onde subia um som de cânticos.

Foi um vislumbre.

Disse à minha mãe que eu viera do vale e precisava voltar para lá. E ela, erguendo os braços, pronunciou num sussurro o nome do meu pai, Douglas de Donnelaith. Ela disse às mulheres que deviam encontrar Douglas, que naquele exato momento as encontrava na corte, que deviam descobrir um meio de trazê-lo de imediato até ela. Disse algo que não pude compreender, algo relacionado a um bruxo fecundar uma bruxa, e que Douglas havia sido seu erro terrível. Que, ao tentar dar um herdeiro ao rei, ela cometera um erro trágico para uma bruxa.

Ela caiu para trás quase inconsciente.

Passou-se uma mensagem através de uma portinhola na entrada de uma passagem secreta. Foi a vez da parteira tranquilizar as outras mulheres e transmitir aos homens, afinal, através da porta fechada, a trágica notícia o filho da rainha nascera morto.

Natimorto! Comecei a rir, um riso calmo que foi de grande conforto para mim, tão fantástico quanto respirar ou provar o leite. Mas as mulheres só ficaram alarmadas. Eu deveria ter nascido em meio ao amor e à alegria, e sabia disso. Tudo aquilo estava errado. As vozes do outro lado da porta disseram que o rei queria ver seu filho.

- Por favor, arranjem roupas para mim - disse eu. - Corram. Não posso ficar aqui nu e indefeso.

Elas se alegraram imediatamente de receber essa ordem. E, pela mesma portinhola na entrada da passagem secreta, foi transmitida a mensagem nesse sentido.

Eu não tinha certeza de como devia me vestir. Aquelas não eram roupas que eu conhecesse. Na realidade, quanto mais eu olhava para as damas de honra, para a parteira e para minha mãe, mais eu percebia que as coisas estavam muito mudadas.

Não me pergunte "mudadas em relação a quê?" Eu não sabia. Fui rapidamente vestido num belo veludo verde, roupas que na verdade pertenciam ao mais alto e mais magro gentil homem do rei. As mangas eram ricamente bordadas. Havia uma orla de pele na pelerine pequena e sem mangas, Um cinto para a cintura, e uma túnica bem longa. E as calças foram a pior parte para mim, ç minhas pernas eram muito compridas. Precisei atá-las onde não me serviam túnica cobriu tudo.

Descobrindo-me diante do espelho, olhei com aprovação. E soube que era bonito. Caso contrário, as mulheres teriam tido ainda mais medo.

Meu cabelo ainda não chegava aos ombros, mas logo chegaria. Era castanho. Meus olhos eram castanhos, como os da minha mãe. Pus o chapéu debruado de pele que me entregaram. A parteira, então, caiu de joelhos.

- Este é o príncipe - exclamou. - Este é o herdeiro que o rei procura.

As outras mulheres abanaram a cabeça, horrorizadas, procurando acalmá-la, dizendo-lhe que uma coisa daquelas não era possível. E minha mãe enfiou o rosto no travesseiro, chorando por sua própria mãe, por sua irmã, pelos



que amavam, afirmando que ninguém ficaria do seu lado. Que, se não fosse pecado mortal aos olhos de Deus, ela daria um fim à própria vida.

Agora, como vou escapar, pensei. Temia por minha mãe. No entanto, eu a odiava por não me amar, por me considerar um monstro. Eu sabia o que eu era. Eu sabia da existência de um lugar para mim, que eu tinha uma missão. Isso eu sabia. Sabia que sua atitude era cruel e irreverente, mas não consegui pôr isso eu em palavras nem defender uma posição dessas. Queria apenas protegê-la.

Ficamos parados no aposento à luz de velas, eu e aquelas mulheres, sob o teto de madeira escura; e a parteira voltou a si e renegou sua alegria anterior. O monstro deve ser levado embora, deve ser destruído.

Destruído? A mesma velha história. Não desta vez, pensei. Não pretendia ser destruído com tanta facilidade. Não. Temos de aprender mais a cada vez, pensei. Eu não serei destruído.

Afinal, à entrada secreta chegou meu pai, Douglas de Donnelaith, homem grande e desgrehado, vestido em trajes mais toscos mas, mesmo assim, nobre e ataviado com peles.

Ele estava no castelo e atendera, apressado, à convocação secreta da rainha. Quando permitiram que entrasse no quarto do parto e ele me viu, seu rosto era um enigma. Não vi nele o puro pavor das mulheres. Vi algo diferente, vital e favorável a mim, algo quase reverente.

- Ashlar, o que sempre volta - sussurrou ele.

Vi que seu cabelo e seus olhos eram castanhos. Dele, bem como da de tosa rainha, eu herdara essas características. Mas eu era Ashlar! Essa novidade, e era novidade para mim, fez com que eu me sentisse como se meu pai me houvesse abraçado e coberto de beijos. Fiquei feliz. E quando olhei para mi mãe, na sua tristeza, chorei.

- Sim, pai, mas este não é um lugar adequado para mim. É um lugar hostil. Precisamos sair daqui.

E percebi que não sabia nada mais sobre o que eu era ou o que ele era o do que havia sido dito. Era um conhecimento estranhíssimo, um saber estável, mas atemporal.

Ele não precisou de nenhuma ordem da minha. Ele também estava apavorado. Sabia que tínhamos de fugir.

- Agora não há mais esperanças para a rainha - disse ele, baixinho, persignando-se e fazendo, então, o sinal da cruz na minha testa. Já estávamos seguindo pela escadaria sinuosa.

Estávamos fora do castelo alguns segundos depois e descemos direto a uma embarcação coberta que nos aguardava nas águas escuras do Tâmis. Foi quando cheguei ao Tâmis que me dei conta de não me haver despedido da minha mãe e fui dominado por uma tristeza, por um súbito horror, de ter nascido naquele exato lugar sinistro e traiçoeiro, naquela época inexplicável. Minha luta ia começar de novo. Lembrei-me de que teria morrido ali mesmo se pudesse. Teria recuado. Fixei o olhar na água, que fedia da imundície de Londres, da sujeira de milhares de pessoas, e senti vontade de morrer naquela escuridão. Na realidade, vi na névoa da imaginação um túnel escuro pelo qual eu havia chegado, e quis voltar para dentro dele. Comecei a chorar.

Meu pai me abraçou.

- Não chore, Ashlar - disse ele. - É obra de Deus.

- Como assim, obra de Deus? Minha mãe talvez seja queimada viva. - Eu já ansiava por leite. Queria o dela, e fiquei amargurado de não ter mamado mais antes de ir embora. E a idéia de que alguém fosse lançar a carne da minha carne, minha mãe, às chamas pareceu cruel e digna de se dar a vida para impedir que acontecesse.

O que estou descrevendo é o meu nascimento. Uma sucessão de horas vividas à luz de velas e jamais esquecidas enquanto estive vivo. É disso que me lembro agora com nitidez, porque sou de carne e osso novamente. Mas o nome Ashlar eu não conhecia. Não sei agora e nunca vou saber quem Ashlar foi

realmente, como vocês verão. Reparem bem. Compreendam. Compreendam totalmente. Não sei nada a respeito do santo original.

Mais tarde, eu veria coisas. Ouviria histórias. Veria Santo Ashlar no vitral na imensa catedral de Donnelaith. As pessoas me diriam que eu era ele, e que eu "voltara". Mas o que lhes estou contando agora é aquilo de que me lembro. O que eu sabia!

Levamos muitos dias e noites para chegar à Escócia.

Era o rigor do inverno. Na verdade, os primeiros dias que se seguem ao Natal, quando os piores medos se abatem sobre os camponeses e se acredita que os espíritos caminham e que as bruxas fazem suas feitiçarias. Era aquele período em que os camponeses abandonavam os ensinamentos de Cristo e, vestindo peles de animais, iam de porta em porta exigindo contribuições dos moradores supersticiosos. Um costume antigo.

Dormíamos apenas a intervalos irregulares em pequenas estalagens de aldeias quando chegávamos a alguma, geralmente sobre o feno e acompanhados de outras pessoas, muitas vezes irritados e enojados com os insetos. Parávamos repetidamente para que eu pudesse beber leite. Eu tomava o leite morno da vaca. Era bom, mas não tão doce quanto o leite da minha mãe. Eu comia queijo aos punhados. Ele era puro.

Viajamos a cavalo, envoltos em lãs e peles pesadas. E, durante a maior parte da viagem, eu o contemplava com mudo espanto a neve que caía, os campos pelos quais passávamos, as pequenas aldeias onde procurávamos abrigo, com suas estalagens de enxame e suas esparsas cabanas de telhado de colmo. Havia festas no bosque, fogueiras acesas, homens dançando vestidos com peles de animais. Um medo dominava os que permaneciam dentro de casa.

- Olhe - disse meu pai. - As ruínas do grande mosteiro. Está vendo, lá no morro? Uma abadia construída na época de Santo Agostinho. Incendiada pelo rei. Estes são dias de horror para todos os cristãos. Tudo saqueado. As freiras, expulsas. Os padres, expulsos. As imagens queimadas, os vitrais quebrados, os claustros agora entregues aos ratos e aos pobres. Tudo acabado, destruído. E

imaginar que se trata da vontade de um homem. Que um homem possa destruir tanto do trabalho dos outros. Ashlar, é por isso que você voltou.

Eu duvidava muito disso. Na realidade, o que me assustava era o fato de que meu pai pensasse assim, de que expressasse sua fé em termos tão simples. Era como se eu tivesse outro conhecimento, e essa sensação de se ter um conhecimento diferente era apenas o que se chama de incredulidade. Eu sentia uma dúvida inata, um sentido inato de que meu pai estava enganado, de que ele delirava. No entanto, eu não sabia dizer o motivo.

Tive novamente a visão dos círculos, os numerosos círculos cada vez maiores de figuras dançando. Procurei visualizar as pedras que ficavam quase no centro, em volta do primeiro círculo de silhuetas.

Vasculhei minha mente com consciência e rigor à procura da extensão total do conhecimento do qual eu estava dotado. Que eu já havia vivido antes, sim, disso tinha certeza, mas não de que aquele homem conhecesse minha missão, quem ou o que eu realmente era. Tive confiança de que a verdade me ocorreria. Mas também, como eu podia saber?

Passamos pelas ruínas do mosteiro, com os cascos dos nossos cavalos ruidosos no piso de pedra do claustro destelhado. Comecei a chorar. Sentia uma tristeza irreprimível. A desolação do lugar, a perda, tudo me enchia de uma desesperança acabrunhante. Esquivei-me da dor de ser de carne e osso. Meu pai procurou me confortar.

- Acalme-se, Ashlar, estamos indo para casa. Isso não aconteceu na nossa terra.

Penetramos na floresta escura, mal enxergando o caminho. Lobos pareciam correr na escuridão. Eu sentia seu cheiro perto de nós, o cheiro do seu pêlo e da sua fome. Quando finalmente chegamos a algumas pequenas cabanas, quem estava ali dentro se recusava a nos atender, muito embora houvesse fumaça saindo de um pequeno buraco no telhado.

A floresta densa e profunda subia pelas montanhas adentro. As estradas foram ficando cada vez mais íngremes e os pontos de observação, com paisagens

cada vez mais esplêndidas do litoral e do mar. Afinal, tivemos de dormir na mata ao relento; e nos aconchegamos, meu pai e eu, debaixo de cobertores pesados, com nossos cavalos amarrados aos nossos pés. Eu me sentia indefeso na escuridão, e ainda mais porque acreditava estar ouvindo sussurros e sons estranhos.

Devia passar da meia noite quando meu pai acordou, praguejou e se pôs de pé, brandindo a espada. Ele parecia estar furioso, mas a escuridão não lhe deu resposta.

- Eles são incuráveis, estúpidos e eternos - resmungou ele.
- Mas quem, pai?
- Os elementais. Não vão conseguir o que querem. Venha, não podemos mais ficar dormindo aqui, e não estamos longe de casa.

Seguimos com cautela pela escuridão adentro, e depois por um triste dia de inverno que praticamente não nos deu nenhuma luz.

Entramos, finalmente, pelo caminho estreito e rochoso do desfiladeiro secreto que levava ao vale de Donnelaith.

Meu pai me contou a história. Havia outras duas entradas conhecidas para o nosso querido vale: a estrada principal, na qual havia um tráfego incessante de carroças trazendo produtos para a feira, e o braço de mar onde atracavam as embarcações que levavam mercadorias para o mar. Por esses dois trajetos, chegava uma interminável procissão de peregrinos com ouro para deixar no altar de Santo Ashlar, à procura de curas milagrosas, querendo tocar com as mãos o sarcófago do santo.

A história gerou pavor. O que aquela gente ia querer de mim? E eu já estava faminto por leite, creme e alimentos que fossem espessos, brancos e puros.

Houvera muita luta em Highland, disse meu pai. Houve batalhas campais. E nossa gente, o clã de Donnelaith, disse ele, havia resistido aos soldados do rei, recusando-se a incendiar mosteiros, saquear igrejas e prestar juramento contra o

papa de Roma. Só com a proteção de uma escolta respeitável, os escoceses entravam nesse vale, ou os mercadores se aproximavam do pequeno porto.

- Nós somos de Highland; somos os cristãos de São Columba e de São Patrício. Somos da antiga igreja irlandesa, e não vamos ceder a nenhum rei pretensioso do castelo de Windsor, que erga o punho em desafio a Deus, nem ao arcebispo de Cantuária, seu lacaios, os dois que ardam no inferno. Que todos os ingleses vão para o inferno. Eles estão queimando os padres. Quer dizer que estão criando mártires. Com o tempo você entenderá tudo!

Suas palavras me tranqüilizaram, mas eu não podia afirmar conhecer o nome Columba ou Patrício e, quando procurava recordar tudo o que eu sabia, parecia que meu conhecimento inato havia diminuído à medida que seguíamos para o norte. Será que nos braços de minha mãe eu sabia de coisas que agora havia esquecido? Será que eu sabia de coisas no seu ventre? Eu não conseguia ter nenhum sucesso ao perseguir esses fantasmas que iam sempre se afastando. Eles me haviam abandonado, deixando apenas um bruxuleio.

Eu nasci. Sou de carne e osso! Estou vivo e respiro novamente. A escuridão está se dispersando, e até essa neve macia que me cerca faz parte do mundo dos vivos. E olhe! O céu lá em cima, de um azul que pintor nenhum conseguiria captar, e em seguida o vale profundo a se desenrolar diante de nós enquanto íamos deixando as montanhas. Olhe, a igreja imensa!

A neve caía à nossa volta em flocos pequenos e macios. Eu estava tão acostumado a sentir frio que me esquecera de não gostar dele. Estava encantado com o que via.

- Enrole-se na lã – disse meu pai. – Vamos entrar no castelo. Lá é a nossa casa.

Eu não queria seguir pelo caminho que levava ao castelo. Em vez disso, queria descer até a cidadezinha. Era uma bela cidade na época. Vocês não poderiam imaginar. Não tinha nada a ver com essa aldeola patética que se ergueu mais tarde sobre as ruínas. Havia muralhas, ameias e, no seu interior, cidadãos, mercadores, banqueiros e a enorme catedral! Em toda a volta, viviam os

camponeses, disse meu pai, em terras férteis que, embora estivessem agora cobertas pela neve, produziam boas colheitas e alimentavam carneiros gordos e saudáveis.

Mais além, nos montes, aqui, ali e acolá, onde meu pai indicava, havia outras fortalezas, nas quais senhores menos importantes, leais a Donnelaith, viviam sob nossa proteção e em paz.

A fumaça subia de uma centena de chaminés apinhadas dentro das ameias bem como das torres espalhadas e quase invisíveis nos bosques altos. O ar estava carregado com deliciosos aromas de alimentos sendo cozidos.

E lá, erguendo-se do centro da cidade, estava a imensa catedral, perfeitamente visível para além das casas e das muralhas, com a neve a escorrer dos seus altos campanários góticos e do seu telhado pontiagudo. E a luz que ardia ali dentro enchia suas enormes janelas com uma infinidade de cores e desenhos fascinantes. Eu via, mesmo àquela hora tardia, centenas de pessoas que entravam e saíam pelas portas da catedral.

- Pai, por favor, deixe-me ir até lá! - implorei. Eu me sentia atraído por aquele lugar como se o conhecesse, e no entanto eu não o conhecia. Eu ansiava por descobri-lo.

- Não, meu filho, você vem comigo.

Tínhamos de ir para o castelo, bem alto acima do braço de mar, que era nosso lar.

Lá embaixo, a água estava coberta de gelo, mas na primavera, disse meu pai, os mercadores chegariam às centenas, da mesma forma que os pescadores de salmão, os bancos estariam cheios de comerciantes e viriam homens trocar linho pela lã, peles e peixe que nós tínhamos para vender.

Esse castelo era uma série de torres cilíndricas, não mais belo do que o ameaçador monte de pedras em que eu nascera. Uma vez ali dentro, percebi que era menos luxuoso, mas mesmo assim cheio de vida e animação.

O próprio saguão principal poderia ter sido uma caverna na montanha, tão toscos eram seus adornos: seus poucos arcos, sua escadaria. Estava, porém,

todo decorado para um grande banquete, e as fadas dos bosques não poderiam ter criado uma cena de maior encanto ou aconchego.

O piso estava totalmente coberto de verde. E enormes guirlandas enfeitavam as laterais da escadaria, aqueles arcos com profundidade suficiente para sustentá-las e toda a volta da imensa lareira. Havia, de fato, ramos verdes de pinheiro por toda a parte, lindos e perfumados; Também o visco e a hera foram usados como enfeites, e eu conhecia essas belas plantas sempre verdes. Eu conhecia seus nomes.

Observei o esplendor com o qual os bosques foram trazidos para dentro do castelo. Velas ardiam às dezenas ao longo das paredes e da mesa do banquete. E estavam trazendo bancos para aqueles que fossem jantar.

- Sente-se à mesa - disse o pai. - E fique quieto em qualquer circunstância.

Aparentemente havíamos chegado no exato momento do banquete, que era apenas um dos doze banquetes de Natal, e todos os parentes estavam se reunindo para a festa. Mal estávamos acomodados num banco numa das extremidades, entraram os homens e as damas em belos trajes.

Esses trajes não se comparavam às roupas que me foram dadas na corte em Londres, mas eram, mesmo assim, bem elegantes, e muitos dos homens usavam o traje tradicional de Highland, o axadrezado preso por cinto. As damas usavam os mesmos toucados elegantes usados no castelo do rei, embora suas mangas e saias fossem mais simples, mas extremamente coloridas, e havia muitas que usavam jóias.

Fiquei deslumbrado com as jóias. Parecia-me que nas pedras preciosas se concentravam todas as cores e luzes que eu via ao meu redor, como se fossem atraídas para os pedaços de vidro por algum magnetismo. Em suma, se eu deixasse cair um rubi num copo d'água, eu imaginava que ele brilharia e cintilaria e que a própria água se tornaria vermelha e brilhante.

Minha mente estava se deliciando com esse extravagante erro de percepção. Notei que na lareira havia uma acha tão grande que parecia uma



árvore inteira. Na realidade, ainda era possível ver seus diversos galhos calcinados nas pontas como braços dos quais as mãos foram amputadas. Ela queimava com violência, e meu pai me informou num sussurro que aquela era a acha de Natal, e que seus irmãos a haviam arrastado do bosque para dentro do grande saguão.

Ela arderia durante os doze dias do Natal.

E agora quando dezenas de pessoas iam ocupando seus lugares a cada lado da mesa, veio descendo a escadaria o próprio senhor das terras, o pai de meu pai, Douglas, o grão conde de Donnelaith.

Era um homem de cabelos brancos, com bochechas muito vermelhas e apertadas e uma barba densa e branca. Usava seu xadrez escocês com muito garbo, e trazia consigo três belas mulheres que eram suas filhas, minhas tias.

Meu pai mais uma vez me recomendou que ficasse quieto. Eu estava atraindo alguma atenção. As pessoas estavam se perguntando quem seria o rapaz alto. Aquela altura, minha barba e meu bigode já estavam crescidos e de um tom castanho-escuro, e eu não podia, em virtude da minha pele, ser confundido com uma criança alta. Também meu cabelo estava comprido.

Fiquei olhando com assombro quando todos os convidados estavam afinal acomodados e quando o grande coro de monges assumiu seu lugar na escadaria de pedra: todos com tonsura, o que quer dizer que só lhes restava um anel de cabelo acima das orelhas, e todos com hábitos brancos. Eles começaram seus cantos, alegres e ao mesmo tempo tristes e lindos. E eu diria que essa música me atingiu com tanta força que fiquei realmente inebriado, ou seja, atingido pela sua seta, e incapaz de respirar por algum tempo.

Eu sabia o que estava acontecendo à minha volta. A enorme cabeça do javali assado foi trazida, cercada de verdes, velas e enfeites dourados e prateados, bem como de maçãs de madeira pintadas para parecerem autênticas.

E os javalis que seriam comidos eram trazidos por rapazes que os carregavam nos próprios espetos em que haviam sido assados e agora os depositavam em mesas laterais para começar a cortar a carne fumegante.

Tudo isso eu vi e ouvi. Mas minha mente estava enlevada pelo lamento da música dos monges. Um lindo cântico de Natal em gaélico, que se erguia suave de cerca de vinte ou trinta gargantas delicadas.

Que criança é essa que repousa  
Adormecida nos braços de Maria...

Vocês conhecem a canção. É tão antiga quanto o Natal na Irlanda ou na própria Escócia. E, se vocês se lembrarem da melodia, talvez possa compreender um pouco do que aquele momento representou para mim, quando meu coração cantava com os monges na escadaria, e o salão parecia subjugado pela música.

Pareceu-me ter lembrado naquele instante a felicidade que eu havia experimentado no ventre da minha mãe. Ou teria sido de alguma outra época? Não sei. Só sei que a sensação foi tão plena e profunda que não podia ser nova. Não era uma alegria frenética. Era puro contentamento. Recordei-me de que dançava, com as mãos estendidas na lembrança de segurar as mãos de outros. E no entanto, aquele momento me pareceu precioso e caro, como se me houvesse custado muito outrora.

A música parou como havia começado. Serviram vinho aos monges. Eles saíram como haviam chegado. O alarido começou à minha volta, vozes animadas.

Agora porém, o grande senhor se erguia para fazer um brinde. O vinho estava sendo servido. E todos começaram a comer. Das grandes fôrmas de queijo, meu pai escolheu pedaços para mim e recomendou que eu comesse como se fosse um homem. Pediu que trouxessem leite para mim, e ninguém entre os convivas atarefados prestou atenção a isso. Havia muita conversa e risadas, e até mesmo um pouco de briga corpo a corpo entre os mais jovens.

Eu, no entanto, percebia que, com o passar do tempo, era cada vez maior o número de pessoas que se dava conta de mim o suficiente para me olhar

derelance e sussurrar alguma coisa com o vizinho, ou mesmo para apontar ou se debruçar e perguntar ao meu pai quem era aquele rapaz que ele trouxera para cear com eles.

O surgimento de alguma conversa ou de risos alegres parecia sempre impedi-lo de ter de responder. Ele comia sua carne com entusiasmo. Olhava ao redor cheio de ansiedade. E de repente meu pai ficou em pé de um salto. Ele ergueu sua taça. Eu mal conseguia discernir seu perfil ou seus olhos, com toda aquela cabeleira e barba castanha, longa e desgrenhada, mas ouvi sua voz declarar em alto e bom som, superando todos os outros ruídos.

- Ao meu pai amado, à minha mãe, aos mais velhos e aos parentes apresento este rapaz, Ashlar, meu filho!

Uma exclamação de júbilo pareceu se erguer dos convivas, um ronco ensurdecedor só abafado de súbito por um rígido silêncio por baixo de uma rajada de sussurros e arquejos. Todos ficaram paralisados, com os olhos fixos em meu pai e em mim. Ele baixou a mão, como que tateando com a mão direita, e eu me ergui como era óbvio que ele queria que eu fizesse, revelando-me mais alto do que ele, embora ele fosse da altura dos outros homens.

Mais uma vez, arquejos e sussurros vieram dos convivas. Uma das mulheres soltou um grito. O próprio grande senhor espiou por baixo das suas densas sobranceiras cinzentas, com olhos azuis faiscantes que me congelaram num relance cruel. Olhei à minha volta cheio de medo.

Agora os monges, que estavam apenas no vestíbulo, voltavam a aparecer. Um ou dois deles vieram me olhar com espanto. Eles me pareciam assombrosos, criaturas carecas e reluzentes, todas de saias longas como mulheres; mas, à medida que um número cada vez maior deles se apresentava, todos os presentes se revelaram mais alarmados.

- Ele é meu filho! - declarou meu pai. - Meu filho, é o que estou dizendo! Ele é Ashlar, mais uma vez de volta!

E dessa vez, muitas mulheres soltaram gritos, e algumas caíram para trás como se estivessem desmaiando. Os homens puseram-se de pé e o velho grande

senhor se ergueu, batendo com os dois punhos na mesa de modo a fazer balançar taças e facas. Derramou-se algum vinho. Pratos bateram ruidosos.

E então, apesar de toda a sua idade, o grande senhor subiu no banco, de um salto.

- Taltos! - disse ele, num sussurro baixo e perverso, olhando de soslaio para mim, com a cabeça baixa.

Taltos. Essa palavra eu conhecia. Era a palavra que me designava.

Por instinto, eu teria fugido naquele momento, se meu pai não estivesse apertando tanto a minha mão, forçando-me a ficar firme ao seu lado. Outras pessoas estavam deixando o salão. Uma quantidade de mulheres foi levada dali por criadas ansiosas, incluindo-se algumas das muito velhas, que estavam totalmente confusas.

- Não - declarou meu pai. - É Santo Ashlar, de volta! Fale com eles, meu filho. Diga-lhes que é um sinal dos céus!

- Mas o que devo dizer, pai? - perguntei. E, ao som cristalino da minha voz, que não me parecia nem um pouco digno de nota, todos os convivas se descontrolaram. As pessoas saíam apressadas pelos vários portais. O grande senhor estava agora em pé sobre a mesa de cavalete, com os punhos cerrados, chutando da sua frente as travessas cheias. Os criados sem dúvida já estavam abrigados. Todas as mulheres haviam desaparecido.

Afinal, permaneceram dois dos monges. Um estava parado diante de mim, alto, mas não tão alto quanto eu, com os cabelos ruivos e os olhos verdes e gentis. Naquele instante, ele sorriu para mim, e seu sorriso foi como o som da música, perfeitamente tranquilizador, e eu senti minha alma desfalecer.

É que eu sabia que os outros detestavam minha aparência! Eu sabia que eles fugiam de mim. Sabia que o pânico era o mesmo que eu havia visto entre as mulheres da minha mãe e na minha própria mãe.

Eu procurava entender, saber o que aquilo significava.

- Taltos – repeti, como se essa palavra fosse detonar alguma revelação armazenada em mim, mas nada mais me ocorreu.

- Taltos - disse o padre, pois era isso o que ele era, embora na época eu não soubesse. Era padre e franciscano. E mais uma vez ele me deu aquele sorriso imenso e delicado.

A essa altura, todos haviam fugido do salão, à exceção do meu pai, de mim, do padre e do grande senhor, que estava em cima da mesa, bem como de três homens agachados junto ao fogo, como se estivessem à espera, embora eu não pudesse imaginar do quê. Assustava-me vê-los e ver o jeito ansioso com que olhavam para o grande senhor e este, de cima, para mim.

- Ele é Ashlar! - bradou meu pai. - Vocês não estão enxergando com seus próprios olhos? O que Deus precisará fazer para atrair a sua atenção? Destruir a torre com relâmpagos? Pai, é ele!

Percebi que havia começado a tremer, uma sensação assombrosa, que eu não conhecera antes. Eu nem chegara a tremer no frio do inverno. Mas agora não conseguia me controlar. Na realidade, a impressão era a de que eu estava parado num pedaço da terra que estivesse sacudindo, tão forte era o movimento, embora eu conseguisse permanecer em pé.

O padre aproximou-se de mim. Seus olhos verdes me faziam pensar em pedras preciosas, só que eles eram obviamente feitos de alguma substância mole. Ele estendeu a mão e tocou no meu cabelo com delicadeza, quase com ternura, e depois no meu rosto e na minha barba.

- É Ashlar! - sussurrou ele.

- É Taltos, é o Demônio! - protestou o grande senhor. - Atirem-no ao fogo.

Os três que estavam junto à lareira avançaram, mas meu pai se postou diante de mim, assim como o padre. Ah, sim, vocês podem imaginar a cena, podem bem visualizá-la, não é? Um berrando pela minha destruição como se fosse São Miguel Arcanjo, e os mais mansos não permitindo que uma coisa dessas acontecesse.

E eu, contemplando o fogo, apavorado, mal conseguia compreender que ele poderia me consumir, que eu sofreria uma dor indescritível se fosse atirado ali, que eu não viveria mais. Aos meus ouvidos, pareceu-me chegar os gritos de

milhares que sofriam, que morriam. No entanto, à medida que meu medo se avolumava, a lembrança passou a não ser nada além do violento tremor do meu corpo, da tensão nas minhas mãos.

O padre enlaçou-me nos braços e fez menção de me levar para fora do saguão.

- Vocês não destruirão o que Deus criou.

Quase chorei ao sentir seu toque, seus braços aconchegantes a me guiarem. Fui então levado do castelo pelo padre e por meu pai, bem como pelo grande senhor, que resolveu vir conosco, encarando-me com enorme suspeita. E até a catedral nos encaminhamos. A neve ainda caía fraca. Passavam por nós pessoas de toda a parte, embrulhadas em lãs e peles. Era quase impossível distinguir quem era homem, quem era mulher, tão cobertos estavam todos, e tão encolhidos para se proteger do frio. Alguns eram pequenos, como crianças, mas dava para se ver que seus rostos eram velhos e retorcidos.

A catedral estava aberta e cheia de luzes. As pessoas cantavam. À medida que nos aproximávamos, vi que os mesmos adornos de folhagens haviam sido colocados em volta das enormes portas em arco. O canto era emocionante e mais belo do que se possa imaginar. O perfume dos pinheiros verdes enchia o ar. Uma fumaça deliciosa subia com o vento.

E a canção ruidosa ali dentro era cheia de alegria e júbilo, algo muito mais festivo, retumbante e triunfal do que o cântico dos monges. Não era o ritmo regular o que me atraía, mas, sim, a exaltação geral que fazia com que meus olhos se enchessem de lágrimas.

Acompanhamos a fila dos que entravam na igreja e prosseguimos devagar, graças a Deus, já que eu não conseguia manter o equilíbrio em decorrência da música. O grande senhor, que havia levantado a pelerine de lã para encobrir o rosto, meu pai, que não chegara a tirar seus agasalhos de pele e o padre, que baixara o capuz para se proteger do frio: esses três me apoiavam, assombrados com a minha fraqueza, e no entanto ajudando-me com facilidade a dar um passo de cada vez.

O desfile informal de peregrinos entrava lentamente pela nave gigantesca e, mesmo com a música a me deixar perturbado, fiquei perplexo e maravilhado com o tamanho e a profundidade do templo. Pois nada que eu houvesse visto até então poderia se comparar àquela estrutura em graça e em altura. Suas janelas pareciam impossíveis de tão altas e estreitas; e lá em cima seus arcos bifurcados davam a impressão de terem sido feitos por deuses. Bem nos fundos, no alto acima do altar, havia uma janela com o formato de uma flor. Realmente ocorreu à minha mente de recém-nascido que ela não poderia ter sido feita por seres humanos. E então eu me senti confuso e intimidado.

Afinal, à medida que nos aproximamos do altar, vi o que estava à nossa frente. Um grande estábulo cheio de feno. Ali uma vaca mugindo, um boi e um carneiro. Esses animais estavam irrequietos nas suas cordas, e o cheiro quente dos seus excrementos emanava do piso de feno. À frente deles, havia um homem e uma mulher feitos inteiramente de pedra inerte. Na verdade, eles eram apenas símbolos. Seus olhos eram pintados, assim como seu cabelo. E entre eles, numa pequena caminha, havia um bebê humano, de mármore, igual ao homem e à mulher, só que a criança era gorducha e mais brilhante, com um sorriso nos lábios e olhos feitos de vidro cintilante.

Aquilo foi para mim uma maravilha, pois já lhes disse como os olhos do padre fizeram com que eu pensasse em pedras preciosas e agora eu via os olhos artificiais daquele bebê. Essa associação me confundiu e me deixou enfeitiçado.

A música permeava meus pensamentos. Na realidade, ela fazia com que toda e qualquer idéia parecesse onírica, vagarosa e incerta; mas em seguida, num momento de profunda tristeza, compreendi a verdade.

Soube perfeitamente que eu nunca havia sido um bebê recém-nascido como aquele, que todas aquelas pessoas haviam sido bebês, que foram meu tamanho e minha articulação que apavoravam minha mãe. Eu era um monstro. Senti isso completamente, lembrando-me talvez das coisas que as mulheres empânico haviam exclamado quando do meu nascimento. Eu sabia que não fazia parte da espécie humana.

O padre mandou que eu me ajoelhasse e beijasse a criança, que aquele era o Cristo, que havia morrido pelos nossos pecados. E então ele apontou para o crucifixo sangrento preso à alta coluna à direita. Vi o homem ali, vi o sangue escorrendo dos Seus pés e mãos. O Cristo crucificado. O Deus da Floresta. O Homem Folha\*. (\* O Homem Folha era uma decoração tradicional em muitas igrejas antigas, nas quais era geralmente representado como um rosto esculpido numa coluna, envolto em folhas também esculpidas. Era remanescente dos espíritos simbólicos das árvores dos tempos pré-cristãos. (N. da T.)) Essas palavras passaram pela minha mente. E eu soube que o bebê e o Cristo na Cruz eram a mesma pessoa. Mais uma vez, ouvi aqueles gritos remotos na minha memória, como se fosse um massacre.

A música resumia tudo. Tive a impressão verdadeira de que desmaiaria em seguida. Talvez naquele momento o véu estivesse a um passo de cair, e eu teria conseguido me esforçar e conhecer o passado. Ah, mas outros momentos mais dolorosos se seguiriam, com uma cooperação maior da minha parte, e não houve nenhuma grande revelação.

Olhando para o crucifixo, tremi de corpo inteiro ao pensar numa morte tão horrível. Parecia-me monstruoso que alguém pudesse ter gerado uma criança radiante para que ela sofresse uma morte daquelas. Percebi, então, que todos os humanos eram criados para a morte. Todos nasciam como pequenos inocentes esperneando, aprendendo a viver antes de saber do que se tratava. Ajoelhei-me e beijei aquele bebê duro de pedra, todo pintado para parecer macio e real. Olhei para o rosto de pedra do homem e da mulher. Voltei a olhar para o padre.

A música terminara, deixando apenas um burburinho de sussurros e tosses que ecoavam sob os arcos.

- Venha agora, Ashlar - disse o padre, e me levou apressado em meio ao povo, dando a impressão óbvia de não querer atrair atenção, até entrarmos numa capela que dava para a nave principal. Havia um fluxo uniforme de fiéis que entravam nessa capela, admitidos aos pares. Outros monges, usando hábitos,



montavam guarda e o padre lhes pediu que fechassem a capela e fizessem com que os outros esperassem com paciência.

O grande senhor queria fazer sua oração noturna a Santo Ashlar. Isso não despertou nenhum ressentimento, mas pareceu natural. Aqueles que deviam esperar caíram de joelhos, rezando o terço.

Ficamos sós na capela de pedra, com muros da metade da altura da nave principal. No entanto, como era majestosa: um lugar estreito e sagrado. Fileiras de velas ardiam sob as janelas. Um grande sarcófago com uma efígie no alto estava no meio do recinto. Na realidade, era em volta dessa longa caixa retangular de pedra que tantos se reuniam, a orar, beijar suas mãos e levar beijos ao homem entalhado na pedra.

- Olhe ali, meu rapaz - disse o padre, apontando não para a figura na pedra, mas para a janela lá em cima, voltada para o oeste. O vidro estava todo Negro com a noite. Mas eu pude ver com facilidade a figura formada nele pelas linhas de chumbo com as quais todos os pedaços de vidros eram unidos. Meus olhos discerniram um homem alto, com uma túnica longa, e uma coroa na cabeça. Vi também que essa figura dominava as figuras ao seu lado e que seus cabelos, como os meus, eram longos e cheios, além do fato de sua barba e bigode terem formato semelhante.

Havia palavras escritas em latim no vidro, em três estrofes, que eu a princípio não compreendi. No entanto, o padre foi até a parede mais distante e, erguendo-se para indicá-las, já que estavam muito acima da sua cabeça, ele as traduziu para mim do latim para o inglês de tal forma que seu significado fosse completo e perfeito.

Santo Ashlar, amado de Cristo  
e da Santa Virgem Maria,  
Que voltará novamente.

Cure os enfermos

Console os aflitos  
Amenize as dores  
Dos que devem morrer

Salve-nos  
Da escuridão eterna  
Expulse os demônios do vale.  
Seja nosso guia  
Até a Luz.

Encheu-se de reverência a minha alma. A música recomeçou, ao longe, jubilosa como antes. Eu lhe ofereci resistência, procurando não deixar que ela me dominasse, mas não consegui impedir que isso acontecesse. Dissipou-se o encanto das palavras em latim, e em seguida fui levado embora dali.

Logo estávamos reunidos nos aposentos do padre na casa paroquial da catedral, e ele estava sentado conosco ao redor de uma mesa. O quarto era pequeno e aconchegante, totalmente diferente de qualquer cômodo que eu vira até então, a não ser numa estalagem rural, talvez. E me pareceu muito agradável.

Levei minhas mãos para perto do fogo, mas me lembrei de que o grande senhor tivera vontade de me queimar e recolhi as mãos para dentro da pelerine de veludo.

- O que é essa coisa, Taltos? - disse eu, voltando-me de repente para encarar os três, que me contemplavam em silêncio. - Que nome é esse que vocês me chamaram? E quem é Ashlar, o santo que volta?

Com essa última pergunta, meu pai fechou os olhos com uma forte decepção e abaixou a cabeça. O pai dele pareceu feroz, com uma ira justificada, mas o padre apenas continuou a me olhar como se eu tivesse vindo do céu. Foi ele quem falou.

- Você é ele, meu filho. Você é Ashlar, pois foi um dom de Deus a Ashlar o de voltar a ser carne mais de uma vez; na realidade, o de voltar inúmeras vezes

ao mundo para a honra e a glória do seu criador, tendo-lhe sido concedida essa dispensa das leis da natureza, da mesma forma que à virgem quando subiu aos céus e ao profeta Elias, que foi alçado aos céus de corpo e alma. Deus encarregou-se de que você encontrasse seu caminho de volta ao mundo mais de uma vez através do ventre de uma mulher, e talvez até mesmo através do pecado de uma mulher.

- Ah, disso eu tenho certeza! - exclamou, sombrio, o grande senhor. - Se não foi dos elementais, teve de ser de um filho do nosso clã e uma bruxa.

Meu pai estava tão assustado quanto envergonhado. Olhei para o padre. Tive vontade de falar da minha mãe, do seu dedo a mais na mão esquerda, de como o exibira para mim afirmando tratar-se do dedo de uma bruxa, mas não tive coragem. Eu sabia que o velho senhor queria me destruir. Eu sentia seu ódio, e ele era pior do que o frio mais terrível e rigoroso.

- Estou dizendo que a marca de Deus esteve no nascimento - afirmou o grande senhor. - Meu filho maldito fez o que nem todos os elementais espalhados pelos montes conseguiram fazer em centenas de anos.

- E o senhor tem tanta certeza disso? - perguntou o padre. - Como sabe que esse não é um mutante, mas seu descendente? Como?

- A mãe tinha seis dedos! - disse meu pai, num sussurro.

- E você se deitou com ela! - protestou o grande senhor.

Meu pai fez que sim, isso mesmo. Murmurou, ainda, que ela era uma dama importante, cujo nome não podia mencionar, mas que era importante o suficiente para amedrontá-lo.

- Ninguém deve saber disso - disse o padre. - Ninguém deve saber o que ocorreu. Vou me encarregar dessa criança abençoada e me certificar de que ela seja consagrada à Virgem, de que jamais toque no corpo de uma mulher.

Ele, então, me instalou num quarto aquecido, onde eu podia passar a noite. Trancou a porta por fora. Havia apenas uma janela minúscula. O ar frio entrava por ali, mas eu podia ver um pedacinho do céu, algumas estrelas muito pequenas e brilhantes.

O que todas aquelas palavras significavam? Eu não sabia. Quando fiquei em pé em cima da cama e espiei pela janela, quando vi a floresta escura e o perfil irregular das montanhas, senti medo. Imaginei estar vendo os elementais chegando ali. Achei que os ouvia. Que ouvia seus tambores. Eles costumavam usar seus tambores para deixar um Taltos paralisado, para deixá-lo indefeso, e em seguida o cercavam. Faça um gigante para nós, faça uma mulher gigante. Faça uma raça que castigue as pessoas, que as faça desaparecer da terra. Um deles subiria pela parede, soltaria as grades da janela, e logo eles entrariam...

Joguei-me na cama mas, quando voltei a erguer os olhos, vi que as grades estavam firmes. Aquilo havia sido uma fantasia. Na verdade, eu já havia passado noites em estalagens rústicas com bêbados que peidavam e prostitutas que arrotavam, bem como outras nos próprios bosques em que até mesmo os lobos fugiam dos elementais.

Agora eu estava em segurança.

Devia ter sido uma hora antes do amanhecer quando o padre me chamou.

No que me dizia respeito, era a hora das bruxas, pois havia um sino tocando, de modo agourento e incessante. E, quando acordei, soube que havia ouvido esse sino, como um martelo que cai repetidamente sobre a bigorna, enquanto dormia. O padre me sacudiu pelo ombro.

- Venha comigo, Ashlar - disse ele.

Vi as ameias da cidade. Vi os archotes da sentinela. Vi o céu negro e as estrelas lá em cima. A neve jazia inerte sobre o chão. O sino soava insistente, e o som ecoava dentro de mim, me abalava de tal modo que o padre estendeu a mão para me dar apoio e garantir que eu andasse ao seu lado.

- Esse é o Dobre do Demônio - disse o padre. - Está tocando para expulsar do vale os demônios e espíritos do mal, para fazer debandar qualquer outro mal que esteja à espreita no vale. Para dispersar os elementais se eles ousaram sair. Eles já podem estar sabendo que você chegou. O sino irá nos proteger. O sino os expulsará para dentro da floresta, onde não poderão fazer mal a ninguém a não ser aos da sua própria espécie.

- Mas quem são esses seres? - sussurrei. - Estou com medo do barulho do sino.

- Não, filho, não. Ele não é para assustá-lo. Ele é a voz de Deus. Dê um passo atrás do outro e entre na igreja comigo. - Seu braço me enlaçava forte e aconchegante, instigando-me a prosseguir. E mais uma vez ele me beijou no rosto com delicadeza, causando cócegas.

- Está bem, padre. - Aquilo era como o leite para mim, como já disse, aquele afeto.

A catedral estava deserta, e eu ouvia o sino mais ao longe agora, já que ele ficava no alto da torre e estava instalado de modo a ressoar nas montanhas, não dentro da igreja.

Ele beijou meu rosto mais uma vez com carinho e me puxou até a capela do santo. Fazia frio, pois agora não havia milhares de corpos mornos dentro da catedral, e o inverno escuro estava ali encostado no vidro.

- Meu filho, você é Ashlar. Não há nenhuma dúvida. Agora me diga o que se lembra do seu nascimento.

Eu não quis responder. Uma vergonha horrenda se abatia sobre mim quando eu pensava na minha mãe, chorando de medo, quando eu me lembrava das suas mãos que me empurravam, na tentativa de que eu me afastasse dela, e meus lábios se fechavam sobre o bico do seio mamando.

Não lhe dei resposta.

- Padre, diga-me quem é Ashlar. Diga-me o que eu devo fazer.

- Está bem, meu filho, vou lhe dizer. Você vai ser mandado para a Itália. Vai ser mandado para a casa da nossa Ordem na cidade de Assis. E lá estudará para ser padre.

Refleti sobre essas palavras, mas no fundo elas não significavam nada para mim.

- Agora neste país os bons padres são perseguidos. Fora deste vale estão seguidores rebeldes do rei e outros, os luteranos irados e uma corja incontável que nos destruiria e destruiria nossa grande catedral, se conseguissem. Você nos

foi enviado para nos salvar, mas precisa ser instruído e ordenado. E, acima de tudo, você precisa se consagrar à virgem. Não deve jamais tocar no corpo de uma mulher. Deve renunciar a esse prazer pela glória de Deus. Ouça o que lhe digo e não se esqueça nunca, o pecado com as mulheres não é para você. Faça o que quiser com outros frades. Desde que se sirva a Deus, qual é o problema? Mas jamais toque no corpo de uma mulher.

- Ora, esta noite, há homens prontos para levá-lo embora por mar. Eles se certificarão de que você chegue à Itália. E então, quando Deus nos der um sinal de que chegou a hora certa, ou quando Deus revelar Seus desígnios diretamente a você, então você voltará para casa.

- E então o que irei fazer?

- Liderar o povo, liderá-los na oração, rezar a missa para eles, impor suas mãos e fazer curas como antes. Resgatar as pessoas dos demônios luteranos! Ser o santo!

Parecia mentira, uma rematada mentira. Ou melhor, uma missão impossível. O que era a Itália? Por que eu deveria ir?

- Será que vou conseguir? - perguntei.

- Vai, meu filho, você vai conseguir. - E prosseguiu, entre dentes, com um sorrisinho travesso. - Você é Taltos. O Taltos é um milagre. O Taltos consegue coisas milagrosas!

- Quer dizer que as duas histórias são verdadeiras. Eu sou o santo, eu sou o monstro de nome estranho.

- Quando estiver na Itália, quando estiver na Basílica de São Francisco, o santo o abençoará e tudo estará nas mãos de Deus. As pessoas temem o Taltos, elas contam as velhas lendas. Mas o Taltos surge apenas uma vez em alguns séculos e ele é sempre um bom augúrio! Santo Ashlar foi um Taltos e é por isso que nós, que sabemos disso, dizemos que ele volta.

- Então, eu sou um ser diferente dos homens mortais - disse eu. - E você quer que eu declare que vou imitar esse santo.

- Ah, você é muito esperto para um Taltos. No entanto, você tem a simplicidade divina, a bondade. Mas deixe-me expor a situação da seguinte maneira para o seu coração, que é tão puro. A escolha é sua, você entende? Você pode ser o Taltos do mal, ou pode ser o santo! Ai se eu tivesse essa escolha! Ai se eu não fosse um padre fraco numa época em que os padres são queimados vivos pelo rei da Inglaterra, ou arrastados e esquartejados, ou coisa pior. Na Alemanha, hoje mesmo, Lutero recebe suas revelações de Deus, sentado numa latrina e lança excrementos na cara do Demônio! E, isso é religião. É isso o que ela é agora. Você ia preferir o vale, as trevas e uma vida de indigência e terror? Ou prefere ser nosso santo?

Sem esperar que eu respondesse, ele prosseguiu em voz baixa e entristecida.

- Você sabe que o próprio Sir Thomas More foi executado em Londres, que sua cabeça foi arrancada e enfiada num ferro da ponte de Londres? Foi esse o desejo da prostituta do rei! É esse o estado de coisas!

Tive vontade de fugir. Não sabia se conseguiria. Se eu pudesse correr livre lá fora onde o amanhecer vinha chegando, onde os pássaros do inverno começavam a cantar... Suas palavras me confundiam e me atormentavam. E no entanto, quando pensei nos bosques ao redor, no próprio vale, fiquei assustado demais para me mexer. Brotou em mim algum pavor horrendo que fez com que meu coração batesse forte e as palmas das minhas mãos ficassem úmidas

- Um Taltos não é nada! - disse ele, inclinando-se mais para perto de mim.  
- Entre nas florestas se quiser ser um Taltos. Os elementais o encontrarão. Eles o farão prisioneiro e procurarão gerar com você um exército de gigantes. Isso não acontecerá. Não pode acontecer. Sua prole ou sairá monstruosa ou não será nada. Mas um santo! Meu Deus, você pode ser um santo!

Ah, é, os elementais. Contemplei-o procurando entendê-lo.

- Você pode ser um santo!

Alguns homens haviam entrado na catedral, com armas pesadas e cobertos por mantos de peles. A eles, o padre deu instruções em latim, que àquela

altura eu mal compreendia. Eu sabia que seria levado "por mar" para a Itália. E que eu era um prisioneiro. Fiquei ali parado, cheio de pavor, e em meu desespero voltei-me para olhar de frente para a janela de Santo Ashlar, como se ele pudesse me salvar de tudo isso.

Ergui os olhos até o vitral, e nesse exato momento ocorreu um simples milagre. O sol havia nascido e, embora ele não atingisse aquela janela com seus raios, a luz forte e intensa a encheu, fazendo surgir as cores belas e nítidas. O santo parecia pleno de um fogo silencioso. O santo sorriu para mim, com seus olhos escuros ardentes no vitral, seus lábios rosados, seus trajes vermelhos. Eu sabia que isso resultava do nascer do sol, mas não conseguia afastar meus olhos.

Uma imensa paz tomou conta de mim. Pensei no rosto horrorizado da minha mãe, nos seus berros que ecoavam no pequeno aposento. Vi os nobres parentes do clã de Donnelaith fugindo de mim como se fossem ratazanas!

- Seja o santo! - disse o padre para mim, num sussurro.

E ali, naquele instante, o voto ficou claro para mim, muito embora eu não tivesse coragem para pronunciar as palavras.

Eu olhava para a janela. Decorei os detalhes do santo. Vi que ele estava parado descalço sobre os corpos jogados dos elementais... os Demônios do Inferno. E vejam só, na mão ele segurava um cajado, e a ponta do cajado perfurava o corpo do Diabo. Examinei os corpos bem desenhados dos anões. Ouvi o que dizia meu coração.

A luz do dia batia agora tão intensa na janela que as cores mais fortes começaram a refulgir. O santo era feito de pedras preciosas! Uma visão tremeluzente de ouro cintilante, de um azul profundíssimo, de um vermelho rubi e de um branco luminoso.

- Santo Ashlar! - murmurei.

Os homens armados me agarraram.

- Vá com Deus, Ashlar. Entregue sua alma a Deus e, quando a morte vier outra vez, você conhecerá a paz.



Esse foi meu nascimento, senhores. Foi assim que fui recebido em casa. Agora vou lhes contar o que aconteceu em seguida, a que alturas cheguei. Fui então levado embora. Eu nunca mais voltaria a ver o grande senhor.

Ao que eu soubesse, eu nunca mais veria o vale, a catedral ou padre. Estava à minha espera uma pequena embarcação que teve de abrir caminho pela enseada gelada e depois seguir para o sul ao longo do litoral até me embarcarem num grande navio. Meu camarote era apertado. Eu era praticamente um prisioneiro. Só bebia leite porque qualquer outra comida me repugnava, e o mar violento me deixava constantemente enjoado.

Ninguém pensou em me informar por que motivo eu estava trancado, ou em me consolar de alguma forma. Pelo contrário, eu não tinha nada para estudar, para ler, nem um terço para poder rezar. Os homens barbados que cuidavam de mim pareciam ter medo de mim e não se dispunham a responder nenhuma pergunta. Afinal, caí numa espécie de estupor, cantando canções, que eu compunha com as palavras que conhecia.

Às vezes eu tinha a impressão de estar compondo canções com palavras como as pessoas fazem guirlandas de flores, apenas com um pensamento de como essa palavra ou aquela era bonita. Eu cantava por horas a fio. Minha voz era grave, e eu gostava do seu som. Deitava-me satisfeito, com os olhos fechados, entoando variantes dos hinos que ouvira em Donnelaith. Eu não parava enquanto não me acordassem, não me tirassem do transe, ou enquanto não adormecesse.

Não me lembro de quando percebi que o inverno terminara, ou que havíamos nos afastado dele, que estávamos ao longo da costa da Itália e que, ao olhar pela pequena janela com grades, eu via o sol a cair gracioso sobre montes verdes e penhascos de beleza indescritível. Atracamos, afinal, junto a uma próspera cidade, igual, a ela eu nunca havia visto nenhuma.

Foi quando me aconteceu algo assombroso. Fui levado por esses dois homens, que ainda se recusavam a responder minhas perguntas, e deixado junto

ao portão de um mosteiro, depois que eles tocaram o sino. Um pequeno embrulho foi enfiado nas minhas mãos.

Fiquei ali parado, ofuscado pelo sol e me virei para ver o monge, que abria o portão para mim, examinando-me da cabeça aos pés. Eu ainda usava as belas roupas de Londres, mas agora elas estavam muito sujas da longa viagem, e meu cabelo e minha barba já estavam muito compridos. Eu não trazia nada comigo a não ser esse embrulho e, confuso, o entreguei ao monge.

Ele o desembalou imediatamente, removendo o couro e o tecido esfarrapado, e o segurou. Eu pude ver, então, que se tratava de uma longa carta em pergaminho que havia sido dobrada in-quarto.

- Entre, por favor - disse-me o monge com delicadeza. Ele olhou de relance para o pergaminho desdobrado. Afastou-se, então, às pressas, deixando-me num pátio belo e tranquilo, cheio de flores douradas e aquecido pelo sol do meio-dia. Eu ouvia cânticos ao longe, o som melancólico e lamentoso de vozes masculinas, como as dos monges de Donnelaith. Adorei a música. Fechei meus olhos e fiquei respirando o canto e o perfume das flores.

Entraram, então, no pátio alguns monges. Os da Escócia trajavam-se de branco, mas os dali usavam um marrom grosseiro e sandálias nos pés. Eles me cercaram, me abraçaram e me beijaram nos dois lados do rosto.

- Irmão Ashlar! - Todos se dirigiram a mim, mais ou menos em uníssono.

E seus sorrisos eram tão afetuosos, tão cheios de amor que eu comecei a chorar.

- Esta será a sua vida agora. Não sinta mais medo. Você vai viver e prosperar no amor de Deus.

Vi, então, o pergaminho aberto que um deles trazia.

- O que diz aí? - perguntei em inglês.

- Que você dedicou a vida a Cristo. Que você deseja seguir os passos do nosso fundador, São Francisco, que você deseja ser um padre de Deus.

Seguiram-se mais abraços e palavras de ternura desses homens, que não sentiam absolutamente nenhum medo de mim, e me ocorreu que eles não sabiam

de nada a meu respeito. Não sabiam como eu havia nascido. E, ao me inspecionar, minhas mãos, minhas pernas, meu cabelo, achei que, não fosse pela minha altura e meus longos cachos, eu bem poderia ser um deles.

Isso me intrigou.

Durante toda a refeição vespertina, na qual eles me alimentaram muito melhor do que a si mesmos, permaneci calado, sem saber ao certo o que deveria dizer ou fazer. Estava perfeitamente claro para mim que eu poderia sair daquele lugar se eu quisesse. Que eu poderia pular o muro.

Mas por que eu iria fazê-lo?, pensei. Entrei na capela com eles. Uni-me a eles no canto. Quando ouviram minha voz, eles baixaram a cabeça, sorriram e me tocaram em sinal de aprovação e eu logo estava mergulhado na música, a olhar novamente para o crucifixo, exatamente o mesmo símbolo, Cristo pregado à cruz. Não estou dizendo isso para parecer simples. Falo assim para que vocês imaginem o que eu estava vendo, aquele corpo torturado, aflito, espancado, corado com espinhos, ensangüentado. O Homem Folha, queimado na sua gaiola, escoraçado pelos campos pelos que estavam armados de varas.

Uma imensa felicidade me dominou. Fiz um acordo comigo mesmo. Fique algum tempo. Você sempre poderá fugir amanhã. Mas se fugir, perderá esse lugar, perderá Santo Ashlar.

- Não precisam trancar a porta - disse eu, naquela noite, quando me levaram para a cela.

Eles ficaram surpresos e confusos. Disseram que não haviam pretendido trancá-la. Mostraram-me, de fato, que não havia tranca.

Fiquei ali deitado, de livre e espontânea vontade, na noite quente da Itália, a sonhar. E de vez em quando, eu ouvia seus coros.

Pela manhã, quando me avisaram que estava na hora de ir para Assis, eu disse que estava pronto. Iríamos a pé, disseram eles, pois éramos observantes franciscanos, fiéis ao espírito do irmão Francisco. e nos recusávamos a montar num cavalo.

## Capítulo 35

### PROSSEGUE A HISTÓRIA DE LASHER

Quando chegamos a Assis, eu já aprendera a amar os frades com quem estava viajando e compreendera que eles de fato nada sabiam a meu respeito a não ser que eu queria ser padre. Eu estava trajado de modo semelhante ao deles para essa viagem, num hábito marrom, com sandálias e apenas com uma corda em volta da cintura. Eu ainda não havia cortado o cabelo, e trazia minhas belas roupas numa trouxa, mas era muito parecido com eles.

Enquanto caminhávamos pela beira da estrada, esses padres me contaram as histórias de São Francisco de Assis, o fundador da sua Ordem, de como Francisco, o rico, renunciara à fortuna para se tornar mendigo e pregar, para cuidar dos leprosos, de quem sentia um medo mortal, e ser tão amoroso com todos os seres vivos que os pássaros do ar vinham pousar nos seus braços e o lobo ficava manso com um toque seu.

Belas imagens se formavam em minha mente enquanto eles falavam. Eu via o rosto de Francisco, um amálgama talvez do radiante franciscano de olhos verdes da Escócia e dos seus próprios rostos inocentes. Ou talvez fosse um mero ideal inventado por alguma parte de mim que já estava desenvolvida, a de gerar imagens e sonhos.

Fosse como fosse, eu conhecia Francisco. Eu o conhecia. Eu conhecia seu medo quando o pai o amaldiçoou. Conhecia sua alegria quando ele se entregou a Cristo. Acima de tudo, conhecia seu amor quando ele se dirigia a todas as criaturas como seus irmãos e irmãs, e conhecia seu amor pela gente que víamos ao nosso redor, os camponeses da Itália a trabalhar nos campos, os habitantes das cidades e aqueles nos mosteiros e solares, que nos ofereciam um gentil abrigo para a noite.

Na verdade, quanto mais feliz eu me sentia, mais começava a me perguntar se meu nascimento na Grã-Bretanha não havia sido algum tipo de pesadelo, algo que não podia absolutamente ter acontecido.

Eu sentia que meu lugar era com aqueles franciscanos. Meu lugar era com São Francisco. Eu havia nascido fora do meu lugar. E, se ser santo significava ser igual a Francisco, ora, isso muito me alegrava. Tudo aquilo me parecia natural. E me trazia paz, como se eu estivesse me lembrando de um tempo em que todos os seres eram mansos, antes que algo terrível acontecesse.

Por onde quer que fôssemos, víamos crianças, trabalhando nos campos com os pais, brincando nas ruas das aldeias. Quando entramos na sublime cidade de Assis, ela estava repleta de crianças de todas as idades, como qualquer cidade, e eu compreendi, sem que me explicassem, que aqueles eram pequenos seres humanos a caminho da maturidade. Eles não eram os temíveis elementais, meus inimigos que me matariam de inveja, aquele amargo vislumbre de conhecimento que só servira para me deixar apavorado sem qualquer compreensão maior do que significava. Ah, como eram belos esses humanos em desenvolvimento, que cresciam lentamente, levando anos e mais anos para atingir a altura e a capacidade que eu atingira durante e logo após meu nascimento.

Quando eu via as mães amamentando, queria o leite. Mas eu sabia que não se tratava do leite de uma bruxa. Não era assim tão forte. Não me ajudaria. Mas eu estava crescendo, não estava? Eu me tomara ainda mais alto durante a viagem. E para o mundo inteiro eu aparentava ser um humano forte e saudável de seus vinte anos.

Quaisquer que fossem meus pensamentos a respeito disso, decidi nada revelar. Pelo contrário, saí da minha concha em meio aos que me cercavam. Eu estava encantado pelo campo, pelos vinhedos, pelas plantas e, acima de tudo, pela luz agradável do sol italiano.

A própria cidade de Assis ficava numa grande elevação, de tal modo que de muitos belvederes era possível ver a paisagem ao redor em todo o seu suave

esplendor, tão mais atraente do que os ameaçadores penhascos e picos cobertos de neve que cercavam Donnelaith.

Na verdade, minha lembrança dos acontecimentos em Donnelaith começava a ficar obscura. Se eu não tivesse aprendido a escrever nas semanas seguintes e não tivesse registrado tudo num código secreto, eu poderia ter realmente apagado da minha memória as minhas origens. À medida que o tempo passava, elas sem dúvida começaram a me parecer difusas.

Voltemos, porém, ao momento. Entramos pelos portões de Assis ao meio-dia. Fui levado imediatamente à Basílica de São Francisco no outro lado da cidade: um prédio imponente, embora sem nada da frieza da catedral de Donnelaith. Na verdade, o prédio não possuía arcos pontiagudos, mas arredondados, e suas paredes estavam cobertas de quadros maravilhosos do santo, sob os quais estava o seu túmulo, ao qual acorriam multidões de fiéis. como acontecia com Santo Ashlar no lugar onde nasci.

Centenas avançavam para caminhar em volta do túmulo do santo, que não apresentava nenhuma efígie sua e era enorme, bem como para tocá-lo com as mãos, beijá-lo e orar em voz alta a São Francisco, implorando por curas, por alívio do sofrimento, por sua intercessão especial junto ao bom Deus.

Eu também pus minhas mãos no sarcófago e fiz minha prece a Francisco, que agora tinha para mim uma personalidade, era uma figura envolta em cor e fantasias.

- Francisco - sussurrei para a pedra. - Estou aqui. Estou aqui para me tornar frade, mas você sabe que fui mandado para cá para me tornar santo.

Uma onda de orgulho me dominou. Ninguém conhecia o segredo. Que eu um dia voltaria à Escócia com os ensinamentos de Francisco e possivelmente salvaria meu povo, como o bom padre de lá me dissera que eu devia fazer. Eu estava destinado, através da humildade, a grandes realizações.

Mas eu via esse orgulho sem disfarces. "Se quiser tornar-se santo, devera ser de verdade", pensei comigo mesmo. "Você deve imitar Francisco e esses frades, bem como os outros santos de quem lhe falaram. Deve esquecer essa

ambição. Pois um santo não pode ambicionar ser santo. Um santo é o servo de Cristo. Cristo pode decidir que você não vai ser nada! Esteja pronto para tudo."

No entanto, embora eu fizesse essa confissão ou essa admoestação em prece a mim mesmo, no fundo eu me sentia confiante. Estou destinado a brilhar como a imagem de Santo Ashlar no vitral.

Permaneci muitas horas no santuário, quase inebriado com a devoção daqueles que passavam pelo grande túmulo de pedra. Senti seu fervor quase como se fosse música. Na realidade, agora estava claro para mim que eu tinha uma hipersensibilidade, como se diria hoje em dia, não apenas com relação à música, mas a todos os sons em geral. O trinado dos pássaros, o timbre das vozes das pessoas, os ritmos e rimas acidentais da fala, tudo isso me afetava. Na verdade, quando encontrava uma pessoa que falava naturalmente com aliterações, eu ficava quase paralisado.

Mas o que me paralisava aqui no santuário era o delírio dos fiéis e a especial intensidade de devoção que o próprio Francisco inspirava.

Naquele mesmo dia, fui levado até a Porciúncula, a ermida na qual Francisco e seus seguidores haviam levado sua vida solitária. Ali estavam as primeiras celas. Dali se via a bela e majestosa paisagem do campo. Era nesse lugar que Francisco havia caminhado e orado.

Agora eu não tinha mais nenhuma idéia de um dia ir embora. O que me preocupava não eram os votos de pobreza, castidade, obediência. O que eu temia era meu orgulho secreto, que essa lenda de Santo Ashlar me corroesse a alma enquanto estivesse de fato me instigando a prosseguir.

Permitam-me fazer agora uma pausa para deixar claro um ponto de enorme importância. Eu não sairia da Itália, nem deixaria aquela vida de franciscano, por mais de vinte anos. O tempo exato? Não sei. Nunca soube. Não foram trinta e três anos, pois eu me lembraria desse número como da idade de Cristo.

Estou lhes dizendo isso para que vocês compreendam duas coisas. Que eu não me apresso a chegar em Donnelaith neste relato, porque ainda não está

na hora, e que, durante esse tempo, meu corpo permaneceu vigoroso e ágil, forte e exatamente o mesmo. Minha pele ficou um pouco menos fina, perdendo a maciez da pele de bebê, e meu rosto adquiriu rugas de expressão, mas não muitas. Em todos os outros sentidos... bem em quase todos... continuei o mesmo.

Quero que vocês compreendam como eu estava feliz naquela vida de franciscano, como aquela vida me era natural, porque num certo sentido esse é o cerne do que desejo transmitir.

O Natal era uma grande festa na Itália, como havia sido na Highland de pesadelo que eu vira por tão curto tempo. Ele se tornou para mim o mais solene e significativo de todos os Dias Santos. E, onde quer que eu estivesse na Itália, sempre voltava para casa em Assis nessa época do ano.

Mesmo antes do meu primeiro Natal ali, eu já havia lido a história do Menino Jesus nascido na manjedoura e admirado inúmeros quadros da cena. E eu me entregara do fundo do coração ao pequeno bebê nos braços de Maria.

Eu fechava meus olhos e imaginava ser um pequeno bebê, o que eu nunca havia sido, indefeso, ansioso e inocente. E a sensação que me dominava era de enlevo. Resolvi-me a ver Cristo, uma criança pura, em cada homem e mulher com quem falasse. Se eu sofresse um momento de raiva ou irritação, o que era raro, pensava no Menino Jesus. Imaginava que eu O estava segurando nos braços. Eu acreditava Nele totalmente e que um dia, quando meu destino se cumprisse, fosse ele qual fosse ou quando fosse, eu estaria com Cristo. Eu me ajoelharia junto à manjedoura e tocaria na mãozinha do Menino Jesus.

Deus era, afinal de contas, eterno. Criança, Homem, Salvador Crucificado, Deus pai, Deus Espírito Santo, tudo era um só. Eu percebi isso com perfeita clareza quase de imediato. Eu via isso com tanta plenitude que as questões teológicas me faziam rir.

Na época em que deixei a Itália, eu já era um sacerdote de Deus, um pregador renomado, cantor de cânticos, fazia curas esporádicas e trazia consolo ou felicidade a todos os que conhecia.

Deixem-me, porém, explicar com maior cuidado.



Desde o início, meu jeito inocente e minha franqueza espantavam a todos. Eles nunca adivinharam a verdadeira razão disso, o fato de eu ser criança. Que eu me fartasse de leite e queijo parecia engraçado às pessoas. Minha velocidade de aprendizado também atraía o amor de todos à minha volta. Pouco tempo depois, eu já sabia escrever em italiano, inglês e latim.

Uma santidade intransigente dominava meu corpo e minha alma. Não havia tarefa humilhante demais para mim. Eu saía com os que cuidavam dos leprosos fora dos portões da cidade.

Eu não tinha medo dos leprosos. Poderia tê-lo tido, creio eu, mas eu não o cultivava. E aí reside um segredo da minha natureza. Eu parecia ser capaz de cultivar o que desejava. Nada até então me repugnava seriamente, a não ser o ódio e a violência. E essa atitude permaneceu constante durante todos os meus anos na terra. Ou eu ficava entristecido com alguma coisa ou era seduzido por ela. Raramente havia um meio-termo.

Na verdade, eu sentia um fascínio pelos leprosos porque outras pessoas sentiam tanto medo deles. E é claro que eu sabia que Francisco havia lutado para superar o dele, e eu estava determinado a ser tão nobre quanto ele. Eu consolava os leprosos. Eu lhes dava banho e vestia aqueles em que a doença estava tão avançada que eles não se cuidavam mais. Tendo ouvido falar que Santa Catarina de Siena bebeu uma vez a água do banho de um leproso, eu fiz alegremente o mesmo.

Desde muito cedo, tornei-me conhecido em Assis: o inocente, o deslumbrado, o louco por Deus, por assim dizer. Um jovem monge que realmente está incendiado pelo espírito de Francisco, que faz com naturalidade o que Francisco queria que nós todos fizéssemos.

E, como eu era tão perfeitamente desprovido de sofisticação, tão incapaz de conluios, tão infantil, se assim quiserem, as pessoas costumavam se abrir comigo, me contar coisas, instigadas pelo meu olhar brilhante e curioso. Eu prestava atenção a tudo. Nem uma palavra era desperdiçada. Imagine só, o enorme bebê que eu era, aprendendo com os ínfimos gestos das pessoas e com

suas confissões mais insignificantes todas as principais verdades da vida. Isso era o que estava acontecendo dentro da minha cabeça.

À noite eu aprendia a ler e afinal a escrever. E escrevia constantemente, mantendo-me com o mínimo sono possível. Eu decorava canções e poemas. Estudava as pinturas da Basílica, os famosos murais de Giotto que descrevem todos os acontecimentos de importância na vida de Francisco, incluindo-se a forma pela qual os estigmas lhe apareceram: os ferimentos de Deus nas suas mãos e pés. E saía em meio aos peregrinos para falar com eles, para ouvir o que tinham a dizer do mundo.

O primeiro ano de que me dei conta foi o de 1536. Eu ia com frequência a Florença para fazer donativos aos pobres, para visitar seus casebres e lhes trazer pão e algo para beber. Florença ainda era uma cidade dos Médicis. Talvez já tivesse passado seu período de maior glória, como alguns afirmaram desde então, mas naquela época acho que ninguém teria dito uma coisa dessas.

Pelo contrário, Florença era um lugar magnífico e próspero. Livros impressos eram ali vendidos aos milhares; as esculturas de Miguel Ângelo eram vistas por toda parte. As guildas ainda eram poderosas, embora uma boa proporção do comércio se houvesse transferido para o Novo Mundo e a cidade era um interminável espetáculo de procissões, como a grande Procissão de Corpus Christi, e de apresentações de quadros vivos e peças.

O banco dos Médicis era na época o maior banco do mundo.

Por todos os cantos de Florença, os homens e as mulheres sabiam ler, refletir e conversar. Foi essa a cidade que produziu o poeta Dante e o gênio político de Maquiavel. A cidade que gerou Fra Angelico e Giotto, Leonardo da Vinci e Botticelli, uma cidade de grandes escritores, grandes pintores, grandes príncipes e grandes santos. A própria cidade era feita de pedra e repleta de palácios, igrejas, fantásticas piazzas, jardins e pontes. Talvez ela fosse uma cidade ímpar no mundo. Sem dúvida ela acreditava que era, e eu também.

À medida que meus deveres foram se ampliando, logo vim a conhecer cada centímetro de Florença e ali, de um modo ou de outro, ouvia todas as

notícias do mundo. É claro que o mundo estava a um passo da catástrofe! As pessoas não paravam de falar nos dias finais.

O inglês Henrique VIII havia abandonado a verdadeira fé. A majestosa cidade de Roma estava apenas se recuperando da pilhagem que sofrera por parte de tropas protestantes bem como de católicos espanhóis. Na realidade, o papa e os cardeais haviam precisado abrigar-se no castelo de Sant'Ângelo, e isso havia provocado no povo uma profunda decepção e desconfiança.

A Peste Negra ainda estava conosco, surgindo aproximadamente de dez em dez anos para fazer suas vítimas. Havia guerras no continente europeu.

As piores histórias, no entanto, eram as dos protestantes nos outros países, do louco Martinho Lutero, que havia instigado todo o povo alemão contra a Igreja, além de outras heresias fanáticas como os anabatistas e os calvinistas que todos os dias faziam conquistas no reino das almas cristãs.

Os rumores eram que o papa podia fazer nada contra essas heresias. Concílios eram convocados incessantemente, mas nada era realmente feito. A Igreja estava dedicada a se reformar em reação aos grandes hereges, João Calvino e Martinho Lutero. No entanto, o mundo parecia ter sido partido ao meio pelos protestantes, que arrasaram toda uma cultura diante de si quando romperam com a autoridade do papa.

E mesmo assim, nosso mundo de Assis, Florença e das outras cidades grandes e pequenas da Itália, parecia rico, esplêndido e dedicado ao Verdadeiro Cristo. Quando eu lia as Escrituras, parecia-me impossível acreditar que Nosso Senhor não caminhará pela Via Appia. A Itália enchia minha alma, com sua música, seus jardins, seus campos verdejantes. Ela me parecia o único lugar em que eu sempre ia querer estar. Roma era a única cidade que eu amava mais do que a Florença, e talvez apenas em virtude do seu tamanho, do esplendor de São Pedro. Mas Veneza também era uma enorme maravilha. Para mim, os pobres de uma cidade eram muito parecidos com os de outra. Os famintos eram os famintos. Estavam sempre à minha espera, de braços abertos.

Eu considerava fácil e natural ser um verdadeiro Poverello: não possuir nada, procurar abrigo onde estivesse ao anoitecer, permitir que o Espírito Santo penetrasse em mim quando me faziam alguma pergunta complexa ou quando me pediam que declarasse a verdade.

Experimentei alegria quando preguei meu primeiro sermão em Florença, com os braços muito abertos, evitando, como era nosso costume, toda disputa sobre teologia, e falando apenas da total dedicação a Deus.

- Devemos ser como o Menino Jesus, tão inocentes, tão confiantes, tão bons quanto ele. É claro que esse havia sido o exato desejo de Francisco, que fôssemos verdadeiros mendigos errantes, falando com sinceridade. Havia, porém, muita dissidência em nossa Ordem por questões de interpretação. Qual era a real intenção de Francisco? Que tipo de organização deveríamos ter? Quem era verdadeiramente pobre? Quem era verdadeiramente puro?

Eu evitava todas as decisões e conclusões. Atestava em voz alta as idéias de Francisco. Moldava minha vida segundo a dele. Eu me perdia totalmente em atos de caridade e cuidava dos enfermos com bons resultados.

Não era nenhum milagre. Nenhum homem largou as muletas gritando que podia andar. Em primeiro lugar, manifestou-se em mim um talento para cuidar dos enfermos, para ajudar os que corriam perigo a superar a febre, a trazê-los de volta dos limites. Pode ter sido o que as pessoas chamam de natural. Mas eu comecei a sentir esse poder de um certo modo, comecei a aprender a aperfeiçoá-lo a partir de pequenos detalhes. Que, se eu mesmo segurasse o copo para o enfermo, ele aproveitaria mais o gole d'água do que se eu deixasse que outra pessoa segurasse o copo.

Durante esses primeiros anos, uma outra forma de conhecimento veio a mim: a de que muitos dos meus irmãos na Ordem não cumpriam o voto de castidade. Eles de fato possuíam amantes, visitavam os bordéis oficiais de Florença ou faziam amor uns com os outros sob a proteção da noite. Na realidade, eu mesmo passava o tempo todo observando belos rapazes e moças e sentindo desejo por eles. Às vezes, despertava à noite em meio a sonhos sensuais.

Quando cheguei a Itália, eu já estava perfeitamente crescido, com pêlos escuros em volta dos genitais e debaixo dos braços. Eu sempre havia sido como os outros homens sob esses aspectos.

Lembrei-me das palavras do franciscano em Donnelaith. "Não deve jamais tocar no corpo de uma mulher." Eu pensava muito nessas palavras. É claro que eu já chegara à conclusão de que a cópula levava homens e mulheres a terem filhos. E concluí que eu havia recebido essa severa advertência por um motivo: para que eu não gerasse outro monstro como eu.

Mas que tipo de monstro era eu? Eu já não tinha mais certeza. Meu nascimento e minhas origens tornaram-se uma tortura em retrospectiva, uma desgraça que eu não podia confiar a ninguém.

Nessa época também, durante aqueles primeiros anos em que minha personalidade ia se formando, comecei a pensar que certas pessoas me vigiavam, pessoas que conheciam minha impostura e que um dia denunciariam quem eu era.

Com freqüência, nas ruas de Florença, eu via holandeses, reconhecíveis por seus típicos trajes e chapéus, e esses homens pareciam ter sempre os olhos fixos em mim. Além disso, uma vez veio a Assis um inglês que ficou ali muito tempo e que voltava todos os dias para me ouvir pregar. Estávamos na bela primavera. Eu estava narrando as histórias ou exemplos de São Francisco. E me lembro do olhar frio desse homem a me contemplar enquanto eu falava.

Eu sempre encarava esses espíões. Fixava o olhar neles. As vezes eu até me voltava e começava a caminhar na sua direção. Eles sempre fugiam. Eles sempre voltavam.

Enquanto isso, a questão da castidade era uma tortura para mim, a vontade de saber se eu podia ou não fazer amor com uma mulher, e se daí nasceria um monstro ou não. Na minha mente não havia a menor dúvida de que eu queria fazer o que fosse certo aos olhos de Deus. Parecia muito simples arranjar uma amante, uma namorada. Parecia um imenso desafio não gozar de

absolutamente nenhum prazer da carne. Vi ver sem saber a resposta ao mistério. Optei pelo caminho do santo.

Não permiti que nenhuma chama se acendesse em mim, e conseqüentemente nunca existiu uma labareda.

Tornei-me reconhecido pela minha pureza, pelo fato de não ter nenhuma queda pelas mulheres e meus poderes de cura foram se aperfeiçoando cada vez mais, embora eu ainda não soubesse se eles eram milagrosos e imaginasse que talvez fossem questão de habilidade.

Enquanto isso, uma outra paixão me arrebatou. Tratava-se da simples idéia corrente na época de que o canto poderia trazer os fiéis a Cristo, talvez com tanta facilidade quanto a pregação do Evangelho. Comecei a compor meus próprios cânticos, simples poesia que eu criava usando muito ritmo, e a cantar essas canções em reuniões informais. Eu preferia muito mais o canto à pregação. Estava cansado de me ouvir promulgar simples verdades. Mas nunca me cansei de cantar.

Logo as pessoas sabiam que, quando eu aparecia, haveria música: uma breve canção, as vezes pouco mais do que um poema que eu recitava dedilhando um pequeno alaúde. E eu fazia uma brincadeira que ninguém mais percebia. Eu tentava ver quantos dias conseguia passar sem falar, só cantando, sem irritar ninguém ou sem atrair atenção para esse meu pequeno passatempo.

Fui ordenado dez anos após minha chegada à Itália. Isso poderia ter acontecido antes, se eu tivesse querido, mas meu estudo para as Ordens Sacras foi deliberadamente meticuloso e lento. Eu passava o tempo todo viajando, caminhando pelas estradas e conhecendo pessoas e cumprimentando-as com a palavra de Deus. O tempo não parecia importante. Na realidade, eu não tinha nenhuma impressão de estar correndo na direção de um destino.

Com minha ordenação, eu me tornara totalmente desprovido de medo das doenças. Eu cantava para aqueles que já haviam passado da necessidade de conforto físico. Eu me sentava em muitos quartos onde outros temiam pisar.

No entanto, nem tudo era perfeito. Nem tudo estava certo. De tempos em tempos, eu me lembrava do meu nascimento com um impacto espantoso. Eu acordava, ficava sentado na cama, pensando, Ah, mas isso não é possível. Depois deitava no escuro, percebendo que naturalmente era possível, sim, pois eu não tinha outra mãe, outro pai, irmã, irmãos! Eu não era o que os outros acreditavam que eu era. Eu me lembrava da rainha, do rio e de Highland, como elementos de um pesadelo.

E às vezes eu tinha a impressão de que, após aqueles momentos tumultuosos, eu via aquela gente me seguindo, me espiando mais do que antes. É claro que eu me culpava por imaginar isso, mas quanto mais eu pensava nisso tudo, mais estranha minha vida se tornava.

Havia ainda ocasiões em que eu deixava transparecer minha natureza de uma forma especial e espontânea. Eu adorava o sabor do leite. O Demônio estava sempre me tentando com visões de seios de mulheres. Mesmo durante a Quaresma, eu precisava beber leite e não conseguia suportar o jejum. O desrespeito ao jejum através do leite era meu pior pecado. Às vezes eu agarrava punhados de queijo e comia. Qualquer alimento semilíquido era para mim delicioso, mas a voracidade pelo leite e pelo queijo era especialmente forte.

Uma vez, entrei perambulando num campo cheio de gado. Estava amanhecendo e não havia ninguém por ali. Ou era o que eu imaginava. Ajoelhei-me e bebi do úbere de uma vaca, fazendo jorrar o leite morno da teta direto na minha boca.

Quando havia bebido o suficiente, deitei-me no capim, contemplando o céu. Sentia-me feio e animalesco pelo que havia feito. Aproximou-se um velho lavrador. Usava roupas velhas, embora asseadas e bem remendadas, e seu rosto era moreno de trabalhar ao sol. Ele sussurrou algo para mim, cheio de medo, e fugiu. Levantei-me e corri atrás dele, erguendo o hábito para não tropeçar.

- O que você me disse? - perguntei-lhe.

Ele murmurou algo hostil, talvez uma praga, e fugiu.

Fui dominado pela vergonha. Esse homem sabia que eu não era um ser humano. E aos poucos, a partir desse dia, meu fingimento para com os que me cercavam começou a me perseguir mentalmente.

Vi o lavrador novamente na cidade. Ele me viu. Eu poderia jurar tê-lo visto com outros, cochichando, mas isso poderia ter sido fantasia minha. Deixei para lá. E então um dia de manhã saí da minha cela no claustro para ali descobrir uma grande jarra de leite fresco. Isso paralisou minha alma. Por um instante, eu não soube onde estava, quem eu era ou o que estava acontecendo. Sabia apenas que aquilo era uma oferenda, e que havia acontecido inúmeras vezes no passado. O vale, os elementais e um único gigante entre eles caminhando até a periferia do círculo, e as oferendas de leite. Eu estava desnorteadado. Pela primeira vez em muitíssimos anos, eu via o círculo de pedras, os círculos de pessoas, tantos círculos de figuras, cada um maior do que o outro, e se estendendo até tão longe que eu perdia a conta.

Apanhei a jarra e bebi tudo com voracidade, como sempre bebia leite. Quando ergui os olhos, vi do outro lado do jardim do mosteiro, nas sombras do claustro, um movimento de pessoas que saíram correndo.

Creio que alguns dos monges viram essa cena. Eu não sabia o que pensar daquilo tudo. Não ousei contar a ninguém. Deixei de lado. Disse a São Francisco que eu era seu instrumento e que só me importava servir a Deus.

Naquela noite, tive certeza de estar sendo seguido por um holandês. E pela manhã, voltei a Assis, para conversar com Francisco, renovar meus votos, purificar minha alma.

Nos dias que se seguiram, muitas pessoas me procuraram pedindo que fossem curadas. Fiz a imposição de mãos, às vezes com resultados espantosos. Não havia nenhuma dúvida de que os camponeses estavam murmurando a meu respeito. E oferendas de leite começaram a aparecer para mim em lugares estranhos. Eu podia vir sozinho por uma rua e bem no alto encontrar uma jarra de leite ali, pousada nas pedras.



Um certo fato também começou a me magoar. Talvez eu nunca tivesse sido batizado! A menos que se possa supor que a parteira e as damas de honra apavoradas tivessem tido essa idéia. Creio que não. E agora, enquanto refletia sobre isso, enquanto procurava relembrar todos os detalhes daquele país do norte em que eu nascera e do qual havia sido exilado, eu percebia que, se não havia sido batizado, eu não poderia ter recebido as Ordens Sacras, o que queria dizer que quando eu transformava o pão e o vinho no Corpo e no Sangue de Cristo, não era nada disso que estava acontecendo.

Na realidade, nada que eu tivesse feito poderia ser frutífero. Caí num estado de melancolia. Não queria falar com ninguém. E então ficou muito claro para mim que eu devia ter imaginado meu nascimento na Inglaterra! Que nada daquilo poderia realmente ter ocorrido! Donnelaith. Eu nunca ouvira menção a uma catedral lá, de monges da nossa Ordem. Mas é claro que Henrique VIII vinha perseguindo os católicos há anos. Só recentemente a boa rainha Mary havia restaurado a verdadeira igreja.

Se minhas fantasias fossem reais, eu estava vivo, pelos meus cálculos, há pouco mais de vinte anos. A menos que minha infância não passasse disso, uma história perdida na memória, experiências soterradas, algo que eu não conseguia recordar. Mas não me parecia que fosse assim. E, quanto mais eu refletia mais tudo me parecia suspeito e mais atormentado eu ficava.

Finalmente, resolvi conhecer uma mulher. Eu precisava saber se era homem até esse ponto. É claro que eu estava louco de vontade de fazer isso. Sempre estivera! E agora eu sabia que esse era o meu pretexto. O de descobrir.

Era como se, nos braços de uma mulher, eu saberia se era animal o suficiente para ter uma alma imortal! Ri dessa contradição, mas ela existia e era verdadeira. Eu queria ser humano e tinha de cometer um pecado mortal para descobrir se era.

Fui a Florença, a um dos inúmeros bordéis que conhecia, onde na realidade já trouxera os sacramentos a mulheres que estavam à morte, e uma vez dera a extrema-unção a um pobre mercador que teve a infelicidade de morrer nos

braços de uma mulher. Eu visitara com freqüência esse bordel, usando o hábito. Não era escandaloso. Por isso, entrei ali agora numa excitação muda. E as mulheres vieram me receber.

- O doce padre Ashlar! - Pois elas sempre falavam comigo como se eu fosse uma criança ou um idiota.

Pela primeira vez, isso me causou repulsa. Saí dali para a piazza, descí até o Amo e atravessei a ponte mais próxima. Ela era apinhada de lojas, muito movimentada, as pessoas iam e vinham e, quando dei por mim, vi um homem me observando, e soube mais uma vez que era um holandês só pela aparência das roupas. Fui na direção dele, mas ele fugiu em meio à multidão e eu não pude encontrá-lo. Ele desapareceu num piscar de olhos. Simplesmente desapareceu.

Eu estava então exausto e, afinal, abri muito meus braços e comecei a cantar. Eu estava no meio da ponte, louco de medo e tristeza, procurando reconciliar minhas lembranças com minha devoção a Cristo, e comecei a cantar. Na realidade, não era assim tão incomum, já que as ruas estavam repletas de todo tipo de distração a uma hora daquelas em Florença. Um franciscano enlouquecido cantando não era nada de estranho.

Aos poucos, algumas pessoas começaram a se dar conta, como costuma acontecer. Elas pararam suas tarefas, e uma pequena multidão se reuniu. Eu oscilava de um lado para o outro, abraçado a mim mesmo, cantando e, quando ergui os olhos, perdido na canção, vi uma bela mulher que me fitava, uma mulher com olhos verdes como os do padre franciscano de Donnelaith e longos cabelos louros e lindos.

De repente, aconteceu uma coisa espantosa. A mulher baixou o véu e se afastou! E eu percebi que o rosto que estivera me encarando era voltado para as costas do corpo, como se a cabeça estivesse colocada ao contrário no pescoço. Fiquei fascinado!

Minha paixão era insuportável, mas uma outra empolgação mais perversa saltou no meu coração. Ela era um monstro como eu.

Deixei que a canção terminasse, e repudiei aqueles que se dispunham a me dar esmolas. Levem-nas à igreja, disse eu, àqueles que as merecem. E então fui atrás da mulher, que esperava por mim numa rua secundária. Mais uma vez, ela me revelou o rosto e se afastou. Logo estávamos numa pequena viela. Eu estava nitidamente olhando para as suas costas quando ela ergueu o véu e mais uma vez mostrou o rosto.

Afinal, ela girou, numa confusão de adereços negros, sedas, cetins, veludo e jóias, e bateu com força na porta. Esta foi aberta no muro e, quando me apressei para ter um vislumbre da mulher antes que desaparecesse, ela agarrou meu pulso e me puxou para dentro.

Era um jardim estreito, apinhado, como muitos pátios de Florença, com velhos muros descascados, de cor ocre, e flores vistosas vicejando ao sol contido. Três outras mulheres estavam ali sentadas juntas num banco à sombra de uma árvore. Todas usavam saias fartas e belas, mangas riquíssimas e seios altos que começavam a me deixar louco. E aquela que me levava até ali, agora eu via que era uma mulher comum! Seu rosto era na frente do corpo, como o de qualquer um. Tudo havia sido algum tipo de ilusão com os véus que ela puxava dos cabelos. Algum pequeno truque.

Ela me confessou isso, e suas palavras fizeram com que todas rissem tanto que imaginei que não fossem mais parar. Eu estava tonto. De repente, aquelas mulheres estavam me cercando.

- Padre, tire a roupa. Venha, fique aqui conosco no jardim - diziam elas.

E a loura, que tinha o famoso nome de Lucrecia, disse que me atraía com encantamentos para que eu viesse, mas que eu não devia temer, elas não eram bruxas. Na verdade, seus maridos haviam ido à caça no campo, e elas queriam fazer o que tinham vontade.

Maridos que foram à caça? Isso me pareceu absurdo. Mas percebi a verdade que estava por trás. Elas eram prostitutas, mas prostitutas num dia de folga, e eu era o objeto do seu desejo.

- Temos orgulho de fazer sua iniciação, menino virgem - disse a mais velha, que era tão bela quanto as outras. Elas me puxaram pelo piso de cerâmica até o quarto. Tiraram minhas sandálias e meu hábito. Depois, jogaram seus vestidos para um lado e para o outro, com exclamações de júbilo, e dançaram ao meu redor, nuas como ninfas, cantando alguma pequena canção. Tudo era para elas uma piada! Uma brincadeira. Elas estavam escandalizando o jovem franciscano que, embora tivesse uma barba cerrada, ainda mostrava a expressão de uma criança.

No entanto, eu não estava escandalizado. Mais uma vez, um estranho conhecimento me ocorreu de um tempo em que todo mundo fazia esse tipo de coisa. Era o Jardim das Delícias, com todos brincando nus, cantando e dançando. Com flores por toda a parte, e muita fruta para se comer. Depois, o medo tomou conta de mim.

Enquanto isso, eu me fazia de sátiro para elas, o que elas consideraram muito divertido, e que eu não conseguia conter. Afinal, todas se jogaram na cama comigo, cobrindo-me de beijos. E eu agarrei os seios da mais próxima e comecei a sugar com firmeza, de tal modo que a fiz gritar de dor. As outras beijavam meus ombros nus, minhas costas, meu órgão, meu peito.

Num átimo, eu estava de volta ao quarto em que nascera na Inglaterra, aos braços de minha mãe, experimentando o prazer feroz de extrair o leite do seu seio com violência. Eu estava inebriado de prazer, e esse prazer encontrava agora seu paroxismo mais intenso no órgão. Eu logo cobri todas elas, uma após outra, gritando no êxtase, e começando tudo de novo com a primeira.

Entardecia. As estrelas estavam visíveis acima do pátio. O burburinho da cidade estava mais fraco. Adormeci.

Estava com a minha mãe, só que ela não estava me odiando e chorando de pavor, mas era uma criatura alta e esguia como eu, alta demais para ser uma mulher de verdade, e me acariciava com dedos que, como os meus, eram longos demais. Será que ninguém via que eu era um monstro como aquela mulher? Como as pessoas podiam ser enganadas com tanta facilidade?

Mergulhei em sonhos. Estava em meio a uma névoa. Havia gente chorando, soluçando, e homens que corriam de um lado para o outro. Era um massacre.

- Taltos! - Alguém gritou, e então eu no sonho vi o lavrador do campo perto de Florença, ouvi-o murmurar, "Taltos!" e vi diante de mim novamente uma jarra de leite.

Com sede, acordei, e me sentei ereto de imediato, como era meu costume. Comecei a olhar à minha volta no escuro.

Todas as mulheres estavam imóveis, de olhos abertos. Isso me pareceu horrendo, horrendo como a ilusão de que o rosto da mulher estivesse voltado para as costas. Estendi a mão para sacudir a loura e despertá-la, tão rígido era seu olhar. E percebi, no momento em que a toquei, que ela jazia morta numa poça do seu próprio sangue. Na realidade, todas estavam mortas, uma de cada lado de mim e as que estavam deitadas no chão. Estavam mortas. E a cama, encharcada de sangue, fedia a seres humanos.

Saí correndo para o pátio numa covardia incontrolável e caí de joelhos perto da fonte, trêmulo, sem ter certeza do que havia visto. No entanto, quando afinal me levantei e voltei, vi que era verdade. Aquelas mulheres estavam mortas! Fiz repetidas imposições de mãos, mas não havia como despertá-las! Eu não podia curá-las da morte!

Recolhi meu hábito, minhas sandálias, vesti-me novamente e fugi dali. Como aquelas mulheres poderiam ter morrido? Lembrei-me das palavras que o franciscano me dissera, "Jamais toque no corpo de uma mulher."

Já era alta noite em Florença, mas consegui voltar para o mosteiro e ali me tranquei na minha cela. Quando amanheceu, a notícia das mortes estava por toda Florença. Surgira um novo tipo de peste.

Fiz o que sempre fazia em ocasiões semelhantes. Voltei para casa em Assis, caminhando o tempo todo. Estava chegando o inverno brando, que mesmo assim era inverno, a viagem não era fácil. Mas eu não estava me importando.

Sabia que alguém me seguia, um homem a cavalo, mas só o via de relance de quando em quando. Estava em desespero.

Assim que cheguei ao mosteiro, orei. Orei a Francisco para que me orientasse e me ajudasse. Orei à Virgem Maria para que perdoasse meus pecados com aquelas mulheres. Prostrei-me no chão da igreja, com os braços esticados como os padres fazem quando são ordenados. Orei pedindo perdão, compreensão, e chorei. Eu não queria pensar que meu pecado havia matado aquelas mulheres.

Visualizei o Menino Jesus e me tornei o bebê pequeno e indefeso.

- Jesus, valei-me. Valei-me Santa Madre Igreja. O que posso fazer sozinho?

Fui me confessar, com um dos padres mais velhos de lá.

Ele era italiano, mas acabava de voltar da Inglaterra, onde agora muitos protestantes estavam sendo mortos. Estávamos reconstruindo nossos mosteiros naquele país, mandando padres de volta para servir aos católicos que haviam mantido a fé durante os tempos de perseguição.

Escolhi esse padre porque queria confessar tudo: meu nascimento, minhas lembranças, as coisas estranhas que me diziam! Mas, quando me ajoelhei no confessionário, essas coisas me pareceram os delírios de um louco! E realmente tive a impressão de que eu era apenas um homem, que havia tido uma infância normal em algum lugar, que de algum modo havia sido eliminada da minha mente e do meu coração.

Confessei somente que havia estado com as mulheres, que havia sido a causa da sua morte, mas não sabia como.

Meu confessor riu de mim, baixinho, tranquilizador. Eu não havia matado as mulheres. Pelo contrário, Deus me havia protegido da peste que as matara. Era um sinal do meu destino especial. Eu não deveria mais pensar naquilo. Muitos foram os padres que tropeçaram, que levaram uma prostituta para a cama. O importante era ser maior do que esse pecado e essa culpa, prosseguir servindo ao Senhor.

- Não seja orgulhoso, Ashlar. Quer dizer que você afinal sucumbiu, como todos os outros. Supere isso. Agora você sabe que não é nada, esse prazer, e que o próprio Deus o poupou da peste.

Ele me disse que talvez chegasse a hora em que eu deveria voltar para a Inglaterra, que a Inglaterra precisaria de nós como nunca antes.

- A rainha Mary está morrendo - disse ele. - Se a coroa for para Elizabeth, a filha da bruxa, haverá novamente terríveis perseguições aos católicos.

Deixei o confessionário, cumpri a penitência e saí para os campos varridos pelos ventos de inverno.

Eu estava infeliz. Não me sentia absolvido. Meus olhos estavam dilatados, e eu cambaleava. Eu havia matado aquelas mulheres, eu sabia. Eu as imaginara bruxas! Mas elas não eram! O rosto voltado para as costas, tudo aquilo havia sido artifício, ilusão! E em consequência disso, elas estavam mortas!

Ai, mas qual era a verdade maior? Qual era a verdadeira história? Só havia um meio de saber! Ir para a Inglaterra, ir como missionário para a Inglaterra, combater as heresias dos protestantes de lá e procurar o vale de Donnelaith. Se eu encontrasse o castelo, se encontrasse a catedral, se encontrasse a janela de Santo Ashlar, saberia ao certo que não havia imaginado essas coisas. E eu precisava encontrar os homens do clã. Precisava descobrir o sentido das palavras que me foram ditas no passado. Que eu era Ashlar, que eu era aquele que volta.

Caminhei sozinho pelos campos, tremendo a pensar que até na minha bela Itália podia fazer frio nessa época do ano. Mas esse frio não era para mim uma lembrança do lugar em que eu havia nascido? Esse foi um momento solene e terrível. Eu jamais quisera deixar a Itália. E me lembrei mais uma vez das palavras do padre, pronunciadas em Donnelaith: "Você pode escolher."

Será que eu não podia escolher ficar aqui a serviço de Deus e de São Francisco? Será que eu não podia esquecer o passado? Quanto a mulheres, eu nunca mais tocaria nelas, nunca mais. Não haveria mais nenhuma morte semelhante. E no que dizia respeito a Santo Ashlar, quem era esse santo que não

tinha seu dia festivo no calendário da igreja? É, ficar aqui! Ficar na Itália ensolarada, nesse lugar que se tornara meu lar.

Um homem me seguia. Eu o havia visto quase no mesmo instante em que saí da cidade, e agora ele vinha cavalgando cada vez mais perto, um homem todo vestido em lã negra, montado num cavalo negro.

- Posso lhe oferecer meu cavalo, padre? - perguntou ele. Tinha o sotaque dos mercadores holandeses. Eu o conhecia. Já o ouvira com bastante frequência em Florença, em Roma e em todos os lugares por que passara. Ergui os olhos e vi seu cabelo louro avermelhado e seus olhos azuis. Germânico. Holandês. Para mim, era tudo o mesmo. Um homem proveniente de um mundo onde os hereges proliferavam.

- Sabe que não pode - respondi. - Sou franciscano. Não montarei no animal. Por que anda me seguindo? Eu o vi em Florença. E o vi muitas vezes antes.

- Você precisa conversar comigo - disse ele. - Precisa vir comigo. Os outros não fazem a menor idéia da sua natureza secreta. Mas eu sei qual ela é.

Fiquei horrorizado com essas palavras. Era a queda da espada que estava suspensa sobre mim desde sempre. Faltou-me a respiração. Dobrei-me como se tivesse sido atingido e me afastei mais um pouco, assim dobrado, cambaleando pelo campo adentro. O capim era macio e eu me deitei, protegendo meus olhos do sol ofuscante.

Ele apeou e veio atrás de mim, trazendo o cavalo. Parou deliberadamente entre mim e o sol, para que eu pudesse tirar a mão de cima dos olhos. O homem tinha uma compleição forte, como muitos do Norte da Europa, as sobrancelhas espessas que aquela gente tem e o rosto pálido.

- Sei quem você é, Ashlar - disse-me ele em italiano, com sotaque holandês. E em seguida começou a falar em latim. - Sei que você nasceu em Highland. Sei que você provém do clã de Donnelaith. Ouvi falar do seu nascimento pouco depois de ele ter ocorrido. Houve quem farejasse o segredo e espalhasse a história, até mesmo em outras terras.



- Levei anos para encontrá-lo aqui, e sempre o estive observando. Eu o conheço pela altura, pelos dedos longos, pela sua capacidade de cantar e criar rimas e pela sua voracidade pelo leite. Já o vi aceitar as oferendas dos camponeses. Mas sabe o que eles fariam com você se pudessem? Sua gente sempre aceitaria o leite e o queijo e nos fundos sertões do mundo, os camponeses ainda sabem disso e deixam essas oferendas para você sobre a mesa à noite, ou junto à porta.

- Do que está me chamando? De diabo? De espírito da floresta? Algum espírito demoníaco ou familiar? Não sou nenhuma dessas coisas.

Minha cabeça doía. O que era real para mim? O belo capim ao meu redor quando eu me pus de joelhos e afinal de pé? O frio céu azul lá no alto? Ou as lembranças horrendas e desagradáveis e as palavras que aquele homem dizia?

- Há algumas noites em Florença, você provocou a morte de quatro mulheres. Essa foi a prova definitiva.

- Ah, meu Deus. Quer dizer que você sabe? É verdade. – Comecei a chorar – Mas como eu as matei? Por que elas morreram? Tudo o que fiz foi o que outros homens fizeram.

- Você trará a morte a qualquer mulher que toque! Não lhe disseram isso antes que deixasse o vale? Ah, a loucura dos que o mandaram embora! E há anos e anos estamos esperando pela sua chegada. Eles deveriam ter mandado nos chamar. Sabem quem nós somos e que teríamos pago em ouro por você, mas são teimosos.

Fiquei horrorizado.

- Você fala de mim como se eu fosse um servo. Sou filho de meu pai, os servos são da ralé.

Ele continuava a demonstrar preocupação e a torcer as mãos, implorando-me que o compreendesse.

- Nossos emissários falaram com eles inúmeras vezes, mas eles foram supersticiosos e cegos.

- Emissários? De onde? Do Demônio! - Mais uma vez, encarei aquele homem de negro com o cavalo negro. - Quem é cego? Meu Deus do céu, concedei-me a graça de compreender isso, de combater as mentiras ardilosas do Grande Impostor. Pare de falar em enigmas, ou eu o mato! Diga-me por que eu matei aquelas mulheres, ou Deus me livre de quebrar os seus ossos com minhas próprias mãos.

Levantei-me numa tempestade de fúria. E foi tudo o que pude fazer para me impedir de pôr as mãos na sua garganta. A raiva era como tudo o mais em mim, instantânea e completa. Assustei-o quando fui na sua direção. Eu era tão mais alto do que ele, e quando estendi minhas mãos, ele caiu para trás.

- Ashlar, preste atenção porque o que vou dizer não são as mentiras do Grande Impostor. É a perfeita verdade. Nenhuma mulher normal pode ter um filho seu. Só uma bruxa ou um monstro anão, a prole mestiça da sua gente com as bruxas, ou ainda uma fêmea pura da sua própria espécie.

As palavras me deslumbraram. Uma fêmea pura da minha própria espécie! O que isso trazia à minha imaginação? Uma beldade alta, de pele clara e pés velozes, com dedos graciosos como os meus? Será que eu não visualizara um ser assim quando me deitei com as prostitutas? Ou será que eu teria sonhado? De repente, fui dominado como se por incenso ou por música. Lembrei-me, porém, da minha mãe. Ela não era pura. Ela me havia mostrado a mão, revelando a marca da bruxa.

- Você não imagina o perigo se os camponeses ignorantes deste país ou de qualquer outro descobrirem. Por que acha que os escoceses o mandaram embora com tanta pressa?

- Você está me assustando, e eu quero que pare com isso. Levo uma vida de amor, paz e serviço aos outros. Eles me mandaram embora para que me tornasse padre. - Com essas palavras, uma calma se abateu sobre mim. É que eu acreditava piamente no que dizia. Olhei para o céu, e a sua beleza me pareceu a prova perfeita da graça de Deus.

- Eles o mandaram embora para que os camponeses não o destruíssem como sempre fizeram com os sobreviventes da sua raça. A visão da sua imagem, o seu cheiro, a promessa da sua descendência, poderiam lançá-los de volta ao seus hábitos pagãos e cruéis.

- Espécie. Do que está falando? Espécie. - Eu não podia ouvir mais nada. Cerrei os punhos, incapaz de pôr minhas mãos sobre ele, incapaz de lhe fazer mal. Em toda a minha vida de vinte anos ou mais, eu nunca havia golpeado outra pessoa. Eu não podia agir com violência. Chorei e fugi.

- Venha agora comigo - gritou ele, procurando me alcançar. - Posso tomar todas as providências para a viagem. Você não tem objetos de estimação, nem bens pessoais. Você está com seu breviário. Não precisa de mais nada. Venha. Iremos juntos até Amsterdã e, quando estiver em segurança, eu lhe contarei a verdade.

- Eu não vou! - disse eu. - Amsterdã! Um baluarte dos hereges! Você está falando do inferno disfarçado com outro nome. - Voltei-me. - O que está dizendo? Que não sou um homem mortal?

Ele mais uma vez se assustou quando me inclinei sobre ele, mas era homem de estrutura poderosa e defendeu sua posição.

- Você tem um corpo que pode enganar os outros, mas ninguém pode ter uma prova da sua alma. Nas lendas mais antigas, dizia-se que sua espécie não possuía alma a ser convertida, alma a ser salva. Que vocês podiam pairar invisíveis para sempre nas trevas, entre o céu e a terra, porque o céu lhes estava vedado, de tal modo que sua única esperança era a de voltar numa forma adequada.

Fiquei perplexo, não só pelo fato de que alguém pudesse acreditar numa coisa dessas a meu respeito, mas pela mera possibilidade de que criaturas semelhantes pudessem existir! Desprovidas de alma! Nas trevas, com o céu fechado para elas! Comecei a chorar.

Desanuviei a visão, e olhei para o homem que dera expressão a um pensamento tão horrendo. Suas palavras eram como faíscas dentro de mim.

Como os estalidos e estouros da lenha molhada. Quanto mais eu olhava para ele, mais sentia que ele só podia ser malévolo, pertencer ao Diabo, a algum exército sinistro que queria levar minha alma para o inferno.

- E você diz que eu não tenho alma? Que não tenho alma nenhuma a ser salva? Como ousa dizer isso a mim? Como ousa me dizer que sou desprovido de alma?

Furioso, cheguei a atingi-lo, derrubando-o direto ao chão com um belo golpe. Fiquei estupefato com a minha força e tão alarmado com esse pecado quanto com os outros. Fugi correndo do campo para casa.

O homem me seguiu, mas não chegou perto. Parecia estar gravemente alarmado quando entrei no mosteiro, mas não se aproximou. E eu me perguntei se ele não estaria com medo da cruz, da igreja, do local santificado. Naquela noite, resolvi o que devia fazer. Desci até o subsolo da igreja e dormi nas pedras diante do túmulo de Francisco. Orei a ele.

- Francisco, como posso não ter alma? Dê-me orientação, meu pai. Ajude-me. Mãe de Deus, este é seu filho. Estou desolado e só.

Caí em sono profundo e vi anjos. Vi o rosto da Virgem e me encolhi até ser um pequeno bebê nos seus braços. Encostei-me nos seus seios, identificado com o menino Jesus. E Francisco me disse que esse era o meu caminho: não o de me identificar com o Cristo crucificado, deixar isso para outros, mas com o bebê inocente. Eu devia voltar para a Escócia, voltar para onde tudo havia começado.

Apavorava-me deixar Assis tão próximo do Natal, não poder estar ali para a grande Procissão e para ajudar a fazer o presépio com os pastores e a Sacra Família, mas eu sabia que, assim que obtivesse permissão, eu partiria.

Viajar para o norte para encontrar Donnelaith. Ver com meus próprios olhos o que havia por lá. Fui conversar com o Guardião, nosso Superior, homem sábio e gentil que servira toda a sua vida no local do nascimento de Francisco. Ele ouviu calmamente tudo o que eu tinha a dizer antes de falar.

- Ashlar, se você for, será para uma morte de mártir. As notícias acabam de chegar à Itália. A filha da bruxa Bolena foi coroada rainha da Inglaterra. Trata-se de Elizabeth, e as queimas de católicos já recomeçaram.

A bruxa Bolena. Levei um instante para me lembrar de quem ela era, ah, a amante do rei Henrique. a que o encantara e o forçara a se voltar contra a Igreja. É, Elizabeth, a filha. Quer dizer que a boa rainha Mary, que tentara trazer o país de volta à fé, havia morrido.

- Não posso permitir que isso me impeça, Padre. Não posso. - E então, num impulso, contei-lhe a história inteira.

Eu andava de um lado para o outro no aposento. Falava sem parar. Contei-lhe todas as palavras que me foram ditas, procurando não entrar numa cadência. Falei-lhe do estranho homem da Holanda. Falei-lhe do velho grande senhor, do meu pai, de Santo Ashlar na janela e do padre que me dissera que eu era Santo Ashlar, mais uma vez de volta, que eu podia ser um santo.

Imaginei que ele decerto iria rir, como fizera meu confessor, à simples menção de que eu causara a morte daquelas mulheres. Ele ficou assombrado. Permaneceu calado por muito tempo e depois tocou uma sineta para chamar seu assistente. O monge entrou.

- Pode dizer ao escocês que ele agora pode entrar - disse ele.

- Escocês? - disse eu. - Que homem é esse?

- Esse é o homem que veio da Escócia para levá-lo embora. Não o deixamos cumprir sua missão. Não acreditamos nele! Mas você confirmou o que ele alega. Ele é seu irmão. Vem a mando do seu pai. Agora sabemos que o que ele diz é verdade.

Essas palavras me pegaram totalmente despreparado. Percebi que minha vontade havia sido a de ser desmentido, que me dissessem que tudo isso era uma fantasia demoníaca e que eu devia tirar todos esses pensamentos da cabeça.

- Tragam a mim o jovem filho do conde - repetiu o padre superior, para que o assistente desconcertado fosse embora.

Eu era um animal encurralado. Flagrei-me pensando se a janela seria uma possibilidade de fuga. Eu estava apavorado de que o homem que entrasse ali fosse o holandês.

Isso não pode acontecer comigo, pensei. Estou no estado de graça. Deus não pode permitir que o Diabo me leve para o inferno. Fechei meus olhos e procurei sentir minha própria alma. Quem tem a coragem de me dizer que eu não tenho alma?

Entrou no aposento um homem alto e ruivo, nitidamente reconhecível como escocês por seus trajes rústicos e singelos. Usava o manto axadrezado, peles mal-acabadas e toscos sapatos de couro e dava a impressão de ser um selvagem das florestas em comparação com os civilizados senhores da Itália, que usavam meias finas e mangas enfeitadas. Seu cabelo tinha reflexos castanhos e seus olhos eram escuros. Quando olhei para ele, eu o conheci, mas não me lembrava de onde.

E então vi em retrospectiva... os homens parados junto à lareira. A acha de Natal ardendo. O grande senhor de Donnelaith ordenando que me queimassem, e aqueles homens prontos para obedecer. Esse pertencia ao clã, embora fosse jovem demais para ter estado lá na ocasião.

- Ashlar! - disse ele, num sussurro. - Ashlar, viemos buscá-lo. Precisamos de você. Nosso pai é hoje o grande senhor e quer que você volte para casa.

Ele então caiu de joelhos e beijou minha mão.

- Não faça isso - disse eu, com delicadeza. - Sou apenas um instrumento do Senhor. Por favor me abrace, de homem para homem, se quiser, e me diga o que deseja.

- Sou seu irmão - disse ele, obedecendo e me afagando. - Ashlar, nossa catedral ainda está de pé. Nosso vale ainda existe pela graça de Deus. Mas pode não existir muito tempo. Os hereges ameaçaram cair sobre nós antes do Natal. Querem destruir nossos ritos. Chamam-nos de pagãos, bruxos e mentirosos, e são eles que estão mentindo. Você precisa nos ajudar a lutar pela verdadeira fé. A Inglaterra e a Escócia estão mergulhadas em sangue.

Fiquei olhando para ele por algum tempo. Olhei para a expressão ansiosa e nervosa do Guardião, nosso padre superior. Olhei para o assistente, que parecia ele próprio enlevado com tudo isso, como se eu fosse um santo. É claro que os hereges faziam esse tipo de coisa - que nos censuravam com termos que se aplicavam com mais acerto a eles mesmos.

Pensei no holandês lá fora, esperando, observando. Talvez essa fosse uma armadilha dele. Mas eu sabia que não. Esse homem era filho do meu pai! Eu via a semelhança. Todo o resto era verdade.

- Venha comigo - disse meu irmão. - Nosso pai está à espera. Você atendeu às nossas preces. E o santo que Deus enviou para nos guiar. Não podemos esperar mais. Precisamos ir.

Minha mente fez uma brincadeira estranha comigo. Ela disse, parte disso é verdade, e parte não é. Mas, se você aceitar o horror, terá de aceitar a ilusão. A veracidade de um aspecto depende do outro. É, o nascimento ocorreu. E você sabe que sua mãe era uma bruxa! E você até mesmo suspeita de quem ela possa ser. Você sabe. E portanto, você é o santo, e a sua hora chegou.

Em suma, eu sabia muito bem que o que estava diante de mim era uma provável mistura de fantasia e verdade: uma mistura de lenda e fatos intrigantes. E, no meu desespero, horrorizado pelo que eu não podia negar, aceitei tudo de uma só vez. Seria possível dizer que aceitei a fantasia. Agora nada poderia me impedir de ir para casa.

- Irei com você irmão – disse eu. E, antes que eu pudesse formar na minha cabeça qualquer pensamento contraditório, mergulhei no sentido da minha missão. Permiti que ela me seduzisse e me dominasse.

A noite inteira, orei apenas pedindo coragem; para que, se houvesse perseguições na Inglaterra, eu tivesse bravura suficiente para morrer pela verdadeira fé. Nunca duvidei de que minha morte fosse significativa. Antes do amanhecer, já me havia convencido de estar destinado a ser um mártir, mas muitas aventuras e emoções me aguardavam antes das chamadas finais.

No entanto, no início da manhã, fui até o Guardião da nossa congregação, e lhe pedi que fizesse duas coisas para me ajudar a ter coragem. Primeiro, que me levasse ao interior da igreja, ao batistério e que ali me batizasse Ashlar, em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, como se isso nunca houvesse sido feito antes. E que depois ele pusesse as mãos sobre mim e me desse as Ordens Sacras, como se também isso estivesse ocorrendo pela primeira vez. Ele me daria o poder da mesma forma que um padre lhe dera, um padre que o havia recebido de outro padre antes dele, que o recebera direto de outro, até remontarmos a Cristo com as mãos sobre Pedro a dizer, "Sobre esta Pedra, edificarei minha igreja. "

- Sim, meu filho, meu amado Ashlar. Venha, se você deseja essas cerimônias, se elas lhe darão forças, em nome de Francisco, nós as realizaremos. Em todos esses anos, você não nos pediu nada. Venha, vamos fazer o que você quer.

E então, se for verdade, pensei, se for mesmo, sou de qualquer forma um Filho de Cristo, agora nascido da água e do espírito, e sou padre ungido por Deus.

- São Francisco, esteja comigo - orei.

Ficou determinado que viajaríamos por terra, na maior parte pela França Católica, e depois por mar até a Inglaterra. Dispensaram-me do meu voto de não montar a cavalo. A pressa exigia isso.

E assim começou nossa longa jornada. Éramos cinco homens, todos de Highland, e viajamos com a rapidez e desconforto possíveis, às vezes armando acampamento na floresta. Todos os homens, à exceção de mim, estavam fortemente armados.

Foi em Paris que vi novamente o holandês! Estávamos em meio à multidão diante de Notre Dame numa manhã de domingo, indo à missa com milhares de fiéis, nessa cidade católica, e o holandês se aproximou de mim.

- Ashlar! Você está sendo bobo de voltar para o vale.

- Afaste-se de mim! - exclamei.



No entanto, algo no rosto do homem me prendeu: uma frieza, uma resignação, quase um desdém. Era como se eu estivesse me comportando de forma previsível e descontrolada e ele estivesse preparado para isso. Ele veio caminhando ao meu lado. Meu irmão e seus homens olhavam furiosos para o holandês, e estavam prontos para a qualquer momento enfiar nele uma adaga.

- Venha para Amsterdã comigo – disse o holandês. – Venha ouvir minha história. Você volta para o vale e morre! Na Inglaterra estão matando padres, e é isso que acham que você seja. Mas no vale você será um animal de sacrifício para aquela gente! Não seja o palhaço deles!

Eu me aproximei mais do holandês.

- Diga-me agora, aqui em Paris. Sente-se comigo e me conte essa história agora.

Mas antes que eu pudesse terminar de falar, meu irmão havia puxado o holandês para trás e lhe aplicado um golpe que o fez cair de costas no meio da multidão, provocando gritos e pânico, já que ele tombou sobre os outros e caiu ao chão.

- Nós já avisamos antes - declarou meu irmão ao holandês. – Afaste-se da nossa gente e do nosso vale. - E cuspiu no rosto do holandês.

Este ergueu os olhos fixos em mim, e parecia haver nele ódio, puro ódio, ou seria simplesmente o desejo frustrado?

Meu irmão e seus homens me puxaram para dentro da igreja. Animal de sacrifício! A morte para qualquer mulher normal...

Estava destruída a minha paz de espírito. O assombro da viagem estava destruído. Eu poderia ter jurado que várias pessoas na catedral haviam visto esse pequeno drama e o compreendiam, e que elas agora me contemplavam com desconfiança e esperteza. Que elas estavam quase achando divertido. Fui receber a comunhão.

- Meu Deus, entre na minha alma, considere-me puro e inocente.

As concentrações de pessoas em Paris são cheias de figuras estranhas. Eu sem dúvida estava imaginando que aqueles mais marginalizados olhavam

fixamente para mim, assim como os deformados, aqueles corcundas e com as pernas atrofiadas. Fechei meus olhos e entoei minhas canções na imaginação.

Na noite do dia seguinte, vestimos roupas simples e zarpamos para a Inglaterra. A névoa era densa acima do mar. Agora fazia muito frio. Eu estava voltando a entrar na terra do inverno, dos céus baixos e do sol fraco, do mistério e do gelo eternos, o país dos segredos, de verdades terríveis.

Atracamos quatro noites mais tarde, na Escócia, de modo sub-reptício, já que os padres estavam sendo caçados a mando de Elizabeth para serem queimados. Seguimos para o interior e subimos na direção de Highland. O inverno descia sobre mim como uma teia de aranha que estava à nossa espera. Era como se as montanhas escarpadas estivessem me dizendo, "Ah. você está nas nossas mãos. Você teve sua chance e a jogou fora."

Não pude deixar de me lembrar do homem de Amsterdã. No entanto, eu tinha um objetivo. Eu chegaria a Donnelaith e exigiria que meu pai me dissesse a verdade, não as lendas, nem as orações; mas o motivo para o medo que eu havia visto na minha mãe e em outros, a história inteira.

## **Capítulo 36**

### **PROSSEGUE A HISTÓRIA DE LASHER**

O vale estava sitiado. O acesso principal estava fechado. Chegamos através do túnel secreto, que parecia ter ficado menor e mais traiçoeiro nesses vinte e poucos anos. Houve instantes em que achei que era íngreme demais, escuro demais ou estava muito obstruído pelo mato, e que teríamos de voltar.

De repente, porém, chegamos ao final, e lá estava o esplendor de Donnelaith, encoberta pela neve de Natal, ao pôr de um sol intrépido de inverno.

Milhares de fiéis haviam procurado abrigo no vale. Vieram para ali, fugindo dos combates religiosos nas cidadezinhas vizinhas. Não era uma multidão como a que se pode ver em Roma ou Paris. Mas, para essa região bela e solitária, era um grande aglomerado. Abrigos improvisados haviam sido construídos, encostados

nas muralhas da pequena cidade, nos contrafortes da catedral. E choupanas cobriam a área do vale. Havia barricadas no acesso principal. Milhares de fogueiras emitiam sua fumaça para o céu de neve. Aqui e ali erguiam-se tendas ornamentadas, como se fosse para alguma guerra principesca.

O céu estava escurecendo; o sol, uma laranja flamejante nas nuvens encasteladas. Já havia luzes acesas na catedral. O ar era de inverno, mas não gélido. E as esplêndidas janelas refulgiam no início da noite com uma luz bela e feroz. As águas do braço de mar retinham, zelosas, o final da claridade, e podíamos ver soldados armados a patrulhar as margens que iam escurecendo.

- Eu preferia ir rezar primeiro - disse ao meu irmão.

- Não - respondeu ele. - Ternos de subir até o castelo agora. Ashlar, já é milagre não termos sido eliminados. Hoje é a véspera de Natal. Exatamente a noite em que juraram nos atacar. Existem facções entre nós que preferem o protestantismo, que acreditam que Calvino e Knox representam a consciência. Há os mais velhos, os supersticiosos. Nossa gente pode começar sua própria guerra neste lugar.

- Está bem - disse eu, mas ansiava por ver a catedral, ansiava por relembrar aquele primeiro Natal em que eu havia ido até o presépio, com o boi, a vaca e o burro de verdade amarrados ali, em meio ao cheiro delicioso de feno e da vegetação de inverno. Ah, a véspera do Natal. Isso queria dizer que o Próprio Menino ainda não havia sido colocado na manjedoura. Eu viera a tempo de ver isso, talvez até mesmo por o Menino Jesus ali com as minhas mãos. E, apesar de mim mesmo, apesar ao Trio inclemente e da escuridão desagradável, pensei que aquela era a minha terra.

O castelo era mais ou menos como eu me lembrava, um enorme, desinteressante e lúgubre acúmulo de pedras, tão feio decerto quanto qualquer prédio construído pelos Médicis, ou qualquer outro que eu houvesse visto no meu avanço pela Europa dilacerada pelas guerras. Só a visão dele de repente me encheu de pavor. Eu me virei quando estava parado na ponte levadiça e olhei para o vale lá embaixo, para a cidadezinha que era muito menor e mais pobre do

que Assis. E de repente tudo isso me pareceu tosco e assustador: uma terra de pessoas desgrehadas, de pele clara e fala áspera, sem civilização, sem nada que eu pudesse entender.

Seria pura covardia o que eu sentia? Senti vontade de estar em Santa Maria del Fiore em Florença, ouvindo os cânticos ou a missa solene. Senti vontade de estar em Assis, recebendo os peregrinos de Natal. Pela primeira vez, em mais de vinte anos, eu não estava lá!

À medida que caiu a noite, as multidões em torno da pequena cidade e da igreja davam uma impressão ainda mais ameaçadora, os próprios bosques pareciam mais próximos, como se estivessem lutando para engolir as poucas construções que os homens haviam erguido naquele lugar.

Num segundo, acreditei ter visto um par de criaturas anãs, dois seres pequeninos, feios e deformados demais para serem crianças, e velozes demais ao sair do pátio do castelo e atravessar a ponte para o outro lado.

Mas foi tão rápido, e estava tão escuro, que eu não tive certeza de ter realmente visto alguma coisa.

Dei uma última olhada no vale lá embaixo. Ah, a beleza da catedral. Na sua imensa ambição gótica, ela era mais graciosa do que as igrejas de Florença. Seus arcos desafiavam os céus. Suas janelas eram visões.

Isso, e apenas isso, precisa ser salvo, pensei. Meus olhos encheram-se de lágrimas. Entrei, então, no castelo, para descobrir a verdade.

O saguão principal apresentava seu fogo ensurdecido, e muitos usando trajes de lã escura estavam reunidos em volta da lareira. Meu pai ergueu-se de imediato de uma cadeira ricamente entalhada. - Saíam - ordenou ele a todos.

Eu o reconheci de imediato. Era de uma solidez impressionante, ainda com ombros largos, e lembrando um pouco seu próprio pai, mas muito mais rijo e nem de longe tão velho quanto o velho havia sido quando cheguei. Seu cabelo apresentava faixas grisalhas, mas ainda era de um castanho lustroso e profundo. E seus olhos fundos estavam cheios de um calor amoroso.

- Ashlar! Graças a Deus você veio. - Ele lançou os braços para me abraçar. Lembrei-me do primeiro momento em que o vi, a mesma expressão de amor, de alguém que me conhecia, e meu coração quase se partiu. - Venha sentar-se junto ao fogo e ouça o que tenho a dizer. Elizabeth, a desgraçada filha da Bolena, estava no trono da Inglaterra, mas ela própria não era a pior ameaça para nós. John Knox, o irado presbiteriano, voltando do exílio e estava liderando o povo numa rebelião iconoclasta pelo país inteiro.

- Que loucura é essa dessa gente - perguntou meu pai - que se dispõe a destruir imagens da nossa Mãe Santíssima, que se dispõe a queimar os nossos livros? Não somos idólatras! Graças a Deus temos nosso próprio Ashlar, que voltou nesta época para nos salvar.

Estremeci.

- Pai, não somos idólatras, e eu não sou nenhum ídolo - protestei. - Sou um sacerdote do Senhor. O que posso fazer diante da guerra? Todos esses anos na Itália, ouvi histórias de atrocidades. Só sei fazer coisas sem importância!

- Coisas sem importância! Você é o nosso destino! Nós, os católicos de Highland, precisamos de um líder que defenda o que é certo. A qualquer momento, os protestantes e os ingleses podem reunir a coragem e os números necessários para forçar a abertura do acesso. Já nos avisaram que, se rezarmos a Missa do Galo na catedral, eles arrasarão a cidade. Temos carneiros, temos cereais. Se agüentarmos esta noite e os doze dias do Natal, eles podem ver a mão de Deus nisso tudo e se afastar.

- Hoje à noite, você deve encabeçar a procissão, Ashlar. Deve reger os hinos em latim. Deve pôr o Menino Jesus na manjedoura, entre a Virgem Maria e o bom São José. Deve levar os animais até a manjedoura. Levá-los a prestar homenagens ao Bom Menino Jesus. Seja nosso sacerdote, Ashlar, o que os padres devem ser. Procure alcançar os céus por nós e peça a Misericórdia Divina, como só um padre pode fazer!

É claro que eu sabia que esse era exatamente o conceito que os protestantes consideravam arcaico, que nós do sacerdócio fôssemos misteriosos

e elevados, e tivéssemos alguma comunicação com Deus que as pessoas normais não tinham.

- Pai, eu posso fazer isso como qualquer outro padre - disse eu. - Mas e se agüentarmos todo o período do Natal? Por que eles recuariam nesse caso? Por que não cairão sobre nós a qualquer instante em que nossos carneiros e nossos cereais terminarem?

- O Natal é a hora do seu ódio, Ashlar. É a época da cerimônia católica mais rica. É a ocasião das vestes mais finas, do incenso e das velas. E o tempo da mais solene das missas latinas. E as antigas superstições sufocam a Escócia, Ashlar. O Natal na era pagã era o tempo das bruxas, o tempo em que os mortos sem descanso caminhavam. Fora deste vale, dizem que abrigamos bruxos, que na realidade nós, de Donnelaith, temos os dons das bruxas no sangue. Dizem que nosso vale está cheio de elementais que trazem dentro de si as almas dos mortos sem descanso! Papistas e feitiçaria, essas duas acusações estão misturadas por homens que lutam até a morte pelo direito de dizer que Cristo não está no pão e no vinho! Que orar à Mãe de Deus é pecado!

- Entendi. - Por dentro, estremei. Quer dizer que os elementais trazem dentro de si as almas dos mortos sem descanso?

- Eles chamam nosso santo de ídolo! Chamam-nos de adoradores do Diabo! Nosso Cristo é o Cristo Vivo.

- E eu devo fortalecer o povo... - murmurei. - Isso não significa que eu próprio derrame sangue.

- Basta que levante sua voz pelo Filho de Deus - disse meu pai. - Reúna as pessoas e silencie os descontentes! Pois temos desses entre nós. Puritanos que desejam mudanças, e até mesmo aqueles que alegam existir bruxos em meio a nós, que deverão ser queimados, se quisermos vencer. Faça com que essa arenga se cale. Convoque todo o povo em nome de Santo Ashlar. Reze a Missa do Galo.

- Compreendo - disse eu. - E você vai lhes dizer que eu sou o santo da janela.

- Você é! - declarou ele. - Pelo amor de Deus, você é! Você sabe que é. Você é Ashlar, o que volta. Você é Ashlar, o que nasce sabendo. E você sabe o que é. Há vinte e três anos vive em santidade nas mãos dos franciscanos, e é um verdadeiro santo. Não seja tão humilde, meu filho, a ponto de perder a coragem. Neste vale já temos padres covardes, que tremem lá na sacristia, apavorados de medo de serem arrancados do altar pelos puritanos da cidade para serem jogados na fogueira do Natal.

Ao ouvir essas palavras, lembrei-me daquele Natal remoto. Lembrei-me de quando meu avô deu a ordem para que eu morresse. A acha do Natal. Será que a trariam nesta mesma noite e a acenderiam, após a Missa do Galo, quando a Luz de Cristo tivesse nascido para o mundo?

De repente algo me afastou dos meus pensamentos. Uma fragrância forte e sufocante chegou a mim, um perfume denso e indefinível. Senti aquele cheiro com tanta intensidade que fiquei confuso.

- Você é Santo Ashlar - declarou meu pai, novamente, como se instigado pelo meu silêncio.

- Pai, eu não sei.

- Ah, mas você sabe, sim - exclamou uma outra voz. Era uma voz de mulher. E, quando me virei, vi uma jovem, da minha idade, talvez um pouco mais moça, muito clara, com longas madeixas ruivas e sedosas que lhe cobriam as costas e um farto vestido bordado. Era dela que a fragrância emanava, provocando uma mudança sutil no meu corpo, um anseio e um ardor lento.

Fui atingido por sua beleza, por seus cabelos ondulantes e por seus olhos tão parecidos com os do meu pai, fundos e brilhantes. Meus olhos eram negros. Eram os da minha mãe. Lembrei-me da expressão do holandês: uma fêmea pura da sua própria espécie. Mas ela não era isso. Eu sabia. Era uma mulher humana. Eu podia ver que ela se parecia mais com meu pai do que comigo. Quando eu visse minha gente, eu saberia, da mesma forma que sempre soube certas coisas.

Essa mulher veio na minha direção. A fragrância era sedutora. Eu não fazia, idéia de como interpretá-la. Eu parecia sentir fome, sede e paixão ao mesmo tempo.

- Irmão, você não é nenhum Santo Ashlar! - disse ela. - Você é o Taltos! A maldição deste vale desde tempos obscuros, a maldição que surge no nosso sangue, sem aviso.

- Cale-se, sua cadela - disse meu pai. - Estou falando sério! Matarei você e seus seguidores com minhas próprias mãos.

- É, como os bons protestantes de Roma – disse ela, zombando dele, com a voz muito clara e vibrante, enquanto erguia o queixo e apontava com a mão. - Ashlar, como é que se diz na Itália? Será que você sabe? "Se nosso próprio pai fosse herege, carregariamos os feixes de lenha para queimá-lo"? Estou usando os termos exatos?

- Creio que sim, irmã - disse eu, com delicadeza. - Mas pelo amor de Deus, seja prudente. Fale comigo com paciência.

- Paciência! Você nasceu sabendo? Ou será que isso também é mentira? Nos braços de uma rainha, não foi? E por sua causa, ela foi decapitada.

- Silêncio, Emaeth - exclamou meu pai. - Não tenho medo de você.

- Então, pai, você é o único. Irmão, olhe para mim, ouça o que digo.

- Não sei o que você está dizendo, não compreendo. Minha mãe era uma grande rainha. Nunca soube seu nome. - Gaguejei ao dizer isso porque há muito eu já havia adivinhado quem ela poderia ter sido, e era tolice minha fingir que não sabia. E essa mulher percebeu. Ela era astuta e via muito além do meu delicado estilo franciscano e da expressão de inocência e espanto no meu rosto.

Num vislumbre feio e impreciso, lembrei-me do ódio da minha mãe, do toque da minha boca no seu seio. Levei as mãos ao rosto. Por que eu voltara para descobrir essas verdades? Por que não permanecera na Itália? Que idiota! O que eu havia pensado que uma verdade desagradável podia provocar?

- Era a Bolena - disse a mulher, Emaeth, minha irmã. - A rainha Ana foi sua mãe e foi condenada à morte por feitiçaria e por gerar monstros.



Abanei a cabeça. Eu via apenas aquela pobre mulher assustada, pedindo aos berros que me levassem dali.

- Bolena - sussurrei. E me ocorreram todas as velhas histórias dos mártires daquela época: os cartuxos e todos os padres que se recusaram a legitimar o perverso casamento do rei com a Bolena. Minha irmã prosseguiu, ao ver que eu não a contradizia, nem falava nada

- E a rainha da Inglaterra que está agora no tropo é sua irmã - disse ela - E tem tanto medo do sangue da mãe que gera monstros que não permite que homem nenhum toque nela e nunca irá se casar!

Meu pai procurou interrompê-la, mas ela o fez recuar apontando-lhe o dedo, como se fosse uma arma que o enfraquecia onde ele se encontrasse.

- Cale-se, velho. Foi você. Você fez amor com Ana, mesmo sabendo do seu dedo de bruxa. Você sabia, e sabia que, com a deformidade de Ana e sua herança, o Taltos poderia surgir.

- Quem há de provar que uma coisa dessas chegou a acontecer? - disse meu pai. - Você acha que alguém daquela época está vivo agora? Elizabeth que na ocasião era bebê, essa é a única que sobrevive. E a princesinha não estava no castelo naquela noite! Se ela soubesse que tem um irmão vivo, com direito ao trono da Inglaterra, ele estaria morto, fosse ele monstro ou não.

As palavras me atingiram como tudo: música, beleza, assombro ou medo. Eu sabia. Eu compreendia. Bastava que eu me detivesse por um instante de verdade na velha história. A rainha Ana, acusada de encantar Sua Majestade e de par uma criança deformada no leito real. Henrique, ansioso por provar que não era o pai, acusou-a de adultério e mandou que cinco homens de reconhecida perversidade e falta de moral preparassem o terreno para que ela fosse decapitada.

- Mas eles não eram o pai da criança – disse minha irmã. – Esse era o nosso pai, e como prova disso eu sou bruxa e você é o Taltos! E as bruxas do vale sabem disso. Os elementais sabem, os monstros e párias banais que foram expulsos para os morros. Eles sonham com o dia em que eu leve para a cama um

homem que seja portador da semente. Assim, do meu ventre poderia nascer o Taltos, como aconteceu com a pobre rainha Ana.

Ela avançou na minha direção, encarando-me nos olhos, com a voz áspera, ressoando nos meus ouvidos. Procurei protegê-los com as mãos, mas ela as segurou.

- E então eles o possuiriam novamente, seu demônio sem alma, seu animal de sacrifício. Para ser atormentado como nenhum homem ou mulher jamais o foi! Ah, sim, você sente esse cheiro que vem de mim, e eu o cheiro que vem de você. Eu sou bruxa e você é o Mal. Nós nos conhecemos. Em razão disso, cumprio meu voto de castidade com a mesma dedicação de Elizabeth. Homem nenhum irá plantar um monstro em mim. Mas neste vale há outras, quer sejam bruxas, quer não, que sentem o cheiro daquele que é forte, o perfume do mal, e já corre no vento que você chegou. Logo, os elementais estarão sabendo.

Lembrei-me das criaturas pequenas que havia visto de relance junto aos portões do castelo. E nesse exato momento minha irmã pareceu assustar-se com algum som. Ela olhou ao seu redor, e eu ouvi um riso distante que ecoava na escuridão da escadaria. Meu pai deu um passo à frente.

- Ashlar, pelo amor de Deus e do Seu Filho Divino, não dê ouvidos à sua irmã. Que ela própria é bruxa é a pura verdade. Ela o odeia. Ela odeia que você seja o Taltos, que você tenha nascido sabendo, e não ela. Que ela tenha sido um bebê chorão como todos os outros. Ela não passa de uma mulher, como sua mãe, que poderia talvez dar à luz um milagre desses, ou talvez nunca. Não se sabe. Os elementais são tristes e facilmente saciados. São monstros antigos e comuns. Sempre viveram nas montanhas e vales da Irlanda e da Escócia. Eles estarão aqui quando o ser humano não existir mais. Eles não têm importância.

- Mas, pai, o que é o Taltos? - perguntei. - Esse Taltos, ele é um monstro antigo e comum? De onde vem essa coisa?

Ele inclinou a cabeça e fez um gesto para que eu escutasse.

- Contra os romanos, nós protegemos este vale, quando éramos guerreiros antigos e reuníamos as grandes pedras! Nós o protegemos dos dinamarqueses, dos escandinavos e dos ingleses também.

- É - exclamou minha irmã - e uma vez nós o protegemos dos Taltos, quando estes fugiram da sua ilha e procuraram se esconder dos exércitos romanos neste vale!

Meu pai voltou as costas para ela e me segurou pelos ombros. Ele a excluía.

- Agora estamos protegendo Donnelaith do nosso próprio povo escocês. E em nome da nossa rainha católica, nossa soberana, da nossa fé. Mary Stuart, rainha dos escoceses, é nossa única esperança. Você deve ignorar todas essas histórias de magia e de feitiçaria. Há um propósito no que você é e nos motivos pelos quais veio. Você levará Mary, rainha dos escoceses, ao trono da Inglaterra! Você destruirá John Knox e toda a sua gente. A Escócia jamais voltará a se submeter ao tãção aos puritanos dos ingleses.

- Ele não tem resposta para sua pergunta, irmão - exclamou Emaeth.

- Irmã - disse eu, com serenidade. - O que você deseja que eu faça?

- Que vá embora do vale, como veio. Que fuja para salvar a vida e para a nossa segurança, antes que as bruxas descubram que você está aqui, antes que os elementais saibam! Fuja para que eles não façam com que os protestantes nos ataquem! Você, irmão, é a prova viva do que eles alegam. Você é o filho da bruxa, deformado, monstruoso! Se você incitar os antigos ritos, os protestantes nos pegarão com o sangue nas nossas mãos. Você pode enganar os olhos dos humanos que o cercam. Mas não pode vencer numa batalha por Deus. Você está condenado.

- Por que não? - exclamei. - Por que não posso vencer?

- Isso tudo é mentira - disse meu pai. - As mentiras mais velhas por essas partes do mundo. Santo Ashlar venceu. Santo Ashlar era um Taltos, e por Deus ele construiu a catedral! No exato local em que sua mulher, a rainha pagã, foi queimada por sua fé antiga, uma fonte abençoada brotou do chão, com a qual ele

batizou todos os que viviam entre o braço de mar e o acesso nas montanhas. Santo Ashlar matou os outros Taltos! Ele os erradicou para que o homem feito à imagem de Cristo dominasse a terra. A igreja de Cristo está construída sobre os Taltos! Se isso é feitiçaria, então a igreja de Cristo é feitiçaria. Eles são a mesma coisa.

- E, ele os erradicou - gritou Emaeth. - Em nome de um Deus em vez de outro! Ele liderou o massacre da sua própria gente, para se salvar. Ele se uniu ao medo, ao ódio e à repulsa. Matou seu clã para escapar com vida. Até mesmo a mulher ele sacrificou. É esse o seu grande santo. Um monstro que enganou os que o cercavam para poder liderar e se saciar de glória, e não morrer com sua própria espécie.

- Pelo amor de Deus, filho - disse-me meu pai. - Este é o nosso milagre agora. Ele só acontece uma vez em séculos.

Minha irmã voltou-se para olhar para mim, e eu os vi como humanos. Como eram parecidos.

- Esperem - disse eu, baixinho, tão baixo que bem poderia ter sido um grito descontrolado. - Percebo com clareza. Todos nós nascemos com uma chance diante de Deus. A palavra Taltos não significa nada por si só. Sou de carne e osso. Fui batizado. Recebi as Ordens Sacras. Tenho uma alma. A monstruosidade física, isso não me impede o acesso ao céu. O que eu faço, sim! Não somos predestinados como os luteranos e os calvinistas querem que acreditemos

- Ninguém está questionando isso, irmão - disse Emaeth.

- Então, deixe-me conduzir o povo, Emaeth. Deixe-me provar com boas ações que tenho de fato em mim a graça de Deus. Não sou uma criatura perversa porque não quero ser uma criatura perversa. Quando agi mal com alguém foi por engano! Se eu nasci como você diz, e agora sei que é verdade, talvez existisse um propósito, o de que o poder da minha mãe desgraçada fosse destruído e de que eu derrubasse minha irmã e levasse Mary Stuart ao trono.

- Nasceu sabendo. Você nasceu para ser o brinquedo dos que o mantêm prisioneiro. É isso o que os Taltos sempre foram. Procurem o Taltos, façam o Taltos" - gritou ela, em tom de troça. - "Criem-no para o fogo dos deuses! Para que venha a chuva e que as lavouras prosperem!"

- Isso agora é passado e não importa mais - disse meu pai. - Nosso Senhor Jesus Cristo é o Homem Folha. Ele é nosso Deus, e o Taltos não é nosso sacrifício, mas nosso santo. A Mãe Abençoada é a nossa Holda. Quando os bêbados da aldeia vestem as peles e os chifres dos animais, é para acompanhar a procissão até a manjedoura, não para brincadeiras como antes.

- Estamos em harmonia com os velhos espíritos e com o Deus Único e Verdadeiro. Estamos em paz com toda a natureza, porque transformamos o Taltos em Santo Ashlar! E neste vale conhecemos a segurança e a prosperidade há mil anos. Pense nisso, Filha, mil anos! Os elementais nos temem! Eles não nos perturbam. Deixamos o leite lá fora à noite como oferenda, e eles não ousam pegar mais do que o que deixamos.

- Isso está acabando - disse ela. - Vá embora, Ashlar, para não dar aos protestantes exatamente o que eles precisam. As bruxas deste vale vão reconhecê-lo. Elas conhecerão seu cheiro. Vá enquanto é tempo, e leve sua vida na Itália, onde ninguém sabe o que você é.

- Eu tenho uma alma em mim, irmã. - Levantei a voz tanto quanto tive coragem. - Irmã, confie em mim. Posso reunir as pessoas. Posso pelo menos garantir nossa segurança.

Ela abanou a cabeça. Virou-me as costas.

- E você tem condição de fazer isso? - perguntou meu pai a ela, em tom acusatório. - Você pode, com seus encantamentos mágicos, livros perversos e magias repugnantes? Você pode fazer alguma coisa acontecer no mundo em geral? Nosso mundo está a ponto de perecer. O que você pode fazer? Ashlar, ouça o que eu digo. Somos um pequeno vale, apenas uma porção minúscula da região norte do país. Mas temos resistido e gostaríamos de continuar vivos. E isso é tudo o que o mundo é, no final das contas, pequenos vales, grupos de pessoas

que oram, trabalham e amam juntas, como nós fazemos. Salve-nos, filho. Eu lhe imploro. Invoque o Deus no qual acredita para que nos ajude. E o que você foi, o que sua mãe e seu pai fizeram, essas coisas não têm a mínima importância.

- Nenhum protestante ou católico pode provar nada contra mim - disse eu, baixinho. - Irmã, você lhes contaria o que sabe?

- Eles saberão.

Saí do saguão. Eu agora era o sacerdote, não o franciscano humilde, mas o missionário, e eu sabia o que tinha de fazer.

Atravessei o pátio do castelo, passei pela ponte e desci pelo caminho coberto de neve na direção da igreja. De todas as direções e distâncias, chegavam pessoas carregando tochas, olhando para mim com desconfiança e depois com animação, a sussurrar o nome "Ashlar", diante do que eu baixava a cabeça e fazia um grande sinal com as duas mãos abertas.

Mais uma vez vislumbrei uma daquelas criaturinhas deformadas, com o manto e o capuz negros, que vinha correndo muito pelo campo na minha direção e depois se afastava. Os outros pareceram vê-lo, e se uniram mais, sussurrando, mas depois vieram pela estrada a fora.

Ao longe nos campos, vi homens dançando. A luz das tochas, e com a silhueta escurecida em contraste com o céu, eu os vi com as peles e os chifres! Eles haviam começado sua antiga farra de Natal pagã. Preciso formar a Procissão e atraí-los para o Menino Jesus. Sem dúvida alguma.

Quando cheguei aos portões da cidade, já havia uma multidão. Fui até a catedral e pedi que aguardassem. Entrei na sacristia, onde dois padres idosos estavam juntos, olhando para mim, cheios de medo.

- Dêem-me batinas, paramentos - disse eu. - Quero trazer a união ao vale. Preciso pelo menos da minha batina para começar e de uma sobrepeliz branca. Façam o que estou dizendo.

Eles imediatamente se apressaram a me ajudar. Surgiram alguns jovens coroinhas, que vestiram suas batinas e sobrepelizes.

- Vamos, padres - disse eu aos sacerdotes assustados. - Estão vendo? Os meninos são mais corajosos do que vocês. Que horas são? Precisamos começar a Procissão. A Missa deve começar à meia-noite em ponto! Protestantes, católicos, pagãos. Não posso salvar a todos, nem reunir a todos. Mas posso fazer com que Cristo desça sobre o altar na Transubstanciação. E Cristo nascerá nesta noite neste vale, como sempre nasceu!

Saí da sacristia e ergui minha voz para o povo.

- Preparem-se para a Procissão de Natal - ordenei. - Quem quer ser José e quem quer ser nossa Mãe Abençoada? E que criança temos nesta aldeia que eu possa pôr na manjedoura antes de pisar no altar de Deus para rezar a Missa? Que nesta noite a Santa Família seja de carne e osso; que sejam do vale. E todos vocês que se dispuserem a assumir a forma e a pele de animais, caminhem em Procissão até a manjedoura e se ajoelhem ali, como fizeram o boi, o cordeiro e o burro diante do Menino Jesus. Venham, meus fiéis. Já está quase na hora.

Por toda parte, eu via rostos enlevados. Vi a graça de Deus em cada expressão. E só um relance de uma mulher pequena e deformada, que me espiava de dentro de um pesado xale de tecido grosseiro. Vi seu olho brilhante, vi seu sorriso desdentado, e depois ela desapareceu. E a multidão se fechou em volta dela como se, em meio à turba dos mais altos, ela permanecesse invisível. Apenas uma criatura comum, pensei. E se existem mesmo os elementais, eles pertencem ao Demônio, e a Luz de Cristo precisa vir para expulsá-los.

Fechei os olhos, juntei as mãos de tal modo que elas formassem sozinhas uma pequena igreja, muito estreita e alta, e comecei a cantar em voz baixa o lindo e lamentoso hino do Advento.

Ó vinde, vinde, Emanuel  
E salve a cativa Israel  
Que chora no exílio solitário  
Até que surja o Filho de Deus...

Vozes uniram-se à minha, vozes e o melancólico som de flautas, além da batida dos pandeiros e até mesmo de delicados tambores.

503

Aleluia

Aleluia

Emanuel

Virá a ti

O Israel!

Lá no alto da torre, o sino começou a repicar, rápido demais para o Dobre do Diabo, mais como a trombeta a chamar todos os fiéis da montanha, vale e litoral.

Houve algumas exclamações de "Os protestantes vão ouvir o sino! Eles virão nos destruir!" Mas gritos cada vez mais numerosos e animados de "Ashlar, Santo Ashlar, Padre Ashlar. É o nosso santo que voltou".

- Que se toque o Dobre do Demônio! - ordenei. - Que as bruxas e os perversos sejam expulsos do vale! Que os protestantes também sejam expulsos, pois decerto ouvirão também o Dobre.

Houve gritos de aplauso.

E em seguida mil vozes entoaram o Hino do Advento, e eu me retirei para a sacristia para vestir os paramentos completos, minha casula de Natal e as vestes vistosas verdes e douradas, pois a cidadezinha possuía tudo isso, a cidadezinha dispunha dessas vestes tão lindas, ricas e bordadas quanto as que eu havia visto na próspera Florença. E eu logo estava vestido como um sacerdote deve estar, no mais puro linho, com mantos debruados de ouro. Os outros padres vestiram-se apressadamente. Os coroinhas correram para distribuir as velas para a Procissão, e me disseram que, de todos os pontos da região, os fiéis estavam acorrendo, e os fiéis que antes haviam sentido medo agora estavam trazendo as folhagens do Natal.



- Pai - orei. - Se eu morrer nesta noite, às tuas mãos confio meu espírito.

Já era quase meia-noite, mas ainda cedo demais para sair. E, enquanto eu estava ali parado, imerso na oração, procurando me fortalecer, invocando Francisco para me dar coragem, ergui os olhos e vi que minha irmã chegara à porta da sacristia, usando uma pelerine e capuz verde-escuro, e fazia um gesto com uma das mãos magras e brancas, para que eu fosse até o aposento adjacente.

Tratava-se de um cômodo com lambris escuros, com uma pesada mobília de carvalho e estantes de livros embutidas nas paredes. Um lugar para um padre realizar conferências em tranqüilidade, talvez, ou um gabinete de trabalho. Não era aposento que eu houvesse visto antes. Vi textos latinos que eu conhecia. Vi a imagem do nosso fundador, São Francisco, e meu coração se encheu de felicidade, embora nenhum Francisco de mármore ou de gesso jamais fosse aquele ser radiante que eu via na minha imaginação.

Minha alma estava tranqüila. Eu não queria conversar com minha irmã. Queria apenas orar. Seu cheiro me perturbava.

Ela me levou ali para dentro. Algumas velas ardiam ao longo da parede. Nada se via através das janelas de pequenos losangos, a não ser a neve que caía. E eu fiquei perplexo ao ver o holandês de Amsterdã sentado à mesa, fazendo um gesto para que eu me sentasse. Ele havia tirado seu desajeitado chapéu de holandês, e olhava ansioso para mim enquanto eu me sentava na cadeira em frente a ele.

O estranho perfume sedutor emanava forte da minha irmã, e mais uma vez ele me deu vontade de alguma coisa, mas eu não sabia do quê. Se tratava de um desejo erótico, eu não pretendia descobrir.

Eu estava completamente paramentado para a Missa Solene. Sentei-me com cuidado e cruzei minhas mãos sobre a mesa.

- O que desejam? - Eu olhava da minha irmã para o holandês. - Vieram se confessar para poder receber o Corpo e o Sangue de Cristo nesta noite?

- Salve sua pele - disse minha irmã. - Vá embora agora.

- E abandonar essa boa gente e essa causa? Você está louca.

- Escute bem, Ashlar - disse o homem de Amsterdã. - Estou mais uma vez lhe oferecendo minha proteção. Posso levá-lo daqui nesta noite, em segredo. Deixe que os padres covardes ganhem coragem sozinhos.

- Para ir para um país protestante? Para quê?

Foi minha irmã quem respondeu.

- Ashlar, nos tempos obscuros das lendas, antes que os romanos e os pictos viessem para esta terra, a sua gente vivia numa ilha, nus e brincalhões como primatas da selva. Nasciam sabendo, sim, mas sabiam no momento do nascimento tudo o que chegariam a saber na vida!

- A princípio, os romanos procuraram procriar com eles, como outros haviam tentado. Pois, se pudessem gerar filhos que chegassem à maturidade em poucas horas, que povo poderoso não se tornariam? No entanto, não conseguiram procriar com os Taltos, a não ser uma vez em mil. E, como as mulheres morriam em decorrência do sêmen dos machos Taltos, e as fêmeas Taltos levavam os homens a uma licenciosidade interminável e infrutífera, foi decidido que eles deveriam eliminar os Taltos da face da terra.

- Mas nas ilhas e em Highland, a espécie sobreviveu, pois conseguia se multiplicar como ratos. E, finalmente, quando a fé cristã chegou a este país, quando os monges irlandeses vieram em nome de São Patrício, foi Ashlar, o líder dos Taltos, quem se ajoelhou diante da imagem de Jesus Crucificado e ordenou que toda a sua gente fosse assassinada, já que eles não possuíam alma! Havia um motivo por trás dessa decisão, Ashlar! Ele sabia que, se os Taltos de fato se civilizassem, na sua infantilidade, idiotice e tendência para procriar nunca poderiam ser detidos.

- Ashlar não pertencia mais ao seu povo. Pertencia aos cristãos. Estiver em Roma. Conheceu Gregório, o Grande. E assim ele condenou seus irmãos Taltos! Voltou-se contra eles. O povo criou um ritual, uma oferenda, um extermínio de pagãos tão cruel quanto jamais se viu.

- No entanto, ao longo dos anos, no sangue, a semente é transmitida de modo a gerar esses gigantes esguios, que nascem sabendo, essas estranhas criaturas a quem Deus concedeu o talento para a mímica e para o canto, mas nenhuma capacidade verdadeira para a seriedade ou para a firmeza.

- Ah, mas isso não é verdade - disse eu. - Diante de Deus. eu sou prova viva.

- Não – respondeu minha irmã. – Você é um bom seguidor de São Francisco chegou a ser, o idiota de Deus, caminhando descalço e pregando a bondade, sem conhecer de fato uma palavra de teologia, e fazendo com que seus seguidores doassem tudo o que possuíam. Foi o lugar perfeito para mandá-lo, a Itália dos franciscanos. Você tem o cérebro desmiolado dos Taltos, que preferem brincar, cantar e dançar o dia inteiro, além de gerar outros que irão brincar, cantar e dançar...

- Cumpro o voto do celibato - contestei. - Sou consagrado a Deus. Não sei nada do que está falando. - Ela me magoou com tanta profundidade que foi um milagre eu emitir essas palavras. Eu estava ferido. - Não sou esse tipo de criatura. Como você ousa dizer isso? - sussurrei, mas depois baixei a cabeça com humildade. - Francisco, ajude-me nesta hora - implorei.

- Eu conheço toda essa história - afirmou o holandês, enquanto minha irmã concordava com um sinal de cabeça. Ele prosseguiu. - Somos uma Ordem chamada Talamasca. Conhecemos os Taltos. Sempre conhecemos. Nosso fundador viu com seus próprios olhos os Taltos da sua época. Era seu grande sonho unir o Taltos macho a uma fêmea Taltos, ou à bruxa cujo sangue fosse forte o suficiente para suportar o sêmen do macho. Esse é nosso objetivo há séculos, observar, esperar e salvar o Taltos! Salvar um macho e uma fêmea em uma geração se uma coisa dessas acontecer! Ashlar, nós sabemos onde há uma fêmea! Você está entendendo?

Percebi que isso espantava minha irmã. Ela não sabia desse ponto, e agora encarava o holandês com suspeita, mas ele prosseguiu, insistente, como antes.

- Padre, o senhor tem alma? - sussurrou ele para mim, mudando para uma atitude mais manhosa. - E inteligência para saber o que isso representa? Uma pura fêmea dos Taltos? E uma ninhada de filhos que nascem sabendo, capazes de ficar em pé e falar no primeiro dia de vida! Filhos que podem gerar outros com tanta rapidez?

- Ai, como você é tolo! Você vem como o demônio para tentar Cristo no deserto. Você me diz que quer fazer de mim o imperador do mundo.

- É, é isso o que estou dizendo! E estou preparado para ajudá-lo a trazer de volta sua gente ao pleno poder e força.

- E se você me considera esse monstro irracional, por que faria isso por mim com tanta generosidade?

- Irmão, vá com ele - disse minha irmã. - Não sei se essa fêmea existe ou não. Nunca pus os olhos num Taltos do sexo feminino. Mas elas nascem, é verdade. Se você não for, morrerá nesta noite. Você já ouviu falar dos elementais. Sabe o que eles são?

Não respondi. Senti vontade de dizer que não me importava.

- Eles são o produto da bruxa que não chega a crescer e se transformar no Taltos. Eles trazem as almas dos condenados.

- Os condenados estão no inferno - retruquei.

- Você sabe que não é bem assim. Os condenados voltam sob muitas formas. Os mortos podem ser inquietos, vorazes, cheios de vingança. Os elementais dançam e copulam, atraindo homens e mulheres cristãos que desejam ser bruxos, que desejam dançar e fornicar, na esperança de que o sangue combine, que o semelhante encontre o semelhante, e de que o Taltos venha a nascer.

- Isso é feitiçaria, irmão. É isso o que sempre foi. Uma reunião de mulheres embriagadas para que elas se arrisquem a perder a vida para gerar o Taltos. Essa é a velha história das orgias nestes vales sinistros. Trata-se de criar uma raça de gigantes que, pela mera força do seu número, expulsará os mortais da face da Terra.

- Deus não permitiria que uma coisa dessas acontecesse - disse eu, com serenidade.

- Nem a gente do vale! - atalhou o holandês. - Você não está entendendo? Através dos séculos, eles esperam, observam e usam o Taltos. Para eles, traz sorte juntar o macho e a fêmea, mas só para seus próprios rituais cruéis!

- Não sei do que está falando. Eu não sou essa coisa.

- Na minha casa em Amsterdã, há milhares de livros que lhe falarão da sua espécie e de outros seres milagrosos. Lá está todo o conhecimento que reunimos enquanto esperávamos. Se você não é o tolo, venha.

- E você, o que é? - perguntei. - O alquimista que quis criar um grande homúnculo?

Minha irmã baixou a cabeça sobre a mesa e chorou.

- Na minha infância, eu ouvia as lendas - disse ela, entristecida, enxugando as lágrimas com seus longos dedos. - Eu rezava para que o Taltos nunca surgisse. Nenhum homem jamais me tocará para que uma criatura dessas não nasça de mim! E se algo dessa natureza por acaso ocorresse, Deus me livre, eu estrangularia a criatura antes que ela sugasse o leite de bruxa dos meus seios. Mas você, irmão, a você foi permitido viver. Você tomou o suficiente do leite da bruxa e ficou bem alto. No entanto, você foi mandado para longe para ser salvo. E agora você volta para casa para que as piores profecias se realizem. Você não percebe? As bruxas podem estar espalhando a notícia agora. Os elementais vingativos descobrirão que você está aqui. Os protestantes têm este vale cercado. Estão esperando por uma chance para se abaterem sobre nós, aguardam a centelha para acender seu fogo.

- Isso é mentira. Mentira para apagar a Luz de Cristo, que quer nascer para o mundo nesta noite. Está ouvindo os sinos. Agora vou rezar a Missa. Irmã, não se aproxime do altar com suas superstições pagãs. Eu me recuso a pôr o Corpo de Cristo na sua língua.

Quando me ergui para sair, o holandês me segurou, e eu com toda a minha força o repeli.

- Sou um sacerdote de Deus, seguidor de São Francisco de Assis. Vim rezar a Missa de Natal neste vale. Sou Ashlar, e estou à mão direita de Deus.

Sem me deter, fui até as portas da catedral. Grandes gritos de alegria ecoaram da multidão quando abri a igreja. Minha cabeça estava entontecida com as frases desconexas, as ameaças, as suspeitas. Eu tinha certeza de que aquilo era tudo demonologia.

Saí em meio ao povo, erguendo minha mão em bênção. In Nomine Patris, et filii, et spiritus sancti, ameis. Uma bela jovem viera se apresentar para ser Santa Virgem Maria no nosso quadro vivo, com os cabelos cobertos por um véu azul, um rapaz de bochechas rosadas, que mal começava a ter barba e precisou escurecê-la com carvão, para José e um bebê, nascido há apenas alguns dias, pequeno, rosado e lindo, foi posto nos meus braços.

Vi os homens usando peles de animais que se reuniam, com velas acesas nas mãos. Na realidade, o vale inteiro estava iluminado por velas. Toda a cidadezinha estava repleta de velas acesas! E a igreja enorme e bela às nossas costas logo receberia essa luz.

Num átimo de segundo, vi mais uma vez um daqueles seres elementais, corcunda, com roupas pesadas, mas não me pareceu nenhum monstro, só os anões normais que se vêem nas ruas de Florença, ou foi isso o que eu disse a mim mesmo. E era natural que as pessoas evitassem contato com ele e arfassem quando ele fugia, pois esse tipo de coisa costuma assustar os ignorantes. Não se pode culpá-los.

O sino começou a bater a meia-noite. Era Natal. Cristo chegara. Os tocadores de gaita de foles entraram na igreja, com suas saias largas de tecido escocês. Entraram as criancinhas de branco, como anjos, e todo o povo, ricos e pobres, esfarrapados ou bem vestidos, entrou pelas portas em multidão.

Nossas vozes ergueram-se novamente no hino, "Nasceu o Menino Jesus. Nasceu o Menino Jesus." Mais uma vez, ouvi os pandeiros e as gaitas de foles que tocavam, além da batida dos tambores. O ritmo tomou conta de mim e fez com que minha visão se enevoasse, mas eu prossegui, com os olhos no altar

radiante e na manjedoura de feno que havia sido armada à sua direita adiante da bancada de mármore da comunhão. O bebê nos meus braços dava gritinhos fortes como se ele também quisesse anunciar a boa nova, e dava chutes no ar com suas perninhas fortes e bonitas enquanto eu o segurava no alto.

Eu nunca havia sido uma criança assim. Eu nunca havia sido um milagre desses. Eu era algo antiqüíssimo e talvez esquecido, adorado no tempo das trevas. Mas isso agora não importava. Sem dúvida, Deus me via! Sem dúvida, Deus conhecia meu amor por Ele, meu amor pelo Seu povo, meu amor pelo Menino Jesus nascido em Belém e por todos que pronunciassem Seu nome. Sem dúvida, São Francisco velava por mim, seu fiel seguidor, seu filho.

Afinal, cheguei à ampla capela-mor, ajoelhei-me e pus o pequeno bebê na cama de feno. Havia preparado panos de linho para ele. Ele chorou forte por ser abandonado dessa forma, pobre Menino Jesus! E meus olhos se encheram de lágrimas de contemplar sua perfeição comum, sua simetria normal, o brilho natural dos seus olhos e da sua voz.

Recuei. A Virgem Maria se ajoelhara ao lado do pequeno milagre. E à direita do pequeno berço, ajoelhou-se São José. E agora chegavam pastores, nossos próprios pastores de Donnelaith, com carneiros quentinhos aos ombros, e a vaca e o boi foram levados à manjedoura. Os cantos ficaram mais altos e ainda mais belos e harmônicos, com o som dos tambores e das gaitas de foles em segundo plano. Fiquei ali parado, balançando. Meus olhos se enevoaram. Percebi na minha tristeza. enquanto mergulhava mais fundo na música, quase de uma forma irrecuperável, que não havia visto meu santo. Não me ocorrera olhar de relance para a rosácea quando vim pelo centro da igreja na direção do altar. Agora não importava. Ele não era nada a não ser vidro e história.

Eu agora faria o Cristo Vivo. Meus coroinhas estavam prontos. Caminhei até o pé da escada e comecei a dizer as antigas palavras em latim :

Entrarei no Altar de Deus. Na hora da Consagração, quando os sininhos tilintaram para assinalar o momento sagrado, ergui a Hóstia. Este é o Meu Corpo. Segurei o Cálice. Este é o Meu Sangue. Comi o Corpo. Bebi o Sangue.

Voltei-me afinal para distribuir a Santa Comunhão, para vê-los chegando numerosos, jovens e velhos, fracos e robustos, e aqueles com bebés que seguravam a cabeça da criança para baixo enquanto eles próprios abriam a boca para receber a Hóstia Consagrada.

Lá no alto, em meio aos arcos estreitos e elevados daquela enorme construção, pairavam sombras, mas a luz subia, santa e brilhante, procurando cada canto para poder iluminá-lo, procurando cada pedacinho de pedra fria para aquecê-lo.

O próprio grande senhor, meu pai, veio receber a comunhão, e com ele minha temível irmã, Emaeth, que baixou a cabeça no último instante para que ninguém visse que eu não lhe estava dando a Hóstia. E tios que reconheci de muito tempo atrás; parentas, sim; e os chefes das outras fortalezas e seus clãs. Em seguida, os pastores e os lavradores do vale, bem como os mercadores da cidadezinha, num caudal sem fim.

Pareceu-me que demos a comunhão por uma hora ou mais, que íamos de um lado para o outro para apanhar um cálice após o outro, até que finalmente todos os homens e mulheres do vale haviam participado. Todos haviam recebido o Cristo Vivo nos seus corações.

Eu jamais vira em nenhuma igreja na Itália tanta felicidade. Nunca em nenhum campo aberto sob a abóbada do céu do Senhor, sob Suas estrelas perfeitamente pintadas. Quando me voltei para dizer as palavras finais, "Ide em paz e o Senhor vos acompanhe", vi a coragem, felicidade e paz em todos os rostos.

O sino começou a repicar mais rápido, na realidade descontrolado, com o espírito da alegria. As gaitas iniciaram uma melodia desenfreada, e os tambores começaram a bater.

- Ao castelo - gritava o povo. - Chegou a hora do Banquete do grande senhor.

E eu me descobri erguido nos ombros dos homens mais fortes da aldeia.



- Enfrentaremos as forças do inferno - gritava o povo. - Lutaremos até a morte, se for preciso. - Era bom que eles me carregassem, porque a música estava tão alta e tão alegre que eu não poderia ter caminhado. Eu estava enfeitiçado e enlouquecido quando me levaram pela nave, e dessa vez me voltei para a direita para ver lá no alto a figura escura de vidro do meu santo.

Amanhã, quando o sol nascer, pensei, virei vê-lo. Francisco, esteja ao meu lado. Diga-me se agi bem. E então a música me dominou. Tudo o que pude fazer foi ficar sentado ereto para aqueles que me carregaram para fora da igreja pela escuridão adentro, onde a neve cobria reluzente o chão e as tochas do castelo ardiam.

O saguão principal do castelo estava enfeitado de verde, como eu o vira pela primeira vez, com todas as suas inúmeras cadeiras acesas. E, quando os aldeões me depuseram diante da mesa de banquete, a imensa tora ao matai rol arrastada até a boca escancarada da lareira e lhe atearam fogo.

- Queime, queime, queime, as doze noites do Natal - cantaram os aldeões. As gaitas tocavam estridentes, e os tambores ressoavam. Entraram os criados com bandejas de carne e jarros de vinho.

- Afinal, vamos ter nosso Banquete de Natal - exclamou meu pai. - Não vamos mais viver no medo.

Entraram os rapazes com a cabeça do javali assado no seu enorme prato, e os próprios javalis nos espetos enegrecidos. E por toda parte eu via as damas nos seus vestidos esplêndidos e as crianças dançando em grupos e em círculos. Finalmente todos se levantaram para formar rodas informais sob o teto altíssimo e erguer um pé para dançar a dança tribal.

- Ashlar - disse meu pai. - Você nos deu o Senhor de volta. Deus o abençoe.

Fiquei sentado à mesa, assombrado, observando todos eles, com o cérebro latejando ao compasso dos tambores. Vi então os tocadores de gaita de foles a dançar enquanto tocavam, o que não é um feito desprezível. Vi que os

círculos se rompiam e formavam outros círculos. E o aroma da comida era delicioso e inebriante. E o fogo era uma enorme chama ofuscante.

Fechei meus olhos. Não sei quanto tempo fiquei ali com a cabeça encostada no espaldar da cadeira, ouvindo seu riso, suas canções e sua música. Alguém me ofereceu vinho para beber, e eu aceitei. Alguém me ofereceu carne, e isso eu também aceitei. Pois era Natal, e eu podia comer carne se quisesse, não precisando ser o pobre franciscano justamente nesse dia.

Ouvi uma transformação no ambiente. Achei que era apenas um intervalo. E então percebi que os tambores haviam começado a soar mais lentos. Eles haviam começado a dar uma impressão sinistra, e as gaitas passaram a tocar uma música atenuada e sombria.

Abri os olhos. O grupo estava envolto em silêncio, ou sob a influência da música. Eu não poderia dizer qual. Tive a impressão de que se me movimentasse, eu mesmo ficaria entontecido. Agora eu via os tambores, via suas expressões fixas. E os rostos graves e embriagados dos que tocavam as gaitas.

Aquilo não era música de Natal. Era algo totalmente mais triste, mais glorioso e mais louco. Procurei me levantar, mas a música me dominou. E parecia que a melodia havia desaparecido da música, e que ela era apenas um tema que se repetia inúmeras vezes, como uma pessoa que procura alcançar alguma coisa e faz o mesmo gesto, repetidamente.

Chegou então o cheiro. Ah, pensei eu, é só minha irmã, e só eu sei disso e sufocarei qualquer desejo que ele desperte. Foi quando as pessoas espalhadas pelo imenso salão e as que se encontravam na escadaria deixaram escapar um arquejo. Na realidade, algumas se voltaram e esconderam o rosto, enquanto outras recuavam de encontro às paredes.

- O que houve? - exclamei. Meu pai continuava com o olhar fixo como se não houvesse palavras que pudessem atingi-lo. Vi minha irmã, Emaeth, do mesmo jeito, e toda a minha gente bem como os outros chefes. Os tambores não paravam de soar. As gaitas guinchavam e chiavam.

O cheiro ficou mais forte. E, enquanto eu lutava para permanecer de pé, vi um grupo de pessoas, vestidas apenas em preto e branco, entrar no saguão.

Eu conhecia aqueles trajes severos. Eu conhecia aqueles colarinhos brancos engomados. Eram os puritanos. Teriam vindo para a guerra?

Eles escondiam alguma coisa em seu meio e avançavam em conjunto. E agora parecia que os tocadores de gaita e de tambor estavam tão imersos na música quanto eu.

Senti vontade de gritar, "Olhem, os protestantes!" Mas minhas palavras estavam muito longe. O cheiro foi ficando cada vez mais forte.

Afinal, o grupo de pessoas vestidas de negro se abriu e no círculo havia uma mulher pequena, encurvada, anã, corcunda, com uma grande boca sorridente e olhos ardentes.

- Taltos, Taltos, Taltos! - berrou ela, vindo para o meu lado. E eu soube que o cheiro vinha dela! Vi que minha irmã se jogava na minha direção, mas que meu pai a agarrava e a forçava a se abaixar até o chão. Ele a segurava enquanto ela se debatia ajoelhada.

A mulher pertencia aos elementais, rancorosa, de olho chispante.

- Isso mesmo, mas juntos vamos fazer gigantes, meu irmão alto, meu parceiro! - gritou ela. E, abrindo os braços, ela também arreganhava os farrapos do seu vestido. Vi seus seios enormes e convidativos, que caíam até seu ventre pequeno.

O cheiro estava nas minhas narinas, na minha cabeça e, quando ela subiu na mesa diante de mim, pareceu-me que se tornara alta e linda aos meus olhos, uma mulher graciosa, de membros esbeltos e longos dedos brancos que se estendiam para afagar meu rosto. Uma pura fêmea da sua própria espécie.

- Não, Ashlar! - gritou minha irmã, e eu vi o movimento de descida do punho de meu pai e ouvi o baque do corpo dela no chão de pedra.

A mulher diante de mim estava radiante. E, enquanto eu olhava, seus cabelos de um ruivo dourado cresceram cada vez mais, caindo pelas suas costas nuas e entre seus seios. Ela agora erguia esse véu e se revelava para mim,

segurando os seios com as duas mãos e depois, baixando as mãos, ela abriu os lábios secretos da boca rosada e úmida entre suas pernas.

Eu não conseguia raciocinar. Só conhecia o desejo, a música, a beleza enfeitiçadora. Eu havia sido erguido até a mesa. E ela se deitou por baixo de mim, e alguém me colocou em cima dela.

- Taltos, Taltos, Taltos! Façam o Taltos

Os tambores soavam cada vez mais alto, como se não houvesse limites do seu volume. As gaitas haviam se transformado num longo zumbido. E ali, debaixo de mim, nos pêlos dourados entre as suas pernas, estava a boca que sorri para mim; sorria como se pudesse falar! Era úmida, macia e brilhava com os fluidos de uma mulher. E eu a queria, eu sentia seu cheiro, eu precisava dela. Eu tinha de possuí-la. Expus meu órgão e o enfiei na fenda inferior, empurrando-o repetidamente.

Era o êxtase de sugar o leite da minha mãe. Eram minhas prostitutas de Florença, seu riso cristalino, o toque macio dos seus seios fartos. Eram os segredos peludos por baixo das suas saias. Era uma carne em brasa que me apertava o membro e extraía de mim gritos de prazer. Mas aquilo não tinha fim. Prosseguia sem parar. E ter vivido toda uma vida com tão pouco, como eu havia sido tolo, tolo, tolo!

As tábuas tremiam e estalavam com nossos movimentos. Taças caíam ao chão. Parecia que o calor do fogo nos estava consumindo. O suor pingava do meu corpo

E ali embaixo, sobre as duras tábuas de madeira, em meio ao vinho derramado, a restos de carne e à toalha rasgada, não estava a bela mulher de cabelos ruivos reluzentes, mas a pequena megera anã com seu sorriso horrendo.

- Ai, meu Deus, eu não ligo, eu não me importo. É o que eu quero! - Quase berrei de desejo. E tudo continuou até não haver mais nenhuma lembrança de raciocínio, de objetivo ou de pensamento.

Atordado, percebi que havia sido arrastado de cima da anã e que ela estava se contorcendo nas tábuas diante de mim. Algo estava saindo daquele lugar úmido e secreto onde eu deixara minha semente.

- Não, eu não quero ver isso. Parem com isso. - berrei. - Ai, meu Deus, perdoe-me! - Mas o saguão inteiro se encheu de risos, uma risada descontrolada que competia com os tambores e com as gaitas para criar uma tal algazarra que eu precisei tapar meus ouvidos. Acho que berrei. Berrei como um animal. Mas eu não conseguia ouvir a mim mesmo.

De dentro do ventre da megera, saiu o novo Taltos, saíram seus longos braços escorregadios, que iam se alongando à medida que iam saindo, magros, tateando, e dedos que se alongavam enquanto iam se movimentando pelas tábuas, e afinal a cabeça, uma cabeça estreita e viscosa, no momento em que a mãe gritava na sua agonia. E ele nascia sabendo. Nascia livrando-se do ovo gotejante de dentro do útero e me olhava com olhos cúmplices!

De dentro do corpo da megera, ele foi deslizando, crescendo cada vez mais, com os olhos brilhantes, a boca aberta, a pele impecável, reluzindo com a perfeição da pele de qualquer bebê humano. E ele se jogou sobre a mãe, como eu havia feito no passado, e começou a sugar o leite, secando primeiro um seio e depois o outro. Ele então ficou em pé, e em toda a volta as pessoas davam gritos e urros de aplauso.

- Taltos! Taltos! Façam mais um. Façam uma mulher. Façam Taltos até o sol nascer!

- Não, parem com isso! - gritei, mas aquele horror recém-nascido, aquela criança desconcertada, aquele estranho gigante cambaleante, já havia coberto a megera e agora a estava estuprando exatamente como eu fizera. E mais uma megera foi encaminhada a mim e posta diante de mim. E eu estava sendo forçado sobre ela. E meu órgão a conhecia e sabia o que queria. Conhecia o cheiro.

Onde estavam meus santos?

Pareceu-me que as pessoas no saguão batiam os pés e cantavam, acompanhando agora os tambores. Todos eram uma única voz, monótona, grave

e incessante. E quando eu fui puxado para trás, meus olhos rolaram e eu não pude ver. Jogaram vinho no meu rosto, uma criança estava nascendo dessa nova mulher que me deram, e as pessoas voltavam a gritar.

- Taltos! Taltos! Taltos! - E finalmente - É mulher! Nós agora temos os dois!

O saguão enlouqueceu com gritos animados. Mais uma vez, as pessoas dançavam, não em círculos, mas de braços dados pulando para cima das mesas e das cadeiras e correndo escada acima só para saltar no ar. Vi o rosto do grande senhor, cheio de ira e pavor, a abanar a cabeça enquanto gritava alguma coisa, para mim, mas suas palavras ficaram perdidas.

- Vamos fazê-los até a manhã de Natal ! - gritaram as pessoas. - Fazer e queimar! - E, enquanto eu me esforçava para me ajoelhar, vi que eles apanhavam o que havia nascido primeiro, o menino que agora já tinha a mesma altura do pai, e o lançavam à fogueira de Natal.

- Parem, parem com isso pelo amor de Deus! - Ninguém me ouvia. Eu próprio não ouvia minha voz. Eu não ouvia seus berros embora soubesse que ele estava berrando. Vi a agonia no seu rosto liso. Ajoelhei-me e baixei a cabeça. - Deus nos ajude. Isso é bruxaria. Parem com isso, ai, Deus, ajude-nos Eles nos criaram para o sacrifício, nós somos os cordeiros. Ai, Deus, chega, chega de morte!

A multidão bramava, balançava, cantarolava num zumbido poderoso o interminável. De repente, então, gritos cortaram o ar, mais altos e numerosos do que os meus. Impossível que não fossem ouvidos.

Soldados haviam aberto as portas à força! Entraram às centenas no saguão. Para cada homem de armadura, munido de escudo e espada, vinha um pastor ou um lavrador com um forcado ou uma tosca relha de arado nas mãos.

- Bruxos, bruxos, bruxos! - berravam os invasores.

Pus-me de pé e gritei pedindo silêncio. Estavam decepando cabeças de corpos. Os que eram apunhalados gritavam pedindo misericórdia. Homens

lutavam para proteger suas mulheres. E nem mesmo as criancinhas estavam sendo poupadas.

Os agressores me dominaram. Fui levado para fora do saguão e comigo o outros monstros, recém-nascidos, e as megeras das quais eles se originavam. Pela noite fria desanuviou-se, e eu tive a impressão de que os berros e gritos de guerra reverberavam nas montanhas.

- Meu Deus, ajude-nos, ajude-nos - gritei. - Ajude-nos, isso é perversidade, é errado, não é a sua justiça. Não. Castigue os culpados, mas todos não. Meu Deus!

Jogaram meu corpo no piso de pedra da catedral, e eu fui arrastado na direção do altar. À minha volta, eu ouvia o estouro das enormes janelas. Vi labaredas. Comecei a me sufocar com a fumaça negra, mas meu corpo estava sendo arranhado enquanto eu era arrastado. Vi ao longe que o feno da manjedoura pegava fogo. Os animais amarrados berravam no incêndio do qual na podiam escapar.

E afinal fui jogado aos pés do túmulo de Santo Ashlar.

- Pela janela, pela janela! - gritavam.

Esforcei-me para me ajoelhar. Todos os ornamentos e bancos de madeira da catedral estavam queimando. O mundo inteiro era a fumaça e os gritos de massacrados. De repente, meu corpo foi erguido por mãos que seguravam cada pé e cada braço. E por esses seres fui balançado para a frente e para trás, para frente e para trás, e depois lançado na direção da grande janela do próprio santo!

Senti meu peito e meu rosto baterem no vidro. Ouvi-o quebrar-se e pensei que sem dúvidas morreria naquele momento. Subiria em paz em meio a noite e às estrelas, e Deus explicaria por que motivo tudo aquilo havia acontecido.

Pareceu-me ver o vale. Vi a cidadezinha incendiada. Vi cada janela como uma boca de fogo. Vi choupanas em chamas. Vi os corpos espalhados ao meu redor e, aturdido, percebi que aquelas não eram as visões de uma alma em ascensão. Eu ainda estava vivo.

E então a turba chegou e mais uma vez pôs as mãos em mim na sua fúria.  
- Arrastem-no até o círculo - diziam. - Arrastem todos eles. Vamos queimá-los no círculo. Queimar as bruxas e os Taltos.

Tudo eram trevas e pânico, uma respiração forçada, uma tentativa desesperada de encontrar um ponto de apoio. Por um instante, nada que não fosse um animal selvagem a se debater. Não, meu Deus, ajude-nos. Não deixe que seja pelo fogo.

Quando me deixaram em pé, vi o antigo círculo de pedras a nos cercar, com seus contornos grosseiros realçados pelo céu e pelas labaredas da cidade que ardia atrás de nós, com as chamas devorando a imensa catedral, e todos aqueles belos vitrais quebrados e perdidos.

Uma pedra me atingiu, mais uma e mais outra. Uma terceira fez brotar o sangue do meu olho. Eu ouvia as labaredas. Sentia o calor. Mas eu estava morrendo debaixo das pedras. Uma após a outra, elas me atingiam a cabeça, jogando-me para lá e para cá de tal modo que eu mal senti quando o fogo me tocou.

- Meu Deus, às Tuas mãos, Teu servo Ashlar não pode fazer mais nada. Meu Deus. Menino Jesus, leve-me daqui. Mãe Santíssima, leve-me daqui. Francisco, venha me ajudar. Santa Maria, Mãe de Deus, agora e na hora... às Tuas mãos!

E então...

E então.

Não havia Deus nenhum.

Não havia nenhum Menino Jesus nos meus braços.

Não havia nenhuma Mãe Santíssima, "agora e na hora da nossa morte".

Não havia nenhuma Luz.

Não havia nenhum juízo final.

Não havia céu.

Não havia inferno.

...



Havia as trevas.

...

E então chegou Suzanne.

Suzanne chamando no meio da noite. Ashlar, Santo Ashlar.

Um brilhante ser de carne e osso, praticamente invisível no círculo! E olhe o círculo de pedras, como é perfeito! Ouça a sua voz!

E ao longo de muitos anos vinha esse chamado, fraco e ínfimo, como a centelha mais débil, que foi ficando mais alto e claro, e eu me concentrei para ouvi-lo.

- Venha agora, meu Lasher, ouça minha voz.

- Quem sou eu, filha? - isso era morna voz que ralava! seria essa minha própria voz verdadeira, falando finalmente?

Sem tempo, sem passado, sem futuro, sem lembrança...

Só uma visão indistinta da carne viva através da névoa, uma entidade nublada que se estendia para o alto a partir do círculo. E sua resposta infantil, seu riso, seu amor.

- Meu Lasher, é quem você é. Você é meu vingador, meu Lasher, venha!

### **Capítulo 37**

Lasher permaneceu sentado em silêncio, com as mãos espalmadas sobre a mesa, a cabeça inclinada. Michael nada disse, mas olhou cauteloso para Clement Norgan, para Aaron e para Erich Stolov. Ele podia ver a compaixão no rosto de Aaron. Erich Stolov estava pasmo.

O rosto de Lasher estava muito calmo, quase sereno. As lágrimas estavam ali novamente, essas lágrimas que ele usa como se fossem jóias, pensou Michael, e Michael estremeceu de corpo inteiro, como se estivesse procurando quebrar o encanto da beleza do ser, da sua voz suave e uniforme.

- Sou todo seu, senhores - disse Lasher, no mesmo estilo delicado, olhando para Erich Stolov. - Vim procurá-los depois de todos esses séculos para lhes pedir ajuda. No passado, vocês me ofereceram ajuda. Contaram-me qual era seu objetivo. Não acreditei em vocês. E agora, descubro-me caçado e ameaçado novamente.

Stolov, constrangido, olhou de relance para Aaron e Michael. Norgan observava Stolov como se quisesse alguma deixa.

- Você agiu certo - disse Stolov. - Você foi prudente. E nós estamos preparados para levá-lo para Amsterdã. É por esse motivo que estamos aqui.

- Ah, não. Isso vocês não vão fazer - disse Michael, baixinho.

- Michael, o que você quer de nós? - perguntou Stolov. - Você acha que podemos nos omitir e deixar que você destrua essa criatura?

- Michael, você ouviu a minha história - disse Lasher, entristecido, enxugando novamente as lágrimas, tão parecido com uma criança.

- Tenha certeza de que nenhum mal o atingirá - disse Stolov. Voltou-se então para Michael. - Vamos levá-lo conosco. Vamos tirá-lo das suas mãos e de qualquer lugar onde ele possa feri-lo ou a qualquer uma das suas mulheres. Será como se ele nunca tivesse estado por aqui...

- Não, espere aí, Michael, você me ouviu - disse Lasher, com a voz desolada como antes. Ele se inclinou para frente, com os olhos vidrados, implorando. Parecia exatamente o Cristo de Dürer.

- Michael, você não pode me ferir - disse ele, com a voz vacilante e cheia de uma emoção suave. - Você não pode me matar! Será que eu sou culpado pelo que sou? Olhe nos meus olhos, você não pode fazer isso. Você sabe.

- Você nunca aprende, não é? Sussurrou Michael.

Aaron rapidamente segurou mais firme o ombro de Michael.

- Não haverá morte alguma - disse Aaron. - Nós vamos levá-lo conosco. Iremos para Amsterdã. Eu irei com Erich e Norgan. E com ele. Eu me certificarei com absoluta certeza de que ele seja levado diretamente para a casa matriz e lá colocado...

- Não, você não vai fazer nada disso - disse Michael.

- Michael - contrapôs Stolov -, esse é um mistério grande demais para ser destruído num instante por um único homem.

- Não é, não - retrucou Michael.

- Nós apenas começamos a compreender - disse Aaron. - Meu Deus Você não percebe o que isso significa? Michael, recupere o juízo...

- Eu percebo, sim - disse Michael. - E Rowan também percebia. O mistério que se dane. - Michael lançou um olhar irado a Stolov. - Esse sempre foi seu objetivo, não é? Não o de observar, esperar e acumular conhecimentos, mas só o que o holandês disse a Lasher, reunir os Taltos, unir um macho uma fêmea, para dar um novo início à espécie.

Erich abanou a cabeça.

- Nós não permitiremos que nenhum mal aconteça a ninguém - disse Stolov. - E acima de tudo não a ele. Só queremos estudar, aprender.

- Ah, você está mentindo - disse Michael. - Todos vocês, e agora você também, Aaron, estão se deixando levar pela conversa. Ele conseguir finalmente seduzir até mesmo você.

- Michael, olhe para mim - disse Lasher, quase sussurrando. - Tirar uma vida humana exige a maior determinação, a maior das vaidades. Mas tirar a minha? Seria loucura sua me entregar novamente ao desconhecido, desfazer o milagre, sem examinar a questão! Não, você não faria isso. Não é tão irresponsável. Tão cruel!

- Por que você precisa me conquistar? - perguntou Michael. - Na confiança desses outros homens para protegê-lo?

- Michael, você é meu pai. Ajude-me. Venha conosco até Amsterdã. - Ele se voltou para Stolov. - A mulher está com vocês, não está? A Taltos fêmea. Em todas as minhas tentativas, fracassei. Mas vocês a têm.

Stolov não disse nada, mas o encarou com tranquilidade.

- Não, tudo isso é fantasia - disse Aaron. - Não temos nenhum Taltos fêmea. Não temos nenhum segredo desses. Mas nós lhe daremos abrigo você

compreende? Nós lhe forneceremos um santuário no qual você poderá ser investigado e escrever a história que nos contou e ali nós o ajudaremos de todas as formas possíveis.

Lasher deu um pequeno sorriso para Aaron, e mais uma vez olhou de relance para Stolov. Mais uma vez, enxugou descuidado as lágrimas com sua mão longa e graciosa. Michael não tirava os olhos da criatura.

- Aaron, eles mataram o Dr. Larkin - disse Michael. - Mataram o Dr. Flanagan em San Francisco. Querem destruir qualquer obstáculo. Querem o Taltos, e é como o holandês disse a Ashlar há quinhentos anos! Eles o fizeram de trouxa e a mim também. Você sabia disso quando entramos nesta sala.

- Não posso acreditar. Não posso. Stolov, fale comigo – disse Aaron, - Norgan, vá chamar Yuri. Yuri está com Mona na outra casa. Ligue para lá. Ele precisa vir.

Norgan não se mexeu. Stolov lentamente se pôs de pé.

- Michael - disse Stolov. - Isso será difícil para você. Você quer vingança, você quer uma destruição.

- Você não vai levá-lo, amigo - respondeu Michael. - Nem tente.

- Acalme-se. Espere por Yuri - disse Aaron.

- Por quê, para que eu fique em desvantagem ainda maior? Você já se esqueceu do poema que lhe dei?

- Que poema? - perguntou Lasher, com os olhos arregalados de curiosidade. - Você sabe um poema? Você recitará o poema para mim? Adoro poemas. Adoro ouvi-los. Rowan recitava tão bem.

- Conheço mil poemas - disse Michael. - Mas você preste atenção a essa estrofe e entenderá:

Que o demônio conte sua história

Que ele desperte o poder do anjo.

Que os mortos venham presenciar.

Ponham os alquimistas a correr.

- Não sei o significado - disse Lasher, inocente. - Qual é o significado? Não compreendo. Não há rimas suficientes.

De repente, Lasher olhou para o teto. Stolov também, ou melhor ele apurou o ouvido e desfocou o olhar como se tivesse desligado a visão enquanto procurava detectar um som.

Era aquela música aguda, aquela velha musiquinha chiada. O gramofone de Julien.

Michael riu.

- Como se eu precisasse, como se eu tivesse me esquecido.

Ele deu um salto da cadeira na direção de Lasher, que deslizou para trás, escapando da sua tentativa de segurá-lo. Lasher foi se esconder atrás de Stolov e Norgan, que se levantaram desordenadamente.

- Vocês não podem permitir que ele me mate! - sussurrou Lasher. - Pai, você não pode fazer isso! Não, tudo não vai terminar para mim de novo desse jeito!

- Vamos ver se não vai - disse Michael.

- Pai, você é como os protestantes que quiseram destruir para sempre os lindos vitrais.

- Azar o seu!

A criatura saltou para a esquerda e parou imóvel, olhando espantada para a porta da copa. Num piscar de olhos, Michael também havia visto a figura de Julien, parado no portal, nítido, pensativo, de cabelos grisalhos e olhos azuis, braços cruzados, impedindo o caminho.

Mas Lasher já disparava pelo corredor enquanto os outros homens se esforçavam desajeitados para seguir seus passos ágeis e silenciosos. Michael empurrou Aaron para trás, para que saísse do seu caminho, e foi atrás deles, dando um forte safanão em Stolov e um golpe violento em Norgan de tal forma que este se dobrou e caiu.

Lasher dera uma parada. A criatura estava imóvel, com os olhos espantados fixos na frente da casa. Mais uma vez, Michael viu o que era. Exatamente a

mesma figura de Julien, emoldurada pelo gigantesco portal da frente da casa. Parado, sorridente, de braços cruzados como antes.

Quando Michael investiu na sua direção, Lasher dançou para um lado deu meia volta e subiu correndo a escadaria.

Michael ia logo atrás dele, arfando, com as mãos estendidas, quase tocando a bainha da batina negra de Lasher, a extremidade do seu sapato de couro preto. Michael ouviu o grito de Stolov que se aproximava por trás dele. Sentiu mão de Stolov no ombro.

Lá no alto da escadaria, no patamar, impedindo o acesso à porta que levava aos fundos da casa, estava Julien mais uma vez e Lasher, ao vê-lo, recuou quase caindo, seguiu pelo corredor do segundo andar e subiu ruidosamente o lance seguinte até o terceiro andar.

- Tire as mãos de mim! - rugiu Michael, procurando safar-se de Stolov.

- Não, você não vai matá-lo. Não vai.

Michael voltou-se, com o braço esquerdo erguido no célebre gancho, a juntas das mãos atingindo o queixo do homem e fazendo com que ele caísse para trás até o pé da escadaria íngreme.

Por um segundo, Michael olhou com um remorso horrível para a figura de Stolov, contorcido, esborrachando-se no chão.

Lasher, porém, havia chegado a um porto seguro, o quarto do terceiro andar, e Michael ouviu quando ele passou a tranca na porta. Apressando-se atrás dele, Michael socou a porta. Investiu contra ela com o ombro, uma vez, duas, e depois recuou e deu um chute violento na madeira destroçando-a para que se soltasse da fechadura.

A música tocava baixinho do pequeno gramofone. A janela que dava para o telhado da varanda estava aberta.

- Não, Michael, pelo amor de Deus. Não. Não faça isso comigo - sussurrou Lasher. - O que eu fiz além de tentar viver?

- Você matou meu filho, foi o que você fez - disse Michael. - Você deixou minha mulher a um passo da morte. Você tomou a carne viva do meu filho e a

subjugou à sua vontade, sua vontade sinistra, foi o que você fez. Matou minha mulher. Você a destruiu como destruiu a mãe dela, a mãe da mãe dela e todas essas mulheres, pelos tempos afora! Matá-lo! Vou matá-lo com prazer! Por São Francisco, eu vou matá-lo. Por São Miguel. Pela Virgem Santíssima e pelo Menino Jesus que você tanto ama!

O punho direito de Michael atingiu o rosto de Lasher. Lasher recebeu golpe, cambaleando para um lado e de repente fazendo um grande círculo, de sangue lhe escorrendo do nariz.

- Meu Deus, não, não faça isso. Não faça isso.

- Você não queria ser de carne e osso? Pois bem, você é de carne e agora vai saber o que acontece quando a carne morre.

- Mas eu sei, Deus me livre! – Gritou Lasher.

Quando Michael investiu novamente contra ele, Lasher deu um chute forte na perna de Michael e, com seu próprio punho, empurrou Michael para trás de encontro à parede. O golpe espantou Michael, por ter partido daquele braço longo e esguio, que dava a impressão de ser tão desprovido de força, e que obviamente não era.

Michael voltou a ficar em pé. Tonto. A dor novamente. Não. Ainda não.

- Maldito, maldito pela força que você tem, mas desta vez ela não será suficiente.

Ele investiu contra a criatura, mas esta se desviou do golpe, com mais um passo gracioso, amplo, encurvado. E novamente o punho branco se cerrou e atingiu com violência o maxilar de Michael antes que ele pudesse abaixar a cabeça ou erguer o braço direito para se defender.

- Michael, o martelo! - disse Julien.

O martelo. No peitoril da janela aberta. O martelo com o qual ele havia esquadrinhado a casa naquela noite, à procura do gatuno, encontrando apenas Julien no escuro! Michael disparou até ele, agarrou-o pelo cabo, virou-o e, segurando-o com as duas mãos, arremessou-se contra a criatura enfiando a unha do martelo no seu crânio.

Pelo cabelo, pela pele fina, pela fontanela, pela abertura que ainda não se fechara, enterrou-se a unha de ferro. A boca da criatura formou um perfeito oval de espanto. O sangue explodiu para o alto como se viesse de um chafariz. As mãos de Lasher foram voando para cima como se quisessem estancar o fluxo e depois recuaram quando o sangue começou a escorrer em jorros nos seus olhos.

Michael arrancou o martelo do ferimento e o enterrou novamente, desta vez com mais força no crânio da criatura. Um homem estaria terminado, acabado, sem raciocínio, mas a criatura apenas se inclinou, vagueou cambaleante, com o sangue jorrando da cabeça como se fosse de um esguicho.

- Ai, Deus, socorro! - gritou Lasher, enquanto o sangue escorria como córregos, passando pelas narinas até a boca. - Ai, Deus do céu, por quê? Por quê? - uivou ele. O sangue pingava do seu queixo. Sangrava como Cristo com a Coroa de Espinhos.

Michael ergueu o martelo mais uma vez.

Norgan apareceu de repente, afobado, esfogueado, e correu na direção de Michael, interpondo-se entre ele e Lasher. Michael fez descer o martelo. O homem morreu instantaneamente quando o martelo afundou sua testa e se enterrou mais de cinco centímetros no osso do crânio.

Norgan caiu para frente, pendurado no martelo, quando Michael sacudiu a ferramenta para soltá-la.

Lasher parecia estar a ponto de cair. Ele dançava, perdia o equilíbrio, chorava baixinho, com o sangue ainda escorrendo, agora misturado aos cabelos negros e lisos. Ele fitou a janela. A janela que dava para o telhado da varanda estava aberta! Uma jovem frágil estava ali parada na escuridão, no telhado da varanda, com a esmeralda reluzindo numa corrente de ouro no seu pescoço. Usava um vestido florido, curto à altura dos joelhos, com o cabelo escuro cortado junto ao rosto. Ela acenava.

- É, já vou, minha querida – disse Lasher, atordoado, caindo para frente e subindo pelo peitoril da janela para a varanda. – Minha Antha, espere, não caia!



Enquanto se punha novamente de pé, ele lutava para se equilibrar. Michael saiu para o telhado alcatroado, ficando imediatamente em pé. A moça havia desaparecido. Era noite alta e enluarada. Estavam três andares acima das lajes de pedra. Michael brandiu o martelo mais uma vez, um último golpe que atingiu Lasher na têmpora e o arremessou da beira do telhado.

O corpo caiu, sem um grito, e a cabeça bateu nas lajes com toda a força.

Michael passou imediatamente por cima da pequena grade. Enfiou o martelo no cinto e, agarrando-se com as duas mãos à treliça de ferro, foi descendo por ela, como que caindo, tombando pelas trepadeiras até as densas bananeiras cujos troncos amorteceram o impacto quando ele chegou ao chão lá embaixo.

A criatura jazia no caminho do jardim, um corpo estatelado de pernas e braços desengonçados e abundantes cabelos negros. Estava morto.

Seus olhos azuis olhavam fixos para o céu noturno, a boca aberta.

Michael ajoelhou-se ao seu lado e começou a golpeá-lo repetidamente dessa vez com a frente do martelo, quebrando e estilhaçando os ossos da testa os ossos da face, os maxilares, sem parar, arrancando a arma do sangue e da carne esmagada só para dar mais golpes.

Afinal, não restava nada do rosto. Os ossos eram cartilagem, ou talvez algo mais forte. A criatura jazia, contorcida e se esvaindo, como algum objeto de borracha ou plástico. O sangue vazava da estrutura destruída que havia sido o rosto.

Mesmo assim, Michael o agrediu novamente. Enterrou a unha do martelo no pescoço da criatura, rasgando a carne. Repetiu esse golpe inúmeras vezes até a cabeça quase ficar separada do corpo.

Finalmente, jogou-se para trás, encostando-se na base da varanda do térreo, sentado ali, ofegante, com o martelo sangrento na mão. Sentia novamente dor no peito, mas não sentia medo. Olhava espantado para o cadáver. Olhava para o jardim escuro. As bananeiras estavam quebradas e rasgadas por baixo o

por cima da criatura. Os cabelos negros agarravam-se tenazes à pele informe e sangrenta do nariz esmagado, dos ossos e dentes quebrados.

Michael pôs-se de pé. A dor no peito estava agora intensa, ardente e quase insuportável. Passou por cima do corpo para chegar à grama verde e macia. Saiu até o meio do gramado, com os olhos percorrendo lentamente a fachada escura da casa vizinha, na qual não brilhava nenhuma luz, com as janelas encobertas pelos teixos, bananeiras e magnólias de tal modo que não se enxergava nada. Seus olhos passaram para os arbustos sombrios ao longo da cerca da frente, para vislumbrar a rua deserta do outro lado.

Nada se mexia no pátio. Nada se mexia na casa. Nada se mexia do outro lado da cerca. Não houvera nenhuma testemunha. Em meio às sombras e a silêncio suave e profundo do Garden District, alguém havia sido morto mais uma vez, sem que ninguém percebesse. Ninguém apareceria. Ninguém telefonaria.

O que você vai fazer agora? Ele tremia por inteiro. Suas mãos estavam viscosas de suor e sangue. Seu tornozelo doía. Ele rompera o ligamento descendo pela treliça ou na hora em que dera o pulo final para o chão. Não importava.

Ele conseguia andar. Consequia se movimentar. Podia limpar o martelo. Olhou para os fundos do jardim escuro, para além do brilho da piscina azul e dos portões de ferro que davam para o pátio dos fundos. Viu os enormes galhos do carvalho de Deirdre, que se estendiam para o céu, querendo encobrir as nuvens pálidas.

- Debaixo do carvalho - pensou. - Quando eu recuperar o fôlego. Quando eu... quando eu... - e caiu na grama de joelhos antes de tombar para o lado.

## **Capítulo 38**

Ficou ali deitado muito tempo. Não dormiu. A dor ia e vinha. Finalmente, respirou fundo e não doeu tanto. Sentou-se, e a dor começou a bater forte, mas

parecia pequena e contida nas válvulas ou nos compartimentos do seu coração. Ele não sabia dizer em qual. Nem se importava. Levantou-se e andou até as lajes.

A casa estava às escuras, quieta, serena, como antes. Rowan, minha amada. Aaron... Mas ele não podia deixar esse corpo mutilado ali.

O corpo estava como Michael o havia deixado, só que parecia de certo modo mais achatado, talvez apenas contorcido. Ele não sabia. Baixou as mãos ergueu o torso nos braços. Os restos da cabeça se soltaram do corpo, ficando grudados às lajes, com os últimos pedaços de carne se partindo como pele de galinha.

Bem, ele voltaria para apanhar a cabeça. Começou a carregar o corpo, deixando que os pés arrastassem no chão, seguindo para os fundos pelo caminho de lajes, até dar a volta pela piscina e seguir na direção do pátio dos fundos.

Não foi difícil depois do assassinato. O corpo não pesava tanto assim, ele fez tudo muito devagar. Chegou a lhe ocorrer que o lugar adequado para enterrá-lo seria de fato sob a extensa lá na frente. Era lá que ele havia visto pela primeira vez "o homem" encará-lo, sorridente, quando ele, menino, passou pela cerca.

Mas alguém poderia vê-lo da rua. Não, o pátio dos fundos era melhor. Ninguém poderia testemunhar o enterro debaixo do carvalho de Deirdre. E ali havia mais dois corpos, o de Norgan e o de Stolov. Ele sabia que Stolov estava morto. Soubera no momento em que o viu cair para trás. Michael lhe quebrara o pescoço. Norgan estava morto. Isso Michael também havia visto.

Stolov era o que havia retido Norgan, calculou. A tentativa de fazê-lo voltar à vida. Bem, haveria tempo para verificar tudo isso. Talvez realmente fosse verdade o que todos diziam, que na família Mayfair era possível matar uma pessoa e ninguém fazia nada a respeito.

O quintal dos fundos estava escuro e úmido, com as bananeiras já recuperadas do gelo do Natal, formando seus arcos ao longo do muro alto de tijolos. Naquela escuridão, ele mal discernia as raízes do carvalho. Soltou o corpo e lhe cruzou os braços. Parecia um boneco comprido e esbelto, com pés grandes e mãos enormes, todo branco como de plástico, frio e imóvel.

Ele voltou até as lajes abaixo da varanda. Tirou o suéter e depois a camisa. Voltou a vestir o suéter e pegou a cabeça pelo cabelo com cuidado. Cuidou para não se sujar de sangue. Já estava suficientemente salpicado. Conseguiu pegar a maior parte da pele, dos olhos esmagados e do sangue junto com a cabeça, mas precisou recolher o resto num punhado mole, sangrento e úmido. E os resíduos ele limpou com o lenço e pôs na camisa dobrada também. Uma trouxa. Uma trouxa da cabeça.

De repente, sentiu vontade de ter um frasco. Ele poderia pô-la num frasco. Mas o melhor era que fosse enterrada. A casa estava escura e silenciosa. Ele não podia levar a noite inteira para fazer isso. Rowan precisava dele. E Aaron, Aaron podia estar até mesmo ferido. E aqueles dois outros corpos... tudo isso a ser feito. Sem dúvida logo chegaria gente. Sempre chegava.

Levou consigo a cabeça até a base do carvalho. Depois fechou e trancou os portões de ferro que davam para o quintal dos fundos, para a eventualidade de algum dos primos vir perambulando por ali.

A pá estava no galpão dos fundos. Ele nunca a usara. Os jardineiros faziam esse tipo de serviço aqui. E agora ele ia enterrar esse corpo nessa escuridão.

A terra estava molhada debaixo da árvore, de toda a chuva de primavera, e não lhe foi difícil cavar uma cova razoavelmente funda. As raízes atrapalhavam. Ele precisou se afastar da base da árvore mais do que pretendia, mas afinal fez um buraco estreito e irregular, nem um pouco parecido com as covas dos filmes de horror e dos enterros modernos. E ele deslizou o cadáver para dentro dela. E depois a trouxa ensangüentada que continha a cabeça. No calor úmido do verão seguinte, essa coisa apodreceria num instante. A chuva já havia começado.

Chuva abençoada. Ele olhou para a cova escura. Realmente não conseguia ver nada do corpo a não ser uma das mãos, branca e inerte. Não parecia a mão de uma pessoa. Dedos compridos demais. Articulações grandes demais. Era mais como uma coisa de cera.

Ergueu os olhos para os galhos escuros das árvores. A chuva estava caindo, sim, mas apenas algumas gotas haviam atravessado a densa copa ali em cima. O jardim estava frio, mudo e vazio. Nenhuma luz na casa de hóspedes dos fundos. Nem um ruído dos vizinhos do outro lado do muro.

Ele olhou mais uma vez para a cova sem forma, que desmoronava. A mão estava menor, mais magra. Parecia ter perdido substância, com os dedos reunidos numa fusão, de tal modo que perdiam seu formato distinto. Praticamente não era uma mão.

Mais alguma coisa brilhava no escuro: um pequeno vaga-lume de luz verde.

Michael ajoelhou-se. Debruçou-se na beirada irregular da cova, com a mão esquerda estendida para o outro lado do buraco para se firmar, enquanto estendia a mão direita e tateava para pegar aquela coisa verde cintilante.

Quase perdeu o equilíbrio, e então sentiu o contorno rígido da esmeralda.

Arrancou a corrente do pano sangrento, emaranhado. E lá veio ela do meio da escuridão, aninhada na palma da mão enlameada.

- Peguei! – sussurrou ele, a contemplá-la.

Ela estava no pescoço da criatura, por baixo da roupa.

Ele a segurou, virou-a, deixou que a luz das estrelas a encontrasse, a maior das pedras preciosas. Não sentiu nenhuma emoção. Nada. Só uma satisfação triste e amarga de estar com a esmeralda Mayfair, de tê-la arrancado do esquecimento, da cova oculta e anônima daquele que afinal havia perdido. Perdido.

Sua vista estava enevoada. Mas ali fora estava tão maravilhosamente escuro, e tão quieto. Segurou a corrente de ouro, como se poderia segurar um rosário, e a enfiou, a corrente e a pedra, no bolso da calça.

Fechou os olhos. Mais uma vez, quase perdeu o equilíbrio, quase escorregou para dentro da cova. E então o jardim lhe apareceu, sombrio e faiscante. Ai embaixo, a mão já não era mais visível. Talvez os torrões da terra que desmoronava a houvessem coberto, como logo iriam cobrir todo o resto.

Veio um ruído de algum ponto. Talvez um portão que se fechasse. Seria alguém na casa? Mas ele precisava se apressar, não importava o quanto estivesse exausto entorpecido e tranqüilo.

Depressa.

Lentamente, durante quinze minutos ou mais, ele jogou pazadas de terra úmida para dentro do buraco. Agora a chuva sussurrava à sua volta, iluminando as folhas reluzentes da camélias e as pedras do caminho.

Ele ficou parado junto à cova, apoiando-se na pá. Recitou em voz alta outra estrofe do poema de Julien.

Matem a carne que não é humana  
Confiem em armas toscas e cruéis  
Para que, ao morrerem a um passo do saber,  
As almas torturadas possam procurar a luz.

Em seguida, ele se jogou sentado ao lado do carvalho e fechou os olhos, dor latejava forte, como se tivesse esperado cheia de paciência e agora tivesse chegado sua hora. Ele não pôde respirar por um minuto, mas descansou, descansou com os membros, o coração e a alma e sua respiração voltou à normalidade, voltou a não exigir esforço.

Ficou ali deitado, talvez dormindo, se é que se pode dormir e ao mesmo tempo saber tudo que se fez. Havia sonhos a um passo de chegar. Na realidade parecia a cada momento que ele poderia mudar de direção e mergulhar nas trevas abençoadas, onde outros, tantos outros, esperavam por ele, para interrogá-lo, consolá-lo, talvez acusá-lo. Estaria o ar cheio de espíritos? Bastaria que dormisse para que se passasse a vê-los cara a cara, ou a ouvir seus gritos?

Ele não sabia. Ocorriam-lhe velhas imagens, fragmentos de histórias, outros sonhos. Mas ele não se entregava. Não se permitia mergulhar fundo...

Dormiu o sono frágil no qual se sentia seguro e na boa companhia da chuva, com o suspiro da chuva impalpável, que o cercava mas que não o toca neste jardim seu, sob o abrigo alto e frondoso da árvore enorme.

De repente, ele captou uma imagem do corpo branco destruído, dormindo abaixo dele, se é que se pode usar para os mortos um verbo delicado como dormir. Os vivos dormiam, como ele andara dormindo. E o que acontecia com os recém falecidos, com aqueles há muito falecidos ou com aqueles que haviam desaparecido inevitavelmente da face da terra? Lívido, contorcido, mais uma vez derrotado, após séculos, enterrado sem nenhuma indicação...

Acordou, sobressaltado. Quase dera um grito.

### **Capítulo 39**

Quando ergueu os olhos, viu que a casa, do outro lado da cerca de ferro, estava agora toda iluminada. As luzes estavam acesas em todo o andar inferior bem como no superior. Ele achou que talvez tivesse visto alguém passar por um portal no corredor do andar de cima. Pareceu-lhe que era Eugenia. Pobre coitada. Ela devia ter ouvido tudo. Talvez tivesse visto os corpos. Ele não tinha certeza. Eles estavam longe demais para que ele pudesse ouvi-los.

Devolveu a pá ao galpão, exatamente quando começou a chover forte com aquele cheiro delicioso que a chuva sempre traz.

Houve um estrondo de trovão, e um daqueles relâmpagos brancos e recortados. Depois, as gotas grandes começaram a cair sobre sua cabeça, seu rosto suas mãos.

Destrancou o portão e foi até a torneira junto à piscina. Tirou o suéter e lavou os braços, o rosto e o peito. A dor ainda estava ali, como alguma coisa mordendo-o, e ele percebeu que sua mão esquerda estava com as sensações prejudicadas. No entanto, conseguia fechá-la. Consequia agarrar alguma coisa. Olhou então, para o carvalho escuro. Não discernia nada nas sombras abaixo dele. O quintal inteiro estava agora em profunda escuridão, sob o céu chuvoso.

A chuva lavou o sangue de Lasher das lajes onde ele havia morrido. Ela caía forte e regular, deixando-as limpas até não restar mais nada que indicasse o lugar.

Ele ficou ali olhando, encharcando-se e sentindo vontade de fumar um cigarro, mas sabendo que a chuva o apagaria. Pela janela da sala de jantar, ele via uma imagem pouco nítida de Aaron, ainda sentado à mesa, como se nunca tivesse se mexido, e a figura alta e morena de Yuri, parado ali, quase indolente. E então a imagem de uma outra pessoa que ele não conhecia.

Todos ali na casa. Bem, era o que ia acontecer mesmo. Alguém sempre acabava aparecendo. Beatrice, Mona, alguém...

Só depois que todo o sangue havia desaparecido ele passou por cima do local e deu a volta até a frente da casa. Havia dois carros da polícia ali estacionados, em fila, com suas luzes piscando, e um aglomerado de homens, que incluía Ryan e o jovem Pierce, junto ao portão. Mona estava ali de jeans e camiseta. Ele sentiu vontade de chorar ao vê-la.

Meu Deus, por que não me prendem?, perguntou-se. Por que não foram lá atrás no quintal? Meu Deus, há quanto tempo estão aqui? Quanto tempo eu levei para cavar a cova?

Tudo isso parecia indefinido na sua cabeça.

Percebeu que não havia nenhuma ambulância, mas esse fato não significava nada. Talvez sua mulher tivesse morrido lá em cima, e já tivesse sido levada embora. Tenho de chegar até ela, pensou, não importa o que aconteça, não vou ser arrastado daqui antes de lhe dar um beijo de despedida.

Ele caminhou até a escada da frente.

Ryan começou a falar com ele no instante em que o viu.

- Michael, graças a Deus você voltou. Aconteceu algo realmente indesculpável. Foi tudo um equívoco. Aconteceu logo depois que você saiu. E eu lhe garanto que não acontecerá outra vez.

- Do que está falando? - perguntou Michael.



Mona olhou espantada para ele, com o rosto impassível e inegavelmente lindo, num estilo jovem e adorável. Seus olhos eram tão verdes. Isso o surpreendia. Pensou em algo que Lasher dissera, acerca de pedras preciosas.

- Um total mal-entendido com os seguranças e as enfermeiras - disse Ryan. - Todos foram para casa, inexplicavelmente. Até mesmo a Henri disseram que fosse para casa. Aaron era a única pessoa por aqui, e estava dormindo.

Mona fez um pequeno gesto negativo para ele, e ergueu uma das suas mãozinhas macias, de bebê. Uma belezinha.

- Rowan está bem? - perguntou Michael. Ele agora não conseguia se lembrar do que Ryan estivera dizendo, só que sabia, pela atitude de Ryan, que Rowan não estava morta.

- É, ela está bem - disse Ryan. - Aparentemente, no entanto, ela esteve sozinha na casa por algum tempo, e a porta não estava trancada. Parece que alguém disse aos seguranças que eles não eram mais necessários. Parece que foi um padre da paróquia, mas não conseguimos encontrar o homem. Vamos encontrá-lo. Seja como for, chegaram a dizer às enfermeiras que Rowan estava... estava...

- Mas Rowan está bem.

- O importante é que nada foi mexido. Eugenia estava no quarto o tempo todo, também, e de muito isso adiantou... Mas nada aconteceu. Mona e Yuri chegaram e encontraram a casa deserta. Eles acordaram Aaron. E me chamaram.

- Compreendo - disse Michael.

- Não sabíamos onde você estava. E então Aaron se lembrou de você ter saído para uma caminhada. Cheguei aqui o mais rápido que pude. Não houve danos ao que eu possa avaliar. E claro que o pessoal foi dispensado. Essa equipe é toda nova.

- Está bem. Estou entendendo - disse Michael, com um pequeno gesto de aquiescência.

Subiram a escada e entraram no saguão da frente. Tudo se apresentava como deveria ser. O tapete vermelho que subia pela escadaria. O tapete oriental

diante da porta. Algumas marcas naturais esporádicas, como sempre na madeira encerada.

Ele olhou para Mona, que estava parada longe do tio. Os jeans não poderiam ter sido mais justos. Na realidade, toda a história da moda poderia ter sido diferente no século XX, pensou Michael, se o brim não tivesse se revelado um tecido tão resistente, se não tivesse essa capacidade de se adaptar aos pequenos quadris de uma mulher daquele jeito.

- Nada está fora de lugar - disse Ryan. - Nada está faltando. Nós demos uma busca na casa inteira ainda, mas...

- Eu dou essa busca - disse Michael. - Tudo certo.

- Redobrei a segurança - disse Ryan - e aumentei as enfermeiras. Ninguém pode sair desta propriedade sem a permissão expressa de um membro da família. Você precisa poder sair para caminhar e voltar sabendo que Rowan está bem.

- É - disse Michael. - Eu devia subir para ir ver Rowan.

Rowan estava usando uma camisola nova de seda branca, com mangas compridas e punhos estreitos. Estava como estivera quando ele a deixara, com mesma expressão de suave assombro, com as mãos cruzadas no peito, sob uma colcha nova de linho bordado com um bonito arremate de fita azul. O quanto cheirava a limpeza, e estava impregnado do perfume das velas bentas e c um enorme vaso de flores amarelas que estava sobre a mesa na qual as enfermeiras costumavam escrever.

- Lindas flores - disse Michael.

- É, foi Bea quem comprou - disse Pierce. - Sempre que acontece alguma coisa, Bea só sai para comprar flores. Mas eu não acredito que Rowan, tenha tido a mais leve idéia de que algo não estivesse correndo bem.

- Não, nenhuma idéia - disse Michael.

Ryan continuou a pedir desculpas, continuou a garantir que isso nunca voltaria a acontecer. Hamilton Mayfair surgiu das sombras, fez um pequei

cumprimento com a cabeça e desapareceu com a mesma delicadeza e silêncio de quando surgiu.

Beatrice entrou no quarto com um leve tilintar, talvez de pulseiras. Michael não sabia. Michael sentiu seu beijo antes de vê-la e de sentir seu perfume de jasmim. Ele fazia com que pensasse no jardim no verão. O verão. Não esta tão longe assim. O quarto estava cheio de sombras como sempre, com velas um único abajur. Beatrice deu-lhe um abraço apertado.

- Ai, querido - disse ela. - Você está encharcado.

- É verdade - concordou Michael.

- Agora não se perturbe - prosseguiu Bea, em tom de censura. - Tudo acabou dando certo. Mona e Yuri cuidaram de tudo. Estávamos determinados a resolver tudo antes que você voltasse.

- Gentileza sua - disse Michael.

- Você está exausto - disse Mona. - Precisa descansar.

- Ora, vamos, você tem de tirar essas roupas molhadas - disse Beatrice - Vai pegar um resfriado. Suas roupas estão no quarto da frente?

Ele fez que sim.

- Vou ajudá-lo - disse Mona.

- Aaron. Aaron, onde está?

- Ah, ele está bem - disse Beatrice. Ela se voltou e lhe deu um sorriso radiante.

- Você não se preocupe com Aaron. Ele está na sala de jantar, tomando chá. Entrou em ação imediatamente quando Mona e Yuri o despertaram. Está bem. Bem mesmo. Agora, vou descer para apanhar alguma coisa quente para você beber. Por favor, deixe que Mona o ajude. Vá tirar essa roupa agora.

Ela lhe lançou um longo olhar da cabeça aos pés, e ele olhou para baixo e viu as manchas escuras em todo o seu suéter e nas calças. As roupas estavam tão molhadas e escuras que não se via a diferença entre o sangue e a água. Mas quando secassem, daria para se ver.

Mona abriu a porta do quarto da frente, e ele a acompanhou. Lá estava o leito nupcial com seu dossel branco. Mais flores. Flores amarelas. As cortinas da janela da frente estavam abertas, e a luz da rua brilhava nos galhos errantes dos carvalhos. Como uma casa numa árvore, esse quarto, pensou Michael.

Mona começou a ajudá-lo a tirar o suéter.

- Sabe de uma coisa? Essas roupas estão tão velhas, vou lhe fazer um grande favor. Vou queimá-las. Essa lareira funciona?

Ele fez que sim.

- O que vocês fizeram com os corpos dos dois homens?

- Psssiu! Não fale tão alto - disse ela, com um tom imediato de imensa dramaticidade. - Yuri e eu cuidamos disso. Não faça mais perguntas. Ela abriu seu zíper.

- Você sabe que eu matei a criatura - disse ele.

- Correto - disse ela. - Gostaria de ter podido vê-lo. Só uma vez! Sabe, queria ter dado uma boa olhada nele!

- Não, você não queria vê-lo, e nunca saia à sua procura. Nunca me pergunte onde me desfiz dele, ou...

Ela não respondeu. Seu rosto parecia sereno, determinado, fora do alcance da sua influência, fora do alcance da sua ternura ou da sua preocupação. Sua própria e exclusiva combinação de inocência e conhecimento o deixavam desconcertado agora tanto quanto sempre. Ela parecia intocada no seu frescor, na sua beleza, e no entanto profunda em algum compartimento perigoso dos seus próprios pensamentos.

- Você está frustrada? - sussurrou ele.

Ela ainda assim não respondeu. Nunca lhe havia parecido tão madura, tão sábia, tão mulher. E tão cheia de mistério: o simples mistério de um outro ser, estranho a nós pela simples natureza e individualidade, um entre muitos que nós nunca possuiremos, conheceremos ou compreenderemos totalmente.

Ele enfiou a mão no bolso. Exibiu a esmeralda enlameada e ouviu Mona arfar de espanto, antes de erguer os olhos de novo e ver o pasmo no seu rosto.

- Leve-a daqui - disse ele, entre dentes. - Agora é sua. Fique com ela. E nunca, nunca se volte para olhar para trás. Nunca procure compreender.

Ela novamente estava grave e muda, absorvendo suas palavras, mas sem dar nenhuma pista da sua verdadeira reação. Talvez sua expressão fosse respeitosa, talvez fosse apenas distante.

Ela encerrou a esmeralda na mão como se quisesse escondê-la totalmente. Enfiou a mão fechada na pilha de roupas sujas.

- Agora, vá tomar um banho - disse calmamente. - Vá descansar. Mas antes, as calças, as meias e os sapatos. Vou me livrar deles também.

## **Capítulo 40**

A claridade da manhã o despertou. Estava sentado no quarto de Rowan, junto à cama, e ela estava com os olhos fixos na luz, como se realmente pudesse vê-la. Ele não se lembrava de ter adormecido.

Em algum momento daquela noite, ele lhe contara toda a história. Tudo. Ele lhe contara a história de Lasher, como matara Lasher e como afundara o martelo bem na moleira no alto da sua cabeça. Nem mesmo sabia se estava falando com a voz alta o suficiente para que ela ouvisse. Imaginava que sim. Falara tudo sem entoações. Havia pensado que ela ia querer saber. Ela ia querer saber que está terminado e o que aconteceu. Ela dissera ao motorista do caminhão que estava voltando para casa.

E então ele se calara. Quando fechava os olhos, ouvia na lembrança a voz suave de Lasher a falar da Itália, do belo sol e do Menino Jesus. Ele se perguntava o quanto Rowan sabia.

Gostaria de saber se a alma de Lasher estava lá em cima, se era verdade que Santo Ashlar voltaria. Onde apareceria da próxima vez? Em Donnelaith? Ou aqui, nesta casa? Era impossível saber.

- Eu já estarei morto há muito tempo nessa hora, isso está garantido - disse ele, baixinho. - Ele levou um século para aparecer para Suzanne. Mas creio

que ele não está mais aqui. Creio que ele encontrou a luz. E Julien também. Talvez Julien o tenha ajudado a encontrá-la. Talvez as palavras de Evelyn fossem verdadeiras.

Repetiu o poema para ela, em voz baixa, parando antes da última estrofe. Depois, ele a recitou.

Esmaguem os bebês que não são crianças  
Não demonstrem compaixão pelos puros  
Se não, o Éden não terá mais primaveras.  
Se não, nossa gente nunca mais reinará.

Ele esperou um momento e depois prosseguiu.

- Senti pena dele. Senti o horror. Foi o que senti. Mas eu tinha de fazer o que fiz. Agi assim pelas razões menores, se o amor pela própria mulher e filho pode ser chamado de algo menor. Mas havia as razões maiores, e eu sabia que os outros não fariam o necessário. Eu sabia que ele seduziria e dominaria todos eles. Tinha de acontecer. Esse era o horror. Ele era puro.

Depois disso, adormecera. Achou que havia sonhado com a Inglaterra com vales nevados e catedrais imensas. Calculou que teria esses sonhos por algum tempo. Talvez para sempre. Estava chovendo ao mesmo tempo que faz sol. Coisa boa.

- Querida, você quer que eu cante para você? - perguntou, baixinho. Depois, riu. - Só sei umas vinte e cinco antigas canções irlandesas. - Mas então ele perdeu o ânimo. Ou talvez tivesse pensado no rosto de Lasher quando Lasher falou de cantar para as pessoas, dos seus olhos azuis grandes e inocentes. Lembrou-se da barba negra e lisa, do bigode, da sua imensa vivacidade infantil e do jeito que ele cantara sotto voce para lhes mostrar como era a melodia.

Morto, e eu o matei. Michael estremeceu de corpo inteiro! Manhã. Não preocupe. Levante-se.

Hamilton Mayfair entrara no quarto.

- Quer ir tomar café? Eu fico sentado com ela um pouco. Ela está tão bonita hoje.

- Ela está bonita sempre - disse Michael. - Obrigado, vou ficar embaixo um pouco.

Ele saiu e desceu a escadaria.

A casa estava cheia de luz, e a chuva cintilava nas vidraças transparentes das janelas.

Ele ainda sentia o cheiro do fogo na casa, fogo que Mona havia acendido na noite anterior na lareira do quarto, para queimar suas roupas. Isso lhe deu vontade de acender um belo fogo na sala de estar e tomando café ali, com o sol e a lareira a aquecê-lo.

Atravessou a sala de estar até a primeira lareira, das duas a sua preferida, com as flores lavradas no mármore, e se sentou ali, com as pernas cruzadas ao estilo indiano, recostando-se na pedra. Faltava-lhe a energia para fazer uma xícara de café, ou para apanhar a lenha e os gravetos. Ele não sabia quem estava na casa. Não sabia o que ia fazer.

Fechou os olhos. Morto, ele está morto. Você o matou. Está terminado.

Ouviu a porta da frente que se abria e se fechava. E Aaron entrou na sala, a princípio não viu Michael e, quando viu, teve um pequeno sobressalto.

Aaron estava com a barba recém feita e usava uma jaqueta de caçador lã cinza clara com camisa branca e gravata. Sua densa cabeleira branca este primorosamente penteada, e os olhos, límpidos e descansados.

- Sei que você nunca irá me perdoar - disse Michael. - Mas era o que eu tinha de fazer. Eu tinha. Esse era o único motivo para eu chegar a estar aqui.

- Ora, nem se cogita de eu perdoar você - respondeu Aaron, num tom, deliberadamente tranquilizador. - Não pense mais nisso, nem mesmo por instante. Tire essa história da cabeça como se lhe fosse prejudicial pensar nela. Guarde-a no fundo da gaveta. É só que eu não poderia ajudá-lo. Eu mesmo não teria conseguido sozinho.

- Por quê? Era mistério da criatura, você sentiu pena dela ou foi amor?

Aaron refletiu. Ele olhou ao redor, talvez para se certificar de não haver mais ninguém por perto. Avançou devagar e depois se deixou cair na ponta da poltrona de tapeçaria.

- Francamente, não sei - disse ele, olhando com seriedade para Michael. - Eu não poderia tê-lo matado. - A voz abaixou tanto que Michael mal pôde escutá-lo enquanto ele prosseguia. - Eu não poderia ter feito isso.

- E a Ordem? O que eles dizem?

- Não tenho nenhuma resposta quando se trata da Ordem. Recebo mensagens, para ligar para Amsterdã, ligar para Londres. Para voltar. Não vou voltar. Yuri descobrirá a resposta. Yuri viajou hoje de manhã. Foi uma dificuldade para conseguir afastá-lo de Mona, mas ele precisava ir. Prometeu que ligará para nós dois hoje à noite. Está tão apaixonado por Mona que só essa missão conseguiu atrair sua atenção. Mas ele precisa tentar conseguir uma audiência com os Anciãos. Ele está determinado a descobrir o que realmente aconteceu. Se Stolov e Norgan foram enviados para trazer a criatura de volta e, em caso positivo, se foram os Anciãos que lhes deram ordens quanto ao que fizeram.

- E você? O que você acha ou eu deveria dizer, suspeita?

- Para ser franco, não sei. Às vezes acho que passei minha vida inteira sendo enganado pelos outros. Imagino que eles logo chegarão e eu vou morrer, exatamente como os médicos morreram. E você não deve fazer nada, se isso acontecer. Não há nada que você possa fazer. Em outras ocasiões, não acredito que a Ordem seja algo além de um grupo de velhos estudiosos, que coleta informações que outras pessoas desejam destruir. Não posso acreditar que a Ordem tivesse um objetivo secreto! Não consigo. Creio que descobriremos que Stolov e Norgan tomaram a decisão de fazer o ser procriar. Que, quando os dados médicos chegaram às suas mãos, eles viram algo a que não puderam resistir. Deve ter sido muito parecido com o que aconteceu a Rowan. A visão desse milagre científico. Deve ter sido o que ela sentiu quando tirou o ser desta casa. "Os estudiosos só o mal aumentarão. Os cientistas só forças lhe darão."



- É talvez seja isso mesmo. Eles descobriram por acaso algo perigoso e útil. Romperam seu compromisso com os outros. Mentiram para os Anciãos. Não sei. Não faço mais parte disso. Estou fora. Não importa o que se descubra, eu não serei informado.

- Mas e Yuri? Eles poderiam feri-lo?

Aaron deu um suspiro desanimado.

- Eles o aceitaram de volta. Ou foi o que disseram. Ele não tem medo deles, isso é certo. Voltou a Londres para enfrentá-los. Creio que ele imagina que sabe se cuidar.

Michael pensou em Yuri, no seu conhecimento superficial, não em termos de uma imagem, mas de muitas e de uma impressão geral de inocência, argúcia e força.

- Não estou assim tão preocupado - disse Aaron. - Especialmente por causa de Mona. Ele quer voltar para Mona. Por isso, terá mais cuidado. Por ela.

- Faz sentido - concordou Michael, sorrindo.

- Espero que ele encontre a resposta. Essa é agora a sua obsessão, a Ordem, o mistério dos Anciãos, o objetivo. Mas de repente talvez. Mona o salve. Como Beatrice me salvou. Estranho, não é, o poder dessa família? O poder que possuem que não tem absolutamente nada a ver com... ele.

- E Stolov e Norgan? Alguém virá à procura deles?

- Não. Tire também isso da cabeça. Yuri vai cuidar de tudo. Não existem evidências aqui de qualquer um dos dois. Ninguém virá procurar, fazer perguntas... Você vai ver.

- Você parece muito resignado, mas não está feliz - disse Michael.

- Bem, acho que é um pouco cedo para estar feliz - respondeu Aaron baixinho. - Mas estou bem mais feliz do que estava antes. - Ele pensou um pouco. - Não estou disposto a descartar as crenças de uma vida inteira só porque dois homens agiram mal.

- Lasher falou - disse Michael. - Lasher lhe contou que esse era o objetivo da Ordem.

- Ah, contou, sim. Mas isso foi há muito tempo mesmo. Foi em outra era, quando os homens acreditavam em coisas nas quais não acreditam agora.

- É, imagino que fosse assim.

Aaron suspirou e encolheu os ombros com elegância.

- Yuri vai descobrir. Yuri vai voltar.

- Mas você não está mesmo receando que o ataquem, quer dizer, se ele; realmente tiverem más intenções.

- Não - disse Aaron. - Acho que não vão se dar ao trabalho. Eu os conheço... até certo ponto... depois de todos esses anos.

Michael não respondeu.

- E sei que não faço mais parte deles - prosseguiu Aaron - sob nenhum aspecto concebível. Sei que este é o meu lugar. Sei que estou casado, que vou ficar com Bea e que essa é a minha família... E talvez... talvez... quanto até restante... a Talamasca, seus segredos, seus objetivos... talvez... eu nem me importe. Talvez eu tenha parado de me importar no Natal, quando Rowan perdeu a primeira batalha da sua guerra. Talvez eu tenha deixado de me importar total e definitivamente quando vi Rowan na maca, com o rosto vazio, sem consciência. Não me importo. E, quando eu não me importo com alguma coisa, de um certo jeito estranho, consigo ter tanta determinação nisso quanto em qualquer outra coisa.

- Por que não chamou a polícia acerca de Norgan e Stolov?

Aaron demonstrou surpresa.

- Você sabe a resposta - disse ele. - Eu lhe devia pelo menos isso, na acha? Deixe-me lhe passar um pouco da minha serenidade. Além do mais, na realidade Mona e Yuri tomaram a decisão. Eu estava um pouco atordoado demais para colher os louros. Fizemos o que era mais simples. Como norma prática, sempre faça o que for mais simples.

- O que for mais simples.

- É, o que você fez com Lasher. O mais simples.

Michael não respondeu.

- Há tanto ainda por fazer - disse Aaron. - A família ainda não percebeu que está a salvo, mas logo perceberá. Haverá muitas mudanças sutis à medida que as pessoas forem se dando conta de que tudo está terminado. Que as janelas estejam realmente abertas e que o sol pode entrar mesmo.

- É

- Você acreditou em tudo que ele disse? Sobre os Taltos, as lendas e os elementais?

- Acreditei e não acreditei.

Aaron pensou por um bom tempo antes de prosseguir.

- Não quero mais saber de mistérios e enigmas. - Ele parecia surpreso com a própria calma. - Só quero estar com a minha família. Quero que Deirdre Mayfair me perdoe por não tê-la ajudado, que Rowan Mayfair me perdoe por permitir que isso lhe acontecesse. Quero que você me perdoe por permitir que fosse atingido, por deixar que o peso da matança caísse sobre os seus ombros. E depois, como dizem, eu quero esquecer.

- A família venceu - disse Michael. - Julien venceu.

- Você venceu - disse Aaron. - E Mona acaba de iniciar suas vitórias - prosseguiu com um sorriso discreto. - Que bela filha vocês têm em Mona. Acho que vou dar uma caminhada até lá para ver Mona. Ela diz que está tão apaixonada por Yuri que, se ele não ligar até a meia-noite, ela é capaz de enlouquecer! Enlouquecer, como Ofélia enlouqueceu. Preciso ver Vivian e fazer uma visita à velha Evelyn. Quer vir junto? É uma agradável caminhada pela Avenue, a distância perfeita, uns dez quarteirões.

- Agora não. Talvez mais tarde. Pode ir.

Houve uma pausa.

- Estão querendo que você vá a Amélia Street - disse Aaron. - Mona tem esperanças de que você oriente a restauração. Há muitos anos que ninguém mexe na casa.

- Ela é linda. Já a vi.

- Ela precisa de você.

- Parece ser uma coisa da qual eu posso me encarregar. Pode ir em frente.

A chuva recomeçou na manhã do dia seguinte. Michael estava sentado à sombra do carvalho lá fora, perto da terra recém revirada, apenas olhando para ela, olhando para a grama arrancada.

Ryan veio lá fora para falar com ele, permanecendo cuidadoso no caminho para não enlamear os sapatos. Michael pôde perceber que não era nada urgente. Ryan parecia descansado. Era como se Ryan pudesse pressentir que tudo estava terminado. Ryan devia saber.

Ryan sequer olhou de relance para o grande trecho de terra que cobria a cova. Tudo parecia a terra úmida e solta em volta das raízes de uma grande árvore, onde a grama se recusa a crescer.

- Preciso lhe dizer uma coisa - disse Michael.

Viu que Ryan estancava, numa súbita revelação de cansaço e medo, e depois se recompunha e fazia um lento gesto de aquiescência.

- Não há mais perigo nenhum - disse Michael. - De ninguém agora. Pode dispensar os seguranças. Uma enfermeira para a noite. É só disso que precisamos. Livre-se de Henri também, se quiser. Dê-lhe uma indenização, ou coisa que o valha. Ou mande-o para a casa de Mona.

Ryan não disse nada e voltou a concordar com um gesto de cabeça.

- Deixo nas suas mãos a decisão de como contar para os outros - disse Michael. - Mas eles deveriam saber. O perigo passou. Nenhuma outra mulher vai sofrer. Nenhum outro médico vai morrer. Não em decorrência desse problema. Vocês podem voltar a ouvir falar da Talamasca. Se ouvirem, podem mandar que eles me procurem. Não quero que as mulheres continuem assustadas. Nada irá acontecer. Elas estão em segurança. Quanto àqueles médicos que morreram não sei de nada que possa ser de ajuda. Absolutamente nada.

Ryan aparentou estar a ponto de fazer uma pergunta, mas depois mudo de idéia, obviamente, e mais uma vez fez um sinal afirmativo com a cabeça.

- Vou me encarregar disso, Michael. Você não precisa se preocupar com nenhuma dessas coisas. Cuidarei da questão dos médicos. E essa é uma ótima sugestão, quanto a Henri. Vou mandá-lo para Amélia Street. Patrick simplesmente vai ter de se adaptar, imagino. Bem, vim aqui fora ver como você estava, agora sei que está muito bem.

Foi a vez de Michael fazer que sim, com um sorriso discreto.

Depois do almoço, ele se sentou novamente junto à cama de Rowan. Havia dispensado a enfermeira. Não conseguia mais suportar sua presença. Queria ficar ali sozinho. E ela fizera fortes insinuações no sentido de que precisava ir visitar, sua própria mãe enferma no Sanatório Touro.

- As coisas estão em ordem por aqui. Pode ir. Volte às seis.

Ela demonstrou muita gratidão. Ele ficou parado à janela, observando enquanto ela se afastava. Ela acendeu um cigarro antes de chegar à esquina depois saiu apressada para pegar o bonde.

Havia uma moça alta em pé lá fora, de olhos fixos na casa, com as mãos na cerca. Os cabelos de um louro avermelhado, muito longos, bonita ao seu modo. Mas era como tantas mulheres hoje em dia, pele e osso. Talvez uma das primas que veio fazer uma visita. Ele esperava que não. Afastou-se da janela. Se ela tocasse a campainha, ele não atenderia. Era bom demais estar finalmente sozinho.

Voltou para a poltrona e se sentou.

O revólver estava sobre a mesa de tampo de mármore, grande e feio ou bonito, dependendo de como a gente encara as armas. Elas não eram um inimigo para ele, mas Michael não gostou de ver a arma ali, porque teve uma visão de que a pegaria para se matar. Olhou, então, para Rowan, pensativo.

- Não, enquanto você precisar de mim, querida. Não vou fazer isso. Não antes que algo aconteça... - Ele parou.

Perguntou-se se ela conseguia pressentir alguma coisa, qualquer coisa. O médico dissera naquela manhã que ela estava mais forte, mas o estado vegetativo permanecia inalterado.

Eles lhe deram os lipídios. Exercitaram seus braços e suas pernas. Passaram batom nela. É, olhe só, bem cor-de-rosa, e escovaram seu cabelo.

E além do mais ainda havia Mona.

- Com Yuri ou sem Yuri, ela também precisa de mim. Bem, não é que ela realmente precise – disse ele em voz alta em meio ao silêncio. – É que qualquer coisa a mais iria magoá-la. Magoaria a todos eles. Tenho de estar aqui no dia de São Patrício, não tenho? Para recebê-los à porta. Para apertar suas mãos. Sou o guardião da casa até a hora em que...

Recostou-se na poltrona pensando em Mona, cujos beijos vinham sendo tão castos desde que Rowan voltara para casa. Mona lindinha. E aquele Yuri esperto, moreno. Apaixonados.

Talvez Mona já estivesse trabalhando no planejamento para o Centro Médico Mayfair. Talvez ela e Pierce estivessem trabalhando nisso agora lá em Amélia Street.

- Ora, não vamos deixar a fortuna da família nas mãos dessa delinqüente juvenil! - dissera Randall, em voz retumbante, ontem à noite quando discutia com Bea do lado de fora do quarto de Rowan.

- Ah, fique quieto, sim - respondera Bea. - Está sendo ridículo. É como a família real, seu idiota. Ela é um símbolo. Só isso.

Michael recostou-se, com as pernas esticadas entrando debaixo da colcha, as mãos cruzadas sobre o peito, os olhos fixos na arma, fixos no seu gatilho cinza prateado, tão sedutor, no seu gordo tambor cheio de balas e no estojo de plástico preto fechado sobre o cano, estranhamente parecido com o laço de um carrasco.

Não, mais tarde, talvez, pensou. Embora não acreditasse que algum dia viesse a agir dessa forma. Quem sabe tomar alguma coisa forte, alguma coisa que se disseminasse no corpo e o envenenasse lentamente, e depois subir na cama ao seu lado, abraçado a ela, e adormecer com ela nos seus braços.

Quando ela morrer, pensou. É exatamente isso o que vou fazer.

Tinha de se lembrar de levar o revólver dali para guardá-lo em local seguro. Com todas as crianças, nunca se sabia o que podia acontecer. Hoje de manhã, trouxeram crianças para ver Rowan, e o dia de São Patrício também atrairia as crianças. Grande desfile em Magazine Street a apenas dois quarteirões dali. Carros alegóricos. Pessoas atirando batatas e repolhos: todos os ingredientes de um ensopado irlandês. Disseram-lhe que a família adorava. Ele também ia adorar.

Mas tire a arma dali. Faça isso. Uma das crianças talvez a veja. Silêncio.

A chuva caindo. A casa estalando como se estivesse habitada, quando não estava. Uma porta que batia em algum lugar, como se fosse o vento. Talvez a porta de um carro lá fora, ou a porta de alguma outra casa. O som pode enganar a gente desse jeito. A chuva que caía nos peitoris de granito, um ruído característico deste quarto octogonal e pomposo.

- Eu gostaria... gostaria de que houvesse alguém a quem eu pudesse... confessar - disse ele, baixinho. - O principal para você saber é que nunca mais precisa se preocupar. Acabou, do jeito que eu acho que você queria que acabasse. Eu só queria que houvesse algum tipo de absolvição definitiva. É estranho. Foi tão horrível quando fracassei no Natal. E agora, de algum modo, está sendo mais difícil que eu tenha vencido. Há algumas batalhas que a gente não quer lutar. E a Vitória sai muito cara.

O rosto de Rowan continuava inalterado.

- Quer ouvir um pouco de música, querida? Quer ouvir aquele velho gramofone? Eu sinceramente considero seu som reconfortante. Acho que ninguém mais o ouve hoje em dia a não ser você e eu. Mas eu gostaria de tocá-lo. Deixe-me ir apanhá-lo.

Michael levantou-se e se inclinou para beijá-la. Sua boca macia não ofereceu resistência. Gosto de batom. Tempo do colégio. Ele sorriu. Talvez a enfermeira tivesse passado o batom. Ele mal podia vê-lo. Ela olhava para além dele. Estava pálida, linda e sem graça.

No quarto do sótão, ele encontrou o gramofone. Apanhou-o, junto com os discos da Traviata. Ficou imóvel, segurando essa carga leve, mais uma vez fascinado pela simples combinação de chuva e sol. A janela estava fechada. O assoalho estava limpo.

Pensou novamente em Julien, o Julien instantâneo parado no portal da frente, impedindo o caminho de Lasher.

- E eu nem pensei em você desde aquele momento - disse. - Acho que espero e peço que você tenha seguido adiante.

Os momentos iam passando. Ele se perguntou se algum dia seria capaz de usar aquele quarto novamente. Olhou para a janela, para a beirada do telhado da varanda. Lembrou-se do vislumbre de Antha acenando para que Lasher viesse.

- Que os mortos venham presenciar - sussurrou ele. - E isso vocês fizeram.

Desceu a escada devagar, parando de repente, alarmado, antes de saber exatamente por que motivo. Que som era aquele? Ele estava segurando o gramofone e os discos, e agora os depositou no chão com cuidado, fora do caminho.

Uma mulher estava chorando, ou seria uma criança? Era um choro delicado, desolado. E não era a enfermeira. Esta só voltaria daqui a horas. Não. E o choro vinha do quarto de Rowan.

Ele não ousava ter esperança de que fosse Rowan! Não ousava, e sabia muito bem que aquela não era a voz de Rowan.

- Ai, minha queridinha - disse a voz chorosa. - Minha querida, eu amo tanto. Vamos, tome, tome o leite, ai, pobre mãezinha, pobre querida.

Sua mente não conseguia encontrar explicação. Estava vazia e consumida por um medo mudo. Acabou de descer a escada, cuidando para não fazer ruído e se voltou para espiar pela porta do quarto.

Uma moça altíssima estava sentada na beira da cama, uma criatura longa e esguia, branca, alta e magra como Lasher havia sido, com madeixas de um ruivo dourado caindo pelas suas costas finas. Era a moça que ele vislumbrara



embaixo na rua! Nos seus braços, ela segurava Rowan, Rowan, que estava sentada na cama agarrada a ela, realmente agarrada a ela, sugando o seio direito da garota.

- Isso mesmo, mãe querida, tome mais, isso - disse a moça, e as lágrimas brotavam dos seus grandes olhos verdes e escorriam pelo seu rosto. – É, mãe, tome mais. Ai, dói, mas pode tomar! É o nosso leite. Nosso leite é forte.

E então a garota gigantesca se afastou e sacudiu os cabelos, oferecendo o seio esquerdo a Rowan. Rowan tomou o leite dele, desesperada, com a mão esquerda subindo, Tateando, como se quisesse agarrar a cabeça da garota.

A moça viu Michael. Seus olhos cheios de lágrimas abriram-se de espanto. Exatamente como os olhos de Lasher, tão grandes e abertos! Seu rosto era um oval perfeito. Sua boca, a boca de um querubim.

Um som abafado veio de Rowan, e de repente as costas de Rowan se endireitaram e sua mão esquerda segurou firme o cabelo da moça. Ela se afastou do seio e da sua boca saiu um berro alto e terrível.

- Michael, Michael, Michael!

Rowan retraiu-se, encostando-se na cabeceira da cama, com os joelhos encolhidos, olhando e apontando para a moça, que saltara de pé e cobrira os ouvidos com as mãos.

- Michael !

A menina magra e alta chorava. Seu rosto, franzido como o de um bebê, espremendo os olhos grandes e verdes.

- Não, mãe, não. - Seus dedos longos e brancos cobriram como uma teia sua testa e sua boca trêmula. - Mãe, não.

- Michael, mate-a! - berrou Rowan. - Mate-a. Michael, acabe com ela.

A garota recuou até a parede, soluçando.

- Mãe, mãe, não...

- Mate-a - rugiu Rowan.

- Não posso - gritou Michael. - Não posso matá-la. Pelo amor de Deus.

- Então eu mato - exclamou Rowan. Ela estendeu a mão, apanhou o revólver de cima da mesinha de cabeceira e, segurando-o com as duas mãos trêmulas e piscando enquanto puxava o gatilho, deu três tiros no rosto da garota. O quarto encheu-se de um cheiro de fumaça e queimado.

O rosto da menina foi destruído. O sangue jorrava dali como se vazasse por fragmentos de porcelana, uma máscara oval estilhaçada e sangrenta. O corpo comprido e magro despencou e caiu, pesado e ruidoso, ao chão, com os cabelos espalhados sobre o tapete.

Rowan soltou a arma. Agora soluçava, soluçava como a garota havia soluçado, e sua mão esquerda subiu para conter os soluços quando ela saiu da cama e ficou parada, vacilante, procurando o apoio do pilar.

- Feche a porta - disse ela, com a voz rouca, abafada, com os ombros arquejantes. Parecia a ponto de desmaiar.

No entanto, avançou cambaleando, com o corpo inteiro trêmulo pelo esforço e então, ao lado do corpo da garota, ela se jogou de joelhos.

- Ai, Emaeth, ai, minha filha, ai, minha pequena Emaeth - soluçou.

A garota jazia morta, com os braços afastados, a camisa aberta, o rosto, uma polpa macia de sangue. Novamente, o cabelo estava todo emaranhado ali, fino e lindo, como o cabelo de Lasher havia sido, e não havia nada que se pudesse chamar de rosto. As mãos longas e magras estavam abertas como os galhos finos e delicados de uma árvore no inverno, e o sangue escorria para o chão.

- Ai, minha filhinha, minha pobre querida - disse Rowan.

E então ela grudou a boca mais uma vez ao seio da moça.

O quarto estava em silêncio. Nenhum som a não ser o de Rowan sugando. Tomou do seio esquerdo e depois passou para o outro, mamando com a voracidade de antes.

Michael olhava espantado, perplexo. Ela afinal se sentou, limpando a boca. Dela saiu um gemido triste e grave, bem como mais um soluço profundo. Michael ajoelhou-se ao seu lado. Rowan olhava fixamente para a menina morta.

Então, piscou os olhos deliberadamente como se quisesse clarear a visão. Restava uma ínfima gota de leite no seio direito. Ela estendeu a mão e o apanhou-a na ponta de um dedo e a levou à boca.

As lágrimas caíam dos seus olhos, mas ela encarou Michael com determinação, como se quisesse que ele soubesse que ela sabia. Ela sabia tudo o que havia acontecido. Ela estava aqui agora. Era Rowan. Estava curada.

E de repente, com as lágrimas escorrendo pelo rosto, ela tomou suas mão, para tentar confortá-lo, embora suas próprias mãos estivessem trêmulas e frias.

- Não se preocupe mais, Michael - disse ela. - Não se preocupe. Vou levá-la lá para fora, para debaixo da árvore. Ninguém nunca pensará nisso. Eu mesma vou enterrá-la. Vou colocá-la com ele. Você já fez o bastante. Deixe minha filha por minha conta.

Ela voltou a se recostar, chorando baixinho, de um jeito magoado, contido. Seus olhos se fecharam e sua cabeça se inclinou para um lado. Ela afagou as mãos de Michael, com uma determinação feroz.

- Não se preocupe - repetiu. - Minha querida, minha filha, minha, Emaeth. Eu a levo lá para baixo. Eu a enterro sozinha.